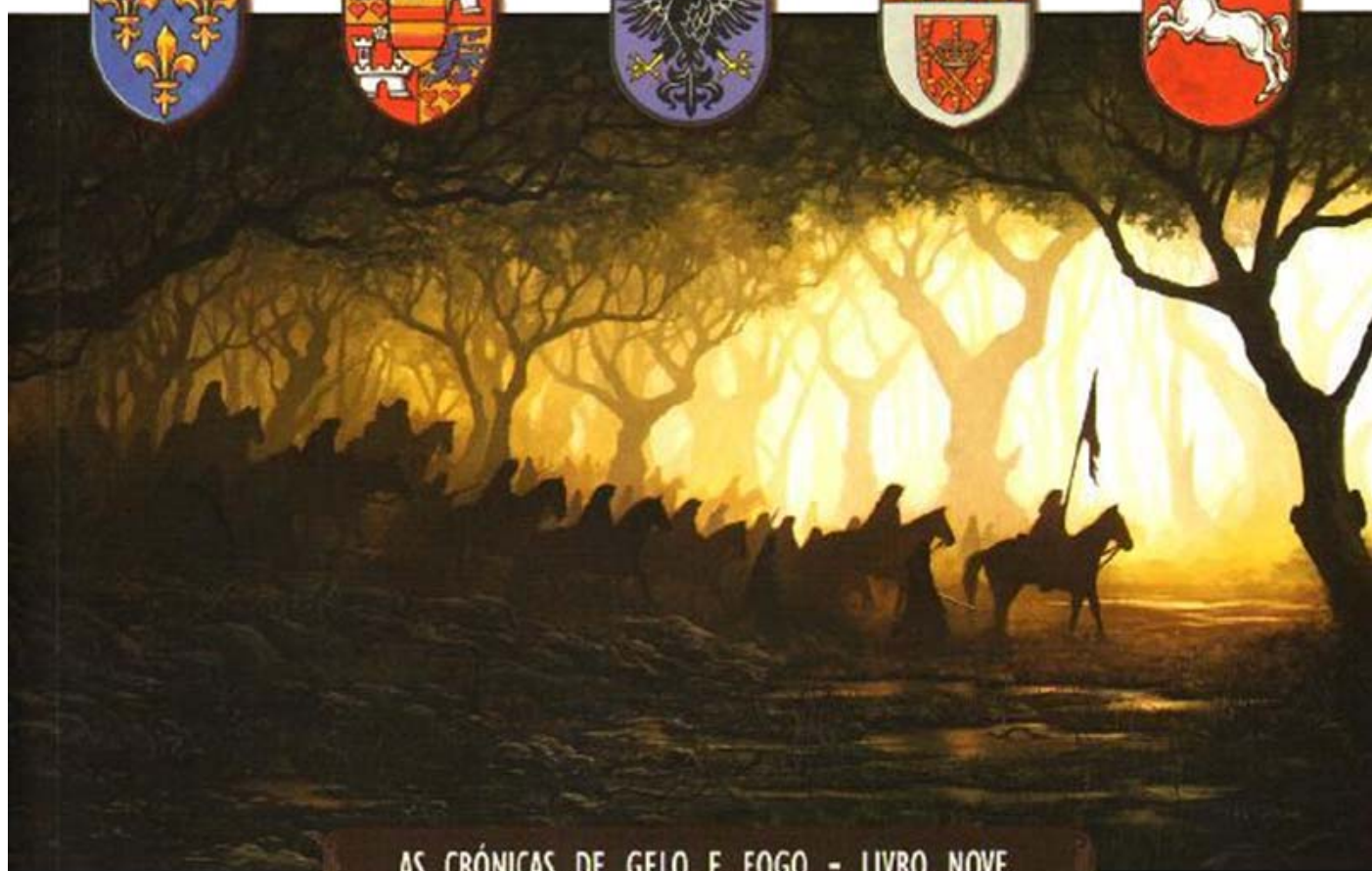


GEORGE R.R. MARTIN

"Esta é a obra-prima da fantasia moderna e reúne o que de melhor o gênero tem para oferecer: magia, mistério, intriga, romance e aventura." — LOCUS

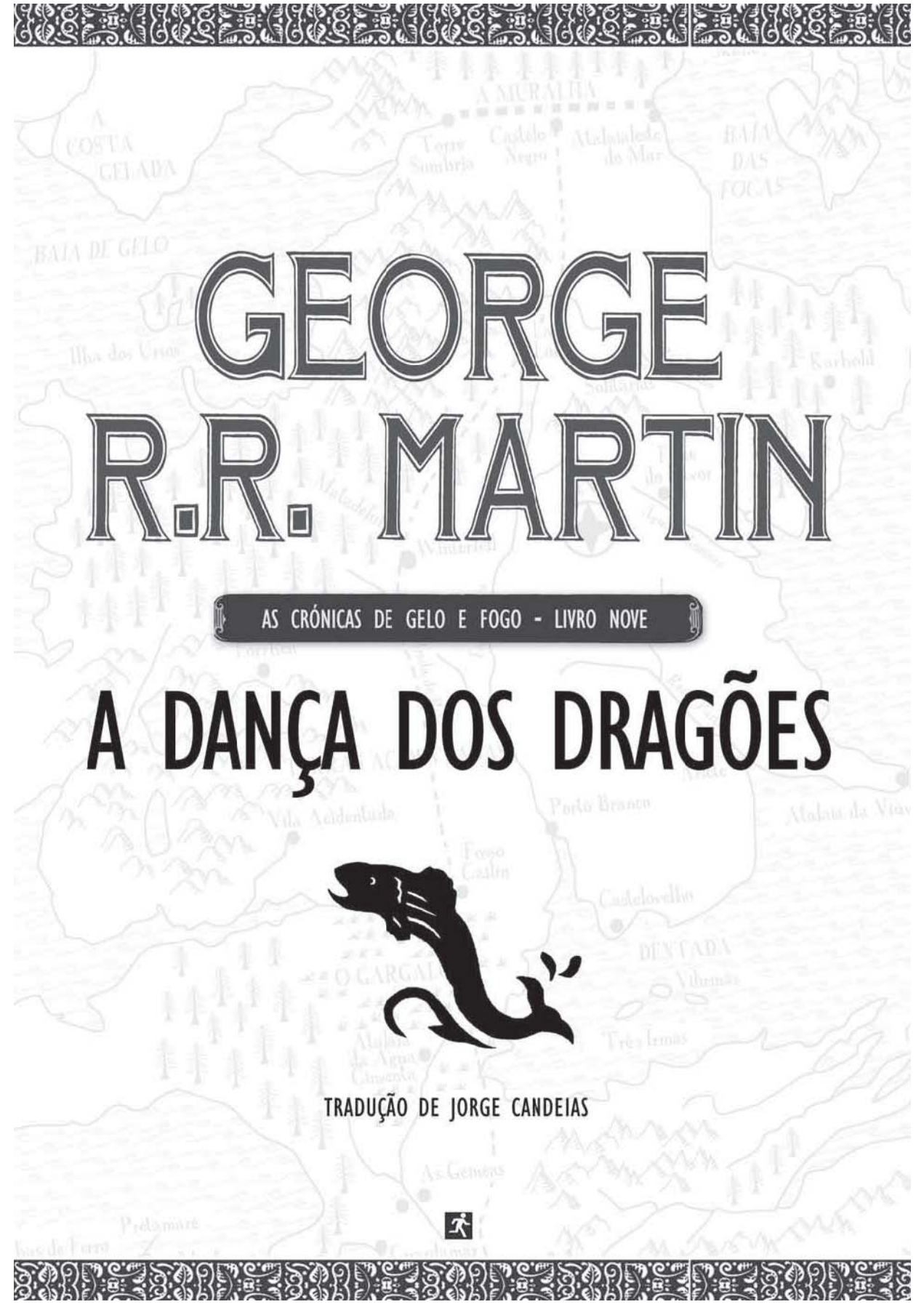


AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO NOVE

A DANÇA DOS DRAGÕES







GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO NOVE

A DANÇA DOS DRAGÕES



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS



A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.

*este é para os meus fãs
para Lodey, Trebla, Stego, Pod, Caress, Yags, X-Ray e Mr. X, Kate, Chataya, Mormont, Mich, Jamie,
Vanessa, Ro para Stubby, Louise, Agravaine, Wert, Malt, Jo, Mouse, Telisiane, Blackfyre, Bronn
Stone, a Filha do Coiote e o resto dos loucos e das selvagens da Irmandade Sem Estandartes*

*para os meus feiticeiros da web Elio e Linda, senhores de Westeros, Winter e Fábio do WIC, e
Gibbs de Pedra do Dragão, que a tudo deu início*

*para os homens e mulheres de Asshai em Espanha, que nos cantaram sobre um urso e uma bela
donzela e os fabulosos fãs de Itália que me deram tanto vinho para os meus leitores na Finlândia,
Alemanha, Brasil, Portugal, França e Holanda e de todas as outras terras distantes onde têm
estado à espera desta dança*

*e para todos os amigos e fãs
que ainda virei a conhecer*

obrigado pela vossa paciência

UMA TRIVIALIDADE SOBRE A CRONOLOGIA

Passou-se algum tempo entre livros, bem sei. Portanto, um lembrete podese necessário.

O livro que têm nas mãos é a tradução do quinto volume [original] das *Crônicas de Gelo e Fogo*. O quarto volume foi *A Feast for Crows* [dividido em *O Festim dos Corvos* e *O Mar de Ferro* na edição portuguesa]. Noentanto, este volume não se segue a esse no sentido tradicional, antes formaum conjunto com ele.

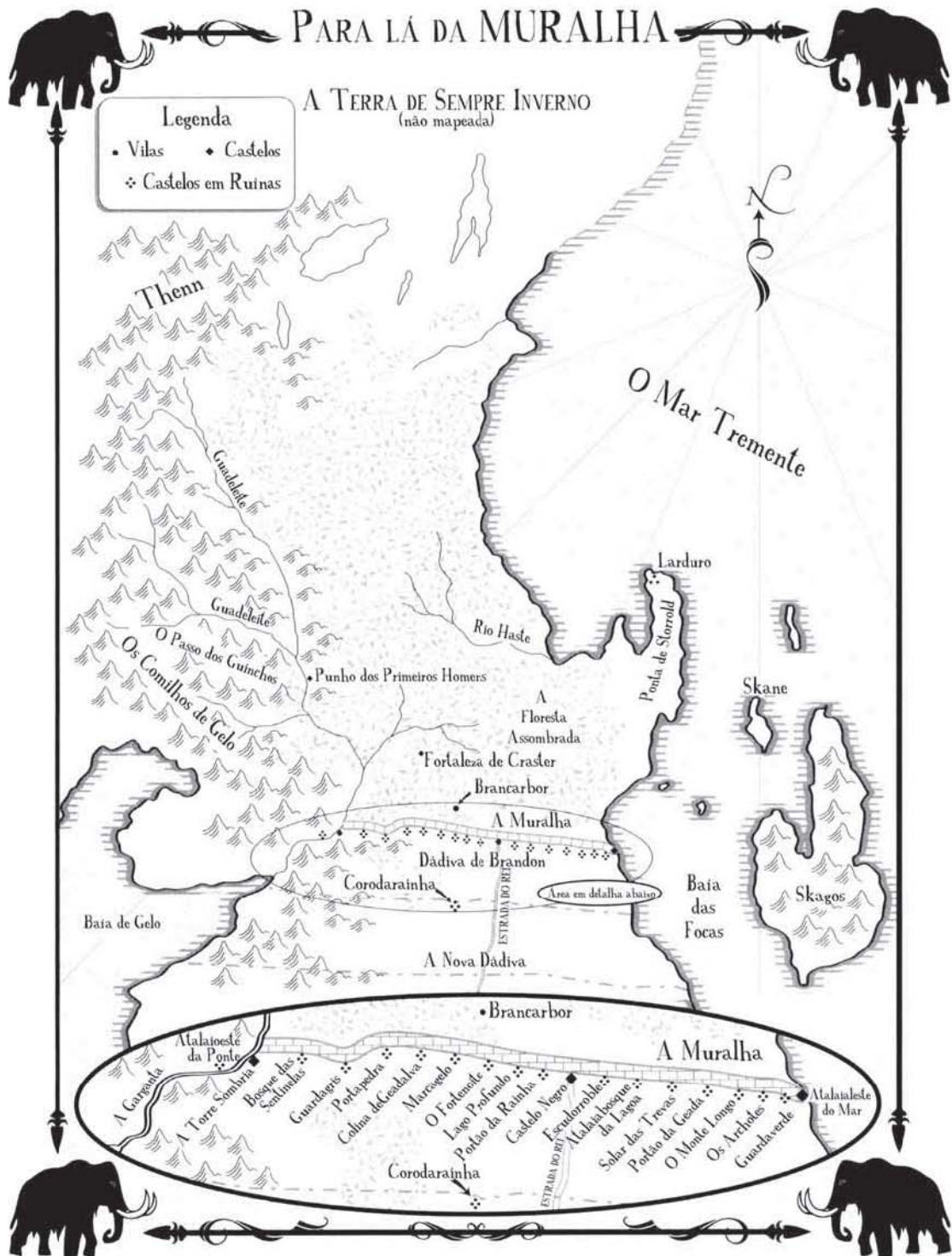
Tanto *Dance* como *Feast* retomam a história imediatamente após os acontecimentos do terceiro volume [original] da série, *A Storm of Swords*. Enquanto *Feast* se concentrou nos acontecimentos em Porto Real e em volta da cidade, nas Ilhas de Ferro e lá em baixo em Dorne, *Dance* leva-nos para norte, para Castelo Negro e a Muralha (e mais além), e para o outro lado do mar estreito até Pentos e a Baía dos Escravos, a fim de retomar as histórias de Tyrion Lannister, Jon Snow, Daenerys Targaryen e todas as outras personagens que não viram no volume anterior. Em vez de seremsequenciais, os dois livros são paralelos... divididos geograficamente e não cronologicamente.

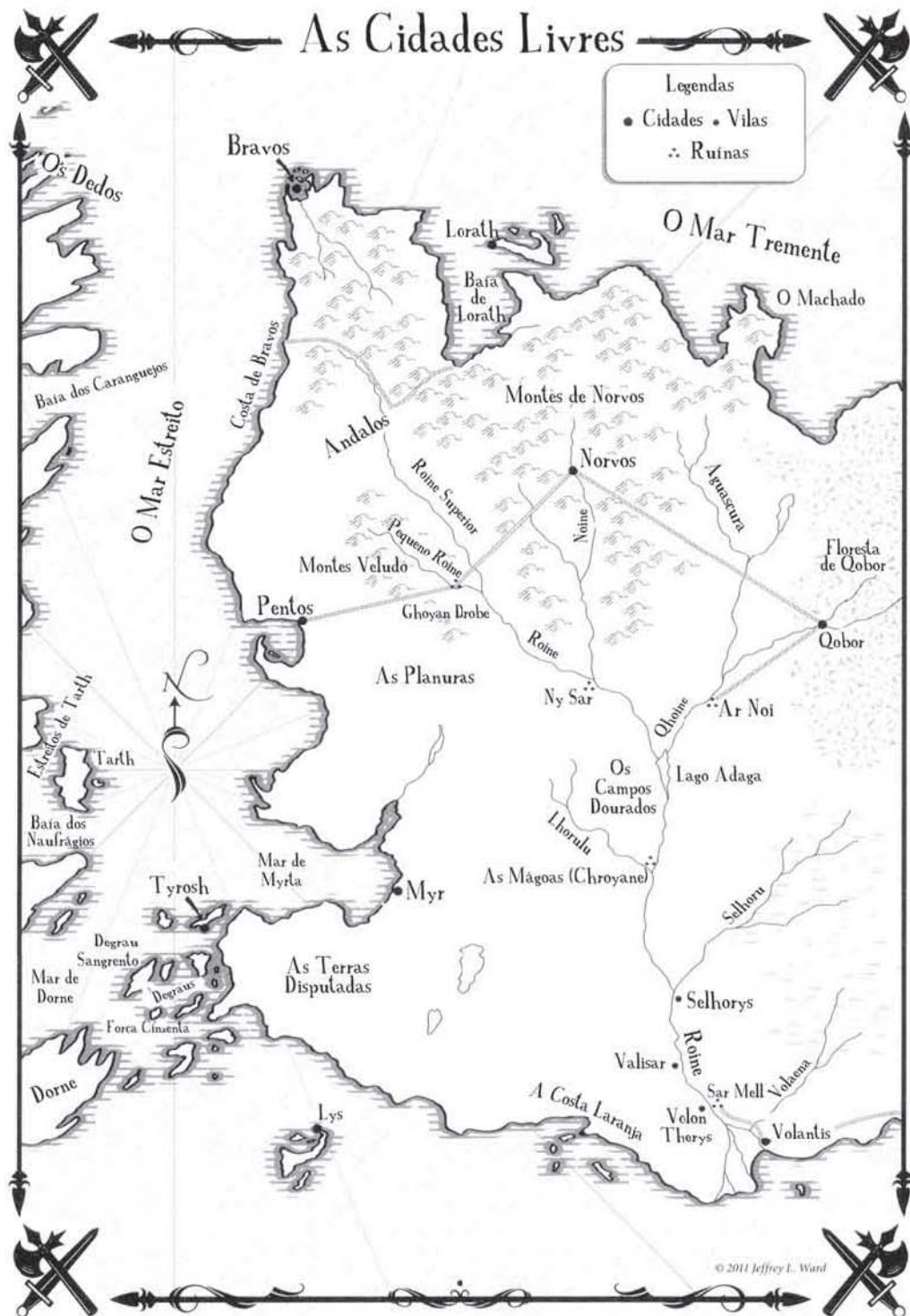
Mas só até certo ponto.

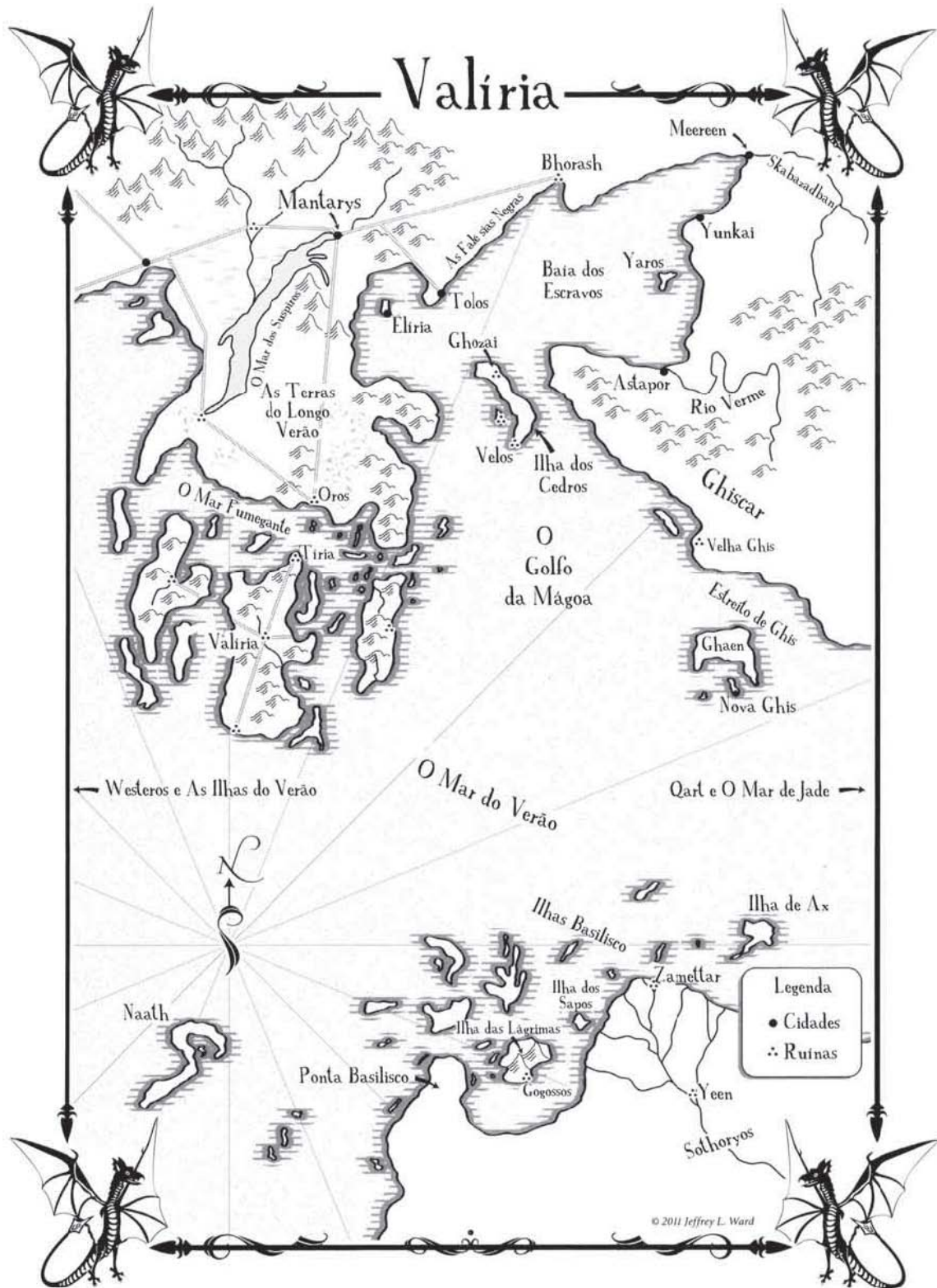
A Dance with Dragons é um livro mais longo do que *A Feast for Crows*, e abarca um período mais longo. Na segunda parte deste volume [isto é:no próximo volume da edição portuguesa] repararão que certas das personagens de ponto de vista de *A Feast for Crows* começam a reaparecer. Eisso significa precisamente o que vocês pensam que significa: a narrativaavançou até ultrapassar o período coberto por *Feast*, e as duas correntes voltaram a reunir-se.

A seguir será *The Winds of Winter*. Onde, espero, todos estarão de novo a tremer juntos.

— George R. R. Martin Abril de 2011







PRÓLOGO

A noite estava fétida com o cheiro a homem.

O *warg* parou debaixo de uma árvore e farejou, com a pelagem cinzenta-acastanhada pintalgada de sombras. Um suspiro de vento com aroma a pinheiro trouxe-lhe o odor a homem, por sobre cheiros mais ténues que falavam de raposa e lebre, de foca e veado, mesmo de lobo. O *warg* sabia que estes eram também cheiros de homem; o fedor de peles velhas, mortas e azedas, quase afogadas sob os odores mais fortes a fumo e sangue e podridão. Só o homem despia as peles aos outros animais e as usava.

Os *wargs* não temem o homem como os lobos temem. O ódio e a fome enrolaram-se-lhe na barriga, e soltou um longo rosnido, chamando pelo irmão zarolho, pela irmã pequena e matreira. Enquanto corria através das árvores, os companheiros de alcateia seguiram-no de perto. Tinham também detetado o cheiro. Enquanto corria, via também através dos olhos deles e vislumbrava-se à sua frente. O hálito da alcateia fazia sair nuvenzinhas tépidas e brancas de longas mandíbulas cinzentas. Gelo formara-se entre as patas deles, duro como pedra, mas a caçada estava agora lançada, tinham as presas em frente. *Carne*, pensou o *warg*, *comida*.

Um homem sozinho é uma coisa frágil. Grande e forte, com bons olhos aguçados, mas embotado de ouvido e surdo aos cheiros. Veados e alces e mesmo lebres eram mais rápidos, ursos e javalis mais ferozes num combate. Mas homens em alcateias eram perigosos. Quando os lobos se aproximaram das presas, o *warg* ouviu o gemido de uma cria, a crosta da neve da noite anterior a quebrar-se sob patas de homem desajeitadas, o matraquear de pele duras e das longas garras cinzentas que os homens transportavam.

Espadas, murmurou uma voz dentro de si, *lanças*.

Nas árvores tinham nascido dentes gelados, que rosnavam dos ramos nus e castanhos. Um-Olho arremeteu através dos arbustos, fazendo saltar neve para todos os lados. Os seus companheiros de alcateia seguiram-no. Por uma colina acima e pela encosta abaixo, do outro lado, até que a floresta se abriu à frente deles e os homens ali estavam. Um era fêmea. A trouxa envolta em peles a que se agarrava era a sua cria. *Deixai-a para o fim*, sussurrou a voz, *o perigo são os machos*. Estavam a rugir uns para os outros, como os homens faziam, mas o *warg* sentia o cheiro do seu terror. Um tinha um dente de madeira tão alto como ele. Atirou-o, mas tinha a mão a tremer e o dente passou bem alto.

Logo a seguir a alcateia estava em cima deles.

O irmão zarolho atirou o lançador do dente para cima de um monte de neve e rasgou-lhe a

garganta enquanto ele se debatia. A irmã esgueirou-se para trás do outro macho e apanhou-o pelas costas. Isso deixou a fêmea e a cria para ele.

A fêmea também tinha um dente, um dente pequeno feito de osso, mas deixou-o cair quando as mandíbulas do *warg* se fecharam em volta da sua perna. Enquanto caía, pôs ambos os braços em volta da cria ruidosa. Por baixo das peles, a fêmea era só pele e osso, mas tinha as tetas cheias de leite. A carne mais doce estava na cria. O lobo guardou os pedaços melhores para o irmão. A toda a volta das carcaças, a neve gelada foi-se tornando cor-de-rosa e vermelha enquanto a alcateia enchia a barriga.

A léguas de distância, numa cabana de divisão única feita de lama e palha com telhado de colmo e um buraco para o fumo e um chão de terra batida, Varamyr estremeceu, tossiu e lambeu os lábios. Tinha os olhos vermelhos, os lábios fendidos, a garganta seca e ressequida, mas os sabores do sangue e da gordura enchiam-lhe a boca, mesmo apesar da barriga distendida gritar por alimento. *A carne de uma criança*, pensou, lembrando-se de Bossa. *Carne humana*. Teria caído suficientemente baixo para sentir fome de carne humana? Quase conseguia ouvir Haggon a rosnar-lhe.

— Os homens podem comer a carne de animais e os animais a carne dos homens, mas o homem que come a carne do homem é uma abominação.

Abominação. Sempre fora essa a palavra preferida de Haggon. *Abominação, abominação, abominação*. Comer carne humana era uma abominação, acasalar como um lobo com um lobo era uma abominação e capturar o corpo de outro homem era a pior abominação de todas. *Haggon era fraco, tinha medo do seu próprio poder. Morreu a chorar e sozinho quando lhe arranquei a segunda vida*. Varamyr devorara-lhe pessoalmente o coração. *Ele ensinou-me muito e mais ainda, e a última coisa que aprendi com ele foi o sabor da carne humana*.

Contudo, isso fora enquanto lobo. Nunca comera a carne de homens com dentes humanos. Mas não negaria à alcateia o seu banquete. Os lobos estavam tão famintos como ele, estavam descarnados e tinham frio e fome, e as presas... *dois homens e uma mulher, um bebê de peito, fugindo da derrota para a morte. Em qualquer caso, teriam morrido em breve, de frio ou de fome. Assim foi melhor, foi mais rápido. Uma misericórdia*.

— Uma misericórdia — disse em voz alta. Tinha a garganta em carne viva, mas era bom ouvir uma voz humana, mesmo que fosse a sua. O ar cheirava a bafio e a humidade, o chão era frio e duro, e a sua fogueira estava a dar mais fumo do que calor. Aproximou-se das chamas tanto quanto se atreveu, tossindo quando não tremia e tremendo quando não tossia, com o flanco a latejar onde o ferimento se lhe abria. Sangue ensopara-lhe as calças até ao joelho e secara numa crosta dura e castanha. Thistle avisara-o de que isso poderia acontecer.

— Eu cosi-a o melhor que pude — dissera — mas precisas de descansar e de deixar que se sare, caso contrário a pele vai voltar a abrir-se.

Thistle fora a última dos seus companheiros, uma esposa de lanças dura como uma velha raiz, verrugosa, queimada pelo vento e engelhada. Os outros foram abandonando-os ao longo do caminho. Um por um, foram-se deixando ficar para trás ou avançando em frente, dirigindo-se às suas antigas aldeias, ou ao Guadeleite, ou a Larduro, ou a uma morte solitária na floresta. Varamyr não sabia e não queria saber. *Devia ter capturado um deles quando tive possibilidade. Um dos gémeos, ou o grandalhão da cara marcada, ou o jovem com o cabelo ruivo.* Mas tivera medo. Um dos outros podia ter-se apercebido do que estava a acontecer. E ter-se-iam virado contra ele e tê-lo-iam matado. E as palavras de Haggon tinham-no atormentado, de modo que a oportunidade passara.

Após a batalha tinha havido centenas deles a atravessar penosamente a floresta, esfomeados, assustados, a fugir da carnificina que caíra sobre eles junto da Muralha. Alguns falavam de regressar para as casas que tinham abandonado, outros de organizar um segundo assalto contra

o portão, mas a maior parte estava perdida, sem qualquer ideia sobre para onde ir ou o que fazer. Tinham fugido dos corvos cobertos de negro e dos cavaleiros com o seu aço cinzento, mas inimigos mais implacáveis perseguiam-nos agora. Cada dia deixava mais cadáveres na margem dos caminhos. Alguns morriam de fome, alguns de frio, alguns de doenças. Outros eram mortos por aqueles que tinham sido seus irmãos de armas quando marcharam para sul com Mance Rayder, o Rei-para-lá-da-Muralha.

Mance caiu, diziam os sobreviventes uns aos outros em vozes desesperadas, *Mance foi capturado, Mance está morto.*

— Harma está morta e Mance foi capturado, o resto fugiu e abandonou-nos — afirmara Thistle enquanto lhe cosia o ferimento. — Tormund, o Chorão, o Seis-Peles, todos eles corajosos corsários. Onde estão agora?

Ela não me reconhece, apercebera-se então Varamyr, *e porque haveria de reconhecer?* Sem os seus animais não se parecia com um grande homem. *Eu era Varamyr Seis-Peles, que quebrava pão com Mance Rayder.* Chamara a si próprio Varamyr quando tinha dez anos. *Um nome adequado para um lorde, um nome bom para canções, um nome poderoso e temível.* Mas fugira dos corvos como um coelho assustado. O terrível Senhor Varamyr tornara-se covarde, mas não conseguia suportar que ela o soubesse, portanto, dissera à esposa de lanças que o seu nome era Haggon. Mais tarde perguntara a si próprio porque lhe teria *aquela* nome subido aos lábios, entre todos os que poderia ter escolhido. *Comi-lhe o coração e bebi-lhe o sangue, e ainda me assombra.*

Um dia, enquanto fugiam, um cavaleiro chegou a galope pela floresta num esqualido cavalo branco, gritando que se deviam todos dirigir para o Guadeleite, que o Chorão estava a reunir guerreiros para atravessar a Ponte das Caveiras e tomar Torre Sombria. Muitos seguiram-no; mais não o fizeram. Mais tarde, um guerreiro severo vestido de peles e âmbar andara de fogueira em fogueira, incentivando todos os sobreviventes a rumarem a norte e a refugiarem-se no vale dos

Thenn. Varamyr nunca soubera porque pensaria o homem que estariam lá a salvo quando os próprios Thenn tinham fugido desse local, mas foram centenas os que o seguiram. Mais centenas partiram com a bruxa da floresta que tinha tido uma visão de uma frota de navios que viria levar o povo livre para sul.

— Temos de ir à procura do mar — gritara a Mãe Toupeira, e os seus seguidores viraram-se para leste.

Varamyr podia ter estado entre eles, se tivesse mais força. Mas o mar era cinzento, frio e distante, e sabia que nunca viveria o suficiente para o ver. Estava nove vezes morto e a morrer, e aquela seria a sua morte verdadeira. *Um manto de pele de esquilo*, recordou, *ele apunhalou-me por um manto de pele de esquilo*.

A dona do manto estava morta, com a nuca esmagada até se transformar em polpa rubra salpicada de fragmentos de osso, mas o manto parecia quente e grosso. Estava a nevar, e Varamyr perdera os seus mantos junto da Muralha. As suas peles para dormir e a roupa de baixo de lã, as botas de pele de ovelha e as luvas forradas a pele, a sua reserva de hidromel e de comida açambarcada, as madeixas de cabelo que tirava às mulheres com que se deitava, até as braçadeiras em ouro que Mance lhe dera, tudo perdido e deixado para trás. *Ardi e morri, e depois fugi, meio louco de dor e terror*. A recordação ainda o envergonhava, mas não estivera só. Outros tinham também fugido, centenas deles, milhares. *A batalha estava perdida. Os cavaleiros tinham chegado, invencíveis no seu aço, matando todos os que ficaram para lutar. Foi fugir ou morrer*.

Mas não era assim tão fácil fazer com que a morte ficasse para trás. E assim, quando Varamyr deparara com a morta na floresta, ajoelhara para lhe despir o manto, e só vira o rapaz quando ele saltara do esconderijo para lhe enfiar a longa faca de osso no flanco e lhe arrancar o manto dos dedos que o agarravam.

— Da mãe dele — dissera-lhe Thistle mais tarde, depois do rapaz fugir. — Era o manto da mãe dele, e quando te viu a roubá-la...

— Ela estava morta — dissera Varamyr, crispando-se quando a agulha de osso da mulher lhe perfurara a pele. — Alguém lhe esmagou a cabeça. Um corvo qualquer.

— Não foi um corvo. Foram homens de Cornopé. Eu vi. — A agulha dela fechara o profundo golpe que ele tinha no flanco. — Selvagens, e quem resta para os domar? — *Ninguém. Se Mance está morto, o povo livre está condenado*. Os Thenn, os gigantes e os homens de Cornopé, os caver-nícolas com os seus dentes limados e os homens da costa ocidental com as suas quadrigas de osso... todos estavam também condenados. Até os corvos. Eles podiam ainda não saber, mas aqueles bastardos cobertos de negro morreriam com os outros. O inimigo vinha aí. A voz rude de Haggon ecoou-lhe na cabeça.

— Vais morrer uma dúzia de mortes, rapaz, e todas elas doerão...mas quando chegar a tua morte verdadeira voltarás a viver. Dizem que a segunda vida é mais simples e mais doce.

Varamyr Seis-Peles conheceria bem depressa a verdade que naquilo haveria. Conseguia saborear a sua morte verdadeira no fumo que pairava, acre, no ar, sentia-a no calor sob os dedos quando enfiava a mão por baixo da roupa para tocar o ferimento. Mas também tinha em si o gelo, bem fundo nos ossos. Daquela vez seria o frio que o mataria.

A última morte fora pelo fogo. *Ardi*. A princípio, na sua confusão, julgara que um arqueiro qualquer na Muralha o trespassara com uma seta em chamas... mas o fogo estivera *dentro* dele, consumindo-o. E a dor...

Varamyr morrera antes nove mortes. Morrera uma vez de uma estocada com uma lança, uma vez com os dentes de um urso na garganta, e uma vez numa torrente de sangue ao dar à luz uma cria morta. Morrera a primeira morte quando tinha apenas seis anos, quando o machado do pai arremetera através do seu crânio. Nem essa fora tão agonizante como o fogo nas entranhas, crepitando ao longo das suas asas, devorando-o. Quando tentara afastar-se dele a voar, o terror atiçara as chamas e fizera-as arder mais quentes. Num momento estivera a pairar sobre a Muralha, observando com os seus olhos de águia os movimentos dos homens lá em baixo. E no seguinte as chamas tinham-lhe transformado o coração num carvão enegrecido e enviara-lhe o espírito, aos gritos, de volta para a própria pele, e durante um curto espaço de tempo enlouquecera. Até a memória bastava para o fazer estremecer.

Foi então que reparou que o fogo se lhe apagara. Só restava um emaranhado cinzento e negro de madeira carbonizada, com algumas brasas a brilhar entre as cinzas. *Ainda há fumo, só precisa de lenha*. Cerrando os dentes contra a dor, Varamyr rastejou até à pilha de ramos partidos que Thistle reunira antes de ir caçar, e atirou alguns paus para as cinzas.

— Pega — rosnou. — *Arde*. — Soprou as brasas e dirigiu uma preces em palavras aos deuses sem nome da floresta, das colinas e dos campos.

Os deuses não deram resposta. Passado algum tempo, o fumo também deixou de subir. A pequena cabana já estava a ficar mais fria. Varamyr não tinha pederneira, não tinha acendalhas, não tinha gravetos secos. Nunca conseguiria voltar, sozinho, a pôr a fogueira a arder.

— Thistle — gritou, com a voz rouca e debruada de dor. — *Thistle!*

O queixo dela era pontiagudo e o nariz achatado, e numa bochecha tinha um sinal do qual cresciam quatro pelos escuros. Uma cara feia e dura, mas teria dado muito para a ver à porta da cabana. *Devia tê-la capturado antes de sair*. Partira há quanto tempo? Dois dias? Três? Varamyr não tinha certeza. Estava escuro dentro da cabana, e estivera a derivar entre o sono e a vigília, sem nunca saber bem se seria dia ou noite lá fora.

— Espera — dissera ela. — Eu volto com comida. — E ele, como um idiota, esperara, sonhando com Haggon e Bossa e todas as maldades que cometera na sua longa vida, mas tinham-se passado dias e noites e Thistle não regressara. *Ela não vai voltar*. Varamyr perguntou a si próprio se se teria denunciado. Seria ela capaz de compreender o que ele estava a pensar sópor o olhar, ou teria ele murmurado no seu sonho febril?

Abominação ouviu Haggon a dizer. Era quase como se estivesse ali, precisamente naquela sala.

— Ela é só uma feia esposa de lanças qualquer — disse-lhe Varamyr.

— Eu sou um grande homem. Sou Varamyr, o *warg*, o troca-peles, não está certo que ela viva e eu morra. — Ninguém respondeu. Não havia ninguém ali. Thistle desaparecera. Abandonara-o, tal como todos os outros.

A sua própria mãe também o abandonara. *Ela chorou por Bossa, mas nunca chorou por mim.* Na manhã em que o pai o arrancara da cama para

o entregar a Haggon, ela nem sequer quisera olhá-lo. Guinchara e esperneara enquanto era arrastado para a floresta, até que o pai o esbofeteara e lhe dissera para se calar.

— O teu lugar é com os da tua laia — fora tudo o que dissera, quando o atirara ao chão aos pés de Haggon.

Ele não estava errado, pensou Varamyr, tremendo. Haggon ensinou-me muito e mais ainda. Ensinou-me como caçar e pescar, como cortar uma carcaça e amanhoar um peixe, como me orientar na floresta. E ensinou-me os costumes dos wargs e os segredos dos troca-peles, embora o meu dom fosse mais forte do que o dele.

Anos mais tarde, tentara encontrar os pais, para lhes dizer que o seu Grumo se transformara no grande Varamyr Seis-Peles, mas ambos estavam mortos e queimados. *Tinham partido para as árvores e ribeiros, para as rochas e a terra. Tinham partido para o pó e as cinzas.* Tinha sido isso que a bruxa da floresta dissera à mãe no dia em que Bossa morrera. Grumo não quisera ser um torrão de terra. O rapaz sonhara com um dia em que os bardos cantariam sobre os seus feitos e raparigas bonitas o beijariam. *Quando crescer, serei o Rei-para-lá-da-Muralha,* prometera Grumo a si próprio. Nunca o fora, mas chegara perto. Varamyr Seis-Peles era um nome que os homens temiam. Cavalgava para a batalha sobre o dorso de uma urso das neves com quatro metros de altura, tinha três lobos e um gato-das-sombras como servos e sentava-se à direita de Mance Rayder. *Foi Mance quem me trouxe para este sítio. Não lhe devia ter dado ouvidos. Devia ter-me enfiado dentro da minha urso e devia tê-lo feito em bocados.*

Antes de Mance, Varamyr Seis-Peles fora uma espécie de senhor. Vivia sozinho num palácio de musgo e lama e troncos cortados que fora em tempos de Haggon, servido pelos seus animais. Uma dúzia de aldeias prestava-lhe homenagem em pão, sal e cidra, oferecendo-lhe fruta dos seus pomares e legumes dos seus jardins. A carne, era ele próprio que a obtinha. Sempre que desejava uma mulher, mandava o gato-das-neves persegui-la, e qualquer rapariga sobre a qual deitava o olho seguiria docilmente para a sua cama. Algumas vinham a chorar, sim, mas mesmo assim vinham. Varamyr entregava-lhes a sua semente, tirava-lhes uma madeixa de cabelo para as recordar, e mandava-as de volta. De tempos a tempos, um qualquer herói de aldeia aparecia de lança na mão para matar o *warg* e salvar uma irmã ou uma amante ou uma filha. A esses, matava,

mas nunca fazia mal às mulheres. A algumas até abençoava com filhos. *Porcarias. Coisas pequenas, insignificantes, como o Grumo, e nenhum com o dom.*

O medo pô-lo em pé, entontecido. Agarrando-se ao flanco para estancar o fluxo de sangue do ferimento, Varamyr cambaleou até à porta e afastou a pele esfarrapada que a cobria para enfrentar uma muralha de branco. *Neve.* Não admirava que tivesse ficado tão escuro e enfumado lá dentro. O nevão enterrara a cabana.

Quando Varamyr a empurrou, a neve desabou e cedeu, ainda mole e úmida. Lá fora, a noite estava branca como a morte; pálidas nuvens finas dançavam ao serviço de uma lua prateada, enquanto mil estrelas observavam friamente. Conseguia ver as formas corcovadas de outras cabanas enterradas sob montes de neve acumulados pelo vento, e atrás delas a sombra clara de um represeiro couraçado de gelo. Para sul e oeste, as colinas eram uma vasta região selvagem e branca onde nada se movia exceto a neve cegante.

— Thistle — chamou debilmente Varamyr, perguntando a si próprio até quão longe ela podia ter ido. — *Thistle. Mulher. Onde estás?*

Longe, um lobo uivou.

Um arrepio percorreu Varamyr. Conhecia tão bem aquele uivo como Grumo conhecera em tempos a voz da mãe. Um-Olho. Era o mais velho dos seus três, o maior, o mais feroz. Furtivo era mais esguio, mais rápido, mais novo, Matreira mais astuciosa, mas ambos tinham medo de Um-Olho. O velho lobo era destemido, implacável, selvagem.

Varamyr perdera o controlo dos seus outros animais na agonia da morte da águia. O gato-das-sombras correria para a floresta, enquanto a urso das neves virara as garras contra aqueles que a rodeavam, desfazendo quatro homens antes de cair vítima de uma lança. Teria matado Varamyr se ele tivesse surgido ao seu alcance. A urso odiava-o, enfurecera-se de todas as vezes que ele usara a sua pele ou lhe subira para o dorso.

Mas os lobos...

Os meus irmãos. A minha alcateia. Em muitas noites frias dormira com os seus lobos, com os corpos hirsutos dos animais empilhados à sua volta para ajudar a mantê-lo quente. *Quando eu morrer, banquetear-se-ão com a minha carne e deixarão só ossos para saudar o degelo quando a primavera chegar.* A ideia era estranhamente reconfortante. Os seus lobos tinham caçado muitas vezes para ele enquanto deambulavam pela floresta; parecia plenamente adequado que os alimentasse no fim. Podia perfeitamente dar início à sua segunda vida rasgando a carne morta e morna do próprio cadáver.

Os cães eram os animais mais simples para criar um vínculo; viviam tão perto dos homens que eram quase humanos. Deslizar para dentro da pele de um cão era como calçar uma bota velha, com o couro amolecido pelo uso. Assim como uma bota tinha a forma certa para receber um pé, um cão tinha-a certa para aceitar uma coleira, mesmo uma coleira que nenhum olho humano

conseguisse ver. Os lobos eram mais difíceis. Um homem podia travar amizade com um lobo, podia mesmo quebrar um lobo, mas nenhum homem conseguiria realmente *domar* um lobo.

— Os lobos e as mulheres casam para a vida — dizia Haggon com frequência. — Se te ligas a um, é um casamento. O lobo torna-se parte de ti desse dia em diante, e tu parte dele. Ambos mudarão.

Quanto aos outros animais, era melhor deixá-los em paz, declarara o caçador. Os gatos eram vaidosos e cruéis, sempre prontos para se virarem contra nós. Alces e veados eram presas; usando as peles deles durante demasiado tempo transformava até o mais corajoso dos homens num covarde. Ursos, javalis, texugos, doninhas... Haggon não aprovava tais criaturas.

— Há algumas peles que nunca vais querer usar, rapaz. Não ias gostar daquilo em que te transformavas. — Segundo o que ele dizia, as aves eram as piores. — Os homens não estão destinados a abandonar a terra. Se passares demasiado tempo nas nuvens, nunca queres voltar para baixo. Conheço troca-peles que experimentaram falcões, mochos, corvos. Mesmo nas suas próprias peles ficam aluados, de olhos fixos na porcaria do azul.

Contudo, nem todos os troca-peles sentiam o mesmo. Uma vez, quando tinha dez anos, Haggon levava-o a uma reunião de gente dessa. No grupo, os mais numerosos eram os *wargs*, os irmãos de lobos, mas o rapaz achara os outros mais estranhos e mais fascinantes. Borroq parecia-se tanto com o seu javali que só lhe faltavam as presas, Orell tinha a sua águia, Briar o seu gato-das-sombras (no momento em que os viu, Grumo desejou ter um gato-das-sombras seu), a mulher-cabra, Grisella...

Mas nenhum deles fora tão forte como Varamyr Seis-Peles, nem mesmo Haggon, alto e severo com as suas mãos duras como pedra. O caçador morrera a chorar depois de Varamyr lhe roubar Pelegris, afastando-o para reivindicar o animal para si. *Não há segunda vida para ti, velho.* Nessa época chamava a si próprio Varamyr Três-Peles. Pelegris somara a quarta, embora o velho lobo estivesse débil, quase desdentado e depressa tivesse seguido Haggon para a morte.

Varamyr conseguia capturar qualquer animal que desejasse, submetê-lo à sua vontade, tornar sua a sua carne. Cão ou lobo, urso ou texugo...

Thistle, pensou. Haggon chamar-lhe-ia uma abominação, o mais negro pecado de todos, mas Haggon estava morto, devorado e queimado.

Mance também

o teria amaldiçoado, mas Mance fora assassinado ou capturado. *Nunca ninguém saberá. Serei Thistle, a esposa de lanças, e Varamyr Seis-Peles estará morto.* Calculava que o dom pereceria com o corpo. Podia libertar os seus lobos e viver o resto dos seus dias como uma mulher magricela e verrugosa... mas viveria. *Se ela voltar. Se ainda estiver sufi cientemente forte para a capturar.*

Uma vaga de tontura cobriu Varamyr. Deu por si de joelhos, comas mãos enterradas num monte de neve. Pegou numa mão cheia de neve e encheu com ela a boca, esfregando-a através da

barba e contra os lábios fendidos, sugando a humidade. A água estava tão fria que quase não conseguia o brigar-se a engolir, e de novo se apercebeu de como estava quente.

A neve derretida só o deixou com mais fome. Era por comida que a sua barriga ansiava, não por água. A neve tinha parado de cair, mas o vento estava a aumentar, enchendo o ar de cristais, esbofeteando-o no rosto enquanto lutava para ultrapassar a neve acumulada, com o fermento no seu flanco a abrir-se e a voltar a fechar-se. A sua respiração gerava uma nuvem branca e irregular. Quando chegou ao represeiro, descobriu um ramo caído suficientemente longo para usar como muleta. Apoiando-se pesadamente nele, cambaleou na direção da cabana mais próxima. Era possível que os aldeões se tivessem esquecido de alguma coisa quando fugiram... uma saca de maçãs, alguma carne seca, qualquer coisa para o manter vivo até ao regresso de Thistle.

Estava quase lá quando a muleta se partiu sob o seu peso e as pernas cederam por baixo do corpo.

Varamyr não poderia dizer quanto tempo esteve ali estatelado, com o sangue a avermelhar a neve. *A neve enterrar-me-á.* Seria uma morte pacífica. *Dizem que nos sentimos quentes perto do fim, quentes e sonolentos.*

Seria bom voltar a sentir-se quente, embora o entristecesse pensar que agora nunca veria as terras verdes, as terras quentes para lá da Muralha sobre as quais Mance costumava cantar.

— O mundo para lá da Muralha não é para a nossa espécie de gente — costumava Haggon dizer. — O povo livre teme os troca-peles, mas também nos prestam honrarias. A sul da Muralha, os ajoelhadores perseguem-nos e massacram-nos como se fôssemos porcos.

Tu avisaste-me, pensou Varamyr, *mas também foste tu que me mostraste Atalaiaeste.* Não podia ter tido mais do que dez anos. Haggon trocara uma dúzia de fios de âmbar e um trenó carregado com uma grande pilha de peles por seis odres de vinho, um bloco de sal e uma panela de cobre. Atalaiaeste era um sítio melhor para comerciar do que Castelo Negro; era aí que os navios chegavam, carregados de bens vindos das terras lendárias do outro lado do mar. Os corvos sabiam que Haggon era caçador e amigo da Patrulha da Noite, e recebiam bem as notícias que ele trazia sobre a vida para lá da sua Muralha. Alguns também sabiam que era um troca-peles, mas disso ninguém falava. Fora aí, em Atalaiaeste-do-Mar, que o rapaz que ele fora começara a sonhar com o quente sul.

Varamyr conseguia sentir os flocos de neve a derreter na testa. *Isto não é tão mau como arder.* *Deixai-me dormir e nunca acordar, deixai-me dar início à minha segunda vida.* Os seus lobos estavam agora próximos. Consequia senti-los. Deixaria a sua débil carne para trás, tornar-se-ia uno com eles, passando a noite a caçar e uivando à Lua. O *warg* transformar-se-ia num verdadeiro lobo. *Mas em qual?*

Em Matreira não. Haggon teria chamado abominação a isso, mas Varamyr enfiara-se frequentemente na pele dela enquanto a loba estava a ser montada por Um-Olho. Contudo, não queria passar a sua nova vida como uma loba, a menos que não tivesse outra hipótese. Furtivo, o

macho mais novo, poderia servir-lhe melhor... se bem que Um-Olho fosse maior e mais feroz e fosse Um-Olho quem montava Matreira sempre que ela entrava em cio.

— Dizem que se esquece — dissera-lhe Haggon, algumas semanas antes da sua morte. — Quando a carne do homem morre, o seu espírito continua a viver dentro do animal, mas a memória vai-se desvanecendo todos os dias, e o animal torna-se um pouco menos um *warg*, um pouco mais um lobo, até que nada reste do homem e só fique a fera.

Varamyr sabia que aquilo era verdade. Quando reclamara para si a águia que fora de Orell, conseguira sentir o outro troca-peles a enfurecer-se com a sua presença. Orell tinha sido morto pelo corvo vira casaca Jon Snow, e o ódio que sentia pelo seu assassino fora tão forte que Varamyr dera por si a odiar também o rapaz. Compreendera o que Snow era no momento em que vira aquele grande lobo gigante branco a caminhar em silêncio a seu lado. Um troca-peles era sempre capaz de detectar outro. *O Mance devia ter-me deixado capturar o lobo gigante. Aí estaria uma segunda vida digna de um rei.* Podê-lo-ia ter feito, não duvidava. O dom era forte em Snow, mas o jovem não fora ensinado e ainda combatia a sua natureza quando devia ter exultado com ela.

Varamyr conseguia ver os olhos vermelhos do represeiro a fitá-lo do tronco branco. *Os deuses estão a avaliar-me.* Foi percorrido por um arrepio. Fizera coisas más, coisas terríveis. Roubara, matara, violara. Empanturrara-se de carne humana e lambera o sangue de moribundos enquanto ele jorrava rubro e quente das gargantas rasgadas. Perseguira inimigos através dos bosques, caíra sobre eles enquanto dormiam, rasgara-lhes as barrigas fazendo sair as entranhas, e espalhara-as pela terra lamacenta. *Que bem soube a carne deles.*

— Isso foi o animal, não eu — disse num sussurro rouco. — Isso foi o dom que me concedestes.

Os deuses não responderam. A sua respiração pairou pálida e brumosa no ar. Consequia sentir gelo a formar-se-lhe na barba. Varamyr Seis-Peles fechou os olhos.

Sonhou um velho sonho sobre uma choupana junto ao mar, três cães a ganir, lágrimas de uma mulher.

Bossa. Ela chora por Bossa, mas nunca chorou por mim.

Grumo nascera um mês antes do tempo próprio, e estava tantas vezes doente que ninguém esperava que sobrevivesse. A mãe esperara até ele ter quase quatro anos para lhe dar um nome como devia ser, e por essa altura era tarde demais. Toda a aldeia se habituara a chamar-lhe Grumo, o nome que a irmã Meha lhe dera quando ainda estava na barriga da mãe. Meha também dera o nome a Bossa, mas o irmãozinho de Grumo nascera no tempo próprio, grande, vermelho e robusto, sugando avidamente as tetas da mãe. Ela ia dar-lhe o nome do pai. *Mas ele morreu. Morreu quando tinha dois anos e eu seis, três dias antes do dia do seu nome.*

— O teu pequenino está agora com os deuses — dissera a bruxa da floresta à mãe enquanto ela chorava. — Nunca mais terá dores, nunca terá fome, nunca chorará. Os deuses levaram-no para a terra, para as árvores. Os deuses estão a toda a nossa volta, nas rochas e nos ribeiros, nas

aves e nos animais. O teu Bossa foi juntar-se-lhes. Será o mundo e tudo o que existe no mundo.

As palavras da velha tinham trespassado Grumo como uma faca. *O Bossa vê. Está a observar-me. Ele sabe.* Grumo não se podia esconder dele, não se podia enfiar atrás das saias da mãe ou fugir com os cães para escapar à fúria do pai. Os cães. Rabo-Cortado, Farejo, Rosnam. *Eram bons cães. Eram meus amigos.*

Quando o pai encontrara os cães a farejar em volta do corpo de Bossa, não tivera maneira de saber qual deles o fizera, portanto, passara todos os três pelo machado. As mãos tremiam-lhe tanto que precisara de dois golpes para silenciar Farejo e quatro para abater Rosnam. O cheiro do sangue pairara, pesado, no ar, e os sons que os cães moribundos fi zeram tinham sido terríveis de ouvir, mas mesmo assim Rabo-Cortado fora ter com ele quando o pai o chamara. Era o cão mais velho, e o treino sobrepusera-se nele ao terror. Quando Grumo deslizara para dentro da pele do cão era tarde demais.

Não, pai, por favor, tentara dizer, mas os cães não conseguem falar as línguas dos homens e, por isso, tudo o que saiu foi um ganido digno de dó. O machado abatera-se sobre o meio do crânio do velho cão, e dentro da choupana o rapaz deixara sair um grito. *Foi assim que eles souberam.* Dois dias mais tarde, o pai arrastara-o para a floresta. Trouxera o machado, e Grumo julgara que tencionava abatê-lo tal como fizera com os cães. Mas em vez disso, dera-o a Haggon.

Varamyr acordou de repente, com violência, com o corpo inteiro a tremer.

— Levanta-te — estava uma voz a gritar — levanta-te, temos de ir. Eles são centenas. — A neve cobrira-o com uma manta rígida e branca. *Tão fria.* Quando tentou mover-se, descobriu que a mão congelara e se colara ao chão. Deixou alguma pele para trás quando a soltou. — Levanta-te — voltou ela a gritar — eles vêm *aí*.

Thistle regressara para junto dele. Agarrara-o pelos ombros e estava a sacudi-lo, gritando-lhe na cara. Varamyr conseguia cheirar-lhe o hálito e sentir o calor que ele trazia com bochechas adormecidas pelo frio. *Agora, pensou, fá-lo agora ou então morre.*

Convocou todas as forças que ainda havia em si, saltou para fora da sua própria pele, e forçou a entrada nela.

Thistle arqueou as costas e gritou.

Abominação. Seria ela, ele ou Haggon? Nunca soube. A sua velha carne voltou a cair no monte de neve quando os dedos dela se descontraíram. A esposa de lanças torceu-se com violência, aos guinchos. O gato-das-sombras de Varamyr costumava combatê-lo selvaticamente, e a urso das neves ficara meio louca durante algum tempo, tentando morder árvores, pedras e ar vazio, mas aquilo era pior.

— Sai, sai! — ouviu a sua própria boca de mulher a gritar. O corpo cambaleou, caiu e voltou a levantar-se, as pernas abanaram, as mãos sacudiram-se para aqui e para ali, numa dança grotesca qualquer, enquanto o seu espírito e o dela combatiam pela carne. Engoliu um gole de ar gélido, e Varamyr teve meio segundo para rejubilar com o sabor do ar e com a força daquele corpo jovem

antes dos dentes dela se cerrarem com força e lhe encherem a boca de sangue. Ela levou as mãos à cara dele. Tentou empurrá-las de novo para baixo, mas as mãos não queriam obedecer, e ela pôs-se a esgatanhar-lhe os olhos. *Abominação*, recordou, afogando-se em sangue, dor e loucura. Quando tentou gritar, ela cuspiu a língua de ambos.

O mundo branco girou e caiu. Por um momento, foi como se estivesse dentro do represeiro, olhando através de olhos esculpidos e vermelhos enquanto um moribundo se contorcia debilmente no chão e uma louca dançava, cega e ensanguentada, sob a Lua, chorando lágrimas vermelhas e rasgando a roupa. Depois ambos desapareceram e ele viu-se a subir, a derreter, com o espírito levado por um vento frio qualquer. Estava na neve e nas nuvens, era um pardal, um esquilo, um carvalho. Um bufo voou em silêncio por entre as suas árvores, caçando uma lebre; Varamyr estava dentro do bufo, dentro da lebre, dentro das árvores. Profundamente enterradas sob o chão gelado, minhocas escavavam cegamente na escuridão, e também era elas. *Sou a floresta, e tudo o que ela contém*, pensou, exultante. Uma centena de corvos levantou voo, crocitando ao senti-lo passar. Um grande alce trombeteou, perturbando as crianças que se lhe agarravam ao dorso. Um lobo gigante adormecido ergueu a cabeça para rosnar ao ar vazio. Antes que os corações de todos eles tivessem tempo de voltar a bater, já ele tinha passado, procurando os seus, procurando Um-Olho, Matreira e Furtivo, procurando a alcateia. Disse a si próprio que os seus lobos o salvariam.

Esse foi o seu último pensamento enquanto homem.

A morte verdadeira chegou de súbito; sentiu um choque de frio, como se tivesse sido mergulhado nas águas geladas de um lago congelado. Depois deu por si a correr por neves iluminadas pelo luar com os companheiros de alcateia logo atrás de si. Metade do mundo estava escuro. *Um-Olho*, compreendeu. Solto um latido e Matreira e Furtivo serviram-lhe de eco.

Quando chegaram ao cume, os lobos fizeram uma pausa. *Thistle*, recordou, e uma parte de si sentiu dor por aquilo que perdera, e outra parte pelo que fizera. Em baixo, o mundo transformara-se em gelo. Dedos de geada subiam lentamente pelo represeiro, tentando alcançarem-se uns aos outros. A aldeia vazia já não estava vazia. Sombras de olhos azuis caminhavam por entre os montes de neve. Algumas usavam roupa castanha, algumas preta e algumas estavam nuas, com a pele tornada branca como neve. Um vento suspirava pelas colinas, pesado com os seus odores: carne morta, sangue seco, peles que fediam a bafio e podridão e urina. Matreira rosnou e arreganhou os dentes, com a pelagem no cachaço a eriçar-se. *Não são homens. Não são presas. Aqueles não.*

As coisas lá em baixo mexiam-se, mas não viviam. Uma por uma, ergueram as cabeças para os três lobos na colina. A última a olhar foi a coisa que fora Thistle. Usava lã, peles e couro, e por cima disso usava uma cobertura de geada que crepitava quando se mexia e cintilava ao luar. Pálidos pingentes rosados pendiam das pontas dos seus dedos, dez longas facas de sangue congelado. E nos poços onde os seus olhos tinham estado, uma luz azul clara estava a tremeluzir, emprestando às suas feições rudes uma beleza fantasmagórica que nunca tinham conhecido em

vida.

Ela vê-me.

TYRION

Atravessou o mar estreito a beber.

O navio era pequeno, a sua cabine menor ainda, mas o capitão não queria deixá-lo subir ao convés. O balançar da coberta sob os pés deixava-lhe o estômago agitado, e a maldita comida sabia ainda pior quando voltava para cima num vômito. Mas para que queria ele carne de vaca salgada, queijo duro e pão repleto de vermes quando tinha vinho com que se nutrir? Era tinto e amargo, muito forte. Às vezes também vomitava ovinho, mas havia sempre mais.

— O mundo está cheio de vinho — resmungou na humidade fria da cabine. O pai nunca quisera bêbados para nada, mas que importava isso? O pai estava morto. Fora ele que o matara. *Um dardo na barriga, senhor, e todo para vós. Se eu fosse melhor com uma besta teria trespassado esse pau com que me fizeste, bastardo dum raio.* Abaixo do convés não havia nem noite nem dia. Tyrion contava o tempo pelas idas e vindas do criado de bordo que trazia as refeições que não comia. O rapaz trazia sempre também uma escova e um balde, para limpar.

— Isto é vinho de Dorne? — perguntara-lhe Tyrion uma vez, enquanto destapava um odre. — Faz-me lembrar uma certa serpente que conheço. Um tipo engraçado, até que uma montanha lhe caiu em cima.

O criado de bordo não respondeu. Era um rapaz feio, embora Tyrion admitisse que era mais bem parecido do que um certo anão com meio nariz e uma cicatriz do olho ao queixo.

— Ofendi-te? — perguntara Tyrion, enquanto o rapaz escovava.

— Ordenaram-te para não falares comigo? Ou será que algum anão te vigarizou a mãe? — aquilo também não obteve resposta. — Para onde nos dirigimos? Diz-me isso. — Jaime mencionara as Cidades Livres, mas não chegara a dizer qual delas. — É Bravos? Tyrosh? Myr? — Tyrion teria preferido ir para Dorne. *Myrcella é mais velha do que Tommen, pela lei dornesa o Trono de Ferro é seu. Vou ajudá-la a reclamar os seus direitos como o Príncipe Oberyne sugeriu.*

Mas Oberyne estava morto, com a cabeça esmagada até se transformar numa ruína sangrenta pelo punho couraçado de Sor Gregor Clegane. E sem a Víbora Vermelha para o instar a avançar, iria Doran Martell sequer pensar em pôr em prática um plano tão arriscado? *Em vez disso, pode acorrentar-me e devolver-me à minha querida irmã.* A Muralha poderia ser mais segura. O Velho Urso Mormont dissera que a Patrulha da Noite tinha necessidade de homens como Tyrion. *Mas Mormont pode estar morto. Por esta altura pode ser Slynt o Senhor Comandante.* Não era provável que aquele filho de carneiro se tivesse esquecido de quem o enviara para a Muralha. *Quererei*

mesmo passar o resto da vida a comer carne de vaca salgada e papas de aveia com assassinos e ladrões? Não que o resto da sua vida fosse durar muito. Janos Slynt trataria disso.

O criado de bordo molhou a escova e continuou a esfregar intrepidamente.

— Alguma vez visitaste as casas de prazer de Lys? — inquiriu o anão.

— Poderá ser para aí que as rameiras vão? — Tyrion não parecia capaz de recordar a palavra valiriana para rameira, e fosse como fosse era tarde demais. O rapaz voltou a atirar a escova para dentro do balde e retirou-se.

O vinho enevoou-me o espírito. Aprendera a ler alto valiriano ainda muito novo, se bem que aquilo que falavam nas Nove Cidades Livres...bem, não era tanto um dialeto, mas nove dialetos a caminho de se transformarem em línguas separadas. Tyrion sabia algum bravosiano e tinha umas noções de myrano. Em tyroshi podia ser capaz de amaldiçoar os deuses, chamar batoteiro a um homem e pedir uma cerveja, graças a um mercenário que conhecera em tempos no Rochedo. *Pelo menos em Dorne falam o idioma comum.* Tal como acontecia com a comida dornesa e a lei de Dorne, a fala dornesa era temperada com os sabores de Roine, mas um homemc ompreendia-a. *Dorne, sim, para mim é Dorne.* Gatinhou para o beliche, agarrando-se a essa ideia como uma criança a uma boneca.

O sono nunca chegara facilmente para Tyrion Lannister. A bordo daquele navio raramente chegava de todo, embora de vez em quando conseguisse beber vinho suficiente para desmaiar durante algum tempo. Pelo menos, não sonhava. Já sonhara o suficiente para uma pequena vida. *E com tolices tão grandes: amor, justiça, amizade, glória. Mais valia sonhar com ser alto.* Tyrion sabia agora que tudo aquilo estava fora do seu alcance. Mas não sabia para onde iam as rameiras.

— Onde quer que as rameiras vão — dissera o pai. *As suas últimas palavras, e que palavras elas foram.* A besta soltara um *tuang*, o Lorde Tywin voltara a sentar-se, e Tyrion Lannister dera por si a bambolear-se pelas trevas com Varys a seu lado. Devia ter voltado a descer a chaminé, duzentos e trinta degraus até ao local onde brasas cor de laranja brilhavam na boca de um dragão de ferro. Não se lembrava de nada disso. Só do som que a besta fizera, e do fedor das tripas do pai a abrirem-se. *Até na morte arranjou maneira de cagar em mim.*

Varys acompanhara-o pelos túneis, mas não falaram até saírem junto à Água Negra, onde Tyrion conquistara uma vitória famosa e perdera um nariz. Fora então que o anão se virara para o eunuco e dissera “Matei o meu pai,” no mesmo tom que um homem poderia usar para dizer “Dei uma topada com o pé.”

O mestre dos murmúrios estivera vestido como um irmão mendicante, trajando uma túnica castanha de tecido grosseiro comido pelas traças, com um capuz que lhe ensombrava as bochechas lisas e gordas e a cabeça careca e redonda.

— Não devíeis ter subido aquela escada — dissera, numa censura.

— Onde quer que as rameiras vão. — Tyrion avisara o pai para não dizer aquela palavra. *Se não tivesse disparado, ele teria visto que as minhas ameaças eram ocas. Ter-me-ia tirado a besta das mãos, como um dia me tirou Tysha dos braços. Estava a levantar-se quando o matei.*

Também matei Shae — confessara a Varys.

Sabíeis o que ela era.

Sabia. Mas nunca soube o que ele era. Varys soltara um risinho sufocado.

E agora sabeis.

Também devia ter matado o eunuco. Um pouco mais de sangue nas mãos, que importaria? Não sabia dizer o que lhe detivera o punhal. Não fora gratidão. Varys salvara-o da espada de um carrasco, mas só porque Jaime o forçara a isso. *Jaime... não, é melhor não pensar em Jaime.*

Em vez disso, encontrou um odre novo de vinho, e pôs-se a chupá-lo como se fosse o seio de uma mulher. O tinto amargo correu-lhe pelo queixo abaixo e ensopou-lhe a túnica porca, a mesma que usara na cela. A coberta estava a oscilar sob os seus pés e, quando tentou levantar-se, ela ergueu-se para o lado e atirou-o com força contra uma antepara. *Uma tempestade, compreendeu, ou então estou ainda mais bêbado do que pensava.* Vomitou o vinho e ficou algum tempo deitado em cima dele, perguntando a si próprio se o navio se afundaria. *É esta a tua vingança, pai? O Pai no Céu fez de ti sua Mão?*

— Tais são as recompensas daquele que mata parentes — disse enquanto o vento uivava lá fora. Não parecia justo afogar o criado de bordo, o capitão e todos os outros por algo que ele fi zera, mas quando teriam os deuses sido justos? E mais ou menos por essa altura, a escuridão engoliu-o.

Quando voltou a despertar, sentia a cabeça pronta a rebentar e o navio rodopiava descrevendo círculos entontecedores, embora o capitão insistisse que tinham chegado ao porto. Tyrion disse-lhe para se calar, e esperneou debilmente quando um enorme marinheiro calvo o enfiou debaixo de um braço e o levou a contorcer-se para o porão, onde uma pipa vazia de vinho

o aguardava. Era uma pipazinha atarracada, e era apertada mesmo para uma não. Tyrion mijou-se enquanto se debatia, embora nada tivesse lucrado com isso. Foi espremido para dentro da pipa com a cara para baixo e os joelhos foram-lhe empurrados contra as orelhas. O toco do nariz dava-lhe uma comichão horrível, mas os braços estavam tão apertados que não conseguia erguer a mão para o coçar. *Um palanquim adequado a um homem da minha envergadura,* pensou enquanto fechavam a tampa à martelada. Conseguiu ouvir vozes a gritar quando foi içado. Cada sacudidela atirava-lhe a cabeça contra o fundo da pipa. O mundo pôs-se a rodopiar quando a pipa

rolou para baixo, e depois parou com um estrondo que lhe deu vontade de gritar. Outra pipa colidiu com a sua, e Tyrion mordeu a língua.

Aquela foi a mais longa viagem que fez na vida, embora não pudesse ter durado mais de meia hora. Foi erguido e baixado, rolado e empilhado, virado de pernas para o ar, endireitado e rolado de novo. Através das aduelas de madeira ouvia homens a gritar, e uma vez um cavalo relinchou ali perto. Começou a sentir câibras nas pernas atrofiadas, e em breve elas doíam tanto que se esqueceu do martelar na sua cabeça.

Tudo terminou como começara, com outro rodopio que o deixou tonto e mais sacolejos. Lá fora, vozes de estranhos estavam a falar numa língua que não conhecia. Alguém começou a bater no topo da pipa e a tampa abriu-se de repente. O interior foi inundado por luz e também por ar fresco. Tyrion arquejou avidamente e tentou levantar-se, mas só conseguiu fazer a pipa cair de lado e derramar-se para cima de um chão de terra batida.

Acima dele erguia-se um gordo grotesco com uma barba bifurcada amarela, que tinha nas mãos um malho de madeira e um escopro de ferro. O roupão que trazia vestido era suficientemente grande para ser usado como pavilhão de torneio, mas o cinto mal atado tinha-se desatado, expondo uma enorme barriga branca e um par de pesados seios que pendiam como sacas de sebo cobertas de pelos amarelos e pouco densos. Fez lembrar a Tyrion um manatim morto que dera um dia à costa nas cavernas sob

o Rochedo Casterly. O gordo olhou para baixo e sorriu.

— Um anão bêbado — disse, no idioma comum de Westeros.

Um manatim putrefato. — A boca de Tyrion estava cheia de sangue. Cuspiu-o aos pés do gordo. Estavam numa longa adega mal iluminada, de teto arqueado, com paredes de pedra manchadas de salitre. Pipas de vinho e cerveja rodeavam-nos, bebida mais do que suficiente para fazer companhia a um anão sedento durante a noite. *Ou durante uma vida.*

Sois insolente. Gosto disso num anão. — Quando o gordo se riu, a sua carne sacolejou com tal vigor que Tyrion teve medo que o outro caísse e o esmagasse. — Tendes fome, meu amiguinho? Estais cansado?

Tenho sede. — Tyrion pôs-se de joelhos com dificuldade. — E estou imundo.

O gordo farejou-o.

— Um banho primeiro, isso mesmo. Depois comida e uma cama macia, sim? Os meus criados tratarão disso. — O anfitrião de Tyrion pôs de lado o malho e o escopro. — A minha casa é vossa. Qualquer amigo do meu amigo do outro lado do mar é um amigo de Illyrio Mopatis, sim.

Qualquer amigo de Varys, a Aranha, é alguém em que eu confiarei só até onde o possa atirar.

Contudo, o gordo cumpriu a promessa do banho. Assim que Tyrion entrou e se baixou na água quente, fechou os olhos e adormeceu profundamente. Acordou nu sobre um colchão de penugem de ganso, tão suave que se sentiu como se tivesse sido engolido por uma nuvem. Sentia a língua a saber a papéis de música e a garganta em carne viva, mas tinha o pau tão duro como uma barra de

ferro. Rolou para fora da cama, descobriu um penico e começou a enchê-lo, com um gemido de prazer.

O quarto estava obscurecido, mas havia barras de luz amarela aver-se entre as ripas das portadas. Tyrion sacudiu as últimas gotas e meneou-se por cima dos padrões de tapetes de Myr tão suaves como erva nova de primavera. Desajeitadamente, trepou para cima do banco de janela e escancarou as portadas para ver para onde Varys e os deuses o tinham enviado.

Sob a sua janela, seis cerejeiras estavam de sentinela em volta de uma piscina de mármore, com ramos esguios despidos e castanhos. Um rapaz nu estava na água, em pose de duelo, com uma lâmina de espadachim na mão. Era ágil e bem-parecido e não teria mais de dezesseis anos, com um cabelo louro e liso que lhe roçava pelos ombros. Parecia tão natural que o anão precisou de um longo momento para se aperceber de que era feito de mármore pintado, embora a espada cintilasse como aço verdadeiro.

Atrás da piscina erguia-se um muro de tijolo com três metros e meio de altura e espigões de ferro ao longo do topo. Atrás do muro ficava a cidade. Um mar de telhados de telha aglomerava-se apertadamente em volta de uma baía. Viu torres quadradas de tijolo, um grande templo vermelho, uma mansão distante no topo de uma colina. Na distância longínqua, a luz do sol cintilava em águas profundas. Barcos de pesca moviam-se pela baía, com as velas a ondular ao vento, e Tyrion conseguia ver os mastros de navios maiores a espetarem-se ao longo da costa. *Certamente haverá algum com rumo a Dorne, ou a Atalaialeste-do-Mar.* Mas não tinha meios para pagar a passagem, e não era feito para puxar um remo. *Suponho que me podia alistar como criado de bordo e ganhar a passagem deixando a tripulação enrabar-me de um lado ao outro do mar estreito.*

Perguntou a si próprio onde estaria. *Aqui até o ar tem um cheiro diferente.* Estranhas especiarias aromatizavam o vento gélido de outono, e ouvia gritos ténues a pairar por sobre o muro, vindos das ruas mais adiante. Soavam algo semelhantes ao valiriano, mas não reconhecia mais do que uma palavra em cinco. *Não é Bravos, concluiu, nem Tyrosh.* Aqueles ramos nus e o frio no ar também argumentavam contra Lys, Myr e Volantis.

Quando ouviu a porta a abrir-se atrás de si, Tyrion virou-se para enfrentar o seu gordo anfitrião.

Isto é Pentos, não é?

Precisamente. Que outro sítio seria?

Pentos. Bem, não era Porto Real, pelo menos isso podia dizer-se em prol do lugar.

— Para onde vão as rameiras? — ouviu-se a perguntar.

— Encontram-se aqui rameiras em bordéis, tal como em Westeros. Não tereis necessidade de tal, meu pequeno amigo. Escolhei de entre as minhas criadas. Nenhuma se atreverá a recusar-vos.

— Escravas? — perguntou o anão sem rodeios.

O gordo afagou uma das pontas da sua barba amarela e oleada, um gesto que Tyrion achou

notavelmente obsceno.

— A escravatura é proibida em Pentos, segundo os termos do tratado que os bravosianos nos impuseram há cem anos. Mesmo assim, elas não vos recusarão. — Illyrio fez uma imponente meia reverência. — Mas agora o meu pequeno amigo terá de me dar licença. Tenho a honra de ser um magíster nesta grande cidade, e o príncipe convocou-nos para uma reunião. — Sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes tortos e amarelos. — Explorai a mansão e a propriedade como quiserdes, mas em nenhum caso vagueeis para lá dos muros. É melhor que ninguém saiba que estivestes aqui.

— *Estive?* Fui a algum lado?

— Haverá tempo bastante para conversar sobre isso esta noite. O meu pequeno amigo e eu comeremos e beberemos e faremos grandes planos, sim?

— Sim, meu gordo amigo — respondeu Tyrion. *Ele pensa usar-me para lucro próprio.* Tudo se resumia a lucro com os príncipes mercadores das Cidades Livres. O senhor seu pai chamava-lhes “soldados das especiarias e senhores do queijo”, com desprezo. Se amanhecesse um dia em que Illyrio Mopatis visse mais lucro num anão morto do que num vivo, daria por si envasilhado noutra pipa de vinho ao pôr-do-sol. *Seria bom se me tivesse ido embora antes de esse dia chegar.* Não duvidava de que chegaria; não era provável que Cersei o esquecesse, e mesmo Jaime poderia ficar contrariado por descobrir um dardo na barriga do pai.

Um vento ligeiro estava a encrespar as águas da piscina, lá em baixo, a toda a volta do espadachim nu. Fez-lhe lembrar o modo como Tysha lhe passava a mão pelo cabelo durante a falsa primavera do seu casamento, antes de Tyrion ajudar os guardas do pai a violá-la. Pensara nesses guardas durante a fuga, tentando lembrar-se de quantos tinham sido. Julgar-se-ia que se lembraria disso, mas não. Uma dúzia? Uma vintena? Uma centena? Não sabia dizer. Tinham sido todos homens feitos, altos e fortes... embora todos os homens fossem altos para um anão de treze anos. *Tysha sabia quantos eram.* Cada um lhe dera um veado de prata, de modo que só precisaria de contar as moedas. *Um de prata para cada um deles e um de ouro para mim.* O pai insistira que ele também lhe pagasse. *Um Lannister paga sempre as suas dívidas.*

— Onde quer que as rameiras vão — ouviu o Lorde Tywin dizer mais uma vez, e mais uma vez a corda da besta soltou um *tuang*.

O magíster convidara-o para explorar a mansão. Descobriu roupa limpa numa arca de cedro com embutidos de lápis-lazúli e madrepérola. Ao lutar por se enfiar na roupa, apercebeu-se de que fora feita para um rapazinho. Os tecidos eram bastante ricos, ainda que algo mofados, mas o corte era longo demais nas pernas e demasiado curto nos braços, com um colarinho que lhe teria deixado a cara tão negra como a de Joffrey se tivesse arranjado maneira de o fechar. Traças também tinham andado a roê-la. *Pelo menos não fede a vômito.*

Tyrion deu início à exploração pela cozinha, onde duas mulheres gordas e um jovem latrineiro

o observaram com prudência enquanto se servia de queijo, pão e figos.

— Bons dias para vós, belas senhoras — disse com uma reverência. — Sabeis para onde vão as rameiras? — Quando não responderam, repetiu a pergunta em alto valiriano, embora tivesse de dizer *cortesã* em vez de *rameira*. Dessa vez, a cozinheira mais jovem e mais gorda dirigiu-lhe um encolher de ombros.

Perguntou-se o que fariam elas se lhes pegasse nas mãos e as arrastasse para o seu quarto. *Nenhuma se atreverá a recusar-vos*, afirmara Illyrio, mas, por um motivo qualquer, parecia a Tyrion que ele não se referia àquelas duas. A mais nova era suficientemente velha para ser sua mãe, e a mais velha era provavelmente mãe *da outra*. Ambas eram quase tão gordas como Illyrio, com tetas maiores do que a sua cabeça. *Podia sufocar-me em carne*. Havia maneiras piores de morrer. A maneira como o senhor seu pai morrera, por exemplo. *Devia tê-lo obrigado a cagar um pouco de ouro antes de expirar*. O Lorde Tywin podia ter sido avaro com a sua aprovação e afeto, mas sempre fora um mãos-largas quando se tratava de dinheiro. *A única coisa mais digna de dó do que um anão sem nariz é um anão sem nariz que não tem nenhum ouro*.

Tyrion deixou as gordas com os seus rolos e panelas e foi à procurada adega onde Illyrio o decantara na noite anterior. Não foi difícil de achar.

Havia lá vinho suficiente para o manter bêbado durante cem anos; tintos doces da Campina e tintos amargos de Dorne, pálidos vinhos ambarinos de Pentos, o néctar verde de Myr, três vintenas de pipas de dourado da Árvore, até vinhos do fabuloso leste, de Qarth e Yi Ti e Asshai da Sombra. Por fim, Tyrion escolheu uma pipa de vinho-forte marcada como reserva particular do Lorde Runceford Redwyne, o avô do atual Senhor da Árvore. O sabor da bebida na sua língua era langoroso e capitoso, a cor era um púrpura tão escuro que parecia quase negro na adega mal iluminada. Tyrion encheu uma taça, e já agora também um jarro, e levou-os para os jardins, a fim de beber à sombra daquelas cerejeiras que vira.

Aconteceu-lhe sair pela porta errada e não chegar a descobrir a piscina que vira da janela, mas não se importou. Os jardins por trás da mansão eram igualmente agradáveis e muito mais extensos. Vagueou através deles por algum tempo, bebendo. Os muros teriam envergonhado qualquer castelo, e os espigões ornamentais de ferro ao longo do topo pareciam estranhamente despidos sem cabeças a adorná-los. Tyrion imaginou como ficaria a cabeça da irmã lá em cima, com alcatrão no cabelo dourado e moscas a entrar e a sair, a zumbir, da sua boca. *Sim, e Jaime deve ficar com o espigão ao lado dela*, decidiu. *Nunca ninguém se deve interpor entre o meu irmão e a minha irmã.*

Com uma corda e um arpéu podia conseguir ultrapassar aquele muro. Tinha braços fortes e não pesava muito. Devia ser capaz de trepar até ao outro lado, se não se empalasse num espigão. *Amanhã vou procurar uma corda*, decidiu.

Viu três portões durante as suas deambulações; a entrada principal, com a sua casa de portão, uma poterna junto dos canis, e um portão de jardim, oculto por trás de um emaranhado de trepadeiras claras. Este último estava acorrentado, os outros guardados. Os guardas eram rechonchudos, com caras tão lisas como o traseiro de um bebê, e cada um desses homens usava um capacete de bronze com espigão. Tyrion reconhecia eunucos quando os via. Conhecia aquela espécie de gente pela reputação. Nada temiam e não sentiam qualquer dor, segundo se dizia, e eram leais aos seus amos até à morte. *Podia dar bom uso a algumas centenas que fossem minhas*, refletiu. *Uma pena que não tivesse pensado nisso antes de me tornar pedinte.*

Caminhou ao longo de uma galeria provida de colunas, atravessou um arco de ponta em bico e deu por si num pátio ladrilhado onde uma mulher estava a lavar roupa num poço. Parecia ter a sua idade, e mostrava um cabelo ruivo sem brilho e uma cara larga salpicada de sardas.

— Queres um pouco de vinho? — perguntou-lhe. Ela olhou-o com incerteza. — Não tenho taça para ti, teremos de partilhar. — A lavadeira regressou à sua atividade de torcer túnicas e estendê-las a secar. Tyrion instalou-se num banco de pedra com o jarro. — Diz-me, até que ponto deverei confiar no Magíster Illyrio? — O nome levou-a a erguer o olhar. — Até esse ponto? — Aos risinhos, cruzou as pernas atrofiadas e bebeu um gole.

— Sinto aversão por desempenhar o papel que o queijeiro tem em mente para mim, seja ele qual for, mas como posso recusá-lo? Os portões estão guardados. Talvez possas fazer-me sair debaixo

das tuas saias? Ficava tão agradável, olha, até me casava contigo. Já tenho duas esposas, porque não três? Ah, mas onde viveríamos? — dirigiu-lhe o mais agradável sorriso que um homem com meio nariz conseguia arranjar. — Tenho uma sobrinha em Lanças solar, já te tinha dito? Podia fazer muitas travessuras em Dorne com Myrcella. Podia pôr a minha sobrinha e o meu sobrinho em guerra, não era engraçado? — a lavadeira pôs a secar uma das túnicas de Illyrio, suficientemente grande para também servir de vela. — Devia ter vergonha de ter pensamentos tão maldosos, tens toda a razão. Era melhor que procurasse a Muralha. Dizem que todos os crimes são limpos quando um homem se junta à Patrulha da Noite. Se bem que temo que não me deixassem ficar contigo, doçura. Não há mulheres na Patrulha, não há doces esposas sardentas para nos aquecer a cama à noite, só ventos frios, bacalhau salgado e má cerveja. Achais que eu pareceria mais alto de preto, senhora? — Voltou a encher a taça. — Que dizes? Norte ou sul? Deverei expiar velhos pecados ou cometer alguns novos?

A lavadeira deitou-lhe um último relance, pegou no balde e afastou-se. *Parece que não consigo segurar uma esposa por muito tempo*, refletiu Tyrion. Sem que soubesse como, o jarro secara. *Talvez deva voltar aos tropeções para a adega*. Mas o vinho-forte estava a fazer-lhe a cabeça rodopiar, e os degraus da adega eram muito íngremes.

— Para onde vão as rameiras? — perguntou à roupa lavada que adejava na corda. Talvez devesse ter perguntado à lavadeira. *Não estou a insinuar que tu és uma rameira, querida, mas talvez saibas para onde elas vão*. Ou melhor ainda, devia ter perguntado ao pai.

— Onde quer que as rameiras vão — dissera o Lorde Tywin. *Ela amava-me. Era filha de um caseiro, amava-me e casou comigo, entregou-me a sua confiança*.

O jarro vazio escorregou-lhe da mão e rolou pelo pátio fora. Tyrion empurrou-se para fora do banco e foi buscá-lo. Quando o fez, viu uns quantos cogumelos a crescer de um ladrilho rachado. Eram de um branco claro, com manchas, e tinham uma parte de baixo cheia de lamelas vermelhas tão escuras como sangue. O anão arrancou um e cheirou-o. *Delicioso*, pensou, *e mortífero*.

Os cogumelos eram sete. Talvez os Sete estivessem a tentar dizer-lhe qualquer coisa. Colheu-os a todos, tirou uma luva da corda, enrolou-os cuidadosamente, e enfiou-os no bolso. O esforço deixou-o tonto, pelo que voltou em seguida a gatinhar para o banco, enrolou-se e fechou os olhos. Quando voltou a acordar, estava de regresso ao seu quarto, de novo a afogar-se no colchão de penugem de ganso enquanto uma rapariga loura lhe sacudia o ombro.

— Senhor — disse ela — o vosso banho aguarda. O Magíster Illyrio espera-vos à mesa dentro de uma hora. Tyrion apoiou-se às almofadas, com a cabeça nas mãos.

— Estou a sonhar ou tu falas o idioma comum?

— Sim, senhor. Fui trazida para agradar ao rei. — Tinha olhos azuis e era bonita, jovem e esbelta.

— Tenho a certeza que sim. Preciso de uma taça de vinho. Ela serviu-o.

— O Magíster Illyrio disse que devo esfregar-vos as costas e aquecer-vos a cama. O meu nome...

... não me interessa para nada. Sabes para onde vão as rameiras? Ela corou.

As rameiras vendem-se por dinheiro.

Ou por joias, ou por vestidos, ou por castelos. Mas para onde vão? A rapariga não conseguia compreender a pergunta.

É uma adivinha, senhor? Não sou boa com adivinhas. Não me que

reis dizer a resposta? *Não, pensou. Pessoalmente, desprezo adivinhas.*

— Não te quero dizer nada. Faz-me o mesmo favor. — *A única parte de ti que me interessa é a parte que tens entre as pernas*, quase disse. As palavras estiveram na sua língua, mas sem que soubesse porquê nunca lhe ultrapassaram os lábios. *Ela não é a Shae*, disse o anão a si próprio. *É só uma tolinha qualquer que pensa que eu brinco às adivinhas*. Em boa verdade, nem mesmo a sua buceta lhe interessava por aí além. *Devo estar doente ou morto*. — Mencionaste um banho? Não podemos deixar o grande queijeiro à espera. Enquanto se banhava, a rapariga lavou-lhe os pés, esfregou-lhe as costas e escovou-lhe o cabelo. Depois, esfregou-lhe uma pomada com um cheiro doce nas barrigas das pernas para lhe atenuar as dores, e voltou a vesti-lo com roupa de rapaz, um par mofado de calças de cor borgonha e um gibão de veludo azul forrado de fio de ouro.

— O senhor vai querer-me depois de comer? — perguntou ela enquanto lhe atava as botas.

— Não. Para mim acabaram-se as mulheres. — *Rameiras*.

A rapariga acolheu aquela desilusão bem demais para o gosto de Tyrion.

— Se o senhor preferir um rapaz, posso arranjar um para esperar na vossa cama.

O senhor preferia a esposa. O senhor preferia uma rapariga chamada Tysha.

— Só se ele souber para onde vão as rameiras.

A boca da rapariga apertou-se. *Ela despreza-me*, apercebeu-se Tyrion, *mas não mais do que eu me desprezo a mim próprio*. Tyrion não duvidava de que tinha fodido muitas mulheres que abominavam o simples ato de o ver, mas as outras tinham ao menos tido a educação de fingir afeição. *Um pouco de desprezo honesto pode ser refrescante, como um vinho amargo depois de demasiado doce*.

— Acho que mudei de ideias — disse-lhe. — Espera por mim na cama. Nua, por favor, que vou estar bêbado demais para andar às apalpadelas com a tua roupa. Mantém a boca fechada e as pernas abertas e vamos dar-nos magnificamente os dois. — Deitou-lhe um olhar de esguelha, na esperança de ver um pouco de medo, mas tudo o que ela lhe mostrou foi repugnância. *Ninguém teme um anão*. Nem mesmo o Lorde Tywin tivera medo, apesar de Tyrion ter uma besta nas mãos.

— Gemes quando estás a ser fodida? — perguntou à aquecedora de cama.

— Se aprover ao senhor.

— Pode aprover ao senhor estrangular-te. Foi assim que lidei com a minha última rameira. Achas que o teu amo ia levantar objeções? Com certeza que não. Ele tem mais uma centena como tu,

mas mais ninguém como eu. — Desta vez, quando sorriu, obteve o medo que desejava.

Illyrio estava reclinado num sofá almofadado, a devorar pimentos e alho-porro que tirava de uma tigela de madeira. Tinha a testa salpicada de gotículas de suor, e os olhinhos de porco brilhavam por cima das bochechas gordas. Joias dançavam quando ele movia as mãos; ónix e opalas, olhos de tigre e turmalinas, rubis, ametistas, safiras, esmeraldas, azeviche e jade, um diamante preto e uma pérola verde. *Eu poderia viver durante anos dos anéis dele*, refletiu Tyrion, *se bem que precisasse de um cutelo para lhos tirar*.

— Vinde sentar-vos, meu pequeno amigo. — Illyrio fez-lhe sinal para que se aproximasse.

O anão trepou para uma cadeira. Era enormíssima para ele, um trono almofadado destinado a acolher as gigantescas nádegas do magíster, com grossas e resistentes pernas para lhe suportar o peso. Tyrion Lannister vivera toda a vida num mundo que era grande demais para ele, mas na mansão de Illyrio Mopatis a sensação de desproporção assumia dimensões grotescas. *Sou um rato no covil de um mamute*, refletiu, *se bem que o mamute tenha uma boa adega. Do mal, o menos*. A ideia deixou-o com sede. Pediu vinho.

Gostastes da rapariga que vos enviei? — perguntou Illyrio.

Se quisesse uma rapariga, teria pedido uma rapariga.

Se ela não conseguiu agradar...

Ela fez tudo o que lhe foi pedido.

Espero que sim. Foi treinada em Lys, onde transformam o amor em arte. O rei gostava muito dela.

Eu mato reis, não vos disseram? — Tyrion lançou um sorriso maligno por cima da sua taça de vinho. — Não quero sobras régias.

Como quiserdes. Comamos. — Illyrio bateu palmas e apareceram criados a correr.

Começaram por um caldo de caranguejo e tamboril, e também sopa fria de lima com ovo. Depois vieram codornizes em mel, um lombo de carneiro, fígados de ganso afogados em vinho, cherovias em manteiga e leitão. Ver tudo aquilo fez Tyrion sentir-se nauseado, mas forçou-se a provar uma colher de sopa, a bem da educação, e depois de a provar ficou perdido. As cozinheiras podiam ser velhas e gordas, mas conheciam o seu ofício. Nunca comera tão bem, nem mesmo na corte.

Enquanto chupava a carne dos ossos da sua codorniz, interrogou Illyrio sobre a convocatória da manhã. O gordo encolheu os ombros.

— Há problemas no leste. Astapor caiu e Meereen também. Cidades escravagistas ghiscarianas que já eram velhas quando o mundo era novo. — O leitão já fora trinchado. Illyrio estendeu a mão para um bocado de pele, mergulhou-o num molho de ameixa e comeu-o com os dedos.

— A Baía dos Escravos é muito longe de Pentos. — Tyrion trespassou um fígado de ganso com a ponta da faca. *Não há homem mais maldito do que o assassino de parentes*, refletiu, *mas eu podia aprender a gostar deste inferno*.

— Isso é verdade — concordou Illyrio — mas um mundo é uma grande teia, e um homem não se atreve a tocar num fio que seja com medo de que todos os outros tremam. Mais vinho? — Illyrio enfiou uma pimenta na boca. — Não, uma coisa melhor. — Bateu palmas. Ao ouvir o som, um criado entrou com um prato tapado. Pousou-o na frente de Tyrion, e Illyrio debruçou-se por cima da mesa para erguer a tampa.

— Cogumelos — anunciou o magíster, enquanto o cheiro se espalhava. — Beijados com alho e banhados em manteiga. Dizem-me que o gosto é requintado. Comei um, meu amigo. Comei dois. Tyrion tinha um cogumelo negro a meio caminho da boca, mas algo na voz de Illyrio o fez parar de repente.

— Depois de vós, senhor. — Empurrou o prato na direção do anfitrião.

Não, não. — O Magíster Illyrio empurrou os cogumelos de volta. Durante um segundo, pareceu que um rapaz traquina estava a espreitar de dentro da carne inchada do queijeiro. — Depois de vós. Insisto. A cozinheira fê-los especialmente para vós.

Ah fez, foi? — recordou a cozinheira, a farinha nas suas mãos, os pesados seios cobertos de veias azuis escuras. — Isso foi gentil da parte dela, mas... não. — Tyrion voltou a pousar o cogumelo no lago de manteiga do qual emergira.

Sois demasiado desconfiado. — Illyrio sorriu através da barba amarela bifurcada. Oleada todas as manhãs para a fazer cintilar como ouro, suspeitou Tyrion. — Sois covarde? Não tinha ouvido dizer isso de vós.

Nos Sete Reinos considera-se que envenenar os hóspedes ao jantar é uma grave quebra de hospitalidade.

Aqui também. — Illyrio Mopatis estendeu a mão para a taça de vinho. — Mas quando um hóspede deseja claramente pôr fim à própria vida, bem, o anfitrião deve fazer-lhe a vontade, não? — Bebeu um gole. — O Magíster Ordello foi envenenado por um cogumelo ainda não há meio ano. A dor não é muito grande, segundo ouvi dizer. Algumas câibras nas tripas, uma dor súbita debaixo dos olhos, e acabou-se. É melhor um cogumelo do que uma espada espetada no pescoço, não é verdade? Porquê morrer com

o sabor do sangue na boca, quando podia ser manteiga e alho?

O anão estudou o prato que tinha na frente. O cheiro do alho e da manteiga fê-lo salivar. Uma parte dele desejava aqueles cogumelos, mesmo sabendo o que eram. Não era suficientemente corajoso para acolher aço frio na barriga, mas um pouco de cogumelo não seria assim tão difícil. Isso assustou-o mais do que poderia expressar.

— Estais enganado a meu respeito — ouviu-se a dizer.

— Ah sim? Interessante. Se preferis afogar-vos em vinho, dizei, e isso será feito, e depressa. Afogar-vos taça a taça gasta tanto tempo como vinho.

— Estais enganado a meu respeito — voltou Tyrion a dizer, mais alto. Os cogumelos em manteiga cintilavam à luz das lâmpadas, escuros e convidativos. — Não tenho qualquer desejo de morrer, garanto-vos. Tenho...

— A sua voz desvaneceu-se na incerteza. *Que tenho eu? Uma vida para viver? Trabalho a fazer? Filhos para criar, terras para governar, uma mulher para amar?*

— Não tendes nada — concluiu o Magíster Illyrio — mas podemos mudar isso. — Extraiu um cogumelo da manteiga e mastigou-o com vigor.

— Delicioso.

Os cogumelos não estão envenenados. — Tyrion estava irritado.

Pois não. Porque haveria eu de vos querer mal? — O Magíster Illyrio comeu outro. — Temos de mostrar um pouco de confiança, vós e eu. Vinde, comei. — Voltou a bater palmas. — Temos trabalho a fazer. O meu pequeno amigo tem de conservar as forças.

Os criados trouxeram uma garça-real recheada de figos, costeletas de vitela branqueadas com leite de amêndoa, arenques com natas, cebolas cristalizadas, queijos malcheirosos, pratos de caracóis e timos de vitela fritos, e um cisne negro na sua plumagem. Tyrion recusou o cisne, que lhe fazia lembrar um jantar com a irmã. Mas serviu-se da garça e dos arenques, e de algumas das cebolas doces. E os criados voltavam a encher-lhe a taça de vinho sempre que a esvaziava.

Bebeis bastante vinho, para um homem tão pequeno.

Matar parentes é trabalho seco. Um homem fica com sede.

Os olhos do gordo cintilaram como as pedras preciosas que tinha nos dedos.

— Há em Westeros quem diga que matar o Lorde Lannister foi meramente um bom começo.

— É melhor que não o digam ao alcance dos ouvidos da minha irmã, senão dão por si com uma língua a menos. — O anão partiu ao meio uma fatia de pão. — E é melhor que tenhais cuidado com o que dizeis sobre a minha família, magíster. Assassino de parentes ou não, continuo a ser um leão. Aquilo pareceu divertir imenso o senhor do queijo. Deu uma palmada numa coxa carnuda e disse: — Vós, os de Westeros, sois todos iguais. Coseis um animal qualquer um bocado de seda, e de repente sois todos leões, dragões ou águias. Posso trazer-vos um leão verdadeiro, meu amiguinho. O príncipe tem um grupo de leões na sua coleção. Gostaríeis de partilhar a jaula com eles? Tyrion tinha de admitir que os senhores dos Sete Reinos realmente davam demasiada importância aos seus símbolos.

— Muito bem — concedeu. — Um Lannister não é um leão. Mas continuo a ser filho do meu pai, e Jaime e Cersei são para eu matar.

— Que estranho que mencioneis a vossa bela irmã — disse Illyrio, entre caracóis. — A rainha ofereceu uma senhoria ao homem que lhe traga a vossa cabeça, por mais humilde que seja o seu

nascimento. Tyrion não esperava outra coisa.

— Se tencionais aceitar a senhoria, obrigai-a também a vos abrir as pernas. A melhor parte de mim pela melhor parte dela, um negócio justo é assim.

— Pessoalmente preferiria receber o meu peso em ouro. — O queijeiro riu-se com tanta força que Tyrion temeu que estivesse a ponto de explodir. — Todo o ouro no Rochedo Casterly, porque não? O ouro posso dar-vos — disse o anão, aliviado por não estar prestes a afogar-se numa poça de enguias e timos semi digeridos — mas o Rochedo é meu.

Precisamente. — O magíster tapou a boca e soltou um poderoso arrote. — Julgais que o Rei Stannis vo-lo daria? Ouvi dizer que ele é grande amigo da lei. O vosso irmão usa o manto branco, portanto, segundo todas as leis de Westeros, vós sois herdeiro.

— Stannis podia perfeitamente conceder-me o Rochedo Casterly —disse Tyrion — se não fosse o pequeno problema de regicídio e assassínios e parentes. Por isso, encurtar-me-ia de uma cabeça e eu já sou suficientemente curto como sou. Mas porque haveríeis de pensar que eu pretendo juntar-me ao Lorde Stannis?

— Por que outro motivo iríeis para a Muralha?

— Stannis está na Muralha? — Tyrion esfregou o nariz. — O que, pelo raio dos sete infernos, está Stannis a fazer na Muralha?

— A tremer, julgo eu. Lá em baixo, em Dorne, faz mais calor. Talvez devêsseis ter navegado para esse lado.

Tyrion estava a começar a suspeitar de que uma certa lavadeira sardenta conhecia mais da fala comum do que fingira.

— Calha que a minha sobrinha Myrcella está em Dorne. E tenho cá uma ideiazinha de fazer dela rainha.

Illyrio sorriu enquanto os criados serviam a ambos tigelas de cerejas negras.

— Que vos fez essa pobre criança para desejardes a sua morte?

— Nem mesmo um assassino de parentes é obrigado a matar *todos* os seus parentes — disse Tyrion, magoado. — Eu falei em coroá-la, não em matá-la. O queijeiro encheu uma colher de cerejas e levou-a à boca.

— Em Volantis usa-se uma moeda com uma coroa de um lado e a cabeça da morte do outro. Mas é a mesma moeda. Coroá-la é matá-la. Dorne pode erguer-se por Myrcella, mas Dorne sozinho não chega. Se sois tão esperto como o nosso amigo insiste que sois, sabeis disso.

Tyrion olhou para o gordo com um novo interesse. *Ele tem razão numa coisa e na outra. Coroá-la é matá-la. E eu sabia disso.*

— Tudo o que me resta são gestos fúteis. Este, pelo menos, faria a minha irmã chorar lágrimas

amargas. O Magíster Illyrio limpou creme da boca com as costas da mão gorda.

— A estrada para o Rochedo Casterly não passa por Dorne, meu pequeno amigo. E também não passa à sombra da Muralha. Mas essa estrada existe, digo-vos eu.

— Estou acusado de traição, de regicídio e de assassinio de parentes. — Aquela conversa sobre estradas aborrecia-o. *Julgará ele que isto é um jogo?*

— O que um rei faz, outro pode desfazer. Em Pentos temos um príncipe, meu amigo. Ele preside aos bailes e às festas e anda pela cidade num palanquim de ouro e marfim. Três arautos seguem à sua frente com a balança dourada do comércio, a espada de ferro da guerra, e o chicote de pratada justiça. No primeiro dia de cada novo ano, ele tem de desflorar a donzela dos campos e a donzela dos mares. — Illyrio inclinou-se para a frente, de cotovelos apoiados na mesa. — Mas se uma colheita falhar ou uma guerra for perdida, cortamos lhe a garganta para apaziguar os deuses e escolhemos um novo príncipe de entre as quarenta famílias.

— Fazei-me lembrar para nunca me tornar Príncipe de Pentos.

— Serão os vossos Sete Reinos assim tão diferentes? Não há paz em Westeros, não há justiça, não há fé... e muito em breve não haverá comida. Quando os homens passam fome e estão doentes de medo, procuram um salvador.

— Podem procurar, mas se tudo o que encontrarem for Stannis...

— Stannis não. Nem Myrcella. — O sorriso amarelo alargou-se. — *Outro*. Mais forte do que Tommen, mais gentil do que Stannis, com melhor pretensão do que a jovem Myrcella. Um salvador vindo do outro lado do mar para ligar as feridas do ensanguentado Westeros.

Belas palavras. — Tyrion não estava impressionado. — Palavras são vento. Quem é o raio desse salvador?

Um dragão. — O queijeiro viu a expressão no rosto de Tyrion ao ouvir aquilo e riu-se. — Um dragão com três cabeças.

DAENERYS

Conseguia ouvir o morto a subir as escadas. O som lento e medido dos passos aproximava-se à sua frente, ecoando por entre os pilares purpúreos do seu salão. Daenerys Targaryen aguardava-o sentada no banco de ébano que adotara como trono. Os seus olhos estavam suaves de sono, o cabelo de um louro prateado estava todo despenteado.

Vossa Graça — disse Sor Barristan Selmy, o Senhor Comandante da sua Guarda Real — não há necessidade de verdes isto.

Ele morreu por mim. — Dany apertou ao peito a pele de leão. Por baixo, uma simples túnica de linho cobria-a até meio das coxas. Estava a sonhar com uma casa com uma porta vermelha quando Missandei a acordara. Não houvera tempo para se vestir.

Khaleesi — sussurrou Irri — não deveis tocar no morto. Tocar nos mortos dá azar.

Menos os que fostes vós a matar. — Jhiqui tinha ossos maiores do que Irri, e possuía ancas largas e seios pesados. — Isso é sabido.

— É sabido — concordou Irri.

Os dothraki eram sábios no que dizia respeito a cavalos, mas conseguiam ser completos tolos em quase tudo o resto. *E além disso, elas não passam de raparigas.* As aias tinham a mesma idade que ela; mulheres feitas na aparência, com cabelos negros, pele acobreada e olhos amendoados, mas apesar disso raparigas. Tinham-lhe sido dadas quando se casara com Khal Drogo. Fora Drogo que lhe dera a pele que usava, a cabeça e pele de um *hrakkar*, o leão branco do mar dothraki. Era grande demais para ela, e tinha um cheiro mofado, mas fazia-a sentir-se como se o seu sol-e-estrelas ainda estivesse perto de si.

Verme Cinzento apareceu primeiro no topo dos degraus, com um archote na mão. O seu capacete de bronze estava encimado por três espigões. Atrás dele seguiam quatro dos seus Imaculados, trazendo o morto ao sombrio. Os capacetes deles tinham um só espigão, e as caras mostravam tão pouco que podiam ter sido também moldadas em bronze. Depuseram o cadáver a seus pés. Sor Barristan afastou o sudário manchado de sangue. Verme Cinzento baixou o archote para ela conseguir ver.

A cara do morto era lisa e sem pelos, embora as bochechas lhe tivessem sido cortadas de orelha a orelha. Fora um homem alto, de olhos azuis e rosto claro. *Algum filho de Lys ou da velha Volantis, arrancado a um navio por corsários e vendido como escravo na rubra Astapor.* Embora tivesse os olhos abertos, eram as feridas que sangravam. Havia mais feridas do que conseguia

contar.

— Vossa Graça — disse Sor Barristan — estava uma harpia desenhada nos tijolos no beco onde ele foi encontrado...

— ... desenhada em sangue. — Por aquela altura já Daenerys sabia como as coisas eram. Os Filhos da Harpia faziam a carnificina à noite, e por cima de cada morto deixavam a sua marca. — Verme Cinzento, porque estava este homem sozinho? Não tinha parceiro? — Por ordem sua, quando os Imaculados percorriam as ruas de Meereen à noite caminhavam sempre aos pares.

— Minha rainha — respondeu o capitão — o vosso criado Escudo Vigoroso não tinha deveres a cumprir ontem à noite. Tinha ido a... a um certo lugar... para beber, e obter companhia.

Um certo lugar? Que queres dizer?

Uma casa de prazer, Vossa Graça.

Um bordel. Metade dos seus libertos eram de Yunkai, onde os Sábios Mestres tinham sido afamados por treinar escravos de cama. *O caminho dos sete suspiros.* Bordéis tinham brotado como cogumelos por toda a Meereen. *Não sabem fazer mais nada. Precisam de sobreviver.* A comida era mais cara todos os dias, enquanto o preço da carne diminuía. Sabia que nos bairros mais pobres, entre as pirâmides de degraus da nobreza escravagista de Meereen, havia bordéis que satisfaziam todos os gostos eróticos concebíveis. *Mesmo assim...*

— O que podia um eunuco esperar encontrar num bordel?

— Mesmo aqueles que não dispõem dos órgãos de um homem podem ainda ter o coração de um, Vossa Graça — disse o Verme Cinzento. — Foi dito a este que o vosso criado Escudo Vigoroso dava por vezes dinheiro às mulheres dos bordéis para se deitarem com ele e abraçá-lo.

O sangue do dragão não chora.

Escudo Vigoroso — disse, de olhos secos. — Era esse o nome dele?

Se aprover a Vossa Graça.

— É um belo nome. — Os Bons Mestres de Astapor nem sequer autorizavam que os seus soldados escravos tivessem nomes. Alguns dos Imaculados de Dany tinham reclamado os seus nomes de nascença depois de ela os libertar; outros haviam escolhido novos nomes para si. — Sabe-se quantos atacantes caíram sobre Escudo Vigoroso?

— Este não sabe. Muitos.

— Seis ou mais — disse Sor Barristan. — Pelo aspecto dos seus ferimentos, atacaram-no por todos os lados. Foi encontrado com a bainha vazia. Pode ter ferido alguns dos seus atacantes.

Dany rezou em silêncio para que algures um dos Filhos da Harpia estivesse a morrer naquele momento, agarrado à barriga e contorcendo-se de dor.

— Porque foi que lhe cortaram as bochechas desta maneira?

— Graciosa rainha — disse Verme Cinzento — os seus atacantes tinham enfiado os órgãos

genitais de um bode pela goela abaixo do vosso criado Escudo Vigoroso. Este removeu-os antes de o trazer para aqui.

Não puderam meter-lhe na boca os seus próprios órgãos genitais. Os astapori não lhe deixaram nem a raiz nem o caule.

— Os Filhos estão a tornar-se mais ousados — observou Dany. Até agora tinham limitado os ataques a libertos desarmados, abatendo-os nas ruas ou assaltando as suas casas a coberto da noite para os assassinar nas camas. — Este é o primeiro dos meus soldados que mataram.

— O primeiro — avisou Sor Barristan — mas não será o último.

Continuo em guerra, compreendeu Dany, *só que agora estou a combater sombras*. Esperara obter uma pausa na matança, para passar algum tempo a construir e a sarar.

Encolhendo-se para fora da pele de leão, ajoelhou ao lado do cadáver e fechou os olhos do morto, ignorando o arquejo de Jhiqui.

— O Escudo Vigoroso não será esquecido. Manda lavá-lo e vesti-lo para a batalha e enterra-o com capacete, escudo e lanças.

— Será como Vossa Graça ordena — disse o Verme Cinzento.

— Envia homens ao Templo das Graças e pergunta se algum homem procurou as Graças Azuis com um ferimento de espada. E passa palavra deque eu pagarei bom ouro pela espada curta de Escudo Vigoroso. Interroga os carneiros e os pastores, e informa-te sobre quem tem andado a castrar bodes nos últimos tempos. — Era possível que algum pastor confessasse.

— De hoje em diante, nenhum dos meus homens caminha sozinho depois de escurecer.

— Estes obedecerão. Daenerys empurrou o cabelo para trás.

— Encontra-me esses covardes. Encontra-os para que eu possa ensinar aos Filhos da Harpia o que significa despertar o dragão. Verme Cinzento saudou-a. Os seus Imaculados voltaram a fechar o sudário, puseram o morto aos ombros e levaram-no do salão. Sor Barristan Selmy ficou para trás. O seu cabelo era branco e havia rugas nos cantos dos olhos azuis claros. Mas as costas continuavam direitas e os anos ainda não lhe tinham roubado a perícia com as armas.

— Vossa Graça — disse — temo que os vossos eunucos sejam pouco adequados para as tarefas que lhes atribuístes.

Dany instalou-se no banco e voltou a enrolar a pele em volta dos ombros.

— Os Imaculados são os meus melhores guerreiros.

Soldados, não guerreiros, se aprouver a Vossa Graça. Foram feitos para o campo de batalha, para ficarem ombro a ombro por trás dos escudos com as lanças espetadas na sua frente. O treino que têm ensina-lhes a obedecer, sem medo, com perfeição, sem um pensamento ou uma hesitação... não a descobrir segredos ou a fazer perguntas.

Cavaleiros servir-me-iam melhor? — Selmy estava a treinar cavaleiros para ela, ensinando os filhos de escravos a combater com lança e espada longa ao jeito de Westeros... mas de que serviriam lanças contra covardes que matavam a partir das sombras?

Nisto, não — admitiu o velho. — E Vossa Graça não tem cavaleiros, exceto eu. Passar-se-ão anos antes que os rapazes estejam preparados.

Então quem, se não forem Imaculados? Dothraki seriam ainda piores. — Os dothraki combatiam de cima de cavalos. Homens montados eram mais úteis em campos abertos e colinas do que nas ruas e vielas estreitas da cidade. Para lá das muralhas de tijolos multicoloridos de Meereen, o domínio de Dany era, no máximo, ténue. Milhares de escravos ainda labutavam nas vastas propriedades nas colinas, cultivando trigo e azeitonas, pastoreando ovelhas e cabras, e minando sal e cobre. Os armazéns de Meereen possuíam um amplo abastecimento de cereais, azeite, azeitonas, fruta seca e carne salgada, mas as reservas estavam a diminuir. Por conseguinte, Dany enviara o seu minúsculo khalasar para subjugar o interior, sob

o comando dos seus três companheiros de sangue, enquanto Ben Plumm levava os Segundos Filhos para sul, a fim de se manter de guarda contra incursões yunkaitas.

A tarefa mais crucial de todas fora confiada a Daario Naharis, o verboso Daario com o seu dente de ouro e barba cortada em tridente, lançando

o seu sorriso malvado através de pelos purpúreos. Para lá das colinas orientais estendia-se uma cordilheira de montanhas arredondadas de arenito, o Passo de Khyzai e Lhazar. Se Daario conseguisse convencer os lhazarenos a reabrir as rotas comerciais terrestres, poder-se-ia comprar cereais a jusante do rio ou atrás das colinas, conforme fosse necessário... mas os Homens Ovelhas não tinham qualquer motivo para amar Meereen.

— Quando os Corvos Tormentosos regressarem de Lhazar, talvez possa usá-los nas ruas — disse a Sor Barristan — mas até lá só temos os Imaculados. — Dany levantou-se. — Tendes de me perdoar, sor. Os peticionários estarão em breve aos meus portões. Tenho de envergar as minhas orelhas de abano e transformar-me outra vez na sua rainha. Chamai Reznak e o Tolarrapada, recebo-os assim que estiver vestida.

— Às ordens de Vossa Graça. — Selmy fez uma reverência.

A Grande Pirâmide penetrava duzentos e cinquenta metros no céu, da enorme base quadrada

até ao majestoso ápice onde a rainha tinha os seus aposentos privados, rodeados de vegetação e lagoas perfumadas. Quando uma aurora fresca e azul rompeu sobre a cidade, Dany saiu para o terraço. Para oeste, a luz do sol resplandecia nas cúpulas douradas do Templo das Graças, e desenhava profundas sombras por trás das pirâmides de degraus dos poderosos. *Em algumas daquelas pirâmides, os Filhos da Harpia estão a planejar novos assassinios neste mesmo momento, e eu estou impotente para lhes pôr travão.*

Viserion sentiu a sua inquietação. O dragão branco estava deitado, enrolado em volta de uma pereira, com a cabeça pousada na cauda. Quando Dany passou por ele, os olhos abriram-se-lhe, duas lagoas de ouro derretido. Os cornos também eram dourados, bem como as escamas que lhe cobriam o dorso, da cabeça à cauda.

És um preguiçoso — disse-lhe ela, coçando-o sob o maxilar. As escamas do animal estavam quentes ao toque, como uma armadura deixada durante demasiado tempo ao sol. Os *dragões são fogo feito carne*. Lera aquilo num dos livros que Sor Jorah lhe dera como presente de casamento.

Devias estar a caçar com os teus irmãos. Tu e Drogon andaram outra vez à luta? — Nos últimos tempos, os dragões estavam a ficar violentos. Rhaegal tentara morder Irri, e Viserion incendiara o *tokar* de Reznak da última vez que o senescal a visitara. *Deixei-os demasiado tempo sozinhos, mas onde arranjo tempo para eles?*

A cauda de Viserion deu uma chicotada para o lado, batendo com tanta força no tronco da árvore que uma pera caiu e foi aterrar aos pés de Dany. As asas desdobraram-se-lhe, e ele subiu ao parapeito, meio voando, meio saltando. *Está a crescer*, pensou ela quando o dragão se lançou para o céu. *Estão os três a crescer. Em breve serão suficientemente grandes para suportar o meu peso.* Nessa altura, voaria como Aegon, o Conquistador, voara, para cima e mais para cima, até Meereen ficar tão pequena que poderia tapá-la com o polegar.

Ficou a observar Viserion subir em círculos cada vez mais largos até se perder de vista para lá das águas lamacentas do Skahazadhan. Só depois regressou para dentro da pirâmide, onde Irri e Jhiqui estavam à espera para lhe desfazer os nós do cabelo e a vestir como era próprio da Rainha de Meereen, com um *tokar* ghiscariano.

O trajo era uma coisa desajeitada, um longo lençol solto e sem forma que tinha de ser enrolado em volta das ancas, por baixo de um braço e por sobre um ombro, escalando e exibindo cuidadosamente as suas fímbrias pendentes. Enrolado com demasiada largueza, era provável que caísse; demasiado apertado emaranhava-se, fazia tropeçar e limitava os movimentos. Mesmo enrolado de forma apropriada, o *tokar* exigia que quem o usava o mantivesse no lugar com a mão esquerda. Caminhar com um *tokar* obrigava a dar passos pequenos e afetados e a um equilíbrio refinado para não se pisar uma dessas pesadas fímbrias. Não era peça de vestuário destinada a

qualquer homem que tivesse de trabalhar. O *tokar* era um traje de *amo*, um sinal de riqueza e poder.

Dany quisera banir o *tokar* quando capturara Meereen, mas os seus conselheiros tinham-na convencido do contrário.

— A Mãe de Dragões deve envergar o *tokar* ou ser odiada para sempre — avisara a Graça Verde, Galazza Galare. — Com as lãs de Westeros ou um vestido de renda de Myr, Vossa Radiância permanecerá para sempre uma estranha entre nós, uma estrangeira grotesca, uma conquistadora bárbara. A rainha de Meereen tem de ser uma senhora da Velha Ghis. O Ben Castanho Plumm, o capitão dos Segundos Filhos, colocara o problema de forma mais sucinta.

— Homem que queira ser rei dos coelhos é bom que use um par de orelhas de abano.

As orelhas de abano que escolheu naquele dia eram feitas de puro linho branco, com uma fímbria de borlas douradas. Com a ajuda de Jhiqui, enrolou corretamente o *tokar* em volta de si à terceira tentativa. Irri foi lhe buscar a coroa, esculpida na forma do dragão de três cabeças da sua Casa. O seu corpo serpentino era de ouro, as asas de prata, as três cabeças de marfim, ónix e jade. O pescoço e ombros de Dany ficariam hirtos e doloridos devido ao seu peso antes de o dia terminar. *Uma coroa não deve ser fácil de trazer na cabeça.* Um dos seus reais antepassados dissera aquilo uma vez. *Algum Aegon, mas qual deles?* Cinco Aegons tinham governado os Sete Reinos de Westeros. Teria havido um sexto, mas os cães do Usurpador tinham matado o filho do irmão de Dany quando não passava de um bebê de peito. *Se ele tivesse sobrevivido, podia ter-me casado com ele. Aegon estaria mais perto da minha idade do que Viserys.* Dany só fora concebida depois de Aegon e a irmã terem sido assassinados. O pai de ambos, o seu irmão Rhaegar, perecera ainda mais cedo, morto pelo Usurpador no Tridente. O irmão Viserys morrera aos gritos em Vaes Dothrak com uma coroa de ouro derretido na cabeça. *Também me matarão se eu o permitir. As facas que mataram o meu Escudo Vigoroso destinavam-se a mim.*

Não esquecera as crianças escravas que os Grandes Mestres tinham pregado ao longo da estrada de Yunkai. Tinham somado cento e sessenta e três, uma criança por cada milha, pregadas a marcos miliários com um braço esticado para lhe indicar o caminho. Depois de Meereen cair, Dany pregara um número semelhante de Grandes Mestres. Enxames de moscas tinham acompanhado as suas lentas mortes, e o fedor permanecera durante muito tempo na praça. Mas havia dias em que temia não ter ido suficientemente longe. Aqueles meereeneses eram um povo matreiro e teimoso que lhe resistia a cada passo. Tinham libertado os escravos, sim... só para os voltarem a contratar como criados pagando-lhes salários tão baixos que a maioria mal se podia dar ao luxo de comer. Os velhos ou novos demais para serem úteis tinham sido atirados para as ruas, com os enfermos e os aleijados. E, ainda por cima, os Grandes Mestres reuniam-se no topo das suas imponentes pirâmides para se queixarem de como a rainha dos dragões lhes enchera a nobre cidade com hordas de pedintes imundos, de ladrões e de rameiras.

Para governar Meereen tenho de conquistar os meereeneses, por mais que os possa desprezar.

— Estou pronta — disse a Irri. Reznak e Skahaz aguardavam no topo das escadas de mármore.

— Grande rainha — declarou Reznak mo Reznak — estais hoje tão radiosa que temo olhar-vos. — O senescal usava um *tokar* de seda castanha com fímbria dourada. Homem pequeno e húmido, cheirava como se se tivesse banhado em perfume e falava uma forma abastardada de alto valiriano, muito corrompida e temperada com um denso rosnido ghiscariano.

— Sois gentil por o dizerdes — respondeu Dany, na mesma língua.

— Minha rainha — rosnou Skahaz mo Kandaq, o da cabeça rapada. O cabelo ghiscariano era denso e crespo; há muito que a moda dos homens das Cidades Escravagistas era penteá-lo em cornos, espigões e asas. Ao rapá-lo, Skahaz pusera a velha Meereen para trás das costas a fim de aceitara nova, e a sua família fizera o mesmo, seguindo-lhe o exemplo. Outros se seguiram, embora Dany não soubesse dizer se teria sido por medo, moda ou ambição; chamavam-lhes *tolarrapadas*. Skahaz era o *Tolarrapada*... e o mais vil dos traidores para os Filhos da Harpia e os da sua laia. — Fomos informados sobre o eunuco.

— O nome dele era Escudo Vigoroso.

— Mais morrerão, a menos que os assassinos sejam punidos. — Mesmo com a cabeça rapada, Skahaz tinha uma cara odiosa; uma testa proeminente, olhos pequenos com pesadas olheiras por baixo, um grande nariz escurecido por pontos negros, pele oleosa que parecia mais amarela do que

o âmbar habitual dos ghiscarianos. Era uma cara sem rodeios, brutal e zangada. Só podia rezar para que fosse também uma cara honesta.

Como é que os puno se não sei quem eles são? — perguntou-lhe Dany. — Dizei-me, ousado Skahaz.

Não tendes falta de inimigos, Vossa Graça. Vedes as suas pirâmides do vosso terraço. Zhak, Hazkar, Ghazeen, Merreq, Loraq, todas as velhas famílias escravagistas. Pahl. Acima de tudo, Pahl. Agora uma casa de mulheres. Velhas amargas com gosto por sangue. As mulheres não esquecem. As mulheres não perdoam.

Pois não, pensou Dany, e os cães do Usurpador ficarão a saber disso quando eu voltar a Westeros. Era verdade que havia sangue entre ela e a casa de Pahl. Oznak zo Pahl fora abatido por Belwas, o Forte, em combate singular. O pai, comandante da patrulha de cidade de Meereen, morrera a defender os portões quando o pau de Joso os fizera em lascas. Três tios tinham estado entre os cento e sessenta e três da praça.

— Quanto ouro oferecemos por informações a respeito dos Filhos da Harpia? — perguntou.

Cem honras, se agradar a Vossa Radiância.

Mil honras agradar-nos-iam mais. Fazei com que assim seja.

— Vossa Graça não pediu o meu conselho — disse Skahaz Tolarrapada — mas eu digo que o sangue deve ser pago com sangue. Prendei um homem de cada uma das famílias que nomeei e matai-o. Da próxima vez que um dos vossos for morto, prendei dois de cada grande casa e matai-os a ambos. Não haverá um terceiro assassínio. Reznak guinchou de aflição.

— Nããããã... gentil rainha, uma tal selvajaria atrairá a ira dos deuses. Nós vamos encontrar os assassinos, prometo-vos, e quando o fizermos eles revelar-se-ão escumalha plebeia, vereis.

O senescal era tão careca como Skahaz, se bem que no seu caso fossem os deuses os responsáveis.

— Se algum cabelo tiver a insolência de aparecer, o meu barbeiro tem a navalha pronta — assegurara-lhe quando ela o promovera. Havia alturas em que Dany perguntava a si própria se essa navalha não poderia ser melhor empregue na garganta de Reznak. O homem era útil, mas gostava pouco dele e confiava ainda menos. Os Imorredouros de Qarth tinham-lhe dito que seria traída três vezes. Mirri Maz Duur fora a primeira, Sor Jorah o segundo. Seria Reznak o terceiro? O Tolarrapada? Daario? *Ou será alguém de quem nunca suspeitaria, Sor Barristan ou o Verme Cinzento ou Missandei?*

— Skahaz — disse ela ao Tolarrapada — agradeço-vos pelo vosso conselho. Reznak, vede o que mil honras são capazes de fazer. — Agarrando o seu *tokar*, Daenerys passou por ambos a passos largos, descendo alarga escada de mármore. Deu um passo de cada vez, para não tropeçar na fímbria e cair de cabeça na corte.

Missandei anunciou-a. A pequena escriba tinha uma voz suave e forte.

— Ajoelhai todos para Daenerys Filha da Tormenta, a Não-Queimada, *Rainha de Meereen, Rainha dos Ándalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens, Khaleesi do Grande Mar de Erva, Quebradora de Correntes e Mãe de Dragões.*

O salão enchera-se. Imaculados estavam de costas viradas para os pilares, com escudos e lanças nas mãos, com os espigões nos capacetes a espetarem-se para cima como uma fila de facas. Os meereeneses tinham-se reunido sob as janelas orientais. Os seus libertos estavam bem separados dos antigos amos. *Até que se juntem, Meereen não conhecerá paz.*

— Erguei-vos. — Dany instalou-se no banco. O salão ergueu-se. *Pelo menos isto fazem como um só.*

Reznak mo Reznak tinha uma lista. O costume exigia que a rainha começasse pelo emissário de Astapor, um antigo escravo que chamava a si próprio Lorde Ghael, se bem que ninguém parecesse saber de que seria ele senhor.

O Lorde Ghael tinha uma boca cheia de dentes castanhos e apodrecidos e a cara pontiaguda e amarela de uma doninha. Também tinha um presente.

— Cleon, o Grande, envia estes chinelos como sinal do seu amor por Daenerys Filha da Tormenta,

a Mãe de Dragões.

Irri enfiou os chinelos nos pés de Dany. Eram de couro dourado, decorados com pérolas verdes de água doce. *Será que o rei carnicheiro julga que um par de chinelos bonitos conquistará a minha mão?*

— O Rei Cleon é muito generoso. Podeis agradecer-lhe por este adorável presente. — *Adorável, mas feito para uma criança.* Dany tinha pés pequenos, mas os chinelos pontiagudos comprimiam lhe os dedos.

— O Grande Cleon ficará contente por saber que eles vos agradaram

— disse o Lorde Ghael. — Sua Magnificência pede-me para dizer que está pronto para defender a Mãe dos Dragões de todos os seus inimigos.

Se ele voltar a propor que eu me case com o Rei Cleon, atiro-lhe o chinelo à cabeça, pensou Dany mas, por uma vez, o emissário de Astapor não fez qualquer menção a um casamento real. Em vez disso, disse:

— Chegou a altura de Astapor e Meereen porem fim ao selvagem reinado dos Sábios Mestres de Yunkai, que são inimigos jurados de todos aqueles que vivem em liberdade. O Grande Cleon pede-me para vos dizer que ele e os seus novos Imaculados marcharão em breve.

Os seus novos Imaculados são uma chalaça obscena.

— O Rei Cleon seria sensato se cuidasse dos seus próprios jardins e deixasse os yunkaitas tratar dos deles. — Não se dava o caso de Dany nutrir qualquer amor por Yunkai. Estava a começar a arrepender-se de ter deixado a Cidade Amarela por tomar depois de derrotar o seu exército no campo de batalha. Os Sábios Mestres tinham regressado ao comércio de escravos assim que ela prosseguira viagem, e andavam ocupados a recrutar soldados, a contratar mercenários e a fazer alianças contra ela.

Contudo, Cleon, o autoproclamado Grande, não era melhor. O Rei Carniceiro restaurara a escravatura em Astapor, e a única mudança era os antigos escravos serem agora os amos e os antigos amos serem agora escravos.

— Eu sou só uma rapariguinha e pouco sei das coisas da guerra —disse ao Lorde Ghael — mas ouvimos dizer que Astapor está a passar fome. O Rei Cleon que alimente o seu povo antes de o levar para a batalha. — Fez um gesto de despedida. Ghael retirou-se.

— Magnificência — disse Reznak mo Reznak — quereis escutar o nobre Hizdahr zo Loraq?

Outra vez? Dany anuiu e Hizdahr avançou; um homem alto, muito esguio, com uma perfeita pele ambarina. Fez uma reverência no mesmo ponto onde o Escudo Vigoroso jazera morto não muito tempo antes. *Preciso deste homem,* lembrou Dany a si própria. Hizdahr era um mercador rico com muitos amigos em Meereen, e mais do outro lado do mar. Visitara Volantis, Lys e Qarth, tinha família em Tolos e Elyria e dizia-se mesmo que detinha alguma influência em Nova Ghis, onde os yunkaitas andavam a tentar despertar inimizade contra Dany e o seu governo.

E era rico. Famosa e fabulosamente rico.

E provavelmente ficará mais rico, se aceitar a sua petição. Quando Dany fechara as arenas de luta da cidade, o valor das quotas das arenas fora ao fundo. Hizdahr zo Loraq agarrara-as com ambas as mãos, e agora era dono da maior parte das arenas de luta de Meereen.

O nobre tinha asas de crespo cabelo negro arruivado a brotar das têmporas. Faziam com que a sua cabeça parecesse estar prestes a levantar voo. O rosto longo era tornado ainda mais longo por uma barba presa por anéis de ouro. O seu *tokar* purpúreo estava fimbriado com ametistas e pérolas.

— Vossa Radiância deve saber por que motivo estou aqui.

— Ora, deve ser porque não tendes outro objetivo a não ser atormentar-me. Quantas vezes vos disse que não?

Cinco vezes, Magnificência.

Agora são seis. Não aceito que as arenas de combate reabram.

Se Vossa Majestade ouvir os meus argumentos...

Já ouvi. Cinco vezes. Trouxestes argumentos novos?

— Argumentos velhos — admitiu Hizdahr — palavras novas. Palavras adoráveis e corteses, mais capazes de influenciar uma rainha.

— É a vossa causa que me parece em falta, não as vossas cortesias. Já ouvi tantas vezes os vossos argumentos que eu própria poderia defender o vosso caso. Quereis que o faça? — Dany inclinou-se para a frente. — As arenas de combate fizeram parte de Meereen desde que a cidade foi fundada. A natureza dos combates é profundamente religiosa, um sacrifício de sangue aos deuses de Ghis. A *arte mortal* de Ghis não é mera carnificina, mas uma exibição de coragem, perícia e força que muito agrada aos vossos deuses. Combatentes vitoriosos são animados e aclamados, e os mortos são honrados e lembrados. Reabrindo as arenas eu mostraria ao povo de Meereen que respeito as suas tradições e costumes. As arenas são muito afamadas pelo mundo fora. Atraem comércio a Meereen, e enchem os cofres da cidade com moedas vindas dos cantos da terra. Todos os homens partilham um gosto por sangue, um gosto que as arenas ajudam a saciar. Dessa forma, tornam Meereen mais tranquila. Para criminosos condenados a morrer na areia, as arenas representam um julgamento pela batalha, uma última hipótese de um homem provar a sua inocência. — Voltou ar encostar-se, empinando o nariz. — Pronto. Que tal me saí?

— Vossa Radiância defendeu o caso muito melhor do que eu poderia esperar fazê-lo. Vejo que sois tão eloquente como bela. Estou perfeitamente convencido.

Dany teve de rir.

— Ah, mas eu não estou.

— Magnificência — sussurrou-lhe Reznak mo Reznak ao ouvido — é costume que a cidade exija um décimo de todos os lucros das arenas de combate, depois de despesas, como imposto. Esse dinheiro podia ser utilizado para muitos fins nobres.

— Pois podia... se bem que, se *fôssemos* reabrir as arenas, devíamos recolher o nosso décimo *antes* de despesas. Eu sou só uma rapariguinha e pouco sei de tais assuntos, mas habitei durante tempo suficiente com Xaro Xhoan Daxos para aprender isso. Hizdahr, se conseguísseis reunir exércitos como reúne argumentos, poderíeis conquistar o mundo... mas a minha resposta continua a ser *não*. Pela sexta vez.

— A rainha falou. — O homem voltou a fazer uma reverência, tão profunda como antes. As suas pérolas e ametistas matraquearam suavemente no chão de mármore. Hizdahr zo Loraq era um homem muito flexível.

Podia ser bonito, se não fosse aquele cabelo pateta. Reznak e a Graça Verde tinham andado a insistir com Dany para tomar um nobre meereenês como marido, a fim de reconciliar a cidade com o seu governo. Hizdahrzo Loraq podia ser digno de ser examinado com atenção. *Antes ele do que Skahaz.* O Tolarrapada oferecera-se para pôr de lado a mulher por ela, mas a ideia fazia-a estremecer. Hizdahr pelo menos sabia como sorrir.

— Magnificência — disse Reznak, consultando a lista — o nobre Grazdan zo Galare deseja falar-vos. Quereis escutá-lo?

— Terei todo o prazer — disse Dany, admirando a cintilação do ouro e o brilho das pérolas negras nos chinelos de Cleon enquanto fazia os possíveis para ignorar o apertão nos dedos. Fora avisada de que Grazdan era primo da Graça Verde, cujo apoio achara inestimável. A sacerdotisa era uma voz de paz, aceitação e obediência à legítima autoridade. *Posso conceder ao primo uma audiência respeitosa, seja o que for que ele deseje.*

O que ele desejava revelou ser ouro. Dany recusara-se a compensar qualquer um dos Grandes Mestres pelo valor dos seus escravos, mas os meereeneses não paravam de conceber outras maneiras de espremer moedas do seu bolso. Segundo parecia, o nobre Grazdan fora em tempos dono de uma escrava que era uma tecedeira muito boa; os frutos do seu tear eram muito apreciados, não só em Meereen, mas em Nova Ghis, Astapor e Qarth. Quando essa mulher envelhecera, Grazdan comprara meia dúzia de raparigas e ordenara à velha que as instrísse nos segredos do seu ofício. A velha estava agora morta. As novas, libertadas, tinham aberto uma loja perto da muralha do porto para vender tecidos. Grazdan zo Galare pedia que lhe fosse outorgada uma porção dos seus lucros.

— Elas devem a mim a sua perícia — insistia. — Fui eu quem as arrancou ao recinto de leilões e as entregou ao tear.

Dany escutou em silêncio, com a cara imóvel. Quando ele terminou, disse:

— Como se chamava a velha tecedeira?

A escrava? — Grazdan mudou o peso de um pé para o outro, franzindo o sobrolho. — Era... talvez fosse Elza. Ou Ella. Morreu há seis anos. Fui dono de tantos escravos, Vossa Graça.

Digamos que era Elza. Eis a nossa decisão. Das raparigas, não obtereis nada. Foi Elza, não

vós, quem lhes ensinou a tecer. De vós, as raparigas obterão um tear novo, o melhor que o dinheiro possa comprar. Isto é por vos esquecerdes do nome da velha.

Reznak teria chamado em seguida outro *tokar*, mas Dany insistiu para que chamasse um liberto. Daí em diante foi alternando entre os antigos amos e os antigos escravos. Eram mais do que muitos os assuntos que eram trazidos à sua consideração envolvendo reparações. Meereen fora brutalmente saqueada depois da queda. As pirâmides de degraus dos poderosos haviam sido poupadas ao pior das pilhagens, mas as partes mais humildes da cidade tinham sido entregues a uma orgia de saque e morte quando os escravos da cidade se revoltaram e as hordas esfomeadas que a seguiram desde Yunkai e Astapor jorraram através dos portões quebrados. Os seus Imaculados tinham acabado por restaurar a ordem, mas o saque deixara na sua esteira uma praga de problemas. E por esse motivo, eles vinham falar com a rainha.

Apareceu uma mulher rica, cujo marido e filhos tinham morrido a defender as muralhas da cidade. Durante o saque fugira para junto do irmão, com medo. Quando regressara, descobrira que a sua casa fora transformada num bordel. As rameiras tinham-se adornado com as suas joias e roupas. Queria a casa de volta e as joias também.

— Elas podem ficar com a roupa — concedeu. Dany atribuiu-lhe as joias, mas determinou que a casa fora perdida quando ela a abandonara.

Apareceu um antigo escravo, para acusar um certo nobre do Zhak. O homem tomara recentemente como esposa uma liberta que fora a aquecedora de cama do nobre antes de a cidade cair. O nobre tirara-lhe a virgindade, usara-a para seu prazer e deixara-a grávida. O novo marido queria que o nobre fosse castrado pelo crime de violação, e desejava também uma bolsa de ouro, para lhe pagar por criar o bastardo do nobre como seu. Dany concedeu-lhe o ouro, mas não a castração.

— Quando se deitou com ela, a tua mulher era propriedade dele, para fazer com ela o que quisesse. Por lei, não houve qualquer violação. — Dany viu que a decisão não agradou ao homem, mas se castrasse todos os que tinham forçado uma criada de cama depressa se veria a governar uma cidade de eunucos.

Apareceu um rapaz, mais novo do que Dany, franzino e com cicatrizes, vestido com um *tokar* cinzento e puído que arrastava uma fímbria de prata. A voz quebrou-se-lhe quando falou de como dois dos escravos domésticos do pai se tinham revoltado na noite em que o portão se quebrara. Um matara-lhe o pai, o outro o irmão mais velho. Ambos tinham violado a mãe antes de a matarem também. O rapaz escapara apenas com a cicatriz na cara, mas um dos assassinos continuava a viver na casa do pai e o outro juntara-se aos soldados da rainha como um dos Homens da Mãe. Queria vê-los a ambos enforcados.

Sou rainha de uma cidade feita de poeira e morte. Dany não teve alternativa a dizer-lhe que não. Declarara um perdão geral para todos os crimes cometidos durante o saque. E não iria punir escravos por se revoltarem contra os seus amos.

Quando lhe disse, o rapaz correu para ela mas, aos seus pés, tropeçou no *tokar* e estatelou-se de cabeça sobre o mármore púrpura... Belwas, o Forte, caiu imediatamente sobre ele. O enorme eunuco castanho pô-lo em pé só com uma mão e sacudiu-o como um mastim a sacudir uma ratazana.

— Basta, Belwas — gritou Dany. — Liberta-o. — Ao rapaz, disse: — Estima esse *tokar*, porque te salvou a vida. Não passas de um rapaz, portanto, vamos esquecer o que aconteceu aqui. Devias fazer o mesmo. — Mas ao sair, o rapaz olhou-a por sobre o ombro, e quando lhe viu os olhos, Dany pensou: *a harpia tem mais um filho.*

Pelo meio-dia, Daenerys já sentia o peso da coroa na cabeça e a dureza do banco sob o corpo. Com tantas pessoas ainda a aguardar a sua vontade, não parou para comer. Mandou Jhiqui trazer das cozinhas uma bandeja de pão folha, azeitonas, figos e queijo. Foi mordiscando enquanto

escutava, bebendo de uma taça de vinho aguado. Os figos eram bons, as azeitonas ainda melhores, mas o vinho deixou-lhe um travo amargo e metálico na boca. As uvas pequenas e de um amarelo claro, nativas daquelas regiões, produziam colheitas de qualidade notavelmente inferior. *Teremos de fazer comércio de vinho.* Além do mais, os Grandes Mestres tinham queimado os melhores pomares quando queimaram as oliveiras.

À tarde, apareceu um escultor, propondo substituir a cabeça da grande harpia de bronze na Praça da Purificação por outra moldada à imagem de Dany. Ela negou com o máximo de cortesia que conseguiu reunir. Um lúcio de um tamanho sem precedentes fora apanhado no Skahazadhan, e o pescador desejava oferecê-lo à rainha. Dany admirou o peixe com extravagância, recompensou o pescador com uma bolsa de prata e mandou o lúcio para as cozinhas. Um caldeireiro fizera-lhe uma armadura de anéis polidos para levar para a guerra. Aceitou-o com agradecimentos exagerados; era magnífico de contemplar, e todo aquele cobre polido relampejaria lindamente ao sol, embora preferisse estar vestida de aço se houvesse real ameaça de batalha. Até uma rapariguinha que nada sabia dos usos da guerra sabia *isso*.

Os chinelos que o Rei Carniceiro lhe enviara tinham-se tornado demasiado desconfortáveis. Dany descalçou-os com um pontapé, e sentou-se com um pé aconchegado debaixo do seu corpo e o outro a bandear para afrente e para trás. Não era uma pose lá muito régia, mas estava farta de ser régia. A coroa deixara-a com dor de cabeça, e as nádegas tinham adormecido.

— Sor Barristan — chamou — sei de que qualidade um rei mais precisa.

— Coragem, Vossa Graça?

— Nádegas de ferro — brincou. — Não faço nada a não ser sentar-me.

— Vossa Graça chama demasiado a si. Devíeis permitir que os vossos conselheiros partilhassem mais os vossos fardos.

— Tenho conselheiros a mais e almofadas a menos. — Dany virou-se para Reznak. — Quantos faltam?

— Vinte e três, se aprover a Vossa Magnificência. Com igual número de reclamações. — O senescal consultou uns papéis. — Um vitelo e três cabras. O resto há de ser ovelhas ou carneiros, sem dúvida.

— Vinte e três. — Dany suspirou. — Os meus dragões desenvolveram um gosto prodigioso por carneiro desde que começámos a pagar aos pastores por aquilo que matam. Essas reclamações foram provadas?

— Alguns homens trouxeram ossos queimados.

— Os homens fazem fogueiras. Os homens cozinham carneiro. Ossos queimados nada provam. O Ben Castanho diz que há lobos vermelhos nas colinas fora da cidade, bem como chacais e cães selvagens. Teremos de pagar boa prata por todos os carneiros que se perdem entre Yunkai e o Skahazadhan?

— Não, Magnificência. — Reznak fez uma reverência. — Devo mandar estes patifes embora, ou quereis vê-los açoitados? Daenerys mexeu-se no banco.

— Nenhum homem deverá alguma vez ter medo de vir ter comigo.

Não duvidava de que algumas reclamações seriam falsas, mas as genuínas seriam mais. Os dragões tinham crescido demasiado para se contentarem com ratazanas, gatos e cães. *Quanto mais comerem, maiores ficarão*, avisara Sor Barristan, *e quanto maiores ficarem, mais comerão*. Drogon, em particular, vagueava até bastante longe e podia facilmente devorar uma ovelha por dia. — Pagai-lhes o valor dos seus animais — disse a Reznak — mas doravante os reclamantes terão de se apresentar no Templo das Graça se prestar um juramento sagrado perante os deuses de Ghis.

Assim será feito. — Reznak virou-se para os peticionários. — Sua Magnificência, a Rainha, consentiu em compensar cada um de vós pelos animais que perdestes — disse-lhes, na língua ghiscariana. — Apresentai-vos amanhã aos meus agentes, e sereis pagos em dinheiro ou em géneros, como preferirdes.

A proclamação foi recebida num silêncio carrancudo. *Julgar-se-ia que eles ficariam mais contentes*, pensou Dany. *Obtiveram o que vieram buscar. Não haverá maneira de agradar a esta gente?*

Um homem deixou-se ficar para trás enquanto os outros enfileiravam para sair; um homem atarracado com uma cara queimada pelo vento, andrajosamente vestido. O seu cabelo era um barrete de ásperos fios negros arruivados, cortado em volta das orelhas, e segurava numa mão um saco de pano miserável. Mantinha-se de cabeça baixa, fitando o chão de mármore como se se tivesse esquecido de onde estava. *E que quer este?* perguntou Dany a si própria.

— *Ajoelhai todos para Daenerys Filha da Tormenta, a Não-Queimada, Rainha de Meereen, Rainha dos Ándalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens, Khaleesi do Grande Mar de Erva, Quebradora de Correntes e Mãe de Dragões.* — gritou Missandei na sua voz aguda e suave.

Quando Dany se pôs em pé, o seu *tokar* começou a deslizar. Apanhou-o e voltou a pô-lo no lugar.

— Tu com o saco — chamou — querias falar conosco? Podes aproximar-te.

Quando ele ergueu a cabeça, tinha os olhos vermelhos e em carne viva como chagas abertas. Dany vislumbrou Sor Barristan a deslizar para mais perto, uma sombra branca a seu lado. O homem aproximou-se arrastando os pés como quem tropeça, um passo e depois outro, agarrando-se ao saco. *Estará bêbado ou doente?* perguntou a si própria. Havia terra por baixo das unhas rachadas e amarelas do homem.

— O que é? — perguntou Dany. — Tens alguma injustiça para nos apresentar, alguma petição a fazer? O que queres de nós?

A língua do homem passou nervosamente por lábios gretados e estalados.

Eu... eu trouxe...

Ossos? — disse ela com impaciência. — Ossos queimados? Ele ergueu o saco e derramou o seu conteúdo no mármore. E eram ossos, ossos partidos e enegrecidos. Os mais longos tinham sido partidos para a obtenção da medula.

— Foi o preto — disse o homem, com um rosnado ghiscariano — a sombra alada. Desceu do céu e... e... *Não*. Dany estremeceu. *Não, não, oh não*.

— Estás surdo, palerma? — perguntou Reznak mo Reznak ao homem. — Não ouviste a minha proclamação? Apresenta-te amanhã aos meus agentes e as ovelhas ser-te-ão pagas.

— Reznak — disse Sor Barristan em voz baixa — domina a língua e abre os olhos. Aquilo não são ossos de ovelha. *Pois não*, pensou Dany, *aquilo são os ossos de uma criança*.

O lobo branco corria através de uma floresta negra, sob um penhasco branco tão alto como o céu. A lua corria com ele deslizando através de um emaranhado de ramos nus por cima da sua cabeça, no céu estrelado.— Snow

— murmurou a Lua. O lobo não deu resposta. A neve rangia sob as suas patas. O vento suspirava por entre as árvores.

À distância, conseguia ouvir os seus companheiros de alcateia a chamá-lo, de igual para igual. Também andavam à caça. Uma violenta chuva fustigava o irmão negro enquanto ele dilacerava a carne de uma enorme cabra, lavando o sangue do seu flanco onde o longo corno da cabra o rasgara. Noutro local, a irmãzinha erguia a cabeça para cantar à Lua, e uma centena de pequenos primos cinzentos interrompiam a caçada para cantar com ela. As colinas eram mais quentes onde eles se encontravam, e estavam cheias de comida. Muitas eram as noites em que a alcateia da irmã se empanturrava com a carne de ovelhas, vacas e cavalos, as presas dos homens, e às vezes até com a carne do próprio homem.

— Snow — voltou a Lua a chamar, casquinando. O lobo branco avançou ao longo do trilho de homem por baixo do penhasco branco. Tinha sabor a sangue na língua, e os ouvidos ressoavam com a canção dos cem primos. Em tempos tinham sido seis, cinco a ganir, cegos, na neve junto da mãe morta, enquanto ele se afastava sozinho. Restavam quatro... e um deles o lobo branco deixara de conseguir detetar.

— Snow — insistiu a Lua.

O lobo branco fugiu dela, correndo na direção da gruta da noite onde o Sol se escondera, com a respiração a gelar no ar. Em noites sem estrelas, o grande penhasco era tão negro como pedra, uma escuridão que se erguia bem alto acima do vasto mundo, mas quando a Lua emergia cintilava branco e gélido como um ribeiro congelado. A pelagem do lobo era grossa e hirsuta, mas quando o vento soprava ao longo do gelo não havia pelos capazes de manter o frio afastado. O lobo sentia que do outro lado o vento era ainda mais frio. Era aí que estava o irmão, o irmão cinzento que cheirava a verão.

— Snow. — Um pingente caiu de um ramo. O lobo branco virou-se e descobriu os dentes — *Snow!* — a sua pelagem ergueu-se, eriçada, enquanto a floresta se dissolia à volta. — *Snow, snow, snow!* — Ouviu o bater de asas. Através das sombras um corvo voou.

Aterrou no peito de Jon Snow com estrondo e um raspar de garras.

— *SNOW!* — gritou-lhe na cara.

— Estou a ouvir-te. — O quarto estava escuro, a sua enxerga dura. Uma luz cinzenta infiltrava-se através das portadas, prometendo outro dia lúgubre e frio. — Era assim que acordavas o Mormont? Tira as penas da minha cara. — Jon contorceu um braço para fora das mantas para enxotar o corvo. Era um pássaro grande, velho, ousado e com mau aspecto, totalmente desprovido de medo. — *Snow* — gritou, esvoaçando até ao poste da cama. — *Snow, snow.*

— Jon encheu o punho com uma almofada e arremessou-a, mas a ave levantou voo. A almofada atingiu a parede e rebentou, espalhando enchimento por todo o lado no preciso momento em que a cabeça de Edd Tollett assomava na porta.

— Perdão — disse, ignorando a confusão de penas — devo ir buscar um pouco de pequeno-almoço para o senhor?

— *Grão* — gritou o corvo. — *Grão, grão.*

— Corvo assado — sugeriu Jon. — E meio quartilho de cerveja. — Ter um intendente para lhe ir buscar coisas e o servir ainda lhe parecia estranho; não havia muito tempo, teria sido ele a ir buscar o pequeno-almoço para o Senhor Comandante Mormont.

— Três grãos e um corvo assado — disse o Edd Doloroso. — Muito bem, senhor, só que o Hobb fez ovos cozidos, morcela e maçãs estufadas com ameixas secas. As maçãs estufadas com ameixas estão excelentes, à parte as ameixas. Eu não como ameixas secas. Bem, houve uma altura em que o Hobb as cortou com castanhas e cenouras e as escondeu numa galinha. Nunca confieis num cozinheiro, senhor. Deixam-vos engalinhado quando menos o esperardes. — Mais tarde. — O pequeno-almoço podia esperar; Stannis não. — Algum problema nas paliçadas ontem à noite?

— Desde que pusemos guardas a guardar os guardas não há problemas, senhor.

— Ótimo. — Mil selvagens tinham sido encurralados do lado de lá da Muralha, os cativos que Stannis Baratheon fizera quando os seus cavaleiros esmagaram a hoste em retalhos de Mance Rayder. Muitos dos prisioneiros eram mulheres, e alguns dos guardas tinham andado a fazê-las sair à socapa para lhes aquecerem as camas. Homens do rei, homens da rainha, não parecia fazer diferença; alguns irmãos negros tinham tentado o mesmo. Homens são homens, e aquelas eram as únicas mulheres em mil léguas.

— Apareceram mais dois selvagens para se renderem — prosseguiu Edd. — Uma mãe com uma rapariga agarrada às saias. Tinha também um bebê, todo enfaixado em peles, mas estava morto.

— *Morto* — disse o corvo. Era umas das palavras favoritas da ave. — *Morto, morto, morto.*

Aparecia povo livre quase todas as noites, criaturas esfaimadas e meio congeladas que tinham fugido da batalha junto à Muralha só para rastejarem de volta depois de se aperceberem de que não havia lugar seguro para onde fugir.

A mãe foi interrogada? — perguntou Jon. Stannis Baratheon tinha esmagado a hoste de Mance Rayder e tornara o Rei-para-lá-da-Muralha seu cativo... mas os selvagens continuavam lá

fora, o Chorão, e Tormund Terror dos Gigantes e milhares de outros.

Sim, senhor — disse Edd — mas só sabe que fugiu durante a batalha e se escondeu depois na floresta. Enchemo-la de papas de aveia, mandámo-la para os currais e queimámos o bebê.

Queimar crianças mortas já deixara de perturbar Jon Snow; as vivas eram outra coisa. *Dois reis para despertar o dragão. Primeiro o pai e depois o filho, para que ambos morram reis.* As palavras tinham sido murmuradas por um dos homens da rainha enquanto o Mestre Aemon lhe cosia os ferimentos. Jon tentara ignorá-las julgando-as conversa febril. Aemon objetara.

— Há poder no sangue de um rei — avisara o velho mestre — e homens melhores do que Stannis fi zeram coisas piores do que esta. — *O rei pode ser duro e implacável, sim, mas um bebê ainda de peito? Só um monstro entregaria às chamas uma criança viva.*

Jon mijou na escuridão, enchendo o penico enquanto o corvo do Velho Urso resmungava queixas. Os sonhos de lobo tinham andado a tornar-se mais fortes, e dava por si a lembrar-se deles mesmo acordado. *O Fantasma sabe que o Vento Cinzento está morto.* Robb morrera nas Gémeas, traído por homens que julgava amigos, e o seu lobo perecera com ele. Brane Rickon tinham também sido assassinados, decapitados por ordem de Theon Greyjoy, que fora em tempos protegido do senhor seu pai... mas se os sonhos não mentiam, os lobos selvagens de ambos tinham escapado. Em Coroa da rainha, um deles saíra das trevas para salvar a vida de Jon. *Tinha de ter sido o Verão. A sua pelagem era cinzenta, e a de Cão-Felpudo é preta.* Perguntou a si próprio se alguma parte dos seus irmãos mortos continuaria a viver dentro dos respetivos lobos.

Encheu a bacia a partir do jarro de água que tinha ao lado da cama, lavou a cara e as mãos, vestiu um conjunto limpo de lãs negras, atou um colete negro de couro e calçou um par de botas bem usadas. O corvo de Mormont observou com astutos olhos negros, após o que esvoaçou até à janela.

— Tomas-me por teu servo? — quando Jon abriu a janela com as grossas vidraças em forma de diamante de vidro amarelo, o frio da manhã bateu-lhe no rosto. Respirou fundo para afastar as teias de aranha da noite enquanto o corvo batia as asas e se afastava. *Aquela ave é muito mais esperta do que devia ser.* Fora o companheiro do Velho Urso durante longos anos, mas isso não o impedira de comer o rosto de Mormont quando este morrera.

Fora do seu quarto, um lanço de escadas descia até uma sala maior mobilada com uma mesa de pinho cheia de marcas e uma dúzia de cadeiras de carvalho e couro. Com Stannis na Torre do Rei e a Torre do Senhor Comandante transformada numa casca por um incêndio, Jon instalara-se nos modestos aposentos de Donal Noye por trás do armeiro. A seu tempo, sem dúvida, precisaria de instalações maiores, mas de momento aquelas serviriam, enquanto se acostumava ao comando.

A outorga que o rei lhe apresentara para assinar estava na mesa por baixo de uma taça de

prata que fora em tempos de Donal Noye. O ferreiro maneta deixara poucos objetos pessoais: a taça, seis dinheiros e uma estrela de cobre, um broche de nígelo com o pregador partido, um gibão mofado de brocado que ostentava o veado de Ponta Tempestade. *Os tesouros dele eram as ferramentas e as espadas e facas que fazia. A sua vida residia na forja.* Jon pôs a taça de lado e voltou a ler o pergaminho. *Se eu apuser o meu selo a isto, serei para sempre lembrado como o senhor comandante que entregou a Muralha,* pensou, *mas se recusar...*

Stannis Baratheon estava a mostrar-se um hóspede suscetível e irrequieto. Cavalgara pela estrada do rei quase até Coroa da rainha, passeara-se por entre as cabanas vazias de Vila Toupeira, inspecionara os fortes arruinados de Portão da Rainha e Escudo roble. Todas as noites caminhava pelo opo da Muralha com a Senhora Melisandre, e durante os dias visitava as paliçadas, escolhendo cativos para a mulher vermelha interrogar. *Ele não gosta de ser contrariado.* Aquela não seria uma manhã agradável, temeu Jon.

Do armeiro vinha um retinir de escudos e espadas feito pelo último grupo de rapazes e recrutas em bruto que se armava. Jon ouviu a voz do Emmett de Ferro a dizer-lhes para se despacharem. Cotter Pyke não ficara satisfeito por perdê-lo, mas o jovem patrulheiro tinha um dom para treinar homens. *Ele adora combater, e irá ensinar os seus rapazes a gostar também.* Pelo menos era a esperança que tinha.

O manto de Jon estava pendurado de uma cavilha ao lado da porta, o cinturão da espada de outra. Envergou-os a ambos e saiu para o armeiro. Viu que o tapete em que o Fantasma dormia estava vazio. Dois guardas estavam à porta, do lado de dentro, vestidos com mantos pretos e meios elmos de ferro, com lanças nas mãos.

O senhor vai querer uma escolta? — perguntou Garse.

Acho que consigo encontrar a Torre do Rei sozinho. — Jon detestava ter guardas a segui-lo para onde quer que fosse. Fazia-o sentir-se como uma mãe pata a levar atrás uma procissão de patinhos.

Os rapazes do Emmett de Ferro estavam em plena atividade no pátio, atirando espadas embotadas contra escudos e fazendo-as ressoar umas nas outras. Jon parou para observar no momento em que o Cavalo empurrava o Pisco-Saltitão para o poço. Decidiu que o Cavalo tinha as características de um bom combatente. Era forte e estava a tornar-se mais forte, e os seus instintos eram bons. O Pisco-Saltitão era outra história. O pé aleijado já era suficientemente mau, mas, além disso, também tinha medo de ser atingido. *Talvez consigamos fazer dele um intendente.* O combate terminou de forma abrupta, com o Pisco-Saltitão no chão.

Bem lutado — disse Jon ao Cavalo — mas baixas demasiado o escudo quando pressionas no ataque. Vais querer corrigir isso, senão é provável que isso te mate.

Sim, senhor. Da próxima vez mantenho-o mais alto. — O Cavalo pôs o Pisco-Saltitão de pé, e o homem mais pequeno fez uma reverência desajeitada.

Alguns dos cavaleiros de Stannis estavam a praticar do outro lado do pátio. *Homens do rei num canto e homens da rainha no outro*, não deixou Jon de notar, *mas só alguns. Está frio demais para a maioria*. Enquanto passava por eles a passos largos, uma voz trovejante chamou-o.

— RAPA! TU AÍ! RAPA!

“Rapaz” não era a pior das coisas que tinham chamado a Jon Snow desde que fora escolhido como senhor comandante. Ignorou-o.

Snow — insistiu a voz — *Senhor Comandante*. Desta vez parou.

Sor? O cavaleiro era quinze centímetros mais alto do que ele.

— Um homem que anda com aço valiriano devia usá-lo para mais do que coçar o cu.

Jon já vira aquele tipo no castelo; um cavaleiro de grande renome, segundo ele próprio contava. Durante a batalha à sombra da Muralha, Sor Godry Ferring matara um gigante em fuga, atacando-o a cavalo e enfiando lhe uma lança nas costas, desmontando em seguida para cortar a cabeça lamentavelmente pequena da criatura. Os homens da rainha tinham começado a chamar-lhe Godry, o Mata-Gigantes.

Jon lembrou-se de Ygritte, a gritar. *Sou o último dos gigantes*.

— Uso a Garralonga quando tenho de a usar, sor.

— Mas com que perícia? — Sor Godry puxou pela sua espada. —Mostra nos. Prometo não te machucar, rapaz.

Que gentil da tua parte.

Noutra altura, sor. Temo que tenha outros deveres a cumprir neste momento.

Temes. Estou a ver que sim. — Sor Godry dirigiu um sorriso aos amigos. — Ele teme — repetiu para os lentos.

— Com licença. — Jon mostrou-lhes as costas.

Castelo Negro parecia um lugar desolado e abandonado à pálida luz da aurora. *O meu comando*, refletiu Jon Snow com tristeza, *é tanto ruína como fortificação*. A Torre do Senhor Comandante era uma casca, a Sala Comum uma pilha de madeira enegrecida, e a Torre de Hardin parecia poder ser derrubada pela próxima rajada de vento... embora tivesse esse aspecto há anos. Por trás erguia-se a Muralha: imensa, ameaçadora, frígida, cheia de construtores que faziam subir uma nova escada em ziguezague para se ir juntar aos restos da antiga. Trabalhavam da aurora ao ocaso. Sema escada não havia maneira de chegar ao topo da Muralha, exceto através do guincho. Não seria suficiente se os selvagens voltassem a atacar.

Por cima da Torre do Rei, o grande estandarte de batalha dourado da Casa Baratheon estalava como um chicote do telhado que Jon Snow patrulhara de arco na mão não havia muito tempo, matando Thenns e membros do povo livre ao lado de Cetim e do Surdo Dick Follard. Dois homens da rainha estavam em pé, a tremer, nas escadas, com as mãos enfiadas nos sovacos e as lanças encostadas à porta.

— Essas luvas de tecido nunca servirão — disse-lhes Jon. — Procurai Bowen Marsh amanhã, e ele dará a cada um um par de luvas de couro forradas de pele.

— Procuraremos, senhor, e obrigado — disse o guarda mais velho.

— Isso se a porcaria das nossas mãos não tiver congelado até lá — acrescentou o mais novo, com a respiração transformada numa névoa pálida. — Costumava pensar que na Marca de Dorne fazia frio. Que sabia eu?

Nada, pensou Jon Snow, *tal como eu*. A meio da subida pela escada em caracol, encontrou Samwell Tarly, que a descia.

Vens de falar com o rei? — perguntou-lhe Jon.

O Mestre Aemon enviou-me com uma carta.

Estou a ver. — Alguns senhores confiavam nos mestres para lhes lerem as cartas e transmitirem-lhes os respetivos conteúdos, mas Stannis insistia em quebrar pessoalmente os selos. — Como foi que Stannis a encarou?

Não com alegria, ajuizando pela cara que fez. — Sam baixou a voz até a transformar num sussurro. — Não devo falar do assunto.

Então não fales. — Jon perguntou a si próprio qual dos vassalos do pai teria recusado jurar obediência ao Rei Stannis daquela vez. *Ele foi bastante rápido em espalhar a notícia quando*

Karhold lhe declarou o seu apoio. — Que tal te estás tu a dar com o teu arco?

Encontrei um bom livro sobre o tiro com arco. — Sam franziu o sobrolho. — Mas fazê-lo é mais difícil do que ler sobre o assunto. Fico com bolhas nas mãos.

Insiste. Podemos vir a precisar do teu arco na Muralha se os Outros aparecerem alguma noite escura.

— Oh, espero que não. Mais guardas estavam à porta do aposento privado do rei.— Não são permitidas armas na presença de Sua Graça, senhor — disse o sargento. — Vou querer essa espada. As facas também. — Jon sabia que de nada serviria protestar. Entregou-lhes as suas armas.

No interior do aposento privado, o ar estava quente. A Senhora Melisandre estava sentada junto da lareira, com o rubi a cintilar contra a pele pálida da sua garganta. Ygritte fora beijada pelo fogo; a sacerdotisa vermelha era fogo, e o seu cabelo era sangue e chamas. Stannis estava em pé atrás da mesa tosca onde o Velho Urso costumava sentar-se e tomar as refeições. Um grande mapa do norte cobria a mesa, pintado num bocado esfarrapado de pele. Uma vela de sebo prendia com o seu peso uma ponta do mapa, uma manopla de aço a outra.

O rei usava calças de lã de ovelha e um gibão acolchoado, mas conseguia de algum modo parecer tão hirto e desconfortável como se estivesse vestido de cota de malha e placa de aço. A sua pele era couro branco, a barba estava cortada tão curta que podia ter sido pintada. Uma orla em voltadas têmporas era tudo o que restava do cabelo negro. Na mão tinha um pergaminho com um selo quebrado de cera verde escura.

Jon caiu sobre um joelho. O rei franziu-lhe o sobrolho e sacudiu o pergaminho com um ar zangado.

Erguei-vos. Dizei-me, quem é *Lyanna Mormont*?

Uma das filhas da Senhora Maege. Senhor. A mais nova. Recebeu

o nome em honra da irmã do senhor meu pai.

— Para procurar captar as boas graças do senhor vosso pai, sem dúvida. Sei como se joga esse jogo. Que idade tem esta maldita rapariga? Jon teve de pensar por um momento.

— Dez anos. Ou tão perto disso que não faz diferença. Posso saber como foi que ela ofendeu Vossa Graça? Stannis leu um trecho da carta.

— *A Ilha dos Ursos não conhece nenhum rei, exceto o Rei no Norte, cujo nome é STARK.* Uma rapariga de dez anos, dizeis, e ousa ralhar com os eu legítimo rei. — A barba cortada curta estendia-se como uma sombra por cima das suas bochechas encovadas. — Assegurai-vos de guardar para vós estas notícias, Lorde Snow. Karhold está comigo, isso é tudo o que os homens precisam de saber. Não quero que os vossos irmãos troquem histórias sobre como esta criança

cuspiu em mim.

— Às vossas ordens, senhor. — Jon sabia que Maege Mormont partira para sul com Robb. A filha mais velha juntara-se também à hoste do Jovem Lobo. Contudo, mesmo que ambas tivessem morrido, a Senhora Maege tinha outras filhas, algumas com filhos seus. Teriam elas também ido com Robb? Decerto que a Senhora Maege teria deixado para trás pelo menos uma das raparigas mais velhas como castelã. Não compreendia porque haveria Lyanna de estar a escrever a Stannis, e não conseguia evitar interrogar-se sobre se a resposta da rapariga poderia ter sido diferente se a carta tivesse sido selada com um lobo gigante em vez de um veado coroadado, e assinada por Jon Stark, Senhor de Winterfell. *É tarde demais para tais dúvidas. Fizeste a tua escolha.*

— Foram enviadas duas vintenadas de corvos — queixou-se o rei — mas não obtemos respostas que não sejam silêncio e desafio. A obediência é o dever de todos os súbditos leais para com o seu rei. Mas todos os vassalos do vosso pai me viram as costas, à exceção dos Karstark. Será Arnolf Karstark o único homem de honra no norte?

Arnolf Karstark era tio do falecido Lorde Rickard. Fora nomeado castelão de Karhold quando o sobrinho e os filhos partiram para sul com Robb, e fora o primeiro a responder à exigência de obediência do Rei Stannis, com um corvo declarando a sua submissão. *Os Karstark não têm alternativa*, podia ter dito Jon. Rickard Karstark traíra o lobo gigante e derramara o sangue de leões. O veado era a única esperança de Karhold.

— Em tempos tão confusos como estes, até os homens de honra têm de perguntar a si próprios em que reside o seu dever. Vossa Graça não é o único rei no reino a exigir obediência. A Senhora Melisandre mexeu-se.

— Dizei-me, Lorde Snow... onde estavam esses outros reis quando agente selvagem atacou a vossa Muralha?

— A mil léguas de distância e surdos para as nossas necessidades — respondeu Jon. — Não me esqueci disso, senhora. Nem esquecerei. Mas os vassalos do meu pai têm esposas e filhos a proteger, e plebeus que morrerão se eles fizerem a escolha errada. Sua Graça pede-lhes muito. Dai-lhes tempo, e obtereis as vossas respostas.

— Respostas como esta? — Stannis esmagou a carta de Lyanna no punho.

— Até no norte os homens temem a ira de Tywin Lannister. Os Bolton também dão maus inimigos. Não foi o acaso que lhes pôs um homem esfolado nos estandartes. O norte cavalgou com Robb, sangrou com ele, morreu por ele. Jantaram desgosto e morte, e agora vós vindes oferecer-lhes mais do mesmo. Censurai-os por se mostrarem relutantes? Perdoai-me, Vossa Graça, mas alguns olharão para vós e verão apenas outro pretendente condenado ao fracasso.

— Se Sua Graça está condenado, o vosso reino também está condenado — disse a Senhora Melisandre. — Lembrai-vos disso, Lorde Snow. É o único verdadeiro rei de Westeros que está na vossa frente. Jon manteve a cara numa máscara.

— É como dizeis, senhora. Stannis soltou uma fungadela.

Gastais as vossas palavras como se cada uma fosse um dragão de ouro. Interrogo-me sobre quanto ouro tereis posto de parte.

Ouro? — *Serão esses os dragões que a mulher vermelha pretende despertar? Dragões feitos de ouro?* — os impostos que recolhemos são pagos em géneros, Vossa Graça. A Patrulha é rica em nabos, mas pobre em moedas.

Não é provável que nabos apaziguem Salladhor Saan. Preciso de ouro ou prata.

Para isso precisais de Porto Branco. A cidade não se pode comparar com Vila velha ou Porto Real, mas é, mesmo assim, um porto próspero. O Lorde Manderly é o mais rico dos vassallos do senhor meu pai.

— O Lorde Gordo-Demais-Para-Montar-a-Cavalo. — A carta que o Lorde Wyman Manderly enviara de Porto Branco falara da sua idade e debilidade e de pouco mais. Stannis ordenara a Jon para também não falar dessa.

Talvez sua senhoria goste de uma esposa selvagem — disse a Senhora Melisandre. — Esse gordo é casado, Lorde Snow?

A senhoria sua esposa está há muito morta. O Lorde Wyman tem dois filhos adultos e netos, filhos do mais velho. E é gordo demais para montar a cavalo, pelo menos duzentos quilos. Val nunca o aceitaria.

Por uma vez podíeis tentar dar-me uma resposta que me agradasse, Lorde Snow — resmungou o rei.

Tinha a esperança de que a verdade vos agradasse, senhor. Os vossos homens chamam princesa a Val, mas para o povo livre ela é apenas a irmã da esposa morta do seu rei. Se a forçardes a casar com um homem que não deseja, é provável que lhe corte a garganta na noite de núpcias. Mesmo se aceitar o marido, isso não quer dizer que os selvagens o sigam, ou a vós. O único homem que os pode ligar à vossa causa é Mance Rayder.

Eu sei disso — disse Stannis com um ar infeliz. — Passei horas a conversar com o homem. Ele sabe muitíssimo sobre o nosso verdadeiro inimigo, e há nele astúcia, admito. Mas mesmo se renunciasses à coroa,

o homem continua a ser um perjuro. Se tolerardes que um desertor viva, encorajareis outros a desertar. Não. As leis devem ser feitas de ferro, não de pudim. Mance Rayder perdeu o direito à vida por todas as leis dos Sete Reinos.

— A lei termina na Muralha, Vossa Graça. Podíeis fazer bom uso de Mance.

— Pretendo fazê-lo. Vou *queimá-lo*, e o norte verá como lido com vira casaca e traidores. Tenho outros homens para liderar os selvagens. E tenho o filho de Rayder, não vos esqueçais. Uma vez que o pai morra, a sua cria será Rei-para-lá-da-Muralha.

— Vossa Graça engana-se. — *Não sabes nada, Jon Snow*, costumava dizer Ygritte, mas ele

aprendera. — O bebê não é mais príncipe do que Val é princesa. Uma pessoa não se torna Rei-para-lá-da-Muralha por causa de quem era o seu pai.

— Ótimo — disse Stannis — porque não tolerarei outros reis em Westeros. Assinastes a outorga?

— Não, Vossa Graça. — *E aí vem.* Jon fechou os dedos queimados e voltou a abri-los. — Pedis demasiado.

— *Pedir?* Eu *pedi-vos* para serdes Senhor de Winterfell e Protetor do Norte. *Exijo* esses castelos.

— Cedemos-vos Forte noite.

— Ratazanas e ruínas. É um presente de avarento que nada custa a quem o dá. O vosso próprio homem, Yarwyck, diz que levará meio ano até que o castelo possa ficar pronto para habitar.

— Os outros fortes não estão em melhor estado.

— Sei disso. Não importa. São tudo o que temos. Há dezanove forte ao longo da Muralha, e tendes homens apenas em três deles. Tenciono ter todos de novo guarnecidos antes de o ano acabar.

— Não levanto qualquer objeção a isso, senhor, mas também se diz que pretendeis ceder esses castelos aos vossos cavaleiros e senhores, para os defenderem como seus feudos enquanto vassallos de Vossa Graça.

— Espera-se dos reis que sejam generosos para com os seus seguidores. Será que o Lorde Eddard não ensinou nada ao seu bastardo? Muitos dos meus cavaleiros e senhores abandonaram terras ricas e castelos robustos no sul. Deverá a sua lealdade ficar por recompensar?

— Se Vossa Graça desejar perder todos os vassallos do senhor meu pai, não há maneira mais certa do que dando palácios nortenhos a senhores do sul.

— Como posso eu perder homens que não tenho? Se bem vos lembrais, tive a esperança de outorgar Winterfell a um nortenho. A um filho de Eddard Stark. Ele atirou-me a oferta à cara. — Stannis Baratheon com uma desfeita era como um mastim com um osso; roía-a até a fazer em lascas.

Pelo direito, Winterfell deve passar para a minha irmã Sansa.

Referis-vos à Senhora Lannister? Está assim tão ansioso por ver o Duende empoleirado no cadeirão do vosso pai? Prometo-vos que tal coisa não acontecerá enquanto eu for vivo, Lorde Snow. Jon sabia que não valia a pena insistir naquele ponto.

— Senhor, alguns afirmam que pretendeis atribuir terras e castelos ao Camisa de Chocalho e ao Magnar de Thenn.

Quem vos disse isso? O falatório ouvia-se em todo o Castelo Negro.

Se tendes de saber, quem me contou a história foi Goiva.

Quem é essa Goiva?

— A ama-de-leite — disse a Senhora Melisandre. — Vossa Graça concedeu-lhe liberdade de castelo.

— Mas não para andar a contar histórias. Ela é desejada pelas tetas, não pela língua. Quero

dela mais leite e menos *mensagens*. — Castelo Negro não tem falta de bocas inúteis — concordou Jon. — Vou mandar Goiva para sul no próximo navio a partir de Atalaiaeste. Melisandre tocou o rubi que trazia ao pescoço.

— Goiva tem dado de mamar não só ao seu filho, como ao de Dalla. Parece cruel da vossa parte separar o nosso pequeno príncipe do seu irmão de leite, senhor.

Agora cuidado, cuidado.

— Tudo o que partilham é o leite materno. O filho de Goiva é maior e mais robusto. Pontapeia o príncipe e belisca-o e afasta-o do seio. O pai dele foi Craster, um homem cruel e ganancioso, e o sangue revela-se.

O rei estava confuso.

— Julgava que a ama-de-leite era *fi lha* desse tal Craster...

Era filha e esposa, Vossa Graça. O Craster casava com todas as filhas. O filho de Goiva foi o fruto dessa união.

Foi o próprio *pai* que gerou nela a criança? — Stannis parecia chocado. — Então é bom vermo-nos livres dela. Não tolerarei tais abominações aqui. Isto não é Porto Real.

Posso encontrar outra ama-de-leite. Se não houver nenhuma entre os selvagens, pedirei aos clãs da montanha. Até essa altura, o leite de cabra deverá ser suficiente para o rapaz, se aprouver a Vossa Graça.

Pobre alimentação para um príncipe... mas melhor do que leite de rameira, sim. — Stannis fez tamborilar os dedos no mapa. — Se pudermos regressar à questão destes fortes...

— Vossa Graça — disse Jon, com gélida cortesia — eu abriguei os vossos homens e alimentei-os, a um custo terrível para as nossas provisões de inverno. Vesti-os para não congelarem.

Stannis não se mostrou apaziguado.

— Sim, partilhastes o porco salgado e as papas de aveia, e atiraste-nos para cima uns trapos pretos para nos mantermos quentes. Trapos que os selvagens teriam tirado aos vossos cadáveres se eu não tivesse vindo para norte. Jon ignorou aquilo.

— Dei-vos ração para os cavalos e, depois de a escada estar pronta, emprestar-vos-ei construtores para restaurar Forte noite. Até concordei em permitir-vos instalar selvagens na Dádiva, que foi oferecida à Patrulha da Noite para todo o sempre.

— Ofereceis-me terras vazias e desolações, negais-me os castelos deque preciso para recompensar os meus senhores e vassalos.

Foi a Patrulha da Noite que construiu esses castelos...

E foi a Patrulha da Noite que os abandonou.

— ... para defender a Muralha — concluiu obstinadamente Jon — não como sedes para senhores do sul. A argamassa que une as pedras desses fortes foi feita com o sangue e os ossos dos meus irmãos, há muito mortos. Não vo-los posso dar.

— Não podeis ou não quereis? — os tendões no pescoço do rei projetavam-se, aguçados como espadas. — Ofereci-vos um nome.

— Eu tenho um nome, Vossa Graça.

— Snow. Terá alguma vez havido nome de pior agouro? — Stannis tocou o cabo da sua espada. — Quem, ao certo, julgais vós que sois?

— O vigilante nas muralhas. A espada na escuridão.

— Não papagueeis as vossas palavras comigo. — Stannis puxou pela espada a que chamava Luminífera. — A vossa espada na escuridão está *aqui*. — Luz ondulou ao longo da lâmina, para cima e para baixo, ora vermelha, ora amarela, logo cor de laranja, pintando a cara do rei com tonalidades duras e brilhantes. — Até um rapaz inexperiente devia ser capaz de ver isso. Sois cego?

— Não, senhor. Concordo que esses castelos devem ser guarnecidos...

O rapaz comandante concorda. Que sorte.

... pela Patrulha da Noite.

Vós não tendes homens sufi cientes.

— Então dai-mos, senhor. Fornecerei oficiais para cada um dos fortes abandonados, comandantes experientes que conhecem a Muralha e as terras para lá dela, e como melhor sobreviver ao inverno que se aproxima. Em troca de tudo o que vos demos, forneci-me os homens para preencher as guarnições. Homens-de-armas, besteiros, rapazes em bruto. Até aceitei os vossos feridos e enfermos.

Stannis fitou-o, incrédulo, e depois soltou uma gargalhada.

— Sois bastante ousado, Snow, reconheço, mas, se julgais que os meus homens vão vestir o negro, estais louco.

— Podem vestir mantos das cores que preferirem, desde que obedeçam aos meus oficiais como obedeceriam aos vossos. O rei mostrou-se intransigente.

— Tenho cavaleiros e senhores ao meu serviço, rebentos de Casas nobres antigas em honra. Não pode esperar-se deles que sirvam às ordens de larápios, camponeses e assassinos.

Ou bastardos, senhor?

— O vosso próprio Mão é um contrabandista.

Era um contrabandista. Encurtei-lhe os dedos por isso. Disseram-me que sois o nongentésimo nonagésimo oitavo homem a comandar a Patrulha da Noite, Lorde Snow. Que achais que o nongentésimo nonagésimo nono poderá dizer sobre esses castelos? A visão da vossa cabeça num espigão pode inspirá-lo a ser mais prestável. — O rei pousou a brilhante espada no mapa, ao longo da muralha, com o aço a tremeluzir como luz do sol em água. — O único motivo por que sois senhor comandante é eu tolerá-lo. Faríeis bem em lembrar-vos disso.

Eu sou senhor comandante porque os meus irmãos me escolheram. — Havia manhãs em que o próprio Jon Snow não acreditava bem no fato, quando acordava a pensar que aquilo devia ser, sem dúvida, um sonho louco qualquer. *É como vestir roupa nova*, dissera-lhe Sam. *A princípio*

o corte parece estranho, mas depois de a usares durante algum tempo acabas por te sentir confortável.

— Alliser Thorne queixa-se da forma da vossa escolha, e não posso dizer que ele não tem razão de queixa. — O mapa estendia-se entre os dois como um campo de batalha, encharcado nas cores da espada cintilante. — A contagem foi feita por um cego com o vosso amigo gordo a seu lado. E Slynt chama-vos vira casaca.

E quem o saberia melhor do que Slynt?

Um vira casaca dir-vos-ia o que quereis ouvir e trair-vos-ia mais tarde. Vossa Graça sabe que eu fui escolhido com justiça. O meu pai sem predisse que éreis um homem justo. — *Justo mas rígido* tinham sido as palavras exatas do Lorde Eddard, mas a Jon não parecia que fosse sensato partilhar esse fato.

O Lorde Eddard não foi meu amigo, mas não era desprovido de algum juízo. Ele ter-me-ia dado esses castelos.

Nunca.

— Não posso falar do que o meu pai podia ter feito. Prestei um juramento, Vossa Graça. A Muralha é minha.

— Por agora. Veremos quão bem a defendereis. — Stannis apontou para ele. — Ficai com as vossas ruínas, visto que significam tanto para vós. Mas prometo-vos que se alguma continuar vazia quando o ano terminar, eu ocupá-la-ei com a vossa licença ou sem ela. E se alguma cair nas mãos do inimigo, a vossa cabeça depressa a seguirá. E agora saí. A Senhora Melisandre ergueu-se do seu lugar junto da lareira.

— Com a vossa licença, senhor, eu levo o Lorde Snow até aos seus aposentos.

— Porquê? Ele conhece o caminho. — Stannis fez-lhes sinal para se irem os dois embora. — Fazei o que quiserdes. Devan, comida. Ovos cozidos e água com limão. Após o calor do aposento privado do rei, a escada em caracol parecia fria de gelar ossos.

— O vento está a aumentar, senhora — avisou o sargento a Melisandre enquanto devolvia a Jon as suas armas. — Talvez queirais um manto mais quente.

— Tenho a minha fé para me aquecer. — A mulher vermelha caminhou ao lado de Jon pela escada abaixo. — Sua Graça está a tornar-se vosso amigo.

— Já reparei. Só ameaçou decapitar-me por duas vezes. Melisandre riu-se.

— São os seus silêncios que deveis temer, não as palavras. — Quando saíram para o pátio, o vento enfunou o manto de Jon e fê-lo esvoaçar contra a mulher. A sacerdotisa vermelha afastou a lã negra e enfiou o braço no dele. — Pode acontecer que não vos enganeis sobre o rei selvagem. Rezarei ao Senhor da Luz para que me guie. Quando olho as chamas, consigo ver através da pedra e da terra, e descobrir a verdade no interior das almas dos homens. Consigo falar com reis há muito mortos e crianças ainda não nascidas, e ver os anos e as estações a passar, até ao fim dos dias.

— Os vossos fogos nunca se enganam?

— Nunca... se bem que nós, os sacerdotes, sejamos mortais e por vezes erremos, confundido *isto tem de acontecer com isto pode acontecer*.

Jon conseguia sentir o calor dela, mesmo através da lã e couro fervido. O fato de irem de braço dado estava a atrair olhares curiosos. *Esta noite vai haver cochichos nas casernas.*

— Se realmente sois capaz de ver o amanhã nas vossas chamas, dissei-me quando e onde chegará o próximo ataque dos selvagens. — Fez deslizar o braço para o libertar.

— R'hllor envia-nos as visões que quer enviar, mas eu procurarei esse tal Tormund nas chamas. — Os lábios vermelhos de Melisandre curvaram-se num sorriso. — Vi-vos nos meus fogos, Jon Snow.

Isso é uma ameaça, senhora? Tencionais queimar-me também?

Entendestes mal o que eu queria dizer. — Deitou-lhe um olhar

perscrutador. — Temo que vos deixe intranquilo, Lorde Snow. Jon não o negou.

— A Muralha não é sítio para uma mulher.

— Enganais-vos. Eu sonhei com a vossa Muralha, Jon Snow. Grande foi o saber que a ergueu, e grandes são os feitiços que estão trancados sob o seu gelo. Caminhamos à sombra de uma das charneiras do mundo. — Melisandre ergueu os olhos para ela, com a respiração a transformar-se numa nuvem quente e úmida no ar. — Isto é tanto o meu lugar como o vosso, e muito em breve podereis vir a ter grande necessidade de mim. Não recuseis a minha amizade, Jon. Vi-vos na tempestade, muito pressionado, com inimigos por todos os lados. Tendes tantos inimigos. Quereis que vos diga os seus nomes?

— Eu conheço os seus nomes.

— Não tenhais tanta certeza. — O rubi à garganta de Melisandre cintilou, rubro. — Não são os adversários que vos amaldiçoam na cara quede veis temer, mas aqueles que sorriem quando estais a olhar e afiam as facas quando virais costas. Faríeis bem em manter o vosso lobo bem junto a vós. Gelo, vejo eu, e punhais no escuro. Sangue congelado, vermelho e duro, e aço nu. Estava muito frio.

Está sempre frio na Muralha.

Achais que sim?

Eu *sei* que sim, senhora.

Então não sabes nada, Jon Snow — murmurou a mulher.

BRAN

Já chegámos?

Bran nunca dizia as palavras em voz alta, mas elas subiam-lhe frequentemente aos lábios enquanto o seu esfarrapado grupo se arrastava através de bosques de antigos carvalhos e altas árvores-sentinelas cinzentas esverdeadas, passando por sombrios pinheiros marciais e castanheiros nuse castanhos. *Estamos perto?* perguntava o rapaz a si próprio quando Hodor trepava uma encosta pedregosa, ou descia para dentro de uma abertura escura onde montes de neve suja acumulada pelo vento rangiam sob os seus pés. *Ainda falta muito?* pensava, enquanto o alce gigante atravessava, esparrinhando, um ribeiro meio gelado. *Quanto falta até lá? Está tão frio. Onde está o corvo de três olhos?*

Balançando no seu cesto de vime às costas de Hodor, o rapaz encolheu-se, baixando a cabeça quando o grande moço de estrebaria passou por baixo de um ramo de carvalho. A neve estava outra vez a cair, úmida e pesada. Hodor caminhava com um olho fechado pelo gelo, com a espessa barba castanha transformada num emaranhado de geada, com pingentes a pender das pontas do seu cerrado bigode. Uma mão enluvada ainda agarrava a enferrujada espada de ferro que retirara das criptas por baixo de Winterfell, e de vez em quando ele brandia-a contra um ramo, fazendo voar uma nuvem de neve.

— Hod-d-d-dor — resmungava, com os dentes a bater.

O som era estranhamente tranquilizador. Na viagem de Winterfell até à Muralha, Bran e os companheiros tinham tornado as milhas mais curtas conversando e contando histórias, mas ali era diferente. Até Hodor

o sentia. Os seus *hodores* surgiam com menos frequência do que a sul da Muralha. Havia uma quietude naquela floresta que não era como nada que Bran tivesse experimentado. Antes de começarem os nevões, o vento do norte rodopiava em volta deles e nuvens de folhas mortas e castanhas erguiam-se do chão com um ténue som de restolhada que lhe fazia lembrar baratas a correr num armário, mas agora todas as folhas estavam enterradas sob um cobertor de brancura. De tempos a tempos, um corvo voava por cima deles, grandes asas negras a bater contra o ar frio. À parte isso, o mundo estava silencioso.

Mesmo em frente, o alce serpenteava por entre os montes de neve com a cabeça baixa e as enormes armações cobertas de gelo. O patrulheiro seguia sentado no seu largo dorso, sombrio e silencioso. O nome que o gordo Sam lhe dera era *Mãos-Frias* pois, embora a cara do patrulheiro fosse branca, as mãos eram negras e duras como ferro, e também frias como ferro. O resto dele estava envolto em camadas de lã, couro fervido e cota de malha, e os seus traços eram obscurecidos pelo capuz do manto e por um cachecol negro de lã que enrolava em volta da metade

inferior da cara.

Atrás do patrulheiro, Meera Reed envolvia com os braços o irmão, para o proteger do vento e do frio com o calor do seu corpo. Uma crosta de ranho congelado formara-se por baixo do nariz de Jojen, e de vez em quando ele tremia violentamente. *Parece tão pequeno*, pensou Bran, enquanto o via oscilar. *Agora parece mais pequeno do que eu, e também mais fraco, e o aleijado sou eu.*

Verão fechava a retaguarda do pequeno bando. O hálito do lobo gigante ia gelando o ar da floresta à medida que caminhava atrás deles, ainda a coxear da pata traseira que fora atingida pela seta em Coro da rainha. Bran sentia a dor do velho ferimento sempre que deslizava para dentro da pele do grande lobo. Nos últimos tempos, Bran usava mais frequentemente o corpo de Verão do que o seu; o lobo sentia a mordida do frio, apesar da espessura da pelagem, mas via até mais longe, ouvia melhor e cheirava mais do que o rapaz no cesto, entrouxado como um bebê.

Noutras alturas, quando se fartava de ser lobo, Bran deslizava para dentro da pele de Hodor. O gentil gigante choramingava quando o sentia, e sacudia a cabeça hirsuta de um lado para o outro, mas não com tanta violência como fizera da primeira vez, em Coroa da rainha. *Ele sabe que sou eu*, gostava o rapaz de dizer a si próprio. *Por esta altura já está habituado a mim.* Mesmo assim, nunca se sentia confortável dentro da pele de Hodor. O grande moço de estrebaria nunca compreendia o que estava a acontecer, e Bran conseguia sentir o medo no fundo da boca dele. Dentro de Verão era melhor. *Eu sou ele e ele é eu. Ele sente o que eu sinto.*

Por vezes, Bran conseguia sentir o lobo gigante a farejar o alce, perguntando a si próprio se seria capaz de abater o grande animal. Verão habituara-se a cavalos em Winterfell, mas aquilo era um alce, e os alces eram presas. O lobo gigante detectava o sangue quente a correr por baixo da pelagem enriçada do alce. Bastava o cheiro para lhe fazer a saliva correr entre as mandíbulas, e quando o fazia a boca de Bran salivava ao pensar em carne rica e escura.

Um corvo soltou um *quorc* num carvalho ali perto, e Bran ouviu o som de asas quando outra das grandes aves negras desceu para pousar ao lado da primeira. De dia, só meia dúzia de corvos permanecia com eles, esvoaçando de árvore em árvore ou avançando empoleiradas nas hastes do alce. O resto do bando voava em frente ou deixava-se ficar para trás. Mas quando o Sol baixava eles regressavam, descendo do céu em asas negrasc como a noite até que todos os ramos de todas as árvores ficavam repletos de corvos vários metros em redor. Alguns voavam até ao patrulheiro e resmungavam-lhe, e a Bran parecia que compreendia os seus guinchos e crocitos. *São os seus olhos e ouvidos. Batem o terreno por ele, e murmuram-lhe sobre perigos que há em frente e atrás.*

Como agora. O alce parou de súbito, e o patrulheiro saltou com ligeireza do seu dorso para ir aterrar em neve que lhe dava pelo joelho. Verão rosnou-lhe, com o pelo eriçado. O lobo gigante não gostava do cheiro de Mãos-Frias. *Carne morta, sangue seco, uma ténue lufada de podridão. E frio. Acima de tudo, frio.*

— O que se passa? — quis saber Meera.

— Atrás de nós — anunciou Mãos-Frias, com a voz abafada pelo cachecol de lã negra que lhe

cobria o nariz e a boca.

— Lobos? — perguntou Bran. Já sabiam havia dias que estavam a ser seguidos. Todas as noites ouviam os uivos fúnebres da alcateia, e todas as noites os lobos pareciam um pouco mais próximos. *Caçadores, e com fome. Conseguem cheirar a nossa fraqueza.* Era frequente Bran acordar a tremer, horas antes da alvorada, à escuta do barulho que eles faziam a chamarem-se uns aos outros à distância enquanto esperava que o Sol se erguesse. *Se há lobos, deve haver presas,* costumava pensar, até que lhe ocorrera que as presas eram *eles*. O patrulheiro abanou a cabeça.

— Homens. Os lobos continuam a manter-se à distância. Estes homens não são tão tímidos.

Meera Reed empurrou o capuz para trás. A neve úmida que o cobrira caiu ao chão com um baque suave.

Quantos homens? Quem são?

Inimigos. Eu trato deles.

Eu vou contigo.

— Tu ficas. O rapaz tem de ser protegido. Há um lago em frente, completamente gelado. Quando lá chegares, vira para norte e segue a margem. Acabarás por chegar a uma aldeia piscatória. Refugia-te aí até que eu vos apanhe. Bran julgou que Meera pretendia discutir, mas o irmão dela disse:

— Faz o que ele diz. Ele conhece esta terra. — Os olhos de Jojen eram de um verde escuro, a cor do musgo, mas estavam pesados com uma fadiga que Bran nunca antes vira neles. O pequeno avô. A sul da Muralha, o rapaz dos pauis parecera ter uma sabedoria que ultrapassava a sua idade, mas ali em cima estava tão perdido e assustado como os outros. Mesmo assim, Meera dava-lhe sempre ouvidos.

Isso continuava a ser verdade. Mãos-Frias esgueirou-se por entre as árvores, regressando pelo caminho por onde tinham vindo, com quatro corvos a esvoaçar atrás dele. Meera viu-o partir, com as bochechas vermelhas de frio, a respiração a gerar nuvenzinhas assim que saía pelas narinas. Voltou a puxar o capuz para cima, deu ao alce um pequeno empurrão ea viagem foi reatada. Mas antes de se afastarem vinte metros, ela virou-se para olhar para trás e disse:

— *Homens*, diz ele. Que homens? Falará de selvagens? Porque é que não quer dizer?

— Disse que ia tratar deles — disse Bran.

— Ele *disse*, pois. Também disse que nos levava ao tal corvo de três olhos. Aquele rio que atravessámos hoje de manhã é o mesmo que atravessámos há quatro dias, juro. Estamos a andar em círculos.

— Os rios curvam e torcem-se — disse Bran com incerteza — e onde há lagos e colinas tem de se dar a volta.

— Tem havido demasiado *dar de volta* — insistiu Meera — e demasiados segredos. Não gosto

disto. Não gosto *dele*. E não confio nele. Aquelas mãos que tem já são sufi cientemente más. Esconde a cara e não nos quer dizer o nome. Quem é? *O que é?* Qualquer um pode vestir um manto preto. Qualquer um ou qualquer *coisa*. Ele não come, nunca bebe, não parece sentir o frio. *É verdade*. Bran tivera medo de falar do assunto, mas reparara. Sempre que se abrigavam para a noite, enquanto ele, Hodor e os Reed se aninhavam juntos para obter calor, o patrulheiro mantinha-se à parte. Às vezes, Mãos-Frias fechava os olhos, mas Bran julgava que não dormia. E havia mais uma coisa...

— O cachecol. — Bran olhou em volta, inquieto, mas não se via um corvo em lado nenhum. Todas as grandes aves pretas os tinham abandonado quando o patrulheiro o fizera. Ninguém estava a ouvir. Mesmo assim, manteve a voz baixa. — O cachecol por cima da boca dele, nunca fica todo duro com gelo, como a barba de Hodor. Nem sequer quando ele fala.

Meera dirigiu-lhe um olhar penetrante.

— Tens razão. Nunca vimos a sua respiração, pois não?

— Não. — Uma baforada de branco anunciava cada um dos *hodores* de Hodor. Quando Jojen ou a irmã falavam, as suas palavras também se conseguiam ver. Até o alce deixava uma névoa tépida no ar quando exalava.

— Se ele não respira...

Bran deu por si a recordar as histórias que a Velha Nan lhe contara quando era pequeno. *Para lá da Muralha vivem os monstros, os gigante se os vampiros, as sombras caçadoras e os mortos que caminham*, dizia ela, aconchegando-o por baixo da manta de lã que dava comichão, *mas não podem passar enquanto a Muralha se mantiver forte e os homens da Patrulhada Noite forem fiéis. Portanto dorme, meu pequeno Brandon, meu bebezinho, e sonha sonhos doces. Aqui não há monstros*. O patrulheiro usava o negro da Patrulha da Noite, mas e se não fosse um homem? E se fosse um monstro qualquer, que os estivesse a levar a outros monstros para serem devorados?

— O patrulheiro salvou Sam e a rapariga das criaturas — disse Bran, com hesitação — e está a levar-me ao corvo de três olhos.

— E porque é que esse corvo de três olhos não vem ter conosco? Porque é que não pôde ser *ele* a encontrar-se conosco na Muralha? Os corvos têm asas. O meu irmão fica mais fraco todos os dias. Durante quanto tempo podemos continuar? Jojen tossiu.

— Durante o tempo necessário para chegarmos lá. Chegaram ao lago que lhes fora prometido não muito tempo depois, e viraram para norte como o patrulheiro lhes pedira. Essa foi a parte fácil.

A água estava congelada, e a neve caíra durante tanto tempo que Bran perdera a conta aos dias, transformando o lago num vasto deserto branco. Onde o gelo era plano e o terreno acidentado, o avanço era fácil, mas onde o vento empurrara a neve formando elevações, era por vezes difícil determinar onde o lago

terminava e a margem começava. Mesmo as árvores não eram guias tão infalíveis como poderiam ter esperado, pois havia ilhas arborizadas no lago e vastas áreas em terra onde não crescia qualquer árvore.

O alce seguia para onde queria, independentemente dos desejos de Meera e Jojen, que o montavam. Normalmente, mantinha-se sob as árvores, mas onde a margem se curvava para oeste tomava o caminho mais direto através do lago gelado, avançando por entre montes de neve mais altos do que Bran enquanto o gelo estalava sob os seus passos. Aí, o vento era mais forte, um frio vento de norte que uivava por cima do lago, lhes apunhalava as camadas de lã e couro e os deixava todos a tremer. Quando lhes soprava nas caras, atirava-lhes neve para os olhos e deixava-os praticamente cegos.

Horas passaram em silêncio. Em frente, as sombras começaram a avançar furtivamente por entre as árvores, os longos dedos do ocaso. A escuridão chegava cedo ali tão para norte. Bran acabara por temer isso. Cada dia parecia mais curto do que o anterior e, ao passo que os dias eram frios, as noites eram amargamente cruéis.

Meera voltou a fazê-los parar.

— Por esta altura já devíamos ter chegado à aldeia. — A sua voz soou abafada e estranha.

Será possível termos passado por ela? — perguntou Bran.

Espero que não. Temos de encontrar abrigo antes de a noite cair. Não se enganava. Os lábios de Jojen estavam azuis, as bochechas de Meera vermelhas escuras. A cara do próprio Bran estava adormecida. Abarba de Hodor era gelo sólido. Neve cobria-lhe as pernas quase até ao joelho, e Bran sentira-o cambalear por mais de uma vez. Ninguém era tão forte como Hodor, ninguém. Se até a sua grande força estava a fraquejar...

— O Verão pode encontrar a aldeia — disse Bran de súbito, com as palavras a transformarem-se em névoa no ar. Não esperou para ouvir o que Meera poderia dizer, mas fechou os olhos e deixou-se fluir para fora do seu corpo quebrado.

Quando deslizou para dentro da pele de Verão, a floresta morta ganhou uma súbita vida. Onde antes houvera silêncio, agora ouvia: vento nas árvores, a respiração de Hodor, o alce a caminhar em busca de forragem. Cheiros familiares encheram-lhe as narinas: folhas úmidas e erva morta, a carcaça apodrecida de um esquilo que se decompunha entre a vegetação rasteira, o fedor azedo do suor humano, o odor almiscarado do alce. *Comida. Carne.* O alce apercebeu-se do seu interesse. Virou a cabeça para o lobo gigante, cauteloso, e baixou as grandes hastes.

Ele não é presa, sussurrou o rapaz ao animal que partilhava a sua pele. *Deixa-o. Corre.*

Verão correu. Precipitou-se pelo lago fora, levantando atrás de si nuvens de neve com as patas. As árvores erguiam-se, ombro contra ombro, como homens numa linha de batalha, todas cobertas de branco. O lobo gigante correu sobre raízes e rochas, por cima de um monte de neve antiga, cuja crosta estalava sob o seu peso. As suas patas ficaram úmidas e frias. A colina seguinte estava coberta de pinheiros, e o penetrante odor das agulhas enchia o ar. Quando chegou ao

cume, descreveu um círculo, farejando o ar, após o que levantou a cabeça e uivou.

Os cheiros estavam lá. Cheiros de homem.

Cinzas pensou Bran, *antigas e ténues, mas cinzas*. Era o cheiro de madeira queimada, de fuligem e de carvão. Uma fogueira apagada.

Sacudiu a neve do focinho. O vento soprava em rajadas, o que fazia com que os cheiros fossem difíceis de seguir. O lobo andou de um lado para o outro, a farejar. A toda a volta havia montes de neve e árvores altas vestidas de branco. O lobo deixou a língua pender por entre os dentes, saboreando

o ar gélido, com a respiração a transformar-se em névoa enquanto flocos de neve se lhe derretiam na língua. Quando trotou na direção do cheiro, Hodor arrastou-se imediatamente atrás dele. O alce levou mais tempo a decidir, portanto, Bran regressou com relutância ao seu corpo e disse:

— Por ali. Segue o Verão. Eu cheirei a aldeia.

Quando a primeira lasca de um crescente de lua espreitou através das nuvens, tropeçaram por fim na aldeia junto ao lago. Tinham-na quase atravessado. Vista do gelo, a aldeia não parecia diferente de uma dúzia de outros locais ao longo da margem do lago. Enterradas sob montes de neve acumulada pelo vento, as casas redondas de pedra podiam ter sido com igual facilidade pedregulhos, outeiros ou troncos caídos, como a pilha de madeira morta que Jojen confundira com um edifício no dia anterior, antes de a escavarem e descobrirem só ramos partidos e troncos putrefatos.

A aldeia estava vazia, abandonada pelos selvagens que tinham ali vivido, como todas as outras aldeias por que tinham passado. Algumas tinham sido queimadas, como se os habitantes quisessem assegurar-se de que não poderiam regressar, mas aquela fora poupada ao archote. Por baixo da neve descobriram uma dúzia de cabanas e um edifício comum, com o seu telhado de colmo e espessas paredes de troncos desbastados.

Pelo menos vamos ficar fora do alcance do vento — disse Bran.

Hodor — disse Hodor.

Meera deslizou de cima do alce. Ela e o irmão ajudaram a erguer Brando cesto de vime.

— Pode ser que os selvagens tenham deixado alguma comida para trás — disse.

Aquela revelou ser uma vã esperança. Dentro do edifício comum encontraram as cinzas de uma fogueira, um chão de terra batida, um frio que chegava aos ossos. Mas, pelo menos, tinham um telhado por cima das cabeças e paredes de troncos para manter o vento afastado. Um ribeiro corria ali perto, coberto por uma película de gelo. O alce teve de a partir com o casco para beber. Depois de Bran, Jojen e Hodor estarem instalados e em segurança, Meera foi buscar uns pedaços de gelo quebrado para eles chuparem. A água derretida era tão fria que fez Bran estremecer.

Verão não os seguiu para dentro do edifício comum. Bran conseguia sentir a fome do grande lobo, uma sombra da sua.

— Vai caçar — disse-lhe — mas deixa o alce em paz. — Parte de si desejava também poder ir caçar. Talvez o fizesse, mais tarde.

O jantar foi um punhado de bolotas, esmagadas e feitas em pasta, tão amarga que Bran teve vômitos quando tentou mantê-la no estômago. Jojen Reed nem sequer fez a tentativa. Mais jovem e mais débil do que a irmã, ia ficando mais fraco todos os dias.

— Jojen, tens de comer — disse-lhe Meera.

— Mais tarde. Só quero descansar. — Jojen fez um sorriso triste. — Não é este o dia em que eu morro, irmã. Prometo.

Quase caíste do alce.

Quase. Tenho frio e fome, é só isso.

Então come.

— Bolotas esmagadas? Dói-me a barriga, mas isso só ia piorar a dor. Deixa-me estar, irmã. Estou a sonhar com galinha assada.

Os sonhos não te vão sustentar. Nem sequer os sonhos verdes.

Sonhos são aquilo que temos.

Tudo o que temos. A última da comida que tinham trazido do sul esgotara-se dez dias antes. Desde então, a fome caminhava ao lado deles, de dia e de noite. Até Verão era incapaz de encontrar caça naquela floresta. Viviam de bolotas esmagadas e de peixe cru. A floresta estava cheia de ribeiros gelados e lagos frios e negros, e Meera era tão boa pescadora coma sua lança para rãs de três dentes como a maior parte dos homens com linha e anzol. Havia dias em que os lábios dela estavam azuis de frio quando regressava para junto deles com o peixe a contorcer-se nos dentes da lança. Mas já se tinham passado três dias desde que Meera apanhara um peixe. Bran sentia a barriga tão vazia que podiam ter sido três anos.

Depois de se terem forçado a engolir o magro jantar, Meera sentou-se com as costas encostadas a uma parede, a afiar o punhal numa pedra de amolar. Hodor acocorou-se junto da porta, balançando para trás e para frente sobre os calcanhares e murmurando “hodor, hodor, hodor.”

Bran fechou os olhos. Estava demasiado frio para conversar, e não se atreviam a acender uma fogueira. O Mãos-Frias avisara-os contra isso. *Estas florestas não estão tão vazias como pensais*, dissera. *Não podeis saber o que a luz poderá fazer sair da escuridão.* A recordação fê-lo tremer, apesar do calor de Hodor a seu lado.

O sono não vinha, não podia vir. Em vez disso havia vento, o frio mordente, luar refletido na neve, e fogo. Estava de novo dentro de Verão, alongas léguas de distância, e a noite fedia a sangue. O cheiro era forte. *Uma matança, não muito longe.* A carne ainda estaria quente. Saliva correu-lhe entre os dentes quando a fome despertou dentro de si. *Não é alce. Não é veado. Isto*

não.

O lobo gigante deslocou-se na direção da carne, uma magra sombra cinzenta a deslizar de árvore em árvore, através de lagoas de luar e sobre montes de neve. O vento soprava em rajadas à volta dele, mudando de direção. Perdeu o cheiro, encontrou-o, depois voltou a perdê-lo. Enquanto o procurava de novo, um som distante fez com que as orelhas se lhe espetassem.

Lobo, compreendeu de imediato. Verão avançou furtivamente na direção do som, agora cauteloso. Depressa o odor a sangue regressava, mas agora havia outros cheiros; mijó e peles mortas, caca de pássaro, penas e lobo, lobo, lobo. *Uma alcateia*. Ia ter de lutar pela carne.

Eles também o cheiraram. Quando avançou do seio da escuridão das árvores para a clareira ensanguentada, eles estavam a vigiá-lo. A fêmea roía uma bota de couro que ainda tinha metade de uma perna nela enfiada, mas deixou-a cair quando ele se aproximou. O líder da alcateia, um velho macho com um focinho branco encanecido e um olho cego, avançou ao seu encontro, rosnando, revelando os dentes. Atrás dele, um macho mais jovem mostrava também os colmillos.

Os olhos amarelos claros do lobo gigante absorveram o que o rodeava. Um emaranhado de entranhas enrolava-se por dentro de um arbusto, misturado com os ramos. Vapor erguia-se de uma barriga aberta, carregado com os cheiros de sangue e de carne. Uma cabeça que fitava sem ver um crescente de lua, com a cara rasgada e dilacerada até ao osso ensanguentado, poços no lugar de olhos e o pescoço a terminar num coto irregular. Uma poça de sangue congelado, cintilando rubra e negra.

Homens. O fedor que deles vinha enchia o mundo. Vivos, tinham sido tantos como os dedos de uma pata de homem, mas agora não eram nenhum. *Mortos*. *Acabados*. *Carne*. Cobertos com mantos e capuzes, em tempos, mas os lobos tinham-lhes feito a roupa em bocados no frenesim de chegar à carne. Aqueles que ainda tinham caras usavam densas barbas cobertas com uma crosta de gelo e ranho congelado. A neve que caía começara a enterrar o que deles restava, tão pálida contra o negro de mantos e calças negras e esfarrapadas. *Negro*.

A longas léguas de distância, o rapaz agitou-se, inquieto.

Negro. *Patrulha da Noite*. *Eles eram da Patrulha da Noite*.

O lobo gigante não se importava. Eram carne. Ele tinha fome.

Os olhos dos três lobos brilhavam, amarelos. O lobo gigante sacudiu a cabeça de um lado para o outro, com as narinas dilatadas, após o que descobriu os colmillos num rosnido. O macho mais novo recuou. O lobo gigante conseguiu cheirar nele o medo. *Cauda*, compreendeu. Mas o lobo zarolho respondeu com um rugido e avançou para bloquear o seu avanço. *Cabeça*. *E não tem medo de mim, embora tenha o dobro do seu tamanho*.

Os olhos de ambos encontraram-se.

Warg!

Então, os dois precipitaram-se um contra o outro, lobo e lobo gigante, e deixou de haver tempo para pensamentos. O mundo reduziu-se a dentes e garras, a neve a voar enquanto eles rolavam e

giravam e se mordiam uma o outro, e os outros lobos rosnavam e atiravam dentadas à volta deles. As maxilas de Verão cerraram-se em pelo eriçado e escorregadio de geada, num membro fino como um pau seco, mas o lobo zarolho arranhou-lhe a barriga com as garras e libertou-se, rolou, atirou-se a ele. Colmilhos amarelos cerraram-se-lhe na garganta, mas Verão sacudiu o primo cinzento para longe como teria sacudido uma ratazana, após o que caiu sobre ele, atirando-o ao chão. Rolando, dilacerando, esperneando, lutaram até ficarem os dois em desalinho e sangue fresco salpicar a neve que os rodeava.

Mas, por fim, o lobo zarolho deitou-se e mostrou a barriga. O lobo gigante mordeu-o mais duas vezes, farejou-lhe o traseiro, e depois levantou uma pata por cima dele.

Algumas dentadas e um rosnado de aviso, e a fêmea e o cauda também se submeteram. A alcateia era sua.

As presas também. Deslocou-se de homem em homem, farejando, até se decidir pelo maior, uma coisa sem cara que segurava ferro negro numa mão. A outra mão estava em falta, cortada pelo pulso, e o coto estava ligado com couro. Sangue fluía, espesso e vagaroso, do rasgão que tinha na garganta. O lobo bebeu-o com a língua, lambeu a rasgada ruína sem olhos do seu nariz e bochechas e depois enfiou o focinho no pescoço e abriu-o, devorando um bocado de carne saborosa. Nunca nenhuma carne lhe soubera tão bem.

Quando acabou com aquele homem, passou ao seguinte e devorou-lhe também os melhores bocados. Corvos observavam-no das árvores, agachados nos ramos, de olhos escuros e em silêncio, enquanto a neve caía lentamente à volta deles. Os outros lobos satisfizeram-se com os seus restos; o macho velho alimentou-se primeiro, depois a fêmea, depois o cauda. Agora eram dele. Eram alcateia.

Não, murmurou o rapaz, temos outra alcateia. A Lady está morta, e o Vento Cinzento talvez também esteja, mas o Cão-Felpudo, a Nymeria e o Fantasma ainda estão algures. Lembras-te do Fantasma?

A neve a cair e os lobos a banquetear-se começaram a esbater-se. O calor bateu-lhe na cara, reconfortante como beijos de uma mãe. *Fogo*, pensou, *fumo*. O nariz torceu-se-lhe com o cheiro de carne a assar. E então a floresta desvaneceu-se, e Bran viu-se de regresso ao edifício comum, de regresso ao seu corpo quebrado, a fitar uma fogueira. Meera Reed estava a virar um bocado de rubra carne crua por cima das chamas, deixando-a crestar e crepitar.

— Mesmo a tempo — disse. Bran esfregou os olhos com a base da mão e torceu-se para trás contra a parede, para se sentar. — Quase passavas o jantar a dormir. O patrulheiro encontrou uma porca.

Atrás dela, Hodor estava a desfazer avidamente um pedaço de carne quente e crestada enquanto sangue e gordura lhe caíam para a barba. Fiapos de fumo erguiam-se de entre os seus dedos.

— Hodor — resmungava entre dentadas — hodor, hodor. — A sua espada estava pousada no

chão de terra a seu lado. Jojen Reed mordiscava o seu bocado de carne com pequenas dentadas, mastigando cada pedaço uma dúzia de vezes antes de engolir.

O patrulheiro matou um porco. O Mãos-Frias estava em pé ao lado da porta, com um corvo pousado no braço, ambos a fitar o fogo. Reflexos das chamas cintilavam em quatro olhos negros. *Ele não come, lembrou-se Bran, e tem medo das chamas.*

— Disseste para não fazermos fogo — fez lembrar ao patrulheiro.

— As paredes que nos rodeiam escondem a luz, e a aurora está próxima. Depressa estaremos a caminho.

O que aconteceu aos homens? Os inimigos que nos seguiam?

Não vos irão causar problemas.

Quem eram, selvagens?

Meera virou a carne para cozinhar o outro lado. Hodor estava a mastigar e a engolir, murmurando, feliz, em surdina. Só Jojen parecia consciente do que estava a acontecer quando Mãos-Frias virou a cabeça para fitar Bran.

— Eram inimigos.

Homens da Patrulha da Noite.

— Tu mataste-os. Tu e os corvos. Tinham as caras todas dilaceradas e os olhos tinham desaparecido. — Mãos-Frias não o negou. — Eram teus *irmãos*. Eu vi. Os lobos tinham-lhes rasgado a roupa, mas ainda consegui perceber. Os mantos deles eram pretos. Como as tuas mãos. — Mãos-Frias nada disse. — Quem és tu? *Porque é que as tuas mãos são pretas?* O patrulheiro estudou as mãos como se nunca antes tivesse reparado nelas.

— Depois de o coração parar de bater, o sangue de um homem corre para as extremidades, onde espessa e congela. — A voz ressoava-lhe na garganta, tão magra e descarnada como ele. — As mãos e os pés incham-lhe e tornam-se tão pretas como farinha. O resto dele torna-se branco como leite.

Meera Reed levantou-se, com a lança para rãs na mão, ainda com um bocado de carne fumegante empalado nos seus dentes.

— Mostra-nos a tua cara. O patrulheiro não fez qualquer movimento para obedecer.

— Ele está morto. — Bran sentia o sabor da bÍlis na garganta. — Meera, ele é uma coisa morta qualquer. A Velha Nan costumava dizer que os monstros não podem passar enquanto a Muralha permanecer em pé e os homens da Patrulha da Noite se mantiverem fiéis. Ele veio encontrar-se conosco na Muralha, mas não pôde passar. Mandou o Sam, com aquela rapariga selvagem.

A mão enluvada de Meera apertou-se em volta do cabo da sua lança para rãs.

— Quem foi que te enviou? Quem é esse tal corvo de três olhos?

— Um amigo. Sonhador, feiticeiro, chamai-lhe o que quiserdes. O último vidente verde. — A porta de madeira do edifício comum abriu-se com estrondo. Lá fora, o vento noturno uivava, gelado e negro. As árvores estavam cheias de corvos aos gritos. O Mãos-Frias não se mexeu.

Um monstro — disse Bran. O patrulheiro olhou para Bran como se os outros não existissem.

O teu monstro, Brandon Stark.

Teu — disse o corvo que ele tinha ao ombro, num eco. Fora deportas, os corvos nas árvores imitaram o grito, até a floresta noturna ecoar com a canção assassinada de “*Teu, teu, teu.*”

Joen, sonhaste isto? — perguntou Meera ao irmão. — Quem é ele? O que é ele? O que fazemos agora?

Vamos com o patrulheiro — disse Joen. — Chegámos demasiado longe para voltarmos agora para trás, Meera. Nunca conseguiríamos regressar à Muralha vivos. Ou vamos com o monstro de Bran, ou morremos.

Partiram de Pentos através do Portão Nascente, embora Tyrion Lannister não chegasse a vislumbrar o Sol nascente.

Será como se nunca tivésseis vindo a Pentos, meu pequeno amigo — prometera o Magíster Illyrio quando fechara as cortinas de veludo púrpura da liteira. — Nenhum homem pode ver-vos a abandonar a cidade, como nenhum homem vos viu entrar.

Nenhum homem exceto os marinheiros que me enfiaram naquela pipa, o criado de bordo que limpou a cabine onde viajei, a rapariga que enviastes para me aquecer a cama e aquela traiçoeira lavadeira das sardas. Oh, e os vossos guardas. A menos que lhes tenhais tirado os miolos quando lhes tirastes os tomates, eles sabem que não estais sozinho aqui dentro. — A liteira estava suspensa entre oito gigantescos cavalos de carga, presa por pesadas tiras de couro. Quatro eunucos seguiam a pé ao lado dos cavalos, dois de cada lado, e mais caminhavam atrás para defender a bagagem.

Imaculados não contam histórias — assegurou-lhe Illyrio. — E a galé que vos entregou está a caminho de Asshai neste momento. Passar-se-ão dois anos até que regresse, se os mares forem gentis. Quanto ao meu pessoal, gosta bastante de mim. Nenhum me trairá.

Acarinha essa ideia, meu gordo amigo. Um dia entalharemos essas palavras na tua cripta.
— Devíamos estar a bordo dessa galé — disse o anão. — A maneira mais rápida de chegar a Volantis é por mar.
— O mar é perigoso — respondeu Illyrio. — O outono é uma estação cheia de tempestades e piratas ainda fazem os seus covis nos Degraus e daí partem para depredar os homens honestos. Não seria nada bom que o meu pequeno amigo caísse em tais mãos.
— Também há piratas no Roine.
— Piratas fluviais. — O queijeiro soltou um bocejo, cobrindo a boca com as costas da mão. — Capitães-baratas a correr atrás de migalhas.
— Uma pessoa também ouve falar de homens de pedra.
— Esses são bem reais, pobres coisas condenadas. Mas porquê falar de coisas dessas? O dia está demasiado agradável para tais conversas. Em breve veremos o Roine, e aí livrar-vos-eis de Illyrio e da sua grande barriga. Até lá, bebamos e sonhemos. Temos vinho doce e aperitivos para saborear, para quê pensar em doença e morte?

De fato, para quê? Tyrion voltou a ouvir o *trum* de uma besta e espantou-se. A liteira oscilava de um lado para o outro, um movimento calmante que o fazia sentir-se como uma criança a ser embalada para dormir nos braços da mãe. *Não que eu saiba como isso é.* Almofadas de seda estofadas com penugem de ganso afagavam-lhe as nádegas. As paredes de veludo púrpura curvavam-se por cima da sua cabeça para formar um teto, deixando uma temperatura agradavelmente morna lá dentro, apesar do frio de outono lá fora.

Uma fila de mulas seguia atrás deles, trazendo arcas, pipas e barris, e cestas de delícias para evitar que o senhor do queijo sentisse apetite. Naquela manhã mordiscaram salsichas com especiarias, empurradas para baixo por um vinho castanho de baga-fumo. Enguias em gelatina e tintos de Dorne preencheram-lhes a tarde. Ao chegar a noite, houve presuntos em fatias, ovos cozidos e cotovias assadas recheadas com alho e cebolas, com cervejas louras e vinhos ardentes de Myr para ajudar à digestão. Mas a liteira era tão lenta como confortável, e o anão depressa deu por si cheio de impaciência.

— Vamos demorar quantos dias a chegar ao rio? — perguntou a Illyrio naquela noite. — A este ritmo, os dragões da vossa rainha serão maiores do que os três de Aegon antes de eu pôr os olhos neles.

— Seria bom que assim fosse. Um dragão grande é mais temível do que um pequeno. — O magíster encolheu os ombros. — Por muito que me agradasse dar as boas-vindas à Rainha Daenerys em Volantis, tenho de confiar em vós e em Griff para isso. Posso servi-la melhor em Pentos, a suavizar o caminho para o seu regresso. Mas enquanto estou convosco...bem, um velho gordo tem de ter os seus confortos, sim? Vá, bebei uma taça de vinho.

— Dizei-me — disse Tyrion enquanto bebia — porque haveria ummagíster de Pentos de ter algum interesse em quem usa a coroa em Westeros? Onde está para vós o lucro neste empreendimento, senhor? O gordo limpou com pancadinhas a gordura dos lábios.

— Eu sou um velho, cansado deste mundo e das suas traições. Será assim tão estranho que deseje fazer algum bem antes de os meus dias chegarem ao fim, para ajudar uma doce rapariguinha a reconquistar aquilo que é seu direito de nascimento?

A seguir vais oferecer-me uma armadura mágica e um palácio em Valéria.

Se Daenerys não for mais do que uma doce rapariguinha, o Trono de Ferro vai cortá-la em doces bocadinhos.

Não temais, meu pequeno amigo. O sangue de Aegon, o Dragão, corre lhe nas veias.

Juntamente com o sangue de Aegon, o Indigno, Maegor, o Cruel, e Baelor, o Confundido.

— Falai-me mais dela. O gordo ficou pensativo.

— Daenerys era praticamente uma criança quando veio ter comigo, mas era ainda mais bonita do que a minha segunda esposa, tão adorável que me senti tentado a ficar com ela para mim. Mas era

uma coisinha tão temerosa e furtiva que soube que não obteria qualquer alegria em me ligar a ela. Em vez disso, chamei uma aquecedora de cama e fodi-a vigorosamente até a loucura passar. Em boa verdade, não pensei que Daenerys sobrevivesse durante muito tempo entre os senhores dos cavalos.

— Isso não vos impediu de a vender a Khal Drogo...

— Os dothraki nem compram nem vendem. Dizei antes que o irmão Viserys a ofereceu a Drogo para ganhar a amizade do khal. Um jovem presunçoso e ganancioso. Viserys desejava intensamente o trono do pai, mas também desejava Daenerys, e abominava a ideia de abrir mão dela. Na véspera do casamento da princesa, tentou esgueirar-se para dentro da sua cama, insistindo que, se não podia obter a mão dela, obteria a virgindade. Se eu não tivesse tomado a precaução de pôr guardas à porta dela, Viserys podia ter desfeito anos de planejamento.

— Parece um completo idiota.

— Viserys era filho do Louco Aerys, sem dúvida. Daenerys... Daenerys é bastante diferente. — Enfiou uma cotovia na boca e esmagou-a ruidosamente, com ossos e tudo. — A criança assustada que se abrigou na minha mansão morreu no mar Dothraki, e renasceu em sangue e fogo. Esta rainha dos dragões que usa o seu nome é uma verdadeira Targaryen. Quando enviei navios para a trazer para casa, desviou-os para a Baía dos Escravos. Em poucos dias, conquistou Astapor, fez Yunkai dobrar o joelho e saqueou Meereen. Mantarys será a próxima, se marchar para oeste pelas velhas estradas valirianas. Se vier por mar, bem... a sua frota terá de embarcar comida e água em Volantis. — Por terra ou por mar, há longas léguas entre Meereen e Volantis — observou Tyrion.

— Quinhentas e cinquenta, em voo de dragão, por desertos, montanhas, pântanos e ruínas assombradas por demónios. Serão mais do que muitos os que perecerão, mas aqueles que sobreviverem estarão mais fortes quando chegarem a Volantis... aí encontrar-vos-ão à espera deles com Griff, com forças descansadas e navios suficientes para cruzar com todos o mar até Westeros.

Tyrion pensou em tudo o que sabia sobre Volantis, a mais antiga e mais orgulhosa das Nove Cidades Livres. Havia ali algo de errado. Mesmo com meio nariz conseguia cheirá-lo.

— Diz-se que há cinco escravos por cada homem livre em Volantis.

Porque haveriam os triarcas de ajudar uma rainha que esmagou o comércio de escravos? — Apontou para Illyrio. — E, já agora, porque haveríeis vós de o fazer? A escravatura pode ser proibida pelas leis de Pentos, mas vós também tendes um dedo nesse negócio, talvez mesmo uma mão inteira. E, no entanto, conspirais em prol da rainha dos dragões, e não contra ela. Porquê? O que esperais ganhar com a Rainha Daenerys?

— Voltámos outra vez a isso? Sois um homenzinho persistente. — Illyrio soltou uma gargalhada e deu uma palmada na barriga. — Como quiserdes. O Rei Pedinte jurou que eu seria o seu mestre da moeda, e também um senhor importante. Quando pusesse na cabeça a sua coroa

dourada, eu podia escolher os castelos que quisesse... mesmo Rochedo Casterly, se o desejasse.

Tyrion deitou vinho pelo coto deformado que fora o seu nariz.

— O meu pai teria adorado ouvir isso.

— O senhor vosso pai não tinha motivos de preocupação. Porque haveria eu de querer um rochedo? A minha mansão é suficientemente grande para qualquer homem, e mais confortável do que os vossos castelos de Westeros com as suas correntes de ar. Agora, mestre da moeda... — O gordo descascou outro ovo. — Eu gosto de moedas. Haverá algum som mais agradável do que o tinir de ouro em ouro?

Os gritos de uma irmã.

Tendes mesmo a certeza de que Daenerys cumprirá as promessas do irmão?

Ou cumprirá ou não cumprirá. — Illyrio cortou metade do ovo com uma dentada. — Já vos tinha dito, meu pequeno amigo, nem tudo o que um homem faz é feito pelo lucro. Acreditai no que quiserdes, mas até velhos patetas gordos como eu têm amigos, e dívidas de afeto a pagar.

Mentiroso, pensou Tyrion. Há qualquer coisa neste empreendimento que vale mais para ti do que dinheiro ou castelos.

— Encontram-se tão poucos homens que dão mais valor à amizade do que ao ouro nos dias que correm.

É bem verdade — disse o gordo, surdo à ironia.

Como foi que a Aranha se tornou tão preciosa para vós?

— Passámos a juventude juntos, dois rapazes inexperientes em Pentos.

— Varys veio de Myr.

— Pois veio. Conheci-o não muito tempo depois de chegar, um passo à frente dos escravagistas. De dia dormia nos esgotos, de noite percorria os telhados como um gato. Eu era quase tão pobre como ele, um espadachim vestido de seda suja, vivendo da minha espada. Talvez tenhais calhado ver a estátua perto da minha piscina? Pytho Malanon esculpiu aquilo quando eu tinha dezesseis anos. Uma coisa adorável, embora eu agora chore ao vê-la.

— A idade transforma-nos a todos em ruínas. Ainda estou de luto pelo meu nariz. Mas Varys...

— Em Myr era um príncipe de ladrões, até que um ladrão rival o denunciou. Em Pentos, o sotaque identificava-o, e depois de se saber que era um eunuco foi desprezado e espancado. Nunca saberei porque me escolheu para o proteger, mas chegámos a um acordo. Varys espiava ladrões menores e roubava o que eles roubavam. Eu oferecia-me para ajudar as vítimas, prometendo recuperar os seus objetos de valor em troca de uma gratificação. Depressa todos os homens que tinham sofrido uma perda ficaram a saber que deviam vir ter comigo, enquanto os larápios e carteiristas da cidade procuravam Varys... metade para lhe cortar a garganta, a outra metade para lhe vender o que tinham roubado. Ambos enriquecemos e ficámos ainda mais ricos quando Varys treinou os seus ratos.

— Em Porto Real criava passarinhos.

— Nessa altura chamava-lhes ratos. Os ladrões mais velhos eram idiotas que não pensavam mais longe do que em transformar em vinho

o saque de uma noite. Varys preferia rapazes órfãos e rapariguinhas. Escolhia os menores, aqueles que eram rápidos e discretos, e ensinava-lhes a escalar muros e a descer por chaminés. Ensinámos-lhes também a ler. Deixávamos o ouro e as pedras preciosas para os ladrões comuns. Em vez disso, os nossos ratos roubavam cartas, livros-mestres, planos... mais tarde, passaram a lê-los e a deixá-los onde estavam. *Os segredos valem mais do que prata ou safiras*, afirmava Varys. Exatamente. Eu tornei-me tão respeitável que um primo do Príncipe de Pentos me deixou casar com a sua filha donzela, enquanto murmúrios sobre os talentos de um certo eunuco atravessavam o mar estreito e chegavam aos ouvidos de um certo rei. Um rei muito *ansioso*, que não confiava por completo no filho, nem na esposa, nem no Mão, um amigo de juventude que se tornara arrogante e demasiado orgulhoso. Julgo que conheceis o resto desta história, não é verdade?

— Muita dela — admitiu Tyrion. — Vejo que afinal sois algo mais do que um queijeiro. Illyrio inclinou a cabeça.

— É bondade vossa dizê-lo, meu pequeno amigo. E pela minha parte, vejo que sois precisamente tão rápido de entendimento como o Lorde Varys afirmou. — Sorriu, mostrando todos os dentes tortos e amarelos, e gritou por outra garrafa de vinho ardente de Myr.

Quando o magíster adormeceu abraçado à garrafa de vinho, Tyrion gatinhou pelas almofadas para a soltar da sua prisão de carne e servir-se de uma taça. Emborcou-a, bocejou e voltou a enchê-la. *Se beber sufi ciente vinho ardente*, disse a si próprio, *talvez sonhe com dragões*.

Quando era ainda uma criança solitária nas profundezas de Rochedo Casterly, era frequente montar dragões pelas noites fora, fingindo ser um qualquer principelho perdido Targaryen, ou um senhor dos dragões valiriano a pairar bem alto sobre campos e montanhas. Uma vez, quando os tios lhe perguntaram que presente desejava pelo dia do seu nome, suplicara-lhes um dragão.

Não precisa de ser grande. Pode ser pequeno, como eu. — O tio Gerion achara que aquela era a coisa mais engraçada que já ouvira, mas o tio Tygett dissera:

O último dragão morreu há um século, rapaz. — Aquilo parecera tão monstruosamente injusto que o rapaz chorara até adormecer naquela noite.

Mas se fosse possível acreditar no senhor do queijo, a filha do Rei Louco chocara três dragões vivos. *Mais dois do que até uma Targaryen devia necessitar*. Tyrion tinha quase pena de ter morto o pai. Teria gostado de vera cara do Lorde Tywin quando soubesse que havia uma rainha Targaryen a caminho de Westeros com três dragões, apoiada por um eunuco cheio de intrigas e um queijeiro com metade do tamanho de Rochedo Casterly.

O anão estava tão cheio que teve de desafivelar o cinto e desatar os nós superiores das

calças. A roupa de rapaz com que o seu anfitrião o vestira fazia com que se sentisse como quatro quilos de salsicha numa pele para dois quilos. *Se comermos assim todos os dias, chegarei ao tamanho de Illyrio antes de conhecer esta rainha dos dragões.* Fora da liteira a noite caíra. Dentro, tudo era escuridão. Tyrion escutou os rancos de Illyrio, o ranger das tiras de couro, o lento *clop clop* dos cascos ferrados de ferro dos cavalos na dura estrada valiriana, mas o seu coração estava à escuta dos batimentos de asas de couro.

Quando acordou, a aurora chegara. Os cavalos continuavam a avançar pesadamente, com a liteira a ranger e a oscilar entre eles. Tyrion puxou a cortina um centímetro para trás a fim de espreitar o exterior, mas havia pouco para ver além de campos em tons de ocre, ulmeiros nus e castanhos, e a própria estrada, uma larga via de pedra que corria direita como uma lança até ao horizonte. Lera sobre as estradas valirianas, mas aquela era a primeira que via. O alcance da Cidade Livre chegara até Pedra do Dragão, mas nunca atingira Westeros propriamente dito. *Estranho, isso. Pedra do Dragão não passa de um rochedo. A riqueza estava mais para oeste, mas eles tinham dragões. Com certeza sabiam que estava lá.*

Bebera demasiado na noite anterior. Tinha a cabeça a latejar, e mesmo o suave balanço da liteira era suficiente para lhe revolver o estômago.

Embora não soltasse uma palavra de queixa, a sua aflição deve ter sido evidente para Illyrio Mopatis.

Vá, bebei comigo — disse o gordo. — Uma escama do dragão que vos queimou, como se costuma dizer. — Serviu-os de um jarro de vinho de amoras silvestres, tão doce que atraía mais moscas do que mel. Tyrion enxotou-as com as costas da mão e bebeu profundamente. O sabor era tão enjoativo que foi com grande dificuldade que manteve o vinho na barriga. Mas a segunda taça desceu com mais facilidade. Mesmo assim, não tinha apetite, e quando Illyrio lhe ofereceu uma tigela de amoras silvestres com creme, recusou com um gesto.

Sonhei com a rainha — disse. — Estava de joelhos à sua frente, a jurar fidelidade, mas ela confundiu-me com o meu irmão Jaime e deu-me a comer aos dragões.

Esperemos que esse sonho não seja profético. Sois um anão inteligente, como Varys disse, e Daenerys vai ter necessidade de homens inteligentes à sua volta. Sor Barristan é um cavaleiro valente e fiel mas ninguém, penso eu, alguma vez lhe chamou astucioso.

Os cavaleiros só conhecem uma maneira de resolver um problema. Baixam a lança e arremetem. Um anão tem uma maneira diferente de olhar para o mundo. Mas e vós? Vós também sois um homem inteligente.

Lisonjeais-me. — Illyrio abanou a mão. — Infelizmente, não fui feito para viajar, portanto, enviar-vos-ei a Daenerys em meu lugar. Prestastes um grande serviço a Sua Graça quando matastes o vosso pai, e tenho a esperança de que lhe presteis muitos mais. Daenerys não é a idiota que o irmão era. Ela irá usar-vos bem.

Como acendalha? pensou Tyrion, sorrindo de forma agradável.

Só trocaram de cavalos três vezes nesse dia, mas pareceram parar pelo menos duas vezes por hora para que Illyrio pudesse descer da liteira e dar uma mijada. *O nosso senhor do queijo é do tamanho de um elefante, mas tem uma bexiga parecida com um amendoim*, matutou o anão. Durante uma das paragens, usou o tempo para examinar melhor a estrada. Tyrion sabia o que queria encontrar; não terra batida nem tijolos nem pedras, mas uma fita de pedra fundida, erguida quinze centímetros acima do chão a fim de permitir que a chuva e a neve escorressem. Ao contrário dos trilhos lamacentos que passavam por estradas nos Sete Reinos, as estradas valirianas tinham largura suficiente para três carroças passarem lado a lado, e nem o tempo nem o tráfego as estragavam. Ainda resistiam, imutáveis, quatro séculos depois da própria Valíria ter encontrado a sua Perdição. Procurou sulcos e rachas, mas encontrou apenas uma pilha de bosta quente depositada por um dos cavalos.

A bosta fê-lo pensar no senhor seu pai. *Estás nalgum inferno, pai? Um inferno simpático e frio de onde podes olhar para cima e ver-me a ajudar a devolver o Trono de Ferro à filha do Louco Aerys?*

Quando reataram a viagem, Illyrio apresentou um saco de castanha sassadas e recomeçou a falar da rainha dos dragões.

— Temo que as nossas últimas notícias sobre a Rainha Daenerys sejam antigas e bafientas. Temos de partir do princípio de que por esta altura tenha abandonado Meereen. Tem finalmente a sua hoste, uma hoste dissonante de mercenários, senhores dos cavalos dothraki e infantaria Imaculada, e sem dúvida que os trará para oeste, a fim de retomar o trono dopai. — O Magíster Illyrio abriu um frasco de caracóis em alho, cheirou-os e sorriu. — Temos de ter esperança de que em Volantis obtenhais notícias frescas sobre Daenerys — disse, enquanto chupava um caracol para fora da casca. — Tanto os dragões como as raparigas são caprichosos, e pode ser que tenhais de ajustar os vossos planos. Griff saberá o que fazer. Quereis um caracol? O alho vem dos meus próprios jardins.

Eu podia montar um caracol e avançar mais depressa do que esta tua liteira. Tyrion afastou o prato com um gesto.

Atribuíste bastante confiança a esse tal Griff. Outro amigo de infância?

Não. Vós chamar-lhe-íeis um mercenário, mas é nascido em Westeros. Daenerys precisa de homens dignos da sua causa. — Illyrio ergueu uma mão. — Eu sei! Estais a pensar: “os mercenários põem o ouro à frente da honra. Este tal Griff vai vender-me à minha irmã.” Não é verdade. Confio em Griff como confiaria num irmão.

Outro erro fatal.

— Então eu farei o mesmo.

— A Companhia Dourada marcha para Volantis neste mesmo momento, para esperar aí a

chegada da nossa rainha do leste.

Sob o ouro, o aço amargo.

— Tinha ouvido dizer que a Companhia Dourada estava sob contra-to com uma das cidades livres.

— Myr. — Illyrio fez um sorrisinho afetado. — Contratos podem ser quebrados. — Há mais dinheiro no queijo do que eu pensava — disse Tyrion. — Como conseguistes isso? O magíster sacudiu os dedos gordos.

— Alguns contratos são escritos com tinta, alguns com sangue. Nada mais direi.

O anão refletiu sobre aquilo. A Companhia Dourada tinha a reputação de ser a melhor das companhias livres, fundada um século antes por Açamargo, um filho bastardo de Aegon, o Indigno. Quando outro dos Grandiosos Bastardos de Aegon tentara tirar o Trono de Ferro ao seu meio-irmão legítimo, Açamargo juntara-se à revolta. Contudo, Daemon Blackfyre perecera no Campo da Erva Rubra e a sua rebelião perecera com ele. Os seguidores do Dragão Negro que sobreviveram à batalha, mas se recusaram a dobrar o joelho, fugiram para o outro lado do mar estreito, incluindo os filhos mais novos de Daemon, Açamargo e centenas de senhores e cavaleiros sem terras que depressa se viram forçados a vender as espadas para comer. Alguns juntaram-se ao Estandarte Esfarrapado, alguns aos Segundos Filhos ou aos Homens da Donzela. Açamargo vira a força da Casa Blackfyre a espalhar-se aos quatro ventos, por isso, formara a Companhia Dourada para unir os exilados.

Desse dia até ao presente, os homens da Companhia Dourada tinham vivido e morrido nas Terras Disputadas, combatendo por Myr, Lysou Tyrosh nas suas guerrinhas sem sentido, e sonhando com a terra que os pais haviam perdido. Eram exilados e filhos de exilados, despojados e nunca perdoados... mas ainda formidáveis combatentes.

— Admiro o vosso poder de persuasão — disse Tyrion a Illyrio. — Como convencestes a Companhia Dourada a apoiar a causa da nossa querida rainha quando passaram tanta da sua história a lutar *contra* os Targaryen?

Illyrio enxotou a objeção como se fosse uma mosca.

— Preto ou vermelho, um dragão é um dragão. Quando Maelys, o Monstruoso, morreu nos Degraus, foi o fim da linhagem masculina da Casa Blackfyre. — O queijeiro sorriu através da barba bifurcada. — E Daenerys dará aos exilados o que Açamargo e os Blackfyre nunca conseguiram dar. Levá-los-á para casa.

Com fogo e espadas. Era também o tipo de regresso a casa que Tyrion desejava.

— Dez mil espadas são um presente principesco, admito. Sua Graça ficará muito satisfeita.

O magíster baixou com modéstia a cabeça, fazendo abanar os queixos.

— Nunca ousaria dizer o que poderá satisfazer Sua Graça. *É prudente da tua parte.* Tyrion sabia mais do que gostaria de saber sobre a gratidão dos reis. Porque haveriam as rainhas de ser diferentes?

Pouco depois o magíster adormeceu profundamente, deixando Tyrion a matutar sozinho. Perguntou a si próprio o que Barristan Selmy pensaria de partir para a batalha com a Companhia Dourada. Durante a Guerra dos Reis dos Nove Dinheiros, Selmy abrira um caminho sangrento pelas suas fileiras para matar o último dos Pretendentes Blackfyre. *A rebelião cria estranhos companheiros de cama. E nenhuns são mais estranhos do que este gordo e eu.*

O queijeiro acordou quando pararam para trocar os cavalos e mandou buscar mais uma cesta.

Já avançámos muito? — perguntou-lhe o anão enquanto se atafulhavam com capão frio e um aperitivo feito de cenouras, passas e bocados de lima e laranja.

Isto é Andalos, meu amigo. A terra de onde os vossos ândalos vieram. Tomaram-na aos homens peludos que viviam aqui antes deles, primos dos homens peludos de Ib. O coração do antigo reino de Hugor fica a norte de nós, mas estamos a passar pelas suas marcas meridionais. Em Pentos, chama-se a isto as Planuras. Mais para leste erguem-se os Montes Veludo, aos quais nos dirigimos.

Andalos. A Fé ensinava que os próprios Sete tinham em tempos percorrido as colinas de Andalos sob forma humana.

— O Pai ergueu a mão até aos céus e puxou para baixo sete estrelas — recitou Tyrion de memória — e pô-las uma a uma na testa de Hugor da Colina para fazer uma coroa brilhante. O Magíster Illyrio deitou-lhe um olhar curioso.

— Não sonhava que o meu pequeno amigo fosse tão devoto. O anão encolheu os ombros.

Uma relíquia da minha meninice. Sabia que não podia ser um cavaleiro, portanto decidi ser Alto Septão. Essa coroa de cristal acrescenta trinta centímetros à altura de um homem. Estudei os livros sagrados e rezei até ter crostas em ambos os joelhos, mas a minha demanda chegou a um fim trágico. Cheguei a uma certa idade e apaixonei-me.

Uma donzela? Sei como isso é. — Illyrio enfiou a mão direita na manga esquerda e tirou de lá um medalhão de prata. Lá dentro estava o retrato pintado de uma mulher de grandes olhos azuis e cabelo louro claro com madeixas brancas. — Serra. Encontrei-a numa casa de almofadas lisena e trouxe-a para casa para me aquecer a cama, mas por fim casei com ela. Eu, cuja primeira esposa tinha sido prima do Príncipe de Pentos. As portas do palácio fecharam-se para mim de então em diante, mas não me importei. Por Serra, o preço foi bastante baixo.

Como foi que ela morreu? — Tyrion sabia que a mulher estava morta; nenhum homem falava com tanto carinho de uma mulher que o tivesse abandonado.

Uma galé mercante de Bravos aportou em Pentos de regresso do Mar de Jade. A *Tesouro* transportava cravinho e açafão, âmbar-negro e jade, samito escarlata, seda verde... e a morte cinzenta. Matámos os seus remadores quando o navio acostou e queimámo-lo ao largo, mas as

ratazanas rastejaram ao longo dos remos e desceram para o cais sobre frias patas de pedra. A praga levou duas mil pessoas antes de desaparecer. — O Magíster Illyrio fechou o medalhão. — Conservo as mãos dela no meu quarto. Umas mãos que eram tão suaves...

Tyrion pensou em Tysha. Olhou os campos por onde os deuses em tempos tinham caminhado.

— Que tipo de deuses fazem ratazanas, pragas e anões? — Ocorreu-lhe outra passagem da *Estrela de Sete Pontas*. — A Donzela trouxe-lhe uma rapariga flexível como um salgueiro com olhos que eram como profundas lagoas azuis, e Hugor declarou que a tomaria como noiva. E assim a Mãe tornou-a fértil, e a Velha predisse que ela daria ao rei quarenta e quatro poderosos filhos. O Guerreiro deu força aos seus braços ao passo que o Ferreiro fez para cada um uma armadura de placas de aço.

— O vosso Ferreiro deve ter sido de Roine — gracejou Illyrio. — Os ândalos aprenderam a arte de trabalhar o ferro com os roinares que viviam ao longo do rio. É sabido.

— Não pelos nossos septões. — Tyrion indicou os campos com um gesto. — Quem vive nestas vossas Planuras?

— Agricultores e trabalhadores, ligados à terra. Há pomares, quintas, minas... Eu próprio sou dono de algumas, embora raramente as visite. Porque haveria de passar os meus dias aqui, com a miríade de delícias de Pentos à mão?

— Miríade de delícias. — *E enormes e grossas muralhas*. Tyrion fez o vinho girar na taça. — Não vimos vilas desde Pentos.

— Há ruínas. — Illyrio indicou as cortinas com uma perna de frango.

— Os senhores dos cavalos vêm nesta direção sempre que um *khal* qualquer mete na cabeça ver o mar. Os dothraki não gostam de vilas, deveis saber disto até em Westeros.

— Caí sobre um desses *khalasares* e destruí-o e descobrireis que os dothraki deixam de ser tão rápidos a atravessar o Roine.

— Sai mais barato comprar os inimigos com comida e presentes.

Se eu tivesse pensado em trazer um belo queijo para a batalha da Água Negra podia ainda ter o meu nariz completo. O Lorde Tywin sempre nutria desprezo pelas Cidades Livres. *Combatem com moedas em vez de espadas*, costumava dizer. *O ouro tem os seus usos, mas as guerras são ganhas com ferro.*

O meu pai sempre disse que se derdes ouro a um inimigo ele se limitará a vir buscar mais.

Esse é o mesmo pai que assassinastes? — Illyrio atirou o osso de galinha para fora da liteira. — Mercenários não resistem contra cavaleiros dothraki. Isso ficou provado em Qohor.

Nem sequer o vosso bravo Griff? — troçou Tyrion.

O Griff é diferente. Tem um filho que adora. Jovem Griff é como o rapaz se chama. Nunca houve rapaz mais nobre. O vinho, a comida, o sol, o balanço da liteira, tudo conspirava para o

deixar sonolento. E por isso dormiu, acordou, bebeu. Illyrio acompanhava-o taça por taça. E quando o céu tomou o tom púrpura do ocaso, o gordo começou a ressonar.

Nessa noite, Tyrion Lannister sonhou com uma batalha que tornou os montes de Westeros vermelhos como sangue. Estava no meio dela, a entregar a morte com um machado do seu tamanho, combatendo lado alado com Barristan, o Ousado, e Açamargo, enquanto dragões rodopiavam pelo céu por cima deles. No sonho, tinha duas cabeças, ambas sem nariz. O pai liderava o inimigo, de modo que o matou outra vez. Depois matou o irmão Jaime, atacando-lhe a cara até a transformar numa ruína rubra, rindo-se de todas as vezes que dava um golpe. Foi só quando o combate terminou que se apercebeu de que a sua segunda cabeça estava a chorar.

Quando acordou, tinha as pernas atrofiadas rígidas como ferro. Illyrio estava a comer azeitonas.

— Onde estamos? — perguntou-lhe Tyrion.

— Ainda não saímos das Planuras, meu apressado amigo. Em breve, a nossa estrada entrará nos Montes Veludo. Começamos aí a ascensão até Ghoyan Drohe, nas margens do Pequeno Roine.

Ghoyan Drohe fora uma cidade roinar até que os dragões de Valíria a reduziram a uma desolação em brasa. *Estou a viajar tanto ao longo de léguas como de anos*, refletiu Tyrion, *regressando na história até aos dias em que os dragões governavam a terra*.

Tyrion dormiu, acordou e voltou a dormir, e o dia e a noite pareceram não importar. Os Montes Veludo revelaram-se uma desilusão.

— Metade das rameiras de Lanisporto tem seios maiores do que estes montes — disse a Illyrio. — Devíeis chamar-lhes Tetas Veludo. — Viram um círculo de pedras verticais que Illyrio afirmou terem sido erguidas por gigantes, e mais tarde um lago profundo.

— Aqui vivia um grupo de salteadores que atacava todos os que passavam por cá — disse Illyrio — Diz-se que ainda vivem debaixo de água. Aqueles que pescam no lago são puxados para baixo e devorados. — Na noite seguinte chegaram a uma enorme esfinge valiriana acocorada ao lado da estrada. Tinha corpo de dragão e cara de mulher.

Uma rainha dragão — disse Tyrion. — Um presságio agradável.

Falta o rei dela. — Illyrio apontou para o plinto liso de pedra sobre o qual estivera em tempos a segunda esfinge, agora coberto de musgo e trepadeiras em flor. — Os senhores dos cavalos construíram rodas de pedra por baixo dele e arrastaram-no para Vaes Dothrak.

Isso também é um presságio, pensou Tyrion, mas não tão esperançoso.

Nessa noite, mais bêbado do que de costume, desatou subitamente a cantar.

Cavalgou pelas ruas da cidade,
desde o alto da sua colina,
Por becos e degraus e calçadas,
para os braços da sua menina.
Porque ela era o secreto tesouro,
a sua vergonha e seu prazer.
E corrente e forte nada são,
comparados com beijos de mulher.

Aquela era toda a letra que conhecia, à parte o refrão. *Mãos de ouro são sempre frias, mas há calor numas mãos de mulher.* As mãos de Shae tinham-lhe batido enquanto as mãos de ouro se enterravam na sua garganta. Não se lembrava se nelas houvera calor ou não. À medida que as forças se lhe iam esgotando, os seus golpes tinham-se transformado em traças a esvoaçar em volta do rosto. De cada vez que dava à corrente mais um torção, as mãos de ouro enterravam-se mais. *E corrente e forte nada são, comparados com beijos de mulher.* Tê-la-ia beijado uma última vez, depois de estar morta? Não conseguia lembrar-se... embora ainda recordasse a primeira vez que a beijara, na sua tenda ao lado do Ramo Verde. Que bem soubera a sua boca.

Também se lembrava da primeira vez com Tysha. *Ela não sabia como se fazia, tal como eu. Andávamos sempre a dar encontrões com os narizes, mas quando lhe toquei na língua com a minha, ela tremeu.* Tyrion fechou os olhos para evocar a cara dela, mas em vez disso viu o pai, acorocado numa latrina com o roupão erguido em volta da cintura.

— Onde quer que as rameiras vão — dissera o Lorde Tywin, e a besta fizera *trum*.

O anão virou-se ao contrário, enterrando profundamente meio nariz nas almofadas de seda. O sono abriu-se debaixo dele como um poço, e Tyrion atirou-se lá para dentro determinado a deixar que a escuridão o devorasse.

O ASSISTENTE DO MERCADOR

O *Aventura* fedia.

Ostentava sessenta remos, uma única vela, e um longo casco esguio que prometia velocidade. *Pequeno, mas talvez sirva*, pensou Quentyn quando o viu, mas isso foi antes de subir a bordo e o cheirar bem. *Porcos*, foi

o seu primeiro pensamento, mas depois de uma segunda farejada mudou de ideias. Os porcos tinham um cheiro mais limpo. Aquele fedor era mijo, carne podre e dejetos, aquele era o cheirete de carne de cadáver e de chagassem pus e de ferimentos gangrenados, tão forte que esmagava o ar salgado e

o cheiro a peixe do porto.

— Quero vomitar — disse a Gerris Drinkwater. Estavam à espera do aparecimento do capitão do navio, a sufocar de calor enquanto o fedor se evolava da coberta por baixo deles.

— Se o capitão cheirar nem que seja um bocadinho como este navio, pode confundir o teu vômito com perfume — respondeu Gerris. Quentyn aprestava-se a sugerir que tentassem outro navio quando

o capitão finalmente apareceu, com dois tripulantes mal encarados a seu lado. Gerris cumprimentou-o com um sorriso. Embora não falasse tão bem a língua volantena como Quentyn, o estrategema exigia que falasse por ambos. Em Vila Tabueira, Quentyn desempenhara o papel de vendedor de vinho, mas irritara-se com a mascarada, e quando os dorneses tinham mudado de navio em Lys, tinham também mudado de papéis. Abordo do *Cotovia-dos-Prados*, Cletus Yronwood passara a ser o mercador, Quentyn o criado; em Volantis, com Cletus morto, Gerris assumira o papel do chefe.

Alto e de pele clara, com olhos azuis esverdeados, um cabelo cor de areia com madeixas causadas pelo sol e um corpo esguio e bem feito, Gerris Drinkwater tinha em si uma jactância, uma confiança que roçava a arrogância. Nunca parecia pouco à vontade, e mesmo quando não falava a língua tinha maneiras de se fazer entender. Quentyn fazia fraca fi gura em comparação; com pernas curtas e atarracado, de constituição larga, com cabelo do castanho da terra recém remexida. A sua testa era alta demais, o queixo demasiado quadrado, o nariz largo demais. *Uma cara boa e honesta*, chamara-lhe um dia uma rapariga, *mas devíeis sorrir mais*.

Os sorrisos nunca tinham sido fáceis para Quentyn Martell, tal como acontecia com o senhor

seu pai.

— Quão rápido é o vosso *Aventura*? — perguntou Gerris, numa aproximação hesitante ao alto valiriano.

O capitão do *Aventura* reconheceu o sotaque e respondeu no idioma comum de Westeros.

— Não há navio mais rápido, honrado senhor. O *Aventura* consegue apanhar o próprio vento. Dizei-me para onde quereis navegar, e levar-vos-ei rapidamente até lá.

— Procuo passagem para Meereen, para mim e para dois criados. Isso fez o capitão hesitar.

— Meereen não me é estranha. Era capaz de voltar a encontrar a cidade, sim... mas porquê? Não há escravos a comprar em Meereen, não se encontra lá lucro. A rainha prateada pôs fim a isso. Até fechou as arenas de combate, de modo que um pobre marinheiro nem sequer se pode divertir enquanto espera que os porões se encham. Dizei-me, meu amigo de Westeros, o que há em Meereen para queredes ir até lá?

A mais bela mulher do mundo, pensou Quentyn. *A minha futura esposa, se os deuses forem bons*. Às vezes, à noite, ficava acordado a imaginara sua cara e silhueta, e a perguntar a si próprio por que motivo uma mulher assim haveria de querer casar com ele, entre todos os príncipes do mundo. *Eu sou Dorne*, disse a si próprio. *Ela vai querer Dorne*. Gerris respondeu com a história que tinham congeminado.

— O negócio da nossa família é o vinho. O meu pai tem grande extensão de vinhedos em Dorne, e quer que eu encontre novos mercados. É nossa esperança que a boa gente de Meereen acolha bem aquilo que eu vendo.

— Vinho? Vinho de *Dorne*? — o capitão não estava convencido. — As cidades dos escravos estão em guerra. Será possível que não saibais disso?

— Os combates são entre Yunkai e Astapor, segundo ouvimos dizer. Meereen não está envolvida.

— Ainda não. Mas depressa estará. Um emissário da Cidade Amarela está em Volantis neste preciso momento, a contratar espadas. Os Longas Lanças já embarcaram para Yunkai, e os Aventados e a Companhia do Gato segui-os-ão assim que acabarem de preencher as fileiras. A Companhia Dourada também marcha para leste. Tudo isto é conhecido.

— Se vós o dizeis. Eu negoceio em vinho, não em guerras. O vinho de Ghis tem fraca qualidade, todos concordam. Os meereeneses pagarão bom preço pelas minhas belas colheitas dornesas.

— Mortos não se importam com o tipo de vinho que bebem. — O capitão do *Aventura* afagou a barba. — Parece-me que não sou o primeiro capitão que abordastes. Nem o décimo.

— Pois não — admitiu Gerris.

— Então quantos foram? Cem?

Bem perto disso, pensou Quentyn. Os volantenos gostavam de se gabar de que as cem ilhas de Bravos podiam ser mergulhadas no seu porto profundo e afogadas. Quentyn nunca vira Bravos, mas conseguia acreditar nisso. Rica, madura e podre, Volantis cobria a foz do Roine como um tépi-

do beijo húmido cobria uma boca, estendendo-se por colinas e pântanos de ambos os lados do rio. Havia navios por todo o lado, a descerem o rio ou a dirigirem-se para o mar, enchendo os cais e os molhes, embarcando carga ou descarregando-a; navios de guerra e baleeiros e galés mercantes, carracas e esquifes, cocas, grandes cocas, dracares, navios-cisne, navios de Lys, Tyrosh e Pentos, especiarieiros grandes como palácios, navios de Tolose Yunkai e das Basilisco. Tantos que Quentyn, ao ver o porto pela primeira vez do convés do *Cotovia-dos-Prados*, dissera aos amigos que só fi cariam ali durante três dias.

Mas tinham-se passado vinte e ali permaneciam, ainda sem navio. Os capitães do *Melantino*, da *Filha do Triarca* e do *Beijo da Sereia* tinham-nos recusado. Um imediato no *Ousado Viajante* rira-se-lhes nas caras. O capitão do *Golfinho* enfurecera-se com eles por lhe fazerem perder tempo, e o dono do *Sétimo Filho* acusara-os de serem piratas. Tudo no primeiro dia.

Só o capitão do *Enho* lhes dera motivos para a recusa.

— É verdade que vou zarpar para leste — dissera-lhes, à frente de vinho agüado. — Para sul em volta de Valíria e depois para o nascente. Embarcamos água e provisões em Nova Ghis e depois dobramos os remos para Qarth e os Portões de Jade. Todas as viagens têm perigos, e as longas mais do que a maioria. Porque haveria eu de procurar mais perigos virando para a Baía dos Escravos? É com o *Enho* que ganho a vida. Não irei arriscá-lo para levar três dorneses loucos para o meio de uma guerra.

Quentyn começara a pensar que poderiam ter feito melhor se tivessem comprado o seu próprio navio em Vila Tabueira. Mas isso teria atraído atenções indesejadas. A Aranha tinha informadores por todo o lado, até nos salões de Lançassolar.

— Dorne sangrará se o teu propósito for descoberto — prevenira-o o pai enquanto observavam as crianças a brincar nas piscinas e fontanários dos Jardins de Água. — O que fazemos é traição, não te iludas. Confias nos teus companheiros, e faz tudo o que possas para evitar atrair atenções.

E assim Gerris Drinkwater concedeu ao capitão do *Aventura* o seu sorriso mais desarmante.

— Para dizer a verdade, não contei todos os covardes que nos disseram não, mas na Casa dos Mercadores ouvi dizer que vós sois de um tipo de homem mais ousado, do tipo de homem que poderia arriscar qualquer coisa por ouro suficiente.

Um contrabandista, pensou Quentyn. Era isso que os outros mercadores tinham chamado ao capitão do *Aventura* na Casa dos Mercadores.

— Ele é um contrabandista e um escravagista, meio pirata e meio proxeneta, mas pode acontecer que seja a vossa melhor esperança — dissera lhes o estalajadeiro.

O capitão esfregou o indicador no polegar.

E quanto ouro acharíeis suficiente para uma viagem como essa?

O triplo do vosso preço normal para a Baía dos Escravos.

— Por cada um de vós? — o capitão mostrou os dentes em algo cuja intenção podia ser um sorriso, embora desse à sua cara estreita um ar ferino. — Talvez. É verdade, eu sou um homem mais ousado do que a maioria. Quando quereis partir?

— Amanhã não seria cedo demais.

— Feito. Regressai uma hora antes da primeira luz da aurora, com os vossos amigos e os vossos vinhos. É melhor pormo-nos a caminho enquanto Volantis dorme, para que ninguém nos faça perguntas inconvenientes sobre o nosso destino.

— Como quiserdes. Uma hora antes da primeira luz. O sorriso do capitão alargou-se.

— Estou contente por poder ajudar-vos. Vamos ter uma viagem feliz, sim?

— Tenho a certeza que sim — disse Gerris. O capitão pediu então cerveja, e os dois beberam um brinde ao empreendimento de ambos.

— Uma doçura de homem — disse Gerris mais tarde, enquanto ele e Quentyn se dirigiam ao início do molhe onde o *hathay* que tinham alugado os aguardava. O ar pairava quente e pesado, e o sol era tão brilhante que ambos estavam a cerrar os olhos.

— Isto é uma doçura de cidade — concordou Quentyn. *Sufi cientemente doce para nos apodrecer os dentes*. Beterrabas doces eram profusamente cultivadas por ali, e eram servidas em quase todas as refeições. Os volantenos faziam também com elas uma sopa fria, tão espessa e rica como mel purpúreo. Os vinhos deles também eram doces. — Mas temo que a nossa viagem acabe por ser curta. Aquela doçura de homem não tenciona levar-nos até Meereen. Foi demasiado rápido a aceitar a nossa proposta. Vai receber o triplo do preço habitual, sem dúvida, e depois de nos ter a bordo e fora de vista de terra, vai cortar-nos as goelas e roubar também o resto do nosso ouro.

— Ou acorrentar-nos a um remo, ao lado daqueles desgraçados que estávamos a cheirar. Acho que precisamos de encontrar uma espécie melhor de contrabandista.

O condutor aguardava-os ao lado do *hathay*. Em Westeros, o veículo podia ter recebido o nome de carro de bois, embora fosse bastante mais ornamentado do que qualquer carro que Quentyn tivesse visto em Dornee. Lhe faltasse um boi. O *hathay* era puxado por um elefante anão, com uma pele da cor de neve suja. As ruas da Velha Volantis estavam cheias de tais animais.

Quentyn teria preferido caminhar, mas estavam a milhas da estalagem. Além disso, o estalajadeiro na Casa dos Mercadores tinha-o avisado de que viajar a pé os macularia aos olhos tanto de capitães estrangeiros como de volantenos nativos. Pessoas de categoria viajavam de palanquim ou na parte de trás de um *hathay*... e calhava o estalajadeiro ter um primo que era dono de vários desses aparelhos e ficaria feliz por os servir nesse campo.

O condutor era um dos escravos do primo, um homem pequeno com uma roda tatuada numa bochecha, nu à exceção de uma tanga e de um par de sandálias. A pele era da cor da teca, os olhos lascas de sílex. Depois de os ajudar a subir para o banco almofadado entre as duas enormes rodas de madeira do carro, trepou para o dorso do elefante.

— A Casa dos Mercadores — disse-lhe Quentyn — mas vai ao longo dos cais. — Para lá da zona ribeirinha e das suas brisas, as ruas e vielas de Volantis eram suficientemente quentes para afogar um homem no próprio suor, pelo menos daquele lado do rio.

O condutor gritou qualquer coisa ao elefante na língua local. O animal começou a deslocar-se, balançando a tromba de um lado para o outro. O carro avançou pesadamente atrás dele, enquanto o condutor gritava tanto a marinheiros como a escravos para abrirem caminho. Era bastante simples distinguir estes daqueles. Os escravos estavam todos tatuados; uma máscara de penas azuis, um relâmpago que ia do queixo à testa, uma moeda na bochecha, malhas de leopardo, um crânio, uma caneca. O Mestre Kedry dizia que havia cinco escravos por cada homem livre em Volantis, embora não tivesse sobrevivido durante tempo suficiente para verificar essa estimativa. Perecera na manhã em que os corsários abordaram o *Cotovia-dos-Prados*.

Quentyn perdera mais dois amigos no mesmo dia; Willam Wells comas suas sardas e os seus dentes tortos, destemido com uma lança, e Cletus Yronwood, bem-parecido apesar do olho vesgo, sempre turbulento, sempre a rir. Cletus fora o amigo mais querido de Quentyn ao longo de metade da vida, um irmão em tudo menos no sangue.

— Dá à tua noiva um beijo por mim — murmurara-lhe Cletus logo antes de morrer.

Os corsários tinham subido a bordo na escuridão que precedia a aurora, quando o *Cotovia-dos-Prados* estava ancorado ao largo das Terras Disputadas. A tripulação repelira-os, com o preço de doze vidas. Depois, os marinheiros tinham despido os corsários mortos de botas, cintos e armas, dividido as suas bolsas, e arrancado pedras preciosas das suas orelhas e anéis dos seus dedos. Um dos cadáveres fora tão gordo que o cozinheiro do navio tivera de lhe cortar os dedos com um cutelo para recuperar os anéis. Tinham sido necessários três Cotovias para rolar o corpo para o mar. Os outros piratas foram abandonados depois dele, sem uma palavra de prece ou cerimónia.

Os seus mortos receberam tratamento mais afetuoso. Os marinheiros coseram os corpos em tela e acrescentaram-lhes pedras de lastro para se afundarem mais depressa. O capitão do *Cotovia-dos-Prados* liderara a tripulação numa oração pelas almas dos camaradas mortos. Depois virara-se para os passageiros dorneses, os três que restavam dos seis que tinham embarcado em

Vila Tabueira. Até o grandalhão subira ao convés, pálido, enjoado e instável sobre as pernas, lutando por emergir das profundezas do porão do navio para fazer a sua última homenagem.

— Um de vós devia dizer algumas palavras pelos vossos mortos, antes de os entregarmos ao mar — dissera o capitão. Gerris fizera-lhe a vontade, mentindo palavra sim, palavra não, visto que não se atrevia a dizer a verdade sobre quem eles tinham sido ou por que motivo tinham vindo.

As coisas não deviam ter terminado assim para eles.

— Esta será uma história para contar aos nossos netos — declarara Cletus no dia em que partiram do castelo do pai. Will respondera àquilo com uma careta e dissera:

— Uma história para contar a raparigas de taberna, queres tu dizer, na esperança de que elas levanten as saias. Cletus dera-lhe uma palmada nas costas.

— Para netos precisas de filhos. Para filhos, precisas de levantar umas quantas saias.

Mais tarde, em Vila Tabueira, os dorneses tinham brindado à futura noiva de Quentyn, tinham feito gracejos obscenos sobre a noite de núpcias que teria, e tinham conversado sobre as coisas que veriam, os feitos que fariam, a glória que conquistariam. *Tudo o que conquistaram foi um saco de tela cheio de pedras de lastro.*

Por mais que sofresse pela perda de Will e Cletus, era a perda do mestre que Quentyn sentia com mais agudeza. Kedry fora fluente nas línguas de todas as Cidades Livres e até no ghiscari mestiço que os homens falavam ao longo das costas da Baía dos Escravos.

— O Mestre Kedry vai acompanhar-te — dissera o pai na noite em que partiram. — Dá ouvidos aos seus conselhos. Ele dedicou metade da vida ao estudo das Nove Cidades Livres. — Quentyn perguntou a si próprios e as coisas não teriam corrido bastante mais facilmente se ele estivesse ali para os guiar.

— Eu vendia a minha mãe por um pouco de brisa — disse Gerris, enquanto rolavam através das multidões das docas. — O ar já está úmido como a buceta da Donzela, e ainda nem meio-dia é. Odeio esta cidade.

Quentyn partilhava aquele sentimento. O obstinado calor húmido de Volantis esgotava lhe as forças e deixava-o a sentir-se sujo. A pior parte era saber que o cair da noite não traria qualquer alívio. Nos prados de altitude a norte das propriedades do Lorde Yronwood, o ar era sempre vivificante e fresco depois de escurecer, por mais quente que o dia tivesse sido. Ali não. Em Volantis, as noites eram quase tão quentes como os dias.

— A Deusa zarpa para Nova Ghis amanhã — fez-lhe lembrar Gerris.

— Isso pelo menos iria levar-nos para mais perto.

— Nova Ghis é uma ilha, e um porto muito mais pequeno do que este. Estaríamos mais perto, sim, mas podíamos dar por nós lá presos. E Nova Ghis aliou-se aos yunkaitas. — Essa notícia não surpreendera Quentyn. Tanto Nova Ghis como Yunkai eram cidades ghiscaritas. — Se Volantis também se aliar a eles...

— Precisamos de encontrar um navio vindo de Westeros — sugeriu Gerris — um mercador qualquer vindo de Lannisporto ou de Vila velha.

— Poucos vêm até tão longe, e os que vêm enchem os porões com seda e especiarias vindas do Mar de Jade, após o que viram os remos para casa.

— Talvez um navio bravosiano? Ouve-se falar de velas purpúreas em sítios tão distantes como Asshai e as ilhas do Mar de Jade.

— Os bravosianos são descendentes de escravos fugidos. Não fazem negócio na Baía dos Escravos.

— Temos ouro sufi ciente para *comprar* um navio?

— E quem iria manobrá-lo? Tu? Eu? — os dorneses nunca tinham sido navegadores, pelo menos desde que Nymeria queimara os seus dez mil navios. — Os mares em volta de Valéria são perigosos e estão repletos de corsários.

— Já tive corsários que cheguem. Proponho comprarmos um navio.

Isto continua a não passar de um jogo para ele, apercebeu-se Quentyn, *sem nada de diferente em relação à altura em que levou seis de nós para as montanhas para encontrar o velho covil do Rei Abutre*. Não estava na natureza de Gerris Drinkwater imaginar que podiam falhar, muito menos quep oderiam morrer. Nem as mortes de três amigos lhe tinham servido de emenda, ao que parecia. *Ele deixa isso comigo. Sabe que a minha natureza é tão cautelosa como a sua é ousada*.

— O grandalhão talvez tenha razão — disse Sor Gerris. — Caguemos no mar, podemos acabar a viagem por terra.

— Tu sabes porque é que ele diz isso — disse Quentyn. — Preferia morrer a pôr os pés noutro navio. — O grandalhão passara enjoado todos os dias da viagem. Em Lys precisara de quatro dias para recuperar as forças. Tinham tido de se hospedar numa estalagem para que o Mestre Kedry pudesse enfiá-lo numa cama com colchão de penas e alimentá-lo de caldo se poções até que alguma tonalidade rosada regressasse ao seu rosto.

Era possível ir por terra até Meereen, isso era verdade. As velhas estradas valirianas levá-los-iam até lá. *Estradas de dragões*, era como os homens chamavam às grandes estradas de pedra da Cidade Franca, mas a que seguia para leste de Volantis até Meereen ganhara um nome mais sinistro: *a estrada dos demónios*.

— A estrada dos demónios é perigosa e demasiado *lenta* — disse Quentyn. — Tywin Lannister vai enviar os seus homens atrás da rainha, assim que as notícias sobre ela chegarem a Porto Real. — O seu pai tivera a certeza disso. — Os dele virão com facas. Se chegarem a ela primeiro...

— Esperemos que os dragões dela os farejem e os comam — disse Gerris. — Bem, se não conseguimos encontrar um navio e tu não queres deixar-nos seguir a cavalo, é melhor que compremos passagens de regresso a Dorne.

Rastejar de volta para Lanças solar derrotado, com o rabo entre as pernas? A desilusão do pai seria mais do que Quentyn conseguiria suportar, e o escárnio das Serpentes de Areia seria mordaz. Doran Martell pusera o destino de Dorne nas suas mãos, não podia falhar-lhe enquanto lhe restasse vida.

Torvelinhos de calor erguiam-se da rua enquanto o *hathay* ia chocalhando e sacudindo-se sobre as suas rodas de aros de ferro, emprestando às redondezas um ar onírico. Por entre os armazéns e os cais, lojas e bancadas de todos os tipos atafulhavam a borda-d'água. Aqui podiam comprar-se ostras frescas, ali correntes e grilhetas de ferro, acolá peças de *cryvasse* esculpidas em marfim e jade. Aqui encontravam-se também templos, onde os marinheiros iam fazer sacrifícios a deuses estrangeiros, encostados a casas de almofadas onde mulheres chamavam das varandas os homens que passavam em baixo.

— Olha para aquela — instou Gerris, quando passaram por uma casa de almofadas.

— Acho que está apaixonada por ti. *E quanto custa o amor de uma rameira?* Em boa verdade, as raparigas deixavam Quentyn ansioso, especialmente as bonitas.

Quando chegara a Paloferro, ficara encantado com Ynys, a mais velhadas filhas do Lorde Yronwood. Embora nunca chegasse a dizer uma palavra sobre os seus sentimentos, acarinhara os sonhos durante anos... até ao dia em que ela fora enviada para desposar Sor Ryon Allyrion, o herdeiro de Graça divina. Da última vez que a vira, tinha um rapaz ao peito e outro agarrado às saias.

Depois de Ynys, tinham sido as gémeas Drinkwater, um par de morenas e jovens donzelas que adoravam fazer falcoaria, caçar, escalar rochedo se fazer Quentyn corar. Uma delas dera-lhe o primeiro beijo, embora nunca tivesse sabido qual fora. Como filhas de um cavaleiro com terras, as gémeas eram demasiado mal nascidas para se casar com elas, mas Cletus não achava que isso fosse motivo para que não as beijasse.

— Depois de casares podes ficar com uma como amante. Ou comas duas, porque não? — mas Quentyn pensara em vários motivos por que não, e fizera os possíveis para evitar as gémeas de então em diante, e não houvera um segundo beijo.

Mais recentemente, a mais nova das filhas do Lorde Yronwood pusera-se a segui-lo pelo castelo. Gwyneth não tinha mais de doze anos, e era uma rapariga pequena e magricela cujos olhos escuros e cabelo castanho a distinguiam naquela casa de louros de olhos azuis. Mas era esperta, tão rápida com as palavras como com as mãos, e gostava de dizer a Quentyn que ele tinha de esperar que ela florescesse para poder casar com ele.

Isso fora antes do Príncipe Doran o chamar aos Jardins de Água. E agora a mais bela mulher do mundo estava à espera em Meereen, e ele pretendia cumprir o seu dever e reclamá-la como noiva. *Ela não me recusará. Irá honrar o acordo.* Daenerys Targaryen precisaria de Dorne para conquistar os Sete Reinos, e isso queria dizer que precisaria dele. *Mas não quer dizer que me ame. Pode nem sequer gostar de mim.*

A rua curvava onde o rio se encontrava com o mar e aí, ao longo da curva, uma quantidade de vendedores de animais aglomerava-se, todos juntos, oferecendo sardões, gigantescas serpentes aneladas e ágeis macaquinhos com caudas listadas e inteligentes mãos cor-de-rosa.

— A tua rainha talvez goste de um macaco — disse Gerris.

Quentyn não fazia a mínima ideia do que Daenerys Targaryen poderia apreciar. Prometera ao pai que a traria de volta a Dorne, mas cada vez mais se interrogava sobre se estaria à altura da tarefa.

Nunca pedi isto, pensou.

Para lá da larga extensão azul do Roine, via a Muralha Negra que fora erguida pelos valirianos quando Volantis não passava de um posto avançado do seu império; uma grande oval de rocha fundida com sessenta metros de altura e tão espessa que seis quadrigas podiam fazer uma corrida lado alado ao longo do seu topo, como faziam todos os anos para festejar a fundação da cidade. Estrangeiros e libertos não eram permitidos dentro da Muralha Negra, exceto a convite daqueles que viviam lá dentro, descendentes de Sangue Antigo cuja ancestralidade remontava à própria Valíria.

O tráfego era ali mais denso. Estavam perto da extremidade oriental da Ponte Longa, que ligava as duas metades da cidade. Carros, carroças e *hathays* atulhavam as ruas, todos a dirigirem-se para a ponte ou vindos de lá. Havia escravos por toda a parte, numerosos como baratas, correndo de um lado para o outro a tratar dos assuntos dos seus amos.

Não muito longe da Praça dos Peixeiros e da Casa dos Mercadores, irromperam gritos de uma rua perpendicular àquela que seguiam e uma dúzia de lanceiros Imaculados em armaduras ornamentadas e mantos de pele de tigre surgiram como que vindos de nenhures, fazendo sinal a toda a gente para que se afastasse, a fim de que o triarca pudesse passar empoleirado no seu elefante e escolta. O elefante do triarca era um monstro de pele cinzenta vestido com uma complicada armadura esmaltada que matraqueava suavemente quando ele se mexia, e o castelo que levava ao dorso era tão alto que raspava no topo do arco de pedra ornamental sob o qual estava a passar.

— Acha-se que os triarcas têm uma categoria tão elevada que não se permite que os seus pés toquem o chão durante o ano em que prestam serviço — disse Quentyn ao companheiro. — Vão para todo o lado montados em elefantes.

— A bloquear as ruas e a deixar pilhas de bosta com que gente como nós tem de lidar — disse Gerris. — Nunca saberei porque Volantis precisa de três príncipes quando Dorne se governa com um.

— Os triarcas não são nem reis nem príncipes. Volantis é uma cidade franca, como a Valyria de antigamente. Todos os proprietários de terras nascidos livres partilham o governo. Até as mulheres podem votar, desde que possuam terras. Os três triarcas são escolhidos de entre as famílias nobres que conseguirem provar ascendência nunca interrompida até à velha Valíria, para servirem

até ao primeiro dia do novo ano. E saberias tudo isto se te tivesses incomodado a ler o livro que o Mestre Kedry te deu.

Não tinha imagens.

Havia mapas.

— Os mapas não contam. Se ele me tivesse dito que era sobre tigres e elefantes, podia ter tentado. Parecia-se de forma suspeita com uma história.

Quando o *hathay* chegou à Praça dos Peixeiros, o elefante que o puxava ergueu a tromba e soltou um som de buzina como se fosse algum enorme ganso branco, relutante em mergulhar no emaranhado de carroças, palanquins e tráfego a pé que tinha em frente. O condutor espetou-lhe os calcanhares e manteve-o em movimento.

Os vendedores de peixe estavam em força na rua, gritando as capturas da manhã. Quentyn compreendia uma palavra em duas, no máximo, mas não precisava de conhecer as palavras para conhecer os peixes. Viu bacalhaus, agulhões e sardinhas, barricas de mexilhões e amêijoas. Enguias estavam penduradas à frente de uma bancada. Outra mostrava uma gigantesca tartaruga, presa pelas patas com correntes de ferro, pesada como um cavalo. Caranguejos esgravatavam dentro de barris de salmoura e algas. Vários dos vendedores estavam a fritar bocados de peixe com cebolas e beterrabas, ou a vender guisado de peixe picante que tiravam de pequenas panelas de ferro.

No centro da praça, sob a estátua estalada e sem cabeça de um triarca morto, uma multidão tinha começado a reunir-se em volta de uns anões que montavam um espetáculo. Os homenzinhos envergavam armaduras de madeira, cavaleiros em miniatura que se preparavam para uma justa. Quentyn viu um deles montar um cão, enquanto o outro saltava para cima de um porco... só para escorregar imediatamente para o chão, entre gargalhadas dispersas.

— Parecem divertidos — disse Gerris. — Paramos para os ver lutar? Uma gargalhada podia fazer-te bem, Quent. Pareces um velho que já não usa as tripas há meio ano.

Tenho dezoito anos, sou seis anos mais novo do que tu, pensou Quentyn. *Não sou velho nenhum.* Mas em vez disso, disse:

— Não tenho necessidade nenhuma de anões cómicos. A menos que tenham um navio.

— Um pequeno, imagino.

Com quatro andares de altura, a Casa dos Mercadores dominava as docas, molhes e armazéns que a rodeavam. Ali, mercadores vindos de Vila velha e Porto Real misturavam-se com os seus homólogos de Bravos, Pentos e Myr, com Ibbeneses peludos, com viajantes de pele clara de Qarth, com ilhéus do Verão negros como carvão vestidos com mantos de penas, até com umbromantes mascarados de Asshai da Sombra.

Quentyn sentiu as pedras do pavimento quentes sob os pés quando desceu do *hathay*, mesmo através do couro das botas. À porta da Casados Mercadores tinha sido montada uma mesa

à sombra, decorada com flâmulas às riscas azuis e brancas que esvoaçavam a cada sopro de ar. Quatro mercenários de olhos duros preguiçavam em volta da mesa, chamando odos os homens e rapazes que por ali passavam. *Aventados*, compreendeu Quentyn. Os sargentos andavam à procura de carne fresca para preencheras fileiras antes de embarcarem para a Baía dos Escravos. *E cada homem que alistarem é mais uma espada para Yunkai, outra lâmina destinada a beber o sangue da minha futura noiva.*

Um dos *Aventados* gritou-lhes.

— Não falo a vossa língua — respondeu Quentyn. Embora soubesse ler e escrever alto valiriano, tinha pouca prática de o falar. E a maçã volantena rolara até uma distância razoável da árvore valiriana.

De Westeros? — respondeu o homem no idioma comum.

Dorneses. O meu amo é vendedor de vinhos.

— Amo? Que se foda. És escravo? Vem conosco e sê o teu próprio amo. Queres morrer na cama? Nós ensinamos-te a combater com espada e lança. Irás para a batalha com o Príncipe Esfarrapado e voltarás para casa mais rico do que um lorde. Rapazes, raparigas, ouro, tudo o que tu quiseses, se fores suficientemente homem para o agarrar. Nós somos os *Aventados*, e fodemos a deusa massacre pelo cu acima.

Dois dos mercenários começaram a cantar, berrando a letra de uma canção de marcha qualquer. Quentyn compreendeu o suficiente para apanhar a essência da coisa. *Nós somos os Aventados*, cantavam eles. *Soprai-nos para leste para a Baía dos Escravos, e mataremos o rei carniceiro e foderemos a rainha dos dragões.*

— Se Cletus e Will ainda estivessem conosco, podíamos voltar com o grandalhão e matá-los a todos — disse Gerris.

Cletus e Will estão mortos.

— Não lhes ligo — disse Quentyn. Os mercenários atiraram provocações às suas costas enquanto eles cruzavam as portas da Casa dos Mercadores, chamando-lhes covardes sem sangue e meninas assustadas.

O grandalhão esperava-os nos aposentos que tinham alugado no segundo andar. Embora a estalagem tivesse sido recomendada pelo capitão do *Cotovia-dos-Prados*, isso não queria dizer que Quentyn estivesse disposto a deixar os bens e o ouro sem proteção. Todos os portos tinham ladrões, ratazanas e rameiras, e Volantis tinha mais do que a maioria.

— Estava quase a ir à vossa procura — disse Sor Archibald Yronwood, enquanto fazia deslizar a tranca para os deixar entrar. Fora o primo Cletus quem começara a chamar-lhe “*grandalhão*,” mas o nome era bastante merecido. Arch tinha dois metros de altura, era largo de ombros, possuía umabarriga enorme, as pernas eram como troncos de árvores, as mãos tinham

o tamanho de presuntos e não tinha pescoço de que valesse a pena falar. Alguma enfermidade de infância fizera-lhe cair todo o cabelo. A sua cabeça calva fazia lembrar a Quentyn um pedregulho liso e cor-de-rosa. — Então

— perguntou o grandalhão — que disse o contrabandista? Temos barco?

— Navio — corrigiu Quentyn. — Sim, ele leva-nos, mas só até ao inferno mais próximo. Gerris sentou-se numa cama descaída a meio e descalçou as botas.

Dorne parece mais atraente a cada momento que passa. O grandalhão disse:

Continuo a dizer que faríamos melhor se cavalgássemos pela estrada dos demónios. Pode ser que não seja tão perigosa como os homens dizem. E se for, isso só significa mais glória para os que se atrevem a enfrentá-la. Quem se atreveria a incomodar-nos? O Drink com a sua espada, eu com o meu martelo, somos mais do que qualquer demónio consegue digerir.

— E se Daenerys morrer antes de chegarmos junto dela? — questionou Quentyn. — Temos de arranjar navio. Mesmo se for o *Aventura*. Gerris riu-se.

— Deves estar mais desesperado pela Daenerys do que eu pensava, se estás disposto a aguentar aquele pivete durante meses sem parar. Passados três dias, eu punha-me a pedir-lhes que me assassinassem. Não, meu príncipe, suplico-vos, o *Aventura* não.

— Tens maneira melhor? — perguntou-lhe Quentyn.

— Tenho. Acabou de me ocorrer. Tem os seus riscos, e não é aquilo a que eu chamaria honroso, admito... mas levar-te-á à tua rainha mais depressa do que a estrada dos demónios.

— Conta-me — disse Quentyn Martell.

JON

Jon Snow releu a carta até as palavras começarem a desfocar-se e a confundir-se umas com as outras. *Não posso assinar isto. Não assinarei isto.*

Quase queimou o pergaminho ali e naquele momento. Mas em vez disso, bebeu um trago de cerveja, o que restara da meia taça que sobrara do seu jantar solitário na noite anterior. *Tenho de assinar. Eles escolheram-me para ser seu senhor comandante. A Muralha é minha e a Patrulha também. A Patrulha da Noite não participa.*

Foi um alívio quando o Edd Doloroso Tollett abriu a porta para lhe dizer que Goiva estava lá fora. Jon pôs a carta do Mestre Aemon de lado.

Eu recebo-a. — Temia aquilo. — Vai à procura do Sam. Vou querer falar com ele a seguir.

Ele deve estar lá em baixo com os livros. O meu velho septão costumava dizer que os livros são os mortos a falar. O que eu digo é que os mortos deviam ficar sossegados. Ninguém quer ouvir o paleio de um morto. — O Edd Doloroso saiu a resmungar sobre vermes e aranhas.

Quando Goiva entrou, caiu imediatamente de joelhos. Jon deu a volta à mesa e pô-la em pé.

— Não precisas de te ajoelhar à minha frente. Isso é só para reis. — Embora fosse esposa e mãe, Goiva ainda lhe parecia meio criança, uma coisinha esguia enrolada num dos mantos velhos de Sam. O manto ficava-lhe tão grande que podia ter escondido várias outras raparigas sob as suas dobras. — Os bebês estão bem? — perguntou-lhe.

A rapariga selvagem sorriu timidamente de dentro do capuz.

Sim, senhor. Tinha medo de não ter leite suficiente para os dois, mas quanto mais mamam mais leite tenho. Eles são fortes.

Tenho uma coisa difícil para te dizer. — Quase disse *pedir*, mas segurou-se no último instante.

É o Mance? A Val suplicou ao rei para o poupar. Disse que deixava que um ajoelhador qualquer se casasse com ela e nunca lhe cortaria a goela se Mance pudesse viver. Aquele Senhor dos Ossos, ele vai ser poupado. O Craster sempre jurou que o matava se mostrasse a cara na fortaleza. O Mance nunca fez metade das coisas que ele fez.

Tudo o que Mance fez foi liderar um exército contra o reino que tinha jurado proteger.

O Mance proferiu as nossas palavras, Goiva. Depois virou o manto, casou com Dalla e coroou-se Rei-para-lá-da-Muralha. A vida dele está agora nas mãos do rei. Não é sobre ele que

temos de falar. É sobre o filho dele. O filho de Dalla.

O bebê? — a voz dela tremeu. — Ele nunca quebrou nenhum juramento, senhor. Dorme, e chora e mama, só isso, nunca fez mal nenhum a ninguém. Não os deixeis queimá-lo. Salvai-o, por favor.

— Só tu podes fazer isso, Goiva. — Jon disse-lhe como.

Outra mulher ter-lhe-ia gritado, tê-lo-ia amaldiçoado, tê-lo-ia condenado aos sete infernos. Outra mulher podia ter-se atirado a ele numa raiva, podia tê-lo esbofeteado, pontapeado, esgatanhado os olhos com as unhas. Outra mulher podia ter-lhe atirado o desafio aos dentes.

Goiva abanou a cabeça.

Não. Por favor, não. O corvo pegou na palavra.

Não — gritou.

— Se recusares, o rapaz vai arder. Não amanhã, não no dia seguinte... mas em breve, quando Melisandre precisar de despertar um dragão ou levantar um vento ou fazer outro feitiço que precise do sangue de um rei. Por essa altura, Mance será cinzas e ossos, portanto, exigirá o filho dele para o fogo, e Stannis não lho negará. Se não lewares o rapaz para longe, *ela vai queimá-lo*.

— Eu vou — disse Goiva. — Eu levo-o, levo os dois, o miúdo de Dalla e o meu. — Lágrimas correram-lhe pela cara abaixo. Se não fosse pelo modo como a vela as fazia cintilar, Jon podia não se ter apercebido de que ela estava a chorar. *As mulheres de Craster devem ter ensinado as filhas a derramar as lágrimas para uma almofada. Talvez saíssem de casa para chorar, bem para longe dos punhos de Craster.*

Jon fechou os dedos da mão da espada.

Se lewares os dois rapazes, os homens da rainha vão atrás de tie arrastam-te de volta. O rapaz arderá na mesma... e tu com ele. — *Se a confortar, ela pode julgar que lágrimas me conseguem demover. Tem de compreender que eu não irei ceder.* — Vais levar um rapaz, e esse rapaz será o de Dalla.

Uma mãe não pode abandonar o filho, senão fica amaldiçoada para todo o sempre. Um *filho* não. Nós *salvamo-lo*, eu e o Sam. Por favor. Por favor, senhor. Salvámo-lo do frio.

— Os homens dizem que morrer gelado é quase pacífico. Mas o fogo... vês a vela, Goiva? Ela olhou para a chama.

— Sim.

— Toca-a. Põe a mão por cima da chama.

Os seus grandes olhos castanhos tornaram-se ainda maiores. Não se mexeu.

— Faz o que te digo. — *Mata o rapaz.* — Já.

A tremer, a rapariga estendeu a mão e susteve-a bem acima da chama tremeluzente da vela.

— Para baixo. Deixa que ela te beije.

Goiva baixou a mão. Um centímetro. Outro. Quando a chama lhe lambeu a pele, puxou a mão de repente e desatou a soluçar.

O fogo é uma maneira cruel de morrer. A Dalla morreu para dar vida a esta criança, mas tu alimentaste-a, acarinhaste-a. Salvaste o teu rapaz do gelo. Agora salva o dela do fogo.

Mas assim eles vão queimar o meu bebê. A mulher vermelha. Se ela não puder ter o da Dalla, vai queimar o meu.

O teu filho não tem nenhum sangue de rei. Melisandre não ganha nada em entregá-lo ao fogo. Stannis quer que o povo livre lute por ele, não irá queimar um inocente sem um bom motivo. O teu rapaz ficará em segurança. Eu arranjo-lhe uma ama-de-leite, e ele será criado aqui em Castelo Negro sob a minha proteção. Aprenderá a caçar e a montar a cavalo, a combater com espada, machado e arco. Até me assegurarei de que seja ensinado a ler e a escrever. — Sam gostaria daquilo. — E quando tiver idade suficiente, aprenderá a verdade sobre quem é. Será livre de ir à tua procura, se for isso que quiser.

— Ides fazer dele um corvo. — Ela limpou as lágrimas com as costas de uma mão pálida e pequena. — Não deixo. Não deixo. *Mata o rapaz*, pensou Jon.

— Vais deixar. Senão, prometo-te que no dia em que queimarem o rapaz de Dalla o teu morre também.

— *Morre* — guinchou o corvo do Velho Urso. — *Morre, morre, morre*. A rapariga ficou encolhida e enrolada sobre si própria, a fitar a chamada vela, com lágrimas a cintilar nos olhos. Por fim, Jon disse:

— Tens a minha licença para saíres. Não fales disto, mas trata de estar pronta para partir uma hora antes da primeira luz da aurora. Os meus homens ir-te-ão buscar.

Goiva pôs-se em pé. Partiu pálida e sem palavras, sem lhe deitar um olhar. Jon ouviu os seus passos a atravessar apressadamente o armeiro. Ia quase a correr.

Quando foi fechar a porta, Jon viu que o Fantasma estava estendido ao lado da bigorna, a roer o osso de um boi. O grande lobo gigante branco ergueu os olhos quando se aproximou.

— Já era mais que tempo de estares de volta. — Regressou à sua cadeira, para voltar a reler a carta do Mestre Aemon.

Samwell Tarly apareceu alguns momentos mais tarde, agarrado a uma pilha de livros. Assim que ele entrou, o corvo de Mormont voou para ele exigindo milho. Sam fez o que pôde para lhe cumprir a vontade, oferecendo alguns grãos tirados do saco que estava ao lado da porta. O corvo fez o que pôde para lhe trespassar a palma da mão com uma bicada. Sam soltou um uivo, a ave voou para longe, o milho espalhou-se pelo chão.

Esse patife rompeu-te a pele? — perguntou Jon. Sam descalçou cuidadosamente a luva.

Rompeu. Estou a *sangrar*.

— Todos derramamos o nosso sangue pela Patrulha. Usa luvas mais grossas. — Jon empurrou uma cadeira para ele com um pé. — Senta-te e dá uma olhadela a isto. — Entregou o pergaminho a Sam.

O que é?

Um escudo de papel. Sam leu-o lentamente.

Uma carta para o Rei Tommen?

— Em Winterfell, Tommen lutou com o meu irmão Bran com espadas de madeira — disse Jon, recordando. — Estava tão almofadado que parecia um ganso estufado. Bran atirou-o ao chão. — Foi até à janela e abriu as portadas. O ar lá fora estava frio e tonificante, embora o céu mostrasse um cinzento monótono. — Mas Bran está morto, e o rechonchudo Tommen de cara rosada está sentado no Trono de Ferro, com uma coroa aninhada entre os seus caracóis dourados.

Aquilo obteve um olhar estranho de Sam, o qual por um momento pareceu querer dizer qualquer coisa. Mas, em vez disso, engoliu em seco e voltou a virar-se para o pergaminho.

— Não assinaste a carta. Jon abanou a cabeça.

— O Velho Urso suplicou ajuda ao Trono de Ferro uma centena de vezes. Enviaram-lhe Janos Slynt. Nenhuma carta fará com que os Lannister gostem mais de nós. Em especial, depois de ouvirem dizer que temos ajudado Stannis.

— Só a defender a Muralha, não na sua rebelião. É o que aqui *diz*.

— A diferença pode escapar ao Lorde Tywin. — Jon voltou a agarrar na carta. — Porque haveria de nos ajudar agora? Nunca o fez antes.

— Bem, ele não querará que se diga que Stannis correu em defesa do reino enquanto o Rei Tommen estava a brincar com os seus brinquedos. Isso faria cair o escárnio sobre a Casa Lannister.

— O que eu quero fazer cair sobre a Casa Lannister é a morte e a destruição, não o escárnio. — Jon leu um trecho da carta. — *A Patrulha da Noite não participa nas guerras dos Sete Reinos. Os nossos juramentos são prestados ao reino, e o reino encontra-se agora em terrível perigo. Stannis Baratheon ajuda-nos contra os inimigos vindos do além-Muralha, embora nós não sejamos seus homens ...*

Sam torceu-se na cadeira.

— Bem, e *não* somos. Somos?

— Eu dei a Stannis alimentos, abrigo e Forte noite, além de autorização para instalar algum povo livre na Dádiva. É tudo.

— O Lorde Tywin dirá que foi demasiado.

— Stannis diz que não é o suficiente. Quanto mais deres a um rei, mais ele quererá. Estamos a percorrer uma ponte de gelo com um abismo de cada lado. Agradar a um rei já é bastante difícil. Agradar a dois é praticamente impossível.

— Sim, mas... se os Lannister prevalecerem e o Lorde Tywin decidir que traímos o rei ao ajudarmos Stannis, isso poderá significar o fim da Patrulha da Noite. Ele tem os Tyrell atrás de si, com todo o poderio de Jardim de Cima. E derrotou o Lorde Stannis na Água Negra.

— A Água Negra foi uma batalha. Robb venceu todas as suas batalhas e perdeu na mesma a cabeça. Se Stannis for capaz de levantar o norte... Sam hesitou, depois disse:

— Os Lannister têm os seus próprios nortenhos. O Lorde Bolton e o seu bastardo.

— Stannis tem os Karstark. Se conseguir conquistar Porto Branco...

— Se — sublinhou Sam. — Se não... senhor, até um escudo de papel é melhor do que nenhum.

— Suponho que sim. — *Tanto ele como Aemon.* Tivera alguma esperança de que Sam Tarly pudesse ver o assunto de forma diferente. *É só tinta e pergaminho.* Resignado, pegou na pena e assinou. — Traz-me a cera de selar. — *Antes que eu mude de ideias.* Sam apressou-se a obedecer. Jona fixou o selo do Senhor Comandante e entregou-lhe a carta. — Leva isto ao Mestre Aemon quando saíres e diz-lhe para despachar uma ave para Porto Real.

— Fá-lo-ei. — Sam pareceu aliviado. — Senhor, se posso perguntar...vi Goiva a sair. Ia quase a chorar.

— Val enviou-a outra vez para suplicar por Mance — mentiu Jon, e conversaram durante algum tempo sobre Mance, Stannis e Melisandre de Asshai, até que o corvo comeu o último grão de milho e gritou:

— *Sangue!*

— Vou mandar Goiva embora — disse a Sam. — A ela e ao rapaz. Teremos de arranjar outra ama-de-leite para o seu irmão de leite.

— Leite de cabra pode servir, até que a encontreis. É melhor para do que o de vaca. — Era claro que falar sobre seios deixava Sam desconfortável, e de súbito desatou a falar de história e de rapazes comandantes que tinham vivido e morrido centenas de anos antes. Jon interrompeu-o com:

— Diz-me algo de útil. Fala-me do nosso inimigo.

— Os Outros. — Sam lambeu os lábios. — São mencionados nos anais, embora não com tanta frequência como eu esperava. Isto é, nos anais que encontrei e vasculhei. Sei que há mais que ainda não encontrei. Alguns dos livros mais antigos estão a cair aos bocados. As páginas desfazem-se quando tento virá-las. E os livros *realmente* velhos... ou se desfizeram por completo ou estão enterrados em algum sítio onde ainda não procurei, ou... bem, pode acontecer que esses livros não existam e nunca tenham existido. As histórias mais antigas que temos foram escritas depois dos ândalos chegarem a Westeros. Os Primeiros Homens só nos deixaram runas em

pedras, de modo que tudo o que julgamos saber acerca da Era dos Heróis e da Era da Alvorada vem de relatos escritos por septões milhares de anos mais tarde. Há arquimeistres na Cidadela que questionam tudo isso. Essas velhas histórias estão cheias de reis que reinaram por centenas de anos, e cavaleiros que andaram por aí mil anos antes de *haver* cavaleiros. Conheceis as histórias, Brandon, o Construtor, Symeon Olhos de Estrela,

o Rei da Noite... dizemos que sois o nongentésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite, mas a lista mais antiga que encontrei mostra seiscentos e setenta e quatro comandantes, o que sugere que foi escrita durante...

— Há muito tempo — interrompeu Jon. — E os Outros?

— Encontrei menções a vidro de dragão. Os filhos da floresta costumavam oferecer à Patrulha da Noite cem punhais de obsidiana todos os anos, durante a Era dos Heróis. A maior parte das histórias concorda que o sOutros vêm quando está frio. Ou então fica frio quando eles vêm. Por vezes aparecem durante tempestades de neve e somem-se quando os céus se limpam. Escondem-se da luz do sol e emergem à noite... ou então a noite cai quando emergem. Algumas histórias falam deles montados nos cadáveres de animais mortos. Ursos, lobos gigantes, mamutes, cavalos, não importa, desde que o animal esteja morto. Aquele que matou o Paul Pequeno estava montado num cavalo morto, portanto, essa parte é claramente verdade. Alguns relatos falam também de aranhas gigantes de gelo. Não sei o que elas são. Homens que caem em batalha contra os Outros têm de ser queimados, caso contrário os mortos voltarão a erguer-se como seus servos.

Já sabíamos tudo isso. A questão é: como os combatemos?

A armadura dos Outros é à prova da maior parte das lâminas comuns, se é possível crer nas histórias, e as espadas que eles usam são tão frias que estilhaçam o aço. Mas o fogo desencoraja-os, e são vulneráveis à obsidiana. Encontrei um relato da Longa Noite que falava do último herói a matar Outros com uma lâmina de aço de dragão. Supostamente não conseguiam resistir-lhe.

Aço de dragão? — o termo era novo para Jon. — Aço *valiriano*?

Foi também essa a minha primeira ideia.

Então se eu conseguir convencer os senhores dos Sete Reinos a darem nos as suas lâminas valirianas, tudo será salvo? Isso não há de ser difícil. — *Não será mais difícil do que pedir-lhes para entregarem o dinheiro e os castelos.* Soltou uma gargalhada amarga. — Descobriste quem os Outros são, de onde vêm, o que querem?

Ainda não, senhor, mas pode ser que tenha simplesmente andado a ler os livros errados. Há centenas que ainda não folheei. Dai-me mais tempo, e encontrarei tudo o que houver para encontrar.

Não há mais tempo. Tens de juntar as tuas coisas, Sam. Vais com Goiva.

— Vou? — Sam olhou-o de boca aberta, como se não compreendesse o significado da palavra. — Eu vou? Para Atalaiaeste, senhor? Ou... para onde...

Vila velha.

Vila velha? — repetiu Sam, num guincho agudo.

Aemon também.

— Aemon? O *Meistre* Aemon? Mas... ele tem cento e dois anos de idade, senhor, ele não pode... estais a mandá-lo a ele e a mim? Quem tratará dos corvos? Se adoecerem ou se ferirem, quem...

— Clydas. Ele está com Aemon há anos.

— Clydas é só um intendente, e está a perder a visão. Precisais de um *meistre*. O Meistre Aemon está tão fraco que uma viagem marítima... isso pode... ele é velho, e...

— A sua vida estará em risco. Estou consciente disso, Sam, mas o risco aqui é maior. Stannis sabe quem Aemon é. Se a mulher vermelha precisar de sangue real para os seus feitiços...

— Oh. — A cor pareceu escoar-se das bochechas gordas de Sam.

— Daeron juntar-se-á a vós em Atalaiaeste. A minha esperança é que as suas canções nos conquistem alguns homens no sul. O *Melro* desembarcar-vos-á em Bravos. A partir daí, arranjareis vós a passagem para Vila velha. Se ainda quiseses assumir o bebê de Goiva como teu bastardo, manda-a e à criança para Monte Chifre. Se não, Aemon encontrará para ela um lugar de criada na Cidadela.

— Meu b-b-bastardo. Sim, eu... a minha mãe e irmãs ajudarão Goiva a criar a criança. Daeron podia levá-la para Vila velha tão bem como eu. Eu sou... tenho andado a treinar o tiro com arco todas as tardes com Ulmer, conforme ordenastes... bem, menos quando estou nas caves, mas dissestes-me para descobrir coisas sobre os Outros. O arco faz-me doer os ombros e faz-me crescer bolhas nos dedos. — Mostrou a mão a Jon. — Mas continuo a treinar. Agora já são mais as vezes que acerto no alvo do que as que não acerto, mas continuo a ser o pior arqueiro que alguma vez curvou um arco. Mas gosto das histórias de Ulmer. Alguém tem de as escrever e de as pôr num livro.

— Faz tu isso. Têm pergaminhos e tinta na Cidadela, e também têm arcos. Conto que continues com o teu treino. Sam, a Patrulha da Noite tem centenas de homens capazes de disparar uma seta, mas só uma mão cheia sabe ler ou escrever. Preciso que te tornes no meu novo meistre.

Senhor, eu... o meu trabalho é aqui, os livros...

... ainda cá estarão quando voltares para nós. Sam levou uma mão à garganta.

— Senhor, a Cidadela... lá obrigam-nos a cortar cadáveres. Não posso usar uma corrente.

— Podes. Usarás. O Meistre Aemon está velho e cego. As suas forças estão a abandoná-lo. Quem tomará o seu lugar quando morrer? O Meistre Mullin, da Torre Sombria, é mais guerreiro do

que erudito, e o Mestre Harmune de Atalaiaeste passa mais tempo bêbado do que sóbrio.

— Se pedirdes mais mestres à Cidadela...

— Tenciono pedir. Teremos falta de todos os que nos mandarem. Mas não é assim tão fácil substituir Aemon Targaryen. — *Isto não está a correr como eu esperava.* Soubera que Goiva seria difícil, mas partira do princípio de que Sam ficaria contente por trocar os perigos da Muralha pelo calor de Vila velha. — Estava convencido de que isto te agradaria — disse, confundido. — Há tantos livros na Cidadela que ninguém pode ter a esperança de os ler a todos. Dar-te-ás bem por lá, Sam. Eu sei que sim.

— Não. Podia ler os livros, mas... um m-mestre tem de ser um curandeiro e o s-s-sangue faz-me desmaiar. — A mão tremeu-lhe para demonstrar a verdade do que dizia. — Sou Sam, o Assustado, não Sam, o Matador.

— Assustado? Com quê? As censuras de velhos? Sam, tu viste as criaturas a atacarem o Punho, uma maré de mortos-vivos com mãos negras e brilhantes olhos azuis. Mataste um Outro.

— Foi o vidro de d-d-d-dragão, não fui eu.

— Cala-te — exclamou Jon. Depois de Goiva, não tinha paciência para os medos do gordo. — Mentiste, maquinaste e conspiraste para fazer de mim senhor comandante. *Irás obedecer-me. Irás para a Cidadela e forjarás uma corrente, e se tiveres de abrir cadáveres, que seja. Pelo menos em Vilavelha os cadáveres não levantarão objeções.*

— O senhor meu p-p-p-pai, o Lorde Randyll, ele, ele, ele, ele, ele... a vida de um mestre é uma vida de *servidão*. Nenhum filho da Casa Tully alguma vez usará uma corrente. Os homens de Monte Chifre não se dobram nem se vergam perante senhores insignificantes. Jon, não posso desobedecer ao meu pai.

Mata o rapaz, pensou Jon. O rapaz em ti, e o rapaz nele. Mata-os a ambos, maldito bastardo.

— Tu não tens pai. Só irmãos. Só nos tens a nós. A tua vida pertence à Patrulha da Noite, por isso, vai enfiar a tua roupa num saco, com o que quer que queiras levar para Vilavelha. Partireis uma hora antes do nascer do Sol. E eis outra ordem. Deste dia em diante, *não* chamarás covarde a ti próprio. Enfrentaste mais coisas neste último ano do que a maioria dos homens enfrenta no tempo de uma vida. Podes enfrentar a Cidadela, mas irás enfrentá-la como Irmão juramentado da Patrulha da Noite. Não te posso ordenar que sejas valente, mas *posso* ordenar-te que escondas os teus medos. Proferiste as palavras, Sam. Lembra-te?

Eu... eu vou tentar.

Não vais tentar. Vais obedecer.

Obedecer. — O corvo de Mormont bateu as suas grandes asas

pretas. Sam pareceu fraquejar.

— Às vossas ordens, senhor. O... o Mestre Aemon sabe?

— Isto foi tanto ideia dele como minha. — Jon abriu-lhe a porta. — Nada de despedidas. Quanto menos pessoas souberem disto, melhor. Uma hora antes da primeira luz da aurora, junto ao cemitério.

Sam fugiu dele, tal como Goiva fugira.

Jon estava cansado. *Preciso de dormir*. Estivera a pé metade da noite a examinar mapas, a escrever cartas e a fazer planos com o Mestre Aemon. Mesmo depois de tropeçar para dentro da sua estreita cama, o descanso não chegara facilmente. Sabia o que enfrentaria naquele dia, e dera por si a mexer-se irrequieto enquanto matutava nas últimas palavras do Mestre Aemon.

— Permitti-me dar ao meu senhor um último conselho — dissera o velho — o mesmo conselho que dei em tempos ao meu irmão quando nos separámos pela última vez. Ele tinha trinta e três anos quando o Grande Conselho o escolheu para subir ao Trono de Ferro. Um homem feito com filhos seus, mas em alguns aspectos ainda um rapaz. Egg tinha em si uma inocência, uma doçura que todos amávamos. *Mata o rapaz em ti*, disse-lhe eu no dia em que embarquei para a Muralha. *É preciso um homem para governar. Um Aegon, não um Egg. Mata o rapaz e deixa que o homem nasça*.

— O velho apalpara a cara de Jon. — Vós tendes metade da idade que o Egg tinha, e temo que o vosso fardo seja mais cruel. Obtereis poucas alegrias com o vosso comando, mas acho que tendes em vós a força necessária para fazer aquilo que tem de ser feito. Matai o rapaz, Jon Snow. O inverno já quase chegou. Matai o rapaz e deixai que o homem nasça.

Jon envergou o manto e saiu a passos largos. Fazia uma ronda por Castelo Negro todos os dias, visitando os homens de vigia e ouvindo em primeira mão os relatórios, observando Ulmer e os seus subordinados nos alvos para arqueiros, conversando tanto com homens da rainha como com homens do rei, percorrendo o gelo no topo da Muralha para dar uma olhadela à floresta. O Fantasma seguia atrás dele, uma sombra branca a seu lado.

Kedge Olho branco estava encarregado da Muralha quando Jon fez a sua ascensão. Kedge vira quarenta e tal dias do seu nome, trinta dos quais passados na Muralha. O seu olho esquerdo era cego, o direito era maldoso. Nas zonas selvagens, sozinho com machado e garrano, era tão bom patrulheiro como qualquer outro na Patrulha, mas nunca se dera bem com os outros homens. — Um dia sossegado — disse a Jon. — Nada a relatar, exceto os patrulheiros do lado errado. — Os patrulheiros do lado errado? — perguntou Jon. Kedge fez um sorriso. — Um par de cavaleiros. Partiram a cavalo há uma hora, para sul ao longo da estrada de rei. Quando Dywen os viu a dar à sola disse que os palermas sulistas estavam a cavalgar no sentido errado.

— Estou a ver — disse Jon.

Ficou a saber mais através do próprio Dywen, enquanto o velho patrulheiro sorvia uma tigela de caldo de cevada nas casernas.

— Pois, senhor, vi-os. Eram o Horpe e o Massey. Disseram que o Stannis os mandou lá para fora, mas não disseram para onde nem para quê nem quando é que voltam.

Sor Richard Horpe e Sor Justin Massey eram ambos homens da rainha, e ocupavam posições elevadas no conselho do rei. *Um par de comuns cavaleiros livres teria servido se Stannis só tivesse em mente bater o terreno*, refletiu Jon Snow, *mas cavaleiros são mais adequados para agir como mensageiros ou emissários*. Cotter Pyke mandara de Atalaia leste a notícia de que o Cavaleiro da Cebola e Salladhor Saan tinham zarpado para Porto Branco, afim de negociar com o Lorde Manderly. Fazia sentido que Stannis enviasse outros mensageiros. Sua Graça não era um homem paciente.

Se os patrulheiros do lado errado regressariam ou não era outra questão. Até podiam ser cavaleiros, mas não conheciam o norte. *Haverá olhos ao longo da estrada de rei, e nem todos serão amigáveis*. Mas aquilo não dizia respeito a Jon. *Que Stannis fique com os seus segredos. Os deuses bem sabem que eu tenho os meus*.

O Fantasma dormiu aos pés da cama nessa noite, e por uma vez Jon não sonhou que era um lobo. Mesmo assim, dormiu aos arrancos, mexendo-se durante horas na cama antes de deslizar para um pesadelo. Goiva entrava nele, chorando, suplicando-lhe que deixasse os seus bebês em paz, mas ele arrancou-lhe as crianças dos braços e cortou-lhes as cabeças, após o que as trocou e lhe disse para as voltar a coser.

Quando acordou, foi encontrar Edd Tollett em pé por cima dele na escuridão do seu quarto.

Senhor? Está na hora. Na hora do lobo. Deixastes ordens para serdes acordado.

Traz-me qualquer coisa quente. — Jon atirou as mantas para o lado.

Edd regressou na altura em que Jon acabava de se vestir, enfiando-lhe uma chávena fumegante nas mãos. Jon esperava vinho quente com especiarias, e ficou surpreendido por descobrir que era sopa, um caldo fino que cheirava a alho-porro e cenoura, mas parecia não ter nem alho-porro nem cenoura. *Os cheiros são mais fortes nos meus sonhos de lobo*, refletiu, *e a comida também sabe melhor. O Fantasma está mais vivo do que eu*. Deixou a chávena vazia em cima da forja.

Era o Barricas quem estava à sua porta naquela manhã.

— Vou querer falar com Bedwyck e com Janos Slynt — disse-lhe Jon.

— Trá-los cá à primeira luz da aurora.

No exterior, o mundo estava negro e imóvel. Frio, mas não perigosamente frio. *Ainda não. Ficaré mais quente quando o Sol surgir. Se os deuses forem bons, a Muralha pode chorar*. Quando chegaram ao cemitério, a coluna já se formara. Jon entregara ao Jack Preto Bulwer o comando da escolta, com uma dúzia de patrulheiros a cavalo às suas ordens e duas carroças. Uma levava uma

grande pilha de arcas, caixotes e sacas, provisões para a viagem. A outra tinha um teto rígido de couro fervido para manter o vento afastado. O Mestre Aemon estava sentado na parte de trás, aconchegado a uma pele de urso que o fazia parecer pequeno como uma criança. Sam e Goiva estavam ali perto, em pé. Os olhos dela estavam vermelhos e inchados, mas tinha o rapaz nos braços, bem entrouxado. Não podia ter a certeza se era o filho dela ou o de Dalla. Só vira os dois juntos algumas vezes. O filho de Goiva era mais velho, o de Dalla mais robusto, mas eram suficientemente próximos em idade e tamanho para que ninguém que não os conhecesse bem conseguisse distingui-los facilmente um do outro.

— Lorde Snow — chamou o Mestre Aemon — deixei-vos um livro nos meus aposentos. O *Compêndio de Jade*. Foi escrito pelo aventureiro volantino Colloquo Votar, que viajou até ao oriente e visitou todas as terras do Mar de Jade. Há uma passagem que podeis achar interessante. Disse a Clydas para vo-la marcar.

— Certamente que a lerei. O Mestre Aemon limpou o nariz.

O conhecimento é uma arma, Jon. Armai-vos bem antes de partirdes para a batalha.

Fá-lo-ei. — Jon sentiu algo de húmido e frio na cara. Quando ergueu os olhos, viu que estava a nevar. Um mau presságio. Virou-se para o Jack Preto Bulwer. — Fazei o melhor tempo que puderdes, mas não corrais riscos disparatados. Tendes um velho e um bebê de peito convosco. Tratai de os manter quentes e bem alimentados.

Fazei o mesmo, senhor. — Goiva não parecia ter pressa nenhuma de subir para a carroça. — Fazei o mesmo com o outro. Encontrai outra ama de leite, como dissestes. Prometestes-me isso. O rapaz... o rapaz de Dalla...

o príncipezinho, quer dizer... arranjai uma boa mulher qualquer, para que ele cresça grande e forte.

— Tendes a minha palavra quanto a isso.

— Não lhe deis nome. Não façais isso até ele ter mais de dois anos. Dá azar dar-lhes nome quando ainda estão ao peito. Vós, os corvos, podeis não saber isso, mas é verdade.

— Às vossas ordens, senhora.

— Não me chameis isso. Eu sou uma mãe, não uma senhora. Sou mulher de Craster e filha de Craster e uma *mãe*. — Entregou o bebê ao Edd Doloroso quando trepou para a carroça e se cobriu com peles. Quando Edd lhe devolveu a criança, Goiva levou-a ao seio. Sam afastou os olhos da cena, corado, e içou-se para cima da sua égua.

— *Vamos a isto* — ordenou o Jack Preto Bulwer, fazendo estalar o chicote. As carroças rolaram em frente. Sam deixou-se ficar por um momento.

Bem — disse — até à vista.

Até à vista, Sam — disse o Edd Doloroso. — Não é provável que

o teu navio se afunde, parece-me. Os navios só se afundam quando eu vou a bordo. Jon estava a recordar.

Da primeira vez que vi Goiva, ela estava encostada à parede da Fortaleza de Craster, esta rapariga magricela de cabelo escuro com a sua grande barriga, encolhida com medo do Fantasma. Ele tinha-se metido no meio dos coelhos dela, e parece-me que tinha receio que a abrisse e devorasse o bebê... mas não era do lobo que ela devia ter tido medo, pois não?

Ela tem mais coragem do que julga — disse Sam.

— E tu também, Sam. Faz uma viagem rápida e segura, e cuida dela, de Aemon e da criança. — Os pingos frios que lhe escorriam pela cara fizeram lembrar a Jon o dia em que se despedira de Robb em Winterfell, sem saber que seria pela última vez. — E puxa o capuz para cima. Os flocos de neve estão a derreter-se no teu cabelo.

Quando a pequena coluna minguou à distância, o céu oriental já passara de negro a cinzento e a neve caía em grande quantidade.

— O Gigante deve estar à espera das ordens do senhor comandante

— fez-lhe lembrar o Edd Doloroso. — Janos Slynt também.

— Sim. — Jon Snow ergueu os olhos para a Muralha, que se erguia acima deles como uma falésia de gelo. *Cem léguas de ponta a ponta e duzentos metros de altura.* A força da Muralha residia na sua altura; o comprimento da Muralha era a sua fraqueza. Jon lembrou-se de uma coisa que opai dissera um dia. *Uma muralha só tem a força dos homens que a defendem.* Os homens da Patrulha da Noite eram bastante corajosos, mas eram muito menos do que tinham de ser para a tarefa que os aguardava. O Gigante esperava no armeiro. O seu verdadeiro nome era Bedwyck. Com pouco mais de metro e meio, era o homem mais pequeno da Patrulhada Noite. Jon foi direito ao assunto. — Precisamos de mais olhos ao longo da Muralha. De castelos intermédios onde as nossas patrulhas se possam abrigar do frio e encontrar comida quente e uma montada repousada. Vou pôr uma guarnição em Marcagelo e vou-te dar o comando dela. O Gigante enfiou a ponta do seu mindinho na orelha para limpar a cera.

— Comando? Eu? O senhor sabe que eu sou só filho dum caseiro estou na Muralha por caça furtiva?

— És patrulheiro há uma dúzia de anos. Sobreviveste ao Punho dos Primeiros Homens e à Fortaleza de Craster e voltaste para contar a história. Os homens mais novos olham-te de baixo. O pequeno homem riu-se.

— Só anões me olham de baixo. Não sei ler, senhor. Num dia bom, consigo escrever o meu nome.

— Mande uma mensagem para Vila velha pedindo mais mestres. Terás dois corvos para quando as tuas necessidades forem urgentes. Quando não forem, envia cavaleiros. Até termos mais mestres e mais aves, pretendo estabelecer uma linha de torres sinaleiras ao longo do topo da Muralha.

E quantos pobres tolos irei eu comandar?

Vinte, da Patrulha — disse Jon — e metade desse número de homens de Stannis. — *Velhos, verdes ou feridos.* — Não serão os seus melhores homens, e nenhum vestirá o preto, mas obedecerão. Usa-os como puderes. Quatro dos irmãos que vou enviar contigo serão porto realenses que vieram para a Muralha com o Lorde Slynt. Mantém esse grupo debaixo de um olho, e fica atento a trepadores com o outro.

— Podemos vigiar, senhor, mas se suficientes trepadores chegarem ao topo da Muralha, trinta homens não vão bastar para os atirar lá para baixo.

Trezentos podem não ser suficientes. Jon guardou essa dúvida para si. Era verdade que os trepadores estavam desesperadamente vulneráveis durante a ascensão. Podia-se fazer chover sobre eles pedras, lanças e potes de piche a arder, e tudo o que eles podiam fazer era agarrarem-se desesperadamente ao gelo. Às vezes, a própria Muralha parecia sacudi-los, como

um cão sacudiria pulgas. Jon vira isso pessoalmente, quando um lençol de gelo se soltara sob o amante de Val, Jarl, atirando-o para a morte.

Contudo, se os trepadores atingissem o topo da Muralha sem serem detectados tudo mudava. A seu tempo podiam estabelecer uma testa-de-ponte lá em cima, erguendo fortificações próprias e fazendo descer cordas e escadas para centenas de outros subirem depois deles. Fora assim que Raymun Barba vermelha o fizera, o Raymun que fora Rei-para-lá-da-Muralha nos tempos do avô do seu avô. Jack Musgood fora o senhor comandante nesses tempos. “Alegre Jack” era como lhe chamavam antes de Barba vermelha cair sobre o norte; “Dorminhoco Jack” depois disso e para sempre. A hoste de Raymun encontrara um fim sangrento nas margens do Lago Longo, apanhada entre o Lorde Willam de Winterfell e o Gigante Bêbado, Harmond Umber. O Barba vermelha fora morto por Artos, o Implacável, irmão mais novo do Lorde Willam. A Patrulha chegara tarde demais para combater os selvagens, mas a tempo de os enterrar, tarefa essa que Artos Stark lhes atribuíra em fúria enquanto chorava o corpo decapitado do seu irmão caído.

Jon não pretendia ser lembrado como Dorminhoco Jon Snow.

— Trinta homens terão melhores hipóteses do que nenhum — disse ao Gigante.

— É bem verdade — disse o pequeno homem. — Então é só Marca gelo, ou o senhor vai também abrir os outros fortes?

— Tenciono guarnecê-los a todos, a seu tempo — disse Jon — mas de momento será só Marcagelo e Guardagris.

— E o senhor já decidiu quem vai comandar em Guardagris?

— Janos Slynt — disse Jon. *Que os deuses nos protejam.* — Um homem não ascende ao comando dos mantos dourados se não tiver qualidades. O Slynt nasceu filho de um carniceiro. Era capitão do Portão de Ferro quando Manly Stokeworth morreu, e Jon Arryn promoveu-o e pôs a defesa de Porto Real nas suas mãos. O Lorde Janos não pode ser um idiota tão grande como parece. — *E eu quero-o bem longe de Alliser Thorne.*

— Pode ser que sim — disse o Gigante — mas eu continuava a preferir mandá-lo para às cozinhas para ajudar o Hobb Três-Dedos a cortar os nabos.

Se o fizesse nunca mais me atreveria a comer um nabo.

Metade da manhã se passou até que Lorde Janos se apresentasse conforme ordenado. Jon estava a limpar Garralonga. Alguns homens teriam entregado tal tarefa a um intendente ou a um escudeiro, mas o Lorde Eddard ensinara os filhos a cuidar das próprias armas. Quando o Barricase o Edd Doloroso chegaram com Slynt, Jon agradeceu-lhes e disse ao Lorde Janos para se sentar.

Isso ele fez, embora com fraca elegância, cruzando os braços, franzindo o sobrolho e ignorando o aço nu nas mãos do senhor comandante. Jon fez deslizar o oleado ao longo da sua espada bastarda, observando o jogo que a luz da manhã fazia com as ondulações, pensando em quão facilmente a lâmina deslizaria por pele, gordura e tendões para separar a feia cabeça de Slynt do seu corpo. Todos os crimes de um homem eram anulados quando envergava o negro, e todas

as suas lealdades também, mas Jon achava difícil pensar em Janos Slynt como num irmão. *Há sangue entre nós. Este homem ajudou a matar o meu pai, e fez também o melhor que pôde para me matara mim.*

— Lorde Janos — Jon embainhou a espada. — Vou dar-vos o comando de Guardagris. Aquilo surpreendeu Slynt.

— Guardagris... Guardagris foi onde subiste a Muralha com os teus amigos selvagens.

— Pois foi. O forte está num estado lastimável, admito. Ireis restaurá-lo o melhor possível. Começai por desbastar a floresta junto à Muralha. Tirai pedras das estruturas que ruíram para reparar as que continuam em pé. — *O trabalho será duro e brutal, podia ter acrescentado. Vais dormir em cama de pedra, demasiado exausto para te queixares ou conspirares, e depressa te esquecerás de como era estares quente, mas pode ser que te lembres de como era seres um homem.* — Tereis trinta homens. Dez daqui, dez da Torre Sombria, e dez emprestados à Patrulha pelo Rei Stannis.

A cara de Slynt ficara da cor de uma ameixa. As suas papadas carnudas começaram a estremecer.

— Julgas que eu não vejo o que estás a fazer? Janos Slynt não é homem para ser intrujado assim tão facilmente. Fui encarregado da defesa de Porto Real quando tu estavas a sujar as fraldas. Fica com a tua ruína, bastardo.

Estou a dar-vos uma hipótese, senhor. É mais do que destes ao meu pai.

Estais a compreender-me mal, senhor — disse Jon. — Aquilo foi uma ordem, não uma oferta. São quarenta léguas até Guardagris. Embalai as armas e a armadura, fazei as vossas despedidas, e aprontai-vos para partir à primeira luz da aurora.

Não. — O Lorde Janos pôs-se em pé de um salto, fazendo a cadeira cair para trás. — Eu não partirei docilmente para congelar e morrer. Nenhum bastardo de traidor dá ordens a Janos Slynt! Não sou desprovido de amigos, aviso-te. Aqui, e também em Porto Real. Fui Senhor de Harrenhal! Dá a tua ruína a um dos idiotas cegos que depositaram uma pedra por ti, eu não a aceito. Estás a ouvir-me, rapaz? *Eu não a aceito!*

Aceitareis. Slynt não se dignou a responder àquilo e pontapeou para longe a cadeira ao partir.

Ainda me vê como um rapaz, pensou Jon, um rapazinho verde, intimidável por palavras zangadas. Só podia esperar que uma noite de sono trouxesse juízo ao Lorde Janos.

A manhã seguinte provou que essa esperança era vã.

Jon foi encontrar Slynt a quebrar o jejum na sala comum. Sor Alliser Thorne estava com ele, bem como vários dos seus compinchas. Estavam a rir-se de qualquer coisa quando Jon desceu a escada com o Emmett de Ferro e o Edd Doloroso e, atrás, Mully, o Cavalo, o Jack Vermelho Crabb, RustyFlowers e o Owen Idiota. O Hobb Três-Dedos estava a servir conchadas de papas que tirava da panela. Homens da rainha, homens do rei e irmãos negros sentavam-se nas suas mesas separadas, alguns dobrados sobre tigelas de papas de aveia, outros a encher as barrigas com pão

frito e bacon. Jon viu Pyp e Grenn a uma mesa, Bowen Marsh a outra. O ar cheirava a fumo e gordura, e o tinir de facas e colheres ecoava no teto abobadado.

Todas as vozes morreram imediatamente.

— Lorde Janos — disse Jon — vou dar-vos uma última hipótese. Pousai essa colher e ide aos estábulos. Mande selar e ajaezar o vosso cavalo. A estrada até Guardagris é longa e dura.

— Então é melhor pores-te a caminho, rapaz. — Slynt riu-se, fazendo pingar papas sobre o peito.

— Estou aqui a pensar que Guardagris é um bom sítio para gente como tu. Bem longe das pessoas decentes e piedosas. Tens em ti o sinal da besta, bastardo.

— Estais a recusar-vos a obedecer à minha ordem?

— Podes enfiar a tua ordem no teu cu de bastardo — disse Slynt, com os queixos a tremer.

Alliser Thorne esboçou um fino sorriso, com os olhos negros fixos em Jon. Noutra mesa, o Godry Mata-Gigantes começou a rir.

— Como quiserdes. — Jon dirigiu um aceno ao Emmett de Ferro. — Por favor, leva o Lorde Janos para a Muralha...

... e confina-o a uma cela de gelo, poderia ele ter dito. Jon não duvidava de que um ou dez dias apertado dentro do gelo o deixaria a tremer, febril e a suplicar libertação. E no momento em que sair, ele e Thorne recomeçarão a conspirar.

... e ata-o ao cavalo, poderia ele ter dito. Se Slynt não desejava ir para Guardagris como comandante, podia ir como cozinheiro. Mas então seria só uma questão de tempo até desertar. E quantos mais levaria consigo?

— ... e enforca-o — concluiu Jon.

A cara de Janos Slynt ficou branca como leite. A colher deslizou-lhe de entre os dedos. Edd e Emmett atravessaram a sala, fazendo ressoar os passos no chão de pedra. A boca de Bowen Marsh abriu-se e fechou-se, embora nenhuma palavra tivesse saído. Sor Alliser Thorne estendeu a mão para o cabo da espada. *Continua*, pensou Jon. Tinha Garralonga a tiracolo. *Mostra o teu aço. Dá-me um motivo para fazer o mesmo.*

Metade dos homens no salão estava de pé. Cavaleiros e homens-de-armas sulistas, leais do Rei Stannis ou à mulher vermelha ou a ambos, e Irmãos Juramentados da Patrulha da Noite. Alguns tinham escolhido Jon para ser o seu senhor comandante. Outros tinham depositado pedras por Bowen Marsh, por Sor Denys Mallister, por Cotter Pyke... e alguns por Janos Slynt. *Centenas deles, se bem me lembro.* Jon perguntou a si próprio quantos desses homens estariam na adega naquela altura. Por um momento, o mundo equilibrou-se no gume de uma espada.

Alliser Thorne tirou a mão da espada e afastou-se para deixar Edd Tollett passar.

O Edd Doloroso pegou em Slynt por um braço, o Emmett de Ferro pelo outro. Juntos içaram-no do banco.

— Não — protestou o Lorde Janos, com salpicos de papas de aveia avoar dos lábios. — Não,

largai-me. Ele é só um rapaz, um *bastardo*. O pai era um traidor. Tem nele o sinal da besta, aquele seu lobo... *Largai-me!* Ides arrepender-vos do dia em que pusestes as mãos em Janos Slynt. Tenho amigos em Porto Real. Aviso-vos... — Ainda estava a protestar quando o levaram, meio andando, meio arrastado, pelos degraus acima.

Jon seguiu-os até lá fora. Atrás de si, a cave esvaziou-se. Junto da gaiola, Slynt conseguiu soltar-se por um momento e tentou fugir, mas o Emmett de Ferro agarrou-o pela garganta e atirou-o contra as barras de ferro até que ele desistiu. Por essa altura, todo o Castelo Negro tinha vindo para fora a fim de assistir. Até Val estava à sua janela, com a longa trança dourada por sobre um ombro. Stannis estava em pé nos degraus da Torre do Rei, rodeado pelos seus cavaleiros.

— Se o rapaz julga que consegue assustar-me, está enganado — ouviram o Lorde Janos dizer. — Ele não se atreverá a enforcar-me. Janos Slynt tem amigos, amigos *importantes*, vereis... — O vento varreu o resto das suas palavras.

Isto está mal, pensou Jon.

Parai. Emmett virou-se para trás, franzindo o sobrolho.

Senhor?

Não o quero enforcar — disse Jon. — Trazei-o para aqui.

Oh, que os Sete nos salvem — ouviu Bowen Marsh gritar.

O sorriso que o Lorde Janos Slynt fez então tinha toda a doçura de manteiga rançosa. Até que Jon disse:

— Edd, vai-me buscar um cepo — e desembainhou Garralonga.

Durante o tempo que demoraram para encontrar um cepo adequado, o Lorde Janos foi recuando até se enfiar na gaiola do guincho, mas Emmett de Ferro entrou atrás dele e arrastou-o para fora.

— Não — gritou Slynt, quando Emmett o obrigou a atravessar o pátio, em parte puxando, em parte empurrando. — Largai-me... não podeis...quando Tywin Lannister ouvir falar disso, arrepender-vos-eis todos...

Emmett tirou-lhe o apoio das pernas com um pontapé. Edd Doloroso plantou-lhe um pé nas costas para o manter de joelhos enquanto Emmett lhe metia o cepo debaixo da cabeça.

— Isto será mais fácil se ficardes quieto — prometeu-lhe Jon Snow.

— Se vos mexerdes para evitar o golpe, morrereis na mesma, mas a vossa morte será mais feia. Esticai o pescoço, senhor. — O pálido sol da manhã percorreu-lhe a lâmina de cima a baixo quando Jon agarrou no cabo da espada bastarda com ambas as mãos e a ergueu bem alto. — Se tendes últimas palavras, agora é a altura de as dizerdes — disse, esperando uma última praga.

Janos Slynt torceu o pescoço para o fitar.

— Por favor, senhor. Misericórdia. Eu vou, vou mesmo, eu... *Não*, pensou Jon. *Tu fechaste essa porta*. Garralonga desceu.

— Posso ficar com as botas dele? — perguntou o Owen Idiota quando a cabeça de Janos Slynt partiu a rolar pelo terreno lamacento. — São quase novas, aquelas botas. Forradas de pele.

Jon olhou de relance para Stannis. Por um instante, os olhos dos dois cruzaram-se. Depois, o rei fez um aceno com a cabeça e regressou para dentro da sua torre.

TYRION

Acordou sozinho e descobriu que a liteira estava parada.

Uma pilha de almofadas esmagadas permanecia para mostrar o local onde Illyrio estivera deitado. O anão sentia a garganta seca e áspera. Sonhara... que sonhara ele? Não se lembrava.

Lá fora, vozes estavam a conversar numa língua que não conhecia. Tyrion ultrapassou as cortinas com as pernas e saltou para o chão, indo encontrar o Magíster Illyrio em pé junto dos cavalos com dois cavaleiros a erguerem-se acima dele. Ambos usavam camisas de couro desgastado por baixo de mantos de lã castanha escura, mas tinham as espadas embainhadas e o gordo não parecia estar em perigo.

— Preciso de dar uma mija — anunciou o anão. Bamboleou-se até sair da estrada, desatou as calças e aliviou-se para dentro de um emaranhado de espinhos. Demorou um tempo considerável.

— Ele mija bem, pelo menos — observou uma voz. Tyrion sacudiu as últimas gotas e guardou o membro.

— Mijar é o menor dos meus talentos. Devias ver-me cagar. — Virou-se para o Magíster Illyrio. — Estes dois são vossos conhecidos, magíster? Parecem fora-da-lei. Deverei ir buscar o meu machado?

— O teu machado? — exclamou o mais alto dos cavaleiros, um homem musculoso com uma barba hirsuta e um matagal de cabelo cor de laranja. — Ouviste aquilo, Haldon? O homenzinho quer lutar conosco!

O companheiro do homem era mais velho, estava escanhoado e tinha uma cara enrugada e ascética. O cabelo fora puxado para trás e preso num nó atrás da cabeça.

— É frequente que os homens pequenos sintam necessidade de demonstrar a sua coragem com gabarolices impróprias — declarou. — Duvido que ele seja capaz de matar um pato.

Tyrion encolheu os ombros.

Vai buscar o pato.

Se insistes. — O cavaleiro olhou o companheiro de relance. O homem musculoso desembainhou uma espada bastarda.

Eu sou o Pato, seu penicozinho linguarudo.

Oh, pela bondade dos deuses.

— Tinha um pato mais pequeno em mente. O grandalhão rugiu, às gargalhadas.

— Ouviste, Haldon? Ele quer um Pato *menor*!

— Eu de bom grado aceitaria um mais silencioso. — O homem chamado Haldon estudou Tyrion com frios olhos cinzentos antes de se voltar a virar para Illyrio. — Tens umas arcas para nós?

— E mulas para as carregar.

— Mulas são lentas demais. Temos cavalos de carga, mudamos as arcas para eles. Pato, trata disso.

— Porque é que é sempre o Pato a tratar das coisas? — o grandalhão voltou a enfiar a espada na bainha. — De que tratas *tu*, Haldon? Quem é aqui o cavaleiro, tu ou eu? — mas afastou-se na mesma, batendo com os pés, na direção das mulas de carga.

— Como passa o nosso rapaz? — perguntou Illyrio enquanto as arcas eram presas. Tyrion contou seis, arcas de carvalho com ferrolhos de ferro. O Pato mudava-as com bastante facilidade, transportando-as em cima de um ombro.

— Está já tão alto como o Griff. Há três dias atirou o Pato para dentro de uma manjedoura.

— Não fui *atirado*. Caí lá dentro só para o fazer rir.

— O teu estratagema foi um sucesso — disse Haldon. — Eu próprio me ri.

— Há um presente para o rapaz numa das arcas. Um pouco de gengibre cristalizado. Ele sempre gostou disso. — Illyrio parecia estranhamente triste. — Pensei talvez prosseguir até Ghoyan Drohe convosco. Um banquete de despedida antes de começardes a descer o rio...

— Não temos tempo para banquetes, senhor — disse Haldon. — O Griff quer partir rio abaixo no instante em que regressarmos. Têm havido notícias a subir o rio, nenhuma delas boa. Foram vistos dothraki a norte do Lago Adaga, batedores do *khalasar* do velho Motho, e o Khal Zekko não vem muito atrás dele, deslocando-se através da Floresta de Qohor. O gordo soltou um ruído malcriado. — Zekko visita Qohor a cada três ou quatro anos. Os qohoritas dão-lhe uma saca de ouro e ele volta a virar para leste. E quanto a Motho, os seus homens são quase tão velhos como ele, e há menos todos os anos. A ameaça é...

— ... Khal Pono — concluiu Haldon. — Motho e Zekko estão a fugir dele, se as histórias forem verdadeiras. Os últimos relatórios põem Ponoperto das nascentes do Selhoru com um *khalasar* de trinta mil pessoas. O Griff não se quer arriscar a ser apanhado na travessia se Pono decidir arriscar o Roine. — Haldon olhou de relance para Tyrion. — O teu anão monta tão bem como mija?

— Ele monta — interrompeu Tyrion, antes de o senhor do queijo ter tempo de responder por ele — embora monte melhor com uma sela especial e um cavalo que conheça bem. E também fala.

Realmente fala. Eu sou o Haldon, o curandeiro no nosso pequeno bando de irmãos. Há quem me chame Semimeistre. O meu companheiro é Sor Pato.

Sor Rolly — disse o grandalhão. — Rolly Campo pato. Qualquer cavaleiro pode armar um cavaleiro e Griff armou-me a mim. E tu, anão?

Illyrio interveio rapidamente.

— Chamam-lhe Yollo.

Yollo? Yollo parece qualquer coisa que se pode chamar a um macaco. Pior, era um nome pentoshi, e qualquer idiota conseguia ver que Tyrion não era pentoshi.

— Em Pentos sou Yollo — disse depressa, para consertar o que fosse possível — mas a minha mãe chamou-me Hugor Hill.

— E és um reizinho ou um bastardinho? — perguntou Haldon.

Tyrion apercebeu-se de que faria bem em ser cauteloso nas imediações de Haldon Semimeistre.

— Todos os anões são bastardos aos olhos dos pais.

— Sem dúvida. Bem, Hugor Hill, responde-me a isto. Como foi que Serwyn do Escudo Espelhado matou o dragão Urrax?

— Aproximou-se por trás do escudo. Urrax só viu o seu próprio reflexo até que Serwyn saltou e lhe mergulhou a lança num olho. Haldon não se mostrou impressionado.

— Até o Pato conhece essa história. Sabes dizer-me o nome do cavaleiro que tentou usar o mesmo estratagema com Vhagar durante a Dançados Dragões? Tyrion sorriu.

— Sor Byron Swann. Foi assado pelo incómodo... só que o dragão foi Syrax, não Vhagar.

— Temo que te enganes. Em *A Dança dos Dragões, Um Relato Verdadeiro*, o Mestre Munkun escreve...

— ... que foi Vhagar. O *Grande* Mestre Munkun erra. O escudeiro de Sor Byron viu o seu amo morrer, e escreveu à filha descrevendo a forma como ele morreu. O seu relato diz que foi Syrax, a dragoa de Rhaenyra, o que faz mais sentido do que a versão de Munken. Swann era filho de um senhor das marcas, e Ponta Tempestade apoiava Aegon. Vhagar era montado pelo Príncipe Armond, irmão de Aegon. Porque haveria Swann de querer matá-lo?

Haldon projetou os lábios.

— Tenta não cair do cavalo. Se caíres, o melhor é bamboleares-te de volta para Pentos. A nossa tímida donzela não esperará nem por homens, nem por anões.

— Donzelas tímidas são o meu tipo preferido. À parte as descaradas.

Diz me, para onde vão as rameiras?

— Tenho ar de ser um homem que frequenta rameiras? O Pato soltou uma gargalhada irónica.

— Não se atreve. A Lembre obrigava-o a rezar por perdão, o rapaz iria querer ir também, e o Griff talvez lhe cortasse o pau e lha enfiasse pela goela abaixo.

Bem — disse Tyrion — um mestre não precisa de pau.

Mas Haldon é só meio mestre.

— Pareces achar o anão divertido, Pato — disse Haldon. — Ele pode seguir montado contigo. — Fez a montada dar meia volta.

O Pato demorou mais alguns momentos a prender as arcas de Illyrio aos três cavalos de

carga. Por essa altura, já Haldon desaparecera. O Pato não pareceu preocupado. Saltou para a sela, agarrou em Tyrion pelo colarinho e içou o homenzinho para a sua frente.

— Agarra-te bem ao arção e não terás problemas. A égua tem um belo passo agradável, e a estrada dos dragões é lisa como um cu de donzela.

— Agarrando as rédeas com a mão direita e as arreatas com a esquerda, Sor Rolly partiu a trote vivo.

— Boa sorte — gritou Illyrio atrás deles. — Diz ao rapaz que tenho pena de não estar com ele para o casamento. Juntar-me-ei a vós em Westeros. Isso juro, pelas mãos da minha doce Serra.

Quanto Tyrion Lannister viu pela última vez Illyrio Mopatis, o magíster estava em pé ao lado da liteira vestido com as suas vestes de brocado, com os maciços ombros descaídos. À medida que a sua silhueta ia diminuindo na poeira que levantavam, o senhor do queijo foi parecendo quase pequeno.

O Pato apanhou Haldon Semimeistre a um quarto de milha de distância. Daí em diante, os cavaleiros avançaram lado a lado. Tyrion agarrava-se ao arção elevado da sela, com as pernas curtas abertas desajeitadamente para fora, sabendo que o esperavam bolhas, cãibras e esfoladuras de sela.

— Pergunto a mim próprio o que os piratas do Lago Adaga acharão do nosso anão — disse Haldon enquanto avançavam.

Bom para fazer guisado de anão? — sugeriu o Pato.

Urho, o Imundo, é o pior deles — confidenciou Haldon. — Basta

o fedor que deita para matar um homem. Tyrion encolheu os ombros.

— Felizmente, eu não tenho nariz. Haldon concedeu-lhe um sorriso fino.

— Se encontrarmos a Senhora Korra no *Dentes da Bruxa*, podem vir a faltar-te em breve outros bocados também. Korra, a Cruel, é como lhe chamam. O navio é tripulado por belas e jovens donzelas que castram todos os machos que capturam.

Aterrorizador. Posso bem mijar-me nas calças.

É melhor não — avisou o Pato, sombrio.

— Como quiseres. Se encontrarmos essa Senhora Korra, limito-me a enfiar-me numa saia e digo que sou Cersei, a famosa beldade barbuda de Porto Real. Daquela vez o Pato riu-se e Haldon disse:

— Que tipinho engraçado que tu és, Yollo. Diz-se que o Senhor Amortalhado concede uma mercê a qualquer homem que consiga fazê-lo rir. Sua Graça Cinzenta talvez te escolha para ornamentar a sua pétrea corte. O Pato deitou um relance inquieto ao companheiro.

— Não é bom brincar sobre esse, especialmente estando nós tão perto do Roine. Ele ouve.

— Sabedoria vinda de um pato — disse Haldon. — Peço perdão, Yollo. Não vale a pena

ficas tão pálido, estava só a brincar contigo. O Príncipe das Mágoas não concede o seu beijo cinzento com ligeireza.

O seu beijo cinzento. A ideia encheu-o de pele de galinha. A morte perdera o seu terror para Tyrion Lannister, mas a escamagris era outra coisa. *O Senhor Amortalhado é só uma lenda*, disse a si próprio, *não é mais real do que o fantasma de Lann, o Esperto, que alguns afirmam que assombra o Rochedo Casterly*. Mesmo assim, conteve a língua.

O súbito silêncio do anão passou despercebido, pois o Pato começara a regalá-lo com a história da sua vida. O pai fora armeiro em Pontamarga, segundo disse, portanto ele nascera com o som do aço a ressoar-lhe nos ouvidos e dedicara-se à esgrima numa idade precoce. Um rapaz tão grande e promissor atraía a atenção do velho Lorde Caswell, que lhe oferecera um lugar na sua guarnição, mas o rapaz quisera mais. Vira o filho fracote de Caswell ser nomeado pajem, escudeiro e finalmente cavaleiro.

Era um covardolas esgalgado de cara chupada, mas o velho senhor tinha quatro filhas e só aquele filho, de modo que ninguém podia dizer uma palavra contra ele. Os outros escudeiros quase nem se atreviam a pôr um dedo nele no pátio de treinos.

Mas tu não eras tão receoso. — Tyrion via com bastante facilidade para onde aquela história se dirigia.

O meu pai fez-me uma espada longa para assinalar o décimo sexto dia do meu nome — disse o Pato — mas Lorent gostou tanto do aspecto dela que ficou com a espada para si, e o sacana do meu pai não se atreveu a dizer-lhe que não. Quando me queixei, Lorent disse-me na cara que a minha mão tinha sido feita para pegar num martelo, não numa espada. De modo que fui buscar um martelo e dei-lhe com ele até ficar com os dois braços e metade das costelas partidas. Depois disso tive de sair da Campina

o mais depressa possível. Consegui atravessar o mar até à Companhia Dourada. Passei alguns anos como aprendiz de ferreiro, mas depois o Sor Harry Strickland recebeu-me como escudeiro. Quando o Griff mandou dizer rio abaixo que precisava de alguém que ajudasse a treinar o filho com as armas, o Harry enviou-me a mim.

E o Griff armou-te cavaleiro?

Um ano depois. O Haldon Semimeistre fez um sorriso astuto.

Porque é que não contas ao nosso pequeno amigo como arranjaste o nome?

— Um cavaleiro precisa de mais do que só o nome próprio — insistiu o grandalhão — e, bem, estávamos num campo quando ele me armou cavaleiro, e eu olhei para cima e vi uns patos, de modo que... ora, não terias.

Logo depois do pôr-do-sol abandonaram a estrada para descansar num pátio coberto de ervas daninhas ao lado de um velho poço de pedra. Tyrion saltou para o chão, a fim de fazer desaparecer

as cãibras das barrigas das pernas enquanto o Pato e Haldon davam de beber aos cavalos. Uma erva dura e castanha e árvores daninhas brotavam dos espaços entre as pedras, e das paredes cobertas de musgo do que em tempos poderia ter sido uma enorme mansão de pedra. Depois de terem cuidado dos animais, os cavaleiros partilharam um jantar simples de porco salgado e feijão branco e frio, empurrado para baixo com cerveja. Tyrion achou a comida simples uma mudança agradável em relação à comida rica que comera com Illyrio.

— Estas arcas que vos trouxemos — disse enquanto mastigavam. — A princípio pensei que fosse ouro para a Companhia Dourada, até ver Sor Rolly içar uma delas para cima de um ombro. Se estivesse cheia de dinheiro, nunca lhe teria pegado tão facilmente.

— São só armaduras — disse o Pato, encolhendo os ombros.

— E também roupa — interrompeu Haldon. — Roupa de corte, para todo o nosso grupo. Boas lãs, veludos, mantos de seda. Uma pessoa não se apresenta a uma rainha com roupa maltrapilha... nem de mãos vazias. O magíster teve a bondade de nos fornecer presentes adequados.

Ao nascer da Lua estavam de volta às selas, trotando para leste sob um manto de estrelas. A velha estrada valiriana cintilava à frente deles como uma longa fita de prata serpenteando através de bosques e vales. Durante algum tempo, Tyrion Lannister sentiu-se quase em paz.

— O Lomas Longstrider disse a verdade. A estrada é uma maravilha.

— Lomas Longstrider? — perguntou o Pato.

— Um escriba, há muito morto — disse Haldon. — Passou a vida a viajar pelo mundo e a escrever sobre as terras que visitou em dois livros a que chamou *Maravilhas* e *Maravilhas Feitas Pelo Homem*.

— Um tio meu ofereceu-mos quando eu era rapaz — disse Tyrion. — Li-os até se desfazerem em bocados.

— *Os deuses fizeram sete maravilhas, e os mortais fi zeram nove* — citou o Semimeistre. — Foi bastante ímpio da parte dos mortais fazerem mais duas do que os deuses, mas pronto. As estradas de pedra de Valíria eram uma das nove do Longstrider. A quinta, creio eu.

— A quarta — disse Tyrion, o qual decorara todas as dezesseis maravilhas em rapaz. O tio Gerion gostava de o fazer subir para cima da mesa durante os banquetes e de o pôr a recitá-las. *Gostava bastante daquilo, não gostava? Estar ali em pé entre as bandejas com todos os olhos postos em mim, demonstrando como era um anãozinho esperto.* Ao longo de anos, mais tarde, acarinhara o sonho de um dia viajar pelo mundo e ver pessoalmente as maravilhas de Longstrider. O Lorde Tywin pusera fim a essa esperança dez dias antes do décimo sexto dia do nome do seu filho anão, quando Tyrion pedira para fazer uma viagem pelas Nove Cidades Livres como os tios tinham feito na mesma idade.

— Podia-se confiar nos meus irmãos para não trazerem a vergonha à Casa Lannister — respondera o pai. — Nunca nenhum se casou com uma rameira. — E quando Tyrion lhe fizera lembrar que dentro de dez dias seria um homem feito, livre para viajar para onde quisesse, o Lorde

Tywin dissera: — Nenhum homem é livre. Só as crianças e os tolos pensam

o contrário. Vai, à vontade. Usa roupa de retalhos e faz o pino para divertir os senhores das especiarias e os reis do queijo. Basta que trates de pagar as tuas passagens e que ponhas de parte quaisquer ideias que possas ter sobre regressar. — Perante aquilo, o desafio do rapaz ruíra. — Se é ocupação útil que tu queres, será ocupação útil que terás — dissera o pai. E, portanto, para assinalar a sua passagem à idade adulta, Tyrion fora encarregado de todos os escoadouros e cisternas no interior do Rochedo Casterly. *Ele se calhar esperava que eu caísse nalgum.* O Lorde Tywin, nisso, ficara desapontado. Os escoadouros nunca escoaram tão bem como quando estiveram sob a sua responsabilidade.

Preciso de uma taça de vinho, para lavar da boca o sabor a Tywin. Um odre de vinho servir-me-ia ainda melhor.

Cavalgaram a noite inteira, com Tyrion a dormir aos arrancos, dormitando contra o arção e acordando de repente. De vez em quando, começava a deslizar da sela para o lado, mas Sor Rolly deitava-lhe uma mão e voltava a endireitá-lo. Pela madrugada, as pernas do anão doíam e as suas nádegas estavam esfoladas e em carne viva.

Foi só no dia seguinte que chegaram ao local de Ghoyan Drohe, mesmo ao lado do rio. — O lendário Roine — disse Tyrion, quando vislumbrou o lento e verde curso de água do cume de uma elevação.

— O Pequeno Roine — disse o Pato.

— É isso, sim. — *Um rio bastante agradável, suponho, mas o ramo mais pequeno do Tridente tem o dobro da largura e todos os três correm mais depressa.* A cidade não era mais impressionante. Ghoyan Drohe nunca fora grande, segundo Tyrion recordava das suas histórias, mas fora um lugar bonito, verde e florescente, uma cidade de canais e fontanários. *Até à guerra. Até à chegada dos dragões.* Mil anos mais tarde, os canais estavam afogado sem ervas daninhas e lama, e lagoas de água estagnada geravam enxames de moscas. As pedras quebradas de templos e palácios estavam a afundar-se de regresso à terra, e velhos salgueiros nodosos cresciam densos ao longo das margens do rio.

Algumas pessoas ainda continuavam a viver naquela miséria, cuidando de pequenos jardins entre as ervas daninhas. O som de cascos de cavalos a ressoar na velha estrada valiriana pôs a maioria a precipitar-se de regresso aos buracos de onde tinham saído, mas as mais ousadas deixaram-se ficar ao sol durante tempo suficiente para fitar os cavaleiros de passagem com olhos mortíços e incuriosos. Uma rapariga nua com lama até aos joelhos não parecia ser capaz de tirar os olhos de Tyrion. *Ela nunca tinha visto um anão,* compreendeu. *Muito menos um anão sem nariz.* Fez uma careta e deitou a língua de fora, e a rapariga desatou a chorar.

O que foi que lhe fizeste? — perguntou o Pato.

Soprei-lhe um beijo. Todas as raparigas choram quando as beijo.

Atrás dos salgueiros emaranhados, a estrada terminava abruptamente e viraram para norte, para um curto percurso, cavalgando ao lado da água até que a vegetação rasteira desapareceu e deram por si num velho cais de pedra, meio submerso e rodeado de altas e castanhas ervas daninhas.

— *Pato!* — soou um grito. — *Haldon!* — Tyrion espetou a cabeça para um lado e viu um rapaz em pé no telhado de um edifício baixo de madeira, a acenar com um chapéu de palha de aba larga. Era um jovem ágil e bem feito, com uma constituição esguia e uma cabeleira azul escura. O anão estimou-lhe a idade em quinze, dezasseis anos, ou tão perto disso que não faria diferença.

O telhado sobre o qual o rapaz se encontrava veio a revelar-se a cabine da *Tímida Donzela*, um velho e decrepito barco de varejo comum só mastro. Era largo e de baixo calado, ideal para abrir caminho pelos menores dos cursos de água e para caranguejar por cima de bancos de areia. *Uma feia donzela*, pensou Tyrion, *mas às vezes as mais feias são as mais famintas quando caem na cama*. Os barcos de varejo que percorriam regularmente os rios de Dorne eram com frequência pintados em cores berrantes e cobertos de talha requintada, mas aquela donzela não. A sua pintura era de um castanho acinzentado de lama, manchada e a descascar, a sua grande e curva cana do leme era simples e sem adornos. *Parece um bocado de terra*, pensou, *mas sem dúvida que é esse o objetivo*.

Por essa altura, já o Pato respondia às saudações. A égua fez esparrinhar água nos baixios, espezinhando os juncos. O rapaz saltou do teto da cabine para o convés do barco de varejo e o resto da tripulação da *Tímida Donzela* fez a sua aparição. Um casal mais idoso com uma qualidade roinar nas feições estava ao lado da cana do leme, ao passo que uma bonita septã vestida com um suave traje branco atravessou a porta da cabine e afastou dos olhos uma madeixa de cabelo castanho escuro.

Mas Griff era inconfundível.

— Já chega de gritaria — disse. Um súbito silêncio caiu sobre o rio. *Este vai dar sarilhos*, compreendeu Tyrion de imediato. O manto de Griff fora feito com a pele e a cabeça de um lobo vermelho do Roine. Sob a pele usava couro castanho enrijecido com anéis de ferro. A cara escanhoadada também era coriácea, com rugas nos cantos dos olhos. Embora o cabelo fosse tão azul como o do filho, tinha raízes ruivas e sobrancelhas ainda mais ruivas. À anca pendia uma espada e um punhal. Se estava contente por ter o Pato e Haldon de volta, escondia-o bem, mas não se preocupou em ocultar o desprazer que sentiu ao ver Tyrion.

— Um anão? O que é isto?

— Eu sei, estavas à espera de uma rodela de queijo. — Tyrion virou-se para o Jovem Griff e dirigiu ao rapaz o seu sorriso mais desarmante. — Cabelo azul pode servir-te bem em Tyrosh, mas em Westeros as crianças atirar-te-iam pedras e as raparigas rir-se-iam na tua cara. O rapaz foi

apanhado de surpresa.

— A minha mãe foi uma senhora de Tyrosh. Pinto o cabelo em sua memória.

Que criatura é esta? — exigiu saber Griff. Haldon respondeu.

Illyrio mandou uma carta a explicar.

Então quero-a. Leva o anão para a minha cabine.

Não gosto dos olhos dele, refletiu Tyrion quando o mercenário se sentou na sua frente na relativa escuridão do interior do barco, com uma mesa cheia de marcas e uma vela de sebo entre ambos. Eram de um azul de gelo, claros, frios. O anão não gostava de olhos claros. Os olhos de Tywin tinham sido verdes claros, e pintalgados de dourado.

Observou o mercenário enquanto lia. Que *soubesse* ler já dizia algo em si mesmo. Quantos mercenários se podiam gabar de tal coisa? *Ele quase nem mexe os lábios*, refletiu Tyrion.

Por fim, Griff ergueu os olhos do pergaminho e aqueles olhos claros estreitaram-se.

— Tywin Lannister está morto? Às *tuas* mãos?

— Ao meu dedo. Este. — Tyrion ergueu-o para que Griff o admirasse. — O Lorde Tywin estava sentado numa latrina, portanto, espetei-lhe um dardo de besta nas tripas para ver se ele cagaria mesmo ouro. Não cagava. Uma pena, algum ouro podia ter-me sido útil. E também matei a minha mãe, algo mais cedo. Oh, e o meu sobrinho Joffrey, envenenei-o no banquete de casamento e vi-o sufocar até à morte. O queijeiro esqueceu-se dessa parte? Pretendo acrescentar o meu irmão e a minha irmã à lista antes de acabar, se agradar à tua rainha.

— *Agradar-lhe?* Terá Illyrio perdido o juízo? Porque é que ele imagina que Sua Graça aceitará os serviços de um confesso regicida e traidor? *Uma questão pertinente*, pensou Tyrion, mas o que disse foi:

— O rei que matei estava sentado no trono dela, e todos aqueles que traí eram leões, por isso, parece-me que já prestei à rainha bons serviços. — Coçou o toco do nariz. — Não tenhas medo, não te vou matar, não és da minha família. Posso ver o que o queijeiro escreveu? Tenho um fraquinho por ler a meu respeito.

Griff ignorou o pedido. Em vez de lhe dar resposta levou a carta à chama da vela e ficou a observar o pergaminho a enegrecer, enrolar e incendiar-se.

— Há sangue entre Targaryen e Lannister. Porque haverias tu de apoiar a causa da Rainha Daenerys?

— Por ouro e pela glória — disse o anão num tom alegre. — Oh, e por ódio. Se tivesses conhecido a minha irmã, compreenderias.

— Eu compreendo o ódio bastante bem. — Pelo modo como Griff disse a palavra, Tyrion compreendeu que aquilo era verdade. *Este também jantou ódio. Foi aquecendo-o durante a noite ao longo de anos.*

Então temos isso em comum, sor.

Não sou cavaleiro nenhum.

Não só és mentiroso, como és mau mentiroso. Isso foi desastrado e estúpido, senhor.

E, no entanto, o Sor Pato diz que o armaste cavaleiro.

O Pato fala demais.

Alguns poderiam espantar-se por um pato conseguir falar de todo. Não importa, *Griff*. Não és cavaleiro nenhum e eu sou Hugor Hill, um monstrinho. O *teu* monstrinho, se quiseres. Tens a minha palavra, tudo o que desejo é ser um leal servo da tua rainha dos dragões.

— E como é que propões servi-la?

— Com a língua. — Lambeu os dedos, um por um. — Posso dizer a Sua Graça como a minha querida irmã pensa, se é que é possível chamar àquilo pensar. Posso dizer aos seus capitães qual a melhor maneira de derrotar o meu irmão Jaime em batalha. Sei quais dos senhores têm coragem e quais são covardes, quais são leais e quais são venais. Posso entregar-lhe aliados. E sei muitíssimo sobre dragões, como o teu semimeistre te dirá. E também sou divertido, e não como muito. Considera-me o vosso leal duende. Griff refletiu naquilo por um momento.

— Compreende o seguinte, anão. És o último e o menos importante do nosso grupo. Domina a língua e faz o que te é dito, senão depressa desejarás tê-lo feito.

Sim, pai, quase disse Tyrion.

Como quiserdes, senhor.

Não sou senhor nenhum. *Mentiroso.*

Era uma cortesia, meu amigo.

Também não sou teu amigo.

Não és cavaleiro, não és senhor, não és amigo.

— É pena.

— Poupa-me à tua ironia. Levo-te até Volantis. Se te mostrares obediente e útil, poderás ficar conosco, para servir a rainha o melhor que puderes. Se mostrares que dás mais sarilhos do que os que vales, podes seguir o teu próprio caminho.

Sim, e o meu caminho irá levar-me ao fundo do Roine com peixes a mordiscar o que me resta de nariz.

— *Valar dohaeris.*

Podes dormir no convés ou no porão, como preferires. A Ysilla vai arranjar-te mantas.

Que bondade a dela. — Tyrion fez uma reverência bamboleante, mas ao chegar à porta da cabine virou-se para trás. — E se encontrarmos a rainha e descobirmos que esta conversa de dragões não passou da fantasia ébria de um marinheiro qualquer? O vasto mundo está cheio desse tipo de histórias loucas. Gramequins e *snarks*, fantasmas e vampiros, sereias, demónios das rochas, cavalos alados, porcos alados... leões alados.

Griff fitou-o, franzindo o sobrolho.

— Avisei-te lealmente, Lannister. Ou controlas a língua ou a perdes. Há aqui reinos em risco. As nossas vidas, os nossos nomes, a nossa honra. Isto não é nenhum jogo que estamos a jogar para teu divertimento.

Claro que é, pensou Tyrion. O jogo dos tronos.

— Às vossas ordens, capitão — murmurou, voltando a fazer uma reverência.

DAVOS

O relâmpago dividiu o céu setentrional, delineando a torre negra da Lâmpada da Noite contra o céu branco azulado. Seis segundos mais tarde chegou o trovão, como um tambor distante.

Os guardas levaram Davos Seaworth por uma ponte de basalto negro e sob uma porta levadiça de ferro que mostrava sinais de ferrugem. Atrás dela ficava um profundo fosso salgado e uma porta levadiça suportada por um par de enormes correntes. Águas verdes ergueram-se por baixo, atirando para cima plumas de borrifos que se iam esmagar contra as fundações do castelo. Depois apareceu uma segunda casa de portão, maior do que a primeira, cujas pedras eram barbadadas por algas verdes. Davos atravessou aos tropeções um pátio lamacento com as mãos presas pelos pulsos. Uma chuva fria picou-lhe os olhos. Os guardas empurraram-no pela escada acima, para dentro da cavernosa fortaleza de pedra de Quebrágua.

Uma vez lá dentro, o capitão tirou o manto e pendurou-o de uma cavilha, para não deixar poças no puído tapete de Myr. Davos fez o mesmo, remexendo no pregador com as mãos atadas. Não tinha esquecido as cortesias que aprendera em Pedra do Dragão durante os seus anos de serviço.

Foram encontrar o senhor sozinho nas sombras do seu salão, comendo um jantar de cerveja, pão e estufado das irmãs. Vinte arandelas de ferro estavam montadas ao longo das espessas paredes de pedra, mas só quatro continham archotes, e nenhum deles estava aceso. Duas grossas velas de sebo davam uma luz parca e tremeluzente. Davos ouvia a chuva a vergastar as paredes e um pingar constante vindo de onde, no telhado, se abria uma goteira.

— Senhor — disse o capitão — encontrámos este homem na Barriga da Baleia, a tentar comprar passagem pra fora da ilha. I tinha doze dragões com ele, e tarríém esta coisa. — O capitão pô-la na mesa ao lado do senhor: uma fita larga de veludo negro debruada com pano de ouro e ostentando três selos; um veado coroadado estampado em cera de abelha dourada, um coração flamejante em vermelho, uma mão em branco.

Davos esperou, molhado e a pingar, com os pulsos arranhados onde a corda húmida se lhe enterrava na pele. Bastaria uma palavra daquele senhor para ele estar em breve pendurado do Portão da Força de Vilirmãs, mas pelo menos estava fora da chuva, com pedra sólida debaixo dos

pés em vez de um convés oscilante. Estava ensopado, dorido e descomposto, perturbado pelo desgosto e a traição, e mortalmente farto de tempestades.

O senhor limpou a boca com as costas da mão e pegou na fita para a observar mais de perto. Um relâmpago brilhou lá fora, fazendo as seteiras cintilar azuis e brancas durante meio segundo. *Um, dois, três, quatro*, contou Davos, antes de chegar o trovão. Quando se silenciou, pôs-se à escuta do gotejar da água e do rugido mais indistinto sob os seus pés, onde as ondas se esmagavam contra os enormes arcos de pedra de Quebrágua e rodopiavam através das suas masmorras. Podia perfeitamente acabar lá em baixo, acorrentado a um húmido chão de pedra e deixado para se afogar quando a maré invadissem a masmorra. *Não, tentou dizer a si próprio, um contrabandista podia morrer assim, mas um Mão do Rei não. Valho mais se ele me vender à sua rainha.*

O senhor passou os dedos pela fita, franzindo o sobrolho aos selos. Era um homem feio, grande e carnudo, com os ombros espessos de um remador e sem pescoço. Barba por fazer, irregular e grisalha, cobria-lhe as bochechas e o queixo, com manchas onde crescia branca. Por cima de uma testa maciça, era calvo. O nariz era grumoso e tornado vermelho por veias rotas, os lábios eram grossos, e tinha uma espécie de membrana entre os três dedos intermédios da mão direita. Davos ouvira dizer que alguns dos senhores das Três Irmãs tinham mãos e pés membranosos, mas sempre encarara a história como mais um relato de marinheiros.

O senhor recostou-se.

— Corta-lhe as cordas — disse — e descalça-lhe essas luvas. Quero ver-lhe as mãos.

O capitão fez o que lhe era dito. Quando puxou para cima a mutilada mão esquerda do cativo, o relâmpago voltou a brilhar, derramando a sombra dos dedos encurtados de Davos Seaworth sobre a cara rude e brutal de Godric Borrell, Senhor de Irmã Doce.

— Qualquer homem pode roubar uma fita — disse o senhor — mas esses dedos não mentem. Sois o cavaleiro das cebolas.

— Chamaram-me isso, senhor. — O próprio Davos era senhor, e já era cavaleiro há muitos anos, mas no seu íntimo continuava a ser o que sempre fora, um contrabandista de nascimento plebeu que comprara o grau de cavaleiro com um porão de cebolas e peixe salgado. — Também me chamaram coisas piores.

— Pois. Traidor. Rebelde. Vira casaca.

Irritou-se com a última palavra.

— Nunca virei o manto, senhor. Sou um homem do rei.

— Só se Stannis for um rei. — O senhor avaliou-o com duros olhos negros. — A maioria dos cavaleiros que desembarcam nas minhas costas procuram-me no meu palácio, não na Barriga da Baleia. Vil covil de contrabandistas, esse. Estais a regressar ao vosso antigo ofício, cavaleiro das cebolas?

— Não, senhor. Procurava passagem para Porto Branco. O rei enviou-me, com uma mensagem para o senhor da cidade.

— Então estais no lugar errado com o senhor errado. — O Lorde Godric pareceu divertido. — Isto é Vilirmãs, na Irmã Doce.

— Eu sei que é. — Nada havia de doce em Vilirmãs, porém. Era uma vila maligna, uma pocilga, pequena, má e fétida dos odores a caca de porco e peixe pútrido. Davos lembrava-se bem dela dos seus dias de contrabandista. As Três Irmãs eram poiso favorito para contrabandistas há centenas de anos, e antes disso tinham sido um ninho de piratas. As ruas de Vilirmãs eram lama e tábuas, as suas casas eram cabanas de taipa com telhados de palha, e junto do Portão da Força havia sempre enforcados com as entranhas pendentes.

— Tendes aqui amigos, não duvido — disse o senhor. — Todos os contrabandistas têm amigos nas Irmãs. Alguns deles são também meus amigos. Aqueles que não são, enforco-os. Deixo-os sufocar lentamente, com as tripas a bater-lhes nos joelhos. — O salão voltou a iluminar-se quando um relâmpago brilhou nas janelas. Dois segundos mais tarde, chegou o trovão. — Se é Porto Branco que quereis, porque estais vós em Vilirmãs? O que vos trouxe cá?

Uma ordem de um rei e uma traição de um amigo, podia ter dito Davos. Em vez disso, respondeu:

— Tempestades.

Vinte e nove navios tinham zarpado da Muralha. Se metade deles continuassem a flutuar, Davos sentir-se-ia chocado. Céus negros, ventos amargos e chuvas cortantes tinham-nos perseguido ao longo de toda a costa. As galés *Oledo* e *Filho da Velha Mãe* tinham sido atiradas contra os rochedos de Skagos, a ilha de unicórnios e canibais onde até o Bastardo Cego temera acostar; a grande coca *Saathos Saan* fora a pique ao largo dos Penhascos Cinzentos.

— Stannis irá estar pagando por elas — enfurecera-se Salladhor Saan. — Irá estar pagando por elas com bom ouro, por cada uma. — Era como se algum deus furioso estivesse a reclamar o pagamento da viagem fácil que tinham tido para norte, empurrados por um vento constante de sul desde Pedra do Dragão até à Muralha. Outra tormenta rasgara o velame da *Farta Colheita*, forçando Salla a rebocá-la. Dez léguas a norte da Atalaia da Viúva os mares tinham voltado a encapelar-se, atirando a *Colheita* contra uma das galés que a rebocava e afundando-as a ambas. O resto da frota lisena fora espalhada pelo mar estreito. Alguns dos navios acabariam por ir dar a um ou outro porto. Outros nunca mais seriam vistos.

— Salladhor, o Pedinte, foi isso o que o teu rei fez de mim — queixara-se Salladhor Saan a Davos quando os restos da sua frota atravessaram a coxear a Dentada. — Salladhor, o Esmagado. Onde estão os meus navios? E o meu ouro, onde está todo o ouro que me foi prometido? — quando Davos tentara assegurar-lhe que obteria o seu pagamento, Salla explodira. — Quando, *quando?* Amanhã, na lua nova, quando o cometa vermelho voltar? Ele está prometendo-me ouro e pedras preciosas, sempre prometendo, mas o seu ouro eu não vi. Tenho a

palavra dele, diz ele, oh, sim, a sua régia palavra, ele escreve-a. Será que Salladhor Saan pode comer a palavra do rei? Pode matar a sede com pergaminhos e selos de cera? Pode atirar promessas para uma cama de penas e fodê-las até guincharem?

Davos tentara persuadi-lo a manter-se fiel. Fizera notar que se Salla abandonasse Stannis e a sua causa, abandonava todas as esperanças de receber o ouro que lhe era devido. Afinal de contas, não era provável que um Rei Tommen vitorioso pagasse as dívidas do seu tio derrotado. A única esperança de Salla era permanecer leal a Stannis Baratheon até este conquistar o Trono de Ferro. De outro modo, nunca veria um tostão do seu dinheiro. Tinha de ter paciência.

Talvez algum lorde com mel na língua pudesse ter feito o príncipe pirata lisenio mudar de idéias, mas Davos era um cavaleiro de cebolas e as suas palavras só tinham levado Salla a nova indignação.

— Em Pedra do Dragão tive paciência — dissera — quando a mulher vermelha queimou deuses de madeira e homens aos gritos. Ao longo de todo o caminho até à Muralha, tive paciência. Em Atalaiaeste, tive paciência. .. e frio, tanto frio. Bah, digo eu. Bah para a tua paciência, e bah para o teu rei. Os meus homens têm fome. Estão desejando voltar a foder as mulheres, contar os filhos, ver os Degraus e os jardins de prazer de Lys. Gelo e tempestades e promessas vazias, isto *não* estão desejando. Este norte é frio demais, e está a ficar mais frio.

Eu sabia que este dia chegaria, disse Davos a si próprio. *Gostava do velho patife, mas nunca fui suficientemente tolo para confiar nele.*

— Tempestades. — O Lorde Godric pronunciou a palavra com tanto carinho como outro homem poderia pronunciar o nome da sua amante. — As tempestades já eram sagradas nas Irmãs antes da chegada dos ândalos. Os nossos deuses de antanho eram a Senhora das Ondas e o Senhor dos Céus. Faziam tempestades sempre que acasalavam. — Inclinou-se para a frente. — Esses reis nunca se incomodam com as Irmãs. Porque haveriam de se incomodar? Somos pequenos e pobres. E, no entanto, estais aqui. Entregue nas minhas mãos pelas tempestades.

Entregue a ti por um amigo, pensou Davos.

O Lorde Godric virou-se para o seu capitão.

— Deixa este homem comigo. Ele nunca esteve aqui.

— Não, senhor. Nunca. — O capitão retirou-se, deixando com as botas molhadas pegadas húmidas no tapete. Por baixo do chão, o mar estava rumorejante e desassossegado, arremetendo contra os pés do castelo. A porta exterior fechou-se com um som que era como um trovão distante, e de novo surgiu o relâmpago, como que em resposta.

— Senhor — disse Davos — se me enviardes para Porto Branco, Sua Graça contaria tal ato como um ato de amizade.

— Podia enviar-vos para Porto Branco — concedeu o senhor. — Ou então podia enviar-vos para um qualquer inferno húmido e frio.

Vilirmãs é inferno que chegue. Davos temeu o pior. As Três Irmãs eram umas cabras volúveis, leais apenas a si próprias. Supostamente, estavam ajuramentadas aos Arryn do Vale, mas o domínio do Ninho de Águia sobre as ilhas era no máximo tênue.

— O Sunderland queria que eu vo-lo entregasse, se soubesse de vós. — Os Borrell recebiam vassalagem da Irmã Doce, tal como os Longthorpe da Irmã Longa e os Torrent da Irmã Pequena; todos estavam juramentados a Triston Sunderland, o Senhor das Três Irmãs. — Vender-vos-ia à rainha, por um pote daquele ouro Lannister. O pobre do homem precisa de cada dragão, com sete filhos todos decididos a serem cavaleiros. — O lorde pegou numa colher de pau e voltou a atacar o estufado. — Eu costumava amaldiçoar os deuses que só me deram filhas, até ouvir Triston lamentar o custo de cavalos de guerra. Ficaríeis surpreendido por saber quantos peixes são precisos para comprar um conjunto decente de armadura de placas de aço e cota de malha.

Eu também tive sete filhos, mas quatro estão queimados e mortos.

— O Lorde Sunderland está ajuramentado ao Ninho de Águia — disse Davos. — Pelo direito, devia entregar-me à Senhora Arryn. — Julgava que teria melhores hipóteses com ela do que com os Lannister. Embora não tivesse participado na Guerra dos Cinco Reis, Lysa Arryn era filha de Correrrio e tia do Jovem Lobo.

— Lysa Arryn está morta — disse o Lorde Godric — assassinada por um cantor qualquer. Quem governa agora o vale é o Lorde Mindinho. Onde estão os piratas? — quando Davos não respondeu, deu uma pancada na mesa com a colher. — Os lisenos. O Torrent viu-lhes as velas da Irmã Pequena, e antes dele os Flint também as viram da Atalaia da Viúva. Velas cor de laranja, verdes e cor-de-rosa. Salladhor Saan. Onde está ele?

— No mar. — Salla deveria estar a velejar em volta dos Dedos e ao longo do mar estreito. Ia regressar aos Degraus com os poucos navios que lhe restavam. Talvez adquirisse mais alguns de caminho, se deparasse com mercadores promissores. *Um pouco de pirataria para ajudar as léguas a passar.* — Sua Graça mandou-o para sul, para incomodar os Lannister e os seus amigos. — A mentira tinha sido ensaiada, enquanto remava através da chuva na direção de Vilirmãs. Mais tarde ou mais cedo, o mundo ficaria a saber que Salladhor Saan abandonara Stannis Baratheon, deixando-o sem frota, mas não o ouviria dos lábios de Davos Seaworth.

O Lorde Godric mexeu o estufado.

— Esse velho pirata do Saan obrigou-vos a nadar até à costa?

— Vim para terra num bote, senhor. — Salla esperara até que o feixe da Lâmpada da Noite brilhasse a bombordo da proa da *Valiriana* antes de o pôr fora do navio. A amizade entre ambos, pelo menos, valera isso. Reconhecia que o liseno o teria levado de bom grado para sul com ele, mas Davos recusara. Stannis precisava de Wyman Manderly, e confiara nele para o conquistar. Dissera a Salla que não trairia essa confiança.

— Bah — respondera o príncipe pirata — ele vai matar-te com essas honrarias, velho amigo. Ele vai matar-te.

— Nunca antes tinha tido um Mão do Rei debaixo do meu teto — disse o Lorde Godric. — Pergunto a mim próprio se Stannis vos resgataria.

Resgataria? Stannis dera a Davos terras, títulos e cargos, mas pagaria bom ouro para comprar a sua vida de volta? *Ele não tem ouro. Se tivesse, ainda teria o Salla.*

— Encontrareis Sua Graça em Castelo Negro, se quiserdes perguntar-lhe isso.

Borrell soltou um grunhido.

— O Duende também está em Castelo Negro?

— O Duende? — Davos não compreendeu a pergunta. — O Duende está em Porto Real, condenado a morrer pelo assassinio do sobrinho.

— O meu pai costumava dizer que a Muralha é a última a saber. O anão fugiu. Enfiou-se por entre as barras da sua cela e rasgou o pai em pedaços com as mãos nuas. Um guarda viu-o fugir, vermelho dos pés à cabeça, como se tivesse tomado banho em sangue. A rainha fará um senhor de qualquer homem que o mate.

Davos lutou por acreditar naquilo que estava a ouvir.

— Estais a dizer-me que Tywin Lannister está morto?

— Às mãos do filho, pois. — O senhor bebeu um gole de cerveja. — Quando havia reis nas Irmãs não tolerávamos que anões sobrevivessem. Atirávamo-los todos ao mar, como oferenda aos deuses. Os septões fizeram-nos parar com isso. Uma matilha de idiotas piedosos. Porque haveriam os deuses de dar uma tal forma a um homem, se não fosse para o identificar como monstro?

O Lorde Tywin morto. Isto muda tudo.

— Senhor, dar-me-eis licença para enviar um corvo para a Muralha? Sua Graça quererá saber da morte do Lorde Tywin.

— Ele saberá. Mas não por mim. Nem por vós, enquanto estiverdes aqui debaixo do meu telhado esburacado. Não quero que se diga que dei a Stannis ajuda e conselhos. Os Sunderland arrastaram as Irmãs para duas das rebeliões Blackfyre, e todos sofremos bastante com isso. — O Lorde Godric indicou uma cadeira com um aceno de colher. — Sentai-vos. Antes que caiais, sor. O meu salão é frio, húmido e escuro, mas não é desprovido de alguma cortesia. Arranjar-vos-emos roupa seca, mas primeiro comereis. — Solto um grito e uma mulher entrou no salão. — Temos um hóspede para alimentar. Traz cerveja, pão e estufado das irmãs.

A cerveja era castanha, o pão preto, o estufado de um branco cremoso. Ela serviu-o num prato aberto num pão duro. Estava carregado de alho-porro, cenoura, cevada e nabos brancos e amarelos, bem como amêijoas e pedaços de bacalhau e polpa de caranguejo, nadando num caldo de creme e manteiga. Era a espécie de estufado que aquecia um homem até aos ossos, precisamente a coisa certa para uma noite húmida e fria. Davos emborcou-o, sentindo-se grato.

— Já tínheis provado estufado das irmãs?

— Já, senhor. — O mesmo estufado era servido em todas as Três Irmãs, em todas as estalagens e tabernas.

— Isto é melhor do que o que comestes antes. É a Gella que o faz. A filha da minha filha. Sois casado, cavaleiro da cebola?

— Sou, senhor.

— Uma pena. A Gella não é. As mulheres modestas dão as melhores esposas. Há aí três tipos de caranguejo. Caranguejos vermelhos, caranguejos-aranhas e conquistadores. Eu não como aranhas exceto no estufado das irmãs. Faz com que me sinta meio canibal. — Sua senhoria indicou com um gesto o estandarte que pendia por cima da lareira fria e negra. Um caranguejo-aranha estava aí bordado, branco num campo de verde acinzentado. — Ouvimos histórias sobre Stannis ter queimado o seu Mão.

O Mão que me antecedeu. Melisandre entregara Alester Florent ao seu deus em Pedra do Dragão, a fim de conjurar o vento que os levara para norte. O Lorde Florent mantivera-se forte e silencioso enquanto os homens da rainha o atavam ao poste, mostrando tanta dignidade como qualquer homem seminu podia esperar mostrar, mas quando as chamas lhe lambeiram as pernas começara a gritar, e os seus gritos tinham-nos levado ao longo de todo o caminho até Atalaiaeste-do-Mar, a crer no que a mulher vermelha dizia. Davos não gostara daquele vento. Parecera-lhe cheirar a carne queimada, e o seu som era angustiado enquanto brincava no cordame. *Podia com igual facilidade ter sido eu.*

— Não ardi — assegurou ao Lorde Godric — embora Atalaiaeste quase me tenha congelado.

— A Muralha faz dessas coisas. — A mulher trouxe-lhes mais um pão, ainda quente do forno. Quando Davos viu a mão dela, ficou a olhar. Isso não passou despercebido ao Lorde Godric. — Pois, ela tem a marca. Como todos os Borrell, desde há cinco mil anos. Filha da minha filha. Não aquela que faz o estufado. — Partiu o pão ao meio e ofereceu metade a Davos. — Comei. É bom.

E era, embora qualquer côdea bolorenta tivesse sabido igualmente bem a Davos; significava que era ali um hóspede, pelo menos por aquela noite. Os senhores das Três Irmãs tinham uma reputação negra, e nenhum a tinha pior do que Godric Borrell, Senhor da Irmã Doce, Escudo de Vilirmãs, Mestre do Castelo de Quebrágua e Guardião da Lâmpada da Noite... mas mesmo senhores ladrões e causadores de naufrágios estavam sujeitos às antigas leis da hospitalidade. *Pelo menos verei a alvorada,* disse Davos a si próprio. *Comi do seu pão e sal.*

Embora houvesse temperos mais estranhos do que sal naquele estufado das irmãs.

— Isto que estou a saborear é açafraão? — açafraão valia mais do que ouro. Davos só provaria tal coisa uma vez, quando o Rei Robert lhe mandara meio peixe num banquete em Pedra do Dragão.

— É. De Qarth. E também há pimenta. — O Lorde Godric recolheu uma pitada entre o polegar e o indicador e espalhou-a pelo seu prato. — Pimenta preta de primeira vinda de Volantis, não há nada melhor. Usai toda a que quiserdes, se vos estiverdes a sentir apimentado. Tenho quarenta arcas dela. Já para não falar de cravinho e noz-moscada e uma libra de açafrão. Tirei-a de uma donzela de olhos amendoados. — Riu-se. Davos viu que o outro ainda tinha todos os seus dentes, embora a maioria fosse amarela e um no maxilar superior estivesse negro e morto. — Dirigia-se a Bravos, mas uma tormenta atirou-a para a Dentada e bateu contra umas das minhas rochas. Portanto, como vedes, não sois o único presente que as tempestades me trouxeram. O mar é coisa traiçoeira e cruel.

Não tão traiçoeiro como os homens, pensou Davos. Os antepassados do Lorde Godric tinham sido reis piratas até que os Stark tinham caído sobre eles com fogo e espada. Nos dias que corriam, os homens das irmãs deixavam a pirataria descarada para Salladhor Saan e os da sua laia e limitavam-se a causar naufrágios. Os faróis que ardiam ao longo das costas das Três Irmãs destinavam-se a avisar contra baixios, recifes e rochedos e a indicar o caminho para a segurança, mas em noites tempestuosas e de nevoeiro os homens das Irmãs usavam falsas luzes para atrair capitães incautos para a desgraça.

— As tempestades fizeram-vos um favor, soprando-vos para a minha porta — disse o Lorde Godric. — Encontraríeis umas frias boas-vindas em Porto Branco. Chegastes tarde demais, sor. O Lorde Wyman pretende dobrar o joelho, e não a Stannis. — Bebeu um gole de cerveja. — Os Manderly não são nortenhos nenhuns, no fundo não o são. Não foi há mais de novecentos anos que vieram para norte, carregados com todo o seu ouro e os seus deuses. Tinham sido grandes senhores no Vago até se terem excedido e as mãos verdes os terem posto no lugar. O rei dos lobos ficou-lhes com o ouro, mas deu-lhes terras e deixou-os ficar com os seus deuses. — Mergulhou um bocado de pão no estufado. — Se Stannis julga que o gordo vai montar o veado, engana-se. O *Leostrela* aportou a Vil irmãs há doze dias, para encher os barris de água. Conheceis o navio? Velas carmesim e um leão dourado à proa. E cheio de Freys, a caminho de Porto Branco.

— Freys? — aquela era a última coisa que Davos teria esperado. — Ouvimos dizer que os Frey mataram o filho do Lorde Wyman.

— Pois — disse o Lorde Godric — e o gordo ficou tão furioso que jurou viver de pão e vinho até ter a sua vingança. Mas antes de o dia chegar ao fim estava outra vez a enfiar amêijoas e bolos na boca. Há sempre navios a navegar entre as Irmãs e Porto Branco. Nós vendemos-lhes caranguejos, peixe e queijo de cabra, eles vendem-nos madeira, lã e peles. Segundo o que tenho ouvido, sua senhoria está mais gorda do que nunca. Lá se foi o juramento. As palavras são vento, e o vento vindo da boca de Manderly não tem mais significado do que aquele que se lhe escapa do traseiro. — O lorde partiu mais um bocado de pão para limpar o fundo ao prato. — Os Frey estavam a levar ao idiota do gordo um saco de ossos. Alguns chamam a isso cortesia, trazer a um homem os ossos do filho morto. Se tivesse sido o meu filho, eu teria devolvido a cortesia e

agradecido aos Frey antes de os enforcar, mas o gordo é nobre demais para isso. — Enfiou o pão na boca, mastigou, engoliu. — Eu recebi os Frey ao jantar. Um sentou-se mesmo aí onde estais sentado. *Rhaegar*, chamou ele a si próprio. Quase me ri na cara dele. Que tinha perdido a mulher, disse o homem, mas pretendia arranjar uma nova em Porto Branco. Corvos tinham andado a voar de um lado para o outro. O Lorde Wyman e o Lorde Walder fizeram um pacto, e pretendem selá-lo com um casamento.

Davos sentiu-se como se o lorde o tivesse esmurrado na barriga. *Se o que ele diz é verdade, o meu rei está perdido.* Stannis Baratheon tinha uma necessidade desesperada de Porto Branco. Se Winterfell era o coração do norte, Porto Branco era a sua boca. O seu estuário permanecera livre de gelo, mesmo nas profundezas do inverno, durante séculos. Com o inverno a chegar, isso podia ter um significado enorme. E a prata da cidade também. Os Lannister tinham todo o ouro de Rochedo Casterly, e tinham-se casado com a riqueza de Jardim de Cima. Os cofres do Rei Stannis estavam esgotados. *Tenho de tentar.; pelo menos. Pode haver alguma maneira de impedir este casamento.*

— lenho de chegar a Porto Branco — disse. — Senhoria, suplico-vos, ajudai-me.

O Lorde Godric começou a comer o prato, partindo-o com as grandes mãos. O estufado amolecera o pão duro.

— Não sinto amor nenhum por nortenhos — anunciou. — Os mestres dizem que a Violação das Três Irmãs foi há mil anos, mas Vilirmãs não esqueceu. Antes disso éramos um povo livre, com os nossos reis a governar-nos. Depois, tivemos de dobrar os joelhos ao Ninho de Águia para expulsar os nortenhos. O lobo e o falcão levaram mil anos a lutar por nós até, entre os dois, terem roído toda a gordura e a carne de cima dos ossos destas pobres ilhas. Quanto ao vosso Rei Stannis, quando foi mestre dos navios de Robert enviou uma frota para o meu porto sem a minha licença, e obrigou-me a enforcar uma dúzia de bons amigos. Homens como vós. Chegou ao ponto de ameaçar enforcar-me a *mim* se calhasse algum navio dar à costa por a Lâmpada da Noite se ter apagado. Tive de engolir a arrogância dele. — Comeu um pouco do prato. — Agora vem para norte rebaixado, com o rabo entre as pernas. Porque haveria de lhe prestar alguma assistência? Respondei-me a isto.

Porque é o teu legítimo rei, pensou Davos. *Porque é um homem forte e justo, o único homem que pode recuperar o reino e defendê-lo contra o perigo que se reúne a norte. Porque tem uma espada mágica que brilha com a luz do sol.* As palavras ficaram-lhe presas na garganta. Nenhuma delas faria o Senhor da Irmã Doce mudar de idéias. Nenhuma o colocaria dez centímetros mais próximo de Porto Branco. *Que resposta quer ele? Terei de lhe prometer ouro que não temos? Um marido bem nascido para a filha da filha? Terras, honrarias, títulos?* O Lorde Alester Florent tentara jogar esse jogo, e o rei queimara-o por isso.

— A Mão perdeu a língua, parece. Ou não gosta do estufado das irmãs ou da verdade. — O Lorde Godric limpou a boca.

— O leão está morto — disse Davos, lentamente. — Aí tendes a vossa verdade, senhor. Tywin Lannister está morto.

— E se estiver?

— Quem governa agora em Porto Real? Tommen não é, ele não passa de uma criança. É Sor Kevan?

A luz das velas cintilou nos olhos negros do Lorde Godric.

— Se fosse, estaríeis acorrentado. Quem governa é a rainha.

Davos compreendeu. *Ele alimenta dúvidas. Não quer dar por si do lado perdedor.*

— Stannis defendeu Ponta Tempestade contra os Tyrell e os Redwyne. Tomou Pedra do Dragão aos últimos Targaryen. Esmagou a Frota de Ferro ao largo da Ilha Bela. Esta criança rei não prevalecerá contra ele.

— Esta criança rei controla a riqueza do Rochedo Casterly e o poder de Jardim de Cima. Tem os Bolton e os Frey. — O Lorde Godric esfregou o queixo. — Mesmo assim... neste mundo só o inverno é certo. O Ned Stark disse isso ao meu pai, precisamente aqui neste salão.

— Ned Stark esteve aqui?

— Na aurora da Rebelião de Robert. O Rei Louco tinha enviado uma mensagem ao Ninho de Águia exigindo a cabeça do Stark, mas Jon Arryn enviou-lhe desafio em resposta. Mas Vila Gaivotas permaneceu leal ao trono. Para chegar a casa e convocar os vassalos, o Stark teve de atravessar as montanhas até aos Dedos e arranjar um pescador que o levasse para o outro lado da Dentada. Uma tempestade apanhou-os no caminho. O pescador afogou-se, mas a filha fez o Stark chegar às Irmãs antes de o barco ir ao fundo. Diz-se que ele a deixou com um saco de prata e um bastardo na barriga. A moça chamou-lhe Jon Snow, em homenagem ao Arryn.

"Mas adiante. O meu pai estava sentado onde eu estou agora quando o Lorde Eddard veio a Vilirmãs. O nosso mestre incentivou-nos a enviar a Aerys a cabeça do Stark, para provar a nossa lealdade. Isso teria implicado uma rica recompensa. O Rei Louco era generoso com aqueles que lhe agradavam. Mas por essa altura já sabíamos que Jon Arryn tinha tomado Vila Gaivotas. Robert foi o primeiro homem a ultrapassar a muralha, e matou Marq Grafton com as próprias mãos. 'Este Baratheon é destemido,' disse eu. 'Combate como um rei deve combater.' O nosso mestre riu-se de mim e disse-nos que o Príncipe Rhaegar ia de certeza derrotar aquele rebelde. Foi então que o Stark disse: 'Neste mundo só o inverno é certo. Podemos perder as cabeças, é verdade... mas e se prevalecermos?' O meu pai mandou-o embora ainda com a cabeça sobre os ombros. 'Se perderdes,' disse ao Lorde Eddard, 'Nunca estivestes aqui.'^m

— Tal como eu nunca estive — disse Davos Seaworth.

JON

Trouxeram o Rei-para-lá-da-Muralha com as mãos atadas por corda de cânhamo e um laço em volta do pescoço.

A outra ponta da corda estava enrolada em volta do grande arção da sela do corcel de Sor Godry Farring. O Mata-Gigantes e a sua montada estavam couraçados de aço prateado com embutidos de nígelo. Mance Rayder usava apenas uma túnica fina que lhe deixava os membros expostos ao frio. *Podiam ter deixado que ficasse com o manto, pensou Jon Snow, aquele que a mulher selvagem remendou com faixas de seda carmesim.*

Pouco admirava que a Muralha estivesse a chorar.

— Mance conhece melhor a floresta assombrada do que qualquer patrulheiro — dissera Jon ao Rei Stannis, num último esforço para convencer Sua Graça de que o Rei-para-lá-da-Muralha lhes seria mais útil vivo do que morto. — Ele conhece Tormund Terror dos Gigantes. Combateu os Outros. E tinha o Corno de Joramun e não o soprou. Não derrubou a Muralha quando podia tê-lo feito.

As suas palavras caíram em orelhas moucas. Stannis permanecera inabalável. A lei era simples; a vida de um desertor estava perdida.

Por baixo da Muralha chorosa, a Senhora Melisandre ergueu as pálidas mãos brancas.

— *Todos temos de escolher* — proclamou. — Homem ou mulher, jovem ou velho, senhor ou camponês, as nossas escolhas são as mesmas. — A voz dela fazia Jon Snow pensar em anis, noz-moscada e cravinho. Estava ao lado do rei em cima de um patíbulo de madeira erguido acima do fosso. — Ou escolhemos a luz ou escolhemos a escuridão. Ou escolhemos o bem ou escolhemos o mal. Ou escolhemos o deus verdadeiro ou o falso.

O espesso cabelo castanho-acinzentado de Mance Rayder soprou em volta do rosto enquanto caminhava. Afastou-o dos olhos com ambas as mãos, sorrindo. Mas quando viu a gaiola, a coragem falhou-lhe. Os homens da rainha tinham-na feito com as árvores da floresta

assombrada, com árvores jovens e ramos flexíveis, com galhos de pinheiro pegajosos de seiva, e com os dedos brancos como ossos dos represeiros. Tinham-nos dobrado e torcido em volta e através uns dos outros a fim de tecer um gradeado de madeira, e depois tinham-no pendurado bem alto por cima de um profundo fosso cheio de madeiros, folhas e gravetos.

O rei selvagem recuou ao ver aquilo.

— Não — gritou — *misericórdia*. Isto não está certo, eu não sou o rei, eles...

Sor Godry deu um puxão à corda. O Rei-para-lá-da-Muralha não teve alternativa a não ser tropeçar atrás dele, com a corda a estrangular-lhe as palavras. Quando perdeu o apoio dos pés, Godry arrastou-o o resto do caminho. Mance estava ensanguentado quando os homens da rainha o enfiaram na gaiola, em parte empurrando-o, em parte carregando com ele. Uma dúzia de homens-de-armas esforçou-se para o içar no ar.

A Senhora Melisandre viu-o subir.

— *POVO LIVRE!* Aqui está o vosso rei de mentiras. E aqui está o corno que ele prometeu que derrubaria a Muralha. — Dois dos homens da rainha apresentaram o Corno de Joramun, negro e reforçado com ouro antigo, com dois metros e meio de ponta a ponta. Estavam esculpidas runas nas faixas de ouro, a escrita dos Primeiros Homens. Joramun morrera havia milhares de anos, mas Mance encontrara a sua sepultura sob um glaciário, no alto dos Colmilhos de Gelo. *E Joramun soprou o Corno do Inverno e despertou gigantes da terra.* Ygritte dissera a Jon que Mance não chegara a encontrar o corno. *Ela mentiu, ou então Mance manteve o facto em segredo mesmo para com os seus.*

Mil cativos observaram através das barras de madeira da paliçada quando o corno foi erguido bem alto. Todos estavam esfarrapados e meio mortos de fome. *Selvagens* era como os Sete Reinos lhes chamavam; eles chamavam a si próprios *o povo livre*. Não pareciam nem selvagens nem livres; só esfomeados, assustados, entorpecidos.

— O Corno de Joramun? — disse Melisandre. — Não. Chamai-lhe o Corno das Trevas. Se a Muralha cair, a noite também cai, a longa noite que nunca termina. Isso não pode acontecer, não *irá* acontecer! O Senhor da Luz viu os seus filhos em perigo e enviou-lhes um campeão, Azor Ahai renascido. — Apontou com uma mão para Stannis e o grande rubi que trazia à garganta pulsou de luz.

Ele é pedra e ela é fogo. Os olhos do rei eram pisaduras azuis, profundamente afundadas numa cara encovada. Usava placa de aço cinzenta, com um manto de pano de ouro forrado de peles a escorrer dos largos ombros. A placa de peito tinha um coração flamejante embutido por cima do seu. Cingindo-lhe a testa encontrava-se uma coroa de ouro avermelhado com pontas que eram como chamas retorcidas. Val estava a seu lado, alta e bonita. Tinham-na coroados com um simples aro de bronze escuro, mas a mulher parecia mais régia com bronze do que Stannis com ouro. Os seus olhos eram cinzentos e destemidos, firmes. Sob um manto de arminho, usava branco e dourado. O cabelo louro como mel tinha sido preso numa grossa trança que lhe pendia por cima do ombro e descia até à cintura. O frio do ar pusera-lhe cor nas bochechas.

A Senhora Melisandre não usava coroa, mas todos os homens ali presentes sabiam que era a verdadeira rainha de Stannis Baratheon, em vez da feia mulher que ele deixara a tremer em Atalaia-leste-do-Mar. Segundo se dizia, o rei não pretendia mandar buscar a Rainha Selyse e a filha de ambos até que Fortenoite ficasse pronto a habitar. Jon sentiu pena delas. A Muralha oferecia poucos dos confortos a que as senhoras do sul e as meninas bem nascidas estavam acostumadas, e Fortenoite não oferecia nenhum. Esse era um lugar sombrio, mesmo no melhor dos tempos.

— *POVO LIVRE!* — gritou Melisandre. — Contemplai o destino daqueles que escolhem as trevas!

O Corno de Joramun rebentou em chamas.

Incendiou-se com um *uuuch* quando línguas rodopiantes de fogo verde e amarelo saltaram a crepitar ao longo de todo o seu comprimento. O garrano de Jon recuou nervosamente, e ao longo das fileiras outros lutaram também por acalmar as montadas. Um gemido ergueu-se da paliçada quando o povo livre viu a sua esperança em chamas. Alguns começaram a gritar e a praguejar, mas a maioria ficou em silêncio. Durante meio segundo as runas gravadas nas faixas de ouro pareceram brilhar no ar. Os homens da rainha deram um balanço e atiraram o corno, a rodopiar, para dentro do fosso.

Dentro da gaiola, Mance Rayder esgatanhou o laço em volta da garganta com as mãos atadas e soltou gritos incoerentes sobre traições e bruxarias, negando a sua condição de rei, renegando o seu povo, negando o seu nome, renegando tudo o que alguma vez fez fora. Guinchou por misericórdia, amaldiçoou a mulher vermelha e desatou a rir histericamente.

Jon observou sem pestanejar. Não se atrevia a parecer demasiado escrupuloso perante os seus irmãos. Ordenara a saída de duzentos homens, mais de metade da guarnição de Castelo Negro. Montados em solenes fileiras de negro com grandes lanças nas mãos, tinham erguido os capuzes para ensombrar os rostos... e esconder o facto de tantos deles serem homens grisalhos

ou inexperientes. O povo livre temia a Patrulha. Jon queria que levassem com eles esse medo para os seus novos lares a sul da Muralha.

O corno colidiu com os madeiros, as folhas e os gravetos. Três segundos depois, todo o fosso estava em chamas. Agarrando-se às barras da gaiola com ambas as mãos, Mance soluçou e suplicou. Quando o fogo o atingiu fez uma pequena dança. Os seus gritos transformaram-se num longo guincho inarticulado de medo e dor. Esvoaçou no interior da sua gaiola como uma folha incendiada, uma traça apanhada na chama de uma vela.

Jon deu por si a lembrar-se de uma canção.

*"Irmãos, oh irmãos, os meus dias estão no fim,
o dornês minha vida desfez,
Mas que importa, não há homem que não tenha de morrer;
e eu provei a mulher do dornês"*

Val mantinha-se de pé na plataforma, tão imóvel como se tivesse sido esculpida em sal. *Ela não irá chorar nem irá desviar o olhar.* Jon perguntou a si próprio o que Ygritte teria feito no seu lugar. *Fortes são as mulheres.* Deu por si a pensar em Sam e no Mestre Aemon, em Goiva e no bebê. *Ela vai amaldiçoar-me com o seu último fôlego, mas eu vi que não havia outra maneira.* Atalaialeste relatara tempestades violentas no mar estreito. *Queria mante-los a salvo. Tê-los-ei em vez disso dado a comer aos caranguejos?* Na noite anterior sonhara com Sam a afogar-se, com Ygritte a morrer com a sua seta nela espetada (a seta não fora sua, mas nos seus sonhos era sempre), com Goiva a chorar lágrimas de sangue.

Jon Snow vira o suficiente.

— Agora — disse.

O Ulmer da Mata Real espetou a lança no chão, pegou no arco que trazia a tiracolo e tirou da aljava uma seta negra. O Doce Donnel Hill atirou o capuz para trás para fazer o mesmo. Garth Greyfeather e o Ben Barbudo encaixaram setas, dobraram os arcos e largaram.

Uma seta atingiu Mance Rayder no peito, uma na barriga, uma na garganta. A quarta espetou-se numa das barras de madeira da gaiola e estremeceu por um instante antes de pegar fogo. Os soluços de uma mulher ecoaram na Muralha quando o rei selvagem deslizou sem forças para o chão da gaiola, engrinaldado de fogo.

— E agora a sua vigia está feita — murmurou Jon suavemente. Mance Rayder fora em tempos um homem da Patrulha da Noite, antes de trocar o manto negro por um manto cortado de brilhante seda vermelha.

Em cima da plataforma, Stannis estava a carregar o cenho. Jon recusou-se a olhá-lo nos olhos. O fundo da gaiola de madeira caíra, e as barras estavam a desfazer-se. De todas as vezes que o fogo saltava para o alto, mais ramos se libertavam, vermelhos-cereja e negros.

— O Senhor da Luz fez o Sol, a Lua e as estrelas para iluminar o nosso caminho e deu-nos o fogo para manter a noite afastada — disse Melisandre aos selvagens. — Ninguém pode suportar as suas chamas.

— Ninguém pode suportar as suas chamas — *ecoaram os homens da rainha.*

As vestes de profundo escarlata da mulher vermelha rodopiaram em volta dela, e o seu cabelo de cobre criou um halo em volta do rosto. Altas chamas amarelas dançaram das pontas dos seus dedos como garras.

— *POVO LIVRE!* Os vossos falsos deuses não podem ajudar-vos. O vosso falso corno só vos trouxe morte, desespero, derrota... mas aqui está o verdadeiro rei. *CONTEMPLAI A SUA GLÓRIA!*
Stannis Baratheon puxou pela Luminífera.

A espada brilhou rubra, amarela e laranja, viva de luz. Jon já antes vira o espetáculo... mas não *assim*, nunca antes assim. A Luminífera era o sol feito aço. Quando Stannis ergueu a lâmina acima da cabeça, os homens tiveram de virar as cabeças para tapar os olhos. Cavalos assustaram-se, e um derrubou o cavaleiro. O incêndio no fosso pareceu encolher-se perante aquela tempestade de luz, como um cão pequeno a retrair-se perante outro maior. A própria Muralha tornou-se vermelha, rósea e laranja quando ondas de cor dançaram pelo gelo fora. *É este o poder do sangue de um rei?*

— Westeros só tem um rei — disse Stannis. A sua voz ressoou, dura, sem nenhuma da música de Melisandre. — Com esta espada defendo os meus súbditos e destruo aqueles que os ameaçam. Dobrai o joelho e prometo-vos comida, terras e justiça. Ajoelhai e vivei. Ou então parti e morrei. A escolha é vossa. — Enfiou a Luminífera na bainha, e o mundo voltou a escurecer, como se o Sol se tivesse ocultado por trás de uma nuvem. — Abri os portões.

— *ABRI OS PORTÕES* — berrou Sor Clayton Suggs, numa voz profunda como um corno de guerra.

— *ABRI OS PORTÕES* — ecoou sor Corliss Penny, que comandava os guardas.

— *ABRI OS PORTÕES* — gritaram os sargentos. Homens precipitaram-se para obedecer. Estacas aguçadas foram arrancadas do chão, tábuas foram deitadas sobre profundas valas, e os portões da paliçada foram escancarados. Jon Snow ergueu a mão e baixou-a, e as suas fileiras negras afastaram-se para a esquerda e para a direita, abrindo um caminho até à Muralha, onde Edd Doloroso abriu o portão de ferro.

— Vinde — instou Melisandre. — Vinde para a luz... ou fugi de volta para as trevas. — No fosso por baixo dela, o fogo crepitava. — Se escolherdes a vida, vinde até mim.

E vieram. Devagar a princípio, alguns a coxear ou apoiados nos companheiros, os cativos começaram a sair do seu curral toscamente construído. *Se quiserdes comer, vinde até mim*, pensou Jon. *Se não quiserdes morrer de frio ou à fome, submetei-vos*. Hesitante, desconfiado de alguma armadilha, o primeiro punhado de prisioneiros atravessou lentamente as tábuas e o anel de estacas, aproximando-se de Melisandre e da Muralha. Mais seguiram-nos quando viram que nenhum mal acontecera aos que avançaram primeiro. Depois mais, até se transformarem num fluxo contínuo. Homens da rainha, trajando jalecas tachonadas e com meios elmos nas cabeças, entregavam a todos os homens, mulheres e crianças que por eles passavam um bocado de represeiro branco: um pau, um ramo estilhaçado tão branco como osso quebrado, um ramo de folhas rubras como sangue. *Um bocado dos deuses antigos para alimentar o novo*. Jon fletiu os dedos da sua mão da espada.

O calor vindo do fosso era palpável mesmo à distância; para os selvagens tinha de ser abrasador. Viu homens a encolherem-se quando se aproximaram das chamas, ouviu crianças a chorar. Alguns viraram para a floresta. Viu uma mulher jovem partir aos tropeções com uma criança em cada mão. De poucos em poucos passos, olhava para trás para se assegurar de que ninguém vinha atrás dela, e quando se aproximou das árvores desatou a correr. Um homem grisalho pegou no ramo de represeiro que lhe deram e usou-o como arma, brandindo-o em volta até que os homens da rainha convergiram sobre ele com lanças. Os outros tiveram de rodear o seu corpo até Sor Corliss mandar atirá-lo à fogueira. Depois disso, foram mais os do povo livre que escolheram a floresta; um em dez, talvez.

Mas a maioria veio. Atrás deles só havia o frio e a morte. Em frente havia esperança. Vieram, agarrando os seus bocados de madeira até chegar a altura de os entregar às chamas. R'hllor era uma divindade ciumenta, sempre faminta. E assim o novo deus devorou o cadáver do antigo, e projetou gigantescas sombras de Stannis e Melisandre sobre a Muralha, negras contra os reflexos rubros no gelo.

Sigorn foi o primeiro a ajoelhar perante o rei. O novo Magnar de Thenn era uma versão mais nova e mais baixa do pai; esguio, a perder o cabelo, envergando grevas de bronze e uma camisa de couro com escamas de bronze nela cosidas. A seguir veio o Camisa de Chocalho numa estrepitosa armadura feita de ossos e couro fervido e com um crânio de gigante por elmo. Sob os ossos escondia-se uma criatura arruinada e desgraçada com dentes partidos e castanhos e um tom amarelado no branco dos olhos. *Um homem pequeno, malicioso e traiçoeiro, tão estúpido como cruel.* Jon não acreditava nem por um momento que ele cumprisse a palavra dada. Perguntou a si próprio o que estaria Val a sentir enquanto o via a ajoelhar, perdoado.

Chefes menores seguiram-se. Dois chefes de clã dos homens de Cornopé, cujos pés eram negros e duros. Uma velha sábia, reverenciada pelos povos do Guadeleite. Um rapaz escanzelado de olhos escuros com doze anos, filho de Alíyn Mata-Corvos. Halleck, irmão de Harma Cabeça de Cão, com os porcos dela. Cada um ajoelhou perante o rei.

Está frio demais para este espetáculo, pensou Jon.

— O povo livre despreza ajoelhadores — Jon avisara Stannis. — Deixai-os manter o seu orgulho, e gostarão mais de vós. — Sua Graça não quisera dar-lhe ouvidos. Dissera:

— O que deles preciso é espadas, não beijos.

Depois de se ajoelharem, os selvagens passaram a arrastar os pés pelas fileiras de irmãos negros na direção do portão. Jon destacara o Cavalo, o Cetim e meia dúzia de outros homens para os levar através da Muralha com archotes. Do outro lado aguardavam-nos tigelas de sopa quente de cebola e bocados de pão preto com salsichas. E também roupa: mantos, calças, botas, túnicas, boas luvas de couro. Dormiriam em pilhas de palha limpa, com fogos a arder para manter afastado o frio da noite. Aquele rei não devia nada ao método. Mais cedo ou mais tarde, contudo, Tormund Terror de Gigantes voltaria a assaltar a Muralha, e Jon perguntava a si próprio que lado escolheriam os novos súbditos de Stannis quando essa hora chegasse. *Podes dar-lhes terras e misericórdia, mas o povo livre escolhe os seus próprios reis, e foi Mance que escolheram, não*

foste tu.

Bowen Marsh aproximou a montada da de Jon.

— Este é um dia que nunca julguei ver. — O Senhor Intendente emagrecera visivelmente desde que sofrera um ferimento na cabeça na Ponte dos Crânios. Parte de uma orelha desaparecera. *Já não se parece lá muito com uma romã*, pensou Jon. Marsh disse: — Sangrámos para travar os selvagens na Garganta. Bons homens foram aí mortos, amigos e irmãos. Para quê?

— O reino amaldiçoar-nos-á a todos por isto — declarou Sor Alliser Thorne, num tom venenoso. — Todos os homens honestos de Westeros vão virar a cabeça e cuspir quando se mencionar a Patrulha da Noite.

Que sabes tu sobre homens honestos?

— Silêncio nas fileiras. — Sor Alliser tornara-se mais discreto desde que o Lorde Janos perdera a cabeça, mas a malícia ainda lá estava. Jon brincara com a ideia de lhe entregar o comando que Slynt recusara, mas queria o homem por perto. *Sempre foi o mais perigoso dos dois*. Em vez disso, despachara um intendente grisalho da Torre Sombria para assumir o comando em Guardagris.

Esperava que as duas novas guarnições fizessem alguma diferença. A Patrulha pode fazer o povo livre sangrar; mas no fim de contas não podemos ter esperança de lhes pôr travão. Entregar Mance Rayder ao fogo não mudava a verdade desse facto. Continuamos a ser poucos demais e eles continuam a ser demasiados, e sem patrulheiros estamos, na prática, cegos. Tenho de enviar homens lá para fora. Mas, se o fizer, regressarão?

O túnel através da Muralha era estreito e retorcido, e muitos dos selvagens eram velhos ou estavam doentes ou feridos, de modo que o avanço era dolorosamente lento. Quando os últimos dobraram o joelho, a noite já caíra. O fogo no fosso ardia com pouca força, e a sombra do rei na Muralha encolhera até um quarto da sua anterior altura. Jon Snow conseguia ver a sua respiração no ar. *Frio*, pensou, *e a ficar mais frio. Este espetáculo de saltimbancos já durou tempo suficiente.*

Duas vintenas de cativos permaneciam junto da paliçada. Quatro gigantes estavam entre eles, criaturas monumentais e peludas com ombros inclinados, pernas tão grandes como troncos de árvore, e enormes pés chatos. Apesar de serem tão grandes, talvez ainda conseguissem atravessar a Muralha, mas um deles não queria abandonar o seu mamute e os outros não queriam deixá-lo. Os outros que permaneciam eram todos de estatura humana. Alguns estavam mortos e

alguns moribundos; mais eram familiares ou companheiros próximos daqueles, nada dispostos a abandoná-los mesmo que em troca de uma tigela de sopa de cebolas.

Alguns a tremer, outros demasiado entorpecidos para tremer, escutaram quando a voz do rei ecoou na Muralha, trovejante.

— Sois livres de partir — disse-lhes Stannis. — Contai ao vosso povo o que testemunhastes. Contai-lhes que vistes o verdadeiro rei, e que são bem-vindos ao seu reino, desde que mantenham a paz. Se assim não for, é melhor que fujam ou se escondam. Não tolerarei mais ataques contra a minha Muralha.

— *Um reino, um deus, um rei!* — gritou a Senhora Melisandre.

Os homens da rainha repetiram o grito, batendo com os cabos das lanças nos escudos.

Um reino, um deus, um rei! STANNIS!STANNIS! UM REINO, UM DEUS, UM REI!

Jon reparou que Val não se juntara ao cântico. Nem os irmãos da Patrulha da Noite. Durante o tumulto, os poucos selvagens que restavam dissolveram-se entre as árvores. Os gigantes foram os últimos a partir, dois montados sobre o dorso do mamute, os outros dois a pé. Só os mortos foram deixados para trás. Jon viu Stannis descer da plataforma, com Melisandre a seu lado. *A sua sombra vermelha. Nunca sai do seu lado durante muito tempo.* A guarda de honra do rei tomou posições à volta deles; Sor Godry, Sor Clayton e uma dúzia de outros cavaleiros, todos homens da rainha. O luar cintilou nas suas armaduras e o vento sacudiu-lhes os mantos.

— Senhor Intendente — disse Jon a Marsh — quebrai aquela paliçada, usai-a para lenha e atirai os cadáveres às chamas.

— Às ordens, senhor. — Marsh ladrou ordens, e um enxame dos seus intendentes abandonou as fileiras para atacar as muralhas de madeira. O Senhor Intendente observou-os, franzindo o sobrolho. — Aqueles selvagens. .. achais que vão cumprir o prometido, senhor?

— Alguns cumprirão. Todos não. Nós temos os nossos covardes e os nossos velhacos, os nossos fracotes e os nossos idiotas, tal como eles os têm.

— Os nossos votos... jurámos proteger o reino...

— Depois do povo livre se instalar na Dádiva, tornar-se-á parte do reino — fez Jon notar. — Vivemos dias desesperados, e que provavelmente se tornarão mais desesperados. Vimos o rosto do nosso verdadeiro inimigo, um rosto morto e branco com brilhantes olhos azuis. O povo livre

também viu esse rosto. Stannis não está errado nisto. Temos de fazer causa comum com os selvagens.

— Causa comum contra um inimigo comum, eu podia concordar com isso — disse Bowen Marsh. — Mas isso não quer dizer que devemos deixar que dezenas de milhares de bárbaros meio mortos de fome atravessem a Muralha. Eles que voltem para as suas aldeias e combatam lá os Outros, enquanto nós selamos os portões. Não será difícil, segundo Othell me diz. Só precisamos de encher os túneis com pedra e de despejar água pelos alçapões. A Muralha faz o resto. O frio, o peso... numa volta de Lua seria como se nunca nenhum portão tivesse existido. Qualquer inimigo teria de abrir caminho à machadada.

— Ou de trepar.

— Improvável — disse Bowen Marsh. — Estes homens não são salteadores, a tentar roubar uma mulher e algum saque. Tormund terá consigo velhas, crianças, rebanhos de ovelhas e cabras, até *mamutes*. Precisa de um *portão* e só restam três. E se enviasse trepadores, bem, defendermo-nos contra trepadores é tão simples como aguilhoar peixes numa panela.

Os peixes nunca trepam para fora da panela nem te espetam uma lança na barriga. O próprio Jon trepara a Muralha.

Marsh prosseguiu.

— Os arqueiros de Mance Rayder devem ter disparado dez mil setas contra nós, ajuizando pelo número de hastes que recolhemos. Foram menos de cem as que chegaram aos nossos homens no topo da Muralha, a maioria das quais levantada por uma rajada casual de vento. O Alyn Vermelho da Mata de Rosas foi o único homem a morrer lá em cima e foi a queda que o matou, não a seta que lhe atingiu a perna. Donal Noye morreu a defender o portão. Um ato galante, sim... mas se o portão tivesse estado selado, o nosso corajoso amieiro podia ainda estar entre nós. Quer enfrentemos cem inimigos quer cem mil, desde que estejamos no topo da Muralha, e eles lá em baixo, não nos podem fazer mal.

Ele não está errado. A hoste de Mance Rayder quebrara-se contra a Muralha como uma vaga numa costa pedregosa, embora os defensores não fossem mais do que um punhado de velhos, rapazes inexperientes e aleijados. Mas o que Bowen estava a sugerir contrariava todos os instintos de Jon.

— Se selarmos os portões não podemos enviar patrulheiros — fez notar. — Estaremos, na prática, cegos.

— A última patrulha do Lorde Mormont custou à Patrulha um quarto dos seus homens, senhor. Precisamos de conservar as forças que nos restam. Todas as mortes nos diminuem, e estamos já tão no limite... Ocupar o terreno elevado e vencer a batalha, como o meu tio costumava dizer. Não há terreno mais elevado do que a Muralha, senhor comandante.

— Stannis promete terras, comida e justiça a todos os selvagens que dobrem o joelho. Nunca nos permitiria selar os portões.

Marsh hesitou.

— Lorde Snow, não sou homem para contar histórias, mas tern-se andado a dizer que vos estais a tornar demasiado... demasiado amigável para com o Lorde Stannis. Alguns sugerem mesmo que sois... um...

Um rebelde e um vira casaca, pois, e além disso um bastardo e um warg. Janos Slynt podia ter morrido, mas as suas mentiras sobreviviam.

— Eu sei o que eles dizem. — Jon ouvira os murmúrios, vira homens virar-lhe as costas quando atravessava o pátio. — O que querem eles que eu faça, que pegue em armas tanto contra Stannis como contra os selvagens? Sua Graça tem o triplo de combatentes que nós temos, e além disso é nosso hóspede. As leis da hospitalidade protegem-no. E temos uma dívida para com ele e os seus.

— O Lorde Stannis ajudou-nos quando precisámos de ajuda — disse Marsh, obstinado — mas continua a ser um rebelde, e a sua causa está condenada. Tão condenada como nós estaremos, se o Trono de Ferro nos marcar como traidores. Temos de nos assegurarmos de que não escolhemos o lado perdedor.

— Não é minha intenção escolher nenhum lado — disse Jon — mas não estou tão certo do resultado desta guerra como vós pareceis estar, senhor. Especialmente com o Lorde Tywin morto.

— Se era possível crer nas histórias que subiam a estrada de rei, o Mão do Rei fora assassinado pelo filho anão enquanto estava sentado numa latrina. Jon conhecera brevemente Tyrion Lannister. *Ele pegou-me na mão e chamou-me amigo.* Era difícil acreditar que o homenzinho tivesse

em si o necessário para assassinar o próprio pai, mas o falecimento do Lorde Tywin parecia estar fora de dúvida. — O leão em Porto Real não passa de uma cria e o Trono de Ferro é conhecido por fazer adultos em tiras.

— Ele pode ser um rapaz, senhor, mas... o Rei Robert era bem amado, e a maior parte dos homens ainda aceita que Tommen é seu filho. Quanto mais veem do Lorde Stannis menos gostam dele, e são menos ainda os que têm simpatia pela Senhora Melisandre com as suas fogueiras e este seu severo deus vermelho. Eles queixam-se.

— Também se queixavam do Senhor Comandante Mormont. Ele disse-me uma vez que os homens adoram queixar-se das mulheres e dos senhores. Os que não têm mulheres queixam-se duplamente dos senhores. — Jon Snow olhou a paliçada de relance. Duas paredes tinham sido derrubadas, e uma terceira caía depressa. — Vou deixar-vos a acabar isto, Bowen. Assegurai-vos de que todos os cadáveres são queimados. Obrigado pelos vossos conselhos. Prometo-vos que pensarei em tudo o que dissestes.

Fumo e cinzas ainda pairavam no ar em volta do fosso quando Jon trotou de regresso ao portão. Aí, desmontou, para levar o garrano pela arreata através do gelo até ao lado sul. O Edd Doloroso seguiu à sua frente com um archote. As chamas deste lambiam o teto, e lágrimas frias pingavam sobre eles a cada passo.

— Foi um alívio ver aquele corno arder, senhor — disse Edd. — Ainda ontem à noite sonhei que estava a mijar da Muralha quando alguém decidiu dar uma apitadela no corno. Não que me esteja a queixar. Foi melhor do que o meu antigo sonho, no qual Harma Cabeça de Cão estava a dar-me de comer aos porcos dela.

— A Harma está morta — disse Jon.

— Mas os porcos não estão. Olham para mim como o Matador costumava olhar para presunto. Não estou a querer dizer que os selvagens nos queiram mal. Sim, desfizemos-lhes os deuses e obrigámo-los a queimar os bocados, mas demos-lhes sopa de cebola. O que é um deus comparado com uma bela tigela de sopa de cebola? Eu próprio comia uma de bom grado.

Os odores a fumo e a carne queimada ainda aderiam aos panos negros de Jon. Sabia que tinha de comer, mas aquilo por que ansiava era companhia, não comida. *Uma taça de vinho com o Mestre Aemon, umas palavras calmas trocadas com o Sam, algumas gargalhadas com o Pyp,*

Grenn e o Sapo. Mas Aemon e Sam tinham partido, e os seus outros amigos...

— Esta noite vou jantar com os homens.

— Carne de vaca cozida e beterrabas. — O Edd Doloroso parecia saber sempre o que estava a ser leito nas cozinhas. — Mas o Hobb diz que já não tem rábanos. Para que serve carne cozida sem rábanos?

Desde que os selvagens tinham queimado a antiga sala comum, os homens da Patrulha da Noite tomavam as refeições na antiga cave de pedra por baixo do armeiro, um espaço cavernoso dividido por duas fileiras de pilares quadrados de pedra, com tetos abobadados e grandes barris de vinho e cerveja ao longo das paredes. Quando Jon entrou, quatro construtores estavam a jogar às pedras na mesa mais próxima da escada. Mais perto do fogo estava sentado um grupo de patrulheiros e alguns homens do rei, a conversar em voz baixa.

Os homens mais jovens estavam reunidos a outra mesa, onde Pyp apunhalara um nabo com a faca.

— A noite é escura e cheia de nabos — anunciou numa voz solene. — Rezemos todos por carne de veado, meus filhos, com umas cebolas e um pouco de saboroso molho de carne. — Os amigos riram-se; Grenn, o Sapo, o Cetim, o grupo inteiro.

Jon Snow não se juntou aos risos.

— Troçar das preces de outro homem é tolice, Pyp. E perigoso.

— Se o deus vermelho está ofendido, ele que me abata.

Todos os sorrisos tinham morrido.

— Era da sacerdotisa que nos estávamos a rir — disse Cetim, um jovem flexível e bonito que fora em tempos prostituto em Vilavelha. — Estávamos só a gracejar, senhor,

— Vós tendes os vossos deuses e ela tem os dela. Deixai-a em paz.

— Ela não quer deixar os nossos deuses em paz — argumentou o Sapo. — Chama aos Sete falsos deuses, senhor. Aos deuses antigos também. Obrigou os selvagens a queimar ramos de

represeiro. Vós vistes.

— A Senhora Melisandre não faz parte do meu comando. Vós sim. Não quero rancores entre os homens do rei e os meus.

Pyp pousou uma mão no braço do Sapo.

— Não coaxes mais, corajoso Sapo, que o nosso Grande Lorde Snow falou. — Pôs-se em pé de um salto e dirigiu a Jon uma vénia trocista. — Peço perdão. De agora em diante, nem sequer abanarei as orelhas exceto com senhorial autorização de vossa senhoria.

Ele julga que isto é tudo um jogo. Jon quis enfiar-lhe algum juízo no corpo com um abanão.

— Abana as orelhas sempre que quiseres. É o abanar da tua língua que causa problemas.

— Eu tratarei de que ele tenha mais cuidado — prometeu Grenn — e se não tiver dou-lhe um carolo. — Hesitou. — Senhor, quereis jantar conosco? Owen, afasta-te e dá espaço ao Jon.

Não havia nada que Jon mais desejasse. *Não*, teve de dizer a si próprio, *esses dias acabaram*. Compreendê-lo fez-lhe torcer as tripas como uma faca. Eles tinham-no escolhido para governar. A Muralha era sua, e as vidas deles também eram suas. Jon conseguia ouvir o senhor seu pai a dizer: *Um senhor pode amar os homens que comanda, mas não pode ser amigo deles. Um dia pode precisar de os julgar; ou de os enviar para a morte.*

— Noutro dia — mentiu o Senhor Comandante. — Edd, é melhor tratares do teu jantar. Eu tenho trabalho a acabar.

O ar do exterior parecia ainda mais frio do que antes. Consequia ver luz de velas a brilhar nas janelas da Torre do Rei, do outro lado do castelo.

Val estava em pé no telhado da torre, a fitar a Muralha. Stannis mantinha-a rigidamente encurralada em aposentos por cima dos seus, mas permitia-lhe percorrer as ameias para fazer exercício. *Tem um ar solitário*, pensou Jon. *Solitário e adorável*. Ygritte fora bonita à sua maneira, com o cabelo ruivo beijado pelo fogo, mas fora o seu sorriso que lhe fazia o rosto ganhar vida. Val não precisava de sorrir; teria feito virar as cabeças dos homens em qualquer corte do mundo inteiro.

Mesmo assim, a princesa selvagem não era amada pelos seus carcereiros. Escarnecia de todos eles chamando-lhes "ajoelhadores" e tinha tentado fugir por três vezes. Quando um homem-de-armas se tornara descuidado na sua presença, ela tirara-lhe o punhal da bainha e apunhalara-o no pescoço. Um par de centímetros para a esquerda, e o homem poderia ter morrido. *Solitária, adorável e letal*, refletiu Jon Snow, *e eu podia tê-la tido. A ela, a Winterfell e ao nome do senhor meu pai.* Em vez disso, escolhera um manto negro e uma muralha de gelo. Em vez disso, escolhera a honra. *Uma espécie de honra de bastardo.*

A Muralha erguia-se à sua direita quando atravessou o pátio. O gelo mais elevado reluzia palidamente, mas mais abaixo tudo era sombras. Junto ao portão, um tênue brilho cor de laranja reluzia através das barras onde os guardas se tinham refugiado do vento. Jon ouvia o ranger das correntes da gaiola do guincho enquanto esta oscilava e raspava no gelo. Lá em cima, as sentinelas deviam estar aconchegadas no barracão de aquecimento em volta de um braseiro, gritando para serem ouvidas por cima do ruído do vento. Ou então teriam desistido do esforço e cada homem estaria mergulhado na sua própria lagoa de silêncio. *Eu devia estar a percorrer o gelo. A Muralha é minha.*

Estava a caminhar sob o esqueleto da Torre do Senhor Comandante, junto ao local onde Ygritte morrera nos seus braços, quando o Fantasma surgiu a seu lado, com o hálito morno a soltar baforadas no frio. Ao luar, os seus olhos vermelhos brilhavam como lagoas de fogo. O sabor do sangue quente encheu a boca de Jon, e compreendeu que o Fantasma matara naquela noite. *Não*, pensou. *Eu sou um homem, não um lobo.* Esfregou a boca com as costas de uma mão enluvada e cuspiu.

Clydas ainda ocupava os quartos por baixo da colónia dos corvos. Quando Jon bateu, veio arrastando os pés, de vela na mão, e abriu uma fenda na porta.

— Estou a incomodar? — perguntou Jon.

— Nem por sombras. — Clydas abriu mais a porta. — Estava a temperar vinho. O senhor aceita uma taça?

— Com prazer. — Tinha as mãos hirtas do frio. Descalçou as luvas e fletiu os dedos.

Clydas regressou à lareira para mexer o vinho. *Ele tem sessenta anos, no mínimo. Um velho. Só parecia novo comparado com Aemon.* Baixo e redondo, tinha os vagos olhos rosados de uma qualquer criatura noturna. Alguns cabelos brancos aderiam ao seu couro cabeludo. Quando serviu o vinho, Jon pegou na taça com ambas as mãos, cheirou as especiarias, engoliu. O calor

espalhou-se-lhe pelo peito. Voltou a beber, longa e profundamente, para lavar da boca o sabor do sangue.

— Os homens da rainha andam a dizer que o Rei-para-lá-da-Muralha morreu covarde. Que gritou por misericórdia e negou que era um rei.

— É verdade. A Luminífera estava mais brilhante do que alguma vez a tinha visto. Tão brilhante como o Sol. — Jon ergueu a taça. — A Stannis Baratheon e à sua espada mágica. — O vinho era-lhe amargo na boca.

— Sua Graça não é um homem de trato fácil. Poucos que usam uma coroa o são. Muitos bons homens foram maus reis, costumava dizer o Mestre Aemon, e alguns homens maus foram bons reis.

— Ele devia saber. — Aemon Targaryen vira nove reis no Trono de Ferro. Fora filho de um rei, irmão de um rei, tio de um rei. — Dei uma olhadela àquele livro que o Mestre Aemon me deixou. O *Compêndio de Jade*. As páginas que falavam de Azor Aliai. A Luminífera era a espada dele. Temperada com o sangue da mulher, se é que se pode acreditar em Votar. Daí em diante, a Luminífera nunca foi fria ao toque, mas quente como Nissa Nissa o fora. Em batalha, a lâmina queimava com um calor feroso. Uma vez, Azor Aliai combateu um monstro. Quando enfiou a espada na barriga da fera, o sangue dela começou a ferver. Fumo e vapor jorraram da sua boca, os seus olhos derreteram-se e pingaram-lhe pela cara abaixo, e o corpo rebentou em chamas.

Clydas pestanejou.

— Unia espada que cria o seu próprio calor...

— ... seria uma bela coisa na Muralha. — Jon pôs de parte a taça de vinho e calçou as luvas negras de pele de toupeira. — É uma pena que a espada que Stannis brande seja fria. Vou ter curiosidade de ver como é que a Luminífera *dele* se comporta em batalha. Obrigado pelo vinho. Fantasma, comigo. — Jon subiu o capuz do manto e puxou pela porta. O lobo branco seguiu-o de volta para a noite.

O amieiro estava escuro e silencioso. Jon fez um aceno aos guardas antes de passar pelas filas silenciosas de lanças na direção dos seus aposentos. Pendurou o cinturão da espada numa cavilha junto da porta e o manto noutra. Quando descalçou as luvas, as mãos estavam hirtas e frias. Precisou de muito tempo para conseguir acender as velas. O Fantasma enrolou-se no tapete e adormeceu, mas Jon não podia ainda descansar. A mesa de pinho desgastada estava coberta

com mapas da Muralha e das terras que se estendiam atrás dela, uma lista de patrulheiros e uma carta vinda da Torre Sombria, escrita na letra fluida de Sor Denys Mallister.

Voltou a ler a carta da Torre Sombria, afiou uma pena e destapou um frasco de espessa tinta preta. Escreveu duas cartas, a primeira a Sor Denys, a segunda a Cotter Pyke. Ambos tinham andado a atormentá-lo com pedidos de mais homens. Despachou Halder e o Sapo para oeste, para a Torre Sombria, Grenn e Pyp para Atalaia-leste-do-Mar. A tinta não queria fluir como devia ser, e todas as suas palavras pareciam secas, cruas e desajeitadas, mas persistiu.

Quando finalmente pousou a pena, a sala estava sombria e gelada, e ele sentia as paredes a aproximarem-se. Empoleirado por cima da janela, o corvo do Velho Urso espreitou-o com olhos negros sagazes. *O meu último amigo*, pensou Jon com tristeza. *E é melhor que te sobreviva, senão também comes a minha cara.* O Fantasma não contava. O Fantasma era mais próximo do que um amigo. O Fantasma era parte de si.

Jon levantou-se e subiu a escada que levava à cama estreita que pertencera em tempos a Donal Noye. *Isto é o que me coube em sorte*, compreendeu enquanto se despia, *de agora até ao fim dos meus dias.*

DAENERYS

— O que é? — gritou quando Irri a abanou suavemente pelo ombro. Lá fora, a noite era cerrada. *Há algo de errado*, compreendeu de imediato. — É Daario? O que aconteceu? — No seu sonho tinham sido marido e mulher, gente simples que vivia uma vida simples numa alta casa de pedra com uma porta vermelha. No seu sonho, ele estivera a beijá-la por todo o lado; na boca, no pescoço, nos seios.

— Não, *khaleesi* — murmurou Irri — é o vosso eunuco Verme Cinzento e os carecas. Quereis recebê-los?

— Sim. — Dany apercebeu-se de que tinha o cabelo em desalinho e a roupa de cama toda enrodilhada. — Ajuda-me a vestir. Quero também um copo de vinho. Para me limpar a cabeça. — *Para me afogar o sonho.* Conseguia ouvir os suaves sons de soluços. — De quem é aquele choro?

— Da vossa escrava Missandei. — Jhiqui tinha uma vela na mão.

— Da minha criada. Não tenho escravos. — Dany não compreendia.

— Porque está ela a chorar?

— Por aquele que foi seu irmão — disse-lhe Irri.

O resto ouviu das bocas de Skahaz, Reznak e Verme Cinzento quando foram trazidos à sua presença. Dany soube que as notícias eram más antes de uma palavra ser proferida. Um relance à feia cara do Tolarrapada bastou para lhe dizer isso.

— Os Filhos da Harpia?

Skahaz confirmou com a cabeça. Tinha uma expressão severa na boca.

— Quantos mortos?

Reznak torceu as mãos.

— N-nove, Magnificência. Foi trabalho sujo e maligno. Uma noite terrível, terrível.

Nove. A palavra era um punhal no seu coração. Todas as noites, a guerra de sombras era de novo travada sob as pirâmides de degraus de Meereen. Todas as manhãs, o Sol se erguia sobre novos cadáveres, com harpias desenhadas em sangue nos tijolos a seu lado. Qualquer liberto que se tornasse demasiado próspero ou demasiado expressivo estava marcado para morrer. *Mas nove numa noite...* Aquilo assustou-a.

— Contai-me.

O Verme Cinzento respondeu.

— Os vossos criados foram emboscados enquanto percorriam os tijolos de Meereen para manter a paz de Vossa Graça. Todos estavam bem armados, com lanças, escudos e espadas curtas. Caminhavam dois a dois, e dois a dois morreram. Os vossos criados Punho Negro e Cetherys foram mortos por dardos de besta no Labirinto de Mazdhan. Os vossos criados Mossador e Duran foram esmagados por pedras caídas por baixo da muralha do rio. Os vossos criados Eladon Cabelo-Dourado e Lança Leal foram envenenados numa taberna onde paravam habitualmente todas as noites quando faziam as rondas.

Mossador. Dany cerrou a mão num punho. Missandei e os irmãos tinham sido levados da sua casa por atacantes das Ilhas Basilisco, e vendidos para a escravatura em Astapor. Jovem como era, Missandei mostrara um tal dom para as línguas que os Bons Mestres tinham feito dela uma escriba. Mossador e Marselen não haviam tido tanta sorte. Tinha sido castrados e transformados em Imaculados.

— Algum dos assassinos foi capturado?

— Os vossos criados prenderam o dono da taberna e as filhas dele. Afirmam ignorância e suplicam misericórdia.

Todos eles afirmam ignorância e suplicam misericórdia.

— Dá-os ao Tolarrapada. Skahaz, mantém-nos separados uns dos outros e interroga-os.

— Será feito, Vossa Reverência. Quereis que os interrogue suavemente ou com dureza?

— Suavemente, para começar. Ouve as histórias que eles contam e que nomes te fornecem. Pode ser que não tenham desempenhado nenhum papel nisto. — Hesitou. — O nobre Reznak disse nove. Quem mais?

— Três libertos, assassinados em suas casas — disse o Tolarrapada. — Um prestamista, um sapateiro e a harpista Rylona Rhee. Cortaram-lhe os dedos antes de a matarem.

A rainha estremeceu. Rylona Rhee tocara harpa tão docemente como a Donzela. Quando fora escrava em Yunkai, tocara para todas as famílias bem-nascidas da cidade. Em Meereen tornara-se uma líder entre os libertos de Yunkai, a voz deles nos conselhos de Dany.

— Não temos cativos além desse vendedor de vinho?

— Nenhum, dói a este confessar. Pedimos-vos perdão.

Misericórdia, pensou Dany. *Eles terão a misericórdia do dragão.*

— Skahaz, mudei de idéias. Interroga o homem com dureza.

— Podia fazê-lo. Ou podia interrogar as filhas com dureza enquanto o pai vê. Isso iria arrancar-lhe alguns nomes.

— Faz o que achares melhor, mas traz-me nomes. — A sua fúria era um fogo na barriga. — Não quero mais Imaculados massacrados. Verme

Cinzento, recolhe os teus homens nas casernas. De hoje em diante, eles que guardem as minhas muralhas, os meus portões e a minha pessoa. Deste dia em diante, caberá aos meereeneses manter a paz em Meereen. Skahaz, cria-me uma nova patrulha, composta em partes iguais de tolarrapadas e libertos.

— Às vossas ordens. Quantos homens?

— Tantos quantos julgues necessário.

Reznak mo Reznak soltou um arquejo.

— Magnificência, de onde virá o dinheiro para pagar salários a tantos homens?

— Das pirâmides. Chamai-lhes um imposto de sangue. Quero cem peças de ouro de cada pirâmide por cada liberto que os Filhos da Harpia mataram.

Aquilo trouxe um sorriso à cara do Tolarrapada.

— Assim será feito — disse — mas Vossa Radiância deve saber que os Grandes Mestres de Zhak e Merreq estão a fazer preparativos para abandonar as suas pirâmides e sair da cidade.

Daenerys estava mortalmente farta de Zhak e Merreq; estava farta de todos os meereeneses, tanto grandes como pequenos.

— Deixa-os ir, mas assegura-te de que não levam mais do que a roupa que têm vestida. Assegura-te de que todo o seu ouro fica aqui conosco. E as suas reservas de comida também.

— Magnificência — murmurou Reznak mo Reznak — não podemos ter a certeza de que esses grandes nobres pretendem juntar-se aos vossos inimigos. É mais provável que estejam simplesmente a dirigir-se para as suas propriedades nos montes.

— Nesse caso não se importarão que mantenhamos o seu ouro a salvo. Nos montes não há nada para comprar.

— Têm medo pelos seus filhos — disse Reznak.

Sim, pensou Daenerys, e eu também.

— Teremos também de os manter a salvo. Quero duas crianças de cada um deles. E das outras pirâmides também. Um rapaz e uma rapariga.

— Reféns — disse Skahaz, feliz.

— Pajens e copeiras. Se os Grandes Mestres levantarem objeções, explicai-lhes que em Westeros é uma grande honra que uma criança seja escolhida para servir na corte. — Deixou o resto por dizer. — Ide e fazei o que eu ordenei. Tenho os meus mortos a chorar.

Quando regressou aos seus aposentos no topo da pirâmide, encontrou Missandei a chorar baixinho na sua enxerga, tentando abafar o melhor possível o som dos soluços.

— Vem dormir comigo — disse ela à pequena escriba. — A alvorada não chegará ainda durante horas.

— Vossa Graça é bondosa para com esta. — Missandei enfiou-se entre os lençóis. — Ele era um bom irmão.

Dany envolveu a rapariga nos braços.

— Fala-me dele.

— Ensinou-me a subir a uma árvore quando éramos pequenos. Conseguia apanhar peixe com as mãos. Uma vez fui encontrá-lo a dormir no nosso jardim com cem borboletas em cima dele. Parecia tão lindo naquela manhã, esta... quer dizer, eu amava-o.

— Tal como ele te amava a ti. — Dany afagou o cabelo da rapariga.

— Basta dizeres, querida, e eu mando-te embora deste lugar horrível. Arranjarei maneira de encontrar um navio, e mando-te para casa. Para Naath.

— Preferia ficar convosco. Em Naath teria medo. E se os caçadores de escravos voltassem? Sinto-me segura quando estou convosco.

Segura. A palavra fez os olhos de Dany encherem-se de lágrimas.

— Quero manter-te segura. — Missandei não passava de uma criança. Com ela, sentia-se como se também pudesse ser uma criança. — Nunca ninguém me manteve segura quando eu era pequena. Bem, Sor Willem fê-lo, mas depois morreu, e Viserys... Eu quero proteger-te, mas... é tão difícil. Ser forte. Nem sempre sei o que devo fazer. Mas *tenho* de saber. Sou tudo o que eles têm. Sou a rainha... a... a...

— ... mãe — sussurrou Missandei.

— Mãe de dragões. — Dany estremeceu.

— Não. Mãe de todos nós. — Missandei abraçou-a com mais força. — Vossa Graça devia dormir. A alvorada chegará em breve, e a corte também.

— Vamos as duas dormir e sonhar com dias melhores. Fecha os olhos.

— Quando ela o fez, Dany beijou-lhe as pálpebras e fê-la soltar um risinho.

Porém, os beijos chegavam mais facilmente do que o sono. Dany fechou os olhos e tentou pensar em casa, em Pedra do Dragão e em Porto Real e em todos os outros lugares de que Viserys lhe falara, numa terra mais gentil do que aquela... mas os seus pensamentos não paravam de regressar à Baía dos Escravos, como se fossem navios presos por um vento amargo. Quando Missandei adormeceu profundamente, Dany soltou-se dos seus braços e saiu para o ar que antecedia a alvorada, para se ir encostar ao frio parapeito de tijolos e observar a cidade. Mil telhados estendiam-se abaixo dela, pintados em tons de marfim e prata pela Lua.

Algures, sob esses telhados, os Filhos da Harpia estavam reunidos a congeminar maneiras de a matar e a todos os que a amavam e de voltarem a pôr os seus filhos a ferros. Algures, lá em baixo, uma criança faminta chorava por leite. Algures, uma velha jazia, a morrer. Algures, um homem e uma donzela abraçavam-se e remexiam as roupas um do outro com mãos ávidas. Mas, ali em cima, só havia os reflexos do luar em pirâmides e fossos, sem qualquer sugestão do que haveria por baixo. Ali em cima só havia ela, sozinha.

Era do sangue do dragão. Podia matar os Filhos da Harpia, e os filhos dos filhos, e os filhos dos filhos dos filhos. Mas um dragão não podia alimentar uma criança com fome nem atenuar a dor de uma moribunda. *E quem se atreveria algum dia a amar um dragão?*

Deu por si a pensar uma vez mais em Daario Naharis, no Daario com o seu dente de ouro e a barba em tridente, as mãos fortes repousando nos cabos do *arakh* e punhal, cabos trabalhados em ouro na forma de mulheres nuas. No dia em que se despedira dela, enquanto ela lhe dizia adeus, ele esfregara levemente os cabos com o polegar, de um lado para o outro. *Estou com ciúmes do cabo de uma espada, compreendera, de mulheres feitas de ouro.* Enviá-lo aos Homens Ovelha fora sensato. Ela era uma rainha, e Daario Naharis não era do material de que se faziam os reis.

— Já foi há tanto tempo — dissera ainda no dia anterior a Sor Barristan. — E se Daario me traiu e se passou para os meus inimigos? — *Conhecerás três traições.* — E se conheceu outra mulher, uma princesa dos Ihazarenos?

Dany sabia que o velho cavaleiro nem gostava de Daario nem confiava nele. Mesmo assim, dera uma resposta galante.

— Não há mulher mais adorável do que Vossa Graça. Só um cego poderia acreditar noutra coisa, e Daario Naharis não é cego.

Pois não, pensara. Os seus olhos são de um azul profundo, quase púrpura, e o seu dente de ouro cintila quando me sorri.

Mas Sor Barristan tinha a certeza de que ele regressaria. Dany só podia rezar para que tivesse razão.

Um banho vai ajudar a acalmar-me. Caminhou descalça sobre a relva até à sua lagoa de terraço. A água pareceu-lhe fria, dando-lhe pele de galinha. Peixinhos mordiscaram-lhe os braços e as pernas. Fechou os olhos e flutuou.

Uma suave restolhada fê-la voltar a abri-los. Sentou-se com um pequeno esparrinhar de água.

— Missandei? — chamou. — Irri? Jhiqui?

— Elas dormem — foi a resposta.

Estava uma mulher em pé sob o diospireiro, vestida com uma veste com capuz que roçava pela relva. Sob o capuz, a sua cara parecia dura e brilhante. *Ela está a usar uma máscara*, soube Dany, *uma máscara de madeira com acabamentos de laque vermelho-escuro*.

— Quaithe? Estou a sonhar? — beliscou a orelha e encolheu-se com a dor. — Sonhei convosco na *Balerion* quando viemos para Astapor.

— Não sonhastes. Nessa altura ou agora.

— O que estais a fazer aqui? Como passastes pelos meus guardas?

— Vim por outro caminho. Os vossos guardas não me viram.

— Se gritar eles matar-vos-ão.

— Jurar-vos-ão que eu não estou aqui.

— *Estais aqui?*

— Não. Escutai-me, Daenerys Targaryen. As velas de vidro estão a arder. Em breve, chegará a égua branca e depois dela virão os outros. Lula gigante e chama escura, leão e grifo, o filho do sol e o dragão do pantomimeiro. Não confieis em nenhum deles. Lembrai-vos dos Imorredouros. Tende cautela com o senescal perfumado.

— Reznak? Porque haveria de temê-lo? — Dany ergueu-se da lagoa. Água escorreu-lhe ao longo das pernas e pele de galinha cobriu-lhe os braços no ar frio da noite. — Se tendes algum aviso para mim, falai com clareza. O que quereis de mim, Quaithe?

O luar brilhou nos olhos da mulher.

— Quero mostrar-vos o caminho.

— Eu lembro-me do caminho. Vou para norte para ir para sul, para leste para ir para oeste, para trás para ir em frente. E para tocar a luz tenho de passar sob a sombra. — Escorreu a água do seu cabelo prateado. — Estou meio farta de adivinhas. Em Qarth era uma pedinte, mas aqui sou uma rainha. Ordeno-vos...

— *Daenerys*. Lembrai-vos dos Imorredouros. Lembrai-vos de quem sois.

— O sangue do dragão. — *Mas os meus dragões estão a rugir nas trevas*. — Eu lembro-me dos Imorredouros. Chamaram-me *filha de três*. Prometeram-me três montadas, três fogos e três traições. Uma por sangue e uma por ouro e uma por...

— Vossa Graça? — Missandei estava em pé à porta do quarto da rainha, com uma lanterna na mão. — Com quem estais a falar?

Dany deitou um relance para trás, para o diospireiro. Não estava aí mulher alguma. Nenhuma veste de capuz, nenhuma máscara de laque, nenhuma Quaithe.

Uma sombra. Uma memória. Ninguém. Ela era do sangue do dragão, mas Sor Barristan avisara-a de que nesse sangue havia uma mácula. *Será possível que esteja a enlouquecer?* Em tempos tinham chamado louco ao seu pai.

— Estava a rezar — disse à rapariga naatina. — Em breve haverá luz. É melhor que eu coma qualquer coisa, antes da corte.

De novo só, Dany deu unia volta completa à pirâmide na esperança de encontrar Quaithe, passando pelas árvores queimadas e terra calcinada onde os seus homens tinham tentado capturar Drogon. Mas o único som era o vento nas árvores de fruto, e as únicas criaturas nos jardins eram algumas pálidas mariposas.

Missandei regressou com um melão e uma tigela de ovos cozidos, mas Dany descobriu que não tinha apetite. Enquanto o céu clareava e as estrelas se desvaneciam uma por uma, Irri e Jhiqui ajudaram-na a envergar um *tokar* de seda violeta fimbriado a ouro.

Quando Reznak e Skahaz apareceram, deu por si a olhá-los de esquelha, com as três traições em mente. *Cautela com o senescal perfumado.* Farejou desconfiada Reznak mo Reznak. *Podia ordenar ao Tolarrapada que o prendesse e o sujeitasse a interrogatório.* Poderia isso antecipar-se à profecia? Ou iria outro traidor qualquer tomar o seu lugar? *As profecias são traiçoeiras,* lembrou a si própria, *e Reznak pode não ser mais do que aquilo que aparenta ser.*

No salão púrpura, Dany foi encontrar o banco de ébano sob uma grande pilha de almofadas de cetim. A cena trouxe-lhe um sorriso tristonho aos lábios. *Obra de Sor Barristan,* compreendeu. O velho cavaleiro era um bom homem, mas por vezes muito literal. *Foi só um gracejo, sor,* pensou, mas sentou-se na mesma numa das almofadas.

A sua noite sem dormir depressa se fez sentir. Não muito depois viu-se a combater um bocejo enquanto Reznak pairava sobre as guildas de artesãos. Parecia que os pedreiros estavam irados com ela. Os assentadores de tijolos também. Certos antigos escravos andavam a cortar pedra e a assentar tijolo, roubando trabalho tanto aos empregados da guilda como aos mestres.

— Os libertos trabalham a um preço demasiado baixo, Magnificência — disse Reznak. — Alguns chamam a si próprios trabalhadores, ou mesmo mestres, títulos que por direito pertencem apenas aos artesãos das guildas. Os pedreiros e os assentadores de tijolo peticionam respeitosamente a Vossa Reverência para que protejais os seus antigos direitos e costumes.

— Os libertos trabalham a preço baixo porque têm fome — fez Dany notar. — Se os proibir de cortar pedra ou assentar tijolo, os fabricantes de velas, os tecelões e os ourives depressa me virão bater à porta a pedir que os exclua também desses ofícios. — Refletiu por um momento. — Que seja escrito que de hoje em diante só membros das guildas sejam autorizados a chamar a si próprios trabalhadores ou mestres... desde que as guildas abram a entrada a quaisquer libertos que consigam demonstrar possuir as aptidões necessárias.

— Assim será proclamado — disse Reznak. — Aprazeria a Vossa Reverência escutar o nobre Hizdahr zo Loraq?

Será que ele nunca vai admitir a derrota?

— Ele que avance.

Naquele dia, Hizdahr não vinha vestido com um *tokar*. Em vez disso usava uma simples veste cinzenta e azul. Também estava rapado. *Fez a barba e cortou o cabelo*, apercebeu-se Dany. O homem não se tornara tolarrapada, não propriamente, mas pelo menos aquelas suas absurdas asas tinham desaparecido.

— O vosso barbeiro prestou-vos bom serviço, Hizdahr. Espero que tenhais vindo mostrar-me o trabalho dele e não atormentar-me mais sobre as arenas de luta.

Ele fez uma profunda medida.

— Vossa Graça, temo que tenha de o fazer.

Dany fez uma careta. Nem a sua própria gente lhe dava descanso com aquele assunto. Reznak mo Reznak sublinhava o dinheiro que se poderia obter através dos impostos. A Graça Verde dizia que reabrir as arenas agradaria aos deuses. O Tolarrapada sentia que isso lhe conquistaria apoio contra os Filhos da Harpia.

— Deixai-os lutar — grunhia Belwas, o Forte, que fora em tempos um campeão nas arenas. Sor Barristan sugeria em alternativa um torneio; os seus órfãos podiam cavalgar contra anéis e combater um corpo-a-corpo com armas embotadas, dizia, uma sugestão que Dany sabia ser tão impraticável como bem intencionada. Era sangue que os meereeneses ansiavam por ver, não perícia. Se assim não fosse, os escravos combatentes teriam usado armaduras. Só a pequena escriba Missandei parecia partilhar das incertezas da rainha.

— Recusei-vos por seis vezes — fez Dany lembrar a Hizdahr.

— Vossa Radiância tem sete deuses, portanto, talvez olhe a minha sétima súplica com favor. Hoje não venho sozinho. Aceitais escutar os meus amigos? São também sete. — Apresentou-os um por um. — Este é Khrazz. Esta é Barsena Cabelopreto, sempre valente. Estes são Camarron da Contagem e Goghor, o Gigante. Este é o Gato Malhado, e este o Destemido Ithoke. Por fim Belaquo Quebra-Ossos. Vieram somar as suas vozes à minha, e pedir a Vossa Graça para permitir que as arenas de luta reabram.

Dany conhecia os sete dele, de nome mesmo que não de vista. Todos tinham estado entre os mais afamados dos escravos de combate de Meereen... e tinham sido os escravos de combate, libertados das grilhetas pelas suas ratazanas de esgoto, que tinham liderado a revolta que a levava à conquista da cidade. Devia-lhes uma dívida de sangue.

— Escutar-vos-ei — concedeu.

Um por um, todos lhe pediram para deixar que as arenas de combate reabrissem.

— Porquê? — perguntou depois de Ithoke terminar. — Vós já não sois escravos, condenados a morrer segundo o capricho de um amo. Eu libertei-vos. Porque havereis de desejar terminar as vossas vidas nas areias vermelhas?

— Eu treinei desde os três anos — disse Goghor, o Gigante. — Mato desde os seis. Mãe dos Dragões diz: eu sou livre. Porque não livre para lutar?

— Se é lutar que quereis, lutai por mim. Ajuramentai as vossas espadas aos Homens da Mãe, aos Irmãos Livres ou aos Escudos Vigorosos. Ensinai a outros libertos como combater.

Goghor abanou a cabeça.

— Antes, eu luto para mestre. Vós dizeis: lutar para vós. Eu digo: lutar para mim. — O enorme homem bateu no peito com um punho grande como um presunto. — Por ouro. Por glória.

— Goghor fala por todos nós. — O Gato Malhado usava uma pele de leopardo sobre um ombro. — Da última vez que fui vendido, o preço foi trezentas mil honras. Quando era escravo dormia em peles e comia carne de primeira. Agora que sou livre, durmo em palha e como peixe salgado, quando consigo arranjá-lo.

— Hizdahr jura que os vencedores partilharão metade de todo o dinheiro recolhido à porta — disse Khrazz. — *Metade*, jura ele, e Hizdahr é um homem de honra.

Não, é um homem de astúcia. Daenerys sentiu-se encurralada.

— E os perdedores? O que receberão eles?

— Os seus nomes serão gravados nos Portões do Destino entre os outros valentes caídos — declarou Barsena. Dizia-se que durante oito anos ela matara todas as outras mulheres enviadas contra si. — Todos os homens têm de morrer, e as mulheres também... mas nem todos serão recordados.

Dany não tinha resposta a dar àquilo. *Se é realmente isto que o meu povo deseja terei eu o direito de lho negar? Esta cidade era deles antes de ser minha, e são as suas próprias vidas que querem malbaratar.*

— Levarei em conta tudo o que dissestes. Obrigada pelos vossos conselhos. — Levantou-se. — Reataremos amanhã.

— *Ajoelhai todos para Daenerys Filha da Tormenta, a Não-Queimada, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Khaleesi do Grande Mar de Erva, Quebradora de Correntes e Mãe de Dragões* — gritou Missandei.

Sor Barristan escoltou-a de volta aos seus aposentos.

— Contai-me uma história, sor — disse Dany enquanto subiam. — Uma história de valor com final feliz. — Sentia-se necessitada de finais felizes. — Contai-me como escapastes ao Usurpador.

— Vossa Graça. Não há valor em fugir para conservar a vida.

Dany sentou-se numa almofada, cruzou as pernas, e ergueu os olhos para ele.

— Por favor. Foi o Jovem Usurpador que vos demitiu da Guarda Real...

— Joffrey, sim. Apresentaram a minha idade como motivo, embora a verdade fosse outra. O rapaz queria um manto branco para o seu cão, Sandor Clegane, e a mãe queria que o Regicida

fosse o seu Senhor Comandante. Quando me disseram, eu... eu despi o manto como me ordenaram, atirei a espada aos pés de Joffrey e falei insensatamente.

— O que dissestes?

— A verdade... mas a verdade nunca foi bem-vinda naquela corte. Saí da sala do trono de cabeça erguida, embora não soubesse para onde iria. Não tinha um lar que não fosse a Torre da Espada Branca. Sabia que os meus primos arranjariam lugar para mim em Solar de Colheitas, mas não tinha qualquer desejo de fazer cair sobre eles o desprazer de Joffrey. Estava a juntar as minhas coisas quando me ocorreu que fora eu a causar que aquilo me acontecesse, por aceitar o perdão de Robert. Ele foi um bom cavaleiro mas um mau rei, porque não tinha direito ao trono em que se sentava. Foi nesse momento que compreendi que, para me redimir, teria de encontrar o verdadeiro rei e de o servir lealmente com todas as forças que ainda me restavam.

— O meu irmão Viserys.

— Era essa a minha intenção. Quando cheguei aos estábulos, os de manto dourado tentaram capturar-me. Joffrey oferecera-me uma torre onde morrer, mas eu desdenhara essa oferta, por isso agora pretendia oferecer-me uma masmorra. Foi o próprio comandante da Patrulha da Cidade que me enfrentou, encorajado pela minha bainha vazia, mas ele só tinha três homens consigo e eu ainda possuía a minha faca. Abri a cara de um homem quando ele me pôs as mãos em cima, e atropelei os outros a cavalo. Enquanto o esporeava na direção dos portões, ouvi Janos Slynt a gritar-lhes para irem atrás de mim. Depois de sair da Fortaleza Vermelha, as ruas estavam congestionadas; se assim não fosse poderia ter escapado sem problemas. Em vez disso, apanharam-me junto do Portão do Rio. Os homens de mantos dourados que me tinham perseguido desde o castelo gritaram àqueles que estavam no portão para me pararem, de modo que cruzaram as lanças para me obstruir o caminho.

— E vós sem espada? Como foi que passastes por eles?

— Um verdadeiro cavaleiro vale dez guardas. Os homens ao portão foram apanhados de surpresa. Atropelei um deles, arranquei-lhe a lança das mãos, e espetei-a na garganta do perseguidor mais próximo. O outro desistiu depois de eu atravessar o portão, portanto, esporeei o cavalo pondo-o a galope e cavalguei implacavelmente ao longo do rio até a cidade ficar perdida de vista atrás de mim. Nessa noite troquei o cavalo por um punhado de moedas e uns trapos, e na manhã seguinte juntei-me à corrente de plebeus que se dirigia a Porto Real. Tinha saído pelo Portão da Lama, e regressei através do Portão dos Deuses, com sujidade na cara, a barba por fazer e nenhuma arma além de um bastão de madeira. Com roupa de tecido grosseiro e botas cobertas de lama, era apenas mais um velho qualquer a fugir da guerra. Os homens de mantos dourados receberam um veado de mim e deixaram-me entrar. Porto Real estava repleta de plebeus que tinham vindo em busca de refúgio contra os combates. Perdi-me entre eles. Tinha alguma prata, mas precisava dela para pagar a passagem para o outro lado do mar estreito, por isso, dormi em septos e vielas e tomei as refeições em casas de pasto. Deixei a barba crescer e

ocultei-me na idade. No dia em que o Lorde Stark perdeu a cabeça eu estava lá, a observar. Depois entrei no Grande Septo e agradei aos sete deuses por Joffrey me ter tirado o manto.

— O Stark era um traidor que teve um fim de traidor.

— Vossa Graça — disse Selmy — Eddard Stark desempenhou um papel na queda do vosso pai, mas não vos tinha má vontade. Quando o eunuco Varys nos disse que estáveis grávida, Robert quis que fosseis morta, mas o Lorde Stark interveio contra a idéia. Em vez de sancionar o assassinio de crianças, disse a Robert para arranjar outra Mão.

— Esquecesteis-vos da Princesa Rhaenys e do Príncipe Aegon?

— Nunca. Isso foi obra dos Lannister, Vossa Graça.

— Lannister ou Stark, qual é a diferença? Viserys costumava chamar-lhes os cães *do Usurpador*. Se uma criança for atacada por uma matilha de cães, será que importa qual deles lhe rasga a goela? Todos os cães são igualmente culpados. A culpa... — A palavra ficou-lhe presa na garganta. *Hazzea*, pensou, e de súbito ouviu-se a dizer: — Tenho de ver o fosso — numa voz tão sumida como um sussurro de criança. — Levai-me lá abaixo, sor, por favor.

Um bruxuleio de desaprovação cruzou a cara do velho, mas não era seu costume questionar a sua rainha.

— Às vossas ordens.

As escadas dos criados eram a maneira mais rápida de descer; não eram grandiosas, mas íngremes, diretas e estreitas, ocultas nas paredes. Sor Barristan levou uma lanterna, para que ela não caísse. Tijolos de vinte cores diferentes comprimiam-se, bem perto, à volta deles, desvanecendo-se para foram apanhados de surpresa. Atropelei um deles, arranquei-lhe a lança das mãos, e espetei-a na garganta do perseguidor mais próximo. O outro desistiu depois de eu atravessar o portão, portanto, esporeei o cavalo pondo-o a galope e cavalguei implacavelmente ao longo do rio até a cidade ficar perdida de vista atrás de mim. Nessa noite troquei o cavalo por um punhado de moedas e uns trapos, e na manhã seguinte juntei-me à corrente de plebeus que se dirigia a Porto Real. Tinha saído pelo Portão da Lama, e regressei através do Portão dos Deuses, com sujidade na cara, a barba por fazer e nenhuma arma além de um bastão de madeira. Com roupa de tecido grosseiro e botas cobertas de lama, era apenas mais um velho qualquer a fugir da guerra. Os homens de mantos dourados receberam um veado de mim e deixaram-me entrar. Porto Real estava repleta de plebeus que tinham vindo em busca de refúgio contra os combates. Perdi-me entre eles. Tinha alguma prata, mas precisava dela para pagar a passagem para o outro lado do mar estreito, por isso, dormi em septos e vielas e tomei as refeições em casas de pasto. Deixei a barba crescer e ocultei-me na idade. No dia em que o Lorde Stark perdeu a cabeça eu estava lá, a observar. Depois entrei no Grande Septo e agradei aos sete deuses por Joffrey me ter tirado o manto.

— O Stark era um traidor que teve um fim de traidor.

— Vossa Graça — disse Selmy — Eddard Stark desempenhou um papel na queda do vosso pai, mas não vos tinha má vontade. Quando o eunuco Varys nos disse que estáveis grávida, Robert quis que fosseis morta, mas o Lorde Stark interveio contra a idéia. Em vez de sancionar o assassinio de crianças, disse a Robert para arranjar outra Mão.

— Esquecesteis-vos da Princesa Rhaenys e do Príncipe Aegon?

— Nunca. Isso foi obra dos Lannister, Vossa Graça.

— Lannister ou Stark, qual é a diferença? Viserys costumava chamar-lhes os cães do *Usurpador*. Se uma criança for atacada por uma matilha de cães, será que importa qual deles lhe rasga a goela? Todos os cães são igualmente culpados. A culpa... — A palavra ficou-lhe presa na garganta. *Hazzea*, pensou, e de súbito ouviu-se a dizer: — Tenho de ver o fosso — numa voz tão sumida como um sussurro de criança. — Levai-me lá abaixo, sor, por favor.

Um bruxuleio de desaprovação cruzou a cara do velho, mas não era seu costume questionar a sua rainha.

— Às vossas ordens.

As escadas dos criados eram a maneira mais rápida de descer; não eram grandiosas, mas íngremes, diretas e estreitas, ocultas nas paredes. Sor Barristan levou uma lanterna, para que ela não caísse. Tijolos de vinte cores diferentes comprimiam-se, bem perto, à volta deles, desvanecendo-se para cinzento e negro para lá da luz da lanterna. Por três vezes passaram por guardas Imaculados, em pé como se tivessem sido esculpidos em pedra. O único som era o suave raspar dos pés nos degraus.

Ao nível do chão, a Grande Pirâmide de Meereen era um sítio silencioso, cheio de poeira e sombras. As suas paredes exteriores tinham nove metros de espessura. Lá dentro, os sons ecoavam em arcos de tijolos multicoloridos, e entre os estábulos, cocheiras e armazéns. Passaram sob três enormes arcos, desceram uma rampa iluminada por archotes até às caves por baixo da pirâmide, passando por cisternas, masmorras e câmaras de tortura onde escravos tinham sido açoitados, esfolados e queimados com rubros ferros em brasa. Por fim, chegaram a um par de enormes portas de ferro com dobradiças enferrujadas, guardadas por Imaculados.

Às suas ordens, um apresentou uma chave de ferro. A porta abriu-se, com as dobradiças a guinchar. Daenerys Targaryen entrou no quente coração das trevas e parou à beira de um profundo fosso. Doze metros mais abaixo, os seus dragões ergueram as cabeças. Quatro olhos arderam através das sombras; dois de ouro derretido e dois de bronze.

Sor Barristan pegou-lhe pelo braço.

— Mais perto, não.

— Julgais que eles me fariam mal a m/m?

— Não sei, Vossa Graça, mas preferia não arriscar a vossa pessoa para saber a resposta.

Quando Rhaegal rugiu, um jorro de chamas amarelas transformou a escuridão em dia durante meio segundo. O fogo lambeu as paredes e Dany sentiu o calor na cara, como o sopro

vindo de um forno. Do outro lado do fosso, as asas de Viserion desdobraram-se, agitando o ar parado. Tentou voar até ela, mas as correntes retesaram-se quando se ergueu e fizeram-no cair sobre a barriga. Elos tão grandes como o punho de um homem prendiam-lhe as patas ao chão. A coleira de ferro que lhe envolvia o pescoço estava presa à parede atrás de si. Rhaegal usava correntes iguais. À luz da lanterna de Selmy, as suas escamas reluziam como jade. Fumo ergueu-se de entre os seus dentes. Havia ossos espalhados pelo chão a seus pés, fendidos, carbonizados e lascados. O ar era desconfortavelmente quente e cheirava a enxofre e a carne esturricada.

— Estão maiores. — A voz de Dany ecoou nas chamuscadas paredes de pedra. Uma gota de suor escorreu-lhe pela testa e caiu-lhe no seio. — É verdade que os dragões nunca param de crescer?

— Se tiverem comida suficiente e espaço para crescer. Mas aqui acorrentados...

Os Grandes Mestres tinham usado o fosso como prisão. Era suficientemente grande para conter quinhentos homens... e mais do que amplo para dois dragões. *Mas durante quanto tempo? O que acontecerá quando se tornarem grandes demais para o fosso? Irão virar-se um contra o outro com chamas e garras? Tornar-se-ão enfermos e fracos com flancos enrugados e asas atrofiadas? Os seus fogos apagar-se-ão antes do fim?*

Que tipo de mãe deixa os filhos apodrecer nas trevas?

Se olhar para trás estou perdida, disse Dany a si própria... mas como podia não olhar para trás? *Devia ter visto que isto se aproximava. Terei sido assim tão cega, ou será que fechei voluntariamente os olhos, para não ter de ver o preço do poder?*

Viserys contara-lhe todas as histórias quando era pequena. Ele adorava falar de dragões. Dany sabia como Harrenhal caíra. Conhecia o Campo de Fogo e a Dança dos Dragões. Um dos seus antepassados, o terceiro Aegon, vira a sua própria mãe devorada pelo dragão do tio. E havia incontáveis canções sobre aldeias e reinos que viviam aterrorizados por dragões até que algum corajoso matador de dragões os salvava. Em Astapor, os olhos do escravagista tinham derretido. Na estrada para Yunkai, quando Daario despejara as cabeças de Sallor, o Calvo, e de Prendahl na Ghezn a seus pés, os seus filhos tinham-nas transformado num banquete. Os dragões não tinham medo dos homens. E um dragão suficientemente grande para se empanturrar de ovelhas podia capturar uma criança com igual facilidade.

O nome dela fora Hazzea. Tinha quatro anos. *A menos que o pai tivesse mentido. Ele podia ter mentido.* Ninguém vira o dragão além dele. A sua prova era ossos queimados, mas ossos queimados nada provavam. Ele próprio podia ter matado a rapariguinha, queimando-a depois. O Tolarrapada afirmava que não teria sido o primeiro pai a livrar-se de uma filha indesejada. *Os Filhos da Harpia podiam tê-lo feito, e ter feito com que parecesse obra do dragão para levar a cidade a odiar-me.* Dany desejava acreditar nisso... mas, se assim fosse, porque teria o pai de Hazzea esperado até que o salão de audiências estivesse quase vazio para avançar? Se o seu fito

tivesse sido inflamar os meereeneses contra ela, teria contado a sua história quando o salão estivesse cheio de ouvidos para ouvir.

O Tolarrapada incentivara-a a mandar matar o homem.

— Pelo menos arrancai-lhe a língua. A mentira deste homem podia destruir-nos a todos, Magnificência. — Mas Dany decidira pagar o preço de sangue. Ninguém lhe podia dizer quanto valia uma filha, portanto definira-o como cem vezes o valor de um carneiro.

— Eu devolver-te-ia Hazzea se pudesse — dissera ao pai — mas há coisas que estão para lá até do poder de uma rainha. Os ossos dela jazerão no Templo das Graças, e cem velas arderão dia e noite em sua memória. Volta à minha presença todos os anos no dia do nome dela, e aos teus outros nada faltará... mas esta história não pode nunca mais voltar a cruzar-te os lábios.

— Os homens vão fazer perguntas — dissera o pai enlutado. — Vão-me perguntar onde está a Hazzea e como foi que ela morreu.

— Ela morreu da mordedura de uma cobra — insistira Reznak mo Reznak. — Um lobo voraz levou-a. Foi acometida de uma doença súbita. Diz-lhes o que quiseres, mas nunca fales de dragões.

As garras de Viserion esgravataram nas pedras, e as enormes correntes chocalharam quando voltou a tentar chegar até ela. Quando não conseguiu, soltou um rugido, torceu a cabeça para trás o máximo que lhe foi possível e cuspiu chamas douradas sobre a parede atrás dele. *Quanto tempo faltará até que o fogo que sopra seja suficientemente quente para rachar pedra e derreter ferro?*

Em tempos, não muito distantes, o dragão seguira empoleirado no seu ombro com a cauda enrolada no seu braço. Em tempos, ela alimentara-o à mão com porções de carne esturricada. Fora o primeiro a ser acorrentado. Fora a própria Daenerys a levá-lo para o fosso e a fechá-lo lá dentro com vários bois. Depois de se empanturrar ficara sonolento. Tinham-no acorrentado enquanto dormia.

Rhaegal fora mais difícil. Talvez conseguisse ouvir o irmão a enfurecer-se no fosso, apesar das paredes de tijolo e pedra que se interpunham entre ambos. No fim tinham tido de o cobrir com uma rede de pesada malha de ferro enquanto ele apanhava sol no terraço, e o dragão lutara com tal ferocidade que tinham demorado três dias a levá-lo pelas escadas dos criados, a contorcer-se e a tentar morder. Seis homens tinham ficado queimados na luta.

E Drogon...

A *sombra alada*, chamara-lhe o pai enlutado. Era o maior dos três de Dany, o mais feroz, o mais violento, com escamas negras como a noite e olhos que eram como poços de fogo.

Drogon caçava até bem longe, mas quando estava saciado gostava de se aquecer ao sol no topo da Grande Pirâmide, onde, em tempos, se erguera a harpia de Meereen. Por três vezes o tinham tentado apanhar aí, e por três vezes tinham falhado. Duas vintenas dos seus homens mais corajosos tinham-se posto em risco tentando capturá-lo. Quase todos tinham sofrido queimaduras,

e quatro tinham morrido. A última vez que vira Drogon fora ao pôr-do-sol do dia da terceira tentativa. O dragão negro estivera a voar para norte por cima do Shahazadhan, na direção das altas ervas do mar dothraki. Não regressara.

Mãe de dragões, pensou Daenerys. Mãe de monstros. O que foi que deixei à solta no mundo? Sou uma rainha, mas o meu trono é feito de ossos queimados e está assente em areias movediças. Sem dragões, como podia ter esperança de manter o controlo de Meereen, já para não falar de reconquistar Westeros? Sou do sangue do dragão, pensou. Se eles são monstros, eu também sou.

CHEIRETE

A ratazana guinchou quando a mordeu, esperneando violentamente nas suas mãos, num frenesim para fugir. A barriga era a parte mais mole. Rasgou a carne doce, com o sangue quente a escorrer-lhe pelos lábios. Era tão bom que lhe trouxe lágrimas aos olhos. A sua barriga trovejou e ele engoliu. À terceira dentada a ratazana parara de lutar, e ele estava a sentir-se quase satisfeito.

Então ouviu o som de vozes do outro lado da porta da masmorra.

Aquietou-se de imediato, temendo até mastigar. A sua boca estava cheia de sangue, carne e pelos, mas não se atrevia a cuspir ou a engolir. Escutou aterrorizado, hirto como pedra, o raspar de botas e o tilintar de chaves de ferro. *Não, pensou, não, por favor, deuses, agora não, agora não.* Levava tanto tempo até apanhar a ratazana. *Se me apanharem agora com ela vão levar-ma, e depois vão contar e o Lorde Ramsay vai magoar-me.*

Sabia que devia esconder a ratazana, mas tinha tanta orne. Tinham-se passado dois dias desde que comera, ou talvez três. Ali em baixo, no escuro, era difícil saber. Apesar dos seus braços e pernas estarem magros como juncos, tinha a barriga inchada e oca e doía-lhe tanto que descobrira que não conseguia dormir. Sempre que fechava os olhos dava por si a lembrar-se da Senhora Hornwood. Depois do casamento de ambos, o Lorde Ramsay trancara-a numa torre e matara-a à fome. No fim, ela comera os próprios dedos.

Agachou-se a um canto da cela, agarrando a presa sob o queixo. Sangue escorreu-lhe pelos cantos da boca enquanto mordiscava a ratazana com o que restava dos seus dentes, tentando devorar o máximo da carne morna que pudesse antes de a cela ser aberta. A carne era fibrosa, mas tão rica que pensou que talvez fosse ficar maldispuesto. Mastigou e engoliu, tirando pequenos ossos dos buracos nas gengivas de onde dentes tinham sido arrancados. Doía mastigar, mas ele tinha tanta fome que não conseguia parar.

Os sons estavam a ficar mais fortes. *Por favor, deuses, ele não vem buscar-me,* rezou, arrancando uma das patas da ratazana. Passara-se muito tempo desde que alguém viera buscá-lo. Havia outras celas, outros prisioneiros. Às vezes ouvia-os a gritar, mesmo através das espessas

paredes de pedra. *São sempre as mulheres que gritam mais alto.* Chupou a carne crua e tentou cuspir o osso da pata, mas este limitou-se a escorregar-lhe sobre o lábio inferior e a emaranhar-se-lhe na barba. Ide embora, rezou, ide embora, passai por mim, por favor, por favor.

Mas os passos pararam precisamente quando eram mais ruidosos, e as chaves tilintaram mesmo junto da porta. A ratazana caiu-lhe dos dedos. Limpou os dedos ensangüentados nas calças.

— Não — resmungou — *nããããã*. — Os seus calcanhares esgravataram na palha quando tentou empurrar-se para o canto, para dentro das paredes frias e húmidas de pedra.

O som da tranca a girar foi o mais terrível de todos. Quando a luz o atingiu em cheio na cara, soltou um guincho. Teve de cobrir os olhos com as mãos. Podia tê-los arrancado com as unhas se se atrevesse, de tal modo lhe estava a cabeça a doer.

— Levai-a daqui, fazei-o no escuro, por favor, oh por favor.

— Aquilo não é ele — disse uma voz de rapaz. — Olha para ele. Temos a cela errada.

— Última cela da esquerda — respondeu outro rapaz. — Esta é a última cela da esquerda, não é?

— Sim. — Uma pausa. — O que está ele a dizer?

— Acho que não gosta da luz.

— E tu gostavas, se tivesses aquele aspeto? — o rapaz puxou um escarro e cuspiu-o. — E o fedor que deita. Ainda sufoco.

— Tem andado a comer ratazanas — disse o segundo rapaz. — Olha.

O primeiro rapaz riu-se.

— Pois tem. É engraçado.

Tive de as comer. As ratazanas mordiam-no quando dormia, roendo-lhe os dedos das mãos e dos pés, roendo-lhe mesmo a cara, por isso quando conseguira apanhar uma não hesitara. Comer ou ser comido, eram essas as únicas alternativas.

— É verdade — resmungou — é verdade, é mesmo, comi-a, elas fazem-me o mesmo, por favor...

Os rapazes aproximaram-se mais, esmagando suavemente a palha sob os seus pés.

— Fala comigo — disse um deles. Era o mais pequeno dos dois, um rapaz magro, mas esperto. — Lembras-te de quem és?

O medo ergueu-se a borbulhar dentro dele, e gemeu.

— Fala comigo. Diz-me o teu nome.

O meu nome. Um grito prendeu-se-lhe na garganta. Eles tinham-lhe ensinado o seu nome, tinham mesmo, tinham mesmo, mas fora há tanto tempo que se esquecera. *Se o disser mal, ele vai tirar outro dedo, ou pior, vai... vai...* Não queria pensar nisso, não podia pensar nisso. Havia agulhas no seu queixo, nos olhos. Tinha a cabeça a latejar.

— Por favor — guinchou, com a voz fina e fraca. Soava como se tivesse cem anos. Talvez tivesse. *Há quanto tempo estou eu aqui?* — Ide — resmungou por entre dentes quebrados e dedos quebrados, com os olhos bem fechados contra a terrível luz brilhante — por favor, podeis ficar com a ratazana, não me façais mal...

— *Cheirete* — disse o maior dos rapazes. — O teu nome é Cheirete. Lembras-te? — Era o que tinha o archote. O rapaz mais pequeno tinha o aro de chaves de ferro.

Cheirete? Lágrimas escorreram-lhe pela cara.

— Lembro-me. Lembro mesmo. — A sua boca abriu-se e fechou-se. — O meu nome é Cheirete. Rima com rabanete. — Na escuridão não precisava de nome, e era fácil esquecer. *Cheirete, Cheirete, o meu nome é Cheirete.* Não nascera com aquele nome. Noutra vida fora outra pessoa, mas ali e naquele momento o seu nome era Cheirete. Lembrava-se.

Também se lembrava dos rapazes. Traziam vestidos gibões de lã a condizer, cinzentos prateados, ornamentados de azul-escuro. Ambos eram escudeiros, ambos tinham oito anos, e ambos eram Walder Frey. *O Grande Walder e o Pequeno Walder, pois.* Só que o grande era Pequeno e o pequeno era Grande, o que divertia os rapazes e confundia o resto do mundo.

— Eu conheço-vos — sussurrou por entre lábios estalados. — Conheço os vossos nomes.

— Vais ter de vir conosco — disse o Pequeno Walder.

— Sua senhoria tem necessidade de ti — disse o Grande Walder.

O medo trespasssou-o como uma faca. *Eles são só crianças,* pensou. *Dois rapazes de oito anos.* Decerto poderia dominar dois rapazes de oito anos. Mesmo fraco como estava, podia tirar-lhes o archote, tirar-lhes as chaves, tirar o punhal embainhado à anca do Pequeno Walder, fugir. *Não. Não, é fácil demais. É uma armadilha. Se eu fugir, ele vai tirar-me outro dedo, vai tirar mais dos meus dentes.*

Já antes fugira. Há anos, segundo parecia, quando ainda lhe restava alguma força, quando ainda era desafiador. Dessa vez fora Kyra com as chaves. Dissera-lhe que as roubara, que conhecia uma poterna que nunca estava guardada.

— Levei-me de volta pra Winterfell, senhor — suplicara, pálida e a tremer. — Eu não conheço o caminho. Não posso fugir sozinha. Vinde comigo, por favor. — E ele fora. O carcereiro estava completamente bêbado numa poça de vinho, com as calças descidas até aos tornozelos. A porta das masmorras estava aberta e a poterna não estivera guardada, tal como ela dissera. Esperaram até que a Lua se escondera por trás de uma nuvem, e depois escapuliram-se do castelo e atravessaram a chapinhar o Águas Chorosas, tropeçando em pedras, semicongelados pelo gelado curso de água. Na outra margem, ele beijara-a.

— Salvaste-nos — dissera. *Palerma. Palerma.*

Fora tudo uma armadilha, um jogo, uma brincadeira. O Lorde Ramsay adorava a caça, e preferia caçar presas de duas pernas. Correram toda a noite pela floresta sombria, mas quando o

Sol surgira o som de um corno distante chegara tênue através das árvores, e ouviram o ladrar de uma matilha de cães.

— Devíamos dividir-nos — dissera a Kyra quando os cães se aproximaram. — Eles não nos podem seguir aos dois. — Mas a rapariga estava enlouquecida de medo e recusara-se a sair de junto dele, mesmo quando ele jurara pôr uma hoste de homens de ferro em pé de guerra e voltar para a vir buscar, se fosse a ela que os cães seguissem.

Antes da hora chegar ao fim, tinham sido apanhados. Um cão atirara-o ao chão, e um segundo mordera Kyra na perna enquanto ela tentava subir a vertente de uma colina. O resto rodeara-os, ladrando e rosnando, tentando mordê-los de todas as vezes que se mexiam, mantendo-os ali até que Ramsey Snow chegara a cavalo com os seus caçadores. Nessa altura ainda era um bastardo, ainda não era um Bolton.

— Aí estais vós — dissera, sorrindo-lhes de cima da sela. — Feristes-me, a fugir desta maneira. Cansastes-vos assim tão depressa da minha hospitalidade? — fora nessa altura que Kyra pegara numa pedra e lha atirara à cabeça. Falhara por uns bons trinta centímetros, e Ramsay sorria. — Tens de ser castigada.

O Cheirete lembrava-se da expressão desesperada, aterrorizada, nos olhos de Kyra. Nunca parecera tão nova como naquele momento, ainda meio rapariga, mas nada havia que ele pudesse fazer. *Foi ela que os atraiu até nós, pensara. Se nos tivéssemos separado como eu queria, um de nós podia ter escapado.*

A recordação tornava difícil respirar. O Cheirete afastou a cara do archote, com lágrimas a tremeluzir nos olhos. *O que quer ele de mim desta vez?, pensou, desesperando. Porque é que não me deixa simplesmente em paz? Não fiz nada de mal desta vez não, porque é que eles não me deixam simplesmente no escuro?* Comera uma ratazana, uma gorda, quente e a espernear. ..

— Devíamos lavá-lo? — perguntou o Pequeno Walder.

— Sua senhoria gosta dele fedorento — disse o Grande Walder. — Foi por isso que lhe chamou Cheirete.

Cheirete. O meu nome é cheirete, rima com pobrete. Tinha de se lembrar daquilo. Serve e obedece e lembra-te de quem és, e não te acontecerá mais nada de mal. Ele prometeu, sua senhoria prometeu.

Mesmo se tivesse querido resistir, não tinha força para isso. A força fora-lhe arrancada à chicotada, à fome, à esfoladela. Quando o Pequeno Walder o puxou pondo-o em pé e o Grande Walder brandiu o archote na sua direção para o pastorear para fora da cela, foi com eles, dócil como um cão. Se tivesse uma cauda, tê-la-ia enfiado entre as pernas.

Se eu tivesse uma cauda, o Bastardo já a teria cortado. O pensamento chegou sem ser pedido, um pensamento vil, perigoso. Sua senhoria já não era bastardo. *Bolton, não Snow.* O rei rapaz no Trono de Ferro tornara o Lorde Ramsay legítimo, dando-lhe o direito de usar o nome do senhor seu pai. Chamar-lhe *Snow* fazia-lhe lembrar da sua bastardia e punha-o numa raiva negra. Tinha de se lembrar disso. E do seu nome, tinha de se lembrar do seu nome. Durante meio segundo fugiu-lhe, e isso assustou-o tanto que tropeçou nos íngremes degraus da masmorra e rasgou as calças na pedra, começando a sangrar. O Pequeno Walder teve de o espicaçar com o archote para o pôr outra vez em pé e a mexer-se.

Lá fora, no pátio, a noite estava a cair sobre o Forte do Pavor e uma Lua cheia erguia-se sobre as muralhas orientais do castelo. A sua luz pálida fazia cair as sombras dos altos merlões triangulares sobre o chão gelado, uma linha de aguçados dentes negros. O ar estava frio, húmido e cheio de cheiros meio olvidados. *O mundo*, disse o Cheirete a si próprio, *é assim que cheira o mundo.* Não sabia quanto tempo passara lá em baixo nas masmorras, mas tinha de ter sido pelo menos meio ano. *Esse tempo todo, ou mais ainda. E se foram cinco anos, ou dez, ou vinte? Eu saberia? E se enlouqueci lá em baixo e se passou metade da minha vida?* Mas não, isso era uma loucura. Não podia ter passado tanto tempo. Os rapazes ainda eram rapazes. Se se tivessem passado dez anos, teriam crescido até se tornarem homens. Tinha de se lembrar disso. *Não posso deixar que ele me enlouqueça. Pode tirar-me os dedos das mãos e dos pés, pode arrancar-me os olhos e cortar-me as orelhas, mas não me pode tirar o juízo a menos que eu deixe.*

O Pequeno Walder indicou o caminho de archote na mão. O Cheirete seguiu-o docilmente com o Grande Walder logo atrás de si. Os cães nos canis ladraram quando eles passaram. Vento rodopiou pelo pátio, cortando através do pano fino dos farrapos imundos que usava e enchendo-o de pele de galinha. O ar noturno estava frio e húmido, mas não viu sinal de neve, embora o inverno certamente estivesse próximo. O Cheirete perguntou a si próprio se estaria vivo para ver a neve chegar. *Quantos dedos terei nas mãos? E nos pés?* Quando ergueu uma mão, ficou chocado por ver como se tornara branca, como se tornara descarnada. *Pele e ossos*, pensou. *Tenho as mãos de um velho.* Poderia ter-se enganado sobre os rapazes? E se afinal não fossem o Pequeno Walder e o Grande Walder, mas os *filhos* dos rapazes que conhecera?

O grande salão estava sombrio e fumarento. Fileiras de archotes ardiam à esquerda e à direita, seguros por esqueléticas mãos humanas que se projetavam das paredes. Bem alto havia traves de madeira negras de fumo, e um teto abobadado perdido nas sombras. O ar estava pesado com os cheiros do vinho, da cerveja e da carne assada. O estômago do Cheirete ribombou ruidosamente ao sentir os cheiros, e a sua boca começou a salivar.

O Pequeno Walder empurrou-o aos tropeções, fazendo-o passar pelas longas mesas onde os homens da guarnição estavam a comer. Conseguia sentir os olhos deles postos em si. Os melhores lugares, perto do estrado, eram ocupados pelos favoritos de Ramsay, os Rapazes do Bastardo. Ben Ossos, o velho que tratava dos amados cães de caça de sua senhoria. Damon,

chamado Damon-Dança-Para-Mim, de cabelo claro e arrapazado. O Grunhido, que perdera a língua por falar descuidadamente ao alcance dos ouvidos do Lorde Roose. O Alyn Azedo. O Esfolador. O Picha Amarela. Mais longe, abaixo do sal, estavam outros que o Cheirete conhecia de vista, quando não pelo nome; espadas ajuramentadas e sargentos, soldados, carcereiros e torturadores. Mas também havia estranhos, caras que não conhecia. Alguns franziram os narizes quando passou, enquanto outros riram ao vê-lo. *Hóspedes*, pensou o Cheirete, *amigos de sua senhoria, e eu fui trazido até cá acima para os divertir*. Um estremecimento de medo percorreu-o.

Na mesa elevada, o Bastardo de Bolton estava sentado na cadeira do senhor seu pai, a beber da taça do pai. Dois velhos partilhavam com ele a mesa elevada, e o Cheirete percebeu com um relance que ambos eram senhores. Um era descarnado, com olhos insensíveis, uma longa barba branca e uma cara tão dura como geada de inverno. O seu justilho era uma pele irregular de urso, gasta e oleosa. Por baixo usava um camisa de cota de malha, mesmo ali à mesa. O segundo senhor também era magro, mas era torcido onde o primeiro era direito. Um dos seus ombros era muito mais alto do que o outro, e debruçava-se sobre o prato como um abutre sobre carne putrefacta. Os seus olhos eram cinzentos e avaros, os dentes amarelos, a barba bifurcada um emaranhado de neve e prata. Só alguns farrapos de cabelo branco ainda aderiam ao seu crânio malhado, mas o manto que usava era suave e de boa qualidade, lã cinzenta guarnecida com zibelina negra e preso ao ombro com um esplendor feito de prata martelada.

Ramsay estava vestido de negro e rosa; botas negras, cinturão e bainha negros, justilho negro de couro sobre um gibão de veludo rosa cortado de cetim vermelho-escuro. Na orelha direita cintilava uma granada cortada na forma de uma gota de sangue. Mas, apesar de todo o esplendor do vestuário, continuava a ser um homem feio, de ossos grandes e ombros inclinados, com uma qualidade carnuda que sugeria que mais tarde na vida se tornaria gordo. A sua pele era rósea e manchada, o nariz largo, a boca pequena, o cabelo longo, escuro e seco. Os lábios eram largos e carnudos, mas quando os homens o olhavam era nos olhos que primeiro reparavam. Tinha os olhos do senhor seu pai; pequenos, juntos, estranhamente claros. Alguns homens chamavam à cor *cinzento de fantasma*, mas na verdade os olhos dele eram praticamente desprovidos de cor, como duas lascas de gelo sujo.

Ao ver Cheirete, esboçou um sorriso de lábios húmidos.

— Aí está ele. O nosso velho e acre amigo. — Aos homens a seu lado disse: — O Cheirete está comigo desde que eu era rapaz. O senhor meu pai deu-mo, em sinal do seu amor.

Os dois senhores trocaram um olhar.

— Tinha ouvido dizer que o vosso criado estava morto — disse o do ombro inclinado. — Que tinha sido morto pelos Stark.

O Lorde Ramsey soltou um risinho.

— Os homens de ferro dir-vos-ão que o que está morto não pode morrer, mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte. Como o Cheirete. Mas cheira a sepultura, isso admito.

— Cheira a dejetos e a vômito velho. — O velho lorde de ombros inclinados deitou fora o osso que estivera a roer e limpou os dedos na toalha da mesa. — Há algum motivo para terdes de no-lo impor enquanto estamos a comer?

O segundo lorde, o velho de costas direitas com o camisa de cota de malha, estudou o Cheirete com olhos de pedra.

— Voltai a olhar — pediu ao outro senhor. — O cabelo dele ficou branco e está vinte quilos mais magro, sim, mas este não é criado nenhum. Esqueceste-vos?

O lorde corcunda voltou a olhar e soltou uma súbita fungadela.

— Ele? Será possível? O protegido do Stark. A sorrir, sempre a sorrir.

— Ele agora sorri com menos frequência — confessou o Lorde Ramsay. — Posso ter partido alguns dos seus lindos dentes brancos.

— Teríeis feito melhor em cortar-lhe a goela — disse o lorde da cota de malha. — Um cão que se volta contra o dono não presta para nada a não ser o esfolamento.

— Oh, ele foi esfolado, aqui e ali — disse Ramsay.

— *Sim, senhor. Eu fui mau, senhor. Insolente e...* — *Lambeu o lábio, tentando pensar no que mais teria feito. Serve e obedece, disse a si próprio, e ele deixar-te-á viver e ficar com os órgãos que ainda tens. Serve e obedece e lembra-te do teu nome. Cheirete, Cheirete, rima com joguete. — ... mau e...*

— Tens sangue na boca — observou Ramsay. — Tens andado outra vez a roer os dedos, Cheirete?

— Não. Não, senhor, juro. — O Cheirete tentara uma vez arrancar à dentada o dedo anelar, para fazer com que parasse de doer depois de lhe terem arrancado a pele. O Lorde Ramsay nunca se limitava a cortar o dedo a um homem. Preferia esfolá-lo, e deixar a carne exposta secar, estalar e infetar-se. O Cheirete fora chicoteado, supliciado e cortado, mas não havia dor nem de perto tão atroz como a que se seguia ao esfolamento. Era o tipo de dor que levava os homens à loucura, e não podia ser suportada por muito tempo. Mais tarde ou mais cedo, a vítima gritaria "Por favor, basta, basta, parai com a dor, *cortai-mo*" e o Lorde Ramsay fazia esse favor. Era um jogo que eles jogavam. O Cheirete aprendera as regras, como as suas mãos e pés podiam comprovar, mas dessa vez esquecera-se e tentara ser ele a pôr fim à dor, com os dentes. Ramsay não ficara contente, e a ofensa custara ao Cheirete outro dedo de um pé. — Comi uma ratazana — resmungou.

— Uma ratazana? — os olhos claros de Ramsay cintilaram à luz dos archotes. — Todas as ratazanas do Forte do Pavor pertencem ao senhor meu pai. Como te atreves a transformar uma em refeição sem a minha autorização?

O Cheirete não sabia o que dizer, portanto nada disse. Uma palavra errada podia custar-lhe outro dedo de um pé, ou mesmo de uma mão. Até àquele momento, perdera dois dedos da mão esquerda e o miudinho da direita, mas só o mindinho do pé direito contra três dedos do esquerdo.

Às vezes Ramsay fazia gracejos sobre equilibrá-lo. *O meu senhor está só a gracejar*, tentou dizer a si próprio. *Não quer magoar-me, ele disse-me, só o faz quando lhe dou motivos*. O seu senhor era misericordioso e bom. Podia ter-lhe esfolado a cara por algumas das coisas que o Cheirete dissera, antes de aprender o seu verdadeiro nome e o lugar que lhe cabia.

— Isto torna-se aborrecido — disse o lorde com o camisa de cota de malha. — Matai-o e acabai com isto.

O Lorde Ramsay encheu a taça com cerveja.

— Isso estragaria a nossa festa, senhor. Cheirete, tenho notícias alegres para te dar. Vou casar-me. O senhor meu pai está a trazer-me uma rapariga Stark. Filha do Lorde Eddard, a Arya. Lembras-te da pequena Arya, não lembras?

Arya Debaixo-dos-Pés, quase disse ele. *Arya Cara-de-Cavalo*. A irmã mais nova de Robb, de cabelo castanho, cara comprida, magricela como um pau, sempre suja. *A bonita era a Sansa*. Lembrou-se de uma altura em que pensara que o Lorde Eddard talvez o casasse com Sansa e o reclamasse como filho, mas isso fora apenas uma fantasia de criança. Mas a Arya...

— Eu lembro-me dela. Arya.

— Vai ser a Senhora de Winterfell, e eu o seu senhor.

Ela não passa de uma rapariga.

— Sim, senhor. Parabéns.

— Servir-me-ás no meu casamento, Cheirete?

Hesitou.

— Se o desejardes, senhor.

— Oh, desejo.

Voltou a hesitar, perguntando a si próprio se aquilo seria alguma armadilha cruel.

— Sim, senhor. Se vos aprouver. Ficaria honrado.

— Então temos de te tirar daquela horrível masmorra. Voltar a esfregar-te até ficares cor de rosa, arranjar-te umas roupas limpas, alguma comida para comeres. Umas papas de aveia, saborosas e moles, gostavas? Talvez uma tarte de ervilhas enfeitada com bacon. Tenho uma tarefzinha para ti, e vais precisar de ter as forças de volta para me servires. Tu queres servir-me, que eu sei.

— Sim, senhor. Mais do que qualquer coisa. — Foi percorrido por um arrepio. — Sou o vosso Cheirete. Por favor, deixai-me servir-vos. Por favor.

— Já que pedes com tanto jeitinho, como posso dizer que não? — Ramsay Bolton sorriu. — Parto para a guerra, Cheirete. E tu vais vir comigo, para me ajudares a trazer para casa a minha noiva virgem.

BRAN

Qualquer coisa no modo como o corvo gritou pôs um arrepio a percorrer a espinha de Bran. *Sou quase um homem feito*, teve de lembrar a si próprio. *Agora tenho de ser corajoso*.

Mas o ar estava penetrante e frio e cheio de medo. Mesmo o Verão estava com medo. O pelo no seu pescoço estava eriçado. Sombras estendiam-se contra a vertente da colina, negras e esfomeadas. Todas as árvores estavam vergadas e torcidas pelo peso do gelo que suportavam. Algumas quase nem pareciam árvores. Enterradas das raízes às copas em neve congelada, aninhavam-se na colina como gigantes, criaturas monstruosas e deformadas, enroladas sobre si próprias contra o vento gélido.

— Eles estão aqui. — O patrulheiro puxou pela espada.

— Onde? — a voz de Meera soou murmurada.

— Perto. Não sei. Algures.

O corvo voltou a guinchar.

— Hodor — murmurou Hodor. Tinha as mãos enfiadas nos sovacos. Pingentes pendiam-lhe das raízes castanhas da barba e o seu bigode era um torrão de ranho congelado, reluzindo, vermelho, à luz do pôr-do-sol.

— Os lobos também estão próximos — avisou Bran. — Aqueles que têm andado a seguir-nos. O Verão consegue cheirá-los sempre que o vento sopra na nossa direção.

— Lobos são o menor dos nossos problemas — disse o Mãos-Frias. — Temos de subir. Ficaré escuro em breve. Fazéis bem em estar lá dentro antes de a noite chegar. O vosso calor irá atraí-los. — Deitou um relance para oeste, onde a luz do sol poente podia ser vista de uma forma pouco nítida através das árvores, como se fosse o brilho de uma fogueira distante.

— Esta é a única entrada? — perguntou Meera.

— A entrada das traseiras fica três léguas para norte, num poço natural.

Era tudo o que precisava de dizer. Nem mesmo Hodor podia descer a um poço com Bran a pesar-lhe às costas, e Jojen não seria mais capaz de caminhar três léguas do que de correr mil.

Meera examinou a colina por cima de si.

— O caminho parece livre.

— *Parece* — resmungou sombriamente o patrulheiro. — Sentes o frio? Há qualquer coisa aqui. *Onde estão eles?*

— Dentro da gruta?— sugeriu Meera.

— A gruta está protegida. Eles não podem passar. — O patrulheiro usou a espada para apontar. — Podes ver a entrada ali. A meio caminho do cume, entre os represeiros, aquela fenda na rocha.

— Estou a vê-la — disse Bran. Corvos estavam a voar para dentro e para fora.

Hodor mudou o peso de uma perna para a outra.

— Hodor.

— Uma dobra na rocha, é tudo o que eu vejo — disse Meera.

— Há ali uma passagem. íngreme e retorcida a princípio, um canal estreito na rocha. Se conseguirdes alcançá-la ficareis a salvo.

— Etu?

— A gruta está protegida.

Meera estudou a fenda na vertente da colina.

— Não podem ser mais de novecentos metros daqui até lá.

Pois não, pensou Bran, *mas todos esses metros são a subir*. A colina era íngreme e densamente arborizada. A neve parara de cair três dias antes, mas nenhuma derreteria. Sob as árvores, o chão estava atapetado de branco, ainda intocado e sem rastos.

— Não está aqui ninguém — disse Bran com valentia. — Olhai para a neve. Não há pegadas.

— Os caminhantes brancos pisam levemente na neve — disse o patrulheiro. — Não encontrareis pegadas a assinalar a sua passagem. — Um corvo caiu desde o alto para se ir instalar no seu ombro. Só uma dúzia das grandes aves negras permanecia com eles. O resto desaparecera ao longo do caminho; a cada alvorada, quando acordavam, havia menos.

— *Vem* — crocitou a ave. — *Vem, vem*.

O corvo de três olhos, pensou Bran. *O vidente verde*.

— Não é assim tão longe — disse. — Uma subidazinha e ficaremos em segurança. Talvez possamos fazer uma fogueira. — Todos tinham frio, estavam molhados e com fome, exceto o patrulheiro, e Jojen Reed estava fraco demais para caminhar sem ajuda.

— Vai tu. — Meera Reed baixou-se ao lado do irmão. Este estava instalado no buraco de um carvalho, de olhos fechados, a tremer com violência. O pouco da sua cara que se conseguia ver sob o capuz e o cachecol estava tão incolor como a neve que os rodeava, mas a respiração ainda criava ténues baforadas de vapor sempre que ele exalava pelas narinas. Meera carregara com ele o dia inteiro. *Comida e um fogo deixá-lo-ão outra vez bom*, tentou Bran dizer a si próprio, embora não tivesse a certeza de isso ser verdade. — Não posso lutar ao mesmo tempo que carrego com o Jojen, a subida é demasiado íngreme — estava Meera a dizer. — Hodor, leva o Bran para aquela gruta.

— Hodor. — Hodor bateu palmas.

— O Jojen só precisa de comer — disse Bran em tom infeliz. Tinham-se passado doze dias desde que o alce caíra pela terceira e última vez, desde que o Mãos-Frias ajoelhara a seu lado no

banco de neve e murmurara uma bênção numa língua estranha qualquer enquanto lhe cortava a garganta. Bran chorou como uma rapariguinha quando o sangue brilhante saiu em jorro. Nunca se sentira mais aleijado do que nesse momento, observando impotente enquanto Meera Reed e o Mãos-Frias esquartejavam o corajoso animal que os transportara até tão longe. Dissera a si próprio que não comeria, que passar fome seria melhor do que banquetear-se com um amigo, mas, por fim, comera duas vezes, uma na sua própria pele, e outra na de Verão. Embora o alce estivesse magro e esfomeado, os bifos que o patrulheiro cortara do seu corpo tinham-nos sustentado durante sete dias, até acabarem com o último aninhados junto a uma fogueira nas ruínas de um velho cume fortificado.

— Ele precisa de comer — concordou Meera, alisando a testa do irmão. — Todos nós precisamos, mas aqui não há comida. *Vai.*

Bran reprimiu uma lágrima, pestanejando, e sentiu-a a congelar-se-lhe na bochecha. O Mãos-Frias pegou num braço de Hodor.

— A luz está a sumir-se. Se eles não estão ainda aqui, estarão em breve. Anda.

Sem palavras, para variar, Hodor sacudiu com palmadas a neve das pernas, e começou a subir através dos montes de neve acumulada pelo vento com Bran às costas. O Mãos-Frias caminhava ao lado deles, com a espada numa mão negra. Verão vinha atrás. Em alguns locais, a neve era mais alta do que ele, e o grande lobo gigante tinha de parar e de a sacudir de cima de si antes de mergulhar através da fina crosta. Enquanto subiam, Bran virou-se desajeitadamente no cesto para ver Meera enfiar um braço sob o irmão para o ajudar a pôr-se em pé. *Ele é pesado demais para ela. Está meio morta de fome, não é tão forte como era dantes.* A rapariga pegou na lança para rãs com a outra mão, espetando os dentes na neve a fim de obter um pouco mais de apoio. Meera tinha começado a subir esforçadamente a colina, trazendo o irmão mais novo entre arrastado e carregado, quando Hodor passou entre duas árvores e Bran os perdeu de vista.

A colina tornou-se mais íngreme. Montes de neve rangiam sob as botas de Hodor. Uma vez, uma pedra mexeu-se sob o seu pé e ele deslizou para trás, e quase caiu às cambalhotas pela colina abaixo. O patrulheiro pegou-lhe no braço e salvou-o.

— Hodor — disse Hodor. Cada rajada de vento enchia o ar com um fino pó branco que brilhava como vidro à última luz do dia. Corvos esvoaçavam à volta deles. Um voou em frente e desapareceu dentro da gruta. *Já só faltam setenta metros,* pensou Bran, *não é nada longe.*

Verão parou de súbito na base de uma íngreme extensão de alva neve intocada. O lobo gigante virou a cabeça, farejou o ar, depois rosnou. Com a pelagem eriçada, começou a recuar.

— Hodor, para — disse Bran. — Hodor. *Espera.* — Havia algo de errado. Verão cheirava-o, e ele também. *Algo de mau. Algo próximo.* — Hodor, não, volta para trás.

O Mãos-Frias continuava a subir, e Hodor queria acompanhá-lo.

— Hodor, hodor, hodor — resmoneou sonoramente, a fim de subjugar as queixas de Bran. A respiração tornara-se-lhe laboriosa. Uma névoa pálida enchia o ar. Subiu um passo e depois outro.

Ali, a neve chegava-lhe quase à cintura, e a encosta era muito íngreme. Hodor estava a inclinar-se para a frente, agarrando-se a pedras e árvores com as mãos enquanto subia. Outro passo. Outro. A neve que Hodor perturbava deslizava pela colina abaixo, dando início a uma pequena avalanche abaixo deles.

Cinquenta metros. Bran esticou-se para o lado para ver melhor a gruta. Então viu outra coisa.

— Uma fogueira! — Na pequena fenda entre os represeiros via-se um brilho tremeluzente, uma luz avermelhada que chamava por entre a escuridão que se aprofundava. — Olhai, alguém...

Hodor gritou. Torceu-se, tropeçou, caiu.

Bran sentiu o mundo deslizar para o lado quando o grande moço de estrebaria deu uma violenta volta sobre si próprio. Um forte impacto deixou-o sem fôlego. Sentiu a boca cheia de sangue e Hodor esbracejou e rolou, esmagando o rapaz aleijado debaixo de si.

Qualquer coisa lhe prendeu a perna. Durante meio segundo, Bran pensou que talvez uma raiz se tivesse emaranhado em volta do seu tornozelo. .. até que a raiz se mexeu. *Uma mão,* viu ele, na altura em que o resto da criatura irrompeu de debaixo da neve.

Hodor pontapeou-a, atirando um calcanhar coberto de neve em cheio contra a cara da coisa, mas o morto nem sequer pareceu senti-lo. Depois, os dois engalfinharam-se, esmurrando-se e esgatanhando-se um ao outro, deslizando pela colina abaixo. Neve encheu a boca e o nariz de Bran quando os outros rolaram, e meio segundo depois viu-se outra vez a rolar para cima. Qualquer coisa lhe bateu na cabeça, uma pedra, um bocado de gelo ou o punho de um morto, não soube dizer, e deu por si fora do cesto, estatelado na vertente da colina, a cuspir neve, com a mão enluvada cheia de cabelo que arrancara da cabeça de Hodor.

A toda a sua volta, criaturas estavam a erguer-se de debaixo da neve.

Duas, três, quatro. Bran perdeu a conta. Saltavam violentamente por entre súbitas nuvens de neve. Algumas usavam mantos negros, algumas peles esfarrapadas, algumas nada. Todas tinham pele pálida e mãos pretas. Os seus olhos brilhavam como estrelas azuis claras.

Três delas caíram sobre o patrulheiro. Bran viu o Mãos-Frias a golpear uma na cara. A coisa continuou a avançar como se nada fosse, empurrando-o para os braços de outra. Outras duas estavam a dirigir-se para Hodor, avançando desajeitadamente pela ladeira abaixo. Com uma sensação doentia de terror impotente, Bran apercebeu-se de que Meera ia subir para o meio daquilo. Bateu na neve e gritou um aviso.

Algo o agarrou.

Foi nessa altura que o grito se transformou num berro. Bran encheu um punho de neve e atirou-o, mas a criatura nem sequer pestanejou. Uma mão preta tateou-lhe a cara, outra a barriga. Os dedos da coisa pareciam ferro. *Ele vai arrancar-me as tripas.*

Mas, de súbito, Verão interpôs-se entre eles. Bran viu pele a rasgar-se como tecido barato, ouviu o estilhaçar de ossos. Viu uma mão e um pulso a soltarem-se, dedos pálidos a contorcerem-se, a manga de tecido grosseiro desbotado de negro. *Negro,* pensou, *ele está vestido*

de negro, era um membro da Patrulha. Verão deitou o braço fora, torceu-se e mergulhou os dentes no pescoço do morto, sob o queixo. Quando o grande lobo cinzento se soltou, arrancou a maior parte da garganta da criatura numa explosão de carne pálida e podre.

A mão cortada continuava a mexer-se. Bran rolou para longe dela. Deitado de barriga, esgatanhando a neve, viu as árvores lá em cima, pálidas e cobertas de neve, com o brilho cor de laranja entre elas.

Quarenta metros. Se se conseguisse arrastar quarenta metros, eles não conseguiriam apanhá-lo. A humidade infiltrou-se-lhe nas luvas enquanto ele se agarrava a raízes e pedras, rastejando na direção da luz. *Um pouco mais, só um pouco mais. Depois podes descansar ao lado do fogo.*

Por essa altura já a última luz desaparecera de entre as árvores. A noite caíra. O Mãos-Frias golpeava e dilacerava o círculo de mortos que o rodeava. Verão rasgava aquele que abatera, com a cara da criatura entre os dentes. Ninguém estava a prestar nenhuma atenção a Bran. Rastejou para um pouco mais alto, arrastando as pernas inúteis atrás de si. *Se conseguir chegar àquela gruta...*

— Hoooodor — soou um lamento, vindo de algures mais abaixo.

E, de súbito, ele deixou de ser Bran, o rapaz quebrado que rastejava pela neve, passando a ser Hodor, a meio da vertente, com a criatura a tentar esgatanhar-lhe os olhos. Rugindo, pôs-se hesitantemente em pé, atirando com violência a coisa para o lado. Esta caiu sobre um joelho, recomeçou a levantar-se. Bran tirou a espada longa de Hodor do seu cinto. Lá muito no fundo, ainda ouvia o pobre Hodor a choramingar, mas por fora era dois metros e dez de fúria com ferro antigo na mão. Ergueu a espada e fê-la cair sobre o morto, grunhindo quando a lâmina rasgou lã húmida, cota de malha ferrugenta e couro apodrecido, penetrando profundamente nos ossos e na carne que havia por baixo.

— *HODOR!* — berrou, e deu outro golpe. Desta vez cortou a cabeça da criatura pelo pescoço, e por meio momento exultou... até que um par de mãos mortas tentou às apalpadelas cegas agarrar-lhe a garganta.

Bran recuou, sangrando, e Meera Reed apareceu lá, espetando profundamente a lança para rãs nas costas da criatura.

— Hodor — voltou a rugir Bran, fazendo-lhe sinal para subir a colina. — *Hodor.; hodor.* — Jojen estava a contorcer-se debilmente onde ela o pousara. Bran foi ter com ele, largou a espada, recolheu o rapaz no braço de Hodor, e voltou a pôr-se em pé. — *HODOR!* — berrou.

Meera liderou o avanço pela colina acima, atirando estocadas às criaturas quando se aproximavam. As coisas não podiam ser feridas, mas eram lentas e desajeitadas.

— Hodor — dizia Hodor a cada passo. — Hodor, hodor. — Perguntou a si próprio o que pensaria Meera se lhe dissesse de repente que a amava.

Acima deles, silhuetas em chamas estavam a dançar na neve.

As criaturas, compreendeu Bran. *Alguém incendiou as criaturas.* Verão rosnava e atirava dentadas enquanto dançava em volta da mais próxima das criaturas, uma grande ruína de um homem envolta em chamas rodopiantes. *Ele não se devia aproximar tanto, que está a fazer?* Depois viu-se a si próprio, estatelado na neve de cara para baixo. Verão estava a tentar afastar a coisa de si. *O que acontecerá se a coisa me matar?*, perguntou o rapaz a si próprio. *Serei Hodor para todo o sempre? Voltarei para a pele de Verão? Ou ficarei simplesmente morto?*

O mundo moveu-se entontecedoramente à sua volta. Árvores brancas, céu negro, chamas vermelhas, estava tudo a rodopiar, a alterar-se, a girar. Sentiu-se a tropeçar. Consequia ouvir Hodor a gritar: "Hodor hodor hodor hodor. Hodor hodor hodor hodor. Hodor hodor hodor hodor hodor." Uma nuvem de corvos estava a jorrar da gruta, e viu uma rapariguinha com um archote na mão a correr de um lado para o outro. Por um momento, Bran pensou que fosse a irmã, Arya... loucamente, pois sabia que a irmã estava a mil léguas de distância, ou morta. E, no entanto, ali estava ela, a rodopiar, uma coisinha magricela, esfarrapada, selvagem, com o cabelo todo emaranhado. Lágrimas encheram os olhos de Hodor e congelaram lá.

Tudo se virou ao contrário e de pernas para o ar, e Bran deu por si de volta à própria pele, meio enterrado na neve. A criatura incendiada erguia-se acima dele, delineado, alto, contra as árvores e os sudários nevados que as tapavam. Bran viu que era uma das criaturas nuas um instante antes de a árvore mais próxima largar a neve que a cobria e deixá-la cair, toda, em cima da sua cabeça.

Quando voltou a si, estava deitado numa cama de agulhas de pinheiro sob um escuro teto de pedra. *A gruta. Estou na gruta.* A boca ainda lhe sabia a sangue onde mordera a língua, mas estava uma fogueira a arder à sua direita, com o calor a cobrir-lhe a cara, e nunca sentira nada tão bom. Verão estava lá, a farejar à sua volta, e Hodor também, completamente ensopado. Meera embalava a cabeça de Jojen no regaço. E a coisa Arya estava em pé por cima deles, agarrada ao archote.

— A neve — disse Bren. — Caiu em cima de mim. Enterrou-me.

— Escondeu-te. Eu puxei-te para fora. — Meera indicou a rapariga com um aceno. — Mas foi ela que nos salvou. O archote... o fogo mata-os.

— O fogo *queima-os*. O fogo está sempre com fome.

Aquela não era a voz de Arya, nem de nenhuma criança. Era uma voz de mulher, aguda e doce, dotada de uma estranha música que não se assemelhava a nenhuma que Bran tivesse ouvido, e uma tristeza que achou que talvez lhe quebrasse o coração. Bran semicerrou os olhos para a ver melhor. *Era* uma rapariga, mas mais pequena do que Arya, com a pele sarapintada como a de uma corça sob um manto de folhas. Os seus olhos eram estranhos; grandes e líquidos, dourados e verdes, fendidos como os olhos de um gato. *Ninguém tem olhos como aqueles.* O seu cabelo era um emaranhado de castanho, vermelho e dourado, cores de outono, com trepadeiras, gravetos e flores murchas a ele atadas.

— Quem és tu? — estava Meera Reed a perguntar.

Bran sabia.

— É uma criança. Uma filha da floresta. — Estremeceu, tanto de espanto como de frio. Tinham caído numa das histórias da Velha Nan.

— Os Primeiros Homens deram-nos esse nome — disse a mulherzinha. — Os gigantes chamavam-nos *woh dak naggran*, o povo esquilo, porque éramos pequenos e rápidos e gostávamos de árvores, mas não somos nem esquilos nem crianças. O nosso nome no idioma verdadeiro significa *aqueles que cantam a canção da terra*. Antes do vosso idioma antigo começar a ser falado, já cantávamos as nossas canções há dez mil anos.

Meera disse:

— Agora falais o idioma comum.

— Por ele. O rapaz Bran. Nasci no tempo do dragão, e percorri o mundo dos homens durante duzentos anos, para observar, escutar e aprender. Podia ainda estar a percorrê-lo, mas as minhas pernas estavam cansadas e o meu coração fatigado, portanto virei os pés para casa.

— Duzentos anos?* — disse Meera.

A criança sorriu.

— Homens, são eles as crianças.

— Tens nome? — perguntou Bran.

— Quando preciso de um. — Indicou com o archote a fenda negra na parede do fundo da gruta. — O nosso caminho é para baixo. Tendes de vir agora comigo.

Bran voltou a estremecer.

— O patrulheiro...

— Ele não pode vir.

— Vão matá-lo.

— Não. Já o mataram há muito tempo. Agora vinde. Lá no fundo faz mais calor, e lá ninguém vos fará mal. Ele está à vossa espera.

— O corvo de três olhos? — perguntou Meera.

— O vidente verde. — E com aquilo foi-se embora, e não tiveram alternativa a segui-la. Meera ajudou Bran a voltar a subir para as costas de Hodor, apesar de o cesto estar meio esmagado e húmido de neve derretida. Depois pôs um braço em volta do irmão e voltou a pô-lo em pé. Os olhos dele abriram-se.

— O que é? — disse. — Meera? Onde estamos? — quando viu a fogueira sorriu. — Tive o mais estranho dos sonhos.

O caminho era estreito e retorcido, e tão baixo que Hodor depressa teve de se acocorar. Bran encolheu-se o mais possível, mas mesmo assim depressa o cocuruto da sua cabeça começou a raspar e a bater no teto. Terra solta desfazia-se a cada toque e caía-lhe para os olhos e cabelo, e

uma vez bateu com a testa numa grossa raiz branca que crescia da parede do túnel, com gavinhas dela penduradas e teias de aranha entre as suas ramificações.

A filha da floresta seguia à frente com o archote na mão, fazendo sussurrar atrás de si o seu manto de folhas, mas a passagem tinha tantas curvas que Bran depressa a perdeu de vista. Depois, a única luz passou a ser a que se refletia nas paredes da passagem. Depois de terem descido um pouco, a gruta dividiu-se, mas um ramo estava escuro como breu, e até Hodor compreendeu que devia seguir o archote em movimento pelo outro lado.

O modo como as sombras se moviam fazia parecer que as paredes também se estavam a mexer. Bran viu grandes serpentes brancas a deslizar para dentro e para fora da terra que o rodeava, e o seu coração saltou de medo. Perguntou a si próprio se teriam tropeçado num ninho de cobras de leite ou de gigantescos vermes sepulcrais, moles, brancos e húmidos. *Vermes sepulcrais têm dentes.* O Hodor também os viu.

— Hodor — choramingou, relutante em continuar. Mas quando a filha da floresta parou para permitir que a apanhassem, a luz do archote estabilizou e Bran apercebeu-se de que as cobras eram só raízes brancas como aquela em que batera com a cabeça.

— São raízes de represeiro — disse. — Lembras-te da árvore coração no bosque sagrado, Hodor? A árvore branca com as folhas vermelhas? Uma árvore não te pode fazer mal.

— Hodor. — Hodor mergulhou em frente, apressando-se a seguir a filha da floresta e o seu archote, penetrando mais profundamente na terra. Passaram por outra ramificação, e por outra, e depois chegaram a uma caverna cheia de ecos, tão grande como o enorme salão de Winterfell, com dentes de pedra pendurados do teto e mais a projetar-se para cima desde o chão. A criança do manto folhoso teceu um caminho entre eles. De tempos a tempos, parava e acenava-lhes impacientemente com o archote. *Por aqui,* parecia dizer, *por aqui, por aqui, mais depressa.*

Houve mais passagens laterais depois disso, mais salas, e Bran ouviu água a pingar algures à sua direita. Quando olhou nessa direção viu olhos a olhá-los de volta, olhos fendidos que resplandeciam brilhantemente, refletindo de volta a luz do archote. *Mais filhos da floresta,* disse a si próprio, *a rapariga não é a única,* mas a história da Velha Nan sobre os filhos de Gendel também lhe veio à mente.

Havia raízes por todo o lado, retorcendo-se através da terra e da pedra, fechando algumas passagens e sustentando os tetos de outras. *Toda a cor desapareceu,* compreendeu Bran de súbito. O mundo era solo negro e madeira branca. A árvore coração em Winterfell tinha raízes tão grossas como a perna de um gigante, mas aquelas eram ainda mais grossas. E Bran nunca vira tantas. *Deve haver um bosque inteiro de represeiros a crescer por cima de nós.*

A luz voltou a minguar. Apesar de tão pequena, a criança-que-não-era-uma-criança movia-se depressa quando queria. Quando Hodor a seguiu batendo os pés, algo fez um ruído de esmagamento debaixo deles. A sua paragem foi tão súbita que Meera e Jojen quase colidiram com as suas costas.

— Ossos — disse Bran. — São ossos. — O chão da passagem estava pejado com os ossos de aves e animais. Mas havia também outros, ossos grandes que deviam provir de gigantes, e ossos pequenos que podiam ter pertencido a filhos da floresta. De ambos os lados, em nichos esculpidos na rocha, crânios olhavam-nos. Bran viu um crânio de urso e um crânio de lobo, meia dúzia de crânios humanos e quase outros tantos de gigantes. Todos os outros eram pequenos, com formas estranhas. *Filhos da floresta*. As raízes tinham crescido sobre, em volta e através deles, de todos eles. Alguns tinham corvos empoleirados em cima, vendo-os passar com brilhantes olhos pretos.

A última parte da sua escura viagem foi a mais íngreme. Hodor fez a última descida de traseiro, ressaltando e deslizando para baixo num estridor de ossos partidos, terra solta e pedrinhas. A filha da floresta estava à espera deles, em pé no início de uma ponte natural sobre um abismo escancarado. Lá em baixo, nas trevas, Bran ouviu o som de água corrente. *Um rio subterrâneo*.

— Temos de atravessar? — perguntou Bran quando os Reed apareceram a deslizar atrás dele. A ideia assustava-o. Se Hodor escorregasse naquela ponte estreita, cairiam e cairiam...

— Não, rapaz — disse a criança. — Atrás de ti. — Levantou mais o archote, e a luz pareceu deslocar-se e mudar. Num momento as chamas arderam em tons de laranja e amarelo, enchendo a caverna com um brilho avermelhado; depois todas as cores se desvaneceram, deixando apenas preto e branco. Atrás deles, Meera soltou um arquejo. Hodor virou-se.

À frente deles estava sentado um lorde pálido adornado de ébano, sonhando, num emaranhado ninho de raízes, um trono entretecido de represeiro que abraçava os seus membros mirrados como uma mãe abraça um filho.

O seu corpo era tão esquelético e a roupa estava tão apodrecida que a princípio Bran o tomou por outro cadáver, um morto escorado há tanto tempo que as raízes tinham crescido por cima dele, por baixo dele e através dele. A pele que o lorde cadáver mostrava era branca, exceto uma mancha sangrenta que lhe subia pelo pescoço até à bochecha. O cabelo branco era fino e estreito como pelos de raízes e suficientemente comprido para roçar no chão de terra. Raízes enrolavam-se em volta das suas pernas como serpentes de madeira. Uma enterrava-se-lhe nas calças e penetrava na carne ressequida da sua coxa, para voltar a emergir do ombro. Um rebento de folhas vermelhas escuras brotava-lhe do crânio, e cogumelos cinzentos pintalgavam-lhe a testa. Restava um pouco de pele, esticada sobre a sua cara, apertada e dura como couro branco, mas mesmo essa estava a rasgar-se e aqui e ali aparecia o osso castanho e amarelo que tinha por baixo.

— És tu o corvo de três olhos? — ouviu-se Bran perguntar. *Um corvo de três olhos devia ter três olhos. Ele só tem um, e esse é vermelho*. Bran conseguia sentir o olho a fitá-lo, brilhando como uma lagoa de sangue à luz dos archotes. Onde o seu outro olho devia ter estado, uma fina raiz branca crescia-lhe de uma órbita vazia, pela cara abaixo e para dentro do seu pescoço.

— Um... corvo? — a voz do lorde pálido era seca. Os seus lábios moviam-se lentamente, como se se tivessem esquecido de como formar palavras. — Em tempos, sim. Negro de vestuário e negro de sangue. — A roupa que ele usava estava apodrecida e desbotada, manchada de bolor e comida pelos vermes, mas em tempos tinha sido negra. — Eu fui muitas coisas, Bran. Agora sou como me vês e agora compreenderás por que motivo não pude ir ter contigo... exceto em sonhos. Observo-te há muito tempo, observei-te com mil e um olhos. Vi o teu nascimento e o do senhor teu pai antes de ti. Vi o teu primeiro passo, ouvi a tua primeira palavra, fiz parte do teu primeiro sonho. Estava a observar-te quando caíste. E agora vieste finalmente ter comigo, Brandon Stark, embora a hora seja tardia.

— Estou aqui — disse Bran — só que estou quebrado. Tu vais... tu vais consertar-me? Consertar-me as pernas, quero eu dizer.

— Não — disse o pálido lorde. — Isso está para lá dos meus poderes.

Os olhos de Bran encheram-se de lágrimas. *Percorremos um caminho tão longo.* A sala ecoou com o som do rio negro.

— Nunca mais voltarás a andar, Bran — prometeram os pálidos lábios — mas irás voar.

TYRION

Durante muito tempo não se mexeu, ficou imóvel em cima da pilha de sacas velhas que lhe servia de cama, à escuta do vento nas cordas, do bater do rio contra o casco.

Uma Lua cheia flutuava sobre o mastro. *Está a seguir-me rio abaixo, a observar-me como se fosse um grande olho.* Apesar do calor das peles bafientas que o cobriam, um arrepio percorreu o homenzinho. *Preciso de uma taça de vinho. De uma dúzia de taças de vinho.* Mas a Lua pestanejaria antes daquele filho da puta do Griffão deixar matar a sede. Em vez de vinho bebia água, e era condenado a noites sem dormir e a dias de suores e tremores.

O anão sentou-se, apoiando a cabeça nas mãos. *Terei sonhado?* Todas as memórias do sonho tinham-lhe fugido. As noites nunca tinham sido bondosas para com Tyrion Lannister. Dormia mal mesmo em suaves colchões de penas. Na *Tímida Donzela* fazia a cama no topo do teto da cabina com um rolo de corda de cânhamo por almofada. Gostava mais desse sítio do que do exíguo porão do barco. O ar era mais fresco, e os sons do rio eram mais suaves do que o ressonar do Pato. Havia um preço a pagar por tais alegrias, porém; o convés era duro, e ele acordava hirtos e doridos, com câibras e dores nas pernas.

Agora estavam a latejar, com as barrigas duras como madeira. Massajou-as com os dedos, tentando afastar a dor com uma esfregadela, mas quando se pôs em pé a dor ainda foi suficiente para o levar a fazer uma careta. *Preciso de tomar banho*. A sua roupa de rapaz fedia, e ele também. Os outros banhavam-se no rio, mas até àquele momento não se lhes juntara. Algumas das tartarugas que vira nos baixios pareciam suficientemente grandes para o fazer em dois com uma dentada. O Pato chamava-lhes "quebra-ossos". Além do mais, não queria que Lembre o visse nu.

Uma escada de madeira descia do teto da cabina. Tyrion calçou as botas e desceu para a cobertura da popa, onde Griff estava sentado enrolado num manto de pele de lobo ao lado de um braseiro de ferro. O mercenário guardava para si a vigia da noite, levantando-se quando o resto do bando ia em busca das camas e recolhendo-se quando o Sol nascia.

Tyrion acocorou-se na frente dele e aqueceu as mãos por cima das brasas. Para lá da água cantavam rouxinóis.

— Depressa será dia — disse a Griff.

— Não suficientemente depressa. Precisamos de nos pormos a caminho. — Se dependesse de Griff, a *Tímida Donzela* continuaria a descer o rio tanto de dia como de noite, mas Tandy e Ysilla recusavam-se a arriscar o seu barco de varejo no escuro. O Roine Superior estava cheio de obstáculos submarinos e troncos flutuantes, qualquer um dos quais seria capaz de rasgar o casco da *Tímida Donzela*. Griff não queria saber disso. O que queria era Volantis.

Os olhos do mercenário estavam sempre a mexer-se, perscrutando a noite em busca de... quê? *Piratas? Homens de pedra? Caçadores de escravos?* O rio tinha perigos, o anão bem o sabia, mas o próprio Griff parecia a Tyrion mais perigoso do que qualquer um desses perigos. Fazia-lhe lembrar Bronn, embora Bronn tivesse o humor negro de um mercenário e Griff não possuísse humor absolutamente nenhum.

— Estou capaz de matar por uma taça de vinho — resmungou Tyrion.

Griff não respondeu. *Vais morrer antes de beberes*, pareciam dizer os seus olhos claros. Tyrion embebedara-se até cair na primeira noite que passara na *Tímida Donzela*. No dia seguinte, acordara com dragões a lutar no seu crânio. Griff deitara-lhe uma olhadela a vomitar da borda do barco de varejo e dissera:

— Acabou-se a bebida para ti.

— O vinho ajuda-me a dormir — protestara Tyrion. O *vinho afoga-me os sonhos*, poderia ter dito.

— Então fica acordado — replicara Griff, implacável.

Para leste, a primeira pálida luz do dia espalhava-se pelo céu, sobre o rio. As águas do Roine passaram lentamente de negras a azuis, para combinar com o cabelo e a barba do mercenário. Griff pôs-se em pé.

— Os outros devem acordar em breve. O convés é vosso. — À medida que os rouxinóis se foram silenciando, as calhandras do rio foram-nos substituindo na canção. Garças chapinhavam entre os juncos e deixavam os seus rastos nos bancos de areia. As nuvens no céu estavam afogueadas; róseas e purpúreas, castanhas e douradas, cor de pérola e açafão. Uma parecia um dragão. *Uma vez que um homem veja um dragão em voo, que fique em casa e cuide satisfeito do jardim*, escrevera alguém um dia, *pois este vasto mundo não possui maior maravilha*. Tyrion coçou a cicatriz e tentou recordar-se do nome do autor. Os dragões tinham andado muito nos seus pensamentos nos últimos tempos.

— Bom dia, Hugor. — A septã Lefore aparecera com as suas vestes brancas, cingidas à cintura por um cinto tecido de sete cores. O cabelo fluía-lhe solto em volta dos ombros. — Dormistes bem?

— Aos arrancos, minha boa senhora. Voltei a sonhar convosco. — *Um sonho acordado*. Não conseguia dormir, portanto, enfiara uma mão entre as pernas e imaginara a septã em cima de si, de seios a bandear.

— Um sonho perverso, sem dúvida. Sois um homem perverso. Quereis rezar comigo e pedir perdão pelos vossos pecados?

Só se rezarmos à moda das Ilhas do Verão.

— Não, mas dai à Donzela um longo e doce beijo da minha parte.

Rindo, a septã dirigiu-se à proa do barco. Era seu costume banhar-se no rio todas as manhãs.

— É evidente que este barco não foi batizado em vossa honra — gritou Tyrion enquanto ela se despia.

— A Mãe e o Pai fizeram-nos à sua imagem, Hugor. Devíamos exultar com os nossos corpos, pois são a obra de deuses.

Os deuses deviam estar bêbados quando chegou a minha vez. O anão observou enquanto Lefore deslizava para dentro de água. A cena deixava-o sempre teso. Havia algo de maravilhosamente perverso na ideia de arrancar à septã aquelas castas vestes brancas e de lhe abrir as pernas. *Inocência espoliada*, pensou... embora Lefore não fosse nem por sombras tão inocente como parecia. Tinha estrias na barriga que só podiam provir de um parto.

Yandry e Ysilla tinham-se levantado com o sol e estavam a tratar dos seus assuntos. Yandry deitava relances à Septã Lefore enquanto verificava as cordas. A sua pequena e escura mulher, Ysilla, não reparava. Alimentou o braseiro da coberta de popa com algumas lascas de madeira, mexeu as brasas com uma lâmina enegrecida, e começou a trabalhar a massa para os biscoitos matinais.

Quando Lefore voltou a subir para o convés, Tyrion saboreou a visão da água a escorrer-lhe entre os seios, da sua pele suave a brilhar dourada à luz da manhã. Tinha mais de quarenta anos,

era mais atraente do que bonita, mas continuava a ser agradável à vista. *A seguir a estar bêbado, a melhor coisa é ser lúbrico*, decidiu. Fazia-o sentir-se ainda vivo.

— Vistes a tartaruga, Hugor? — perguntou-lhe a septã, torcendo o cabelo para o secar. — A grande corcunda?

O início da manhã era a melhor altura para ver tartarugas. Durante o dia nadavam para o fundo, ou escondiam-se em covas ao longo das margens, mas logo após o nascer do Sol vinham à superfície. Algumas gostavam de nadar junto do barco. Tyrion vira uma dúzia de espécies diferentes; tartarugas grandes e pequenas, chatas e de ouvido vermelho, de carapaça mole e quebra-ossos, tartarugas castanhas, tartarugas verdes, tartarugas pretas, tartarugas de garras e tartarugas de chifres, tartarugas cujas carapaças corcundas e ornamentadas estavam cobertas de volutas de ouro, jade e creme. Algumas eram tão grandes que podiam ter sustentado um homem sobre o dorso. Yandry jurava que os príncipes roinares costumavam montá-las no rio. Ele e a mulher tinham nascido no Sangueverde, um par de órfãos dorneses regressados a casa, à Mãe Roine.

— Não vi a corcunda. — *Estava a observar a mulher nua.*

— Sinto-me triste por vós. — Lefore enfiou a veste pela cabeça. — Sei que só vos levantaiis tão cedo na esperança de ver tartarugas.

— Também gosto de ver o Sol nascer. — Era como ver uma donzela a sair nua do banho. Algumas podiam ser mais bonitas do que outras, mas estavam todas cheias de promessas. — As tartarugas têm os seus encantos, admito. Nada me delicia tanto como ver um belo par de bem torneadas... carapaças.

A Septã Lefore soltou uma gargalhada. Como todos os outros a bordo da *Tímida Donzela*, tinha os seus segredos. Que lhe fizessem bom proveito. *Não quero conhecê-la, só quero fodê-la*. E ela também o sabia. Quando pendurou o cristal de septã ao pescoço, aninhando-o na cova entre os seios, provocou-o com um sorriso.

Yandry levantou âncora, fez deslizar uma das grandes varas para fora do teto da cabina e empurrou-os para o rio. Duas das garças ergueram as cabeças para observar quando a *Tímida Donzela* se afastou da margem e penetrou na corrente. Lentamente, o barco começou a mover-se para jusante. Yandry dirigiu-se à cana do leme. Ysilla estava a virar os biscoitos. Pós um tacho de ferro em cima do braseiro e deitou o bacon lá dentro. Havia dias em que cozinhava biscoitos e bacon, noutros bacon e biscoitos. Uma vez por quinzena talvez houvesse um peixe, mas naquele dia não.

Quando Ysilla virou costas, Tyrion roubou um biscoito do braseiro, escapulindo-se mesmo a tempo de evitar levar com a sua temível colher de pau. Os biscoitos sabiam melhor quando eram comidos quentes, a pingar de mel e manteiga. O cheiro do bacon a cozinhar depressa trouxe o Pato do porão. Farejou por cima do braseiro, recebeu uma pancada da colher de Ysilla, e foi fazer a sua mija matinal à popa do barco.

Tyrion meneou-se para se lhe ir juntar.

— Ora aqui está uma cena digna de se ver — brincou enquanto esvaziavam as bexigas — um anão e um pato, tornando o poderoso Roine mais poderoso ainda.

Yandry soltou uma fungadela de troça.

— A Mãe Roine não precisa da tua água, Yollo. É o maior rio do mundo.

Tyrion sacudiu as últimas gotas.

— É suficientemente grande para afogar um anão, admito. Mas o Vago é igualmente largo. E o Tridente também, perto da foz. A Água Negra é mais profunda.

— Não conheces o rio. Espera e verás.

O bacon ficou estaladiço, os biscoitos de uni tom dourado de castanho. O Jovem Griff subiu ao convés aos tropeções e a bocejar.

— Bom dia a todos. — O rapaz era mais baixo do que o Pato, mas a sua constituição esgalgada sugeria que ainda não tinha chegado à sua altura completa. *Este rapaz imberbe podia obter qualquer donzela dos Sete Reinos, com cabelo azul ou sem ele.* Aqueles olhos que tem derretê-las-iam. Como o pai, o Jovem Griff tinha olhos azuis, mas enquanto os do pai eram claros, os do filho eram escuros. À luz das lâmpadas tornavam-se negros, e à luz do crepúsculo pareciam purpúreos. As pestanas eram tão longas como as de qualquer mulher.

— Cheira-me a bacon — disse o rapaz, calçando as botas.

— Bom bacon — disse Ysilla. — Senta-te.

Deu-lhes de comer na coberta de popa, pressionando o Jovem Griff a comer biscoitos com mel e batendo na mão do Pato com a colher sempre que este tentava pegar em mais bacon. Tyrion partiu dois biscoitos, encheu-os com bacon e levou um a Yandry, que estava à cana do leme. Depois ajudou o Pato a içar a grande vela triangular da *Tímida Donzela*. Yandry levou-os para o centro do rio, onde a corrente era mais forte. A *Tímida Donzela* era um bom barco. Tinha um calado tão baixo que podia abrir caminho mesmo pelo mais pequeno dos afluentes do rio, navegando por entre bancos de areia que teriam encalhado embarcações maiores, mas com a vela içada e uma corrente por baixo conseguia atingir uma boa velocidade. Yandry afirmava que isso poderia significar a diferença entre a vida e a morte nos trechos superiores do Roine.

— Acima das Mágoas não há lei, e há mil anos que é assim.

— E também não há *gente*, que eu veja. — Vislumbrara algumas ruínas ao longo das margens, pilhas de pedras cobertas de trepadeiras, musgo e flores, mas nenhum outro sinal de habitação humana.

— Não conheces o rio, Yollo. Um barco pirata pode estar escondido em qualquer ribeiro, e escravos fugidos escondem-se com frequência entre as ruínas. Os caçadores de escravos raramente vêm tão para norte.

— Caçadores de escravos seriam uma mudança bem-vinda relativamente às tartarugas. — Não sendo um escravo fugido, Tyrion não precisava de temer ser apanhado. E não era provável

que um pirata incomodasse um barco de varejo a deslocar-se para jusante. Os bens valiosos vinham rio acima desde Volantis.

Quando o bacon acabou, o Pato deu um murro no ombro do Jovem Griff.

— Está na altura de ganhar umas nódoas negras. Hoje é espadas, parece-me.

— Espadas? — o Jovem Griff fez um sorriso. — Espadas será bom.

Tyrion ajudou-o a vestir-se para o combate, com calças pesadas, gibão almofadado e uma armadura amolgada de velho aço. Sor Rolly enfiou-se na sua cota de malha e couro fervido. Ambos puseram elmos na cabeça e tiraram espadas longas sem lio do fardo guardado na arca das armas. Foram combater para a coberta de popa, atacando-se energeticamente um ao outro enquanto o resto do grupo matinal os observava.

Quando combatiam com maça de armas ou machado embotado, o tamanho e a força superiores de Sor Rolly depressa se sobrepunham ao seu instruendo. Com espadas, os desafios eram mais equilibrados. Nenhum dos homens tinha pegado num escudo naquela manhã, de modo que foi um jogo de golpe e parada, para trás e para diante pela coberta fora. O rio ressoava com o ruído do combate. O Jovem Griff acertou mais estocadas, embora as do Pato fossem mais fortes. Passado algum tempo, o homem maior começou a cansar-se. Os seus golpes começaram a chegar um pouco mais lentos, um pouco mais baixos. O Jovem Griff afastou-os a todos e desencadeou um furioso ataque que forçou Sor Rolly a recuar. Quando chegaram à popa, o rapaz prendeu as lâminas e atirou um ombro contra o Pato, e o grandalhão caiu ao rio.

Reapareceu a cuspir e a praguejar, berrando por alguém que o pescasse antes de uma quebra-ossos lhe comer as partes pudendas. Tyrion atirou-lhe uma corda.

— Os patos deviam nadar melhor do que isso — disse, enquanto ele e Yandry voltavam a içar o cavaleiro para bordo da *Tímida Donzela*.

Sor Rolly agarrou em Tyrion pelo colarinho.

— Vejamos como nadam os anões — disse, atirando-o de cabeça ao Roine.

O anão foi o último a rir; conseguia chapinhar razoavelmente bem, e foi o que fez até começar a sentir câibras nas pernas. O Jovem Griff estendeu-lhe uma vara.

— Não és o primeiro a tentar afogar-me — disse ao Pato enquanto despejava água do rio da bota. — O meu pai atirou-me a um poço no dia em que nasci, mas eu era tão feio que a bruxa de água que vivia lá em baixo me cuspiu de volta. — Descalçou a outra bota, após o que fez a roda pelo convés fora, salpicando-os a todos.

O Jovem Griff riu-se.

— Onde aprendeste a fazer isso?

— Os saltimbancos ensinaram-me — mentiu. — A minha mãe gostava mais de mim do que do resto dos filhos porque eu era tão pequeno. Amamentou-me até ter sete anos. Isso deixou os meus irmãos com ciúmes, por isso enfiaram-me num saco e venderam-me a uma trupe de

saltimbancos. Quando tentei fugir, o chefe dos saltimbancos cortou-me metade do nariz, portanto não tive alternativa senão seguir com eles e aprender a ser divertido.

A verdade era bastante diferente. O tio ensinara-lhe um pouco de malabarismo aos seis ou sete anos. Tyrion dedicara-se a isso com avidez. Durante meio ano, andara alegremente a fazer rodas por todo o Rochedo Casterly, trazendo sorrisos tanto às caras de septões, como às de escudeiros e criados. Até Cersei se rira uma ou duas vezes ao vê-lo.

Tudo isso terminara abruptamente no dia em que o pai regressara de uma estadia em Porto Real. Nessa noite, ao jantar, Tyrion surpreendera o seu progenitor percorrendo toda a mesa elevada a fazer o pino. O Lorde Tywin não ficara contente.

— Os deuses fizeram-te anão. Terás também de ser bobo? Nasceste leão, não macaco.

E tu és um cadáver, pau portanto, farei as cabriolas que quiser.

— Tendes um dom para fazer os homens sorrir — disse a Septã Lmore a Tyrion enquanto este secava os dedos dos pés. — Devíeis agradecer ao Pai no Céu. Ele dá dons a todos os seus filhos.

— Pois dá — concordou o anão num tom agradável. *E quando eu morrer; por favor que me enterrem com uma besta para poder agradecer ao Pai no Céu pelos seus dons da mesma forma que agradeci ao pai na terra.*

Ainda tinha a roupa ensopada do mergulho involuntário, colando-se-lhe desconfortavelmente aos braços e às pernas. Quando o Jovem Griff se foi embora com a Septã Lmore para ser instruído nos mistérios da Fé, Tyrion despiu a roupa molhada e vestiu outra seca. O Pato soltou uma valente gargalhada quando ele voltou a aparecer no convés. Não podia censurá-lo. Vestido como estava era uma visão cómica. O gibão estava dividido ao meio; o lado esquerdo era de veludo púrpura com tachões de bronze, o direito de lã amarela bordada com padrões florais verdes. As calças estavam divididas de forma semelhante; a perna direita era verde, a esquerda listada de vermelho e branco. Uma das arcas de Illyrio fora enchida com roupa de criança, bafienta mas bem feita. A Septã Lmore cortara ao meio cada peça de roupa e depois voltara a cosê-las, juntando metade disto com metade daquilo para arranjar retalhos improvisados. Griff insistira mesmo que Tyrion ajudasse a cortar e a coser. Não havia dúvida de que pretendia que a atividade o humilhasse, mas Tyrion gostara da costura. Lmore era sempre uma companhia agradável, apesar da queda que tinha para o repreender sempre que ele dizia qualquer coisa rude sobre os deuses. *Se Griff me quer pôr no papel de bobo,, jogarei esse jogo.* Algures, bem sabia, o Lorde Tywin Lannister estava horrorizado, e isso fazia com que o facto não o picasse.

O seu outro dever era tudo menos pateta. *O Pato tem a sua espada, eu a minha pena e o meu pergaminho.* Griff ordenara-lhe que tomasse nota de tudo o que sabia sobre dragões. A tarefa era gigantesca, mas o anão trabalhava nela todos os dias, escrevinhando o melhor que podia enquanto se mantinha sentado de pernas cruzadas no teto da cabina.

Tyrion lera muitíssimo sobre dragões ao longo dos anos. A maioria desses relatos eram histórias vãs em que não era possível confiar, e os livros que Illyrio Ihes fornecera não eram aqueles que poderia ter desejado. O que realmente queria era o texto completo de *Os Fogos da Cidade Franca*, a história de Valíria escrita por Galendro. Mas nenhuma cópia completa era conhecida em Westeros; até à Cidadela faltavam vinte e sete rolos. *Decerto que deverão ter uma biblioteca na Velha Volantis. Poderei encontrar aí uma cópia melhor.; se conseguir arranjar maneira de atravessar as Muralhas Negras e entrar no coração da cidade.*

Sentia menos esperança a respeito dos *Dragões, Wyrms e Serpes: A Sua História Não-Natural*, do Septão Barth. Barth fora um filho de ferreiro que ascendera a Mão do Rei durante o reinado de Jaehaerys, o Conciliador. Os seus inimigos sempre tinham afirmado que era mais feiticeiro do que septão. Baelor, o Abençoado, ordenara a destruição de todos os escritos de Barth quando ascendera ao Trono de Ferro. Dez anos antes, Tyrion lera um fragmento da *História Não-Natural* que tinha escapado ao Amado Baelor, mas duvidava de que algum do trabalho de Barth tivesse chegado ao outro lado do mar estreito. E claro que havia ainda menos hipóteses de deparar com o tomo fragmentário, anónimo e ensopado de sangue por vezes chamado *Sangue e Fogo* e outras vezes *A Morte de Dragões*, cuja única cópia sobrevivente estava supostamente escondida numa cave trancada sob a Cidadela.

Quando o Semimeistre surgiu no convés, a bocejar, o anão estava a escrever aquilo de que se lembrava a respeito dos hábitos de acasalamento dos dragões, assunto sobre o qual Barth, Munkun e Thomax defendiam pontos de vista marcadamente diferentes. Haldon caminhou a passos largos até à popa para mijar para o local onde o sol cintilava na água, quebrado por cada sopro de vento.

— Devemos chegar à junção com o Noine antes de cair a noite, Yollo — gritou o Semimeistre. Tyrion ergueu o olhar do que estava a escrever.

— O meu nome é Hugor. O Yollo está escondido nas minhas calças. Quereis que o tire para brincar?

— É melhor que não. Podias assustar as tartarugas. — O sorriso de Haldon era tão penetrante como a lâmina de um punhal. — Como era o nome da tal rua em Lannisporto onde me disseste que tinhas nascido, Yollo?

— Era uma viela. Não tinha nome. — Tyrion retirava um prazer mordaz de inventar os detalhes da colorida vida de Hugor Hill, também conhecido como Yollo, um bastardo originário de Lannisporto. *As melhores mentiras estão temperadas com um pouco de verdade.* O anão sabia que soava como um ocidental, e um ocidental bem nascido, ainda por cima, pelo que Hugor teria de ser bastardo de um fidalgo qualquer. Nascido em Lannisporto porque conhecia essa cidade melhor do que Vilavelha ou Porto Real, e porque era nas cidades que a maioria dos anões acabavam, mesmo aqueles que eram paridos pela Governanta Saloia no meio do nabal. O campo

não tinha espetáculos de aberrações ou de saltimbancos... embora tivesse fartura de poços, para engolir gatinhos indesejados, bezerros de três cabeças e bebês como ele.

— Vejo que tens andado a estragar mais bom pergaminho, Yollo. — Haldon voltou a atar as calças.

— Nem todos podemos ser meios mestres. — Tyrion estava com cãibras na mão. Pôs a pena de parte e fletiu os dedos curtos. — Apetece-te outro jogo de *cyvasse*? — o Semimeistre derrotava-o sempre, mas era uma maneira de passar o tempo.

— Esta noite. Não te queres juntar a nós para a aula do Jovem Griff?

— Porque não? Alguém tem de corrigir os teus erros.

Havia quatro cabinas na *Tímida Donzela*. Yandry e Ysilla partilhavam uma, Griff e o Jovem Griff outra. A Septã Lembre tinha uma cabina para si, e Haldon também. A cabina do Semimeistre era a maior das quatro. Uma das paredes estava coberta de prateleiras e caixas atafalhadas de velhos rolos e pergaminhos; outra tinha estantes de unguentos, ervas e poções. Uma luz dourada entrava em diagonal pelo ondulado vidro amarelo da janela redonda. A mobília incluía um beliche, uma mesa para escrever, uma cadeira, um banco e a mesa de *cyvasse* do Semimeistre, coberta de peças esculpidas de madeira.

A aula começou pelas línguas. O Jovem Griff falava o idioma comum como se fosse a sua língua natal, e era fluente em alto valiriano, nos dialetos inferiores de Pentos, Tyrosh, Myr e Lys e na língua comercial dos marinheiros. O dialeto volanteno era tão novo para ele como para Tyrion, de modo que aprendiam todos os dias mais algumas palavras enquanto Haldon lhes corrigia os erros. O meereenês era mais difícil; as suas raízes também eram valirianas, mas a árvore fora enxertada com a dura e feia língua da Velha Ghis.

— É preciso enfiar uma abelha no nariz para falar ghiscari como deve ser — queixou-se Tyrion. O Jovem Griff riu-se, mas o Semimeistre apenas disse:

— Outra vez. — O rapaz obedeceu, embora daquela vez fizesse rolar os olhos com os seus zzzs. *Ele tem melhor ouvido do que eu*, Tyrion foi forçado a admitir, *se bem que aposto que a minha língua continua a ser mais ágil*.

A geometria seguiu-se às línguas. Aí, o rapaz era menos hábil, mas Haldon era um professor paciente, e Tyrion conseguiu também tornar-se útil. Aprendera os mistérios dos quadrados, círculos e triângulos com os mestres do pai no Rochedo Casterly, e voltaram-lhe à memória mais depressa do que teria julgado possível.

Quando se viraram para a história, o Jovem Griff estava a ficar irrequieto.

— Estávamos a discutir a história de Volantis — disse-lhe Haldon. — Podes explicar a Yollo qual a diferença entre um tigre e um elefante?

— Volantis é a mais antiga das Nove Cidades Livres, a primeira filha de Valíria — respondeu o rapaz com uma voz aborrecida. — Depois da Destruição, agradou aos volantenos considerarem-se os herdeiros da Cidade Franca e os legítimos governantes do mundo, mas

estavam divididos quanto a como o domínio poderia ser melhor alcançado. O Sangue Antigo preferia a espada, enquanto os mercadores e os prestamistas defendiam o comércio. Enquanto competiam pelo governo da cidade, as fações tornaram-se conhecidas como tigres e elefantes, respetivamente. Os tigres imperaram durante quase um século após a Destruição de Valíria. Durante algum tempo foram bem sucedidos. Uma frota volante conquistou Lys e um exército volante capturou Myr, e durante duas gerações as três cidades foram governadas do interior das Muralhas Negras. Isso acabou quando os tigres tentaram engolir Tyrosh. Pentos entrou na guerra do lado de Tyrosh, juntamente com o Rei da Tempestade de Westeros. Bravos forneceu a um exilado liseno cem navios de guerra, Aegon Targaryen voou de Pedra do Dragão montado no Terror Negro, e Myr e Lys ergueram-se em rebelião. A guerra transformou as Terras Disputadas num deserto, e libertou Lys e Myr do jugo. Os tigres sofreram também outras derrotas. A frota que enviaram para reclamar Valíria desapareceu no Mar Fumegante. Qohor e Norvos quebraram o seu poderio no Roine quando as galés de fogo combateram no Lago Adaga. Do leste vieram os dothraki, expulsando os plebeus das suas cabanas e os nobres das suas propriedades, até só restar erva e ruínas entre a floresta de Qohor e as nascentes do Selhoru. Depois de um século de guerra, Volantis deu por si quebrada, falida e despovoada. Foi então que os elefantes se ergueram. Tem imperado desde então. Há anos em que os tigres elegem um triarca, e há anos em que não elegem, mas nunca mais do que um, de modo que os elefantes governam a cidade há trezentos anos.

— É isso mesmo — disse Haldon. — E os triarcas atuais?

— Malaquo é um tigre, Nyessos e Doniphos são elefantes.

— E que lição podemos retirar da história volante?

— Se queremos conquistar o mundo é bom que tenhamos dragões.

Tyrion não conseguiu evitar uma gargalhada.

Mais tarde, quando o Jovem Griff subiu ao convés para ajudar Yandry com as velas e as varas, Haldon preparou a mesa de cyvasse para o jogo com Tyrion. Este observou com olhos desiguais e disse:

— O rapaz é inteligente. Saíste-vos bem com ele. Metade dos senhores de Westeros são menos instruídos, infelizmente. Línguas, história, canções, somas... é um guisado e peras para o filho de um mercenário qualquer.

— Um livro pode ser tão perigoso como uma espada nas mãos certas — disse Haldon. — Tenta dar-me melhor batalha desta vez, Yollo. Jogas cyvasse tão mal como cabriolas.

— Estou a tentar levar-te a uma falsa sensação de confiança — disse Tyrion enquanto organizavam as peças de ambos os lados de um anteparo de madeira entalhada. — Tu *pensas* que me ensinaste a jogar, mas as coisas nem sempre são o que parecem. Talvez tenha aprendido o jogo com o queijeiro, já pensaste nisso?

— Illyrio não joga cyvasse.

Pois não, pensou o anão, joga o jogo de tronos, e tu, Griff e o Pato não passam de peças, para serem movidas para onde ele quiser e sacrificadas conforme necessário, tal como sacrificou Viserys.

— Então a culpa tem de te caber a ti. Se eu jogo mal, é obra tua.

O Semimeistre soltou um risinho.

— Yollo, vou sentir a tua falta quando os piratas te cortarem a goela.

— Onde estão esses famosos piratas? Estou a começar a achar que tu e Illyrio os inventaram a todos.

— Onde há mais é no troço de rio entre Ar Noy e as Mágoas. Acima das ruínas de Ar Noy, os qohorik governam o rio, e abaixo das Mágoas as galés de Volantis imperam, mas nenhuma cidade reclama as águas intermédias, portanto, os piratas tornaram-nas suas. O Lago Adaga está cheio de ilhas onde eles espreitam de grutas escondidas e fortes secretos. Estás pronto?

— Para ti? Sem qualquer dúvida. Para os piratas? Menos.

Haldon removeu o anteparo. Cada um contemplou a formação de abertura do outro.

— Estás a aprender — disse o Semimeistre.

Tyrion quase agarrou no dragão, mas pensou melhor. No último jogo tinha-o feito avançar cedo demais e perdera-o para um trabuco.

— Se encontrarmos mesmo esses célebres piratas talvez me junte a eles. Vou dizer-lhes que me chamo Hugor Semimeistre. — Moveu a cavalaria ligeira em direção das montanhas de Haldon.

Este respondeu com um elefante.

— Hugor Semisperto condizia melhor contigo.

— Só preciso de metade da minha esperteza para me igualar a ti. — Tyrion moveu a cavalaria pesada em apoio da ligeira. — Talvez queiras apostar no resultado?

O Semimeistre arqueou uma sobrancelha.

— Quanto?

— Não tenho dinheiro. Jogaremos a segredos.

— O Griff cortar-me-ia a língua.

— Medinho, hã? Eu também teria, se fosse a ti.

— O dia em que me derrotares ao cyvasse será o dia em que tartarugas me saem do cu a rastejar. — O Semimeistre moveu as lanças. — Aceito a tua aposta, homenzinho.

Tyrion estendeu uma mão para o dragão.

Foi três horas mais tarde que o homenzinho finalmente voltou para o convés a fim de esvaziar a bexiga. O Pato estava a ajudar Yandry a puxar a vela para baixo, enquanto Ysilla manejava o leme. O Sol pairava baixo sobre os canaviais ao longo da margem ocidental, enquanto o vento começava a soprar em rajadas. *Preciso do tal odre de vinho*, pensou o anão. Tinha cãibras nas pernas de estar acorocado naquele banco, e sentia a cabeça tão leve que se achava com sorte por não cair ao rio.

— Yollo — chamou o Pato. — Onde está Haldon?

— Foi para a cama, com um certo desconforto. Estão-lhe a sair tartarugas do cu. — Deixou o cavaleiro a tentar entender o que aquilo queria dizer e subiu a escada para o teto da cabina. Para leste, havia escuridão a juntar-se por trás de uma ilha rochosa.

A Septã Lefore foi lá ter com ele.

— Conseguis sentir as tempestades no ar, Hugor Hill? À nossa frente está o Lago Adaga, onde piratas vagueiam em busca de presas. E depois do lago ficam as Mágoas.

As minhas não. Eu levo as minhas próprias mágoas comigo, para onde quer que vá. Pensou em Tysha e sentiu curiosidade de saber para onde iriam as rameiras. *Porque não Volantis? Talvez a encontre lá. Um homem devia agarrar-se à esperança.* Perguntou a si próprio o que lhe diria. *Lamento por ter deixado que te violassem, amor. Julgava que eras uma rameira. Conseguirás encontrar no coração maneira de me perdoar? Quero regressar à nossa cabana, a como as coisas eram quando fomos marido e mulher.*

A ilha afastou-se atrás deles. Tyrion viu ruínas a erguer-se ao longo da margem oriental; paredes tortas e torres caídas, cúpulas quebradas e fileiras de pilares podres de madeira, ruas afogadas em lama e cobertas de musgo púrpura. *Outra cidade morta, dez vezes maior do que Ghoyan Drohe.* Agora viviam ali tartarugas, grandes quebra-ossos. O anão via-as a refastelarem-se ao sol, montículos castanhos e negros com cristas denteadas ao longo do centro das carapaças. Algumas viram a *Tímida Donzela* e deslizaram para dentro de água, deixando ondulações na sua esteira. Aquele não seria bom lugar para um banho.

Então, através das árvores retorcidas e meio afogadas e as largas ruas húmidas, vislumbrou o reflexo prateado da luz do sol em água. *Outro rio,* compreendeu de imediato, *a correr para o Roine.* As ruínas foram ficando mais altas à medida que a terra se foi tornando mais estreita, até que a cidade terminou numa ponta de terra onde se erguiam os restos de um colossal palácio de mármore rosa e verde, com cúpulas arruinadas e coruchéus quebrados a erguerem-se bem alto sobre uma fileira de arcadas cobertas. Tyrion viu mais quebra-ossos a dormir nas rampas onde meia centena de navios podia ter atracado em tempos. Nesse momento soube onde estava. *Aquele era o palácio de Nymeria, e isto é tudo o que resta de Ny Sar, a sua cidade.*

— Yollo — gritou Yandry quando a *Tímida Donzela* passou pelo cabo — fala-me lá outra vez desses rios de Westeros tão grandes como a Mãe Roine.

— Não sabia — gritou ele em resposta. — Nenhum rio nos Sete Reinos tem metade da largura deste. — O novo rio que acabara de se lhes juntar era praticamente gémeo daquele ao longo do qual vinham navegando, e esse, sozinho, quase igualara o Vago ou o Tridente.

— Isto é Ny Sar, onde a Mãe reúne a si a sua Filha Selvagem, Noine — disse Yandry — mas não chegará ao seu ponto mais largo até encontrar as outras filhas. No Lago Adaga, o Qhoine junta-se-lhe, A Filha Escura, cheia de ouro e âmbar provenientes do Machado e de pinhas da Floresta de Qohor. A sul, a Mãe encontra-se com Lhorulu, a Filha Sorridente dos Campos

Dourados. Onde se unem, erguia-se em tempos Choryane, a cidade festival, onde as ruas eram feitas de água e as casas feitas de ouro. Depois é outra vez para sul e para leste durante longas léguas, até que por fim aparece Selhoru, a Filha Tímida que esconde o seu leito em juncos e se contorce. Aí a Mãe Roine faz-se tão larga que um homem num barco no centro da corrente não consegue ver a margem de ambos os lados. Verás, meu pequeno amigo.

Verei, estava o anão a pensar, quando detetou uma ondulação em frente, a menos de seis metros do barco. Aprestava-se a fazê-la notar a Lomore quando a coisa veio à superfície com uma onda de água que fez a *Tímida Donzela* balançar de lado.

Era outra tartaruga, uma cornuda de um tamanho enorme, com a carapaça verde-escura pintalgada de castanho e coberta de limos e moluscos fluviais duros e negros. Ergueu a cabeça e berrou, um rugido gutural a trovejante, mais forte do que qualquer corno de guerra que Tyrion tivesse ouvido.

— Fomos abençoados — estava Ysilla a gritar ruidosamente, enquanto lágrimas lhe corriam pela cara. — Fomos abençoados, fomos abençoados.

O Pato estava aos gritos e o Jovem Griff também. Haldon veio ao convés para saber qual fora a causa do alvoroço... mas tarde demais. A gigantesca tartaruga voltara a desaparecer debaixo de água.

— Qual foi a causa de todo aquele barulho? — perguntou o Semimeistre.

— Uma tartaruga — disse Tyrion. — Uma tartaruga maior do que este barco.

— Era *ele* — gritou Yandry. — O Velho do Rio.

E porque não? Tyrion sorriu. *Aparecem sempre deuses e maravilhas para assistir ao nascimento de reis.*

DAVOS

A *Alegre Parteira* entrou furtivamente no Porto Branco na maré da noite, com a vela remendada a ondular a cada rajada de vento.

Era uma velha coca, e mesmo na juventude nunca ninguém lhe chamara bonita. A figura de proa mostrava uma mulher a rir e a agarrar num bebê por um pé, mas as bochechas da mulher e o rabo do bebê estavam esburacados por bichos. Incontáveis camadas de monótona tinta castanha cobriam-lhe o casco; as velas eram cinzentas e esfarrapadas. Não era navio que atraísse um segundo olhar, a menos que fosse para tentar perceber como permanecia à tona de água. Além

disso, a *Alegre Parteira* era conhecida em Porto Branco. Durante anos realizara diligentemente um humilde comércio entre esse porto e Vilirmãs.

Não era o tipo de chegada que Davos Seaworth esperara quando zarpara com Salla e a sua frota. Nessa altura, tudo aquilo parecera mais simples. Os corvos não tinham trazido ao Rei Stannis a aliança de Porto Branco, portanto, Sua Graça mandaria um emissário para negociar pessoalmente com o Lorde Manderly. Como exibição de força, Davos chegaria a bordo da galé *Valiriana*, de Salla, com o resto da frota lisena atrás. Todos os cascos seriam listados: de preto e amarelo, rosa e azul, verde e branco, púrpura e ouro. Os lisenos adoravam tons vivos, e Salladhor Saan era o mais colorido de todos. *Salladhor, o Esplêndido*, pensou Davos, *mas as tempestades escreveram o fim de tudo isso*.

Em vez da entrada triunfal, contrabandear-se-ia para dentro da cidade, como poderia ter feito vinte anos antes. Até saber em que pé estavam ali as coisas, era mais prudente desempenhar o papel de marinheiro comum, não de lorde.

As muralhas de pedra caiada de Porto Branco ergueram-se na frente deles, na margem oriental, onde a Faca Branca mergulhava no golfo. Algumas das defesas da cidade tinham sido fortalecidas desde a última vez que Davos estivera lá, meia dúzia de anos antes. O molhe que dividia o porto interior do exterior fora fortificado com uma longa muralha de pedra com nove metros de altura e quase uma milha de comprimento, com torres a cada cem metros. Havia também fumo a erguer-se do Rochedo das Focas, onde em tempos tinham existido apenas ruínas. *Isso pode ser bom ou mau, dependendo do lado que o Lorde Wyman escolher*.

Davos sempre gostara daquela cidade, desde a primeira vez que viera até ali como criado de bordo do *Gato da Calçada*. Embora fosse pequena quando comparada com Vilavelha e Porto Real, era limpa e bem ordenada, com ruas calcetadas largas e direitas que faziam com que fosse fácil a um homem orientar-se. As casas eram feitas de pedra caiada, com telhados muito inclinados de ardósia cinzenta-escura. Roro Uhoris, o velho e rabugento capitão do *Gato da Calçada*, costumava dizer que era capaz de distinguir um porto de outro só pelo modo como cheiravam. As cidades eram como mulheres, insistia; cada uma tinha o seu próprio e único odor. Vilavelha era tão florida como uma viúva perfumada. Lannisporto era uma ama-de-leite, fresca e terra-a-terra, com fumo de lenha no cabelo. Porto Real fedia como uma rameira por lavar. Mas o odor de Porto Branco era penetrante e salgado, e também cheirava um pouco a peixe.

— Cheira como uma sereia deve cheirar — dizia Roro. — Cheira a mar.

E ainda cheira, pensou Davos, mas também conseguia cheirar o fumo de turfa que pairava vindo do Rochedo das Focas. A pedra marinha dominava as abordagens ao porto exterior, um maciço afloramento verde acinzentado que se erguia quinze metros acima das águas. O seu topo estava coroado por um círculo de pedras gastas, um forte anelar dos Primeiros Homens que se mantivera desolado e abandonado por centenas de anos. Agora não estava abandonado. Davos

via balistas e catapultas de fogo por trás das pedras verticais, e besteiros e espreitar entre elas. *Ali em cima deve estar frio e húmido.* Em todas as suas visitas anteriores podiam ver-se focas a aquecerem-se ao sol sobre as pedras partidas, lá em baixo. O Bastardo Cego obrigava-o sempre a contá-las quando o *Gato da Calçada* zarpava de Porto Branco; quanto mais focas houvesse, dizia Roro, mais sorte teriam na viagem. Agora não havia focas. O fumo e os soldados tinham-nas espantado para longe. *Um homem mais sensato veria nisso uma advertência. Se eu tivesse um dedal de bom senso, teria ido com Salla.* Podia ter voltado para sul, para junto de Marya e dos filhos. *Perdi quatro filhos ao serviço do rei, e o quinto serve como seu escudeiro. Devia ter o direito de acarinhar os dois rapazes que ainda restam. Passou-se demasiado tempo desde que os vi pela última vez.*

Em Atalaiaeste, os irmãos negros tinham-lhe dito que não havia amizade entre os Manderly de Porto Branco e os Bolton do Forte do Pavor. O Trono de Ferro fizera ascender Roose Bolton a Protetor do Norte, pelo que fazia sentido que Wyman Manderly declarasse o seu apoio a Stannis. *Porto Branco não pode resistir sozinho. A cidade precisa de um aliado, um protetor. O Lorde Wyman precisa tanto do Rei Stannis como Stannis precisa dele.* Pelo menos fora o que parecera em Atalaiaeste.

Vilirmãs corroerá essa esperança. Se o Lorde Borrell falava verdade, se os Manderly tencionavam juntar as suas forças aos Bolton e aos Frey... *não, não remoeria essa ideia. Em breve conheceria a verdade. Rezava para não ter chegado tarde demais.*

Aquela muralha do molhe oculta o porto interior, compreendeu na altura em que a *Alegre Parteira* arriava a vela. O porto exterior era maior, mas o porto interior oferecia melhor ancoragem, abrigado pela muralha da cidade de um lado e pela elevada massa do Covil do Lobo do outro, e agora também pela muralha do molhe. Em Atalaiaeste-do-Mar, Cotter Pyke dissera a Davos que o Lorde Wyman estava a construir galés de guerra. Podia haver uma vintena de navios escondidos atrás daquelas muralhas, à espera apenas de uma ordem para se fazerem ao mar.

Por trás das espessas muralhas brancas da cidade, o Novo Castelo erguia-se orgulhoso e pálido na sua colina. Davos viu também o telhado abobadado do Septo das Neves, coroado por altas estátuas dos Sete. Os Manderly tinham trazido a Fé para norte quando foram expulsos da Campina. Porto Branco possuía também o seu bosque sagrado, um melancólico emaranhado de raízes, ramos e rochas trancado por trás das arruinadas muralhas negras do Covil do Lobo, uma antiga fortaleza que agora servia apenas como prisão. Mas eram principalmente os septões a dominar ali.

O tritão da Casa Manderly estava em evidência por todo o lado, esvoaçando das torres do Novo Castelo, por cima do Portão das Focas, e ao longo das muralhas da cidade. Em Atalaiaeste, os nortenhos insistiam que Porto Branco nunca abandonaria a sua fidelidade a Winterfell, mas Davos não viu qualquer sinal do lobo gigante dos Stark. *Também não há leões. O Lorde Wyman não se pode ter ainda declarado por Tommen, de contrário teria içado a sua bandeira.*

Os pontões estavam repletos. Um aglomerado de barcos mais pequenos estava amarrado ao longo do mercado do peixe, desembarcando pescado. Viu também três corredores de rio, barcos longos e esguios, feitos de forma resistente para enfrentar as rápidas correntes e os rápidos pedregosos da Faca Branca. Mas eram as embarcações marítimas que lhe interessaram mais; um par de carracas tão sem graça e andrajosas como a *Alegre Parteira*, a galé mercante *Dançarina da Tempestade*, as cocas *Bravo Magíster* e *Cornucópia*, um galeão de Bravos identificado pelo casco e velas de cor púrpura...

... e ali, mais atrás, o navio de guerra.

Vê-lo trespassou-lhe a esperança com uma faca. O casco era negro e dourado, a figura de proa mostrava um leão com uma pata levantada. *Leostrela*, diziam as letras na sua popa, por baixo de um estandarte flutuante que ostentava as armas do rei rapaz sentado no Trono de Ferro. Um ano antes, não teria sido capaz de as ler, mas o Mestre Pylos ensinara-lhe algumas das letras em Pedra do Dragão. Por uma vez, a leitura deu-lhe pouco prazer. Davos rezara por a galé se ter perdido nas mesmas tempestades que tinham assolado a frota de Salla, mas os deuses não tinham mostrado essa bondade. Os Frey estavam ali, e ele teria de os enfrentar.

A *Alegre Parteira* foi amarrada à ponta de um desgastado pontão de madeira no porto exterior, bem longe da *Leostrela*. Enquanto a tripulação a prendia aos pilares e baixava uma prancha de embarque, o capitão aproximou-se descontraidamente de Davos. Casso Mogat era um mestiço do mar estreito, gerado por um baleeiro ibbenês e por uma rameira de Vilirmãs. Só com metro e meio de altura e muito hirsuto, pintava o cabelo e as suíças de um verde musgoso. Isso fazia-o parecer um toco de árvore com botas amarelas. Apesar da aparência, parecia ser um bom marinheiro, embora fosse um chefe duro para com a tripulação.

— Quanto tempo ficas em terra?

— Pelo menos um dia. Pode ser mais. — Davos descobrira que os lordes gostavam de manter as pessoas à espera. Suspeitava de que o faziam para as deixar ansiosas e para demonstrar o seu poder.

— A *Parteira* fica aqui três dias. Mais nenhum. Vão procurar-me lá em Vilirmãs.

— Se as coisas correrem bem, posso estar de volta amanhã de manhã.

— E se essas coisas correrem mal?

Posso não regressar de todo.

— Não precisas de esperar por mim.

Um par de homens da alfândega estava a subir a bordo quando Davos desceu a prancha, mas nenhum lhe deu sequer um relance. Estavam ali para falar com o capitão e inspecionar o porão; marinheiros comuns não lhes diziam respeito, e poucos homens pareciam tão comuns como Davos. Tinha uma altura mediana, a sua astuta cara de camponês estava bronzeada pelo vento e pelo sol, a barba encanecida e o cabelo castanho eram bem salgados de cinzento. O vestuário era também simples: botas velhas, calças castanhas e túnica azul, uma capa de lã por

tingir, presa com um pregador de madeira. Usava um par de luvas de couro manchadas pelo sal para esconder os dedos da mão que Stannis encurtara tantos anos antes. Davos quase nem parecia um lorde, muito menos a Mão de um rei. E ainda bem que assim era, até saber em que pé estavam ali as coisas.

Abriu caminho ao longo do pontão e pelo meio do mercado do peixe. O *Bravo Magíster* estava a embarcar hidromel. Pilhas com quatro barris de altura distribuíam-se pelo cais. Atrás de uma pilha viu três marinheiros a jogar aos dados. Mais à frente, as peixeiras apregoavam a apanha do dia, e um rapaz estava a bater um ritmo num tambor enquanto um velho urso com um ar miserável dançava em círculo para um anel de corredores do rio. Dois lanceiros tinham sido colocados ao Portão das Focas, com o símbolo da Casa Manderly ao peito, mas estavam demasiado concentrados em namoriscar com uma rameira das docas para prestar qualquer atenção a Davos. O portão estava aberto, com a porta levadiça erguida. Juntou-se ao tráfego que o atravessava.

Lá dentro ficava uma praça empedrada com um fontanário no centro. Um tritão de pedra erguia-se das suas águas, com seis metros de altura da cauda à coroa. A sua barba encaracolada estava verde e branca de líquenes, e um dos dentes do tridente partira-se antes de Davos nascer, mas mesmo assim ainda conseguia impressionar. O que os indígenas lhe chamavam era *Velho Pés-de-Peixe*. A praça tinha o nome de um lorde morto qualquer, mas nunca ninguém lhe chamava outra coisa que não fosse Praça do Pés-de-Peixe.

A praça estava cheia de gente naquela tarde. Uma mulher lavava a roupa de baixo no fontanário do Pés-de-Peixe, e pendurava-a no tridente para secar. Sob os arcos da colunata dos vendedores ambulantes, os escribas e os cambistas tinham-se instalado para o negócio, juntamente com um feiticeiro andante, uma ervanária e um malabarista muito mau. Um homem vendia maçãs que trazia num carrinho de mão e uma mulher oferecia arenques com rodela de cebola. Tropeçava-se em galinhas e crianças por todo o lado. As enormes portas de carvalho e ferro da Velha Casa da Moeda sempre tinham estado fechadas quando Davos estivera na Praça do Pés-de-Peixe, mas hoje encontravam-se abertas. Lá dentro vislumbrou centenas de mulheres, crianças e velhos, aglomerados no chão sobre pilhas de peles. Alguns tinham a arder pequenas fogueiras para cozinhar.

Davos parou sob a colunata e trocou meio dinheiro por uma maçã.

— Há gente a viver na Velha Casa da Moeda? — perguntou ao vendedor.

— Os que não têm outro lugar para viver. A maior parte é plebeus vindos da Faca Branca. Gente dos Hornwood também. Com aquele Bastardo de Bolton à solta, toda a gente quer estar dentro das muralhas. Na sei o que sua senhoria pensa fazer com eles todos. A maioria apareceu só com trapos às costas.

Davos sentiu uma pontada de culpa. *Vieram para cá em busca de refúgio, vieram para uma cidade intocada pelos combates, e aqui apareço eu para os voltar a arrastar para a guerra.* Deu uma dentada na maçã e sentiu-se também culpado por isso.

— Como é que comem?

O vendedor de maçãs encolheu os ombros.

— Uns pedem. Outros roubam. Montes de mocinhas a entrar pró negócio, como as moças fazem sempre quando ãã têm mai' nada pra vender. Qualquer rapaz de metro e meio consegue arranjar lugar nas casernas de sua senhoria, desde que consiga agarrar numa lança.

Então está a recrutar homens. Isso podia ser bom... ou mau, dependia. A maçã era seca e farinhenta, mas Davos obrigou-se a dar outra dentada.

— O Lorde Wyman pretende juntar-se ao Bastardo?

— Bom — disse o vendedor de maçãs — da próxima vez que sua senhoria vier cá abaixo com fome de maçãs, hei de me lembrar de lhe perguntar.

— Ouvi dizer que a filha ia casar com um Frey qualquer.

— A neta. Também ouvi dizer isso, mas sua senhoria esqueceu-se de me convidar pró casamento. Olha, vais acabar com isso? Eu aceito o resto de volta. Essas sementes são boas.

Davos atirou-lhe o caroço. *Uma maçã má, mas ficar a saber que Manderly está a recrutar valeu meio dinheiro.* Deu a volta ao Velho Pés-de-Peixe, passou por onde uma jovem estava a vender chávenas de leite fresco acabado de obter da sua cabra leiteira. Estava a recordar mais da cidade, agora que ali estava. Depois do sítio para onde o tridente do Velho Pés-de-Peixe apontava, ficava uma viela onde se vendia bacalhau frito, estaladiço e dourado por fora e branco e laminoso por dentro. Ali ficava um bordel mais limpo do que a maioria, onde um marinheiro podia desfrutar de uma mulher sem temer ser assaltado ou morto. Do outro lado, numa daquelas casas que se agarravam às muralhas do Covil do Lobo como cracas a um velho casco, costumava ficar uma cervejaria onde faziam uma cerveja preta tão pesada e saborosa que um barril dela podia dar tanto lucro como dourado da Árvore em Bravos e no Porto de Ibben, desde que os indígenas deixassem ao cervejeiro alguma cerveja para vender.

Mas era vinho que ele queria; amargo, escuro e muito mau. Atravessou a praça a passos largos e desceu uma escada que levava a uma taberna chamada Enguia Preguiçosa, por baixo de um armazém cheio de peles de ovelha. Nos seus dias de contrabando, a Enguia fora renomada por oferecer as rameiras mais velhas e o vinho mais nojento de Porto Branco, além de empadões de carne cheios de toucinho e cartilagem que eram incomedíveis nos melhores dias e venenosos nos piores. Com comida daquela, a maior parte dos indígenas evitava o lugar, deixando-o para marinheiros que não conheciam outros melhores. Nunca se via um guarda da cidade na Enguia Preguiçosa, e um funcionário da alfândega também não.

Havia coisas que nunca mudavam. Dentro da Enguia, o tempo não passava. O teto abobadado estava enegrecido de fuligem, o chão era de terra batida, o ar cheirava a fumo, carne estragada e vômito rançoso. As gordas velas de sebo que havia sobre as mesas deitavam mais fumo do que luz, e o vinho que Davos pediu parecia mais castanho do que tinto àquela luz escassa. Quatro rameiras estavam sentadas perto da porta, a beber. Uma deitou-lhe um sorriso

esperançado quando ele entrou. Quando Davos abanou a cabeça, a mulher disse qualquer coisa que fez as companheiras rir. Depois disso, nenhuma delas lhe prestou qualquer atenção.

À parte as rameiras e o proprietário, Davos tinha a Enguia para si. A cave era grande, cheia de recantos e nichos sombrios onde um homem podia ficar sozinho. Levou o vinho para um deles e sentou-se para esperar, com as costas encostadas a uma parede.

Não muito tempo depois deu por si a fitar a lareira. A mulher vermelha conseguia ver o futuro no fogo, mas tudo o que Davos Seaworth via eram as sombras do passado: os navios a arder, a corrente em fogo, as sombras verdes a relampejar na barriga das nuvens, a Fortaleza Vermelha por cima de tudo, melancólica. Davos era um homem simples, que ascendera por sorte, pela guerra e por Stannis. Não compreendia porque os deuses haveriam de levar quatro rapazes tão jovens e fortes como os filhos, mas poupar o seu fatigado pai. Havia noites em que julgava ter sido deixado na terra para salvar Edric Storm... mas, por esta altura, o filho bastardo do Rei Robert estava a salvo nos Degraus, e, no entanto, Davos ainda continuava vivo. *Será que os deuses têm mais alguma tarefa para mim?*, perguntou a si próprio. *Se tiverem, Porto Branco pode ser uma parte dela.* Provou o vinho, e depois despejou metade da taça no chão ao lado do pé.

Quando o ocaso caiu lá fora, os bancos da Enguia começaram a encher-se de marinheiros. Davos gritou ao proprietário, pedindo mais uma taça. Quando o homem lhe trouxe, trouxe também uma vela.

— Queres comida? — perguntou. — Temos empadões de carne.

— Que tipo de carne está lá dentro?

— O tipo do costume. É bom.

As rameiras riram-se.

— O que ele quer dizer é que é cinzenta — disse uma delas.

— Fecha a porra dessa boca. Tu comes.

— Eu como todos os tipos de merdas. Não quer dizer que goste.

Davos apagou a vela assim que o proprietário se afastou e recostou-se nas sombras. Os marinheiros eram os maiores mexeriqueiros do mundo quando o vinho fluía, mesmo vinho tão barato como aquele. Bastar-lhe-ia escutar.

A maior parte do que ouviu já soubera em Vilirmãs, através do Lorde Godric ou dos indígenas da Barriga da Baleia. Tywin Lannister estava morto, chacinado pelo filho anão; o seu cadáver federa tanto que depois ninguém conseguira entrar no Grande Septo de Baelor durante dias; a Senhora do Ninho de Águia fora assassinada por um cantor; quem governava agora o Vale era o Mindinho, mas Bronze Yohn Royce jurara derrubá-lo; Balon Greyjoy também morrera, e os irmãos combatiam pela Cadeira da Pedra do Mar; Sandor Clegane tornara-se fora-da-lei e andava a saquear e a matar nas terras ao longo do Tridente; Myr, Lys e Tyrosh estavam enredados noutra guerra; uma revolta de escravos enfurecia-se a leste.

Outras novas eram mais interessantes. Robett Glover estava na cidade e andara a tentar recrutar homens, com pouco sucesso. O Lorde Manderly virara um ouvido mouco às suas suplicas. Dizia-se que afirmara que Porto Branco estava fatigado de guerra. Isso era mau. Os Ryswell e os Dustin tinham surpreendido os homens de ferro no Rio Febre e passaram os seus dracares pelo archote. Isso era pior. E agora o Bastardo de Bolton estava a cavalgar para sul com Hother Umber para se lhes juntar e desencadear um ataque contra Fosso Cailin.

— O Terror das Rameiras em pessoa — afirmou um homem do rio que acabara de trazer uma carga de peles e madeira pelo Faca Branca abaixo — com trezentos lanceiros e cem arqueiros. Alguns homens de Hornwood juntaram-se-lhes, e também homens dos Cerwyn. — Isso era o pior de tudo.

— É melhor que o Lorde Wyman mande alguns homens para combater se sabe o que é bom para ele — disse o velhote na ponta da mesa. — O Lorde Roose é agora o Protetor. Porto Branco está obrigado pela honra a responder às suas convocatórias.

— Que soube alguma vez algum Bolton sobre honra? — disse o proprietário da Enguia, enquanto lhes enchia as taças com mais vinho castanho.

— O Lorde Wyman não vai a sítio nenhum. É gordo demais.

— Ouvi dizer que está doente. Não faz nada a não ser dormir e chorar, dizem. Tá doente demais pra sair da cama quase todos os dias.

— *Gordo* demais, queres tu dizer.

— Gordo ou magro na tem nada a ver com a coisa — disse o proprietário da Enguia. — Os leões têm o filho dele.

Ninguém falou do Rei Stannis. Ninguém sequer parecia saber que Sua Graça viera para norte ajudar a defender a Muralha. Em Atalaiaeste só se falava de selvagens, criaturas e gigantes, mas ali ninguém parecia dedicar-lhes sequer um pensamento.

Davos inclinou-se para a luz.

— Julgava que os Frey lhe tinham morto o filho. Foi o que ouvimos dizer em Vilirmãs.

— Mataram Sor Wendel — disse o proprietário. — Os ossos dele repousam no Septo Nevado com velas a toda a volta, se quiseses ir dar uma olhadela. Mas o Sor Wylis ainda é cativo.

Cada vez pior. Davos soubera que o Lorde Wynian tivera dois filhos, mas julgara que ambos estivessem mortos. *Se o Trono de Ferro tem um refém...* O próprio Davos fora pai de sete filhos, e perdera quatro na Água Negra. Sabia que faria qualquer coisa que os deuses ou os homens lhe exigissem para proteger os outros três. Steffon e Stannis estavam a milhares de léguas dos combates e em segurança, mas Devan estava em Castelo Negro, era um escudeiro do rei. *O rei cuja causa pode erguer-se ou cair com Porto Branco.*

Os que bebiam com ele estavam agora a conversar sobre dragões.

— És doido varrido — disse um remador da *Dançarina da Tempestade*. — O Rei pedinte está morto há anos. Um qualquer senhor dos cavalos dothraki cortou-lhe a cabeça.

— É o que nos dizem — disse o velho. — Mas se calhar estão a mentir. Ele morreu a meio mundo de distância, se é que morreu mesmo. Quem saberá? Se um rei me quisesse morto, podia ser que eu lhe fizesse a vontade e fingisse ser cadáver. Nunca nenhum de nós viu o corpo dele.

— Eu nunca vi o cadáver do Joffrey, nem o de Robert — rosnou o proprietário da Enguia. — Se calhar tairíem estão vivos. Se calhar o Baelor, o Abençoado, tem só estado a dormir uma soneca durante todos estes anos.

O velho fez uma careta.

— O Príncipe Viserys não era o único dragão, pois não? Temos a certeza de que mataram o filho do Príncipe Rhaegar? Era um bebê.

— Não havia também uma princesa qualquer? — perguntou uma rameira. Era a mesma que dissera que a carne era cinzenta.

— Duas — disse o velho. — Uma era filha de Rhaegar, a outra irmã dele.

— Daena — disse o homem do tio. — A irmã. Daena de Pedra do Dragão. Ou seria Daera?

— Daena era a mulher do velho Rei Baelor — disse o remador. — Eu em tempos remei num navio batizado em honra dela. O *Princesa Daena*.

— Se era mulher de um rei, era uma rainha.

— O Baelor nunca teve uma rainha. Era santo.

— Na quer dizer que nunca se tenha casado com a irmã — disse a rameira. — Nunca dormiu com ela, mai' nada. Quando o fizeram rei, trancou-a numa torre. E às outras irmãs também. Havia três.

— Daenela — disse ruidosamente o proprietário. — O nome dela era esse. Da filha do Rei Louco, hã?, não do raio da mulher do Baelor.

— *Daenerys* — disse Davos. — Foi batizada em honra da Daenerys que casou com o Príncipe de Dorne durante o reinado de Daeron Segundo. Não sei o que foi feito dela.

— Eu sei — disse o homem que começara com a conversa dos dragões, um remador bravosiano com uma escura brigantina de lã. — Quando estivemos lá em baixo, em Pentos, ancorámos ao lado de um navio mercante chamado *Donzela de Olhos Amendoados*, e andei a beber com o criado do capitão. Ele contou-me uma bela história sobre uma miudinha franzina que tinha vindo a bordo em Qarth, para tentar arranjar passagem para Westeros para si e para três dragões. Tinha cabelo prateado e olhos púrpura. "Fui eu próprio a levá-la ao capitão," jurou-me este criado, "mas ele não quis saber daquilo. Há mais lucro em cravinho e açafraão, diz-me ele, e as especiarias não te dão fogo às velas."

Gargalhadas varreram a cave. Davos não se lhes juntou. Sabia o que acontecera à *Donzela de Olhos Amendoados*. Os deuses eram cruéis por permitirem que um homem velejasse por meio mundo e depois o levarem a perseguir uma falsa luz quando estava quase em casa. *Aquele capitão era um homem mais corajoso do que eu*, pensou, enquanto se dirigia à porta. Uma viagem

ao oriente, e um homem podia viver rico como um lorde até ao fim dos seus dias. Quando fora mais jovem, Davos sonhara em fazer tais viagens, mas os anos passaram a dançar como traças em volta de uma chama, e de algum modo a altura nunca parecera certa. *Um dia*, disse a si próprio. *Um dia, depois de a guerra terminar e o Rei Stannis estar sentado no Trono de Ferro e não ter mais necessidade de cavaleiros das cebolas. Levarei Devan comigo. O Steffe o Stanny também, se tiverem idade para isso. Veremos esses dragões, e todas as maravilhas do mundo.*

Lá fora, o vento soprava em rajadas, fazendo as chamas tremer nas candeias que iluminavam a praça. Ficara frio desde que o Sol se pusera, mas Davos lembrava-se de Atalaialeste, e de como o vento vinha aos gritos da Muralha à noite, trespassando até o manto mais quente para congelar o sangue de um homem nas veias. Porto Branco era um banho quente por comparação.

Havia outros lugares onde podia encher as orelhas; uma estalagem famosa pelos seus empadões de lampreia, a cervejaria onde os fatores de lã e os homens da alfândega costumavam beber, uma sala de saltimbancos onde se podia obter divertimentos devassos por alguns dinheiros. Mas Davos sentia que já ouvira o suficiente. *Cheguei tarde demais.* Um velho instinto fê-lo levar a mão ao peito, onde em tempos guardara os ossos dos seus dedos num pequeno saco pendurado de um fio de couro. Nada aí se encontrava. Perdera a sorte nos incêndios da Água Negra, quando perdera o navio e os filhos.

O que devo fazer agora? Aconchegou-se melhor à capa. *Subo a colina e apresento-me aos portões do Castelo Novo, para Jazer uma súplica fútil? Regresso a Vilirmãs? Volto para junto de Marya e dos rapazes? Compro um cavalo e cavalgo pela estrada de rei, para dizer a Stannis que não tem amigos em Porto Branco e também não tem esperança?*

A Rainha Selyse dera um banquete a Salla e aos seus capitães, na véspera da frota zarpar. Cotter Pyke juntara-se-lhes, bem como quatro outros oficiais superiores da Patrulha da Noite. A Princesa Shireen também fora autorizada a estar presente. Enquanto o salmão era servido, Sor Axell Florent divertira a mesa com a história de um principelho Targaryen que tinha um macaco como animal de estimação. Este príncipe gostava de vestir a criatura com a roupa do seu filho morto e fingir que ela era uma criança, segundo afirmara Sor Axell, e de vez em quando propunha casamentos para ela. Os senhores assim honrados declinavam sempre educadamente, mas claro que declinavam.

— Mesmo vestido de seda e veludo, um macaco continua a ser um macaco — dissera Sor Axell. — Um príncipe mais sensato teria sabido que não se podia mandar um macaco fazer um trabalho de homem. — Os homens da rainha tinham-se rido, e vários dirigiram sorrisos a Davos. *Não sou macaco nenhum*, pensou. *Sou tanto um senhor como vós, e um homem melhor.* Mas a recordação ainda o magoava.

O Portão das Focas fora encerrado para a noite. Davos não poderia regressar à *Alegre Parteira* até à alvorada. Estava ali para passar a noite. Olhou para o Velho Pés-de-Peixe com o seu

tridente quebrado. *Atravessei chuvas, naufrágios e tempestades. Não regressarei sem fazer o que vim fazer, por mais inútil que isso possa parecer.* Podia ter perdido os dedos e a sorte, mas não era nenhum macaco vestido de veludo. Era a Mão de um rei.

A Escada do Castelo era uma rua com degraus, uma larga via de pedra branca que levava do Covil do Lobo, ao rés da água, ao Castelo Novo na sua colina. Tritões de mármore iluminavam o caminho enquanto Davos subia, com tigelas de óleo de baleia a arder aninhadas nos braços. Quando chegou ao topo, virou-se para olhar para trás. Dali conseguia olhar para baixo, para os portos. Ambos. Por trás da muralha do molhe, o porto interior estava repleto de galés de guerra. Davos contou vinte e três. O Lorde Wyman era um homem gordo, mas não um homem ocioso, aparentemente.

Os portões do Castelo Novo tinham sido fechados, mas uma porterna abriu-se quando ele gritou, e um guarda apareceu para lhe perguntar o que queria. Davos mostrou-lhe a fita preta e dourada que ostentava os selos reais.

— Preciso de falar imediatamente com o Lorde Manderly — disse. — O que quero é com ele e só com ele.

DAENERYS

Os dançarinos tremeluziam, com os lustrosos corpos rapados cobertos por uma fina película de óleo. Archotes a arder rodopiavam de mão em mão ao ritmo de tambores e dos trinados de uma flauta. Sempre que dois archotes se cruzavam no ar, uma rapariga nua saltava entre eles, em cambalhota. A luz dos archotes refletia-se em membros, seios e nádegas oleados.

Os três homens estavam eretos. A visão da sua excitação era excitante, embora Daenerys Targaryen também a achasse cómica. Os homens eram todos da mesma altura, com longas pernas e barrigas lisas, com todos os músculos tão nitidamente esculpidos como se tivessem sido cinzelados em pedra. Até as suas caras pareciam iguais, de algum modo... o que era mais do que estranho, uma vez que um tinha uma pele escura como ébano, enquanto o segundo era branco como leite e o terceiro reluzia como cobre polido.

Destinar-se-ão eles a excitar-me? Dany mexeu-se entre as almofadas de seda. Os seus Imaculados erguiam-se frente aos pilares como estátuas com capacetes de espigão, sem

expressão nas caras lisas. Com os homens completos não acontecia o mesmo. A boca de Reznak mo Reznak estava aberta, e os seus lábios reluziam de humidade enquanto observava. Hizdahrzo Loraq estava a dizer qualquer coisa ao homem que se encontrava a seu lado, mas os olhos não abandonavam nem por um momento as dançarinas. A feia cara oleosa do Tolarrapada estava tão severa como sempre, mas nada lhe escapava.

Era mais difícil de saber com que sonhava o seu convidado de honra. O homem pálido, esguio e de cara de falcão que partilhava a sua mesa elevada resplandecia em vestes de seda castanha e de pano de ouro, com a cabeça calva a brilhar à luz dos archotes enquanto devorava um figo com dentadas pequenas, precisas e elegantes. Opalas piscavam ao longo do nariz de Xaro Xhoan Daxos quando a sua cabeça se virava para seguir os dançarinos.

Em sua honra, Daenerys envergara um vestido qarteno, uma confeção simples de samito violeta cortada por forma a deixar-lhe o seio esquerdo nu. O cabelo louro prateado roçava-lhe levemente no ombro, caindo quase até ao mamilo. Metade dos homens presentes no salão roubara-lhe olhares, mas Xaro não. *Foi a mesma coisa em Qarth.* Não podia influenciar o príncipe mercador daquela forma. *Mas tenho de o influenciar.* Ele viera de Qarth no galeão *Nuvem Sedosa* com trinta galés a acompanhá-lo, constituindo a sua frota a resposta a uma prece. O comércio de Meereen reduzira-se a nada desde que Dany pusera fim à escravatura, mas Xaro tinha o poder de o restaurar.

Quando os tambores se lançaram num crescendo, três das raparigas saltaram por cima das chamas, girando no ar. Os dançarinos agarraram-nas pelas cinturas, e fizeram-nas descer sobre os membros. Dany observou enquanto as mulheres arqueavam as costas e envolviam os parceiros com as pernas e as flautas choravam e os homens empurravam em compasso com a música. Já antes vira o ato do amor; os Dothraki acasalavam tão abertamente como as suas éguas e garanhões. Mas aquela era a primeira vez que vira a luxúria posta em música.

Sentia a cara tépida. O *vinho*, disse a si própria. Mas de algum modo deu por si a pensar em Daario Naharis. O mensageiro dele chegara naquela manhã. Os Corvos Tormentosos estavam de regresso de Lhazar. O seu capitão regressava para junto de si, trazendo-lhe a amizade dos Homens Ovelha. *Comida e comércio*, fez lembrar a si própria. *Ele não me falhou, nem falhará.* *Daario ajudar-me-á a salvar a minha cidade.* A rainha ansiava por ver a cara dele, por afagar-lhe a barba de três pontas, por lhe contar os seus problemas... mas os Corvos Tormentosos estavam ainda a muitos dias de distância, para lá do Passo de Khyzai, e ela tinha um reino para governar.

Pairava fumo entre os pilares púrpura. Os dançarinos ajoelharam, de cabeças baixas.

— Fostes magníficos — disse-lhes Dany. — Raramente vi tanta elegância, tanta beleza. — Chamou com um gesto Reznak mo Reznak, e o senescal correu para junto de si. Gotículas de suor cobriam-lhe a cabeça calva e enrugada. — Levai os nossos convidados aos banhos, para poderem refrescar-se, e levai-lhes comida e bebida.

— Será uma grande honra para mim, Magnificência.

Daenerys ergueu a taça para Irri a voltar a encher. O vinho era doce e forte, fragrante com o odor das especiarias orientais, muito superior aos aguados vinhos ghiscariotas que lhe tinham enchido a taça nos últimos tempos. Xaro examinou cuidadosamente os frutos na bandeja que Jhiqui lhe ofereceu e escolheu um dióspiro. A pele cor de laranja do fruto combinava com a cor do coral que Xaro tinha no nariz. Deu uma dentada e espetou os lábios.

— Ácido.

— O senhor preferiria algo mais doce?

— A doçura enjoa. Fruta ácida e mulheres ácidas dão à vida o seu sabor. — Xaro deu outra dentada, mastigou, engoliu. — Daenerys, querida rainha, não sou capaz de vos transmitir o prazer que me dá deliciar-me outra vez com a vossa presença. Uma criança partiu de Qarth, tão perdida como adorável. Temi que estivesse a viajar para a perdição, mas aqui a encontro entronizada, senhora de uma cidade antiga, rodeada por uma hoste poderosa que reuniu a partir de sonhos.

Não, pensou ela, a partir de sangue efogo.

— Estou contente por terdes vindo ter comigo. É bom voltar a ver a vossa cara, meu amigo.

— Não vou confiar em ti, mas preciso de ti. Preciso dos teus Treze, preciso dos teus navios, preciso do teu comércio.

Durante séculos, iMeereen e as cidades irmãs Yunkai e Astapor tinham sido as charneiras do comércio de escravos, o lugar onde os *kha's* dothraki e os corsários das Ilhas Basilisco vendiam os cativos e o resto do mundo vinha comprar. Sem escravos, Meereen tinha pouco a oferecer aos mercadores. Havia fartura de cobre nos montes ghiscariotas, mas o metal não era tão valioso como fora quando o bronze dominava o mundo. Os cedros que tinham em tempos crescido altaneiros ao longo da costa já não cresciam, abatidos pelos machados do Velho Império ou consumidos por fogo de dragão quando Ghis fizera a guerra contra Valíria. Depois de as árvores desaparecerem, o solo cozera sob o sol quente e fora soprado para longe em densas nuvens vermelhas.

— Foram essas calamidades que transformaram o meu povo em negociantes de escravos — dissera-lhe Galazza Galare, no Templo das Graças. *E eu sou a calamidade que voltará a transformar os escravagistas em gente*, jurara Dany a si própria.

— Tinha de vir — disse Xaro numa voz lânguida. — Mesmo lá longe, em Qarth, chegaram-me aos ouvidos histórias temíveis. Chorei quando as ouvi. Diz-se que os vossos inimigos prometeram riquezas e glória e cem escravas virgens a qualquer homem que vos mate.

— Os Filhos da Harpia. — *Como sabe ele disto?* — escrevinham nas paredes à noite, e cortam as gargantas de honestos libertos enquanto dormem. Quando o Sol se levanta, escondem-se como baratas. Temem as minhas Feras de Bronze. — Skahaz mo Kandaq dera-lhe a nova patrulha que pedira, composta em números iguais por libertos e meereeneses tolarrapadas. Percorriam as ruas tanto de dia como de noite, com capuzes escuros e máscaras de bronze. Os Filhos da Harpia tinham prometido uma morte macabra a qualquer traidor que se atrevesse a servir a rainha dos dragões e também aos seus amigos e parentes, portanto, os homens do Tolarrapada

andavam pela cidade como chacais, corujas e outros animais, mantendo ocultas as verdadeiras caras. — Podia ter motivo para temer os Filhos se me vissem a passear sozinha pelas ruas, mas só se fosse de noite e eu estivesse nua e desarmada. São criaturas covardes.

— A faca de um covarde consegue matar uma rainha tão facilmente como a de um herói. Eu dormiria melhor se soubesse que a delícia do meu coração tinha mantido os seus ferozes senhores dos cavalos bem perto à sua volta. Em Qarth tínheis três companheiros de sangue que nunca saíam de junto de vós. Para onde foram?

— Aggo, Jhoqo e Rakharo ainda me servem. — *Está a jogar joguinhos comigo.* Dany também podia jogar. — Eu sou só uma rapariguinha e pouco sei dessas coisas, mas homens mais velhos e mais sábios dizem-me que para conservar Meereen tenho de controlar o seu interior, toda a terra a oeste de Lhazar para sul até aos montes de Yunkai.

— As vossas terras do interior não são preciosas para mim. A vossa pessoa sim. Se algum mal vos acontecer, este mundo perderá o seu sabor.

— O senhor é bom por se importar tanto comigo, mas estou bem protegida. — Dany indicou com um gesto o local onde Barristan Selmy estava com uma mão pousada no cabo da sua espada. — Chamam-lhe Barristan, o Ousado. Já por duas vezes me salvou de assassinos.

Xaro dedicou a Selmy uma inspeção apressada.

— Barristan, o Usado, dissestes? O vosso cavaleiro do urso era mais novo e era-vos dedicado.

— Não desejo falar de Jorah Mormont.

— Com certeza. O homem era rude e peludo. — O príncipe mercador debruçou-se sobre a mesa. — Falemos antes de amor, de sonhos, desejo e Daenerys, a mais bela mulher deste mundo. Estou bêbado de vos ver.

Dany não desconhecia as cortesias empoladas de Qarth.

— Se estais bêbado, culpai o vinho.

— Não há vinho que suba à cabeça como a vossa beleza, nem de longe. A minha mansão tem parecido tão vazia como uma tumba desde que Daenerys partiu, e todos os prazeres da Rainha das Cidades foram como cinzas na minha boca. Porque me abandonastes?

Fui corrida da tua cidade a temer pela vida.

— Estava na altura. Qarth desejava-me longe.

— Quem? Os Puronatos? Eles têm água nas veias. Os mercadores de especiarias? Têm coalhada entre as orelhas. E os Imorredouros estão todos mortos. Devíeis ter-me aceitado como marido. Tenho quase a certeza de vos ter pedido a mão. Suplicado, até.

— Só meia centena de vezes — provocou Dany. — Desististes com demasiada facilidade, senhor. Porque eu *tenho* de casar, toda a gente concorda.

— Uma *khaleesi* tem de ter um *khal* — disse Irri enquanto voltava a encher a taça da rainha. — É sabido.

— Devo voltar a pedir? — perguntou Xaro. — Não, conheço esse sorriso. A rainha que joga com os corações dos homens é uma rainha cruel.

Humildes mercadores como eu não passam de pedras sob as vossas sandálias cravejadas de jóias. — Uma lágrima isolada correu-lhe lentamente pela cara branca.

Dany conhecia-o bem demais para ícar comovida. Os homens qartenos conseguiam chorar sempre que quisessem.

— Oh, parai com isso. — Tirou uma cereja da tigela que estava em cima da mesa e atirou-lha ao nariz. — Eu posso ser uma rapariguinha, mas não sou suficientemente tola para casar com um homem que acha uma bandeja de fruta mais tentadora do que o meu seio. Eu vi quais dos dançarinos estáveis a observar.

Xaro limpou a lágrima.

— Os mesmos que Vossa Graça estava a seguir, julgo eu. Vedes, somos parecidos. Se não quereis tomar-me como marido, contento-me por ser vosso escravo.

— Não quero escravos. Liberto-vos. — O nariz cravejado de jóias do homem constituía um alvo tentador. Daquela vez, Dany atirou-lhe um alperce.

Xaro apanhou-o no ar e deu uma dentada.

— De onde veio esta loucura? Deverei achar-me afortunado por não terdes libertado os meus escravos quando fostes minha hóspede em Qarth?

Eu era uma rainha pedinte e tu eras Xaro dos Treze, pensou Dany e *tudo o que querias era os meus dragões*.

— Os vossos escravos pareciam bem tratados e satisfeitos. Foi só em Astapor que os olhos se me abriram. Sabeis como os Imaculados são feitos e treinados?

— Cruelmente, não duvido. Quando um ferreiro faz uma espada, enfia a lâmina no fogo, bate-lhe com um martelo e depois mergulha-a em água gelada para temperar o aço. Se quereis saborear o doce sabor da fruta, tendes de irrigar a árvore.

— Esta árvore foi irrigada com sangue.

— E de que outra forma se criaria um soldado? Vossa Radiância apreciou os meus dançarinos. Surpreender-vos-ia saber que são escravos, criados e treinados em Yunkai? Dançam desde que tiveram idade suficiente para caminhar. De que outra forma seria possível atingir tal *perfeição*? — bebeu um gole de vinho. — E também são especialistas em todas as artes eróticas. Tinha pensado em presentear Vossa Graça com eles.

— Com certeza. — Dany não se sentia surpreendida. — Eu libertá-los-ei.

Aquilo fê-lo estremecer.

— E que farão eles com a liberdade? É o mesmo que dar a um peixe um camisa de cota de malha. Eles foram feitos para dançar.

— Feitos por quem? Pelos seus donos? Os vossos dançarinos talvez preferissem construir, cozinhar ou cultivar a terra. Perguntaste-lhes?

— Os vossos elefantes talvez preferissem ser rouxinóis. Em vez de doces canções, as noites de Meereen estariam cheias com trovejantes bramidos, e as vossas árvores estilhaçar-se-iam sob o peso de grandes pássaros cinzentos. — Xaro suspirou. — Daenerys, minha delícia, sob esse doce e jovem seio bate um coração gentil... mas aceitai o conselho de uma cabeça mais velha e mais sensata. As coisas nem sempre são o que parecem. Muito do que pode parecer mau pode ser bom. Pensai na chuva.

— A chuva? — *Será que ele me toma por uma tola, ou só por uma criança?*

— Nós amaldiçoamos a chuva quando nos cai na cabeça, mas sem ela passaríamos fome. O mundo *precisa* de chuva... e de escravos. Fizestes uma careta, mas é verdade. Pensai em Qarth. Em arte, música, magia, comércio, tudo o que faz de nós mais do que animais, Qarth está acima do resto da humanidade tal como vós estais no cume desta pirâmide... mas em baixo, em lugar de tijolos, a magnificência que é a Rainha das Cidades repousa nos dorsos de *escravos*. Perguntai a vós própria, se todos os homens tivessem de fossar na terra para obter comida, como ergueria fosse quem fosse os olhos para contemplar as estrelas? Se cada um de nós tiver de quebrar as costas para construir uma cabana, quem erguerá os templos para glorificar os deuses? Para que alguns homens sejam grandes, outros têm de ser escravizados.

O homem era demasiado eloquente para ela. Dany não tinha resposta para lhe dar, só uma crua sensação na barriga.

— A escravatura não é igual à chuva — insistiu. — Já apanhei com chuva em cima, e já fui vendida. *Não é a mesma coisa*. Nenhum homem deseja ser *possuído*.

Xaro encolheu langorosamente os ombros.

— Acontece que quando desembarquei na vossa adorável cidade, calhou-me ver na margem do rio um homem que tinha sido um dia hóspede na minha mansão, um mercador que negociava com especiarias raras e vinhos de primeira. Estava nu da cintura para cima, vermelho e a pelar, e parecia estar a cavar um buraco.

— Um buraco, não. Uma vala, para trazer água do rio para os campos. Tencionamos plantar feijões. Os campos de feijões têm de ter água.

— Que bondade a do meu velho amigo por vos ajudar na escavação. E tão estranho nele. Será possível que não lhe tenha sido dada alternativa? Não, certamente que não. Vós não tendes escravos em Meereen.

Dany corou.

— O vosso amigo está a ser pago com comida e abrigo. Não lhe posso devolver a riqueza. Meereen precisa mais de feijões do que de especiarias raras, e os feijões precisam de água.

— Poríeis também os meus dançarinos a cavar valas? Querida rainha, quando me viu, o meu velho amigo caiu de joelhos e suplicou-me que o comprasse como escravo e o levasse para Qarth.

Dany sentiu-se como se Xaro a tivesse esbofeteado.

— Então comprei-o.

— Se vos agradar. Sei que a *e/e* agradaria. — Pousou a mão no braço dela. — Há verdades que só um amigo vos poderia dizer. Ajudei-vos quando chegastes a Qarth como pedinte, e cruzei longas léguas e mares tempestuosos para vos ajudar uma vez mais. Haverá aqui algum lugar em que possamos falar francamente?

Dany sentia o calor dos dedos dele. *Ele em Qarth também era quente*, recordou, *até ao dia em que deixou de ter utilidade para mim*. Pôs-se em pé.

— Vinde — disse, e Xaro seguiu-a por entre os pilares até à larga escada de mármore que levava aos seus aposentos privados no cimo da pirâmide.

— Oh, mais bela das mulheres — disse Xaro quando começaram a subir — há passos atrás de nós. Somos seguidos.

— O meu velho cavaleiro não vos assusta, decerto? Sor Barristan jurou guardar os meus segredos.

Levou-o para o terraço que dava para a cidade. Uma Lua cheia nadava no céu negro por cima de Meereen.

— Passeamos? — Dany deu-lhe o braço. O ar estava pesado com o odor de flores noturnas. — Falastes de ajuda. Então negociai comigo. Meereen tem sal para vender, e vinho...

— Vinho ghiscariota? — Xaro fez uma careta. — O mar dá todo o sal de que Qarth precisa, mas de bom grado levaria todas as azeitonas que quisésseis vender-me. E azeite também.

— Não tenho nada disso para oferecer. Os escravagistas queimaram as árvores. — Existira cultivo de azeitona ao longo das costas da Baía dos Escravos durante séculos, mas os meereeneses tinham passado os seus antigos pomares pelo archote quando a hoste de Dany avançava contra eles, fazendo-a atravessar um deserto enegrecido. — Estamos a replantar, mas são precisos sete anos para unia oliveira começar a dar fruto e trinta até que possa realmente considerar-se produtiva. Então e cobre?

— Um metal bonito, mas volúvel como uma mulher. Ouro, por outro lado... o ouro é *sincero*. Qarth dar-vos-á ouro de bom grado... em troca de escravos.

— Meereen é uma cidade livre, de homens livres.

— Uma cidade pobre que, em tempos, foi rica. Uma cidade faminta que, em tempos, foi gorda. Uma cidade sangrenta que, em tempos, foi pacífica.

As acusações dele feriam. Havia nelas demasiada verdade.

— Meereen voltará a ser rica, gorda e pacífica, e também livre. Ide ter com os dothraki, se tendes de ter escravos.

— Os dothraki fazem escravos, os ghiscariotas treinam-nos. E para chegarem a Qarth, os senhores dos cavalos têm de conduzir os seus cativos pelo deserto vermelho. Centenas morreriam, talvez até milhares... e muitos cavalos também, motivo pelo qual nenhum *khal* arriscaria

a travessia. E há o seguinte: Qarth não quer *khalasares* a ferver à volta das nossas muralhas. O fedor de todos aqueles cavalos... sem ofensa, *khaleesi*.

— Um cavalo tem um cheiro honesto. Isso é mais do que pode ser dito de certos grandes senhores e príncipes mercadores.

Xaro não pareceu reparar no aparte.

— Daenerys, deixai-me ser honesto convosco, como é próprio de um amigo. Vós *não* ireis fazer Meereen rica, gorda e pacífica. Só a levareis à destruição, como fizestes com Astapor. Estais consciente de que se travou batalha nos Cornos de Hazzat? O Rei Carniceiro fugiu de volta para o seu palácio, com os novos Imaculados a fugir logo atrás.

— Isso é sabido. — Ben Castanho Plumm enviara a notícia da batalha. — Os yunkaitas contrataram novos mercenários, e duas legiões de Nova Ghis lutaram a seu lado.

— Duas depressa se tornarão quatro, e depois dez. E foram mandados emissários yunkaitas a Myr e a Volantis para contratar mais espadas. A Companhia do Gato, as Longas Lanças, os Aventados. Há quem diga que os Sábios Mestres também contrataram a Companhia Dourada.

O irmão Viserys oferecera um dia um banquete aos capitães da Companhia Dourada, na esperança de se juntaram à sua causa. *Comeram a comida dele, ouviram os seus apelos e riram-se dele*. Dany fora apenas uma rapariguinha, mas lembrava-se.

— Eu também tenho mercenários.

— Duas companhias. Os yunkaitas mandarão vinte contra vós, se for necessário. E quando se puserem em marcha não marcharão sozinhos. Tolos e Mantarys concordaram com uma aliança.

Aquilo era uma má notícia, se fosse verdadeira. Daenerys enviara missões a Tolos e Mantarys, esperando encontrar novos amigos a oeste para contrabalançar a inimizade de Yunkai a sul. Os emissários não tinham regressado.

— Meereen fez aliança com Lhazar.

Aquilo limitou-se a causar um risinho a Xaro.

— Os senhores dos cavalos chamam aos lhazarenos Homens Ovelha. Quando são tosquiados limitam-se a balir. Não são um povo marcial.

Até um amigo ovino é melhor do que nenhum.

— Os Sábios Mestres deviam seguir-lhes o exemplo. Poupei Yunkai uma vez, mas não voltarei a cometer esse erro. Se se atreverem a atacar-me, desta vez arrasarei a Cidade Amarela.

— E enquanto estiverdes a arrasar Yunkai, minha querida, Meereen revoltar-se-á atrás de vós. Não fecheis os olhos ao perigo em que vos encontrais, Daenerys. Os vossos eunucos são bons soldados, mas são poucos demais para igualar as hostes que Yunkai mandará contra vós, depois de Astapor cair.

— *Os meus libertos...* — *começou Dany.*

— Escravos de cama, barbeiros e fabricantes de tijolos não vencem batalhas.

Nisso, enganava-se, esperava ela. Os libertos tinham sido em tempos uma população, mas organizara em companhias os homens em idade de lutar e ordenara ao Verme Cinzento para os transformar em soldados. *Ele que pense o que quiser.*

— Esqueceste-vos? Eu tenho *dragões*.

— Ah tendes? Em Qarth raramente éreis vista sem um dragão ao ombro... mas agora observo que esse bem torneado ombro está tão belo e nu como o vosso adorável seio.

— Os meus dragões cresceram, os meus ombros não. Eles andam longe, pelo interior, à caça. — *Hazzea, perdoa-me.* Perguntou a si própria o que saberia Xaro, que murmúrios teria ouvido. — Perguntai pelos meus dragões aos Bons Mestres de Astapor, se duvidais da sua existência. — *Vi os olhos de um escravagista derreter e escorrer-lhe pela cara abaixo.* — Dizei-me a verdade, velho amigo, porque me procurastes se não foi para negociar?

— Para trazer um presente para a rainha do meu coração.

— Continuai. — *Que armadilha é esta agora?*

— O presente que me suplicastes em Qarth. Navios. Há treze galés na baía. Vossas, se as aceitardes. Trouxe-vos uma frota para vos levar para casa, para Westeros.

Uma frota. Era mais do que podia ter esperado, o que a deixou prudente. Em Qarth, Xaro oferecera-lhe trinta navios... por um dragão.

— E que preço pedis por esses navios?

— Nenhum. Já não anseio por dragões. Vi o trabalho deles em Astapor a caminho de cá, quando a minha *Nuvem Sedosa* aportou para embarcar água. Os navios são vossos, querida rainha. Treze galés, e homens para puxar os remos.

Treze. Com certeza. Xaro era um dos Treze. Sem dúvida que teria convencido cada um dos outros membros a abrir mão de um navio. Conhecia o príncipe mercador bem demais para pensar que sacrificaria treze dos *seus próprios* navios.

— Tenho de refletir sobre isso. Posso inspecionar esses navios?

— Tornaste-vos desconfiada, Daenerys.

Sempre.

— Tornei-me sensata, Xaro.

— Inspeccionai tudo o que desejardes. Quando ficardes satisfeita, jurai-me que regressareis imediatamente a Westeros e os navios são vossos. Jurai pelos vossos dragões e o vosso deus de sete caras e as cinzas dos vossos pais, e *ide*.

— E se eu decidir esperar um ano ou dois?

Uma expressão lúgubre atravessou a cara de Xaro.

— Isso deixar-me-ia muito triste, minha doce delícia... pois por mais jovem e forte que pareçais agora, não vivereis tanto tempo. Aqui não.

Ele oferece o favo de mel com uma mão e mostra-me o chicote com a outra.

— Os yunkaitas não são assim tão temíveis.

— Nem todos os vossos inimigos estão na Cidade Amarela. Tende cuidado com homens de corações frios e lábios azuis. Ainda não tínheis partido de Qarth há uma quinzena quando Pyat Pree partiu com três dos seus colegas feiticeiros, para vos procurar em Pentos.

Dany ficou mais divertida do que temerosa.

— Então é bom que me tenha afastado do meu rumo. Pentos fica a meio mundo de distância de Meereen.

— É verdade — concedeu ele — mas mais tarde ou mais cedo terão de chegar-lhes notícias sobre a rainha dos dragões da Baía dos Escravos.

— Isso destina-se a assustar-me? Vivi em medo durante catorze anos, senhor. Acordava com medo todas as manhãs e ia dormir com medo todas as noites... mas os meus medos desapareceram, incendiados, no dia em que saí da fogueira. Agora só uma coisa me assusta.

— E o que é que temeis, querida rainha?

— Eu sou só uma rapariguinha tola. — Dany pôs-se em bicos de pés e beijou-o na cara. — Mas não suficientemente tola para vos dizer isso. Os meus homens examinarão esses navios. Depois tereis a minha resposta.

— Como quiserdes. — Tocou-lhe levemente o seio descoberto, e sussurrou: — Deixai-me ficar e ajudar a persuadir-vos.

Por um momento, sentiu-se tentada. Afinal era possível que os dançarinos tivessem mexido com ela. *Podia fechar os olhos e fingir que ele é*

Daario. Um Daario de sonho seria mais seguro do que o verdadeiro. Mas afastou a ideia.

— Não, senhor. Agradeço-vos, mas não. — Dany escorregou para fora dos braços dele. — Talvez noutra noite qualquer.

— Noutra noite qualquer. — A boca dele estava triste, mas os olhos pareciam mais aliviados do que desapontados.

Se eu fosse um dragão podia voar para Westeros, pensou depois de ele se ir embora. *Não teria necessidade de Xaro nem dos seus navios*. Dany perguntou a si própria quantos homens treze galés poderiam transportar. Tinham sido necessárias três para a levar ao seu *khalasar* de Qarth para Astapor, mas isso fora antes de adquirir oito mil Imaculados, mil mercenários e uma vasta horda de libertos. *E os dragões, o que vou eu fazer com eles?*

— Drogon — sussurrou suavemente — onde estás? — por um momento quase conseguiu vê-lo a passar pelo céu, com as asas negras a engolir as estrelas.

Virou costas à noite, dirigindo-se para o local onde Barristan Selmy estava em silêncio nas sombras.

— O meu irmão contou-me uma vez uma adivinha de Westeros. Quem escuta tudo mas não ouve nada?

— Um cavaleiro da Guarda Real. — A voz de Selmy soou solene.

— Ouvistes Xaro fazer a sua oferta?

— Ouvi, Vossa Graça. — O velho cavaleiro esforçava-se ao máximo para não olhar para o seu seio nu enquanto falava com ela.

Sor Jorah não afastaria o olhar. Ele amava-me como mulher; enquanto Sor Barristan me ama só como sua rainha. Mormont fora um informador, prestando relatórios aos seus inimigos em Westeros, mas também lhe dera bons conselhos.

— O que pensais dela? E dele?

— Dele menos que pouco. Mas aqueles navios... Vossa Graça, com aqueles navios podíamos estar em casa antes de o ano chegar ao fim.

Dany nunca conhecera uma casa. Em Bravos houvera uma casa com uma porta vermelha, mas nunca passara disso.

— Cuidado com Qartenos que trazem presentes, especialmente mercadores dos Treze. Há aqui alguma armadilha. Os navios talvez estejam apodrecidos, ou...

— Se fossem tão incapazes de aguentar o mar, não poderiam ter feito a travessia desde Qarth — fez notar Sor Barristan — mas Vossa Graça foi sensata em ter insistido na inspeção. Levarei o Almirante Groleo às galés, à primeira luz da aurora, com os seus capitães e uma vintena dos marinheiros. Podemos examinar cada centímetro daqueles navios.

Era um bom conselho.

— Sim, fazei isso. — *Westeros. Casa.* Mas se partisse o que aconteceria à sua cidade? *Meereen nunca foi a tua cidade,* pareceu murmurar-lhe a voz do irmão. *As tuas cidades estão do outro lado do mar. Os teus sete reinos, onde os teus inimigos te esperam. Nasceste para lhes servir sangue e fogo.*

Sor Barristan pigarreou e disse:

— Aquele feiticeiro de que o mercador falou...

— Pyat Pree. — Tentou lembrar-se da cara dele, mas só conseguiu ver os lábios. O vinho dos feiticeiros tornara-os azuis. Chamava-se *sombra da tarde*. — Se um feitiço de feiticeiro pudesse matar-me, por esta altura já estaria morta. Deixei o palácio deles em cinzas. — *Drogon salvou-me quando eles tentaram drenar-me a vida. Drogon queimou-os a todos.*

— É como dizeis, Vossa Graça. Ainda assim, ficarei vigilante.

Ela beijou-o na bochecha.

— Eu sei que sim. Vinde, acompanhai-me de volta ao banquete.

Na manhã seguinte, Dany acordou mais cheia de esperança do que alguma vez estivera desde que chegara à Baía dos Escravos. Daario depressa estaria de novo a seu lado e juntos viajariam para Westeros. *Para casa.* Um dos seus jovens reféns trouxe-lhe a refeição da manhã, uma rapariga tímida e rechonchuda chamada Mezzara, cujo pai geria a pirâmide de Merreq, e Dany deu-lhe um abraço feliz e agradeceu-lhe com um beijo.

— Xaro Xhoan Daxos ofereceu-me treze galés — disse a Irri e a Jhiqui enquanto a vestiam para a corte.

— Treze é um mau número, *khaleesi* — murmurou Jhiqui na língua dos dothraki. — É sabido.

— É sabido — concordou Irri.

— Trinta seria melhor — concordou Daenerys. — Trezentos ainda melhor. Mas treze podem ser suficientes para nos levar para Westeros.

As duas raparigas dothraki trocaram um olhar.

— A água envenenada está amaldiçoada, *khaleesi* — disse Irri. — Os cavalos não a podem beber.

— Não pretendo bebê-la — prometeu-lhes Dany.

Só quatro peticionários a aguardavam naquela manhã. Como sempre, o Lorde Graef foi o primeiro a apresentar-se, parecendo ainda mais desgraçado do que o normal. — Vossa Radiância — gemeu, quando caiu ao mármore a seus pés — os exércitos dos yunkaitas caem sobre Astapor. Suplico-vos, vinde para sul com todas as vossas forças!

— Eu avisei o vosso rei de que esta sua guerra era uma loucura — fez-lhe lembrar Dany. — Ele não me quis dar ouvidos.

— O Grande Cleon só procurou abater os vis escravagistas de Yunkai.

— O próprio Grande Cleon é um escravagista.

— Eu sei que a Mãe de Dragões não nos abandonaria na nossa hora de perigo. Empréstai-nos os vossos Imaculados para defendermos as nossas muralhas.

E se o fizer, quem defenderá as minhas?

— Muitos dos meus libertos foram escravos em Astapor. Alguns talvez queiram ajudar a defender o vosso rei. Essa opção é deles, na condição de homens livres. Eu dei a Astapor a sua liberdade. Cabe-vos a vós defendê-la.

— Então estamos todos mortos. Destes-nos a morte, não a liberdade.

— Ghael pôs-se em pé de um salto e cuspiu-lhe na cara.

Belwas, o Forte, agarrou-o pelo ombro e atirou-o com tanta força ao mármore que Dany ouviu os dentes do homem a partirem-se. O Tolarrapada teria feito pior, mas ela impediu-o.

— Basta — disse, esfregando levemente a cara com a ponta do *tokar*.

— Nunca ninguém morreu de cuspo. Levai-o daqui.

Arrastaram-no pelos pés, deixando para trás vários dentes partidos e um rasto de sangue. Dany teria de bom grado mandado embora o resto dos peticionários... mas ainda era sua rainha, portanto escutou-os e fez o melhor que pôde para lhes conceder justiça.

Ao fim dessa tarde, o Almirante Groleo e Sor Barristan regressaram da inspeção das galés. Dany reuniu o seu conselho para os ouvir. O Verme Cinzento estava lá em representação dos Imaculados, Skahaz mo Kandaq pelas Feras de Bronze. Na ausência dos seus companheiros de sangue, um engelhado *jaqqa rhan* chamado Rommo, vesgo e de pernas arqueadas, veio falar

pelos dothraki. Os libertos eram representados pelos capitães das três companhias que formara; Mollono Yos Dob dos Escudos Vigorosos, Symon Dorsolistado dos Irmãos Livres, Marselen dos Homens da Mãe. Reznak mo Reznak pairava ao lado da rainha, e Belwas, o Forte, mantinha-se em pé atrás dela com os braços cruzados. Conselhos não faltariam a Dany.

Groleo fora um homem muito infeliz desde que tinham desfeito o seu navio para construir as máquinas de cerco com que a rainha conquistara Meereen. Dany tentara consolá-lo nomeando-o o seu senhor almirante, mas a honraria não tinha substância; a frota meereenesa zarpara para Yunkai quando a hoste de Dany se aproximara da cidade, e o velho pentoshi era um almirante sem navios. Agora, porém, sorria através da sua irregular barba manchada de sal de uma maneira que a rainha quase não recordava.

— Quer dizer que os navios são bons? — disse, esperançada.

— Suficientemente bons, Vossa Graça. São velhos, sim, mas a maioria está bem conservada. O casco da *Legítima Princesa* está carcomido. Não quereria levá-lo a perder de vista a terra. O *Narraqqa* não desdenharia um leme e um cordame novos⁷ e o *Lagarto Listado* tem uns quantos remos rachados, mas servem. Os remadores são escravos mas, se lhes oferecermos um salário honesto de remador, a maior parte ficará conosco. Não sabem fazer nada a não ser remar. Os que se forem embora podem ser substituídos pelos meus tripulantes. A viagem até Westeros é longa e dura, mas aqueles navios estão num estado suficientemente bom para nos levar até lá, parece-me.

Reznak mo Reznak soltou um gemido de dar dó.

— Então é verdade. Vossa Reverência tenciona abandonar-nos. — Torceu as mãos. — Os yunkaitas restaurarão o poder dos Grandes Mestres no instante em que partirdes e aqueles de nós que tão fielmente servimos a vossa causa seremos trespassados pela espada, e as nossas queridas esposas e filhas donzelas serão violadas e escravizadas.

— As minhas não — resmungou o Skahaz Tolarrapada. — Antes disso, mato-as com as minhas próprias mãos. — Deu uma palmada no cabo da espada.

Dany sentiu-se como se a palmada tivesse sido dada na sua cara.

— Se temeis o que se pode seguir à minha partida, vinde comigo para Westeros.

— Para onde quer que a Mãe de Dragões vá, os Homens da Mãe irão também — anunciou Marselen, o irmão que restava a Missandei.

— Como? — perguntou Symon Dorsolistado, cujo nome provinha do emaranhado de cicatrizes que lhe sulcavam as costas e os ombros, um lembrete das vergastadas que sofrera enquanto fora escravo em Astapor. — Treze navios... não chega. Uma centena de navios podia não ser suficiente.

— Cavalos de madeira não prestam — objetou Rommo, o velho *jaqqa rhan*. — Os dothraki irão a cavalo.

— Estes podiam marchar por terra ao longo da costa — sugeriu o Verme Cinzento. — Os navios podiam acompanhá-los e reabastecer a coluna.

— Isso podia resultar até chegardes às ruínas de Bhorash — disse o Tolarrapada. — Mais para diante, os vossos navios teriam de virar para sul, passando por Tolos e pela Ilha dos Cedros e velejar em volta de Valíria, enquanto a infantaria prosseguiria até Mantarys pela velha estrada dos dragões.

— *Estrada dos demónios* é como lhe chamam agora — disse Mollono Yos Dob. O rechonchudo comandante dos Escudos Vigorosos parecia mais escriba que soldado, com as mãos manchadas de tinta e pesada pança, mas era difícil encontrar homem mais esperto. — Morreriam mais que muitos de nós.

— Os que fossem deixados para trás em Meereen invejar-lhes-iam as mortes fáceis — gemeu Reznak. — Eles vão fazer de nós escravos, ou atirar-nos para as arenas. Tudo será como era, ou pior.

— Onde está a vossa coragem? — explodiu Sor Barristan. — Sua Graça libertou-vos das correntes. Cabe a vós afiar as espadas e defender a vossa liberdade quando ela partir.

— Corajosas palavras, para alguém que tenciona velejar para poente — rosnou Symon Dorsolistado em resposta. — Olhareis para trás para nos verdes morrer?

— Vossa Graça...

— Magnificência...

— Vossa Reverência...

— *Basta.* — Dany deu uma palmada na mesa. — Ninguém será abandonado à morte. Sois todos o meu povo. — Os seus sonhos sobre o amor e um lar tinham-na cegado. — Não abandonarei Meereen ao destino de Astapor. Dói-me dizê-lo, mas Westeros terá de esperar.

Groleo ficou horrorizado.

— *Temos* de aceitar aqueles navios. Se recusarmos este presente...

Sor Barristan caiu sobre um joelho à frente dela.

— Minha rainha, o vosso reino tem necessidade de vós. Aqui não sois desejada, mas em Westeros os homens convergirão aos milhares sobre os vossos estandartes, grandes senhores e nobres cavaleiros. "*Ela voltou,*" gritarão uns aos outros, em vozes alegres. "*A irmã do Príncipe Rhaegar finalmente veio para casa?*"

— Se me amam assim tanto, esperarão por mim. — Dany pôs-se em pé. — Reznak, chamai Xaro Xhoan Daxos.

Recebeu o príncipe mercador sozinha, sentada no seu banco de ébano polido, sobre as almofadas que Sor Barristan lhe trouxera. Quatro marinheiros de Qarth acompanhavam-no, trazendo ao ombro uma tapeçaria enrolada.

— Trouxe outro presente para a rainha do meu coração — anunciou Xaro. — Está nos cofres da minha família desde antes da Destruição que levou Valíria.

Os marinheiros desenrolaram a tapeçaria no chão. Era velha, poeirenta, desbotada... e enorme. Dany teve de ir pôr-se ao lado de Xaro para que o padrão se tornasse claro.

— Um mapa? É belo. — Cobria metade do chão. Os mares eram azuis, as terras verdes, as montanhas negras e castanhas. Cidades eram indicadas como estrelas em fio de ouro ou de prata. *Não existe Mar Fumegante.*, compreendeu. *Valéria ainda não é uma ilha.* -

— Ali vedes Astapor, Yunkai e Meereen. — Xaro apontou para três estrelas de prata junto-ao azul da Baía dos Escravos. — Westeros fica... algures lá ao fundo. — A sua mão acenou vagamente na direção da parte mais distante do salão. — Virastes para norte quando devíeis ter continuado para sul e para oeste, atravessando o Mar do Verão, mas com o meu presente depressa estareis de volta ao lugar que vos é próprio. Aceitai as minhas galés de coração alegre, e dobrai os remos para oeste.

Fá-lo-ia se pudesse.

— Senhor, aceitarei alegremente esses navios, mas não vos posso dar a promessa que pedis. — Pegou-lhe na mão. — Dai-me as galés, e juro que Qarth terá a amizade de Meereen até que as estrelas se apaguem. Deixai-me fazer comércio com elas, e ficareis com uma boa parte dos lucros.

O sorriso satisfeito de Xaro morreu-lhe nos lábios.

— O que estais a dizer? Estais a dizer-me que não quereis ir-vos embora?

— Não *posso* ir.

Lágrimas jorraram-lhe dos olhos, escorregando-lhe pelo nariz abaixo, passando por esmeraldas, ametistas e diamantes negros.

— Eu disse aos Treze que daríeis ouvidos à minha sensatez. Dói-me perceber que me enganei. Aceitai estes navios e zarpai daqui, caso contrário ireis certamente morrer aos gritos. Não podeis saber quantos inimigos fizestes.

Sei que um está agora na minha frente, a chorar lágrimas de saltimbanco. Aperceber-se disso entristeceu-a.

— Quando entrei no Salão dos Mil Tronos para suplicar junto dos Puronatos pela vossa vida, disse que não passáveis de uma criança — prosseguiu Xaro — mas Egon Emeros, o Requentado, levantou-se e disse: "Ela é uma criança *tola*, louca e inconsciente e demasiado perigosa para ficar viva." Quando os vossos dragões eram pequenos, eram uma maravilha. Crescidos, são morte e devastação, uma espada em chamas sobre o mundo. — Limpou as lágrimas. — Devia ter-vos matado em Qarth.

— Eu fui uma hóspede sob o vosso teto, e comi do vosso pão e bebi do vosso vinho — disse ela. — Em memória de tudo o que fizestes por mim, perdorei essas palavras... *uma vez...* mas nunca ouseis voltar a ameaçar-me.

— Xaro Xhoan Daxos não ameaça. Promete.

A tristeza dela transformou-se em fúria.

— E eu prometo-vos que se não vos tiverdes ido embora antes de o Sol nascer, ficareis a saber quão boas são as lágrimas de um mentiroso a apagar fogo de dragão. Saí-me da frente, Xaro. *Depressa*.

Ele foi, mas deixou o mundo atrás de si. Dany voltou a sentar-se no seu banco e fitou o mar azul de seda, na direção da distante Westeros. *Um dia*, prometeu a si própria.

Na manhã seguinte, os galeões de Xaro tinham desaparecido, mas o "presente" que lhe trouxera ficou para trás na Baía dos Piratas. Longas flâmulas vermelhas esvoaçavam dos mastros das treze galés qartenas, contorcendo-se ao vento. E quando Daenerys desceu para dar audiência, um mensageiro vindo dos navios aguardava-a. Não proferiu palavra, mas depositou a seus pés uma almofada de cetim negro, sobre a qual repousava uma única luva manchada de sangue.

— O que é isto? — perguntou Skahaz. — Uma luva ensanguentada...

— ... significa guerra — disse a rainha.

J O N

— Cuidado com as ratazanas, senhor. — Edd Doloroso indicou o caminho a Jon, escadas abaixo, com uma lanterna numa mão. — Soltam um guincho horrível quando a gente as pisa. A minha mãe costumava fazer um som parecido quando eu era rapaz. Devia ter nela um pouco de ratazana, agora que penso nisso. Cabelo castanho, olhinhos pequenos e brilhantes, gostava de queijo. Pode ser que também tivesse um rabo, nunca fui ver.

Todo o Castelo Negro estava interligado, no subsolo, por um labirinto de túneis a que os irmãos chamavam "os caminhos de minhoca." Por baixo de terra era escuro e sombrio, e por isso os caminhos de minhoca eram pouco usados de verão, mas quando os ventos de inverno

começavam a soprar e as neves começavam a cair, os túneis transformavam-se na maneira mais rápida de andar pelo castelo. Os intendentos já estavam a usá-los. Jon viu velas a arder em vários nichos enquanto abriam caminho ao longo do túnel, com os passos a ecoar na sua frente.

Bowen Marsh estava à espera numa encruzilhada, onde se juntavam quatro caminhos de minhoca. Tinha consigo o Wick Palito, alto e magro como uma lança.

— São estas as contagens de há três turnos — disse Marsh a Jon, entregando-lhe um grosso maço de papéis — para comparar com as reservas atuais. Começamos pelos celeiros?

Atravessaram as sombras cinzentas debaixo da terra. Cada armazém tinha uma sólida porta de carvalho fechada com um cadeado de ferro do tamanho de um prato.

— Os roubos são um problema? — perguntou Jon.

— Ainda não — disse Bowen Marsh. — Mas quando o inverno chegar, vossa senhoria seria sensata em colocar guardas aqui em baixo.

O Wick Palito trazia as chaves num aro em volta do pescoço. A Jon pareciam todas iguais, mas Wick conseguia de algum modo encontrar a chave certa para cada porta. Uma vez lá dentro, tirava da bolsa um bocado de giz do tamanho de um punho e marcava cada pipa, saca e barril à medida que os ia contando, enquanto Marsh comparava a nova contagem com a antiga.

Nos celeiros havia aveia, trigo e cevada e barris de grossa farinha moída. Nas caves dos tubérculos, cordas de cebolas e alhos pendiam das vigas e sacos de cenouras, cherovias, rabanetes e nabos brancos e amarelos enchiam as prateleiras. Um armazém continha rodas de queijo tão grandes que eram precisos dois homens para as deslocar. No outro a seguir, pipas de carne salgada de vaca, de porco e de carneiro e bacalhau salgado estavam empilhadas até uma altura de três metros. Trezentos presuntos e três mil longas morcelas pendiam de vigas do teto por

baixo do fumeiro. No armário das especiarias encontraram grãos de pimenta, cravinho e canela, sementes de mostarda, coentros, salva e alegria-dos-jardins, salsa e blocos de sal. Noutros pontos havia pipas de maçãs e peras, ervilhas secas, figos secos, sacos de nozes, sacos de castanhas, sacos de amêndoas, reservas de salmão, seco e fumado, jarros de barro repletos de azeitonas em azeite e selados com cera. Um armazém continha lebres de conserva, quartos de veado conservados em mel, couves em vinagre, beterrabas em vinagre, cebolas em vinagre, ovos em vinagre e arenque em vinagre.

À medida que se iam deslocando de uma cave para a seguinte, os caminhos de minhoca pareciam ir ficando mais frios. Jon não demorou muito a começar a ver o hálito dos três a congelar à luz da lanterna.

— Estamos por baixo da Muralha.

— E em breve estaremos dentro dela — disse Marsh. — A carne não se estraga no frio. Para armazenamento longo é melhor do que a salga.

Aquela porta era feita de ferro enferrujado. Atrás dela havia um lanço de degraus de madeira. Edd Doloroso seguiu à frente com a lanterna. No topo da escada encontraram um túnel tão longo como o grande salão de Winterfell, embora não fosse mais largo do que os caminhos de minhoca. As paredes eram de gelo eriçadas de ganchos de ferro. De cada gancho pendia uma carcaça; veados e alces esfolados, quartos de carne de vaca, enormes porcos a balançar do teto, ovelhas e cabras sem cabeças, até cavalos e ursos. Uma condensação de gelo cobria tudo.

Enquanto faziam a contagem, Jon descalçou a luva da mão esquerda e tocou no quadril de veado mais próximo. Sentiu os dedos a colarem-se, e quando os puxou perdeu um bocado de pele. Tinha as pontas dos dedos dormentes. *Que esperavas tu? Há uma montanha de gelo por cima da tua cabeça, mais toneladas do que até Bowen Marsh conseguiria contar.* Mesmo assim, a sala parecia mais fria do que devia estar.

— É pior do que eu temia, senhor — anunciou Marsh quando acabou. Parecia mais sombrio do que o Edd Doloroso.

Jon acabara de pensar que toda a carne do mundo os rodeava. *Não sabes nada, Jon Snow.*

— Então? Isto a mim parece bastante comida.

— Foi um longo verão. As colheitas foram fartas, os senhores generosos. Tínhamos o suficiente em armazém para nos sustentar durante três anos de inverno. Quatro, com algum racionamento. Mas agora, se tivermos de continuar a sustentar todos aqueles homens do rei e homens da rainha e selvagens... Só Vila Toupeira tem mil bocas inúteis, e continuam a chegar. Ontem apareceram mais três aos portões, uma dúzia na véspera. Isto não pode continuar. Instalá-los na Dádiva está muito bem, mas é tarde demais para fazer plantios. Estaremos reduzidos a nabos e papas de ervilhas antes de o ano acabar. Depois disso, beberemos o sangue dos nossos próprios cavalos.

— Que bom — declarou o Edd Doloroso. — Não há nada melhor do que uma chávena quente de sangue de cavalo numa noite fria. Gosto do meu com uma pitada de canela espalhada por cima.

O Senhor Intendente não lhe prestou atenção.

— Também vai haver doenças — prosseguiu — gengivas sangrentas e dentes caídos. O Mestre Aemon costumava dizer que sumo de lima e carne fresca remediavam isso, mas as nossas limas acabaram-se há um ano e não temos ração suficiente para sustentar rebanhos para arranjar carne fresca. Devíamos abater todos os animais, menos alguns pares de criação. Já é mais que tempo. Em invernos anteriores, a comida podia ser trazida do sul pela estrada de rei, mas com a guerra... ainda é outono, eu sei, mas aconselharia a começarmos mesmo assim com rações de inverno, se aprovar ao senhor.

Os homens vão adorar.

— *Se tiver de ser. Vamos cortar a porção de todos os homens em um quarto.* —

— Se os meus irmãos se estão a queixar de mim agora, o que dirão quando comerem neve e pasta de bolotas?

— Isso ajudará, senhor. — O tom de voz do Senhor Intendente tornava claro que não achava que ajudasse o *suficiente*.

Edd Doloroso disse:

— Agora entendo porque foi que o Rei Stannis deixou os selvagens atravessar a Muralha. Quer que nós os comamos.

Jon teve de sorrir.

— Não chegaremos a tanto.

— Oh, ótimo — disse Edd. — Parecem ser uns tipos cheios de tendões, e os meus dentes já não são tão afiados como quando eu era mais novo.

— Se tivéssemos dinheiro suficiente, podíamos comprar comida ao sul e trazê-la por mar — disse o Senhor Intendente.

Podíamos, pensou Jon, se tivéssemos o ouro e alguém disposto a vender-nos comida. Ambas essas condições estavam ausentes. *A nossa melhor esperança pode ser o Ninho de Águia.* A fertilidade do Vale de Arryn era famosa, e o Vale atravessara os combates incólume. Jon perguntou a si próprio o que sentiria a irmã da Senhora Catelyn sobre alimentar o bastardo de

Ned Stark. Em rapaz, era frequente sentir que a senhora nutria má vontade por cada uma das suas dentadas.

— Podemos sempre caçar, se for necessário — interveio o Wick Palito. — Ainda há caça nos bosques.

— E selvagens e coisas mais negras — disse Marsh. — Eu não enviaria caçadores para o exterior, senhor. Não o faria.

Pois não. Tu fecharias os nossos portões para sempre, e selá-los-ias com pedras e gelo. Bem sabia que metade de Castelo Negro concordava com o ponto de vista do Senhor Intendente. A outra metade enchia-o de escárnio.

— Selar os nossos portões e plantar na Muralha os nossos rabos pretos, pois, e o povo livre há de vir em magote pela Ponte dos Crânios ou por algum portão que julgavas que tinhas selado há quinhentos anos — declarara ruidosamente o velho silvícola Dywen ao jantar, duas noites antes. — Não temos homens suficientes pra vigiar cem léguas de Muralha. O Tormund Peida-de-Gigante e o merdas do Chorão também sabem disso. Alguma vez viste um pato congelado numa lagoa, com as patas metidas no gelo? Acontece o mesmo òs corvos. — A maior

parte dos patrulheiros fazia eco de Dywen, enquanto os intendentes e os construtores tendiam a concordar com Bowen Marsh.

Mas isso era questão para outro dia. Ali e agora, o problema era a comida.

— Não podemos deixar o Rei Stannis e os seus homens à fome, mesmo se quiséssemos — disse Jon. — Se fosse necessário, ele podia simplesmente levar tudo na ponta da espada. Não temos homens suficientes para os impedir. Os selvagens também têm de ser alimentados.

— Como, senhor? — perguntou Bowen Marsh.

Liem gostava de saber.

— Havemos de arranjar uma maneira.

Quando regressaram à superfície, as sombras da tarde estavam a tornar-se compridas. Nuvens riscavam o céu como estandartes esfarrapados, cinzentos e brancos e rasgados. O pátio em frente do armeiro estava vazio, mas lá dentro Jon foi encontrar o escudeiro do rei à sua espera. Devan era um rapaz magricela de uns doze anos, de cabelo e olhos castanhos. Foram dar com ele gelado junto da forja, quase sem se atrever a mexer-se enquanto o Fantasma o farejava de cima a baixo.

— Ele não te faz mal — disse Jon, mas o rapaz estremeceu ao ouvir a sua voz, e esse movimento súbito fez o lobo gigante mostrar os dentes. — *Não!* — disse Jon. — Fantasma, deixa-o em paz. *Afasta.* — O lobo regressou ao seu osso de boi, silêncio sobre quatro patas.

Devan parecia tão pálido como o Fantasma, com a cara húmida de suor.

— S-se-senhor. Sua Graça e-exige a vossa presença. — O rapaz estava vestido com o ouro e negro dos Baratheon, e tinha o coração flamejante de um homem da rainha cosido por cima do seu.

— Queres dizer que *pede* disse o Edd Doloroso. — Sua Graça *pede* a presença do Senhor Comandante. Era assim que eu o diria.

— Deixa estar, Edd. — Jon não tinha disposição para aquelas questiúnculas.

— Sor Richard e Sor Justin regressaram — disse Devan. — Vireis, senhor?

Os patrulheiros do lado errado. Massey e Horpe tinham cavalgado para sul, não para norte. O que quer que tivessem ficado a saber não dizia respeito à Patrulha da Noite, mas apesar disso Jon sentia-se curioso.

— Se aprover a Sua Graça. — Seguiu o jovem escudeiro pelo pátio. O Fantasma pôs-se a caminhar atrás dele até que Jon disse: — Não. *Ficai* — Em vez disso, o lobo gigante foi-se embora a correr.

Na Torre do Rei, Jon foi despojado das armas e autorizado a apresentar-se ao rei. O aposento privado estava quente e repleto de gente. Stannis e os capitães estavam reunidos em volta do mapa do norte. Os patrulheiros do lado errado estavam entre eles. Sigorn, o jovem Magnar de Thenn, também lá se encontrava, vestido com um camisa de couro com escamas de bronze a ele cosidas. O Camisa de Chocalho coçava a grilheta que tinha ao pulso com uma unha rachada e amarela. Uma barba castanha por fazer cobria-lhe as bochechas encovadas e o queixo recuado, e madeixas de cabelo sujo pendiam-lhe sobre os olhos.

— Aí vem ele — disse quando viu Jon — o corajoso rapaz que matou Mance Rayder quando ele estava engaiolado e atado. — A grande pedra preciosa de corte quadrado que adornava a sua algema de ferro reluziu, rubra. — Gostas do meu rubi, Snow? Um sinal de amor da Senhora Vermelha.

Jon ignorou-o e caiu sobre um joelho.

— Vossa Graça — anunciou o escudeiro, Devan — trouxe o Lorde Snow.

— Estou a ver isso. Senhor Comandante. Conheceis os meus cavaleiros e capitães, creio.

— Tenho essa honra. — Fizera questão de aprender tudo o que pudesse sobre os homens que rodeavam o rei. *Homens da rainha, todos eles.* Parecia estranho a Jon que não houvesse quaisquer homens do rei em volta do rei, mas parecia ser assim que as coisas eram. Os homens do rei tinham incorrido na ira de Stannis em Pedra do Dragão, se o que ouvira dizer era verdade.

— Há vinho. Ou água fervida com limões.

— Obrigado, mas não.

— Como quiserdes. Tenho um presente para vos dar, Lorde Snow. — O rei indicou o Camisa de Chocalho com um movimento de mão. — Ele.

A Senhora Melisandre sorriu.

— Dissestes que queríeis homens, Lorde Snow. Creio que o nosso Senhor dos Ossos ainda se qualifica.

Jon ficou estarelecido.

— Vossa Graça, este homem não é digno de confiança. Se o mantiver aqui, alguém lhe cortará a goela. Se o enviar em patrulha, ele limitar-se-á a regressar para junto dos selvagens.

— Eu não. Estou farto desses malditos idiotas. — O Camisa de Chocalho deu uma pancadinha no rubi que trazia ao pulso. — Pergunta à tua bruxa vermelha, bastardo.

Melisandre falou em voz baixa numa língua estranha. O rubi que trazia à garganta pulsou lentamente, e Jon viu que a pedra mais pequena no pulso do Camisa de Chocalho também estava a clarear e a escurecer.

— Desde que ele use a pedra preciosa está-me vinculado, de sangue e de alma — disse a sacerdotisa vermelha. — Este homem servir-vos-á fielmente. As chamas não mentem, Lorde Snow.

Talvez não, pensou Jon, mas tu mentes

— Eu patrulho por ti, bastardo — declarou o Camisa de Chocalho. — Dou-te sábios conselhos e canto-te lindas canções, como preferires. Até luto por ti. Só não me peças para usar o teu manto.

Não és digno de um, pensou Jon, mas dominou a língua. Nada de bom viria de querelas em frente do rei.

O Rei Stannis disse:

— Lorde Snow, falai-me de Mors Umber.

A Patrulha da Noite não participa, pensou Jon, mas outra voz dentro de si disse: *palavras não são espadas*.

— O mais velho dos tios do Grande-Jon. Chamam-lhe Papa-Corvos. Um corvo uma vez julgou-o morto e arrancou-lhe o olho à bicada. Ele agarrou no corvo com a mão e arrancou-lhe a cabeça à dentada. Quando Mors era novo, era um combatente temível. Os filhos morreram no Tridente, a mulher de parto. A única filha foi levada por selvagens há trinta anos.

— Então é *por isso* que ele quer a cabeça — disse Harwood Fell.

— Pode-se confiar neste Mors? — perguntou Stannis.

— Vossa Graça devia obrigá-lo a prestar um juramento perante a sua árvore coração.

Será que Mors Umber dobrou o joelho?

O Godry Mata-Gigantes soltou uma gargalhada grosseira.

— Tinha-me esquecido que vós, os nortenhos, adorais árvores.

— Que tipo de deusesse deixam mijar por cães? — perguntou o compincha de Farring, Clayton Suggs.

Jon preferiu ignorá-los.

Vossa Graça, posso saber se os Umber vos declararam o seu apoio?

— Metade deles, e só se eu aceitar o preço deste Papa-Corvos — disse Stannis em tom de irritação. — Quer o crânio de Mance Rayder para fazer uma chávena e quer um perdão para o irmão, que foi para sul juntar-se ao Bolton. Chamam-lhe Terror-das-Rameiras.

Sor Godry também se divertiu com aquilo.

— Os nomes que estes nortenhos têm! Este arrancou à dentada a cabeça de alguma rameira?

Jon olhou-o com frieza.

— Podíeis dizer que sim. Uma rameira que tentou assaltá-lo há cinquenta anos em Vilavelha. — Por estranho que pudesse parecer, o velho Geada Umber julgara em tempos que o filho mais novo tinha estofo de mestre. Mors adorava gabar-se do corvo que lhe levava o olho, mas a história de Hother só era contada em murmúrios... provavelmente porque a rameira que ele esventrara fora um homem. — Houve mais algum lorde a declarar-se também por Bolton?

A sacerdotisa vermelha deslizou para mais perto do rei.

— Eu vi uma vila com muralhas de madeira e ruas de madeira, cheia de homens. Estandartes flutuavam por cima das suas muralhas: um alce, um machado de batalha, três pinheiros, machados de cabo comprido cruzados sob uma coroa, uma cabeça de cavalo com olhos de fogo.

— Hornwood, Cerwyn, Tallhart, Ryswell e Dustin — ajudou Sor Clayton Suggs. — Todos traidores. Paus-mandados dos Lannister.

— Os Ryswell e os Dustin estão ligados à Casa Bolton por casamento — informou Jon. — Os outros perderam os senhores durante os combates. Não sei quem os lidera agora. Mas o Papa-Corvos não é pau-mandado nenhum. Vossa Graça faria bem em aceitar as suas condições.

Stannis fez ranger os dentes.

— Ele intorma-me que Umber não combaterá contra Umber, por nenhum motivo.

Jon não se sentiu surpreendido.

— Se se chegar às espadas, vede onde voa o estandarte de Hother e ponde Mors na outra extremidade da linha de batalha.

O Mata-Gigantes discordou.

— Faríeis Vossa Graça parecer fraco. Eu digo para mostrardes a vossa força. Arrasai a Última Lareira por completo e parti para a guerra com a cabeça do Papa-Corvos espetada numa lança, como lição para o próximo senhor que ouse prestar meia vassalagem.

— Um belo plano, se o que quiserdes é que todas as mãos do norte se ergam contra vós. Metade é melhor do que nada. Os Umber não nutrem nenhuma amizade pelos Bolton. Se o Terror-das-Rameiras se juntou ao Bastardo só pode ser porque os Lannister têm o Grande-Jon cativo.

— Esse é o pretexto dele, não o motivo — declarou Sor Godry. — Se o sobrinho morrer a ferros, os tios podem reclamar as suas terras e senhoria para si.

— O Grande-Jon tem tanto filhos como filhas. No norte, os frutos do corpo de um homem ainda estão antes dos tios, sor.

— A menos que morram. Crianças mortas estão em último em todo o lado.

— Sugerir isso onde Mors Umber consiga ouvir, Sor Godry, e aprendereis mais sobre a morte do que talvez desejásseis.

— Eu matei um gigante, rapaz. Porque haveria de temer um qualquer nortenho pulguento que pinta um no escudo?

— O gigante ia a fugir. Mors não fugirá.

O grande cavaleiro corou.

— Tens uma língua ousada no aposento privado do rei, rapaz. No pátio cantaste outra cantiga.

— Oh, para com isso, Godry — disse Sor Justin Massey, um cavaleiro desembaraçado e carnudo com um sorriso pronto e uma cabeleira loira como estriga de linho. Massey fora um dos patrulheiros do lado errado. — Tenho a certeza que todos sabemos que tens uma grande e gigantesca espada. Não há necessidade de voltares a sacudi-la nas nossas caras.

— A única coisa que está aqui a sacudir é tua língua, Massey.

— *Calai-vos* — explodiu Stannis. — Lorde Snow, prestai-me atenção. Tenho-me demorado aqui na esperança de que os selvagens sejam suficientemente tolos para desencadear outro ataque contra a Muralha. Como não me fazem a vontade, é tempo de lidar com os meus outros adversários.

— Estou a ver. — O tom de voz de Jon era cauteloso. *Que quer ele de mim?* — Não nutro qualquer amizade pelo Lorde Bolton ou pelo filho dele, mas a Patrulha da Noite não pode pegar em armas contra eles. Os nossos votos proibem...

— Eu sei tudo acerca dos vossos votos. Poupai-me à vossa retidão, Lorde Snow, tenho forças suficientes sem vós. Tenho ideia de marchar contra o Forte do Pavor. — Quando viu o choque na cara de Jon, sorriu. — Isso surpreende-vos? Ótimo. O que surpreende um Snow pode vir a surpreender o outro. O Bastardo de Bolton foi para sul, levando com ele Hother Umber. Sobre isso Mors Umber e Arnolf Karstark estão de acordo. O facto só pode querer dizer um ataque contra Fossa Cailin, para abrir caminho para o regresso ao norte do senhor seu pai. O bastardo deve pensar que eu estou demasiado ocupado com os selvagens para lhe causar problemas. Muito bem. O rapaz mostrou-me a garganta. Tenciono rasgá-la. Roose Bolton pode regressar ao norte, mas quando o fizer irá descobrir que o seu castelo, rebanhos e colheitas me pertencem. Se apanhar o Forte do Pavor de surpresa...

— Não apanhareis — disse Jon, sem conseguir conter-se.

Foi como se tivesse dado uma paulada num ninho de vespas. Um dos homens da rainha riu-se, outro cuspiu, outro resmungou uma praga, e todos os outros tentaram falar ao mesmo tempo.

— O rapaz tem aguadilha nas veias — disse Sor Godry, o Mata-Gigantes. E Lorde Sweet jactou-se:

— O covarde vê um fora-da-lei atrás de cada folha de erva.

Stannis ergueu uma mão pedindo silêncio.

— Explicai o que quereis dizer.

Por onde começar? Jon dirigiu-se ao mapa. Tinham sido postas velas sobre os cantos para evitar que a pele se enrolasse. Um dedo de cera quente estava a avançar pela Baía das Focas, lento como um glaciar.

— Para chegar ao Forte do Pavor, Vossa Graça tem de viajar pela estrada de rei até depois do Rio Último, virar para sueste e atravessar os Montes Solitários. — Apontou. — Essas são terras dos Umber, onde eles conhecem cada árvore e cada pedra. A estrada de rei avança ao longo das suas marcas ocidentais durante cem léguas. Mors fará a vossa hoste em bocados, a menos que aceiteis as suas condições e o conquistéis para a vossa causa.

— Muito bem. Digamos que eu faço isso.

— Isso levar-vos-á até ao Forte do Pavor — disse Jon — mas a menos que a vossa hoste consiga marchar mais depressa do que um corvo ou uma linha de fogueiras sinaleiras, o castelo saberá da vossa aproximação. Será fácil para Ramsay Bolton cortar-vos a possibilidade de retirada e deixar-vos longe da Muralha, sem comida nem refúgio, rodeado pelos vossos inimigos.

— Só se abandonar o cerco a Fosso Cailin.

— Fosso Cailin cairá antes de chegardes ao Forte do Pavor. Uma vez que o Lorde Roose reúna as forças com as de Ramsay, terão uma superioridade de cinco contra um sobre vós.

— O meu irmão venceu batalhas contra probabilidades piores.

— Partis do princípio de que o Fosso Cailin cairá depressa, Snow — objetou Justin Massey — mas os homens de ferro são combatentes determinados e eu ouvi dizer que o Fosso nunca foi tomado.

— *A partir do sul.* Uma pequena guarnição em Fosso Cailin pode lançar o caos sobre qualquer exército que venha pelo talude, mas as ruínas são vulneráveis pelo norte e pelo leste. — Jon voltou a virar-se para Stannis. — Senhor, isto é um golpe ousado, mas o risco... — *A Patrulha da Noite não participa. Baratheon ou Bolton deviam ser o mesmo para mim.* — Se Roose Bolton vos apanhar à sombra das suas muralhas com as forças principais de que dispõe, isso será o fim para todos vós.

— O risco faz parte da guerra — declarou Sor Richard Horpe, um cavaleiro esguio com uma cara devastada, cujo gibão almofadado mostrava três borboletas caveira em fundo de cinza e osso. — Cada batalha é uma aposta, Snow. O homem que não faz nada também corre um risco.

— Há riscos e riscos, Sor Richard. Este... é demasiado, cedo demais, demasiado longe. Eu conheço o Forte do Pavor. É um castelo forte, todo em pedra, com muralhas espessas e torres maciças. Com o inverno a chegar, ireis encontrá-lo bem aprovisionado. Há séculos, a Casa Bolton revoltou-se contra o Rei no Norte, e Harlon Stark montou cerco ao Forte do Pavor. Precisou de dois anos para os derrotar pela fome. Para ter alguma esperança de tomar o castelo, Sua Graça precisaria de máquinas de cerco, de torres, de aríetes...

— Torres de cerco podem ser construídas se for necessário — disse Stannis. — Pode-se abater árvores para fazer aríetes, se houver falta de aríetes. Arnolf Karstark escreve que são menos de cinquenta os homens que permanecem no Forte do Pavor, metade dos quais são criados. Um castelo forte fracamente defendido é fraco.

— Cinquenta homens dentro de um castelo valem quinhentos fora dele.

— Isso depende dos homens — disse Richard Horpe. — Aqueles serão os grisalhos e os rapazes verdes, os homens que aquele bastardo não achou prontos para a batalha. Os nossos homens foram sangrados e testados na Água Negra, e são liderados por cavaleiros.

— Vistes como avançámos pelos selvagens dentro. — Sor Justin empurrou para trás uma madeixa de cabelo louro. — Os Karstark juraram juntar-se-nos perto do Forte do Pavor, e também

teremos os nossos selvagens. Trezentos homens em idade de combater. O Lorde Harwood fez uma contagem quando eles atravessaram o portão. As mulheres deles também combatem.

Stannis deitou-lhe um olhar amargo.

— Por mim não, sor. Não quero viúvas a gemer na minha esteira. As mulheres ficarão aqui, com os velhos, os feridos e as crianças. Servirão como reféns da lealdade dos seus maridos e pais. Os selvagens formarão a minha vanguarda. O Magnar comandá-los-á, com os seus próprios chefes como sargentos. Mas primeiro precisamos de os armar.

Ele pretende saquear o nosso armeiro, apercebeu-se Jon. Comida e roupa, terra e castelos, agora armas. Envolve-me mais todos os dias. As palavras podiam não ser espadas, mas as espadas eram espadas.

— Eu conseguia arranjar trezentas lanças — disse, com relutância.

— Elmos também, se os aceitardes velhos, amolgados e vermelhos de ferrugem.

— Armaduras? — perguntou o Magnar. — Placa de aço? Cota de malha?

— *Quando Donal Noye morreu perdemos o nosso armeiro. — Jon deixou o resto por dizer.*

— *Se der cotas de malha aos selvagens, eles serão um perigo duas vezes maior para o reino..*

— Couro fervido será suficiente — disse Sor Godry. — Depois de saborearmos a batalha, os sobreviventes podem saquear os mortos.

Os poucos que viverem o suficiente para isso. Se Stannis pusesse o povo livre na vanguarda, a maioria depressa pereceria.

— Beber do crânio de Mance Rayder pode dar prazer a Mors Umber, mas ver selvagens cruzar as suas terras não dará. O povo livre tem atacado os Umber desde a Aurora dos Dias, atravessando a Baía das Focas para obter ouro, ovelhas e mulheres. Uma das que foram levadas foi a *filha* do Papa-Corvos. Vossa Graça, deixai os selvagens aqui. Levá-los só servirá para virar contra vós os vassalos do senhor meu pai.

— Seja como for, os vassalos do vosso pai parecem não ter gosto pela minha causa. Tenho de partir do princípio que me veem como... o que foi que me chamastes, Lorde Snow? *Outro pretendente condenado ao fracasso?*

— Stannis fitou o mapa. Durante um longo momento, o único som que se ouviu foi o do rei a ranger os dentes. — Deixai-me. Todos vós. Lorde Snow, ficai.

A brusca despedida não caiu bem a Justin Massey, mas ele não teve alternativa a sorrir e retirar-se. Horpe seguiu-o para fora da sala, depois de deitar a Jon um olhar avaliador. Clayton Suggs esvaziou a taça e resmungou a Harwood Fell qualquer coisa que fez o homem mais novo rir. "Rapaz" fazia parte da frase. Suggs era um cavaleiro andante que subira na vida, tão grosseiro como forte. O último homem a retirar-se foi o Camisa de Chocalho. À porta, fez a Jon uma vénia trocista, sorrindo com uma boca cheia de dentes castanhos e quebrados.

"Todos vós" não parecia incluir a Senhora Melisandre. *A sombra vermelha do rei*. Stannis chamou Devan para trazer mais água com limão. Quando a taça foi enchida, o rei bebeu e disse:

— Horpe e Massey aspiram ao domínio do vosso pai. Massey quer também a princesa selvagem. Em tempos serviu o meu irmão Robert como escudeiro, e adquiriu o apetite que ele tinha por carne feminina. Horpe tomará Val como esposa se o ordenar, mas aquilo que o excita é a batalha.

Enquanto escudeiro sonhou com um manto branco, mas Cersei Lannister opôs-se-lhe e Robert recusou-o. Talvez corretamente. Sor Richard gosta demasiado de matar. Qual deles preferiríeis como Senhor de Winterfell, Snow? O sorridente ou o matador?

Jon disse:

— Winterfell pertence à minha irmã Sansa.

— Eu já ouvi tudo o que preciso de ouvir sobre a Senhora Lannister e a sua pretensão. — O rei pôs a taça de parte. — Vós podíeis trazer-me o norte. Os vassalos do vosso pai reunir-se-iam em apoio ao filho de Eddard Stark. Até o Lorde Gordo-Demais-Para-Montar-a-Cavalo. Porto

Branco dar-me-ia uma fonte pronta de abastecimentos, e uma base segura para onde eu poderia retirar se fosse necessário. Não é tarde demais para remediar a vossa loucura, Snow. Ajoelhai e ajuramentai-me essa espada bastarda, que vos levantareis como Jon Stark, Senhor de Winterfell e Protetor do Norte.

Quantas vezes vai ele obrigar-me a dizê-lo?

— A minha espada está ajuramentada à Patrulha da Noite.

Stannis pareceu descontente.

— O vosso pai também era um homem teimoso. Honra, chamava-lhe ele. Bem, a honra tem os seus custos, como o Lorde Eddard aprendeu para seu pesar. Se vos dá algum consolo, Horpe e Massey estão condenados à desilusão. Estou mais inclinado a outorgar Winterfell a Arnolf Karstark. Um bom nortenho.

— Um nortenho. — *Antes um Karstark do que um Bolton ou um Greyjoy*, disse Jon a si próprio, mas a ideia pouca consolação lhe deu. — Os Karstark abandonaram o meu irmão entre os seus inimigos.

— Depois do vosso irmão ter cortado a cabeça do Lorde Rickard. Arnolf estava a mil léguas de distância. Tem nele sangue Stark. O sangue de Winterfell.

— Não mais do que metade das outras casas do norte.

— Essas outras casas não se declararam minhas apoiantes.

— Arnolf Karstark é um velho de costas tortas, e mesmo na juventude nunca foi o guerreiro que o Lorde Rickard era. Os rigores da campanha podem perfeitamente matá-lo.

— Tem herdeiros — disse Stannis, com veemência. — Dois filhos, seis netos, algumas filhas. Se Robert tivesse sido pai de filhos legítimos, muitos dos que estão mortos podiam continuar vivos.

— Vossa Graça sair-se-ia melhor com Mors Papa-Corvos.

— O Forte do Pavor servirá para comprovar isso.

— Então pretendeis ir em frente com esse ataque?

— Apesar do conselho do grande Lorde Snow? Sim. Horpe e Massey podem ser ambiciosos, mas-não estão enganados. Não me atrevo a ficar ocioso enquanto a estrela de Roose Bolton cresce e a minha mingua. Tenho de atacar, e mostrar ao norte que ainda sou um homem a temer.

— O tritão de Manderly não estava entre os estandartes que a Senhora Melisandre viu nos seus fogos — disse Jon. — Se tivésseis Porto Branco e os cavaleiros do Lorde Wyman...

— Se é uma palavra para tolos. Não recebemos qualquer notícia de Davos. Pode ser que ele não tenha chegado a Porto Branco. Arnolf Karstark escreve que as tempestades têm estado violentas no mar estreito. Seja como for. Não tenho tempo para desgostos, e também não vou ficar à espera dos caprichos do Lorde Gordo-Demais. Tenho de considerar Porto Branco perdido. Sem um filho de Winterfell para se erguer a meu lado, só posso esperar conquistar o norte através da

batalha. Isso requer roubar uma folha ao livro do meu irmão. Não que Robert alguma vez tenha lido algum. Tenho de dar um golpe mortal aos meus inimigos antes que saibam que caí sobre eles.

Jon apercebeu-se de que as suas palavras eram um desperdício. Stannis tomaria o Forte do Pavor ou morreria a tentar. *A Patrulha da Noite não participa*, disse uma voz, mas outra respondeu: *Stannis luta pelo reino, os homens de ferro por servos e saques.*

— Vossa Graça, eu sei onde poderíeis encontrar mais homens. Dai-me os selvagens, e de bom grado vos direi onde e como.

— Dei-vos o Camisa de Chocalho. Contentai-vos com ele.

— Quero-os a todos.

— Alguns dos vossos Irmãos Juramentados querem levar-me a crer que vós próprio sois meio selvagem. É verdade?

— Para vós, eles não passam de carne para setas. Eu posso dar-lhes melhor uso na Muralha. Dai-mos para fazer com eles o que quiser, e mostrar-vos-ei onde encontrareis a vossa vitória... e também homens.

Stannis esfregou a nuca.

— Regateais como uma velha com um bacalhau, Lorde Snow. Será que o Ned Stark vos gerou em alguma peixeira? Quantos homens?

— Dois mil. Talvez três.

— Três mil? Que espécie de homens são esses?

— Orgulhosos. Pobres. Suscetíveis no que toca à honra, mas combatentes ferozes.

— É bom que isto não seja algum truque de bastardo. Trocarei eu trezentos combatentes por três mil? Sim, trocarei. Não sou um completo idiota. Se deixar também a rapariga convosco tenho a vossa palavra em que mantereis a nossa princesa por perto?

Ela não é uma princesa.

— Como quiserdes, Vossa Graça.

— lenho de vos obrigar a prestar um juramento à frente de uma árvore?

— Não. — *Isto foi um gracejo?* Com Stannis era difícil saber.

— Então está feito. Bom, onde estão esses homens?

— Ireis encontrá-los aqui. — Jon abriu a mão queimada por cima do mapa, a oeste da estrada de rei e a sul da Dádiva.

— Nessas montanhas? — Stannis ficou desconfiado. — Não vejo nenhum castelo assinalado aí. Nem estradas, nem vilas, nem aldeias.

— O meu pai dizia frequentemente que o mapa não é o território. Há milhares de anos que os homens vivem nos vales de altitude e nos prados de montanha, governados pelos seus chefes de clã. Vós chamar-lhes-íeis pequenos senhores, embora eles não usem tais títulos entre si. Os campeões dos clãs combatem com enormes espadas longas de duas mãos, enquanto os plebeus atiram pedras e batem uns nos outros com bastões de freixo de montanha. É uma gente quezilenta, há que dizê-lo. Quando não estão a lutar uns com os outros, cuidam dos rebanhos, pescam na Baía do Gelo e criam as mais resistentes montadas que alguma vez montareis.

— E credes que lutarão por mim?

— Se lho pedirdes.

— Porque haveria eu de suplicar por algo que me é devido?

— O que eu disse foi *pedir*, não *suplicar*. — Jon recolheu a mão. — Não vale a pena enviar mensagens. Vossa Graça terá de ir pessoalmente ter com eles. Comei do seu pão e sal, bebei da sua cerveja, escutai os seus gaiteiros, elogiarei a beleza das suas filhas e a coragem dos seus filhos, e tereis as suas espadas. Os clãs não veem um rei desde que Torrhen Stark dobrou o joelho. A vossa vinda honra-os. Se lhes ordenardes que combatam por vós, olharão uns para os outros e dirão: "Quem é este homem? Rei meu é que não é".

— De quantos clãs estais a falar?

— Duas vintenas, grandes e pequenos. Flint, Wull, Norrey, Liddle... conquistai o Velho Flint e o Grande Balde, e os outros segui-os-ão.

— O Grande *Balde*?

— O Wull. Tem a maior barriga das montanhas, e o maior número de homens. Os Wull pescam na Baía de Gelo e avisam os seus pequenos que os homens de ferro os irão levar se não se portarem bem. Mas para chegar junto deles, Vossa Graça terá de passar pelas terras dos Norrey. São os que vivem mais perto da Dádiva, e sempre foram bons amigos da Patrulha. Podia fornecer-vos guias.

— Podíeis? — Pouco havia que Stannis deixasse passar. — Ou ireis?

— Vou. Vós precisareis deles. E também de alguns garranos de patas seguras. Os trilhos lá em cima pouco mais são do que caminhos de cabras.

— Caminhos de cabras? — Os olhos do rei estreitaram-se. — Eu falo de me mover rapidamente, e vós desperdiçais o meu tempo com *caminhos de cabras*?

— Quando o Jovem Dragão conquistou Dome, usou um caminho de cabras para se desviar das torres de vigia dornesas no Caminho do Espinhaço.

— Eu também conheço essa história, mas Daeron exagerou-lhe a importância naquele seu livro vaidoso. O que venceu essa guerra foram navios, não caminhos de cabras. O Oakenfist quebrou a Vila Tabueira e subiu metade do Sangueverde enquanto as principais forças dornesas estavam em combate no Passo do Príncipe. — Stannis tamborilou no mapa com o dedo. — Estes senhores das montanhas não vão estorvar-me a passagem?

— Só com banquetes. Cada um tentará ultrapassar os outros em hospitalidade. O senhor meu pai dizia que nunca comia melhor do que quando ia visitar os clãs.

— Por três mil homens, suponho que posso aguentar umas gaitas e umas papas — disse o rei, embora o tom de voz até nisso mostrava má vontade.

Jon virou-se para Melisandre.

— Senhora, um aviso leal. Os deuses antigos são fortes naquelas montanhas. Os homens dos clãs não tolerarão insultos às suas árvores-coração.

Aquilo pareceu diverti-la.

— Não tenhais medo, Jon Snow, eu não perturbarei os vossos selvagens da montanha nem os seus deuses negros. O meu lugar é aqui convosco e com os vossos corajosos irmãos.

Aquela era a última coisa que Jon Snow desejaria, mas antes de poder levantar objeções, o rei disse:

— Para onde achais que eu devo levar esses valentes, se não for contra o Forte do Pavor?

Jon baixou os olhos para o mapa.

— Bosque Profundo. — Deu-lhe pancadinhas com o dedo. — Se o Bolton pretende combater os homens de ferro, vós também o deveis fazer. Bosque Profundo é um castelo de monte e paliçada no meio de floresta densa, que é fácil apanhar de surpresa. Um castelo de *madeira*, defendido por um dique de terra e uma paliçada de troncos. O avanço será mais lento através das montanhas, é certo, mas lá em cima a vossa hoste pode deslocar-se sem ser vista, para aparecer quase às portas de Bosque Profundo.

Stannis esfregou o queixo.

— Quando Balon Greyjoy se revoltou da primeira vez, eu venci os homens de ferro no mar, onde são mais ferozes. Em terra, apanhados de surpresa... sim. Conquistei uma vitória sobre os selvagens e o seu Rei-para-lá-da-Muralha. Se conseguir esmagar também os homens de ferro, o norte saberá que voltou a ter um rei.

E eu terei mil selvagens, pensou Jon, e nenhuma maneira de alimentar sequer metade desse número.

TYRION

A *Tímida Donzela* movia-se através do nevoeiro como um cego a percorrer às apalpadelas um salão que não lhe era familiar.

A Septã Lefore rezava. As névoas abafavam o som da sua voz, fazendo com que parecesse sumida e segredada. Griff andava de um lado para o outro no convés, com a cota de malha a tinir suavemente sob o manto de pele de lobo. De vez em quando tocava na espada, como que para se assegurar de que continuava pendurada do seu flanco. Rolly Campopato empurrava a vara de estibordo, Yandry a de bombordo. Ysilla manejava o leme.

— Não gosto deste lugar — resmungou Haldon Semimeistre.

— Assustado com um nevoeirozinho? — troçou Tyrion, se bem que na verdade o nevoeiro nada tivesse de pequeno. À proa da *Tímida Donzela*, estava o Jovem Griff com a terceira vara, a fim de os afastar de perigos quando estes surgissem por entre as névoas. As lanternas tinham sido acendidas à proa e à popa, mas o nevoeiro era tão denso que tudo o que o anão conseguia ver do meio do barco era uma luz a flutuar à sua frente e outra a segui-lo. A sua tarefa era cuidar do braseiro e assegurar-se de que o fogo não se apagava.

— Isto não é nevoeiro comum, Hugor Hill — insistiu Ysilla. — Fede a feitiçaria, como saberias se tivesses nariz para o cheirar. Muitos foram os viajantes que se perderam aqui, barcos de varejo e piratas e também grandes galés do rio. Vagueiam perdidas pelas névoas, à procura de um sol que não conseguem encontrar até que a loucura ou a fome reclamam as suas vidas. Há aqui espíritos inquietos no ar, e almas atormentadas debaixo de água.

— Ali está uma agora mesmo — disse Tyrion. A estibordo, uma mão suficientemente grande para esmagar o barco erguia-se das escuras profundezas. Só as pontas de dois dedos rompiam a superfície do rio mas, quando a *Tímida Donzela* passou por ela, Tyrion viu o resto da mão a ondular

debaixo de água, e uma cara pálida a olhar para cima. Embora o seu tom de voz fosse ligeiro, sentia-se inquieto. Aquele sítio era maligno, fedia a desespero e a morte. *Ysilla não se engana. Este nevoeiro não é natural.* Algo abominável crescia naquelas águas e apodrecia no ar. *Pouco admira que os homens de pedra enlouqueçam.*

— Não devias troçar — avisou Ysilla. — Os mortos sussurrantes odeiam os seres quentes e ágeis e andam sempre à procura de mais almas danadas para se lhes juntarem.

— Duvido que tenham um sudário do meu tamanho. — O anão mexeu as brasas com um atiçador.

— O ódio não desperta tanto os homens de pedra como a fome, nem por sombras. — Haldon Semimeistre tinha enrolado em volta da boca e nariz um lenço amarelo que lhe abafava a voz. — Nada que qualquer homem são queira comer cresce nestes nevoeiros. Três vezes por ano os triarcas de Volantis enviam uma galé rio acima com provisões, mas é frequente que os navios da misericórdia se atrasem, e por vezes trazem mais bocas do que comida.

O Jovem Griff disse:

— Tem de haver peixe no rio.

— Eu não comeria nenhum peixe pescado nestas águas — disse Ysilla. — Não comeria.

— E também faríamos bem em não respirar o nevoeiro — disse Haldon. — A Maldição de Garin está a toda a nossa volta.

A única maneira de não respirar o nevoeiro é não respirar.

— A Maldição de Garin é só escamagris — disse Tyrion. A maldição era frequentemente vista em crianças, especialmente em climas húmidos e frios. A pele atacada enrijecia, calcificava e estalava, embora o anão tivesse lido que o avanço da escamagris podia ser adiado por intermédio de limas, cataplasmas de mostarda, e banhos com água a esquentar (segundo os mestres) ou através de oração, sacrifício e jejum (como insistiam os septões). Depois a doença passava, deixando as jovens vítimas desfiguradas mas vivas. Tanto os mestres como os septões concordavam que as crianças marcadas pela escamagris nunca podiam ser tocadas pela forma mais rara e mortal da doença, nem pelo seu terrível primo rápido, a praga cinzenta. — Diz-se que o culpado é a humidade — disse. — Humores impuros no ar. Não maldições.

— Os conquistadores também não acreditaram, Hugor HiJI — disse Ysilla. — Os homens de Volantis e Valíria penduraram Garin numa gaiola dourada e troçaram quando ele chamou a Mãe para os destruir. Mas à noite, as águas ergueram-se e afogaram-nos, e desse dia até hoje não tiveram descanso. Ainda estão lá em baixo, debaixo de água, aqueles que foram em tempos os senhores do fogo. O seu hálito frio ergue-se da escuridão para produzir estes nevoeiros e a sua carne tornou-se tão pétrea como os seus corações.

O toco do nariz de Tyrion estava a dar-lhe uma violenta comichão. Deu-lhe uma coçadela. *A velha pode ter razão. Este lugar não presta. Sinto-me como se estivesse de volta à latrina, a ver o*

meu pai morrer. Também enlouqueceria se tivesse de passar os seus dias naquela sopa cinzenta enquanto a pele e os ossos se lhe transformavam em pedra.

O Jovem Griff não parecia partilhar da sua apreensão.

— Eles que tentem incomodar-nos, que lhes mostraremos aquilo de que somos feitos.

— Somos feitos de sangue e osso, à imagem do Pai e da Mãe — disse a Septã Lefore. — Não te ponhas com gabarolices presunçosas, peço-te. O orgulho é grave pecado. Os homens de pedra também eram orgulhosos, e o Senhor Amortalhado era o mais orgulhoso de todos.

O calor vindo dos carvões em brasa trouxera um rubor à cara de Tyrion.

— Existe um Senhor Amortalhado? Ou não passa de alguma lenda?

— O Senhor Amortalhado governa estas névoas desde os tempos de Garin — disse Yandry. — Há quem diga que ele próprio é Garin, regressado da sua sepultura aquática.

— Os mortos não regressam — insistiu Haldon Semimeistre — e ninguém vive mil anos. Sim, existe um senhor amortalhado. Houve uma vintena deles. Quando um morre outro toma o seu lugar. Este é um corsário das Ilhas Basilisco que acreditou que o Roine dava roubos mais ricos do que o Mar do Verão.

— Pois, também ouvi dizer isso — disse o Pato — mas há outra história de que gosto mais. Aquela que diz que ele não é como os outros homens de pedra, que começou como estátua até que uma mulher cinzenta saiu do nevoeiro e o beijou com lábios tão frios como gelo.

— *Basta* — disse Griff. — Calai-vos, todos vós.

A Septã Lefore susteve a respiração.

— *O que foi aquilo?*

— Onde? — Tyrion nada via além de nevoeiro.

— Alguma coisa se mexeu. Vi a água a ondular.

— Uma tartaruga — anunciou alegremente o príncipe. — Uma grande quebra-ossos, nada mais do que isso. — Projetou a vara para a frente e afastou-os de um grande obelisco verde.

O nevoeiro agarrava-se a eles, húmido e gélido. Um templo afundado ergueu-se do cinzento enquanto Yandry e o Pato se apoiavam às respetivas varas e avançavam lentamente da proa até à popa, a empurrar. Passaram por uma escadaria de mármore que espiralava da lama e terminava irregularmente no ar. Atrás, entrevistas, havia outras silhuetas: coruchéus estilhaçados, estátuas sem cabeças, árvores com raízes maiores do que o barco.

— Esta era a cidade mais bela do rio, e a mais rica — disse Yandry. — Chroyane, a cidade festival.

Rica demais, pensou Tyrion, bela demais. Nunca foi sensato tentar os dragões. A cidade afogada rodeava-os por completo. Uma silhueta entrevista esvoaçou por cima deles, com pálidas asas coriáceas a bater o nevoeiro. O anão rodou a cabeça para ver melhor, mas a coisa desapareceu tão subitamente como aparecera.

Não muito tempo depois, outra luz surgiu à vista, flutuando.

— Barco — chamou uma voz por cima de água, de forma ténue. — Quem sois vós?

— *Tímida Donzela* — gritou Yandry de volta.

— *Rei-Pescador*. Para cima ou para baixo?

— Baixo. Peles e mel, cerveja e sebo.

— Cima. Facas e agulhas, renda e linho, vinho com especiarias.

— Novidades da velha Volantis? — gritou Yandry.

— Guerra — foi a palavra que veio de volta.

— Onde? — gritou Griff. — Quando?

— Quando o ano acabar — veio a resposta — Nyessos e Malaquo andam de mãos dadas, e os elefantes mostram riscas. — A voz desvaneceu-se quando o outro barco se afastou deles. Viram a luz minguar e desaparecer.

— É sensato gritar através do nevoeiro a barcos que não conseguimos ver? — perguntou Tyrion. — E se forem piratas? — Tinham tido sorte no que tocava aos piratas, esgueirando-se pelo Lago Adaga durante a noite, sem serem vistos nem incomodados. Uma vez, o Pato vislumbrara um casco que, segundo insistia, pertencia a Urho, o Imundo. Contudo, a *Tímida Donzela* estivera a favor do vento, e Urho (se é que tinha sido Urho) não mostrara interesse neles.

— Os piratas não viajam até às Mágoas — disse Yandry.

— Elefantes com riscas? — resmungou Griff. — Aquilo era sobre o quê? Nyessos e Malaquo? Illyrio pagou ao Triarca Nyessos o suficiente para ser dono dele oito vezes.

— Em ouro ou em queijo? — gracejou Tyrion.

Griff virou-se para ele.

— A menos que consigas cortar este nevoeiro com a tua próxima gracinha, guarda-a para ti.

Sim, pai, quase disse o anão. Vou ficar calado. Obrigado. Não conhecia aqueles volantenos, mas parecia-lhe que elefantes e tigres podiam ter bons motivos para fazer causa comum quando confrontados com dragões. *Pode ser que o queijeiro tenha avaliado mal a situação. Pode-se comprar um homem com ouro, mas só o sangue e o aço o manterão leal.*

O homenzinho voltou a mexer as brasas e soprou-as para as fazer arder mais. *Detesto isto. Detesto este nevoeiro, detesto este sítio e sou menos do que amigo de Griff.* Tyrion ainda tinha os cogumelos venenosos que colhera nos jardins da mansão de Illyrio, e havia dias em que se sentia amargamente tentado a despejá-los no jantar de Griff. O problema era que Griff quase não parecia comer.

O Pato e Yandry empurraram as varas. Ysilla virou a cana do leme. O Jovem Griff empurrou a *Tímida Donzela* para longe de uma torre quebrada cujas janelas olhavam fixamente como se fossem olhos cegos e negros. Por cima, a vela do barco pendia flácida e pesada. A água aprofundou-se sob o casco, até que as varas deixaram de conseguir tocar no fundo, mas a corrente continuou a empurrá-los rio abaixo até que...

Tudo o que Tyrion conseguiu ver foi qualquer coisa enorme a erguer-se do rio, corcovada e ameaçadora. Tomou-a por uma colina a erguer-se por cima de uma ilha arborizada, ou por alguma rocha colossal coberta de musgo e fetos e oculta pelo nevoeiro. Mas quando a *Tímida Donzela* se aproximou mais, a forma da coisa tornou-se mais clara. Via-se uma fortaleza de madeira junto da água, apodrecida e coberta de vegetação. Esguios coruchéus ganharam forma por cima dela, alguns partidos como lanças quebradas. Torres sem telhado apareceram e desapareceram, projetando-se cegamente para cima. Salões e galerias passaram por eles; graciosos pilares, delicados arcos, colunas estriadas, terraços e caramanchões.

Tudo arruinado, tudo desolado, tudo caído.

O musgo cinzento crescia ali denso, cobrindo as pedras caídas em grandes montículos e decorando todas as torres. Trepadeiras negras entravam e saíam de janelas, penetrando em portas e passando por cima de arcadas, subindo grandes muros de pedra. O nevoeiro ocultava três quartos do palácio, mas aquilo que vislumbraram foi suficiente para Tyrion compreender que aquela fortaleza insular fora em tempos dez vezes maior do que a Fortaleza Vermelha, e cem vezes mais bela. Sabia onde estava.

— O Palácio do Amor — disse em voz baixa.

— Esse era o nome roinar — disse Haldon Semimeistre — mas há mil anos que isto é o Palácio da Mágoa.

A ruína era bastante triste, mas saber o que fora tornava-a ainda mais triste. *Em tempos houve aqui risos*, pensou Tyrion. *Houve jardins brilhantes de flores, e fontanários que cintilavam dourados ao sol. Aqueles degraus ressoaram em tempos com o som dos passos de amantes, e por baixo daquela cúpula quebrada incontáveis casamentos foram selados com um beijo.* Os penamentos viraram-se-lhe para Tysha, que tão brevemente fora a senhora sua esposa. *Foi Jaime*, pensou, desesperando. *Ele era do meu próprio sangue, eorneu irmão grande e forte. Quando eu era pequeno trazia-me brinquedos, aros de barris e blocos e um leão esculpido em madeira. Deu-me o meu primeiro pónei, e ensinou-me a montá-lo. Quando disse que te tinha comprado para mim, não duvidei dele. Porque haveria de duvidar? Ele era o Jaime, e tu eras só uma rapariga qualquer que tinha representado um papel. Eu temera-o desde o princípio, desde o momento em que me sorriste pela primeira vez e me deixaste tocar-te na mão. O meu próprio pai não era capaz de me amar. Como poderias tu fazê-lo, se não fosse por ouro?*

Através dos longos dedos cinzentos do nevoeiro, voltou a ouvir o profundo e trémulo *trum* da corda do arco a disparar, o grunhido que o Lorde Tywin soltara quando o dardo lhe acertara abaixo da barriga, o bater das nádegas na pedra quando se voltara a sentar para morrer.

— Onde quer que as rameiras vão — dissera. *E onde é isso?*, queria Tyrion perguntar-lhe. *Para onde foi Tysha, pai?*

— Quanto mais deste nevoeiro teremos de suportar?

— Mais uma hora e devemos ter passado pelas Mágoas — disse Haldon Semimeistre. — Daqui em diante, isto deve ser um cruzeiro de prazer. Há uma aldeia depois de cada curva ao longo do Roine inferior. Pomares, vinhedos e searas a amadurecer ao sol, pescadores na água, banhos quentes e vinhos doces. Selhorys, Valisar e Volon Therys são vilas muradas tão grandes que seriam cidades nos Sete Reinos. Acho que vou...

— Luz em frente — avisou o Jovem Griff.

Tyrion também a viu. O Rei-Pescador, *ou outro barco de varejo*, disse a si próprio, mas de alguma forma sabia que não estava certo. Tinha comichão no nariz. Coçou-o furiosamente. A luz tornou-se mais brilhante quando a *Tímida Donzela* se aproximou dela. Uma suave estrela à distância, brilhava debilmente através do nevoeiro, chamando-os. Depressa se transformou em duas luzes, depois em três; uma fileira irregular de feixes luminosos, a erguer-se da água.

— A Ponte do Sonho — chamou-lhe Griff. — Vai haver homens de pedra no vão. Alguns talvez comecem a gemer quando nos aproximarmos, mas não é provável que nos incomodem. A maior parte dos homens de pedra são criaturas débeis, desajeitadas, pesadas, estúpidas. Perto do fim enlouquecem todos, mas é nessa altura que são mais perigosos. Se for necessário, afastai-os com os archotes. Não deixeis que vos toquem por nenhum motivo.

— Talvez nem sequer nos vejam — disse Haldon Semimeistre. — O nevoeiro irá esconder-nos deles até estarmos quase na ponte, e depois passaremos antes que saibam que estamos lá.

Olhos de pedra são olhos cegos, pensou Tyrion. Sabia que a forma mortal de escamagris começava nas extremidades: um formigueiro na ponta de um dedo, uma unha que se tornava preta, uma perda de sensação. A medida que a insensibilidade alastrava pela mão ou ultrapassava o pé e subia pela perna, a carne endurecia e esfriava e a pele da vítima tomava um tom acinzentado, lembrando pedra. Ouvira dizer que havia três boas curas para a escamagris: o machado, a espada e o cutelo. Tyrion sabia que cortar as partes atingidas parava o alastrar da doença em alguns casos, mas não em todos. Muitos tinham sido os homens que sacrificaram um braço ou um pé, só para descobrir o outro a acinzentar-se. Quando isso acontecia, a esperança estava perdida. A cegueira era comum quando a pedra chegava à cara. Nos últimos estágios, a maldição virava-se para dentro, para os músculos, ossos e órgãos internos.

À frente deles, a ponte tornou-se maior. A Ponte do Sonho, chamara-lhe Griff, mas aquele sonho estava esmagado e quebrado. Pálidos arcos de pedra desapareciam no nevoeiro, estendendo-se desde o Palácio da Mágoa até à margem ocidental do rio. Metade deles ruína, puxados para baixo pelo peso do musgo cinzento que os envolvia e das grossas trepadeiras negras que serpenteavam para cima, a partir da água. O largo vão de madeira da ponte estava carcomido, mas algumas das lâmpadas que orlavam o caminho ainda estavam acesas. Quando a *Tímida Donzela* se aproximou mais, Tyrion viu as silhuetas de homens de pedra a moverem-se à

luz, arrastando os pés sem destino em volta das lâmpadas como se fossem lentas mariposas cinzentas. Alguns estavam nus, outros envergavam mortalhas.

Griff puxou pela espada.

— Yollo, acende os archotes. Rapaz, leva a Lefore para a cabina e fica com ela.

O Jovem Griff deitou um olhar obstinado ao pai.

— A Lefore sabe onde fica a cabina dela. Eu quero ficar.

— Jurámos proteger-te — disse Lefore numa voz suave.

— Não preciso de ser protegido. Manejo uma espada tão bem quanto o Pato. Eu sou meio cavaleiro.

— E meio rapaz — disse Griff. — Faz o que te digo. Já.

O jovem praguejou em surdina e atirou a vara ao convés. O som ecoou estranhamente no nevoeiro, e por um momento foi como se varas estivessem a cair à volta deles.

— Porque hei de fugir e esconder-me? O Haldon fica, e a Ysilla também. Até Hugor fica.

— Pois — disse Tyrion — mas eu sou suficientemente pequeno para me esconder atrás de um pato. — Atirou meia dúzia de archotes para dentro das brilhantes brasas do braseiro, e viu os trapos cobertos de óleo incendiarem-se. *Não fites o fogo*, disse a si próprio. As chamas deixá-lo-iam encadeado.

— Tu és um *anão* — disse o Jovem Griff com escárnio na voz.

— O meu segredo foi revelado — disse Tyrion. — Pois, sou menos de metade de Haldon, e toda a gente se está nas tintas sobre se eu vivo ou morro. — *Principalmente eu*. — Agora tu... tu és tudo.

— Anão — disse Griff — Eu avisei-te...

Um gemido trémulo chegou-lhes através do nevoeiro, ténue e agudo.

Lefore rodou sobre si própria, a tremer.

— Que os Sete nos salvem a todos.

A ponte quebrada estava meros cinco metros em frente. Em volta dos seus pilares, a água ondulava, branca como a espuma na boca de um louco. Doze metros mais acima, os homens de pedra gemiam e resmungavam sob uma lâmpada tremeluzente. A maioria não prestava mais atenção à *Tímida Donzela* do que a um tronco à deriva. Tyrion agarrou no archote com mais força, e descobriu que estava a sustentar a respiração. E depois viram-se debaixo da ponte, com muros brancos carregados de cortinas de fungos cinzentos a erguerem-se de ambos os lados, e água a espumar furiosamente em volta deles. Por um momento, pareceram ir colidir com o pilar da direita, mas o Pato ergueu a vara e afastou-o, empurrando o barco para o centro do canal e, alguns segundos mais tarde, tinham atravessado.

Assim que Tyrion exalou, o Jovem Griff agarrou-lhe no braço.

— O que queres tu dizer? Eu sou *tudo*? O que querias dizer com isso? Porque é que eu sou tudo?

— Ora — disse Tyrion — se os homens de pedra tivessem levado Yandry, Griff ou a adorável Lembre, teríamos chorado por eles e prosseguido viagem. Se te perdermos a *ti*, todo este empreendimento se desfaz, e todos estes anos de febris maquinações pelo queijeiro e pelo eunuco terão sido para nada... não é verdade?

O rapaz olhou para Griff.

— Ele sabe quem eu sou.

Se não soubesse já, saberia agora. Por essa altura a *Tímida Donzela* estava bem para jusante da Ponte do Sonho. Tudo o que restava era uma luz que minguava à popa, e em breve também isso teria desaparecido.

— És o Jovem Griff, filho de Griff, o mercenário — disse Tyrion. — Ou talvez sejas o Guerreiro com disfarce de mortal. Deixa-me ver melhor. — Ergueu o archote para que a luz caísse sobre a cara do Jovem Griff.

— Para com isso — ordenou Griff — senão vais desejar ter parado.

O anão ignorou-o.

— O cabelo azul faz com que os teus olhos pareçam azuis. Isso é bom. E a história sobre o pintares em honra da tua mãe tyroshi morta foi tão comovente que quase me pôs a chorar. Apesar disso, um homem curioso pode perguntar a si próprio porque haveria a cria de um mercenário qualquer de precisar de uma septã maculada para o instruir na Fé, ou de um mestre sem corrente para lhe ensinar História e línguas. E um homem esperto poderá questionar o motivo por que o teu pai contrataria um cavaleiro andante para te instruir nas armas em vez de te mandar simplesmente como aprendiz para uma das companhias livres. É quase como se alguém quisesse manter-te escondido enquanto continuava a preparar-te para... o quê? Ora aí está uma perplexidade, mas tenho a certeza de que a seu tempo me ocorrerá. Tenho de admitir que tens umas feições nobres para um rapaz morto.

O rapaz corou.

— *Eu não estou morto.*

— Como não? O senhor meu pai envolveu o teu cadáver num manto carmesim e depositou-o ao lado da tua irmã na base do Trono de Ferro, como presente para o novo rei. Aqueles que tiveram estômago para erguer o manto disseram que metade da tua cabeça tinha desaparecido.

O rapaz recuou um passo, confuso.

— O teu...?

— ... *pai*, pois. Tywin da Casa Lannister. Talvez tenhas ouvido falar dele.

O Jovem Griff hesitou.

— *Lannister?* O teu pai...

— ... está morto. Pela minha mão. Se aprovar a Vossa Graça chamar-me Yollo ou Hugor, assim seja, mas sabeis que eu nasci Tyrion da Casa Lannister, legítimo filho de Tywin e Joanna,

ambos os quais matei. Os homens dir-vos-ão que sou um regicida, um assassino de parentes e um mentiroso, e metade disso é verdade... mas de resto nós somos um bando de mentirosos, não somos? O vosso pai fingido, por exemplo. *Griff*, não é? — O anão soltou um risinho abafado. — Devíeis agradecer aos deuses por Varys, a Aranha, fazer parte desta vossa conspiração. *Griff* não teria enganado a maravilha sem picha por um instante, tal como não me enganou a mim. *Não sou senhor nenhum*, diz a nossa senhoria, *não sou cavaleiro nenhum*. E eu não sou anão nenhum. Dizer uma coisa não a torna verdadeira. Quem melhor para criar o filho bebê do Príncipe Rhaegar do que o querido amigo do Príncipe Rhaegar, Jon Connington, outrora Senhor do Poleiro do Grifo e Mão do Rei?

— Cala-te. — A voz de Griff soou preocupada.

A bombordo do barco, uma enorme mão de pedra estava visível mesmo por baixo de água. Dois dedos rompiam a superfície. *Quantas coisas destas existem?*, perguntou Tyrion a si próprio. Um regato de humidade correu-lhe pela espinha abaixo e fê-lo estremecer. As Mágoas foram passando por eles. Espreitando pelas névoas, vislumbrou um coruchéu quebrado, um herói sem cabeça, uma antiga árvore arrancada do chão e virada ao contrário, com enormes raízes que se contorciam através do telhado e janelas de uma cúpula quebrada. *Porque é que tudo isto parece tão familiar?*

Mesmo em frente, uma escadaria inclinada de mármore claro ergueu-se da água escura numa graciosa espiral, terminando abruptamente três metros acima das cabeças deles. *Não*, pensou Tyrion, *isto não é possível*.

— Em frente. — A voz de Lefore soou trémula. — Uma luz.

Todos olharam. Todos a viram.

— O *Rei-Pescador* — disse Griff. — Esse barco ou outro qualquer como ele. — Mas voltou a puxar pela espada.

Ninguém disse palavra. A *Tímida Donzela* movia-se com a corrente. A vela não fora içada desde que haviam penetrado nas Mágoas. Não tinha maneira de se deslocar salvo ao sabor do rio. O Pato semicerrou os olhos, agarrado à sua vara com ambas as mãos. Passado algum tempo até Yandry parou de empurrar. Todos os olhos estavam postos na luz distante. Quando se aproximaram mais, transformou-se em duas luzes. Depois em três.

— A Ponte do Sonho — disse Tyrion.

— Inconcebível — disse Haldon Semimeistre. — Deixámos a ponte para trás. Os rios só correm num sentido.

— A Mãe Roine corre como lhe apetece — murmurou Yandry.

— Que os Sete nos salvem — disse Lefore.

Em frente, os homens de pedra na ponte começaram a gemer. Alguns estavam a apontar para eles.

— Haldon, leva o príncipe para baixo — ordenou Griff.

Era tarde demais. A corrente apanhara-os nos seus dentes. Derivaram inexoravelmente na direção da ponte. Yandry espetou a vara para evitar que se esmagassem contra um pilar. A estocada empurrou-os de lado contra uma cortina de musgo cinzento-claro. Tyrion sentiu gavinhas a roçar-lhe na cara, suaves como os dedos de uma rameira. Depois ouviu-se um estrondo atrás dele, e o convés inclinou-se tão subitamente que quase perdeu o equilíbrio e foi atirado borda fora.

Um homem de pedra caiu com estrondo no barco.

Aterrou no teto da cabina, tão pesadamente que a *Tímida Donzela* pareceu balançar, e rugiu-lhes uma palavra numa língua que Tyrion não reconheceu. Um segundo homem de pedra seguiu-o, aterrando lá atrás ao lado da cana do leme. As velhas tábuas estilhaçaram-se sob o impacto e Ysilla soltou um guincho.

Era o Pato que estava mais perto dela. O grande homem não perdeu tempo a tentar pegar na espada. Em vez disso, brandiu a vara, batendo com ela no peito do homem de pedra e atirando-o para fora do barco, para o rio, onde o homem se afundou de imediato sem soltar um som.

Griff caiu sobre o segundo homem de pedra no instante em que este desceu desajeitadamente do teto da cabina. Com uma espada na mão direita e um archote na esquerda, empurrou a criatura para trás. Quando a corrente levou a *Tímida Donzela* para baixo da ponte, as suas sombras mutantes dançaram nos pilares cobertos de musgo. O homem de pedra deslocou-se para a popa, e o Pato bloqueou-lhe o caminho, de vara na mão. Quando foi para a frente, Haldon Semimeistre brandiu um segundo archote contra ele e empurrou-o para trás. Não teve alternativa que não fosse vir diretamente contra Griff. O capitão esquivou-se para o lado, fazendo relampejar a espada. Voou uma centelha quando o aço mordeu a calcificada carne cinzenta do homem de pedra, mas o seu braço caiu na mesma ao convés. Griff pontapeou o membro para longe. Yandry e o Pato tinham-se aproximado com as respetivas varas. Juntos, forçaram a criatura a cair borda fora, para dentro das águas negras do Roine.

Por essa altura já a *Tímida Donzela* tinha derivado de sob a ponte quebrada.

— Apanhámo-los a todos? — perguntou o Pato. — Quantos saltaram?

— Dois — disse Tyrion, a tremer.

— Três — disse Haldon. — Atrás de ti.

O anão virou-se, e ali estava ele.

O salto estilhaçara-lhe uma das pernas, e um bocado irregular de osso branco projetava-se através do pano apodrecido das calças e da carne cinzenta que estava por baixo. O osso quebrado estava manchado de sangue castanho, mas mesmo assim ele avançou, tentando alcançar o Jovem Griff. A sua mão era cinzenta e rígida, mas sangue jorrou entre os nós dos seus dedos quando tentou fechar os dedos para o agarrar. O rapaz manteve-se de olhos fitos, tão imóvel como se também ele fosse feito de pedra. A sua mão estava no cabo da espada, mas parecia ter-se esquecido do motivo.

Tyrion fez com que o rapaz perdesse o apoio das pernas com um pontapé e saltou por cima dele quando caiu, atirando o archote à cara do homem de pedra, fazendo-o recuar, cambaleando sobre a perna estilhaçada, esbracejando contra as chamas, tentando agarrá-las com rígidas mãos cinzentas. O anão bamboleou-se atrás dele, golpeando com o archote, projetando-o contra os olhos do homem de pedra. *Um pouco mais. Para trás, mais um passo, outro.* Estavam no limite do convés quando a criatura correu contra ele, agarrou no archote e arrancou-lho das mãos. *Foda-se,* pensou Tyrion.

O homem de pedra deitou o archote fora. Ouviu-se um suave silvo quando as águas negras apagaram as chamas. O homem de pedra uivou. Antes fora um ilhéu de verão; o seu queixo e metade do pescoço tinham-se transformado em pedra, mas a pele era negra como a meia-noite onde não era cinzenta. Onde agarrara o archote, a pele rachara e abriu-se. Sangue jorrava dos nós dos seus dedos, embora ele não parecesse senti-lo. Tyrion supunha que isso era uma pequena misericórdia. Embora fosse mortal, pensava-se que a escamagris não era dolorosa.

— *Afasta-te!* — gritou alguém, muito longe, e outra voz disse: — O príncipe! Protege o rapaz! — o homem de pedra cambaleou em frente, de mãos estendidas e a tentar agarrar.

Tyrion atirou um ombro contra ele.

Foi como atirar-se contra a parede de um castelo, mas aquele castelo erguia-se sobre uma perna quebrada. O homem de pedra caiu para trás, agarrando em Tyrion quando caiu. Atingiram o rio levantando uma monumental quantidade de água, e a Mãe Roine engoliu-os a ambos.

O súbito frio atingiu Tyrion como um martelo. Enquanto se afundava, sentiu uma mão de pedra a apalpar-lhe a cara. Outra fechava-se em volta do seu braço, arrastando-o para as trevas, lá em baixo. Cego, com o nariz cheio de rio, sufocado, a afundar-se, esperneou, torceu-se e lutou por libertar o braço, mas os dedos de pedra não cediam. Ar borbulhou-lhe de entre os lábios. O mundo era negro e estava a tornar-se mais negro. Não conseguia respirar.

Há maneiras de morrer piores do que o afogamento. E para falar a verdade, ele perecera muito tempo antes, em Porto Real. Só restava o seu cadáver morto-vivo, o pequeno fantasma vingativo que estrangulara Shae e enfiara um dardo de besta nas tripas do grande Lorde Tywin. Ninguém faria luto pela coisa em que se transformara. *Vou assombrar os Sete Reinos,* pensou, afundando-se mais. *Não quiseram amar-me vivo, por isso vão temer-me morto.*

Quando abriu a boca para os amaldiçoar a todos, água negra encheu-lhe os pulmões, e a escuridão fechou-se à sua volta.

DAVOS

— Sua senhoria vai ouvir-vos agora, contrabandista.

O cavaleiro usava armadura prateada, as grevas e manoplas estavam incrustadas de nígelo para sugerir frondes fluidas de algas. O elmo que tinha debaixo do braço era a cabeça do rei bacalhau, com uma coroa de madrepérola e uma barba espetada de azeviche e jade. A barba dele era tão cinzenta como o mar de inverno.

Davos levantou-se.

— Posso saber o vosso nome, sor?

— Sor Marlon Manderly. — Era uma cabeça mais alto do que Davos e vinte quilos mais pesado, com olhos cinzentos de ardósia e uma forma altiva de falar. — Tenho a honra de ser primo do Lorde Wyman, e comandante da sua guarnição. Segui-me.

Davos viera a Porto Branco como emissário, mas tinham-no transformado em cativo. Os seus aposentos eram grandes, arejados e mobilados com elegância, mas havia guardas à porta. Da janela podia ver as ruas de Porto Branco para lá das muralhas do castelo, mas não lhe era permitido percorrê-las. Consequia também ver o porto, e vira a *Alegre Parteira* descer o braço de mar. Casso Mogat esperara quatro dias em vez de três antes de partir. Outra quinzena se passara desde então.

A guarda doméstica do Lorde Manderly usava mantos de lã verde azulada, e transportava tridentes prateados em vez das lanças comuns. Um guarda seguiu à sua frente, outro atrás e um de cada lado. Passaram pelos estandartes desbotados, escudos quebrados e espadas enferrujadas de uma centena de antigas vitórias, e por uma vintena de esculturas de madeira, estaladas e corroídas por vermes, que só podiam ter adornado as proas de navios.

Dois tritões de mármore flanqueavam a corte de sua senhoria, primos mais pequenos do Pés-de-Peixe. Quando os guardas escancararam as portas, um arauto bateu com a base do bastão contra um velho soalho de madeira.

— Sor Davos da Casa Seaworth — gritou numa voz ressonante.

Apesar de ter visitado Porto Branco tantas vezes, Davos nunca antes pusera os pés no interior do Castelo Novo, muito menos na Corte do Tritão. As suas paredes, chão e teto tinham sido feitos de tábuas de madeira encaixadas engenhosamente e decoradas com todas as criaturas do mar.

Quando se aproximaram do estrado, Davos pisou pinturas de caranguejos, mexilhões e estrelas-do-mar, meio escondidos por entre retorcidas frondes negras de algas e ossos de marinheiros afogados. Nas paredes, de ambos os lados, pálidos tubarões patrulhavam

profundezas verdes-azuladas, enquanto enguias e octópodes deslizavam entre rochas e navios afundados. Cardumes de arenques e grandes bacalhaus nadavam entre as altas janelas arqueadas. Mais acima, perto de onde as velhas redes pendiam das vigas, fora representada a superfície do mar. À sua direita, uma galé de guerra avançava, serena, para o Sol nascente; à esquerda, uma maltratada velha coca corria em frente de uma tempestade, de velas em farrapos. Atrás do estrado, uma lula gigante e um leviatã cinzento estavam unidos em batalha sob as ondas pintadas.

Davos esperara falar com Wyman Manderly a sós, mas foi encontrar uma corte cheia de gente. Ao longo das paredes, as mulheres eram cinco vezes mais numerosas do que os homens; os poucos indivíduos de sexo masculino que viu tinham longas barbas grisalhas ou pareciam ser demasiado jovens para fazer a barba. Também havia septões, e santas irmãs em togas brancas e cinzentas. Em pé, perto da extremidade do salão, estava uma dúzia de homens com o azul e o cinzento prateado da Casa Frey. As suas caras tinham parecenças que até um cego teria visto; vários usavam o símbolo das Gémeas, duas torres ligadas por uma ponte.

Davos aprendera a ler as caras dos homens muito antes do Mestre Pylos lhe ensinar a ler palavras escritas em papel. *Estes Frey de bom grado me veriam morto*, compreendeu com um relance.

E tampouco encontrou quaisquer boas-vindas nos olhos azuis claros de Wyman Manderly. O trono almofadado de sua senhoria era suficientemente largo para receber três homens de perímetro comum, mas Manderly ameaçava transbordar dele. Sua senhoria *esparramava-se* na cadeira, com os ombros descaídos, as pernas muito abertas, as mãos a repousar nos braços do trono como se o seu peso fosse demasiado para suportar. *Pela bondade dos deuses*, pensou Davos quando viu a cara do Lorde Wyman, *este homem parece meio cadáver*. A sua pele estava pálida, com um tom cinzento subjacente.

Segundo o velho ditado, os reis e os cadáveres atraem sempre servidores. Assim era com Manderly. Em pé, à esquerda do cadeirão, estava um mestre quase tão gordo como o senhor que servia, um homem de faces rosadas com lábios grossos e uma cabeça de caracóis dourados. Sor Marlon reclamava o lugar de honra à direita de sua senhoria. Num banco almofadado, a seus pés, empoleirava-se uma rechonchuda senhora rosada. Atrás do Lorde Wyman estavam duas mulheres maig novas, irmãs, ajuizando pelo aspeto. A mais velha tinha o cabelo castanho preso numa longa trança.

A mais nova, com não mais de quinze anos, tinha uma trança ainda mais longa pintada num berrante tom de verde.

Ninguém decidiu honrar Davos com um nome. O mestre foi o primeiro a falar.

— Estais perante Wyman Manderly, Senhor de Porto Branco e Protetor da Faca Branca, Escudo da Fé, Defensor dos Despojados, Senhor Marechal do Vago, um cavaleiro da Ordem da Mão Verde — disse. — Na Corte do Tritão é costume que os vassalos e peticionários ajoelhem.

O cavaleiro da cebola teria dobrado o joelho, mas a Mão de um Rei não podia; fazê-lo sugeriria que o rei que servia era inferior àquele lorde gordo.

— Não vim como peticionário — respondeu Davos. — Também tenho uma cadeia de títulos. Senhor da Mata de Chuva, Almirante do Mar Estreito, Mão do Rei.

A mulher rechonchuda do banco fez rolar os olhos.

— Um almirante sem navios, uma mão sem dedos, ao serviço de um rei sem trono. Isto que se nos apresenta é um cavaleiro ou a resposta a uma adivinha infantil?

— É um mensageiro, nora — disse o Lorde Wyman — uma cebola de mau agouro. Stannis não gostou da resposta que os corvos lhe levaram, portanto enviou este... este *contrabandista*. — Espreitou Davos com olhos meio enterrados em rolos de gordura. — Já antes visitastes a nossa cidade, julgo eu, tirando-nos dinheiro dos bolsos e comida da mesa. Pergunto a mim próprio quanto me tereis roubado.

Não o suficiente para alguma vez teres falhado uma refeição.

— Paguei pelo meu contrabando em Ponta Tempestade, senhor. — Davos descalçou a luva e ergueu a mão esquerda, com os seus quatro dedos encurtados.

— Quatro pontas de dedos por uma vida inteira de roubo? — disse a mulher no banco. O seu cabelo era louro, a cara redonda, cor-de-rosa e carnuda. — Pagastes barato, cavaleiro da cebola.

Davos não o negou.

— Se aprover ao senhor, gostaria de pedir uma audiência em privado.

Não aprazeu ao senhor.

— Não tenho segredos para com a minha família, nem para com os meus leais senhores e cavaleiros, todos bons amigos.

— Senhor disse Davos — não gostaria que as minhas palavras fossem ouvidas pelos inimigos de Sua Graça... ou pelos de vossa senhoria.

— Stannis pode ter inimigos neste salão. Eu não tenho.

— Nem sequer os homens que mataram o vosso filho? — Davos apontou. — Aqueles Frey estavam entre os seus anfitriões no Casamento Vermelho.

Um dos Frey deu um passo em frente, um cavaleiro alto e de membros esguios, escanhado, à exceção de um bigode cinzento tão fino como um estilete de Myr.

— O Casamento Vermelho foi obra do Jovem Lobo. Ele transformou-se em animal perante os nossos olhos e rasgou a garganta do meu primo Guizo, um inofensivo simplório. Teria morto também o senhor meu pai se Sor Wendel não se tivesse posto no caminho.

O Lorde Wyman reprimiu lágrimas, pestanejando.

— Wendel sempre foi um rapaz corajoso. Não me surpreende saber que morreu como herói. A enormidade da mentira fez Davos arquejar.

— Afirmas que *Robb Stark* matou Wendel Manderly? — perguntou ao Frey.

— E muitos outros. O meu próprio filho Tytos conta-se entre eles, bem como o marido da minha filha. Quando o Stark se transformou num lobo, os seus nortenhos fizeram o mesmo. A marca da besta estava em todos eles. É bem sabido que os *wargs* geram outros *wargs* com uma dentada. Foi com grande dificuldade que eu e os meus irmãos os abatemos antes de nos matarem a todos.

O homem estava com um *sorrisinho* na cara enquanto contava a história. Davos quis arrancar-lhe a pele dos lábios com uma faca.

— Sor, posso saber o vosso nome?

— Sor Jared, da Casa Frey.

— Jared da Casa Frey, chamo-vos mentiroso.

Sor Jared pareceu divertido.

— Há homens que choram quando cortam cebolas, mas eu nunca tive tal fraqueza. — Aço sussurrou contra couro quando puxou pela espada. — Se fordes de facto um cavaleiro, sor, defendei essa calúnia com o vosso corpo.

Os olhos do Lorde Wyman abriram-se, trémulos.

— Não admito derramamento de sangue na Corte do Tritão. Guardai o vosso aço, Sor Jared, caso contrário terei de vos pedir para que saiais da minha presença.

Sor Jared embainhou a espada.

— Sob o teto de vossa senhoria, a palavra de vossa senhoria é lei... mas eu vou querer um ajuste de contas com este cavaleiro da cebola antes de ele abandonar esta cidade.

— Sangue! — uivou a mulher no banco. — É o que esta maligna cebola quer de nós, senhor. Vedes como causa problemas? Mandai-o embora, suplico-vos. Ele quer o sangue do vosso povo, o sangue dos vossos corajosos filhos. Mandai-o *embora*. Se a rainha ouvir dizer que concedestes uma audiência a este traidor, poderá questionar a nossa lealdade. Ela talvez... ela pode... ela...

— Não se chegará a tanto, nora — disse o Lorde Wyman. — O Trono de Ferro não terá qualquer motivo para duvidar de nós.

Davos não gostou de como aquilo soava, mas não percorrera todo aquele caminho para controlar a língua.

— O rapaz no Trono de Ferro é um usurpador — disse — e eu não sou traidor nenhum, mas sim a Mão de Stannis Baratheon, Primeiro do Seu Nome, o legítimo Rei de Westeros.

O mestre gordo pigarreou.

— Stannis Baratheon era irmão do nosso falecido Rei Robert, que o Pai o julgue com justiça. Tommen é fruto do corpo de Robert. As leis de sucessão são claras nesses casos. Um filho tem precedência sobre um irmão.

— O Mestre Theomore fala a verdade — disse o Lorde Wyman. — É sábio em tais matérias e sempre me deu bons conselhos.

— Um filho *legítimo* tem precedência sobre um irmão — concordou Davos — mas Tommen-dito-Baratheon é de nascimento bastardo, tal como o irmão Joffrey era antes dele. Foram gerados pelo Regicida, em desafio a todas as leis dos deuses e dos homens.

Outro dos Frey interveio.

— Ele profere traições com os próprios lábios, senhor. Stannis cortou-lhe os dedos de ladrão. Devíeis cortar-lhe a língua de mentiroso.

— Cortai-lhe antes a cabeça — sugeriu Sor Jared. — Ou deixai que me defronte no campo de honra.

— Que saberia um Frey de honra? — atirou Davos em resposta.

Quatro dos Frey avançaram até que o Lorde Wyman os parou com uma mão erguida.

— Recuai, meus amigos. Quero ouvi-lo até ao fim antes de... antes de lidar com ele.

— Podeis fornecer alguma prova desse incesto, sor? — perguntou o Mestre Theomore, dobrando as suaves mãos em cima da barriga.

Edric Storm, pensou Davos, mas mandei-o para longe para o outro lado do mar estreito para o fim de o manter a salvo dos fogos de Melisandre.

Tendes a palavra de Stannis Baratheon de que tudo o que eu disse é verdade.

— Palavras são vento — disse a jovem por trás do cadeirão do Lorde Wyman, a bonita com a longa trança castanha. — E os homens mentem para conseguir o que querem, como qualquer donzela vos poderá dizer.

— A prova exige mais do que a palavra sem base de um senhor qualquer — declarou o Mestre Theomore. — Stannis Baratheon não seria o primeiro homem a mentir para conquistar um trono.

A mulher rosada apontou um dedo rechonchudo a Davos.

— Não queremos nada com traição nenhuma, homem. Em Porto Branco somos boa gente, gente cumpridora da lei e leal. Não despejis mais veneno nos nossos ouvidos, senão o meu sogro mandar-vos-á para o Covil do Lobo.

Como foi que ofendi esta?

Posso ter a honra de saber o nome da senhora?

A mulher cor-de-rosa soltou uma fungadela zangada, e deixou o mestre responder.

— A Senhora Leona é esposa do filho do Lorde Wyman, Sor Wylis, atualmente cativo dos Lannister.

— *Ela fala por medo. Se Porto Branco declarasse o seu apoio a Stannis, o marido dela responderia com a vida. Como posso pedir ao Lorde Wyman para condenar o filho à morte? O que faria eu no seu lugar, se Devan fosse refém?*

Senhor — disse Davos — rezo para que nenhum mal aconteça ao vosso filho, ou a qualquer homem de Porto Branco.

— Outra mentira — disse a Senhora Leona do seu banco.

Davos achou melhor ignorá-la.

— Quando Robb Stark pegou em armas contra o bastardo Joffrey-dito-Baratheon, Porto Branco marchou com ele. Lorde Stark caiu, mas a sua guerra prossegue.

— Robb Stark era o senhor meu suserano — disse o Lorde Wyman. — Quem é este Stannis? Porque nos incomoda? Ele nunca tinha sentido necessidade de viajar para norte, tanto quanto me recorde. Mas aparece agora, um rafeiro espancado, com o elmo na mão, a pedinchar esmola.

— Ele veio salvar o reino, senhor — insistiu Davos. — Veio para defender as vossas terras contra os homens de ferro e os selvagens.

Ao lado do cadeirão, Sor Marlon Manderly soltou uma fungadela de desdém.

— Passaram-se séculos desde que Porto Branco viu algum selvagem, e os homens de ferro nunca causaram problemas a esta costa. Será que o Lorde Stannis também propôs defender-nos de *snarks* e gramequins?

Gargalhadas varreram a Corte do Tritão mas, aos pés do Lorde Wyman, a Senhora Leona começou a soluçar.

— Homens de ferro vindos das ilhas, selvagens do outro lado da Muralha, e agora este senhor traidor com os seus fora-da-lei, rebeldes e feiticeiros. — Apontou para Davos com um dedo. — Ouvimos falar da vossa bruxa vermelha, oh sim. Ela quer virar-nos contra os Sete para nos curvamos perante um demónio de fogo!

Davos não nutria nenhuma amizade pela sacerdotisa vermelha, mas não se atreveu a deixar a Senhora Leona sem resposta.

— A Senhora Melisandre é uma sacerdotisa do deus vermelho. A Rainha Selyse adotou a sua fé, bem como muitos outros, mas são mais os seguidores de Sua Graça que ainda adoram os Sete. Eu próprio conto-me entre eles. — Rezou para que ninguém lhe pedisse para explicar o que acontecera ao septo em Pedra do Dragão ou ao bosque sagrado em Ponta Tempestade. *Se perguntarem, terei de lhes dizer. Stannis não aceitaria que eu mentisse.*

— Os Sete protegem Porto Branco — declarou a Senhora Leona. — Não tememos a vossa rainha vermelha nem o deus dela. Que envie os feitiços que quiser. As preces de homens pios proteger-nos-ão contra o mal.

— Exato. — O Lorde Wyman deu à Senhora Leona uma palmadinha no ombro. — Lorde Davos, se é que *sois* um lorde, eu sei o que o vosso autoproclamado rei quer de mim. Aço, prata e um joelho dobrado. — Mudou de posição, apoiando-se a um cotovelo. — Antes de ser morto, o Lorde Tywin ofereceu a Porto Branco um perdão total pelo nosso apoio ao Jovem Lobo. Prometeu que o meu filho me seria devolvido depois de eu pagar um resgate de três mil dragões e

demonstrar a minha lealdade sem deixar lugar a dúvidas. Roose Bolton, que foi nomeado o nosso Protetor do Norte, exige que eu desista da minha pretensão às terras e castelos do Lorde Hornwood, mas jura que as minhas outras propriedades permanecerão intocadas. Walder Frey, o seu sogro, oferece uma das filhas para ser minha esposa, e maridos para as filhas do meu filho que aqui estão atrás de mim. Estes termos parecem-me generosos, uma boa base para uma paz justa e duradoura. Vós quereis que os despreze. Portanto, pergunto-vos, cavaleiro da cebola... o que me oferece o Lorde Stannis em troca da minha lealdade?

Guerra, pesares e os gritos de homens a arder, podia Davos ter dito.

A oportunidade de cumprirdes o vosso dever — preferiu responder. Aquela era a resposta que Stannis teria dado a Wyman Manderly. *A Mão deve falar com a voz do rei.*

Lorde Wyman voltou a deixar-se cair na sua cadeira.

— Dever. Estou a ver.

— Porto Branco não tem força suficiente para resistir sozinho. Vós precisais tanto de Sua Graça como ele precisa de vós. Juntos, podeis derrotar os inimigos que tendes em comum.

— Senhor — disse Sor Marlon, na sua ornamentada armadura prateada — permitis que faça algumas perguntas ao Lorde Davos?

— Como quiserdes, primo. — O Lorde Wyman fechou os olhos.

Sor Marlon virou-se para Davos.

— Quantos senhores do Norte se declararam por Stannis? Dizei-nos isso.

— Arnolf Karstark jurou juntar-se a Sua Graça.

— Arnolf não é um verdadeiro senhor, é só um castelão. Que castelos controla presentemente o Lorde Stannis, dizei?

— Sua Graça tomou Fortenoite para sua sede. No sul, controla Ponta Tempestade e Pedra do Dragão.

O Mestre Theomore pigarreou.

— Só por enquanto. Ponta Tempestade e Pedra do Dragão estão fracamente defendidas, e devem cair em breve. E Fortenoite é uma ruína assombrada, um sítio lúgubre e medonho.

Sor Marlon prosseguiu.

— Quantos homens pode Stannis pôr em campo, podeis dizer-nos isso? Quantos cavaleiros o acompanham? Quantos arqueiros, quantos cavaleiros livres, quantos homens-de-armas?

Insuficientes, sabia Davos. Stannis viera para norte com não mais de mil e quinhentos homens... mas se lhes dissesse isso a sua missão ali estava condenada. Tentou encontrar palavras, mas não encontrou nenhuma.

— O vosso silêncio é toda a resposta de que necessito, sor. O vosso rei só nos traz inimigos. — Sor Marlon virou-se para o senhor seu primo. — Vossa senhoria perguntou ao cavaleiro da

cebola o que Stannis nos oferece. Permitti-me responder. Oferece-nos derrota e morte. Quer que monteis um cavalo de ar e deis batalha com uma espada de vento.

O gordo senhor abriu lentamente os olhos, como se o esforço fosse quase demasiado para si.

— O meu primo vai ao essencial, como sempre. Tendes mais alguma coisa a dizer-me, cavaleiro da cebola, ou podemos pôr fim a esta farsa? Começo a cansar-me da vossa cara. Sua Graça devia ter mandado outro homem, um senhor; um cavaleiro ou um mestre, alguém que conseguisse falar por ele sem tropeçar na língua.

— Morte — ouviu-se dizer — haverá morte, sim. Vossa senhoria perdeu um filho no Casamento Vermelho. Eu perdi quatro na Água Negra. E porquê? Porque os Lannister roubaram o trono. Ide a Porto Real e olhai para Tommen com os vossos próprios olhos, se duvidais do que eu digo. Um cego conseguirá vê-lo. O que vos oferece Stannis? Vingança. Vingança pelos meus filhos e pelos vossos, pelos vossos maridos e os vossos pais e os vossos irmãos. Vingança pelo vosso senhor assassinado, pelo vosso rei assassinado, pelos vossos príncipes massacrados.

— Davos sentiu uma pontada de desespero. Vingança!

— Sim — chilreou uma voz de rapariga, sumida e aguda.

Pertencia à criança meio crescida com as sobrancelhas louras e a longa trança verde.

— Eles mataram o Lorde Eddard e a Senhora Catelyn e o Rei Robb — disse. — Ele era o nosso *rei*, Era corajoso e bom e os Frey *assassinaram-no*. Se o Lorde Stannis o quiser vingar, nós devíamos unir-nos ao Lorde Stannis.

Manderly puxou-a para mais perto.

— Wylla, de todas as vezes que abres a boca fazes-me desejar mandar-te para as irmãs silenciosas.

— Eu só disse...

— Nós ouvimos o que tu disseste — disse a outra rapariga, sua irmã. — Uma tolice de criança. Não fales mal dos nossos amigos Frey. Um deles será em breve o senhor teu esposo.

— Não — declarou a rapariga, abanando a cabeça. — Não me caso. *Nunca* casarei. Eles mataram o *rei*.

O Lorde Wyman corou.

— Vais casar. Quando chegar o dia marcado, irás proferir os teus votos nupciais, caso contrário juntar-te-ás às irmãs silenciosas e nunca voltarás a falar.

A pobre rapariga pareceu magoada.

— Avô, por *favor*...

— Cala-te, pequena — disse a Senhora Leona. — Ouviste o senhor teu avô. *Cala-te!* Não sabes nada.

— Sei da promessa — insistiu a rapariga. — Mestre Theomore, dissei-lhes! Mil anos antes da Conquista, foi feita uma promessa e foram prestados juramentos no Covil do Lobo perante os

deuses antigos e os novos. Quando gravemente assediados e sem amigos, corridos das nossas casas e com as vidas em perigo, os lobos acolheram-nos, nutriram-nos e protegeram-nos dos nossos inimigos. A cidade foi construída na terra que eles nos deram. Em troca, jurámos que seríamos sempre seus homens. Homens dos *Stark*!

O mestre afagou a corrente que tinha em volta do pescoço.

— Foram feitos juramentos solenes aos Stark de Winterfell, sim. Mas Winterfell caiu e a Casa Stark foi extinta.

— Isso é porque eles os *mataram a todos*!

Outro Frey interveio.

— Lorde Wyman, dais-me licença?

Wyman Manderly fez-lhe um aceno.

— Rhaegar. Ficamos sempre contentes por ouvir os vossos nobres conselhos.

Rhaegar Frey aceitou o elogio com uma vénia. Tinha trinta anos, ou perto disso, uns ombros redondos e uma barriga que parecia uma panela, mas estava ricamente vestido com um gibão de suave lã cinzenta de ovelha, debruada de pano de prata. O seu manto era também de pano de prata, forrado de veiro e preso ao colarinho com um broche com a forma das torres gémeas.

— Senhora Wylla — disse à rapariga com a trança verde — a lealdade é uma virtude. Espero que sejais igualmente leal ao Pequeno Walder quando estiverdes unidos pelo matrimónio. Quanto aos Stark, essa Casa está extinta apenas na linhagem masculina. Os filhos do Lorde Eddard estão mortos, mas as filhas sobrevivem, e a rapariga mais nova vem para norte a fim de se casar com o bravo Ramsay Bolton.

— Ramsay *Snow* — atirou Wylla Manderly em resposta.

— Seja como quiserdes. Qualquer que seja o nome, ele em breve estará casado com Arya Stark. Se quereis permanecer fiel à vossa promessa, entregai-lhe a *ele* a vossa lealdade, pois será ele o vosso Senhor de Winterfell.

— Ele não será nunca *meu* senhor! Obrigou a Senhora Hornwood a casar com ele, e depois trancou-a numa masmorra e obrigou-a a comer os próprios *dedos*.

Um murmúrio de assentimento percorreu a Corte do Tritão.

— A donzela fala verdade — declarou um homem entroncado vestido de branco e púrpura, cujo manto estava preso com um par de chaves cruzadas de bronze. — Roose Bolton é frio e astucioso, sim, mas um homem consegue lidar com Roose. Todos conhecemos pior. Mas este seu filho bastardo... dizem que é louco e cruel, um monstro.

— *Dizem?* — Rhaegar Frey ostentava uma barba sedosa e um sorriso sardónico. — Os *inimigos* dele dizem, sim... mas quem era o monstro era o Jovem Lobo. Mais animal do que rapaz, empolado de orgulho e sede de sangue. E era indigno de confiança, como o senhor meu pai aprendeu para sua mágoa. — Abriu as mãos. — Não censuro Porto Branco por apoiá-lo. O meu avô cometeu o mesmo grave erro. Em todas as batalhas do Jovem Lobo, Porto Branco e as

Gêmeas combateram lado a lado sob os seus estandartes. Robb Stark traiu-nos a todos. Abandonou o norte à cruel mercê dos homens de ferro, para conquistar para si um reino mais agradável ao longo do Tridente. Depois abandonou os senhores do rio que tinham arriscado imenso por ele, quebrando o pacto de casamento com o meu avô para se casar com a primeira rapariga do ocidente que lhe chamou a atenção. O Jovem Lobo? Era um cão vil, e assim morreu.

A Corte do Tritão tinha-se silenciado. Davos conseguia sentir o gelo no ar. Lorde Wyman estava a olhar para Rhaegar como se este fosse uma barata a precisar de um tacão duro... mas depois, abruptamente, fez um solene aceno que lhe pôs os queixos a oscilar.

— Um cão, pois. Só nos trouxe desgosto e morte. Um cão vil, de facto. Prossegui.

Rhaegar Frey prosseguiu.

— Desgosto e morte, pois... e este cavaleiro da cebola trar-vos-á mais com a sua conversa de vingança. Abri os olhos, como o senhor meu avô fez. A Guerra dos Cinco Reis está praticamente acabada. Tommen é o nosso rei, o nosso *único* rei. Temos de o ajudar a ligar os ferimentos desta triste guerra. Como filho legítimo de Robert, o herdeiro do veado e do leão, o Trono de Ferro é legitimamente seu.

— Sábias e verdadeiras palavras — disse o Lorde Wyman Manderly.

— Não *foram*. — Wylla Manderly bateu com o pé no chão.

— Cala-te, criança maldita — repreendeu a Senhora Leona. — As rapariguinhas deviam ser um ornamento para o olho, não uma dor para o ouvido. — Pegou na rapariga pela trança, e levou-a aos guinchos do salão. *Ali vai a minha única amiga neste salão*, pensou Davos.

— Wylla sempre foi uma criança obstinada — disse a irmã, em jeito de pedido de desculpa. — Temo que dê uma esposa obstinada.

Rhaegar encolheu os ombros.

— Não duvido que o casamento a suavizará. Uma mão firme e uma palavra calma.

— Caso contrário, há as irmãs silenciosas. — O Lorde Wyman mexeu-se no cadeirão. — E quanto a vós, cavaleiro da cebola, já ouvi suficientes palavras traiçoeiras por um dia. Quereis que eu ponha em risco a minha cidade por um falso rei e por um falso deus. Quereis que sacrifique o meu único filho sobrevivente para que Stannis Baratheon possa plantar o seu enrugado traseiro num trono a que não tem qualquer direito. Não o farei. Nem por vós, nem pelo vosso senhor, nem por homem algum. — O Senhor de Porto Branco pôs-se em pé. O esforço trouxe um rubor vermelho ao seu pescoço. — Continuais a ser um contrabandista, sor, e viestes roubar o meu ouro e o meu sangue. Quereis cortar a cabeça ao meu filho. Acho que em vez disso vou cortar a vossa. *Guardas! Prendei este homem!*

Antes de Davos ter até tempo para pensar mover-se, estava rodeado de tridentes prateados.

— Senhor — disse — sou um emissário.

— Sereis? Entrastes à socapa na minha cidade como um contrabandista. Eu digo que não sois senhor algum, nem cavaleiro, nem emissário, só um ladrão e um espião, um traficante de

mentiras e traições. Devia arrancar-vos a língua com tenazes em brasa e entregar-vos ao Forte do Pavor para serdes esfolado. Mas a Mãe é misericordiosa, e eu também o sou. — Chamou Sor Marlon com um gesto. — Primo, levai esta criatura para o Covil do Lobo e cortai-lhe a cabeça e as mãos. Quero que me sejam trazidas antes do jantar. Não conseguirei comer nem uma dentada até ver a cabeça deste contrabandista num espigão, com uma cebola enfiada entre os seus dentes mentirosos.

CHEIRETE

Deram-lhe um cavalo e um estandarte, um gibão de lã suave e um manto quente de peles, e soltaram-no. Por uma vez, não fedia.

— Regressa com aquele castelo — disse o Damon-Dança-Para-Mim quando ajudou o Cheirete a subir, trémulo, para cima da sela — ou continua em frente e vê se chegas muito longe antes de a gente te apanhar. Ele havia de gostar disso, havia mesmo. — Sorrindo, Damon deu ao cavalo uma chicotada na garupa, e o velho capado relinchou e pôs-se em movimento.

O Cheirete não se atreveu a olhar para trás, por temer que Damon, o Picha Amarela, o Grunhido e os outros viessem atrás dele, que tudo aquilo fosse só mais uma das brincadeiras do Lorde Ramsay, um teste cruel para ver o que ele faria se lhe dessem um cavalo e o libertassem. Acharão que eu vou fugir? O castrado que lhe tinham dado era uma coisa miserável, de pernas tortas e meio morto de fome; nunca poderia ter esperança de ganhar distância aos belos cavalos que o Lorde Ramsay e os seus caçadores montariam. E não havia nada de que Ramsay mais gostasse do que de pôr as suas raparigas a ladrar no rasto de uma presa fresca.

Além disso, para onde fugiria? Atrás dele ficavam os acampamentos, repletos de homens do Forte do Pavor e daqueles que os Ryswell tinham trazido dos Regatos, com a hoste de Vila Acidentada no meio. A sul do Fosso Cailin, outro exército subia o talude, um exército dos Bolton e dos Frey marchando sob os estandartes do Forte do Pavor. A leste da estrada ficava uma costa lúgubre e estéril e um mar frio e salgado, a oeste os pântanos e pauis do Gargalo, infestados de serpentes, lagartos-leões e demónios dos pauis com as suas setas envenenadas.

Não fugiria. Não podia fugir.

Entregar-lhe-ei o castelo. Entregarei. Tenho de entregar.

O dia estava cinzento, húmido e brumoso. O vento soprava de sul, húmido como um beijo. As ruínas de Fosso Cailin estavam visíveis à distância, salpicadas de farrapos de névoa matinal. O

cavalo avançou a passo na direção delas, fazendo com os cascos ténues ruídos aquosos e viscosos quando os libertava da lama verde-acinzentada.

Já tinha passado por aqui. Era um pensamento perigoso, e arrependeu-se imediatamente dele.

— Não — disse — não, isso foi outro homem qualquer, isso foi antes de saberes o teu nome. — O seu nome era Cheirete. Tinha de se lembrar disso. *Cheirete, cheirete, rima com rabanete.*

Quando esse outro homem passara por ali, um exército seguira logo atrás dele, a grande hoste do norte que partia para a guerra sob os estandartes cinzentos e brancos da Casa Stark. Cheirete seguia sozinho, agarrado a uma bandeira de paz num mastro de pinho. Quando esse outro homem passara por ali, estivera montado num corcel, rápido e feroso. Cheirete montava um castrado em mau estado, todo pele, osso e costelas, e montava-o lentamente com medo de cair. O outro homem fora um bom cavaleiro, mas Cheirete estava inquieto sobre o dorso de um cavalo. Passara-se tanto tempo. Ele não era cavaleiro nenhum. Nem sequer era um homem. Era a criatura do Lorde Ramsay, menos que um cão, um verme em pele humana.

— Vais fingir ser um príncipe — dissera-lhe o Lorde Ramsay na noite anterior, enquanto Cheirete mergulhava numa banheira de água a esquentar — mas nós sabemos a verdade. És o Cheirete. Serás sempre o Cheirete, por melhor que cheires. O teu nariz pode mentir-te. Lembra-te do teu nome. Lembra-te de quem és.

— Cheirete — dissera. — O vosso Cheirete.

— Faz-me esta pequena coisa e podes ser o meu cão e comer carne todos os dias — prometera o Lorde Ramsay — Serás tentado a trair-me. A fugir, a lutar ou a juntares-te aos nossos inimigos. Não, cala-te, não te quero ouvir a negá-lo. Mente-me, e eu corto-te a língua. Um homem *iria* virar-se contra mim no teu lugar, mas nós sabemos o que tu és, não sabemos? Trai-me se quiseres, não importa... mas conta primeiro os dedos e fica ciente do preço a pagar.

Cheirete conhecia o preço a pagar. *Sete*, pensou, *sete dedos. Um homem pode arranjar-se com sete dedos. Sete é um número sagrado.* Lembrava-se do que doera quando o Lorde Ramsay ordenara ao Esfolador para lhe desnudar o dedo anelar.

O ar estava húmido e pesado e poças de água pouco profundas salpicavam o terreno. Cheirete escolheu o seu caminho com cuidado por entre elas, seguindo os restos da estrada de troncos e tábuas que a vanguarda de Robb Stark assentara no terreno mole a fim de tornar mais rápida a passagem da sua hoste. Onde, em tempos, se erguera uma poderosa muralha exterior, só restavam pedras espalhadas, blocos de basalto negro tão grandes que deviam ter sido necessários cem homens para os içar para o lugar. Alguns tinham-se afundado de tal maneira no pântano que só se via um canto; outros estavam espalhados por ali como os brinquedos abandonados de um deus qualquer, rachados e a desfazerem-se, manchados de líquenes. A

chuva da noite anterior deixara as enormes pedras húmidas e a reluzir, e o sol da manhã fazia com que parecessem estar revestidas de um óleo fino e negro.

Mais adiante erguiam-se as torres.

A Torre do Bêbado inclinava-se como se estivesse prestes a ruir, como fazia há meio milhar de anos. A Torre dos Filhos projetava-se para o céu direita como uma lança, mas o seu topo estilhaçado estava aberto ao vento e à chuva. A Torre do Portão, atarracada e larga, era a maior das três, escorregadia de musgo, com uma árvore nodosa a crescer de lado das pedras do seu lado norte, com fragmentos de muralha quebrada ainda a erguerem-se a leste e a oeste. *Os Karstark ocuparam a Torre do Bêbado e os Umber a Torre dos Filhos, recordou. Robb exigiu a Torre do Portão para os seus.*

Se fechasse os olhos, podia ver os estandartes no seu olho da mente, a esvoaçar corajosamente num vento fresco de norte. *Agora desapareceram todos, caíram todos.* O vento na sua cara soprava de sul, e os únicos estandartes que voavam sobre os restos de Fosso Cailin mostravam uma lula gigante dourada em campo de negro.

Estava a ser observado. Conseguia sentir os olhos. Quando olhou para cima, obteve um vislumbre de caras pálidas a espreitar de trás das ameias da Torre do Portão e por entre as pedras quebradas que coroavam a Torre dos Filhos, onde a lenda afirmava que os filhos da floresta tinham em tempos chamado o martelo das águas para quebrar as terras de Westeros em duas.

A única estrada seca que atravessava o Gargalo era o talude, e as torres de Fosso Cailin fechavam a sua extremidade norte como uma rolha numa garrafa. A estrada era estreita, e as ruínas estavam posicionadas de tal modo que qualquer inimigo que viesse de sul tinha de passar por baixo e entre elas. Para assaltar qualquer uma das três torres, um atacante tinha de expor a retaguarda a setas vindas das outras duas, enquanto trepava húmidas paredes de pedra engrinaldadas com flâmulas de viscosa e branca pele de fantasma. O terreno pantanoso fora do talude era impossível de atravessar, um atoleiro infinito cheio de remoinhos, areias movediças e reluzentes relvados verdes que pareciam sólidos ao olho descuidado, mas se transformavam em água no instante em que eram pisados, tudo isso infestado de serpentes e flores venenosas e monstruosos lagartos-leões cujos dentes eram como punhais. Igualmente perigosa era a sua gente, raramente vista mas sempre à espreita, os habitantes dos pântanos, os comedores de rãs, os homens da lama. Fenn e Reed, Peat e Boggs, Cray e Quagg, Greengood e Blackmyre, eram estes os tipos de nomes que davam a si próprios. Os nascidos no ferro chamavam a todos demónios dos pauis.

Cheirete passou pela carcaça apodrecida de um cavalo, de cujo pescoço se projetava uma seta. Uma longa serpente branca deslizou de dentro da sua órbita vazia quando o homem se aproximou. Viu o cavaleiro por trás do cavalo, ou o que dele restava. Os corvos tinham arrancado a carne da cara do homem, e um cão selvagem enfiara-se-lhe sob a cota de malha para lhe chegar

às entranhas. Mais adiante, outro cadáver afundara-se tanto na lama que só se lhe via a cara e os dedos.

Mais perto das torres, cadáveres juncavam o chão por todos os lados. Flores-de-sangue tinham brotado dos ferimentos abertos, pálidas flores com pétalas rechonchudas e húmidas como os lábios de uma mulher.

A guarnição nunca me reconhecerá. Alguns podiam lembrar-se do rapaz que ele fora antes de aprender o seu nome, mas o Cheirete seria um estranho para eles. Passara-se muito tempo desde a última vez que olhara para um espelho, mas sabia quão velho devia parecer. O cabelo tornara-se-lhe branco; a maior parte caíra, e o que restava era rígido e seco como palha. As masmorras tinham-no deixado fraco como uma velha e tão magro que um vento forte podia derrubá-lo.

E as mãos... Ramsay dera-lhe luvas, boas luvas de couro negro, suaves e flexíveis, recheadas de lã para esconder os dedos que tinha em falta, mas se alguém olhasse com atenção veria que três dos seus dedos não se dobravam.

— *Mais perto não!* — ressoou uma voz. — O que queres?

Conversar. Esporeou o castrado em frente, agitando a bandeira de paz para que não deixassem de a ver. — Venho desarmado.

Não houve resposta. Sabia que dentro das paredes os homens de ferro estavam a discutir se deveriam deixá-lo entrar ou encher-lhe o peito de setas. *Não importa.* Uma morte rápida ali seria cem vezes melhor do que regressar ao Lorde Ramsay como um fracasso.

Então as portas escancararam-se.

— *Depressa.* — O Cheirete estava a virar-se para o som quando a seta chegou. Veio de algures à sua direita, onde bocados quebrados da muralha exterior jaziam meio submersos no pântano. A haste rasgou as dobras da sua bandeira e ficou pendurada, com a ponta a meros trinta centímetros da sua cara. Aquilo sobressaltou-o tanto que deixou cair a bandeira de paz e tombou da sela.

— Para dentro — gritou a voz — despacha-te, idiota, *despacha-te!*

Cheirete trepou os degraus sobre as mãos e os joelhos enquanto outra seta flutuava por cima da sua cabeça. Alguém o agarrou e o arrastou para dentro, e ouviu a porta fechar-se com estrondo atrás de si. Foi posto em pé e empurrado contra uma parede. Depois surgiu uma faca junto à sua garganta e uma cara barbuda apareceu tão perto da sua que conseguiria contar os pelos que o homem tinha no nariz.

— Quem és tu? O que vens fazer aqui? Agora despacha-te, senão faço-te o mesmo que fiz a ele. — O guarda dirigiu-lhe a cabeça para um corpo que apodrecia no chão ao lado da porta, com a pele verde e repleta de vermes.

— Sou nascido no ferro — respondeu Cheirete, mentindo. O rapaz que fora antes fora nascido no ferro, é certo, mas Cheirete viera ao mundo *nas* masmorras do Forte do Pavor. — Olha

para a minha cara. Sou filho do Lorde Balon. O teu príncipe. — Teria dito o nome mas, sem que soubesse porquê, as palavras prenderam-se-lhe na garganta. *Cheirete, sou o Cheirete, rima com falsete.* Mas tinha de esquecer aquilo por um bocadinho. Nunca nenhum homem se renderia a uma criatura como o Cheirete, por mais desesperada que fosse a situação em que se encontrasse. Tinha de fingir que era de novo um príncipe.

O captor fitou-lhe a cara, semicerrando os olhos, com a boca torcida de suspeita. Os seus dentes eram castanhos e o hálito fedia a cerveja e a cebola.

— Os filhos do Lorde Balon foram mortos.

— Os meus irmãos sim. Eu não. O Lorde Ramsay tomou-me cativo depois de Winterfell. Enviou-me cá para parlamentar convosco. És tu que comandas aqui?

— Eu? — o homem baixou a faca e deu um passo para trás, quase tropeçando no cadáver. — Eu não, senhor. — A sua cota de malha estava enferrujada, os couros apodreciam. Nas costas de uma mão, uma chaga aberta sangrava. — Quem tem o comando é Raif Kenning. Foi o capitão que disse. Eu estou à porta, nada mais.

— E quem é este? — Cheirete deu um pontapé ao cadáver.

O guarda fitou o morto como se o estivesse a ver pela primeira vez.

— Ele... ele bebeu a água. Tive de lhe cortar a goela para parar com os gritos que ele dava. Barriga má. Não se pode beber a água. É por isso que temos a cerveja. — O guarda esfregou a cara, os olhos vermelhos e inflamados. — Costumávamos arrastar os mortos para as caves. Estão todas inundadas lá em baixo. Agora ninguém quer ter esse trabalho, portanto, limitamo-nos a deixá-los onde caem.

— A cave é um sítio melhor para eles. Dá-os à água. Ao Deus Afogado.

O homem riu-se.

— Não há deuses lá em baixo, senhor. Só ratazanas e cobras de água. Coisas brancas, tão grossas como uma perna. Às vezes deslizam pelas escadas acima e mordem-nos enquanto dormimos.

Cheirete lembrou-se das masmorras sob o Forte do Pavor, da ratazana a contorcer-se entre os seus dentes, do sabor do sangue quente nos lábios. *Se falluv; Ramsay mandar-me-á de volta a isso, mas primeiro arrancar-me-á a pele de outro dedo.*

— Quanta da guarnição resta?

— Alguma — disse o homem de ferro. — Na sei. Menos do que éramos antes. Também há alguns na Torre do Bêbado, parece-me. Na Torre dos Filhos não. O Dagon Codd foi lá há dias. Só estavam vivos dois homens, disse ele, e estavam a comer os mortos. Matou-os aos dois, se dá para acreditar.

Fosso Cailin já caiu, apercebeu-se então o Cheirete, *só que ninguém achou por bem dizer-lhes.* Esfregou a boca para esconder os dentes partidos e disse:

— Preciso de falar com o teu comandante.

— O Kenning? — o guarda pareceu confundido. — Ele não tem tido muito pra dizer nestes dias. Tá a morrer. Pode ser que já esteja morto. Na o vejo desde que... na me lembro quando...

— Onde está ele? Leva-me lá.

— Quem guarda a porta nesse caso?

— Ele. — O Cheirete deu um pontapé ao cadáver.

Aquilo fez o homem rir.

— Sim. Porque não? Então vem comigo. — Tirou um archote de uma arandela e sacudiu-o até arder brilhante e quente. — Por aqui. — O guarda levou-o através de uma porta e por uma escada em espiral acima, com a luz do archote a cintilar em paredes de pedra preta enquanto subiam.

O aposento no topo da escada estava escuro, cheio de fumo e opressivamente quente. Uma pele esfarrapada fora pendurada à frente da janela estreita para manter a humidade lá fora, e um bloco de turfa ardia em lume brando num braseiro. O cheiro no quarto era mau, um miasma a bolor, mijo e dejetos, a fumo e doença. Esteiras sujas cobriam o chão, enquanto uma pilha de palha no canto passava por uma cama.

Raif Kenning estava a tremer sob uma montanha de peles. As suas armas estavam empilhadas a seu lado; espada e machado, camisa de cota de malha, elmo de guerra em ferro. O escudo ostentava a mão nebulosa do deus da tempestade, com o relâmpago a estalar dos seus dedos até um mar furioso, mas a tinta estava descolorada e a cair, e a madeira, por baixo, começava a apodrecer.

Raif também estava a apodrecer. Por baixo das peles estava nu e febril, com a carne pálida e entumecida coberta de chagas sanguinolentas e de escaras. A sua cabeça estava deformada, com uma bochecha grotescamente inchada e o pescoço de tal forma congestionado com sangue que ameaçava engolir-lhe a cara. O braço do mesmo lado estava grande como um tronco de árvore e repleto de vermes brancos. Ajuizando pelo aspeto, ninguém o banhava nem barbeava há muitos dias. Um olhio chorava pus, e tinha a barba colada por vômito seco.

— O que lhe aconteceu? — perguntou o Cheirete.

— 'Tava nas ameias e um demónio dos paus qualquer disparou uma seta contra ele. Foi só um ferimento de raspão, mas... eles envenenam as hastes, barram merda e coisas piores nas pontas. Despejámos vinho a ferver na ferida, mas não serviu de nada.

— Não posso parlamentar com esta coisa.

— Mata-o — disse o Cheirete ao guarda. — O juízo dele foi-se. Está cheio de sangue e vermes.

O homem olhou-o de boca aberta.

— O capitão pô-lo no comando.

— Tu abaterias um cavalo moribundo.

— Que cavalo? Nunca tive cavalo nenhum.

Eu tive. A recordação regressou de repente. Os gritos de Sorridente tinham parecido quase humanos. Com a crina incendiada, empinara-se nas patas traseiras, cego de dor, escoiceando. *Não, não. Não era meu, ele não era meu, o Cheirete nunca teve nenhum cavalo.*

— Eu mato-o por ti. — O Cheirete tirou a espada de Raif Kenning de onde ela estava, encostada ao escudo dele. Ainda tinha dedos suficientes para pegar no cabo. Quando encostou o gume da espada à garganta inchada da criatura na palha, a pele abriu-se num jorro de sangue negro e pus amarelo. Kenning contorceu-se violentamente e depois ficou imóvel. Um fedor horrível encheu a sala. Cheirete precipitou-se para a escada. O ar estava ali húmido e frio, mas muito mais limpo em comparação. O homem de ferro saiu aos tropeções da sala atrás dele, pálido e a lutar para não vomitar. Cheirete agarrou-lhe num braço. — Quem se seguia a ele na hierarquia? Onde está o resto dos homens?

— Lá em cima nas ameias, ou no salão. A dormir, a beber. Eu levo-te lá se quiseres.

— Leva já. — Ramsay só lhe dera um dia.

O salão era de pedra escura, de teto alto e cheio de correntes de ar, estava repleto de fumo e tinha as paredes de pedra enodoadas com enormes manchas de líquenes de cor clara. Um fogo de turfa ardia com pouca intensidade numa lareira enegrecida por fogos mais quentes de anos anteriores. Uma enorme mesa de pedra cinzelada enchia o aposento, como fazia há séculos. *Foi ali que me sentei, da última vez que aqui estive,* recordou. *Robb estava à cabeceira da mesa, com o Grande-Jon à direita e Roose Bolton à esquerda. Os Glover sentavam-se ao lado de Heiman Tallhart. O Karstark e os filhos estavam na frente deles.*

Duas dúzias de nascidos no ferro estavam a beber à mesa. Alguns olharam-no com olhos mortiços e sem vida quando ele entrou. O resto ignorou-o. Todos eles lhe eram estranhos. Vários usavam mantos presos por broches com a forma de bacalhaus prateados. Os Codd não eram bem vistos nas Ilhas de Ferro; dizia-se que os homens eram ladrões e covardes, e as mulheres libertinas que dormiam com os próprios pais e irmãos. Não o surpreendeu que o tio tivesse decidido deixar aqueles homens para trás quando a Frota de Ferro fora para casa. *Isto tornará a minha tarefa muito mais fácil.*

— Raif Kenning está morto — disse. — Quem comanda aqui?

Os bebedores olharam-no sem expressão. Um riu-se. Outro cuspiu. Por fim, um dos Codd disse:

— Quem pergunta?

— O filho do Lorde Balon. — *Cheirete, o meu nome é Cheirete, rima com tapete.* — Estou aqui às ordens de Ramsay Bolton, Senhor de Boscorno e herdeiro do Forte do Pavor, o qual me capturou em Winterfell. A sua hoste está a norte de vós, a do pai a sul, mas o Lorde Ramsay está preparado para ser misericordioso se lhe entregardes Fosso Cailin antes do pôr do sol. — Puxou pela carta que lhe tinham dado e atirou-a para cima da mesa, para a frente dos bebedores.

Um deles pegou-lhe e virou-a nas mãos, raspando com a unha na cera cor de rosa que a selava. Passado um momento, disse:

— Pergaminho. Para que serve isso? Nós precisamos é de queijo e de carne.

— De aço, queres tu dizer — disse o homem que estava a seu lado, um homem grisalho cujo braço esquerdo terminava num toco. — De espadas. De machados. Pois, e de arcos, mais uma centena de arcos, e de homens para disparar as setas.

— Homens de ferro não se rendem — disse uma terceira voz.

— Diz isso ao meu pai. O Lorde Balon dobrou o joelho, quando Robe rt lhe quebrou a muralha. Caso contrário teria morrido. Tal como vós morrereis se não vos renderdes. — Indicou o pergaminho com um gesto. — Quebrai o selo. Lede as palavras. Isso é um salvo-conduto, escrito pela mão do próprio Lorde Ramsay. Entregai as espadas e vinde comigo, que sua senhoria vos alimentará e vos dará licença para marchar sem serdes molestados até à Costa Pedregosa e arranjar um navio que vos leve para casa. Caso contrário morrereis.

— Isso é uma ameaça? — um dos Codd pôs-se em pé. Um homem grande, mas de olhos esbugalhados e boca larga, com uma pele morta e branca. O aspeto dele era como se o pai o tivesse concebido com um peixe, mas apesar disso usava uma espada longa. — Dagon Codd não se rende a nenhum homem.

Não, por favor, tens de me dar ouvidos. A ideia do que Ramsay lhe faria se se arrastasse de volta ao acampamento sem a rendição da guarnição foi quase suficiente para o fazer mijar-se nas calças. *Cheirete, Cheirete, rima com cacete.*

— A vossa resposta é essa? — as palavras ressoaram debilmente nos seus ouvidos. — Este bacalhau fala por todos vós?

O guarda que o tinha recebido à porta parecia menos certo.

— Victarion ordenou-nos que resistíssemos, é verdade. Ouvi-o com os meus ouvidos. *Resiste aqui até que eu volte*, disse ele a Kenning.

— Pois — disse o maneta. — Foi isso que ele disse. A assembleia de homens livres chamou, mas ele jurou que ia voltar, com uma coroa de madeira trazida pelo mar na cabeça e mil homens atrás de si.

— O meu tio nunca regressará — disse-lhes Cheirete. — A assembleia de homens livres coroou o irmão Euron, e o Olho de Corvo tem outras guerras a travar. Julgais que o meu tio vos dá valor? Não dá. Vós sois aqueles que deixou para trás para morrer. Sacudiu-vos da mesma forma que sacode lama das botas quando vem a terra.

Aquelas palavras atingiram o alvo. Viu-o nos olhos deles, no modo como olharam uns para os outros ou franziram os sobrolhos por cima dos seus copos. *Todos temiam terem sido abandonados, mas precisaram de mim para transformar o medo em certeza.* Aquelles não eram

familiares de capitães famosos, nem pertenciam ao sangue das grandes Casas das Ilhas de Ferro. Aqueles eram os filhos de servos e de esposas de sal.

— Se nos rendermos, podemos ir embora? — disse o maneta. — É isso que diz nisto que está aqui escrito? — Empurrou o rolo de pergaminho, ainda com o selo de cera intacto.

— Lê com os teus olhos — respondeu, embora tivesse quase a certeza de que nenhum deles sabia ler. — O Lorde Ramsay trata os seus cativos de forma honrosa, desde que não o tentem enganar. — *Ele só me tirou dedos dos pés e das mãos e aquela outra coisa, quando me podia ter tirado a língua, ou arrancado a pele das minhas pernas, do calcanhar à coxa.* — Se lhe entregardes as espadas, sobreviveréis.

— Mentiroso. — Dagon Codd puxou pela espada. — Tu és aquele a quem chamam Vira casaca. Porque haveríamos de acreditar nas tuas promessas?

— Ele está bêbado, compreendeu Cheirete. A cerveja está a falar.

Acredita no que quiseres. Eu trouxe a mensagem do Lorde Ramsay. Agora tenho de voltar para junto dele. Vamos jantar javali e nabos, empurrados para baixo com vinho tinto e forte. Aqueles que vierem comigo serão bem-vindos ao banquete. O resto morrerá antes de se passar um dia. O Senhor do Forte do Pavor vai trazer os seus cavaleiros pelo talude, enquanto o filho fará cair os seus homens sobre vós a partir do norte. Não será dado qualquer quartel. Aqueles que morrerem a combater serão os sortudos. Os que sobreviverem serão entregues aos demónios dos paus.

— *Basta* — rosnou Dagon Codd. — Julgas que podes assustar nascidos em ferro com *palavras*? Desaparece. Volta para junto do teu dono, antes que eu te abra a barriga, te puxe as entranhas para fora e te obrigue a comê-las.

Podia ter dito mais, mas de súbito os olhos abriram-se-lhe muito. Um machado de arremesso brotou do centro da sua testa com um sólido *tunc*. A espada de Codd caiu-lhe dos dedos. Sacudiu-se como um peixe preso num anzol, após o que caiu de cabeça em cima da mesa.

Fora o maneta quem arremessara o machado. Quando se pôs em pé tinha outro na mão.

— Quem mais quer morrer? — perguntou aos outros bebedores. — Falai, que eu trato disso. — Finos riachos vermelhos estavam a espalhar-se pela pedra, vindos do charco de sangue acumulado onde a cabeça de Dagon Codd acabara por repousar. — Já eu tenciono viver, e isso não quer dizer ficar aqui a apodrecer.

Um homem bebeu um trago de cerveja. Outro virou a taça para lavar um dedo de sangue antes que este atingisse o lugar onde estava sentado. Ninguém falou. Quando o maneta voltou a enfiar o machado de arremesso no cinto, Cheirete soube que vencera. Quase se sentiu de novo um homem. *O Lorde Ramsay ficará contente comigo.*

Arriou a bandeira da lula gigante com as próprias mãos, algo atrapalhado por causa dos dedos que lhe faltavam, mas agradecido por aqueles que o Lorde Ramsay lhe permitira conservar. Até que os nascidos no ferro estivessem prontos a partir demorou a maior parte da tarde. Eles

eram mais do que teria suposto; quarenta e sete na Torre do Portão, e outros dezoito na Torre do Bêbado. Dois estavam tão perto da morte que não havia esperança, e outros cinco estavam fracos demais para caminhar. Isso ainda dava cinquenta e oito em condições de combater. Embora estivessem tão fracos, teriam levado consigo três vezes o seu número se o Lorde Ramsay tivesse assaltado as ruínas. *Ele fez bem em mandar-me*, disse Cheirete a si próprio enquanto voltava a subir para o castrado a fim de levar a esfarrapada coluna pelo terreno pantanoso até ao local onde os nortenhos estavam acampados.

— Deixai aqui as armas — disse aos prisioneiros. — Espadas, arcos, punhais. Homens armados serão mortos sem contemplações.

Para cobrir a distância precisaram do triplo do tempo que Cheirete demorara sozinho. Liteiras toscas tinham sido improvisadas para quatro dos homens que não conseguiam caminhar; o quinto era transportado pelo filho, às costas. Isso tornou o avanço lento, e todos os nascidos no ferro estavam bem conscientes de como estavam expostos, bem ao alcance dos arcos dos demónios dos paus e das suas setas envenenadas. *Se eu morrer.; morro*. Cheirete só rezava para o arqueiro saber o que estava a fazer, para que a morte fosse rápida e limpa. *Uma morte de homem, não o fim que Raif Kenning sofreu*.

O maneta caminhava à cabeça da procissão, coxeando pesadamente. O seu nome, segundo disse, era Adrack Humble, e tinha uma esposa das rochas e três esposas de sal em Grande Wyk.

— Três das quatro tinham grandes barrigas quando zarpámos — gabou-se — e os Humble são propensos a gémeos. A primeira coisa que eu preciso de fazer quando voltar é contar os meus novos filhos. Se calhar até vou batizar algum em vossa honra, senhor.

Sim, chama-lhe Cheirete, pensou, e quando se portar mal podes cortar-lhe os dedos dos pés e dar-lhe ratazanas para comer. Virou a cabeça e cuspiu, e perguntou a si próprio se o sortudo não teria sido Raif Kenning.

Uma chuva ligeira começara a cair do céu cinzento de ardósia quando o acampamento do Lorde Ramsay apareceu na frente deles. Uma sentinela viu-os passar em silêncio. O ar estava cheio de fumo proveniente das fogueiras para cozinhar que se afogavam em chuva. Uma coluna de cavaleiros pôs-se às voltas atrás deles, liderada por um fidalgo com uma cabeça de cavalo no escudo. *Um dos filhos do Lorde Ryswell*, soube Cheirete. *O Roger, ou talvez o Rickard*. Não conseguia distinguir aqueles dois.

— São todos? — perguntou o cavaleiro de cima de um garanhão cor de avelã.

— Todos os que não estavam mortos, senhor.

— Julgava que eram mais. Caímos sobre eles três vezes e por três vezes nos repeliram.

Somos nascidos no ferro, pensou, com um súbito clarão de orgulho, e durante meio segundo voltou a ser um príncipe, o filho do Lorde Balon, do sangue de Pyke. Mas até pensar era perigoso. Tinha de se lembrar do seu nome. *Cheirete, o meu nome é Cheirete, rima com joguete*.

Estavam mesmo junto ao acampamento quando os latidos de uma matilha de cães anunciaram a aproximação do Lorde Ramsay. O Terror-das-Rameiras estava com ele, bem como meia dúzia dos seus favoritos, o Esfolador, o Alyn Azedo e o Damon-Dança-Para-Mim, e também os YValder, Grande e Pequeno. Os cães agruparam-se à volta deles, mordendo e rosnando aos estranhos. *As raparigas do Bastardo*, pensou Cheirete antes de se lembrar que uma pessoa não podia nunca, nunca, *nunca* usar aquela palavra na presença de Ramsay.

Cheirete saltou da sela e caiu sobre um joelho.

— Senhor, Fosso Cailin é vosso. Aqui estão os seus últimos defensores.

— Tão poucos. Tinha esperado que fossem mais. Foram uns inimigos tão teimosos. — Os olhos claros do Lorde Ramsay brilharam. — Deveis estar esfomeados. Damon, Alyn, tratai deles. Vinho e cerveja, e toda a comida que consigam comer. Esfolador, mostra os seus feridos aos nossos mestres.

— Sim, senhor.

Alguns dos nascidos no ferro resmungaram agradecimentos antes de arrastarem os pés na direção das fogueiras no centro do acampamento. Um dos Codd até tentou beijar o anel do Lorde Ramsay, mas os cães afastaram-no antes de se conseguir aproximar, e Alison cortou-lhe um bocado da orelha. Mesmo enquanto o sangue lhe escorria pelo pescoço abaixo, o homem bandeou a cabeça e fez vénias, elogiando a misericórdia de sua senhoria.

Depois dos últimos deles se irem embora, Ramsay Bolton virou o sorriso para o Cheirete. Agarrou-o pela nuca, puxou-lhe a cara para junto da sua, beijou-o na bochecha e sussurrou:

— O meu velho amigo Cheirete. Confundiram-te mesmo com o príncipe deles? Que grandes idiotas, aqueles homens de ferro. Os deuses estão a rir.

— Eles só querem ir para casa, senhor.

— E o que é que tu queres, meu querido Cheirete? — murmurou Ramsay, com a suavidade de um amante. O seu hálito cheirava a vinho com especiarias e a cravinho, tão doce. — Um serviço tão valente merece uma recompensa. Não te posso devolver os dedos, mas certamente haverá alguma coisa que queiras de mim. Deverei libertar-te? Desligar-te do meu serviço? Queres ir com eles, regressar às tuas ilhas desoladas no frio mar cinzento, voltar a ser um príncipe? Ou preferias continuar a ser o meu leal criado?

Uma faca fria arranhou-o pela espinha abaixo. *Tem cuidado*, disse a si próprio, *tem muito, muito cuidado*. Não gostava do sorriso de sua senhoria, do modo como os seus olhos brilhavam, do cuspo que cintilava aos cantos da sua boca. Já antes vira aqueles sinais. *Não és príncipe nenhum. És Cheirete, só o Cheirete, rima com ferrete. Dá-lhe a resposta que ele quer.*

— Senhor — disse — o meu lugar é aqui, convosco. Sou o vosso Cheirete. Só quero servir-vos. Tudo o que peço... um odre de vinho, isso pode ser recompensa suficiente para mim... vinho tinto, do mais forte que tiverdes, todo o vinho que um homem puder beber...

O Lorde Ramsay riu-se.

— Tu não és um homem, Cheirete. És só a minha criatura. Mas vais ter o teu vinho. Walder, trata disso. E não temas, jão te vou devolver às masmorras, tens a minha palavra de Bolton. Em vez disso, vamos fazer de ti um cão. Carne todos-os dias, e até te vou deixar dentes suficientes para a comeres. Podes dormir junto das minhas raparigas. Ben, tens uma coleira para ele?

— Vou mandar fazer uma, senhor — disse o velho Ben Ossos.

O velho fez melhor do que isso. Nessa noite, ao lado da coleira, havia também uma manta esfarrapada e meia galinha. Cheirete teve de lutar com os cães pela carne, mas foi a melhor refeição que comeu desde Winterfell.

E o vinho... o vinho era escuro e amargo, mas forte. Agachado entre os cães, Cheirete bebeu até ficar com a cabeça a nadar, vomitou, limpou a boca e bebeu um pouco mais. Depois deitou-se e fechou os olhos. Quando acordou, um cão estava a lambê-lo o vómito da barba, e nuvens escuras passavam apressadamente em frente de um crescente de lua. Algures na noite, homens gritavam. Afastou o cão, virou-se para o outro lado, e voltou a adormecer.

Na manhã seguinte, o Lorde Ramsay enviou três cavaleiros pelo talude a fim de levar ao senhor seu pai a notícia de que o caminho estava livre. O homem esfolado da Casa Bolton foi içado por cima da Torre do Portão, de onde Cheirete arriara a lula gigante de Pyke. Ao longo da apodrecida estrada de tábuas, estacas de madeira foram profundamente enterradas no solo pantanoso; aí apodreceram os cadáveres, vermelhos e a pingar. *Sessenta e três*, sabia, *eles são sessenta e três*. A um faltava meio braço. Outro tinha um pergaminho enfiado entre os dentes, ainda com o selo de cera intacto.

Três dias mais tarde, a vanguarda da hoste de Roose Bolton abriu caminho por entre as ruínas e ao lado das macabras sentinelas; quatrocentos Frey a cavalo vestidos de azul e cinzento, com as pontas das lanças a reluzir sempre que o sol ultrapassava as nuvens. Dois dos filhos do velho Lorde Walder lideravam a vanguarda. Um era forte, com um grande maxilar projetado e braços cobertos de grossos músculos. O outro tinha olhos famintos, muito juntos por cima de um nariz pontiagudo, uma fina barba castanha que não conseguia esconder o queixo fraco que havia por baixo, uma cabeça calva. *Hosteen e Aenys*. Lembrava-se deles de antes de saber o seu nome. Hosteen era um touro, lento a enfurecer-se mas implacável depois de irritado, e tinha a reputação de ser o mais feroz combatente entre a prole do Lorde Walder. Aenys era mais velho, mais cruel e mais inteligente; um comandante, não um espadachim. Ambos eram soldados experimentados.

Os nortenhos seguiam logo atrás da vanguarda, com as bandeiras esfarrapadas a esvoaçar ao vento. Cheirete viu-os passar. A maioria vinha a pé, e eram tão poucos. Lembrava-se da grande hoste que marchara para sul com o Jovem Lobo, sob o lobo gigante de Winterfell. Vinte mil espadas e lanças tinham partido para a guerra com Robb, ou tão perto disso que não fazia diferença, mas só dois em cada dez estava de volta, e a maioria eram homens do Forte do Pavor.

Onde a aglomeração era maior no centro da coluna seguia um homem revestido de uma armadura de placas cinzentas escuras por cima de uma túnica almofadada e de couro vermelho de

sangue. Os seus rondeis estavam trabalhados em forma de cabeças humanas, com bocas abertas que gritavam em agonia. Dos ombros fluía um manto de lã cor-de-rosa com gotículas de sangue nele bordadas. Longas flâmulas de seda vermelha esvoaçavam do topo do elmo fechado. *Nenhum cranogmano matará Roose Bolton com uma seta envenenada*, pensou Cheirete logo que o viu. Uma carroça fechada avançava gemendo a seu lado, puxada por seis pesados cavalos de tração e defendida por besteiros, à frente e à retaguarda. Cortinas de veludo azul-escuro ocultavam os ocupantes da carroça dos olhos vigilantes.

Mais atrás vinha a coluna logística; pesados carros carregados com provisões e com o saque obtido na guerra, e carroças abertas repletas de homens feridos e mutilados. E, à retaguarda, mais Freys. Pelo menos mil, talvez mais; arqueiros, lanceiros, camponeses armados com gadanhas e paus aguçados, cavaleiros livres e arqueiros montados, e mais cem cavaleiros para os enrijecer.

De coleira posta, a ferros e de novo vestido de farrapos, Cheirete seguiu com os outros cães atrás do Lorde Ramsay quando sua senhoria avançou a passos largos para cumprimentar o pai. Quando o cavaleiro da armadura escura removeu o elmo, contudo, a cara que estava por baixo não era uma cara que Cheirete conhecesse. O sorriso de Ramsay coalhou ao ver aquilo, e a ira relampejou no seu rosto.

— O que é isto, alguma brincadeira?

— Só cautela — sussurrou Roose Bolton ao emergir de trás das cortinas da carroça fechada.

O Senhor do Forte do Pavor não mostrava uma forte semelhança com o filho bastardo. A cara estava escanhoadada e tinha uma pele lisa, e era vulgar, não bonita mas também não propriamente simples. Embora Roose tivesse estado em batalhas, não ostentava cicatrizes. Apesar de já estar bem para lá dos quarenta anos, mantinha-se por enquanto quase sem uma ruga que assinalasse a passagem do tempo. Os seus lábios eram tão finos que quando os apertava pareciam desaparecer por completo. Havia nele uma ausência de idade, uma quietude; na cara de Roose Bolton, a raiva e o júbilo assemelhavam-se muito. Tudo o que ele e Ramsay tinham em comum era os olhos. *Os seus olhos são gelo*. Cheirete perguntou a si próprio se Roose Bolton alguma vez chorava. *Se chora, será que as lágrimas lhe parecem frias na cara?*

Em tempos, um rapaz chamado Theon Greyjoy gostara de arrelhar Bolton quando se sentavam em conselho com Robb Stark, troçando da sua voz baixa e fazendo gracejos com sanguessugas. Ele devia ter sido louco. Este não é homem do qual se gracieje. Bastava olhar para Bolton para se saber que tinha mais crueldade no mindinho do que todos os Frey juntos.

— Pai. — O Lorde Ramsay ajoelhou perante o progenitor.

O Lorde Roose estudou-o por um momento.

— Podes-te levantar. — Virou-se para ajudar duas jovens a descer da carroça.

A primeira era baixa e muito gorda, com uma cara redonda e vermelha e três queixos a balançar por baixo de um capuz de zibelina.

— A minha nova esposa — disse Roose Bolton. — Senhora Walda, este é o meu filho ilegítimo. Beija a mãe da tua madrastra, Ramsay. — Este fê-lo. — E tenho a certeza de que te lembras da Senhora Arya. A tua prometida.

A rapariga era magra, e mais alta do que se lembrava, mas isso era de se esperar. As raparigas crescem depressa naquela idade. O seu vestido era de lã cinzenta debruada de cetim branco; por cima trazia um manto de arminho preso com uma cabeça de lobo em prata. Cabelo castanho-escuro caía-lhe até meio das costas. E os olhos...

Aquela não é filha do Lorde Eddard.

Arya tinha os olhos do pai, os olhos cinzentos dos Stark. Uma rapariga da sua idade podia deixar crescer o cabelo, acrescentar centímetros à altura, assistir ao enchimento do busto, mas não podia mudar a cor dos olhos. Aquela é a amiguinha da Sansa, a filha do intendente. O nome dela era Jeyne. Jeyne Poole.

— Lorde Ramsay. — A rapariga fez uma vénia na frente dele. Aquilo também estava errado. A verdadeira Arya Stark ter-lhe-ia cuspidido na cara. — Rezo para ser para vós uma boa esposa e vos dar filhos fortes que se sigam a vós.

— Isso ireis fazer — prometeu Ramsay — e em breve.

J O N

A vela apagara-se-lhe num charco de cera, mas a luz da manhã brilhava através das portadas da janela. Jon voltara a adormecer em cima do trabalho. Livros cobriam a sua mesa, grandes pilhas deles. Fora ele próprio que os trouxera, depois de passar metade da noite a perscrutar caves poeirentas à luz de uma lanterna. Sam tivera razão, os livros precisavam desesperadamente de ser organizados, registados e arrumados, mas essa não era tarefa para intendentess que não sabiam ler nem escrever. Teria de esperar pelo regresso de Sam.

Se ele regressar. Jon temia por Sam e pelo Mestre Aemon. Cotter Pyke escrevera de Atalaiaeste para relatar que o *Corvo de Tempestade* avistara destroços de uma galé na costa de Skagos. A tripulação do *Corvo de Tempestade* fora incapaz de determinar se o navio quebrado era o *Melro*, um dos mercenários de Stannis Baratheon ou algum navio mercante de passagem. *Quis enviar Goiva e o bebê para sítio seguro. Tê-los-ei em vez disso enviado para as sepulturas?*

O jantar da noite anterior congelara junto do seu cotovelo, quase intocado. Edd Doloroso enchera-lhe o prato quase a deitar por fora, para permitir que o infame estufado de três carnes do Hobb Três-Dedos amolecesse o pão duro. O gracejo entre os irmãos dizia que as três carnes eram carneiro, carneiro e carneiro, mas cenoura, cebola e nabo ter-se-iam aproximado mais da verdade. Uma película de gordura fria reluzia em cima dos restos do estufado.

Bowen Marsh insistira com ele para se mudar para os antigos aposentos do Velho Urso na Torre do Rei depois de Stannis os ter desocupado, mas Jon declinara. Mudar-se para os aposentos do rei podia ser interpretado com demasiada facilidade como significando que não esperava que o rei regressasse.

Uma estranha apatia instalara-se em Castelo Negro desde que Stannis marchara para sul, como se tanto o povo livre como os irmãos negros estivessem a suster a respiração, à espera de ver o que sucederia. Os pátios e a sala de jantar estavam mais frequentemente vazios do que cheios, a Torre do Senhor Comandante era uma casca, a velha sala comum uma pilha de madeira enegrecida e a Torre de Hardin dava a ideia de que a próxima rajada de vento a derrubaria. O único som de vida que Jon conseguia ouvir era o ténue tinir de espadas que vinha do pátio à porta do armeiro. Emmett de

Ferro estava a gritar com o Robin Saltitão para este manter o escudo erguido. *É melhor que todos nós mantenhamos os escudos erguidos.*

Jon lavou-se e vestiu-se e abandonou o armeiro, parando no pátio lá fora só o tempo suficiente para dizer algumas palavras de encorajamento ao Robin Saltitão e aos outros homens a cargo de Emmett. Declinou a sugestão de Ty de lhe arranjar comitiva, como normalmente. Naquele dia teria suficientes homens à sua volta; se se chegasse a derramar sangue, mais dois pouco importariam. Mas levou Garralonga, e o Fantasma seguiu-o de perto.

Quando chegou ao estábulo, Edd Doloroso tinha o palafrém do Senhor Comandante selado, ajaezado e à sua espera. As carroças estavam a alinhar-se sob o olho vigilante de Bowen Marsh. O Senhor Intendente percorria a coluna a trote, apontando e irritando-se, com as bochechas vermelhas do frio. Quando viu Jon, elas enrubesceram ainda mais.

— Senhor Comandante. Continuais decidido a cometer esta...

— ... loucura? — concluiu Jon. — Por favor, digei-me que não vos preparáveis para dizer "loucura", senhor. Sim, continuo. Já falámos sobre isto. Atalaia-leste quer mais homens. A Torre Sombria quer mais homens. Guardagris e Marcagelo também, não duvido, e temos mais catorze castelos ainda vazios, longas léguas de Muralha que permanecem sem ser vigiadas nem defendidas.

Marsh projetou os lábios.

— O Senhor Comandante Mormont...

— ... está morto. E não às mãos de selvagens, mas às mãos dos seus próprios Irmãos Juramentados, nos quais confiava. Nem vós nem eu podemos saber o que ele teria ou não teria feito no meu lugar. — Jon deu meia volta ao cavalo. — Basta de conversas. A caminho.

Edd Doloroso ouviu toda a conversa. Enquanto Bowen Marsh se afastava a trote, fez um aceno na direção das costas dele e disse:

— Romãs. Todas aquelas sementes. Um homem pode morrer engasgado. Eu preferia um nabo. Nunca ouvi dizer que um nabo fizesse algum mal a um homem.

Era em alturas como aquela que Jon mais sentia a falta do Mestre Aemon. Clydas cuidava bastante bem dos corvos, mas não tinha um décimo dos conhecimentos ou da experiência de Aemon Targaryen, e possuía ainda menos da sua sabedoria. Bowen era um bom homem à sua maneira, mas o ferimento que sofrera na Ponte dos Crânios endurecera as suas atitudes, e a única canção que cantava agora era o refrão familiar sobre selar os portões. Othell Yarwyck era tão impassível e desprovido de imaginação como taciturno, e os Primeiros Patrulheiros pareciam morrer tão depressa como eram nomeados. *A Patrulha da Noite perdeu demasiados dos seus melhores homens*, refletiu Jon enquanto as carroças começavam a mover-se.

O Velho Urso, Qhorin Meia-Mão, Donal Noye, Jarmen Buckwell, o meu tio...

Uma neve ligeira começara a cair enquanto a coluna abria caminho para sul ao longo da estrada de rei, com a longa fila de carroças a serpentear por entre campos e ribeiros e colinas arborizadas, com uma dúzia de lanceiros e uma dúzia de arqueiros a servir de escolta. As últimas viagens tinham assistido a alguma fealdade em Vila Toupeira, a alguns empurrões e puxões, a algumas pragas resmungadas, a muitos olhares carrancudos. Bowen Marsh sentira que era melhor não correr riscos, e por uma vez ele e Jon estavam de acordo.

O Senhor Intendente seguia à frente. Jon avançava alguns metros mais atrás, com o Edd Doloroso Tollett a seu lado. Meia milha a sul de Castelo Negro, Edd levou o garrano para perto do de Jon e disse:

— Senhor? Olhai ali para cima. O grande bêbado na colina.

O bêbado era um grande freixo, torcido para o lado por séculos de vento. E agora tinha uma cara. Uma boca solene, um ramo quebrado por nariz, dois olhos profundamente esculpidos no tronco, a olhar para norte ao longo da estrada de rei, na direção do castelo e da Muralha.

Os selvagens afinal sempre trouxeram os seus deuses consigo. Jon não se sentia surpreendido. Os homens não desistiam assim tão facilmente dos seus deuses. Todo aquele cortejo que a Senhora Melisandre orquestrara para lá da Muralha pareceu de súbito tão vazio como uma farsa de saltimbanco.

— Parece-se um pouco contigo, Edd — disse, tentando retirar importância à árvore.

— Sim, senhor. Não tenho folhas a crescer-me do nariz, mas fora isso... A Senhora Melisandre não vai ficar contente.

— Não é provável que veja aquilo. Assegura-te de que ninguém lhe diz nada.

— Mas ela vê coisas naqueles fogos.

— Fumo e brasas.

— E gente a arder. Eu, provavelmente. Com folhas enfiadas no nariz. Sempre tive medo de ser queimado, mas esperava morrer primeiro.

Jon voltou a olhar para a cara, perguntando a si próprio quem a teria esculpido. Colocara guardas em volta de Vila Toupeira, tanto para manter os seus corvos longe das mulheres selvagens, como para evitar que o povo livre se escapulisse para atacar o sul. Quem quer que tivesse esculpido o freixo tinha claramente passado despercebido às sentinelas. E se um homem podia passar através do cordão, outros também poderiam fazê-lo. *Podia voltar a duplicar a guarda,* pensou com amargura. *Desperdiçar o dobro dos homens, homens que de outra forma podiam estar a percorrer a Muralha.*

As carroças prosseguiram a sua lenta viagem para sul através de lama gelada e neve soprada pelo vento. Uma milha mais à frente encontraram uma segunda cara, esculpida num castanheiro que crescia ao lado de um regado congelado, num local em que os olhos da cara podiam observar a velha ponte de tábuas que cruzava o ribeiro.

— O dobro dos problemas — anunciou Edd Doloroso.

O castanheiro estava sem folhas e esquelético, mas os seus ramos nus e castanhos não estavam vazios. Num ramo baixo que se estendia por cima do ribeiro empoleirava-se um corvo, acocorado, com as penas eriçadas contra o frio. Quando viu Jon, estendeu as asas negras e soltou um grito. Quando Jon ergueu o punho e assobiou, a grande ave negra voou para ele, gritando:

— Grão, grão, grão.

— Grão para o povo livre — disse-lhe Jon. — Nenhum para ti. — Perguntou a si próprio se ficariam todos reduzidos a comer corvos antes de terminar o inverno que se aproximava.

Jon não duvidava que os irmãos nas carroças também tinham visto aquela cara. Ninguém falou dela, mas a mensagem tinha uma leitura clara para qualquer homem que tivesse olhos. Jon ouvira em tempos Mance Rayder dizer que a maior parte dos ajoelhadores eram ovelhas.

— Ora, um cão pode pastorear um rebanho de ovelhas — dissera o Rei-para-lá-da-Muralha — mas o povo livre, bem, alguns são gatos-das-sombras e outros são pedras. Um dos tipos anda por onde lhe apetece e faz-te os cães em bocados. O outro não se mexerá de todo até que o pontapeies. — Não era provável que gatos-das-sombras ou pedras desistissem dos deuses que adoraram toda a vida para se vergar perante um que mal conheciam.

Logo a norte de Vila Toupeira depararam com o terceiro vigia, esculpido no enorme carvalho que assinalava o perímetro da aldeia, com os profundos olhos fitos na estrada de rei. *Aquela não é uma cara amistosa*, refletiu Jon. Era frequente que as caras que os Primeiros Homens e os filhos da floresta tinham esculpido nos represeiros havia uma eternidade mostrassem fisionomias severas ou selváticas, mas o grande carvalho parecia especialmente zangado, como se estivesse prestes a arrancar as raízes da terra e a correr atrás deles, rugindo. *Os seus ferimentos são tão frescos como os dos homens que o esculpiram.*

Vila Toupeira sempre fora maior do que parecia; a maior parte dela ficava no subsolo, abrigada do frio e da neve. Isso agora era mais verdadeiro do que nunca. O Magnar de Thenn passara a aldeia vazia pelo archote quando a atravessara a caminho do ataque a Castelo Negro, e só restavam acima do chão pilhas de vigas enegrecidas e velhas pedras chamuscadas...

mas, por baixo da terra gelada, as caves e túneis e profundas adegas ainda resistiam, e fora aí que o povo livre se refugiara, aglomerando-se no escuro como as toupeiras das quais a aldeia obtivera o nome.

As carroças pararam em crescente à frente daquilo que fora, em tempos, a forja da aldeia. Ali perto, um enxame de crianças coradas estava a construir um forte de neve, mas espalharam-se ao ver os irmãos de mantos negros, desaparecendo por um ou outro buraco. Alguns momentos mais tarde, os adultos começaram a vir à superfície. Com eles veio um tedor, o cheiro de corpos não lavados e roupa suja, de dejetos e urina. Jon viu um dos seus homens franzir o nariz e dizer qualquer coisa ao homem que estava a seu lado. *Algum gracejo sobre o cheiro da liberdade*, calculou. Demasiados dos seus irmãos andavam a fazer gracejos sobre o fedor dos selvagens em Vila Toupeira.

Ignorância crassa, pensou Jon. O povo livre não era diferente dos homens da Patrulha da Noite. Alguns eram limpos, outros porcos, mas a maioria era limpa em certas alturas e porca noutras. Aquele fedor era só o cheiro de mil pessoas enfiadas em caves e túneis que tinham sido escavados para abrigar não mais de cem.

Os selvagens já antes tinham executado aquela dança. Sem palavras, formaram em filas atrás das carroças. Havia três mulheres por cada homem, muitas com filhos, coisas pálidas e escanzeladas que se agarravam às suas saias. Jon viu muito poucos bebês de colo. *Os bebês de*

colo morreram durante a marcha, compreendeu, e aqueles que sobreviveram à batalha morreram na paliçada do rei.

Os combatentes tinham-se saído melhor. Trezentos homens em idade de combater, afirmara Justin Massey em conselho. O Lorde Warwood Fell contara-os. *Também deverá haver esposas de lanças. Cinquenta, sessenta, talvez cheguem mesmo às cem.* Jon sabia que a contagem de Fell incluía homens que haviam sofrido ferimentos. Viu uma vintena desses homens; homens apoiados em muletas toscas, homens com mangas vazias e mãos em falta, homens com um olho ou meia cara, um homem sem pernas transportado entre dois amigos. E todos de caras cinzentas e descarnados. *Homens quebrados,* pensou. *As criaturas não são o único tipo de mortos vivos.*

Mas nem todos os combatentes estavam quebrados. Meia dúzia de Thenns com armaduras de escamas de bronze estavam aglomerados em volta de uma escada de cave, a observar, carrancudos, e sem fazer qualquer tentativa para se juntarem aos outros. Nas ruínas do antigo ferreiro da aldeia, Jon viu um homem calvo, grande e largo no qual reconheceu Halleck, o irmão de Harma Cabeça de Cão. Mas os porcos de Harma tinham desaparecido. *Comido* *Sy sem dúvida.* Aqueles dois vestidos de pele eram homens de Cornopé, tão selvagens como descarnados, descalços mesmo na neve. *Ainda há lobos entre estas ovelhas.*

Val fizera-lho lembrar durante a última visita que lhe fizera.

— O povo livre e os ajoelhadores são mais parecidos do que diferentes, Jon Snow. Homens são homens e mulheres são mulheres, independentemente do lado da Muralha em que nascemos. Bons homens e maus, heróis e vilões, homens de honra, mentirosos, covardes, brutos... temo-os com fartura, tal como vós.

Ela não se enganava. A dificuldade estava em distingui-los uns dos outros, em separar as ovelhas das cabras.

Os irmãos negros começaram a distribuir comida. Tinham trazido fatias de carne de vaca dura e salgada, bacalhau seco, feijão seco, nabos, cenouras, sacas de farinha grosseira de cevada e fina de trigo, ovos de salmoura, pipas de cebolas e maçãs.

— Podes ficar com uma cebola ou uma maçã — Jon ouviu o Hal Peludo dizer a uma mulher — mas não com as duas coisas. Tens de escolher.

A mulher não pareceu compreender.

— Preciso de duas de cada. Uma de cada pa mim, as outras po meu moço. Ele está doente, mas uma maçã põe-no bom.

Hal abanou a cabeça.

— Ele tem de vir buscar a sua própria maçã. Ou a cebola. As duas não. Tal como tu. Vá, é uma maçã ou uma cebola? Despacha-te que há mais pessoas atrás de ti.

— Uma maçã — disse ela, e ele deu-lhe uma, uma coisa velha e seca, pequena e enrugada.

— Mexe-te, mulher — gritou um homem três lugares mais atrás. — Tá frio cá fora.

A mulher não prestou atenção ao grito.

— Outra maçã — disse ao Hal Peludo. — PÓ meu filho. Por favor. Esta é tão pequena.

Hal olhou para Jon. Jon abanou a cabeça. Ficariam sem maçãs bem depressa. Se comesçassem a dar duas a toda a gente que queria duas, os últimos a chegar ficariam sem nenhuma.

— Sai-me da frente — disse uma rapariga atrás da mulher. Depois deu-lhe um empurrão nas costas. A mulher cambaleou, perdeu a maçã e caiu. Os outros alimentos que levava nos braços voaram. Feijões espalharam-se por todo o lado, um nabo rolou para dentro de uma poça de lama, um saco de farinha rasgou-se e derramou o seu precioso conteúdo na neve.

Ergueram-se vozes zangadas, tanto no idioma antigo como no comum. Mais empurrões começaram junto de outra carroça.

— Não *chega* — rosnou um velho. — Vós, malditos corvos, estais a matar-nos à fome. — A mulher que fora derrubada estava a esgravatar, de joelhos, tentando recuperar a comida. Jon viu um relâmpago de aço nu a alguns metros de distância. Os seus arqueiros encaixaram setas nas cordas.

Virou-se na sela.

— Rory. Sossega-os.

Rory levou o grande corno aos lábios e soprou.

`AAAAuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu.`

O tumulto e os empurrões morreram. Cabeças viraram-se. Uma criança desatou a chorar. O corvo de Mormont caminhou do ombro esquerdo de Jon para o direito, balançando a cabeça e resmungando:

— Snow, snow, snow.

Jon esperou até os últimos ecos se desvanecerem, após o que esporeou o palafrém, fazendo-o avançar até onde todos o pudessem ver.

— Estamos a alimentar-vos o melhor possível, com tudo o que podemos ceder. Maçãs, cebolas, nabos, cenouras... estamos todos perante um longo inverno, e as nossas provisões não são inesgotáveis.

— Vós, os corvos, comeis bastante bem. — Halleck avançou aos encontros.

Por agora.

— Nós defendemos a Muralha. A Muralha protege o reino... e agora protege-vos a vós. Conheceis o inimigo que enfrentamos. Sabeis o que está a atacar-nos. Alguns de vós já os enfrentaram. Criaturas e caminantes brancos, coisas mortas com olhos azuis e mãos negras. Eu também os vi, combati-os, mandei alguns para o inferno. Eles matam, e depois mandam contra nós os nossos mortos. Os gigantes não foram capazes de lhes resistir, vós, os Thenn, também não, nem os cães do rio de gelo, nem os comopés, nem o povo livre... e à medida que os dias encurtam e as noites se tornam mais frias, eles tornam-se mais fortes. Deixastes as vossas casas e viestes para sul às centenas e aos milhares... porquê, se não foi para lhes fugirdes? Para estardes em segurança. Bem, é a Muralha que vos mantém em segurança. Somos *nós* quem vos mantém em segurança, nós, os corvos pretos que desprezais.

— Em segurança e esfomeados — disse uma mulher atarracada com uma cara queimada pelo vento, uma esposa de lanças, ajuizando pelo aspeto.

— Quereis mais comida? — perguntou Jon. — A comida é para combatentes. Ajudai-nos a defender a Muralha, e comereis tão bem como qualquer corvo. — *Ou tão mal quando a comida escassear.*

Caiu um silêncio. Os selvagens trocaram olhares cautelosos.

— *Comer* — resmungou o corvo. — *Grão, grão.*

— Lutar por vós? — aquela voz tinha um forte sotaque. Sigorn, o jovem Magnar de Thenn, falava o idioma comum não mais que titubeantemente. — Não lutar por vós. Matar vós melhor. Matar todos vós.

O corvo bateu as asas.

— Matar, matar.

O pai de Sigorn, o velho Magnar, fora esmagado sob a escada em queda durante o ataque a Castelo Negro. *Eu sentiria o mesmo se alguém me pedisse para fazer causa comum com os Lannister*, disse Jon a si próprio.

— O teu pai tentou matar-nos a todos — fez lembrar a Sigorn. — O Magnar era um homem corajoso, mas falhou. E se tivesse tido sucesso... quem defenderia a Muralha? — afastou os olhos dos Thenn. — As muralhas de Winterfell também eram fortes, mas Winterfell está hoje em ruínas, queimadas e quebradas. Uma muralha só tem a força dos homens que a defendem.

Um velho com um nabo apertado ao peito disse:

— Vós matais-nos, matais-nos à fome e agora quereis tornar-nos escravos.

Um homem entroncado de cara vermelha gritou o seu acordo.

— Preferia andar nu a usar um desses trapos pretos às costas.

Urna das esposas de lanças riu-se.

— Nem mesmo a tua mulher te quer ver nu, Rabos.

Uma dúzia de vozes começou a falar ao mesmo tempo. Os Thenn estavam a gritar no idioma antigo. Um rapazinho desatou a chorar. Jon Snow esperou até tudo aquilo se aquietar, após o que se virou para o Hal Peludo e disse:

— Hal, o que foi que disseste a esta mulher?

Hal pareceu confuso.

— Referis-vos à comida? Uma maçã ou uma cebola? Foi só isso que disse. Eles têm de escolher.

— *Vós tendes de escolher* — repetiu Jon Snow. — Todos vós. Ninguém vos está a pedir para prestardes os nossos juramentos, e não me interessa que deuses adoreis. Os meus próprios deuses são os antigos, os deuses do norte, mas podeis ficar com o deus vermelho, ou os Sete, ou qualquer outro deus que ouça as vossas preces. É de lanças que precisamos. De arcos. De olhos

ao longo da Muralha. Eu aceito qualquer rapaz com mais de doze anos que saiba como segurar numa lança ou encordoar um arco. Aceito os vossos velhos, os vossos feridos e os vossos aleijados, até aqueles que já não podem combater. Há outras tarefas que podem ser capazes de levar a cabo. Pôr penas em setas, mugir cabras, juntar lenha, limpar os nossos estábulos. .. o trabalho não tem fim. E sim, também aceito as vossas mulheres.

Não tenho nenhuma necessidade de donzelas coradas à procura de quem as proteja, mas aceito todas as esposas de lanças que queiram vir.

— E raparigas? — perguntou uma rapariga. Parecia tão nova como Arya parecera da última vez que Jon a vira.

— Com mais de dezasseis anos.

— Estás a aceitar rapazes com doze.

Lá em baixo, nos Sete Reinos, rapazes de doze anos eram frequentemente pajens ou escudeiros; muitos tinham passado anos a treinar-se com armas. Raparigas de doze anos eram crianças. *Mas estes são selvagens.*

— Como quiseres. Rapazes e raparigas com mais de doze anos. Mas só aqueles que saibam como obedecer a uma ordem. Isto vale para todos vós. Eu nunca vos pedirei para ajoelhar perante mim, mas vou colocar capitães acima de vós, e sargentos que vos dirão quando acordar e quando adormecer, onde comer, quando beber, o que vestir, quando puxar pelas espadas e disparar as setas. Os homens da Patrulha da Noite servem para toda a vida. Não vos pedirei isso, mas enquanto estiverdes na Muralha estareis sob o meu comando. Desobedecei a uma ordem, e cortar-vos-ei a cabeça. Perguntai aos meus irmãos se não o farei. Eles já me viram fazê-lo.

— *Cortar* — gritou o corvo do Velho Urso. — *Cortar; cortar; cortar.*

— A decisão é vossa — disse-lhes Jon Snow. — Aqueles que quiserem ajudar-nos a defender a Muralha regressarão comigo a Castelo Negro e eu tratarei de armá-los e alimentá-los. Quanto aos outros, recolhei os vossos nabos e as vossas cebolas e gatinhai de volta para dentro dos vossos buracos.

A rapariga foi a primeira a apresentar-se.

— Eu posso lutar. A minha mãe era uma esposa de lanças. — Jon fez-lhe um aceno. *Talvez nem sequer tenha doze anos*, pensou, enquanto a rapariga se esgueirava entre dois velhos, mas não ia rejeitar a sua única recruta.

Um par de adolescentes seguiu-a, rapazes que não teriam mais de catorze anos. Depois, um homem cheio de cicatrizes com um olho em falta.

— Eu também os vi, òs mortos. Até os corvos são melhores do que isso. — Uma esposa de lanças alta, um velho de muletas, um rapaz com uma cara de lua e um braço atrofiado, um jovem cujo cabelo ruivo fez lembrar a Jon de Ygritte.

E depois Halleck.

— Não gosto de ti, corvo — rosnou — mas também nunca gostei mais do Mance do que a minha irmã. Mesmo assim lutámos por ele. Porque não lutar por ti?

Foi então que a represa quebrou. Halleck era um notável. *Mance não se enganava.*

— O povo livre não segue nomes, nem animaizinhos de pano cosidos a uma túnica — dissera-lhe o Rei-para-lá-da-Muralha. — Não dança em troca de moedas, não lhe interessa como te intitulas ou o que quer dizer esse cargo ou quem era o teu avô. Segue a força. Segue o homem.

Os primos de Halleck seguiram Halleck, depois um dos porta-estandartes de Harma, depois homens que tinham combatido com ela, depois outros que tinham ouvido histórias sobre o valor daqueles. Grisalhos e rapazes verdes, combatentes no seu apogeu, feridos e mutilados, uma boa vintena de esposas de lanças, até três homens de Cornopé.

Mas nenhum Thenn. O Magnar virou-se e voltou a desaparecer nos túneis, e os seus subordinados vestidos de bronze seguiram-no de perto.

Depois de entregue a última maçã seca, as carroças encheram-se de selvagens e as suas fileiras tinham mais sessenta e três membros do que quando a coluna partira de Castelo Negro nessa manhã.

— Que ides fazer deles? — perguntou Bowen Marsh a Jon na viagem pela estrada de rei.

— Vou treiná-los, armá-los e separá-los. Enviá-los para onde forem necessários. Atalaiaeste, Torre Sombria, Marcagelo, Guardagris. Também tenciono abrir mais três fortes.

O Senhor Intendente deitou um relance para trás.

— Mulheres também? Os nossos irmãos não estão habituados a ter mulheres entre eles, senhor. Os seus votos... vai haver lutas, violações...

— Estas mulheres têm facas e sabem como usá-las.

— E o que acontece da primeira vez que uma destas esposas de lanças cortar a goela a um dos nossos irmãos?

— Teremos perdido um homem — disse Jon — mas acabámos de ganhar sessenta e três. Sois bom a fazer contas, senhor. Corrigi-me se me engano, mas pelas minhas contas ficamos com um lucro de sessenta e dois.

Marsh não se deixara convencer.

— Acrescentastes mais sessenta e três bocas, senhor... mas quantas são de combatentes, e por qual dos lados irão combater? Se forem os Outros a aparecer aos portões, o mais certo é resistirem conosco, admito... mas se for Tormund Terror dos Gigantes ou o Chorão a vir-nos bater à porta com três mil assassinos aos uivos, que acontecerá então?

— Então saberemos. Por isso, esperemos que nunca se chegue a esse ponto.

TYRION

Sonhou com o senhor seu pai e com o Senhor Amortalhado. Sonhou que eram uma e a mesma pessoa e, quando o pai o envolveu em braços de pedra e se dobrou para lhe dar o seu beijo cinzento, acordou com a boca seca e ferrugenta com o sabor do sangue e o coração aos saltos no peito.

— O nosso anão morto regressou para junto de nós — disse Haldon.

Tyrion abanou a cabeça para limpar as teias de sonho. *As Mágoas.*

Eu perdi-me nas Mágoas.

Não estou morto.

— Isso é o que veremos. — O Semimeistre estava em pé por cima dele. — Pato, sê uma boa ave de capoeira e ferve um pouco de caldo aqui para o nosso amiguinho. Ele deve estar esfomeado.

Tyrion viu que estava na Tímida Donzela, sob uma manta áspera que cheirava a vinagre. As Mágoas estão para trás de nós. Foi só um sonho. Sonhei que me estava a afogar.

Porque é que eu fedo a vinagre?

— Lembre tem andado a lavar-te com ele. Há quem diga que isso ajuda a prevenir a escamagris. Sinto-me inclinado a duvidar, mas não fazia mal tentar. Foi Lembre quem forçou a água a sair-te dos pulmões depois de Griff te ter puxado para cima. Estavas frio como gelo e tinhas os lábios azuis. Yandry disse que devíamos atirar-te de volta para o rio, mas o rapaz proibiu-o.

O príncipe. A memória voltou-lhe de chofre; o homem de pedra a estender para ele mãos cinzentas e estaladas, o sangue a brotar dos nós dos seus dedos. *Ele era pesado como um pedregulho, a puxar-me para baixo.*

— Griff trouxe-me para cima? — *Deve odiar-me, caso contrário ter-me-ia deixado morrer.* — Quanto tempo passei a dormir? Que sítio é este?

— Selhorys. — Haldon retirou da manga uma pequena faca. — Toma — disse, atirando-a dissimuladamente a Tyrion.

O anão retraiu-se. A faca aterrou entre os seus pés, e ficou a oscilar no convés. Tyrion arrancou-a.

— O que é isto?

— Tira as botas. Pica cada um dos teus dedos, das mãos e dos pés.

— Isso parece... doloroso.

— Espero que seja. Faz o que te digo.

Tyrion descalçou uma das botas e depois a outra, descalçou as meias, olhou os dedos dos pés com os olhos semicerrados. Parecia-lhe que não tinham um aspeto nem melhor nem pior do que era hábito. Picou cuidadosamente um dos dedos grandes.

— Com mais força — mandou Haldon Semimeistre.

— Queres que eu sangre?

— Se for preciso.

— Assim fico com uma crosta em cada dedo.

— O objetivo deste teste não é contar-te os dedos. Quero ver-te estremecer. Enquanto as picadas doerem, estás seguro. É só quando não consegues sentir a lâmina que tens razão para ter medo.

Escamagris. Tyrion fez uma careta. Picou outro dedo, soltou uma praga quando uma pérola de sangue brotou em volta da ponta da faca.

— Isto doeu. Estás contente?

— A dançar de alegria.

— Os teus pés cheiram pior que os meus, Yollo. — O Pato trazia uma taça de caldo. — O Griff avisou-te para não pões as mãos nos homens de pedra.

— Pois, mas esqueceu-se de avisar os homens de pedra para não porem as mãos em mim.

— Enquanto picas, procura manchas de pele morta e cinzenta ou unhas a começar a enegrecer — disse Haldon. — Se vires esses sinais, não hesites. É melhor perder um dedo do que um pé. É melhor perder um braço do que passar os dias a gemer na Ponte do Sonho. Agora o outro pé, se fazes favor. Depois os dedos das mãos.

O anão voltou a cruzar as pernas atrofiadas e pôs-se a picar o outro conjunto de dedos.

— Também queres que pique a picha?

— Mal não faria.

— O que tu queres dizer é que não te faria mal a *ti*. Se bem que podia perfeitamente cortá-la, pelo uso que lhe dou.

— Estás à vontade. Nós depois curtimo-la, estofamo-la e vendemo-la por uma fortuna. Uma picha de anão tem poderes mágicos.

— Tenho andado a dizer isso a todas as mulheres há anos. — Tyrion enfiou a ponta do punhal na ponta do polegar, viu o sangue a brotar, chupou-o. — Durante quanto tempo terei de continuar a torturar-me? Quando teremos a certeza de que estou limpo?

— Mesmo? — disse o Semimeistre. — Nunca. Engoliste metade do rio. Podes estar a ficar cinzento agora mesmo, transformando-te em pedra de dentro para fora, começando pelo coração e pelos pulmões. Se estiveres, picar os dedos e tomar banho em vinagre não te salvará. Quando acabares, vem comer um pouco de caldo de carne.

O caldo estava bom, embora Tyrion tivesse reparado que o Semimeistre manteve a mesa entre os dois enquanto comia. *A Tímida Donzela* estava amarrada a um velho pontão na margem

oriental do Roine. Dois pontões mais adiante, uma galé de rio volantenana estava a desembarcar soldados. Lojas, estábulos e armazéns aninhavam-se sob uma muralha de arenito. As torres e cúpulas da cidade estavam visíveis por trás da muralha, enrubescidas pela luz do poente.

Não, não é uma cidade. Selhorys ainda era vista como uma mera vila, e era governada a partir da Velha Volantis. Aquilo não era Westeros.

Lemore surgiu no convés a rebocar o príncipe. Quando viu Tyrion, correu convés fora para o ir abraçar.

— A Mãe é misericordiosa. Rezámos por ti, Hugor.

Tu rezaste, pelo menos.

Não vou pensar mal de ti por isso.

O cumprimento do Jovem Griff foi menos efusivo. O principelho estava de mau humor, zangado por ter sido obrigado a permanecer na *Tímida Donzela* em vez de ir a terra com Yandry e Ysilla.

— Só queremos manter-te a salvo — disse-lhe Lemore. — Isto são tempos instáveis.

Haldon Semimeistre explicou.

— Durante o trajeto entre as Mágoas e Selhorys, vimos por três vezes cavaleiros em movimento para sul ao longo da margem oriental do rio. Dothraki. Uma vez chegaram tão perto que conseguimos ouvir as campainhas que tilintavam nas suas tranças, e às vezes, à noite, as suas fogueiras ficavam visíveis por trás das colinas orientais. Passámos também por navios de guerra, galés de rio volantenanas atafulhadas de soldados escravos. É evidente que os triarcas temem um ataque contra Selhorys.

Tyrion compreendeu aquilo bem depressa. Sozinha, entre as principais localidades do rio, Selhorys erguia-se na margem oriental do Roine, deixando-a muito mais vulnerável aos senhores dos cavalos do que as cidades irmãs do outro lado do rio. *Mesmo assim, o prémio é pequeno. Se eu fosse khal, faria uma simulação em Selhorys, deixaria os volantenos correr a defendê-la e depois viraria para sul e cavalgaria a grande velocidade para Volantis propriamente dita.*

— Eu sei como usar uma espada — estava a insistir o Jovem Griff.

— Mesmo o mais corajoso dos teus antepassados mantinha a Guarda Real por perto em tempos de perigo. — Lemore trocara as suas vestes de septã por trajes mais adequados à mulher ou filha de um mercador próspero. Tyrion observou-a com atenção. Conseguira farejar com bastante facilidade a verdade que se escondia sob o cabelo pintado de azul de Griff e do Jovem Griff, e Yandry e Ysilla pareciam não ser mais do que afirmavam ser, enquanto o Pato era um pouco menos. Lemore, contudo... *Quem é ela, realmente? Porque está aqui? Não é por ouro, julgo. Que lhe é este príncipe? Alguma vez foi uma verdadeira septã?*

Haldon também reparou na sua mudança de traje.

— O que devemos pensar desta súbita perda de fé? Preferia-te com as vestes de septã, Lemore.

— Eu preferia-a nua — disse Tyrion.

Lemore deitou-lhe um olhar de censura.

— Isso é porque tendes uma alma perversa. Vestes de septã gritam Westeros, e podem atrair para nós olhares que não são bem-vindos. — Voltou a virar-se para o Príncipe Aegon. — Não és o único que tem de se esconder.

O rapaz não pareceu apaziguado.

O príncipe perfeito, mas ainda meio criança, apesar de tudo, com menos que pouca experiência do mundo e de todos os seus infortúnios.

— Príncipe Aegon — disse Tyrion — uma vez que estamos ambos presos a bordo deste barco, talvez me queirais honrar com um jogo de cyvasse, para matar as horas?

O príncipe deitou-lhe um olhar fatigado.

— Estou farto do cyvasse.

— Farto de perder com um anão, é isso que quereis dizer?

Aquilo espicçou o orgulho do rapaz, tal como Tyrion sabia que espicçaria.

— Vai buscar o tabuleiro e as peças. Desta vez tenciono esmagar-te.

Jogaram no convés, sentados de pernas cruzadas atrás da cabina. O

Jovem Griff dispôs o seu exército para o ataque, com dragão, elefantes e cavalaria pesada à frente. *Uma formação de jovem, tão ousada como insensata. Ele arrisca tudo pela matança rápida.* Deixou o príncipe jogar primeiro. Haldon estava em pé atrás deles, observando o jogo.

Quando o príncipe estendeu a mão para o dragão, Tyrion pigarreou.

— Eu não faria isso, se fosse a vós. É um erro fazer avançar o dragão cedo demais. — Fez um sorriso inocente. — O vosso pai conhecia os perigos de se ser demasiado ousado.

— Conheceste o meu verdadeiro pai?

— Bem, vi-o duas ou três vezes, mas só tinha onze anos quando Robert o matou, e o meu pai tinha-me escondido por baixo de uma rocha. Não, não posso afirmar ter conhecido o Príncipe Rhaegar. Não como o vosso pai falso conheceu. O Lorde Connington era o melhor amigo do príncipe, não era?

O Jovem Griff afastou dos olhos uma madeixa de cabelo azul.

— Foram escudeiros ao mesmo tempo em Porto Real.

— Um verdadeiro amigo, o nosso Lorde Connington. Tem de ser, para permanecer tão ferozmente leal ao neto do rei que lhe tirou as terras e títulos e o enviou para o exílio. Isso foi uma pena. De outro modo, o amigo do Príncipe Rhaegar podia estar por perto quando o meu pai saqueou Porto Real, para salvar o precioso filhinho do Príncipe Rhaegar de ter os seus régios miolos atirados contra uma parede.

O rapaz corou.

— Não fui eu. Já te tinha dito. Foi o filho de um curtidor qualquer da Curva do Mijo cuja mãe morreu a dá-lo à luz. O pai vendeu-o ao Lorde Varys por um cântaro de dourado da Árvore. Tinha outros filhos, mas nunca tinha provado dourado da Árvore. Varys entregou o rapaz da Curva do Mijo à senhora minha mãe e levou-me.

— Pois. — Tyrion moveu os elefantes. — E quando o príncipe do mijo ficou morto e em segurança, o eunuco contrabandeou-vos para o outro lado do mar estreito e deu-vos ao seu amigo gordo, o queijeiro, que vos escondeu num barco de varejo e descobriu um lorde exilado disposto a chamar a si próprio vosso pai. Dá uma história magnífica, e os cantores darão grande relevo à vossa fuga depois de ocupardes o Trono de Ferro... partindo do princípio de que a nossa bela Daenerys vos tome como consorte.

— Tomará. Tem de tomar.

— *Tem?* — Tyrion soltou um *tsc*. — Essa não é uma palavra que as rainhas gostem de ouvir. Sois o seu príncipe perfeito, de acordo, inteligente e ousado e bem parecido como qualquer donzela pode desejar. Mas Daenerys Targaryen não é donzela alguma. É a viúva de um *khal* dothraki, uma mãe de dragões e uma saqueadora de cidades, Aegon, o Conquistador, com mamas. Pode revelar-se menos disposta do que vós gostaríeis.

— Ela estará disposta. — O Príncipe Aegon pareceu chocado. Era claro que nunca antes pensara na possibilidade da sua futura noiva poder recusá-lo. — Não a conheces. — Pegou na cavalaria pesada e pô-la no tabuleiro com estrondo.

O anão encolheu os ombros.

— Eu sei que ela passou a infância no exílio, empobrecida, vivendo de sonhos e planos, fugindo de uma cidade para a seguinte, sempre com medo, nunca em segurança, sem amigos além de um irmão que era, segundo todos os relatos, meio louco... um irmão que vendeu a sua virgindade aos dothraki em troca da promessa de um exército. Eu sei que algures, na erva, os dragões eclodiram, e ela também. Sei que é orgulhosa. Como não o ser? O que mais lhe resta a não ser o orgulho? Sei que é forte. Como não o ser? Os dothraki desprezam a fraqueza. Se Daenerys tivesse sido fraca, teria perecido com Viserys. Sei que é feroz. Astapor, Yunkai e Meereen são suficiente prova disso. Atravessou as pradarias e o deserto vermelho, sobreviveu a assassinos e conspirações e terríveis feitiçarias, chorou por um irmão, um marido e um filho, espezinhou as cidades dos escravagistas, fazendo-as em poeira sob os seus graciosos pés calçados de sandálias. Ora, como julgais vós que esta rainha reagirá quando lhe aparecerdes de tigela de pedinte na mão e disserdes: "Bom dia para vós, tiazinha. Sou o vosso sobrinho Aegon, regressado dos mortos. Tenho estado a vida inteira escondido num barco de varejo, mas agora lavei a tinta azul do cabelo e gostava de ficar com um dragão, se faz favor... e oh, já referi que a minha pretensão ao Trono de Ferro é mais forte do que a vossa?

A boca de Aegon torceu-se em fúria.

— Eu *não* irei ter com a minha tia como pedinte. Irei ter com ela como parente, com um exército.

— Um exército pequeno. — *Pronto, isto deixou-o bem zangado.* O anão não conseguiu evitar pensar em Joffrey. *Tenho um dom para enfurecer príncipes.* — A Rainha Daenerys tem um grande, e não o arranjou graças a vós. — Tyrion moveu os besteiros.

— Diz o que quiseres. Ela será minha noiva, o Lorde Connington tratará disso. Confio tanto nele como se fosse do meu próprio sangue.

— Talvez devêsseis ser vós o bobo no meu lugar. Não confieis em ninguém, meu príncipe. Nem no vosso mestre sem corrente, nem no vosso falso pai, nem no galante Pato ou na adorável Lembre ou nestes outros belos amigos que vos cultivaram desde a semente. Acima de tudo, não confieis no queijeiro, nem na Aranha, nem nessa rainhazinha dos dragões com quem pretendeis casar. Toda essa desconfiança amargar-vos-á o estômago e manter-vos-á acordado à noite, é certo, mas antes disso do que o longo sono que não termina. — O anão atravessou uma cordilheira com o dragão negro. — Mas que sei eu? O vosso falso pai é um grande senhor, e eu sou só um macaquinho retorcido. Mesmo assim, eu faria as coisas de outra forma.

Aquilo chamou a atenção do rapaz.

— De outra forma como?

— Se fosse a vós? Iria para oeste em vez de ir para leste. Desembarcaria em Dorne e içaria os meus estandartes. Os Sete Reinos nunca estarão mais maduros para a conquista do que estão neste momento. Um rei rapaz ocupa o Trono de Ferro. O norte está num caos, as terras fluviais numa devastação, um rebelde controla Ponta Tempestade e Pedra do Dragão. Quando o inverno chegar, o reino passará fome. E quem resta para lidar com tudo isto, quem governa o reizinho que governa os Sete Reinos? Ora, a minha querida irmãzinha. Não há mais ninguém. O meu irmão Jaime tem sede de batalha, não de poder. Fugiu de todas as hipóteses de governar que teve. O meu tio Kevan daria um regente razoável, se alguém o empurrasse para tal dever, mas nunca tentaria alcançá-lo. Os deuses esculpiram-no para ser um seguidor, não um líder. — *Bem, os deuses e o senhor meu pai.* — Mace Tyrell agarraria de bom grado no cetro, mas não é provável que a minha família se afaste e lho dê. E toda a gente odeia Stannis. Quem é que resta? Ora, só Cersei. Westeros está dilacerado e a sangrar, e não duvido de que neste mesmo momento a minha querida irmã esteja a ligar as feridas... com sal. Cersei é tão gentil como o Rei Maegor, tão altruísta como Aegon, o Indigno, tão sensata como Aerys, o Louco. Nunca esquece uma afronta, real ou imaginária. Confunde cautela com cobardia e divergência com desafio. E é gananciosa. Tem ânsia de poder, de honra, de amor. O reinado de Tommen está sustentado por todas as alianças que o senhor meu pai construiu tão cuidadosamente, mas ela irá destruí-las a todas, bem depressa. Desembarcai e içai os estandartes, e os homens convergirão para a vossa causa. Grandes e pequenos senhores, e também plebeus. Mas não espereis demasiado, meu príncipe. O momento

não durará. A maré que vos ergue agora depressa irá baixar. Assegurai-vos de chegar a Westeros antes de a minha irmã cair e alguém mais competente tomar o seu lugar.

— Mas — disse o Príncipe Aegon — sem Daenerys e os seus dragões, como podemos esperar ganhar?

— Vós não *precisais* de ganhar — disse-lhe Tyrion. — Tudo o que precisais de fazer é içar os estandartes, reunir os apoiantes e aguentar até Daenerys chegar para juntar as suas forças às vossas.

— Disseste que ela podia não me querer.

— Talvez tenha exagerado. Ela pode ter pena de vós quando lhes fordes suplicar a sua mão. — O anão encolheu os ombros. — Quereis apostar o vosso trono contra os caprichos de uma mulher? Mas se fordes para Westeros... ah, então sereis um rebelde, não um pedinte. Ousado, destemido, um verdadeiro rebento da Casa Targaryen, a seguir os passos de Aegon, o Conquistador. Um *dragão*. Eu já vos disse que conheço a nossa rainhazinha. Ela que ouça dizer que o filho assassinado do irmão Rhaegar ainda está vivo, que este corajoso rapaz ergueu de novo em Westeros o estandarte do dragão dos seus antepassados e reivindica o Trono de Ferro para a Casa Targaryen, acossado por todos os lados... e voará para junto de vós tão depressa como o vento e a água consigam levá-la. Sois o último da sua linhagem, e esta Mãe de Dragões, esta Quebradora de Correntes, é acima de tudo uma *salvadora*. A rapariga que decidiu afogar as cidades dos escravagistas em sangue para não deixar estranhos acorrentados dificilmente poderá abandonar o filho do irmão na sua hora de perigo. E quando chegar a Westeros e se encontrar convosco pela primeira vez, encontrar-vos-eis como iguais, homem e mulher, não rei e suplicante. Como poderá ela evitar amar-vos então?, pergunto. — Sorrindo, pegou no dragão, fê-lo voar pelo tabuleiro fora. — Espero que Vossa Graça me perdoe. O vosso rei está encurralado. Morte em quatro jogadas.

O príncipe fitou o tabuleiro.

— O meu dragão...

— ... está longe demais para vos salvar. Devíeis tê-lo deslocado para o centro da batalha.

— Mas tu disseste...

— Menti. *Não confieis em ninguém*. E mantende o dragão por perto.

O Jovem Griff pôs-se em pé de um salto e pontapeou o tabuleiro. Voaram peças de *cyvasse* em todas as direções, saltando e rolando pelo convés da *Tímida Donzela*.

— Apanha-as — ordenou o rapaz.

Ele afinal pode ser mesmo um Targaryen.

Se aprouver a Vossa Graça. — Tyrion pôs-se de gatas e gatinhou pelo convés fora, juntando as peças.

Já era perto do ocaso quando Yandry e Ysilla regressaram à *Tímida Donzela*. Um carregador trotava logo atrás, empurrando um carrinho de mão carregado com uma grande pilha de provisões;

sal e farinha, manteiga batida de fresco, fatias de bacon embrulhadas em linho, sacos de laranjas, maçãs e peras. Yandry trazia uma pipa de vinho ao ombro, enquanto Ysilla atirara um lúcio sobre o seu. O peixe era tão grande como Tyrion.

Quando viu o anão em pé no fim da prancha de embarque, Ysilla parou tão de chofre que Yandry foi colidir com ela, e o lúcio quase lhe deslizou das costas para dentro do rio. O Pato ajudou-a a salvá-lo. Ysilla fitou Tyrion com fúria e fez um peculiar gesto de apunhalar com três dos seus dedos. *Um gesto para afastar o mal.*

— Deixa-me ajudar-te com esse peixe — disse o anão ao Pato.

— Não — exclamou Ysilla. — Fica onde estás. Não toques em comida nenhuma além daquela que tu próprio comas.

O anão ergueu ambas as mãos.

— Às tuas ordens.

Yandry deixou cair ruidosamente a pipa de vinho no convés.

— Onde está o Griff? — perguntou a Haldon.

— A dormir.

— Então acorda-o. Tenho notícias que é melhor que ele ouça. O nome da rainha está em todas as línguas em Selhorys. Dizem que ainda está em Meereen, muito assediada. Se se puder acreditar no que se diz nos mercados, a Velha Volantis juntar-se-á em breve à guerra contra ela.

Haldon espetou os lábios.

— Os mexericos dos peixeiros não são fidedignos. Ainda assim, suponho que o Griff quererá saber. Sabes como ele é. — O Semimeistre desceu às cobertas.

A rapariga não avançou para oeste. Sem dúvida que teria bons motivos. Entre Meereen e Volantis estendiam-se quinhentas léguas de desertos, montanhas, pântanos e ruínas, e ainda Mantarys com a sua sinistra reputação. Uma cidade de monstros, segundo dizem, mas se ela se puser em marcha por terra, para onde mais poderá virar-se em busca de comida e água? O mar seria mais rápido, mas se não tiver navios...

Quando Griff surgiu no convés, o lúcio estava a pingar e a chiar por cima do braseiro enquanto Ysilla pairava por cima dele com um limão, a apertá-lo. O mercenário usava a sua cota de malha e o manto de pele de lobo, luvas moles de couro, calças escuras de lã. Se se surpreendeu por ver Tyrion acordado não deu sinal além do habitual franzir de sobrolho. Levou Yandry para junto da cana do leme, onde conversaram numa voz baixa demais para o anão ouvir.

Por fim, Griff chamou Haldon com um gesto.

— Precisamos de saber o que há de verdade nestes boatos. Vai a terra e recolhe a informação que puderes. Qavo saberá, se conseguires encontrá-lo. Tenta o Homem do Rio e a Tartaruga Pintada. Conheces os outros poisos dele.

— Sim. Também vou levar o anão. Quatro ouvidos ouvem melhor do que dois. E sabes como Qavo é com o seu cyvasse.

— Como quiseres. Volta antes do Sol nascer. Se por algum motivo te atrasares, vai ter com a Companhia Dourada.

Falou como um senhor. Tyrion guardou o pensamento para si.

Haldon envergou um manto com capuz, e Tyrion trocou os seus retalhos caseiros por algo desinteressante e cinzento. Griff deixou que cada um levasse uma bolsa de prata tirada das arcas de Illyrio. "Para soltar línguas."

O ocaso estava a ceder perante as trevas quando abriram caminho pela zona ribeirinha. Alguns dos navios por que passaram pareciam desertos, com as pranchas cie embarque recolhidas. Outros estavam repletos de homens armados que os olharam com desconfiança. Sob as muralhas da cidade, lanternas de pergaminho tinham sido acesas por cima das barracas, derramando charcos de luz colorida sobre o caminho empedrado. Tyrion foi observando enquanto a cara de Haldon se tornava verde, depois vermelha, depois purpúrea. Sob a cacofonia de línguas estrangeiras, ouviu estranha música a soar vinda de algures mais à frente, uma fina e aguda flauta acompanhada por tambores. Um cão também estava a ladrar, atrás deles.

E as rameiras tinham saído. De rio ou de mar, um porto era um porto, e onde quer que se encontrassem marinheiros, encontravam-se rameiras. *Teria sido isso que o meu pai quis dizer? Será para aí que vão as rameiras, para o mar?*

As rameiras de Lanisporto e de Porto Real eram mulheres livres. As suas irmãs de Selhorys eram escravas, com a servidão indicada pelas lágrimas tatuadas sob os olhos direitos. *Velhas como o pecado e duas vezes mais feias, todas elas.* Era quase o suficiente para fazer um homem desistir de rameiras. Tyrion sentia os olhos delas postos neles enquanto passava a bambolear, e ouvia-as aos segredos umas com as outras e aos risinhos por trás das mãos. *Dir-se-ia que nunca tinham visto um anão.*

Um pelotão de lanceiros volantenos estava de guarda ao portão do rio. Luz de archotes reluzia nas garras de aço que se projetavam das suas manoplas. Os elmos eram máscaras de tigre, e as caras que se viam por baixo estavam marcadas com riscas verdes tatuadas em ambas as bochechas. Tyrion sabia que os soldados escravos de Volantis sentiam um orgulho feroz pelas suas riscas de tigre. *Ansiarão pela liberdade?*, perguntou a si próprio. *O que fariam se esta jovem rainha lha concedesse? O que são, se não forem tigres? O que sou eu, se não for um leão?*

Um dos tigres viu o anão e disse qualquer coisa que fez os outros rir. Ao chegarem ao portão, descalçou a manopla provida de garras e a luva suada que tinha por baixo, prendeu um braço em volta do pescoço do anão, e esfregou-lhe rudemente a cabeça. Tyrion ficou demasiado sobressaltado para resistir. Tudo terminou num segundo.

— Houve algum motivo para aquilo? — perguntou ao Semimeistre.

— Ele diz que dá sorte esfregar a cabeça a um anão — disse Haldon, depois de uma conversa com o guarda na sua própria língua.

Tyrion forçou-se a sorrir ao homem.

— Diz-lhe que ainda dá mais sorte mamar a picha de um anão.

— É melhor não. Há notícia de tigres terem dentes aguçados.

Outro guarda indicou-lhes para atravessarem o portão acenando-lhes impacientemente com um archote. Haldon Semimeistre seguiu à frente para dentro da Selhorys propriamente dita, com Tyrion a menear-se fatigadamente atrás dele.

Uma grande praça abriu-se na frente de ambos. Mesmo àquela hora, estava cheia de gente ruidosa e repleta de luz. Lanternas baloiçavam suspensas de correntes de ferro por cima de portas de estalagens e casas de prazer, mas ali no interior dos portões eram feitas de vidro colorido, não de pergaminho. À direita, uma fogueira noturna ardia à porta de um templo de pedra vermelha. Um sacerdote envergando vestes escarlates estava em pé na varanda do templo, arengando à pequena multidão que se reunira em volta das chamas. Noutros locais, viajantes jogavam cyvasse sentados à frente de uma estalagem, soldados bêbados entravam e saíam daquilo que era claramente um bordel, uma mulher espancava uma mula à porta de um estábulo. Uma carroça de duas rodas passou por eles a retumbar, puxada por um elefante anão de cor branca. *Isto é outro mundo*, pensou Tyrion, *mas não é assim tão diferente do mundo que eu conheço*.

A praça era dominada por uma estátua de mármore branco de um homem sem cabeça vestido com uma armadura impossivelmente ornamentada e montado num cavalo de guerra ajaezado de forma semelhante.

— Quem vem a ser aquele? — perguntou Tyrion.

— O Triarca Horonno. Um herói volantino do Século do Sangue. Foi reeleito triarca todos os anos durante quarenta, até se cansar de eleições e se declarar triarca vitalício. Os volantinos não acharam graça. Foi executado pouco depois. Atado entre dois elefantes e rasgado ao meio.

— À estátua parece faltar uma cabeça.

— Ele era um tigre. Quando os elefantes subiram ao poder, os seus seguidores desencadearam tumultos, derrubando as cabeças das estátuas daqueles que culpavam por todas as guerras e mortes. — Encolheu os ombros. — Isso foi noutra era. Anda, é melhor ouvirmos o que aquele sacerdote está a dizer. Juro que ouvi o nome Daenerys.

Do outro lado da praça, juntaram-se à multidão que crescia à porta do templo vermelho. Com os indígenas a erguer-se acima dele por todos os lados, o homenzinho achou difícil ver muito mais do que os seus traseiros. Conseguia ouvir quase todas as palavras que o sacerdote estava a dizer, mas isso não significava que as compreendesse.

— Percebes o que ele está a dizer? — perguntou a Haldon no idioma comum.

— Percebia, se não tivesse um anão a chilrear-me ao ouvido.

— Eu não *chilreio*. — Tyrion cruzou os braços e olhou para trás, estudando as caras dos homens e mulheres que tinham parado para ouvir. Virasse-se para onde se virasse, via tatuagens. *Escravos. Quatro de cada cinco são escravos.*

— O sacerdote está a pedir aos volantenos para partirem para a guerra — disse-lhe o Semimeistre — mas do lado certo, como soldados do Senhor da Luz, do R'hllor que fez o sol e as estrelas e combate eternamente contra a escuridão. Nyessos e Malaquo viraram costas à luz, diz ele, de corações escurecidos pelas harpias amarelas do leste. Diz...

— *Dragões*. Entendi essa palavra. Ele disse *dragões*.

— Pois. Os dragões chegaram para a levar à glória.

— A? Daenerys?

Haldon anuiu:

— Benerro passou palavra desde Volantis. A chegada dela é a concretização de uma antiga profecia. De fumo e sal nasceu ela para refazer o mundo. É Azor Ahai regressada... e o seu triunfo sobre as trevas trará um verão que nunca terminará... a própria morte dobrará o joelho e todos os que morrerem a combater pela sua causa renascerão...

— Tenho de renascer neste corpo? — perguntou Tyrion. A multidão estava a tornar-se mais densa. Consequia senti-la a comprimir-se à volta deles. — Quem é Benerro?

Haldon ergueu uma sobrancelha.

— Alto Sacerdote do templo vermelho em Volantis. Chama da Verdade, Luz da Sabedoria, Primeiro Servo do Senhor da Luz, Escravo de Mor.

O único sacerdote vermelho que Tyrion conhecera era Thoros de Myr, o estróina corpulento, jovial e manchado de vinho que rondara a corte de Robert, emborrachando-se com as melhores colheitas do rei e incendiando a espada para as lutas corpo-a-corpo.

— Dai-me sacerdotes que sejam gordos, corruptos e cínicos — disse a Haldon — do tipo que gosta de se sentar em suaves almofadas de cetim, morder doces e vigarizar rapazinhos. São os que acreditam em deus que provocam sarilhos.

— Pode ser que possamos usar este sarilho para nosso benefício. Sei onde poderemos encontrar respostas. — Haldon levou-os para lá do herói sem cabeça até onde uma grande estalagem de pedra se virava para a praça. A carapaça encristada de uma imensa tartaruga pendia por cima da sua porta, pintada de cores garridas. Lá dentro, cem velas vermelhas e pouco luminosas ardiam como estrelas distantes. O ar estava aromatizado com cheiro a carne assada e especiarias e uma escrava com uma tartaruga numa bochecha estava a servir vinho verde claro.

Haldon parou à porta.

— Ali. Aqueles dois.

No nicho estavam sentados dois homens por cima de uma mesa de *cyvasse* esculpida em pedra, observando as peças à luz de uma vela vermelha. Um era magro e macilento, com um cabelo negro em rarefação e um nariz estreito como uma lâmina. O outro tinha ombros largos e

uma barriga redonda, com caracóis que lhe caíam para lá do colarinho. Nenhum se dignou a erguer o olhar do jogo até Haldon puxar por uma cadeira entre eles e dizer:

— O meu anão joga melhor *cyvasse* do que vós os dois em conjunto.

O maior dos homens ergueu os olhos para fitar os intrusos com desagrado, e disse qualquer coisa na língua da Velha Volantis, depressa demais para Tyrion ter esperança de entender. O mais magro recostou-se na cadeira.

— Ele está à venda? — perguntou, no idioma comum de Westeros. — O circo de aberrações do triarca precisa de um anão jogador de *cyvasse*.

— O Yollo não é escravo.

— Que pena — o magro mudou a posição de um elefante de ónix.

Do outro lado da mesa de *cyvasse*, o homem por trás do exército de alabastro espetou os lábios com desaprovação. Moveu a cavalaria pesada.

— Um deslize — disse Tyrion. Já agora, podia desempenhar o seu papel.

— Exatamente — disse o magro. Respondeu com a sua própria cavalaria pesada. Seguiu-se uma confusão de jogadas rápidas, até que por fim o magro sorriu e disse: — Morte, meu amigo.

O homem olhou furioso o tabuleiro, após o que se levantou e grunhiu qualquer coisa na sua língua. O oponente riu-se.

— Vá lá. O anão não fede assim tanto. — Indicou a Tyrion a cadeira vazia. — Upa para cima, homenzinho. Põe a prata na mesa, e veremos quão bem jogas o jogo.

Qual jogo?, podia ter perguntado Tyrion. Subiu para a cadeira.

— Jogo melhor de barriga cheia e com um copo de vinho à mão. — O magro virou-se prestavelmente e gritou à escrava para lhes trazer comida e bebida.

Haldon disse:

— O nobre Qavo Nogarys é o oficial da alfândega aqui em Selhorys. Nem uma vez o derrotei no *cyvasse*.

Tyrion compreendeu.

— Eu talvez tenha mais sorte. — Abriu a bolsa e empilhou moedas de prata ao lado do tabuleiro, uma em cima da outra até que Qavo, finalmente, sorriu.

Enquanto ambos dispunham as peças por trás do anteparo do *cyvasse*, Haldon disse:

— Que novidades há de jusante? Haverá guerra?

Qavo encolheu os ombros.

— Os yunkaitas querem que haja. Chamam a si próprios Sábios Mestres. Não posso falar da sua sabedoria, mas não lhes falta astúcia. O emissário veio ter conosco com arcas de ouro, pedras preciosas e duzentos escravos, núbeis raparigas e rapazes de pele lisa treinados no caminho dos sete suspiros. Disseram-me que as suas festas são memoráveis e os subornos são sumptuosos.

— Os yunkaitas compraram os vossos triarcas?

— Só Nyessos. — Qavo removeu o anteparo e estudou a disposição do exército de Tyrion. — Malaquo pode ser velho e desdentado, mas continua a ser um tigre, e Doniphos não será reeleito como triarca. A cidade tem sede de guerra.

— Porquê? — perguntou Tyrion. — Meereen fica a longas léguas por mar. Como foi que esta doce rainha criança ofendeu a Velha Volantis?

— Doce? — Qavo riu-se. — Se metade das histórias que chegam da Baía dos Escravos forem verdadeiras, esta criança é um monstro. Eles dizem que é sedenta de sangue, que aqueles que se lhe opõem são empalados em estacas para morrer uma morte prolongada. Dizem que é uma feiticeira que alimenta os seus dragões com a carne de bebês recém-nascidos, uma perjura que troça dos deuses, quebra tréguas, ameaça emissários e vira-se contra aqueles que a serviram lealmente. Dizem que a sua luxúria não pode ser saciada, que acasala com homens, mulheres, eunucos, até cães e crianças, e que desgraças acontecem aos amantes que não têm sucesso em satisfazê-la. Entrega o corpo aos homens para prender as suas almas em servidão.

Oh, que bom, pensou Tyrion. Se me entregar o corpo, que a minha alma lhe faça bom proveito, apesar de pequena e deformada.

Eles dizem — disse Haldon. — Com *eles* queres dizer os escravagistas, os exilados que ela expulsou de Astapor e Meereen. Meras calúnias.

— As melhores calúnias são temperadas com verdade — sugeriu Qavo — mas o verdadeiro pecado da rapariga é impossível de negar. Esta criança arrogante resolveu que haveria de esmagar o comércio de escravos, mas esse tráfico nunca esteve confinado à Baía dos Escravos. Fazia parte do mar de comércio que abrangia o mundo, e a rainha do dragão tornou a água turva. Por trás da Muralha Negra, senhores de sangue antigo dormem mal, atentos ao som dos seus criados de cozinha a afiar as suas longas facas. São escravos que cultivam a nossa comida, limpam as nossas ruas, ensinam os nossos jovens. Protegem as nossas muralhas, remam nas nossas galés, combatem nas nossas batalhas. E agora, quando olham para leste, veem esta jovem rainha a brilhar de longe, esta *quebradora de correntes*. O Sangue Antigo não pode tolerar isso. Os pobres também a odeiam. Até o mais vil dos pedintes está acima de um escravo. Esta rainha do dragão quer roubar-lhes essa consolação.

Tyrion adiantou os lanceiros. Qavo respondeu com a cavalaria ligeira. Tyrion fez avançar os besteiros um quadrado e disse:

— O sacerdote vermelho, lá fora, parecia pensar que Volantis devia lutar por essa rainha prateada, não contra ela.

— Os sacerdotes vermelhos seriam sensatos em ter tento na língua — disse Qavo Nogarys. — Já houve lutas entre os seus seguidores e os que adoram outros deuses. O palavreado de Benerro só servirá para lhe fazer cair sobre a cabeça uma violenta ira.

— Que palavreado? — perguntou o anão, brincando com a sua população.

O volantino fez um aceno com a mão.

— Em Volantis, milhares de escravos e libertos enchem a praça do templo todas as noites para ouvir Benerro guinchar sobre estrelas a sangrar e uma espada de fogo que limpará o mundo. Tem andado a pregar que Volantis irá arder de certeza se os triarcas pegarem em armas contra a rainha prateada.

— Essa é uma profecia que até eu podia fazer. Ah, o jantar.

O jantar era um prato de cabra assada servida numa base de fatias de cebola. A carne estava condimentada e odorífera, chamuscada por fora e vermelha e sumarenta por dentro. Tyrion arrancou uma fatia. Estava tão quente que lhe queimou os dedos, mas tão boa que não conseguiu evitar estender a mão para outro bocado. Empurrou-a para baixo com o licor volanteno verde claro, a coisa mais semelhante a vinho que bebia desde há séculos.

— Muito bom — disse, pegando no dragão. — A peça mais poderosa do jogo — anunciou, enquanto removia do tabuleiro um dos elefantes de Qavo. — E Daenerys Targaryen tem três, segundo se diz.

— Três — concedeu Qavo — contra três vezes três mil inimigos. Grazdan mo Eraz não foi o único emissário que foi enviado da Cidade Amarela. Quando os Sábios Mestres avançarem contra Meereen, as legiões de Nova Ghis combaterão a seu lado. Tolosinos. Elirianos. Até os dothraki.

— Tendes dothraki aos vossos próprios portões — disse Haldon.

— O Khal Pono. — Qavo fez um gesto de indiferença com a mão. — Os senhores dos cavalos aparecem, damos-lhes presentes, os senhores dos cavalos desaparecem. — Voltou a mover a catapulta, fechou a mão em volta do dragão de alabastro de Tyrion, tirou-o do tabuleiro.

O resto foi massacre, embora o anão tivesse aguentado mais uma dúzia de jogadas.

— Chegou o momento das lágrimas amargas — disse Qavo por fim, recolhendo a sua pilha de prata. — Outro jogo?

— Não é necessário — disse Haldon. — O meu anão recebeu a sua lição de humildade. Acho que é melhor que regressemos ao nosso barco.

Lá fora, na praça, a fogueira noturna ainda ardia, mas o sacerdote desaparecera e a multidão dispersara-se há muito. O brilho das velas tremeluzia nas janelas do bordel. De dentro vinha o som dos risos das mulheres.

— A noite ainda é nova — disse Tyrion. — Qavo pode não nos ter dito tudo. E as rameiras ouvem muitas coisas dos homens a quem prestam serviço.

— Precisas assim tanto de uma mulher, Yollo?

— Um homem cansa-se de não ter amantes além dos dedos. — *Pode ser para Selhorys que as rameiras vão.* Tysha pode estar ali agora mesmo, com lágrimas tatuadas na bochecha. — Eu quase que me afoguei. Um homem precisa de uma mulher depois disso. Além do mais, tenho de me assegurar de que o meu pirilau não se transformou em pedra.

O Semimeistre riu-se.

— Eu espero por ti na taberna junto do portão. Não demores demasiado a tratar dos teus assuntos.

— Oh, quanto a isso não tenhas medo. A maioria das mulheres prefere despachar-se comigo o mais depressa que puderem.

O bordel era modesto, comparado com aqueles que o anão costumara frequentar em Lanisporto e em Porto Real. O proprietário não parecia falar nenhuma língua além da de Volantis, mas compreendeu bastante bem o tinir da prata, e levou Tyrion por uma arcada até uma longa sala que cheirava a incenso, por onde quatro escravas aborrecidas vagueavam em vários estados de nudez. Calculou que duas tinham visto pelo menos quarenta dias dos seus nomes chegar e partir; a mais nova teria talvez quinze ou dezasseis anos. Nenhuma era tão hedionda como as rameiras que vira a trabalhar nas docas, embora ficassem bem longe da beleza. Uma estava claramente grávida. Outra era só gorda, e ostentava anéis de ferro em ambos os mamilos. Todas as quatro tinham lágrimas tatuadas sob um olho.

— Tens alguma rapariga que fale a língua de Westeros? — perguntou Tyrion. O proprietário semicerrou os olhos, sem entender, de modo que o anão repetiu a pergunta em alto valiriano. Daquela vez o homem pareceu apanhar duas ou três palavras e respondeu em volantino. A única coisa que conseguiu obter da resposta dele foi "rapariga poente". Deduziu que o significado disso seria uma rapariga dos Reinos do Poente.

Só havia uma rapariga assim na casa, e não era Tysha. Tinha bochechas sardentas e pequenos caracóis ruivos na cabeça, o que prometia seios sardentos e pelos ruivos entre as pernas.

— Servirá — disse Tyrion — e também quero um jarro. Vinho tinto com carne ruiva. — A rapariga estava a olhar para a sua cara sem nariz com repulsa nos olhos. — Ofendo-te, querida? Sou uma criatura ofensiva, como o meu pai ficaria satisfeito por te dizer se não estivesse morto e a apodrecer.

Apesar de parecer ser oriunda de Westeros, a rapariga não falava uma palavra do idioma comum. *Talvez tenha sido capturada por algum traficante de escravos em criança.* O quarto dela era pequeno, mas havia um tapete de Myr no chão, e um colchão recheado de penas em vez de palha. *Já vi pior.*

— Não me queres fornecer um nome? — perguntou, enquanto aceitava uma taça de vinho que ela lhe estava a oferecer. — Não? — o vinho era forte e amargo e não precisava de tradução. — Suponho que me contentarei com a tua buceta. — Limpou a boca com as costas da mão. — Já alguma vez te deitaste com um monstro? Agora é uma altura tão boa como qualquer outra. Fora com a roupa e de costas, se te aprouver. Ou não.

A rapariga olhou-o sem entender, até que ele lhe tirou o jarro das mãos e lhe subiu as saias acima da cabeça. Depois disso compreendeu o que se exigia dela, embora não se revelasse a

mais ativa das parceiras. Tyrion passara tanto tempo sem mulher que se derramou dentro dela à terceira arremetida.

Rolou para fora dela sentindo-se mais envergonhado do que saciado. *Isto foi um erro. Que criatura desgraçada é esta em que me tornei.*

— Conheces uma mulher que se chama Tysha? — perguntou, enquanto observava a sua semente escorrer de dentro dela para a cama. A rameira não respondeu. — Sabes para onde vão as rameiras? — Também não respondeu a essa pergunta. Tinha nas costas um rendilhado de estrias de tecido cicatricial. *Esta rapariga para todos os efeitos está morta. Acabei de foder um cadáver. Até os seus olhos pareciam mortos. Nem sequer tem força para me abominar.*

Precisava de vinho. Muito vinho. Pegou no jarro com ambas as mãos e levou-o aos lábios. O vinho correu, rubro. Pela goela abaixo, pelo queixo abaixo. Pingou-lhe da barba e ensopou o colchão de penas. À luz das velas parecia tão escuro como o vinho que envenenara Joffrey. Quando acabou, atirou o jarro vazio para o lado e desceu da cama, meio rolando, meio cambaleando, procurando um penico às apalpadelas. Não encontrou nenhum. O seu estômago deu uma volta e deu por si de joelhos a vomitar no tapete, naquele maravilhoso e grosso tapete de Myr, tão reconfortante como mentiras.

A rapariga gritou, aflita. *Vão culpá-la por isto*, compreendeu Tyrion, envergonhado.

— Corta-me a cabeça e leva-a para Porto Real — pediu-lhe. — A minha irmã fará de ti uma senhora e nunca mais ninguém te chicoteará. — Ela também não compreendeu aquilo, por isso, abriu-lhe as pernas, gatinhou para o meio delas e tomou-a outra vez. Pelo menos isso ela conseguia entender.

Depois, o vinho acabara e ele também, pelo que fez uma bola com a roupa da rapariga e atirou-a para junto da porta. Ela entendeu a sugestão e fugiu, deixando-o só na escuridão, a afundar-se mais no colchão de penas. *Estou bêbado que nem um cacho.* Não se atrevia a fechar os olhos, com medo de adormecer. Por trás do véu do sonho, as Mágoas estavam à sua espera. Degraus de pedra a subir sem fim, íngremes e escorregadios e traiçoeiros, e algures no topo estava o Senhor Amortalhado. *Não quero encontrar-me com o Senhor Amortalhado.* Tyrion voltou a enfiar-se desajeitadamente na roupa, e foi às apalpadelas até à escada. *O Griff vai esfolar-me. Bem, e porque não? Se alguma vez um anão mereceu uma esfoladela, fui eu.*

A meio da escada perdeu o apoio num pé. Sem saber como, conseguiu amparar a queda com as mãos e transformá-la numa pirueta desastrada e ruidosa. As rameiras na sala lá em baixo ergueram os olhos, espantadas, quando ele aterrou na base da escada. Tyrion levantou-se com uma cambalhota e dirigiu-lhes uma vénia.

— Sou mais ágil quando estou bêbado. — Virou-se para o proprietário. — Temo que tenha estragado o teu tapete. A rapariga não tem culpa. Deixa-me pagar. — Puxou por um punhado de moedas e atirou-as ao homem.

— *Duende* — disse uma voz profunda atrás de si.

Ao canto da sala, um homem estava sentado num charco de sombras, com uma rameira a contorcer-se-lhe sobre as coxas. *Não vi aquela rapariga. Se tivesse visto, tinha-a levado para cima em vez das sardas.* Era mais jovem do que as outras, magra e bonita, com longo cabelo prateado. Lisena, se calhar. .. mas o homem cujo colo enchia era dos Sete Reinos. Corpulento e de ombros largos, com quarenta anos, pelo menos, talvez mais velho. Metade da sua cabeça era calva, mas uma barba curta e rarefeita cobria-lhe as faces e o queixo, e pelos cresciam-lhe densos nos braços, brotando-lhe mesmo dos nós dos dedos.

Tyrion não gostou do ar do homem. Gostou ainda menos do grande urso negro no seu sobretudo. Lã. Ele está vestido de lã com este calor. Quem, se não um cavaleiro, seria um doido assim tão varrido?

— Que agradável ouvir o idioma comum tão longe de casa — obrigou-se a dizer — mas temo que me tenhais confundido. O meu nome é Hugor Hill. Posso pagar-vos uma taça de vinho, meu amigo?

— Já bebi o suficiente. — O cavaleiro empurrou a sua rameira para o lado e pôs-se de pé. O cinturão da espada estava pendurado de um cabide a seu lado. Despendurou-o e puxou pela arma. Aço murmurou contra couro. As rameiras estavam a observar com avidez, com a luz das velas a brilhar-lhes nos olhos. O proprietário desaparecera. — És meu, Hugor.

Tyrion não seria mais capaz de lhe fugir do que de o vencer em combate. Bêbado como estava, nem sequer podia ter a esperança de o vencer em esperteza. Abriu as mãos.

— E o que é que pretendes fazer comigo?

— Entregar-te — disse o cavaleiro — à rainha.

D A E N E R Y S

Galazza Galare chegou à Grande Pirâmide acompanhada por uma dúzia de Graças Brancas, raparigas de nascimento nobre que eram ainda novas demais para terem servido o seu ano nos jardins do prazer do templo. Faziam um bonito retrato, a velha orgulhosa toda vestida de verde rodeada pelas rapariguinhas de vestidos e véus brancos, couraçadas com a sua inocência.

A rainha deu-lhes umas boas-vindas calorosas, após o que chamou Missandei para se assegurar de que as raparigas eram alimentadas e entretidas enquanto partilhava um jantar em privado com a Graça Verde.

Os cozinheiros tinham-lhes preparado uma magnífica refeição de carneiro com mel, aromatizado por menta esmagada e servido com os pequenos figos verdes de que tanto gostava. Dois dos reféns preferidos de Dany serviram a comida e mantiveram as taças cheias; uma menina com olhos de corça chamada Qezza e um rapaz magricela chamado Grazhar. Eram irmão e irmã, e primos da Graça Verde, a qual os cumprimentou com beijos quando entrou a passos largos e lhes perguntou se se tinham portado bem.

— São muito queridos, os dois — assegurou-lhe Dany. — Qezza às vezes canta para mim. Tem uma voz adorável. E Sor Barristan tem andado a instruir Grazhar e os outros rapazes nas técnicas da cavalaria ocidental.

— Eles são do meu sangue — disse a Graça Verde enquanto Qezza lhe enchia a taça com um escuro vinho tinto. — É bom saber que agradaram a Vossa Radiância. Espero poder fazer o mesmo. — O cabelo da velha era branco e a sua pele tão fina como pergaminho, mas os anos não lhe tinham feito perder a vivacidade dos olhos. Eram tão verdes como as suas vestes; olhos tristes, cheios de sabedoria. — Se me perdoardes por dizê-lo, Vossa Radiância parece... fatigada. Tendes dormido?

Dany só com dificuldade evitou rir-se.

— Mal. Na noite passada três galés qartenas subiram o Skahazadhan a coberto da escuridão. Os Homens da Mãe dispararam enxames de setas incendiárias contra as suas velas e atiraram potes de piche a arder para os seus conveses, mas as galés passaram depressa e não sofreram danos duradouros. Os qartenos pretendem fechar-nos o rio como fecharam a baía. E já não estão sozinhos. Três galés de Nova Ghis juntaram-se-lhes, bem como uma carraca de Tolos. — Os Tolossinos tinham respondido ao seu pedido de aliança proclamando-a uma rameira e exigindo que devolvesse Meereen aos Grandes Mestres da cidade. Até isso era preferível à

resposta de Mantarys, que chegou numa caravana, numa arca de cedro. Lá dentro encontrara as cabeças dos seus três emissários, em vinagre. — Talvez os vossos deuses possam ajudar-nos. Pedi-lhes para enviarem uma ventania e varrerem as galés da baía.

— Rezarei e farei sacrifícios. Talvez os deuses de Ghis me ouçam. — Galazza Galare beberricou do vinho, mas os olhos não abandonaram Dany. — Tempestades enfurecem-se tanto no interior das muralhas como no exterior. Morreram mais libertos ontem à noite, ou pelo menos foi o que me foi dito.

— Três. — Dizê-lo deixou-lhe um sabor amargo na boca. — Os covardes assaltaram umas tecedeiras, libertas que não tinham feito mal a ninguém. Tudo o que fizeram foi produzir coisas belas. Tenho uma tapeçaria que me deram pendurada por cima da minha cama. Os Filhos da Harpia quebraram-lhes o tear e violaram-nas antes de lhes cortarem as goelas.

— Foi o que ouvimos dizer. E no entanto Vossa Radiância encontrou a coragem de responder à carnificina com misericórdia. Não fizestes mal a nenhuma das nobres crianças que tendes como reféns.

— Ainda não, é verdade. — Dany ganhara amizade pelos jovens que tinha a cargo. Alguns eram tímidos, alguns ousados, alguns doces, alguns carrancudos, mas todos eram inocentes. — Se matar os meus copeiros, quem me servirá o vinho e o jantar? — disse, tentando tratar a questão com leveza.

A sacerdotisa não sorriu.

— O Tolarrapada queria alimentar os vossos dragões com eles, segundo se diz. Uma vida por uma vida. Por cada Fera de Bronze abatida, queria que uma criança morresse.

Dany pôs-se a brincar com a comida no prato. Não se atrevia a deitar um relance para onde Grazhar e Qezza se encontravam, com medo de poder chorar. *O Tolarrapada tem um coração mais duro do que o meu.* Tinham discutido por causa dos reféns meia dúzia de vezes.

— Os Filhos da Harpia estão a rir-se nas suas pirâmides — dissera Skahaz ainda naquela manhã. — Para que servem reféns se não lhes cortardes as cabeças? — a seus olhos, ela era apenas uma mulher fraca. *Hazzea foi suficiente. De que serve a paz se tiver de ser comprada com o sangue de crianças?*

— Aqueles assassínios não são obra deles — disse Dany à Graça Verde, numa voz sumida. — Eu não sou nenhuma rainha carniceira.

— E por isso Meereen vos agradece — disse Galazza Galare. — Ouvimos dizer que o rei carniceiro de Astapor está morto.

— Morto pelos seus próprios soldados quando lhes ordenou que marchassem para fora da cidade e atacassem os yunkaitas. — As palavras amargavam-lhe a boca. — Mal tinha arrefecido quando outro tomou o seu lugar, chamando a si próprio Cleon Segundo. Esse durou oito dias antes de lhe abrirem a goela. Depois, o seu assassino reivindicou a coroa. A concubina do primeiro Cleon fez o mesmo. Os astapori chamaram-lhes o Rei Assassino e a Rainha Rameira. Os seus

seguidores estão a travar batalhas nas ruas, enquanto os yunkaitas e os seus mercenários esperam fora das muralhas.

— Estes são tempos penosos. Radiância, posso ousar dar-vos conselhos?

— Sabeis o quanto eu aprecio a vossa sabedoria.

— Então dai-me agora ouvidos, e casai.

— Ah. — Dany já esperava aquilo.

— Muitas vezes vos ouvi dizer que sois apenas uma rapariguinha. Olhando-vos ainda pareceis meio criança, demasiado nova e frágil para enfrentar sozinha tais provações. Precisaís de um rei a vosso lado, para vos ajudar a suportar estes fardos.

Dany aguilhoou um bocado de carneiro, deu-lhe uma dentada, mastigou lentamente.

— Dizei-me, poderá esse rei encher as bochechas de ar e soprar as galés de Xaro de volta para Qarth? Poderá bater palmas e quebrar o cerco a Astapor? Poderá pôr comida nas barrigas dos meus filhos, e devolver a paz às minhas ruas?

— Vós podeis? — perguntou a Graça Verde. — Um rei não é um deus, mas mesmo assim há muito que um homem forte pode fazer. Quando o meu povo olha para vós, vê uma conquistadora do outro lado do mar, vinda para nos assassinar e transformar os nossos filhos em escravos. Um rei poderia alterar isso. Um rei bem nascido de puro sangue ghiscariota podia reconciliar a cidade com o vosso domínio. De outra forma, temo, o vosso reinado terá de terminar como começou, em sangue e fogo.

Dany brincou com a comida no prato.

— E quem querem os deuses de Ghis que eu aceite como meu rei e consorte?

— Hozdahr zo Loraq — disse Galazza Galare com firmeza.

Dany não se incomodou a fingir surpresa.

— Porquê Hizdahr? Skahaz também é de nascimento nobre.

— Skahaz é Kandaq, Hizdahr é Loraq. Vossa Radiância irá perdoar-me, mas só alguém que não seja ghiscariota não irá compreender a diferença. Frequentemente ouvi dizer que o vosso é o sangue de Aegon, o Conquistador, de Jaehaerys, o Sábio e de Daeron, o Dragão. O nobre Hizdahr é do sangue de Mazdhan, o Magnífico, de Hazrak, o Belo, e de Zharaq, o Libertador.

— Os antepassados dele estão tão mortos como os meus. Irá Hizdahr despertar as suas sombras para defender Meereen contra os seus inimigos? Preciso de um homem com chicotes e espadas. Vós ofereceis-me antepassados.

— Nós somos um povo antigo. Os antepassados são importantes para nós. Casai com Hizdahr zo Loraq e fazei um filho com ele, um filho cujo pai seja a harpia, cuja mãe seja o dragão. Nele, as profecias irão cumprir-se e os vossos inimigos derreter-se-ão como neve.

Ele será o garanhão que monta o mundo. Dany sabia como eram as profecias. Eram feitas de palavras, e as palavras eram vento. Não haveria filho para Loraq, nenhum herdeiro para unir o dragão e a harpia. *Quando o Sol se erguer a oeste e se puser a leste, quando os mares secarem e*

as montanhas forem sopradas pelo vento como folhas. Só então voltaria o seu ventre a receber vida...

... mas Daenerys Targaryen tinha outros filhos, dezenas de milhares que a tinham saudado como sua mãe quando lhes quebrara as correntes. Pensou em Escudo Vigoroso, no irmão de Missandei, na mulher, Rylona Rhee, que tocara harpa de forma tão bela. Nenhum casamento alguma vez os traria de volta à vida, mas se um marido podia ajudar a pôr fim ao massacre, então devia aos seus mortos casar.

Se casar com Hizdahr, irá isso fazer com que Skahaz se vire contra mim? Confiava mais em Skahaz do que confiava em Hizdahr, mas o Tolarrapada seria um desastre como rei. Era demasiado rápido a enfurecer-se, demasiado lento a perdoar. Não via qualquer vantagem em casar com um homem tão odiado como ela. Hizdahr era muito respeitado, pelo que conseguia ver.

— Que pensa disto o meu marido em perspetiva? — perguntou à Graça Verde. *Que pensa ele de mim?*

— Vossa Graça só tem de lhe perguntar. O nobre Hizdahr aguarda lá em baixo. Mandai buscá-lo, se for essa a vossa vontade.

Tens demasiado atrevimento, sacerdotisa, pensou a rainha, mas engoliu a ira e obrigou-se a sorrir.

— E porque não? — mandou buscar Sor Barristan e disse ao velho cavaleiro para lhe trazer Hizdahr. — É uma longa ascensão. Dizei aos Imaculados para o ajudarem a subir.

Quando o nobre concluiu a subida, a Graça Verde terminara a refeição.

— Se aprouver a Vossa Magnificência, retirar-me-ei. Vós e o nobre Hizdahr tendes muitas coisas a discutir, sem dúvida. — A velha limpou dos lábios uma mancha de mel, deu nas testas de Qezza e de Grazhar um beijo de despedida, e prendeu o seu véu de seda sobre a cara. — Regressarei ao Templo das Graças, e rezarei para que os deuses mostrem à minha rainha o rumo da sabedoria.

Quando ela se foi embora, Dany permitiu que Qezza voltasse a encher-lhe a taça, mandou as crianças embora e ordenou que Hizdahr zo Loraq fosse deixado entrar. *E se ele se atrever a dizer uma palavra sobre as suas preciosas arenas de combate, pode ser que mande atirá-lo do terraço.*

Hizdahr usava uma simples túnica verde por baixo de um colete acolchoado. Fez uma profunda vénia quando entrou, com a cara séria.

— Não tendes nenhum sorriso para mim? — perguntou-lhe Dany. — Sou assim tão temível?

— Eu fico sempre sério na presença de tal beleza.

Era um bom começo.

— Bebei comigo. — Dany encheu-lhe pessoalmente a taça. — Sabeis porque estais aqui. A Graça Verde parece achar que, se vos tomar como marido, todas as minhas aflições desaparecerão.

— Eu nunca farei afirmação tão ousada. Os homens nascem para se empenhar e para sofrer. As nossas aflições só desaparecem quando morremos. Mas posso ser-vos útil. Tenho ouro, amigos e influência, e o sangue da Velha Ghis corre-me nas veias. Apesar de nunca me ter casado, tenho dois filhos ilegítimos, um rapaz e uma rapariga, portanto posso dar-vos herdeiros. Posso reconciliar a cidade com o vosso domínio e pôr fim a este massacre noturno nas ruas.

— Ah podeis? — Dany estudou-lhe os olhos. — Porque haveriam os Filhos da Harpia de pousar as facas por vós? Sois um deles?

— Não.

— Dir-me-íeis se fôsseis?

Ele riu-se.

— Não.

— O Tollarapada tem maneiras de descobrir a verdade.

— Não duvido de que Skahaz depressa me levaria a confessar. Um dia com ele, e eu seria um dos Filhos da Harpia. Dois dias, e seria a Harpia. Três, e descobrir-se-ia que também matei o vosso pai, lá nos Reinos do Poente, quando era ainda rapaz. Depois ele empala-me numa estaca e vós podeis ver-me morrer... mas depois disso as mortes continuarão. — Hizdahr inclinou-se para mais perto. — Ou então podeis casar comigo e deixar-me tentar pôr-lhes fim.

— Porque *quereríeis* vós ajudar-me? Pela coroa?

— Uma coroa ser-me-ia bastante agradável, -não vou negá-lo. Mas é mais do que isso. Será assim tão estranho que eu queira proteger o meu povo como vós protegeis os vossos libertos? Meereen não pode passar por outra guerra, Radiância.

Aquela era uma boa resposta, e uma resposta honesta.

— Eu nunca desejei a guerra. Derrotei os yunkaitas uma vez, e poupei-lhes a cidade quando podia tê-la saqueado. Recusei-me a juntar-me ao Rei Cleon quando marchou contra eles. Mesmo agora, com Astapor cercada, não intervenho. E Qarth... nunca fiz qualquer mal aos qartenos...

— Intencionalmente não, é verdade, mas Qarth é uma cidade de mercadores, e eles adoram o tinir das moedas de prata, o reluzir do ouro amarelo. Quando esmagastes o comércio de escravos, o golpe foi sentido de Westeros a Asshai. Qarth depende dos seus escravos. O mesmo acontece com Tolos, Nova Ghis, Lys, Tyrosh, Volantis... a lista é longa, minha rainha.

— Eles que venham. Em mim encontrarão um inimigo mais duro do que Cleon. Antes morrer a lutar do que devolver os meus filhos à servidão.

— Pode haver outra opção. Os yunkaitas podem ser convencidos a permitir que os vossos libertos permaneçam livres, creio, se Vossa Reverência concordar que a Cidade Amarela pode treinar e vender escravos sem ser molestada deste dia em diante. Não é necessário que corra mais sangue.

— Exceto o sangue desses escravos que os yunkaitas irão *treinar e vender* — disse Dany, mas apesar disso reconheceu a verdade nas palavras dele. *Pode ser que esse seja o melhor fim que podemos esperar.* — Não dissestes que me amais.

— Direi, se aprouver a Vossa Radiância.

— Essa não é a resposta de um homem apaixonado.

— O que é o amor? Desejo? Nenhum homem com todos os seus órgãos poderá olhar-vos sem vos desejar, Daenerys. Mas não é por isso que eu quero casar convosco. Antes de chegardes, Meereen estava a morrer. Os nossos governantes eram velhos com pichas enrugadas e velhas cujas ratas pregueadas eram secas como poeira. Sentavam-se no topo das suas pirâmides a beber vinho de alperce e a falar das glórias do Velho Império enquanto os séculos passavam por eles e os próprios tijolos da cidade ruíam à sua volta. O costume e a cautela tinham-nos presos com mãos de ferro, até que nos despertastes com fogo e sangue. Um novo tempo chegou, e novas coisas são possíveis. Casai comigo.

Não é difícil olhá-lo, disse Dany a si própria, *e tem uma língua de rei.*

— Beijai-me — ordenou.

Ele voltou a pegar-lhe na mão, e beijou-lhe os dedos.

— Assim não. Beijai-me como se eu fosse vossa esposa.

Hidzahr pegou-lhe nos ombros tão ternamente como se ela fosse uma ave bebê.

Inclinando-se para a frente, encostou os lábios aos seus.

O beijo dele foi ligeiro, seco e rápido. Dany não sentiu qualquer arrebatamento.

— Deverei... voltar a beijar-vos? — perguntou ele quando terminou.

— Não. — No terraço, na lagoa de banhos, os peixinhos mordiscavam-lhe as pernas enquanto se molhava. Até eles beijavam com mais fervor do que Hizdahr zo Loraq. — Eu não vos amo.

Hizdahr encolheu os ombros.

— Isso pode vir, com o tempo. É sabido que por vezes acontece dessa forma.

Conosco não, pensou ela. *Não enquanto Daario estiver tão próximo. É a ele que desejo, não a ti.*

— Um dia quererei regressar a Westeros, para reivindicar os Sete Reinos que foram do meu pai.

— Um dia todos os homens têm de morrer, mas não serve de nada passar a vida a pensar na morte. Prefiro aceitar cada dia conforme vier.

Dany fechou as mãos uma na outra.

— Palavras são vento, mesmo palavras como *amor* e *paz*. Ponho mais confiança nos atos. Nos meus Sete Reinos, os cavaleiros partem em demandas para se mostrarem merecedores da donzela que amam. Procuram espadas mágicas, arcas de ouro, coroas roubadas do tesouro de um dragão.

Hizdahr arqueou uma sobrancelha.

— Os únicos dragões que conheço são vossos, e espadas mágicas são ainda mais escassas. De bom grado vos trarei anéis e coroas e arcas de ouro, se for esse o vosso desejo.

— O meu desejo é a paz. Dizeis que podeis ajudar-me a pôr fim à carnificina noturna nas minhas ruas. Eu digo: *fazei-o*. Ponde fim a esta guerra de sombras, senhor. Éessa a vossa demanda. Dai-me noventa dias e noventa noites sem um assassinio, e eu saberei que sois merecedor de um trono. Podeis fazer isso?

Hizdahr pareceu pensativo.

— Noventa dias e noventa noites sem um cadáver, e no nonagésimo primeiro casamos?

— Talvez — disse Dany, com um olhar recatado. — Embora as rapariguinhas às vezes se mostrem volúveis. Posso ainda vir a querer uma espada mágica.

Hizdahr riu-se.

— Então também a obtereis, Radiância. Os vossos desejos são as minhas ordens. É melhor dizerdes ao vosso senescal para começar a fazer preparativos para o nosso casamento.

— Nada agradaria mais ao nobre Reznak. — Se Meereen soubesse que havia um casamento em perspectiva, podia bastar isso para lhe dar algumas noites de descanso, mesmo se os esforços de Hizdahr não dessem em nada. *O Tollarapada não ficará contente comigo, mas Reznak mo Reznak dançará de alegria*. Dany não sabia qual das duas coisas a preocupava mais. Precisava de Skahaz e das Feras de Bronze, e acabara por desconfiar de todos os conselhos de Reznak. *Cuidado com o senescal perfumado. Terá Reznak feito causa comum com Hizdahr e com a Graça Verde, preparando alguma armadilha para me enredar?*

Assim que Hizdahr zo Loraq se despediu dela, Sor Barristan apareceu atrás de si com o seu longo manto branco. Anos de serviço na Guarda Real tinham ensinado ao cavaleiro branco a permanecer discreto enquanto ela estava a receber, mas nunca estava longe. *Ele sabe*, viu ela de imediato, e *desaprova*. As rugas em volta da boca do cavaleiro tinham-se aprofundado.

— Então — disse-lhe — parece que talvez volte a casar-me. Estais contente por mim, sor?

— Se for essa a vossa ordem, Vossa Graça.

— Hizdahr não é o marido que teríeis escolhido para mim.

— Não me cabe escolher o vosso marido.

— Pois não — concordou — mas é importante para mim que compreendais. O meu povo sangra. Morre. Uma rainha não pertence a si, mas ao reino. Casamento ou carnificina, são estas as minhas opções. Um casamento ou uma guerra.

— Vossa Graça, posso falar com franqueza?

— Sempre.

— Há uma terceira opção.

— Westeros?

Ele anuiu.

— Estou ajuramentado a servir Vossa Graça, e a manter-vos a salvo do mal onde quer que fordes. O meu lugar é a vosso lado, aqui ou em Porto Real... mas o vosso lugar é em Westeros, no Trono de Ferro que foi do vosso pai. Os Sete Reinos nunca aceitarão Hizdahr zo Loraq como rei.

— Tal como Meereen nunca aceitará Daenerys Targaryen como rainha. A Graça Verde tem razão quanto a isso. Preciso de um rei a meu lado, um rei de antigo sangue ghiscariota. De outra forma ver-me-ão sempre como a bárbara bizarra que arremeteu pelos seus portões, empalou os seus familiares em espigões e lhes roubou a riqueza.

— Em Westeros sereis a filha perdida que regressa para alegrar o coração do pai. O vosso povo adamar-vos-á quando passardes a cavalo e todos os homens bons vos amarão.

— Westeros fica longe.

— Demorar-vos aqui não o trará para mais perto. Quanto mais cedo abandonarmos este lugar...

— Eu sei. Sei *mesmo*. — Dany não sabia como levá-lo a compreender. Desejava tanto Westeros como ele, mas primeiro tinha de sarar Meereen. — Noventa dias é muito tempo. Hizdahr pode falhar. E se falhar, a tentativa arranja-me tempo. Tempo para fazer alianças, para fortalecer as minhas defesas, para...

— E se ele não falhar? O que fará Vossa Graça nesse caso?

— O meu dever. — Sentiu a palavra fria na língua. — Vistes o meu irmão Rhaegar casar. Dizei-me, ele casou por amor ou por dever?

O velho cavaleiro hesitou.

— A Princesa Elia era uma boa mulher, Vossa Graça. Era bondosa e inteligente, com um coração gentil e uma esperteza doce. Sei que o príncipe gostava muito dela.

Gostava, pensou Dany. A palavra era bem eloquente. *Posso acabar por gostar de Hizdahr zo Loraq, com o tempo. Talvez.*

Sor Barristan prosseguiu.

— Também vi o vosso pai e a vossa mãe casarem. Perdoai-me, mas não havia aí amizade, e o reino pagou caro por isso, minha rainha.

— Porque casaram eles, se não se amavam um ao outro?

— O vosso avô ordenou-o. Uma bruxa da floresta tinha-lhe dito que o príncipe que estava prometido nasceria das linhagens deles.

— Uma bruxa da floresta? — Dany estava espantada.

— Veio à corte com Jenny de Pedravelhas. Uma coisa atrofiada, com um ar grotesco. Uma anã, segundo a maior parte das pessoas, embora fosse cara à Senhora Jenny, que sempre afirmou que pertencia aos filhos da floresta.

— O que lhe aconteceu?

— Solarestival. — A palavra estava carregada de fatalidade.

Dany suspirou.

— Agora deixai-me. Estou muito fatigada.

— Às vossas ordens. — Sor Barristan fez uma vénia e virou-se para se ir embora. Mas à porta parou. — Perdoai-me. Vossa Graça tem um visitante. Devo dizer-lhe para regressar amanhã?

— Quem é?

— Naharis. Os Corvos Tormentosos regressaram à cidade.

Daario. O coração esvoaçou-lhe no peito.

— Há quanto tempo... quando foi que ele...? — não parecia ser capaz de fazer sair as palavras.

Sor Barristan pareceu compreender.

— Vossa Graça estava com a sacerdotisa quando ele chegou. Eu sabia que não quereríeis ser incomodada. As novidades do capitão podem esperar até amanhã.

— Não. — *Corno posso ter esperança de dormir.; sabendo que o meu capitão está tão perto?* — mandai-o subir imediatamente. E... já não vou precisar de vós esta noite. Ficarei em segurança com Daario. Oh, e chamai Irri e Jhiqui, se fizerdes favor. E Missandei. — *Preciso de mudar de roupa, de me pôr bela.*

Disse isso mesmo às aias quando elas chegaram.

— O que quer Vossa Graça vestir? — perguntou Missandei.

Luz das estrelas e espuma do mar, pensou Dany, *um vestígio de seda que me deixe o seio esquerdo nu para deleite de Daario. Oh, e flores para o cabelo.* Logo depois de se terem conhecido, o capitão trouxera-lhe flores todos os dias ao longo de toda a viagem entre Yunkai e Meereen.

— Traz o vestido de linho cinzento com as pérolas no corpete. Oh, e a minha pele de leão branco. — Sentia-se sempre mais segura enrolada na pele de leão de Drogo.

Daenerys recebeu o capitão no terraço, sentada num banco de pedra esculpida por baixo de uma pereira. Uma meia-lua flutuava no céu por cima da cidade, acompanhada por um milhar de estrelas. Daario Naharis entrou a pavonear-se. *Ele pavoneia-se mesmo quando está parado.* O capitão usava calças largas e listadas, enfiadas em botas de cano alto de couro púrpura, uma camisa de seda branca, um colete de argolas douradas. A barba cortada em tridente era púrpura, os extravagantes bigodes dourados, os longos caracóis pintados em partes iguais de ambas as cores. Numa anca usava um estilete, na outra um *arakh* dothraki.

— Brilhante rainha — disse — tornaste-vos mais bela na minha ausência. Como é tal coisa possível?

A rainha estava habituada àqueles louvores, mas de alguma forma o elogio tinha mais significado vindo de Daario do que de gente como Reznak, Xaro ou Hizdahr.

— Capitão. Disseram-nos que nos prestaste bons serviços em Lhazar. — *Tive tantas saudades tuas.*

— O vosso capitão vive para servir a sua cruel rainha.

— Cruel?

O luar cintilou nos olhos dele.

— Correu em frente de todos os seus homens para ver o seu rosto mais depressa, só para ser deixado à espera enquanto ela comia carneiro e figos com uma velha seca qualquer.

Eles não me disseram que estavas cá, pensou Dany, caso contrário eu podia ter feito figura de tola mandando-te buscar imediatamente.

— Estava a jantar com a Graça Verde. — Parecia ser melhor não mencionar Hizdahr. — Tinha uma necessidade urgente dos seus sábios conselhos.

— Eu só tenho uma necessidade urgente: Daenerys.

— Queres que mande vir comida? Deves estar com fome.

— Já não como há dois dias, mas agora que estou aqui basta-me banquetear-me com a vossa beleza.

— A minha beleza não te vai encher a barriga. — Colheu uma pera e atirou-lha. — Come isto.

— Se a minha rainha o ordena. — Deu uma dentada na pera, com o dente de ouro a reluzir. Sumo escorreu-lhe pela barba púrpura.

A rapariga em si queria tanto beijá-lo que doía. *Os beijos dele devem ser duros e cruéis*, disse a si própria, *e ele não se vai importar se eu gritar ou lhe ordenar que pare*. Mas a rainha em si sabia que isso seria uma loucura.

— Fala-me da tua viagem.

Ele encolheu os ombros com indiferença.

— Os yunkaitas enviaram uns mercenários para fechar o Passo de Khyzai. Chamam a si próprios Longas Lanças. Caímos sobre eles durante a noite e mandámos alguns para o inferno. Em Lhazar matei dois dos meus próprios sargentos por conspirarem para roubar as pedras preciosas e a bandeja de ouro que a minha rainha me confiara como presente para os Homens Ovelha. Fora isso, tudo se passou como eu tinha prometido.

— Quantos homens perdeste em combate?

— Nove — disse Daario — mas uma dúzia das Longas Lanças decidiram que preferiam ser Corvos Tormentosos a cadáveres, portanto tivemos um lucro de três. Disse-lhes que viveriam mais tempo combatendo com os vossos dragões do que contra eles, e viram a sabedoria nas minhas palavras.

Aquilo deixou-a desconfiada.

— Podem estar a espiar para Yunkai.

— São estúpidos demais para serem espiões. Não os conheceis.

— E tu também não. Confias neles?

— Confio em todos os meus homens. Só até ao alcance do meu cuspo. — Cuspiu uma semente, e sorriu das suspeitas dela. — Quereis que vos traga as cabeças deles? Trarei, se mo ordenardes. Um é careca, dois têm tranças e um pinta a barba de quatro cores diferentes. Que es-

pião usaria uma barba assim?, pergunto-vos. O fundibulário consegue acertar com uma pedra no olho de um mosquito a quarenta passos, e o feio tem jeito para os cavalos, mas se a minha rainha disser que eles têm de morrer...

— Não disse isso. Eu só... assegura-te de que os manténs debaixo de olho, é só isso. — Sentiu-se pateta a dizer aquilo. Sentia-se sempre um pouco pateta quando estava com Daario. *Desajeitada, ameninada e de raciocínio lento. O que pensará ele de mim?* Mudou de assunto. — Os Homens Ovelha vão mandar-nos comida?

— Cereais descerão o Skahazadhan em barcaças, minha rainha, e outros bens em caravanas através do Khyzai.

— O Skahazadhan não. O rio está fechado para nós. Os mares também. Deves ter visto os navios na baía. Os qartenos afugentaram um terço da nossa frota de pesca e capturaram outro terço. Os outros estão demasiado assustados para saírem do porto. O pouco comércio que ainda tínhamos foi impedido.

Daario deitou fora o caroço da pera.

— Os qartenos têm leite nas veias. Deixai-os ver os vossos dragões, e fugirão.

Dany não queria falar dos dragões. Continuavam a vir agricultores à sua corte com ossos queimados, queixando-se de ovelhas em falta, apesar de Drogon não ter regressado à cidade. Alguns relatavam tê-lo visto a norte do rio, sobre a erva do mar dothraki. No fosso, Viserion partira uma das correntes que o prendiam; ele e Rhaegal tornavam-se mais selvagens a cada dia que passava. Os Imaculados tinham-lhe dito que uma vez as portas de ferro tinham brilhado, vermelhas de tão quentes, e ninguém se atrevera a tocar-lhes durante um dia.

— Astapor também está sob cerco.

— Isso já sabia. Uma das Longas Lanças viveu o suficiente para nos dizer que os homens andavam a comer-se uns aos outros na Cidade Vermelha. Disse que a vez de Meereen chegaria em breve, por isso cortei-lhe a língua e dei-a a comer a um cão amarelo. Nenhum cão come a língua de um mentiroso. Quando o cão amarelo comeu a dele, soube que tinha dito a verdade.

— Também tenho guerra dentro da cidade. — Falou-lhe dos Filhos da Harpia e das Feras de Bronze, de sangue nos tijolos. — Tenho inimigos a toda a minha volta, dentro da cidade e fora dela.

— Atacai — disse ele de imediato. — Um homem rodeado de inimigos não se pode defender. Se tentar, o machado cai-lhe sobre as costas enquanto está a parar a espada. Não. Quando se é confrontado com tantos inimigos, há que escolher o mais fraco, matá-lo, atropelá-lo e fugir.

— Para onde devo eu fugir?

— Para dentro da minha cama. Para dentro dos meus braços. Para dentro do meu coração. — Os cabos do *arakh* e do estilete de Daario tinham sido esculpidos com a forma de mulheres douradas, nuas e libertinas. Roçou nelas os polegares de uma maneira que era notavelmente obscena, e fez um sorriso perverso.

Dany sentiu sangue a subir-lhe à cara. Era quase como se ele a estivesse a acariciar.
Julgar-me-ia também libertina se o puxasse para a cama? Ele fazia-a desejar ser a sua libertina.
Nunca devia encontrar-me com ele sozinha. É demasiado perigoso tê-lo junto a mim.

— A Graça Verde diz que tenho de arranjar um rei ghiscariota — disse, corada. — Insiste que me case com o nobre Hizdahr zo Loraq.

— Esse? — Daario soltou uma gargalhada. — E porque não o Verme Cinzento, se desejares um eunuco na vossa cama? *Desejais um rei?*

Desejo-te a ti.

— Desejo a paz. Dei a Hizdahr noventa dias para pôr fim aos assassinios. Se o fizer, tomo-o como marido.

— Tomai-me a mim como marido. Eu fá-lo-ei em nove dias.

Sabes que não posso fazer isso, quase disse ela.

— Estais a combater sombras quando devíeis estar a combater os homens que as lançam — prosseguiu Daario. — O que eu digo é: matai-os a todos e ficai com os seus tesouros. Sussurrai a ordem, e o vosso Daario fará com as cabeças deles uma pilha mais alta do que esta pirâmide.

— Se eu soubesse quem eles são...

— Zhak, Pahl e Merreq. Eles e todos os outros. Os Grandes Mestres. Quem mais poderiam ser?

Ele é tão ousado como sedento de sangue.

— Não temos provas de que isto é obra deles. Queres que eu massacre os meus próprios súditos?

— Os vossos súbditos de bom grado vos massacrariam a vós.

O homem passara tanto tempo longe que Dany quase esquecera o que ele era. Lembrou a si própria que mercenários eram traiçoeiros por natureza. *Inconstante, infiel brutal. Ele nunca será mais do que é. Nunca será matéria-prima para um rei.*

— As pirâmides são fortes — explicou-lhe. — Só podíamos tomá-las a grande custo. No momento em que atacarmos uma, as outras revoltar-se-ão contra nós.

— Então tirai-os das pirâmides sob algum pretexto. Um casamento pode servir. Porque não? Prometei a vossa mão a Hizdahr e todos os Grandes Mestres virão ver-vos casar. Quando se reunirem no Templo das Graças, deixai-nos à solta entre eles.

Dany ficou horrorizada. *Ele é um monstro. Um monstro galante, mas um monstro na mesma.*

— Tomas-me pelo Rei Carniceiro?

— Antes ser o carnicheiro do que a carne. Todos os seis são carnicheiros. As rainhas serão assim tão diferentes?

— Esta rainha é.

Daario encolheu os ombros.

— A maioria das rainhas não tem utilidade nenhuma além de aquecer a cama de um rei qualquer e pôr cá fora filhos para ele. Se for esse o tipo de rainha que quereis ser, é melhor que vos caseis com Hizdahr.

A ira de Dany relampejou.

— Esqueceste-te de quem eu sou?

— Não. Vós esqueceste-vos?

Viserys teria mandado cortar-lhe a cabeça por esta insolência.

— Sou do sangue do dragão. Não vos arrogueis a dar-me lições. — Quando Dany se pôs em pé, a pele de leão deslizou-lhe de cima dos ombros e caiu no chão. — Deixai-me.

Daario fez-lhe uma larga vénia.

— Vivo para obedecer.

Depois de ele se ir embora, Dany chamou Sor Barristan de volta.

— Quero os Corvos Tormentosos outra vez em campo.

— Vossa Graça? Eles acabaram de regressar...

— Quero-os longe. Eles que patrulhem os territórios yunkaitas e deem proteção a quaisquer caravanas que atravessem o Passo de Khyzai. De hoje em diante, Daario far-vos-á os seus relatórios a vós. Concedei-lhe todas as honrarias que lhe sejam devidas e assegurai-vos de que os seus homens são bem pagos, mas por nenhum motivo o deixeis vir à minha presença.

— Será como dizeis, Vossa Graça.

Naquela noite não conseguiu dormir; passou-a desassossegadamente às voltas na cama. Até chegou ao ponto de chamar Irri, na esperança de que as suas carícias pudessem facilitar-lhe o caminho até ao descanso, mas passado pouco tempo afastou a rapariga dothraki. Irri era doce, suave e solícita, mas não era Daario.

Que fiz eu? pensou, aninhada na cama vazia. *Esperei tanto tempo pelo regresso dele, e mandei-o embora.*

— Ele transformar-me-ia num monstro — sussurrou — numa rainha carniceira. — Mas depois pensou no distante Drogon e nos dragões que estavam no fosso. *Também há sangue nas minhas mãos e no meu coração. Não somos assim tão diferentes, eu e Daario. Somos ambos monstros.*

O SENHOR PERDIDO

Não devia demorar tanto tempo, disse Griffa si próprio enquanto percorria o convés da *Tímida Donzela*. Teriam perdido Haldon como haviam perdido Tyrion Lannister? Poderiam os volantenos tê-lo capturado? *Eu devia ter mandado o Campopato com ele*. Haldon, sozinho, não era digno de confiança; demonstrara-o em Selhorys quando deixara o anão fugir.

A *Tímida Donzela* estava amarrada numa das secções mais miseráveis da longa e caótica zona ribeirinha, entre um barco de varejo adernado que não abandonava o cais há anos e a barcaça dos saltimbancos pintada de cores vivas. Os saltimbancos eram um grupo ruidoso e animado, sempre a citar discursos uns aos outros e mais frequentemente bêbados do que sóbrios.

O dia estava quente e peganhento, como todos os dias tinham estado desde que haviam deixado as Mágoas para trás. Um feroz sol meridional massacrava a repleta zona ribeirinha de Volon Therys, mas o calor era a última e a menor das preocupações de Griff. A Companhia Dourada estava acampada três milhas a sul da cidade, bem a norte de onde os esperara, e o Triarca Malaquo viera para norte com cinco mil soldados a pé e mil a cavalo para lhes impedir o avanço até à estrada do delta. Daenerys Targaryen continuava a um mundo de distância, e Tyrion Lannister... bem, podia estar praticamente em qualquer sítio. Se os deuses fossem bons, a cabeça cortada do Lannister estaria por aquela altura a meio da viagem de regresso a Porto Real, mas era mais provável que o anão estivesse são e inteiro e algures ali perto, bêbado que nem um cacho e a congeminar alguma nova infâmia.

— Onde, com os sete infernos, está Haldon? — queixou-se Griff à Senhora Lefore. — Quanto tempo demorará comprar três cavalos?

Ela encolheu os ombros.

— Senhor, não seria mais seguro deixar o rapaz aqui a bordo do barco?

— Mais seguro, sim. Mais sensato, não. Ele já é um homem feito, e esta é a estrada que nasceu para percorrer. — Griff não tinha paciência para aquelas ninharias. Estava farto de se esconder, farto de esperar, farto de cautelas. *Não tenho tempo suficiente para cautelas*.

— Esforçámo-nos o mais possível para manter o Príncipe Aegon escondido durante todos estes anos — fez-lhe lembrar Lefore. — Chegará o momento de ele lavar o cabelo e declarar-se, bem sei, mas esse momento não é agora. Não a um acampamento de mercenários.

— Se Harry Strickland lhe quiser fazer mal, escondê-lo na *Tímida Donzela* não o protegerá. O Strickland tem dez mil espadas às suas ordens. Nós temos o Pato. Aegon é tudo o que podia desejar-se num príncipe. Eles têm de ver isso, o Strickland e os outros. Aqueles são os seus homens.

— Os seus, porque foram comprados e pagos. Dez mil estranhos armados, mais sequazes e seguidoras de acampamentos. Basta um para nos levar a todos à ruína. Se a cabeça de Hugor valia honras de lorde, quanto pagará Cersei Lannister pelo legítimo herdeiro do Trono de Ferro? Não conheceis aqueles homens, senhor. Passaram-se doze anos desde a última vez que acompanhastes a Companhia Dourada, e o vosso velho amigo está morto.

O *Coração Negro*. Myles Toyne estivera tão cheio de vida da última vez que Griff se despedira dele que era difícil aceitar que se fora. *Um crânio dourado no topo de um po\$tey e o Harry Sem-Abrigo Strickland no seu lugar*. Não faltava razão a Lefore, bem o sabia. Independentemente de quem tivessem sido os seus pais e avôs em Westeros antes do exílio, os homens da Companhia Dourada eram agora mercenários, e não se podia confiar em nenhum mercenário. Mas mesmo assim...

Na noite anterior tinha voltado a sonhar com o Septo de Pedra. Sozinho, de espada na mão, correria de casa em casa, derrubando portas, correndo por escadas acima, saltando de telhado em telhado, enquanto os ouvidos ressoavam com o som de sinos distantes. Profundas ressonâncias de bronze e harmonias de prata estrondeavam no seu crânio, uma cacofonia enlouquecedora de ruído que se ia tornando cada vez mais forte até lhe parecer que a cabeça ia explodir.

Dezassete anos tinham chegado e partido desde a Batalha dos Sinos, mas o som de sinos a repicar ainda lhe dava um nó nas tripas. Outros podiam afirmar que o reino ficara perdido quando o Príncipe Rhaegar caíra perante o martelo de guerra de Robert no Tridente, mas a Batalha do Tridente nunca teria sido travada se o grifo tivesse conseguido matar o veado ali em Septo de Pedra. *Os sinos repicaram por todos nós naquele dia. Por Aerys e pela sua rainha, por Elia de Dome e a*

sua filhinha, por todos os homens leais e mulheres honestas nos Sete Reinos. E pelo meu príncipe prateado.

— O plano era só revelar o Príncipe Aegon quando alcançássemos a Rainha Daenerys — estava Lefore a dizer.

— Isso foi quando acreditávamos que a rapariga vinha para oeste. A nossa rainha do dragão fez esse plano em cinzas, e graças àquele palerma gordo em Pentos agarrámos a dragoa pela cauda e queimámos os dedos até ao osso.

— Não se podia esperar que Illyrio soubesse que a rapariga decidiria ficar na Baía dos Escravos.

— Tal como ele não sabia que o Rei Pedinte morreria novo, ou que Khal Drogo o seguiria para a sepultura. Muito pouco do que o gordo previu acabou por acontecer. — Griff bateu no cabo da sua espada com uma mão enluvada. — Levei anos a dançar ao som das flautas do gordo, Lefore. O que lucrámos com isso? O príncipe é um homem feito. O tempo dele está...

— Griff— gritou Yandry ruidosamente, por cima do clamor do sino dos saltimbancos. — É Haldon.

E era mesmo. O Semimeistre parecia cheio de calor e desarranjado enquanto abria caminho ao longo da zona ribeirinha até ao início do pontão. Suor deixara círculos escuros debaixo dos braços da sua túnica de linho claro, e ele mostrava na longa cara a mesma expressão amarga que tivera em Selhorys, quando regressara à *Tímida Donzela* para confessar que o anão desaparecera. Mas trazia três cavalos pela arreata, e só isso importava.

— Traz o rapaz — disse Griffa Lefore. — Certifica-te de que está pronto.

— Às ordens — respondeu ela, pouco contente.

Assim seja. Ganhara amizade por Lefore, mas isso não queria dizer que precisasse da sua aprovação. A tarefa dela fora instruir o príncipe nas doutrinas da Fé, e isso fizera. Contudo, nenhuma quantidade de orações o poria no Trono de Ferro. Essa era a tarefa de Griff. Falhara uma vez ao Príncipe Rhaegar. Não falharia ao seu filho, pelo menos enquanto restasse vida no seu corpo.

Os cavalos de Haldon não lhe agradaram.

— Esses foram os melhores que encontraste? — protestou com o Semimeistre.

— Foram — disse Haldon, em tom de irritação — e é melhor que não perguntes o que nos custaram. Com dothraki do outro lado do rio, metade da população de Volon Therys decidiu que preferia estar noutra sítio, de modo que carne de cavalo se torna mais cara todos os dias.

Devia ter ido eu. Depois de Selhorys, achava difícil depositar em Haldon a mesma confiança que anteriormente. Ele deixou que o anão o intrujasse com aquela língua prolixa que tem. Deixou-o entrar num bordel sozinho enquanto ele esperava na praça como um cretino. O encarregado do bordel insistira que o homenzinho fora levado na ponta de uma espada, mas Griff ainda não estava bem certo de acreditar nisso. O Duende era suficientemente inteligente para ter planeado a sua própria fuga. Aquele captor bêbado de que as rameiras falavam podia ter sido um capanga qualquer a seu soldo. Eu partilho as culpas. Depois de o anão se ter interposto entre Aegon e o homem de pedra baixei a guarda. Devia ter-lhe cortado a goela da primeira vez que lhe pus a vista em cima.

— Servirão suficientemente bem, suponho — disse a Haldon. — O acampamento está só a três milhas para sul. — *A Tímida Donzela* teria lá chegado mais depressa, mas preferia deixar Harry Strickland na ignorância sobre onde ele e o príncipe tinham estado. E também não lhe agradava a perspectiva de chapinhar pelos baixios para subir uma margem lamacenta. Esse tipo de entrada podia servir para um mercenário e o seu filho, mas não para um grande senhor e o seu príncipe.

Quando o rapaz saiu da cabina com Lefore a seu lado, Griff examinou-o cuidadosamente, da cabeça aos pés. O príncipe usava espada e punhal, botas pretas polidas até reluzir, um manto preto forrado de seda vermelha de sangue. Com o cabelo lavado e cortado e pintado de fresco com um azul profundo e escuro, os seus olhos também pareciam azuis. À garganta usava três enormes rubis de corte quadrado num fio de ferro preto, um presente do magíster Illyrio. Vermelho e negro. Cores dos dragões. Aquilo era bom.

— Pareces um príncipe como deve ser — disse ao rapaz. — O teu pai ficaria orgulhoso se te pudesse ver.

O Jovem Griff passou com os dedos pelo cabelo.

— Estou farto desta tinta azul. Devíamos tê-la lavado.

— Em breve. — Griff também ficaria contente por regressar às suas cores verdadeiras, embora o seu cabelo, outrora ruivo, se tivesse tornado grisalho. Deu uma palmada no ombro do rapaz. — Vamos? O teu exército espera a tua chegada.

— Gosto de como isso soa. O meu exército. — Um sorriso relampejou-lhe na cara, depois desapareceu. — Mas será que espera? Eles são mercenários. Yollo avisou-me para não confiar em ninguém.

— Há nisso sabedoria — admitiu Griff. Podia ter sido diferente se o Coração Negro ainda comandasse, mas Myles Toyne estava morto há quatro anos, e o Harry Sem Abrigo Strickland era de um tipo diferente de homem. Contudo, não queria dizer isso ao rapaz. Aquele anão já plantara dúvidas suficientes na sua jovem cabeça. — Nem todos os homens são o que parecem, e um príncipe, em especial, tem bons motivos para ser cauteloso. .. mas se seguires até demasiado longe por essa estrada, a desconfiança pode envenenar-te, tornar-te amargo e temeroso. — *O Rei Aerys era assim. No fim, até Rhaegar o viu com bastante clareza.* — Farias melhor em percorrer um caminho intermédio. Deixa que os homens conquistem a tua confiança com serviços leais... mas quando o fizerem, sê generoso e sincero.

O rapaz acenou com a cabeça.

— Lembrar-me-ei.

Entregaram ao príncipe o melhor dos três cavalos, um grande castrado cinzento tão claro que era quase branco. Griff e Haldon seguiram a seu lado em montadas piores. A estrada dirigia-se a sul sob as altas muralhas brancas de Volon Therys ao longo de uma boa meia milha. Depois deixaram a vila para trás, seguindo o curso sinuoso do Roine através de bosques de salgueiros e campos de papoilas, passando por um grande moinho de madeira cujas velas rangiam como velhos ossos enquanto giravam.

Encontraram a Companhia Dourada junto ao rio quando o Sol já baixava a poente. Era um acampamento que até Arthur Dayne teria aprovado; compacto, ordenado, defensável. Uma profunda vala tinha sido cavada à sua volta, com estacas aguçadas lá dentro. As tendas erguiam-se em fileiras com largas avenidas entre elas. As latrinas tinham sido colocadas junto ao rio, para que a corrente levasse os dejetos. As linhas de cavalos ficavam a norte, e atrás delas duas dúzias de elefantes pastavam junto à água, arrancando caniços com as trombas. Griff passou os olhos pelos grandes animais com aprovação. *Não há um cavalo de batalha em todo o Westeros que se aguento contra eles.*

Altos estandartes de batalha de pano de ouro esvoaçavam no topo de majestosos mastros ao longo dos perímetros do acampamento. Por baixo, sentinelas armadas e couraçadas faziam as suas rondas com lanças e bestas, a observar todas as abordagens. Griff temera que a companhia pudesse ter-se tornado negligente sob o comando de Harry Strickland, que sempre parecera mais preocupado em fazer amigos do que em impor a disciplina, mas parecia que a sua preocupação fora mal dirigida.

Ao portão, Haldon disse qualquer coisa ao sargento dos guardas, e foi enviado um estafeta à procura de um capitão. Quando apareceu, era precisamente tão feio como da última vez que Griff pusera nele os olhos. Um matulão de grande barriga e desajeitado, o mercenário tinha uma cara marcada, entrecruzada por velhas cicatrizes. A orelha direita tinha o aspeto de ter sido roída por um cão e a esquerda não estava lá.

— Fizeram de *ti* um capitão, Flowers? — disse Griff. — Julgava que a Companhia Dourada tinha critérios.

— É pior que isso, meu mariconço — disse Franklyn Flowers. — Também me armaram cavaleiro. — Agarrou em Griff pelo antebraço, puxou-o para um abraço de esmagar ossos. — Tens um ar horrível, mesmo para um homem que está morto há uma dúzia de anos. Com que então cabelo azul? Quando o Harry disse que tinhas aparecido quase me caguei todo. E Haldon, meu coninhas gelado, também é bom ver-te a ti. Ainda tens esse pau enfiado pelo cu acima? — virou-se para o Jovem Griff. — E este há de ser...

— O meu escudeiro. Rapaz, este é Franklyn Flowers.

O príncipe cumprimentou-o com um aceno.

— Flowers é um nome de bastardo. Sois da Campina.

— Pois. A minha mãe era lavadeira em Solar de Cidra até que um dos filhos do senhor a violou. Transforma-me assim numa espécie de Fossoway da maçã castanha, segundo eu vejo as coisas. — Flowers indicou-lhes com um gesto para atravessarem o portão. — Vinde comigo. O Strickland chamou todos os oficiais à sua tenda. Conselho de guerra. Os sacanas dos volantenos estão a chocalhar as lanças e a exigir saber quais são as nossas intenções.

Os homens da Companhia Dourada estavam à porta das suas tendas, a jogar aos dados, a beber e a enxotar moscas. Griff perguntou a si próprio quantos deles saberiam quem ele era. *Bem poucos. Doze anos é muito tempo.* Até os homens que o tinham acompanhado poderiam não reconhecer o senhor exilado Jon Connington da fogosa barba ruiva na cara enrugada e escanhoada e no cabelo pintado de azul do mercenário Griff. No que tocava à maior parte deles, Connington matara-se a beber em Lys depois de ter sido afastado da companhia em desgraça por ter roubado da arca de guerra. A vergonha da mentira ainda lhe roía as tripas, mas Varys insistira que era necessária.

— Não queremos canções sobre o galante exilado — dissera o eunuco com um risinho sufocado, naquela sua voz afetada. — Aqueles que morrem mortes heróicas são lembrados por muito tempo, ladrões, bêbados e covardes são esquecidos depressa.

Que sabe um eunuco sobre a honra de um homem? Griff aceitara o plano do eunuco a bem do rapaz, mas isso não queria dizer que gostasse dele. Permite-me que viva o suficiente para ver o rapaz sentado no Trono de Ferro, e Varys pagará por aquela desfeita, e por tantas outras coisas. Depois veremos quem é depressa esquecido.

A tenda do capitão-general era feita de pano de ouro e estava rodeada por um anel de piques rematados por crânios dourados. Um dos crânios era maior do que os outros, grotescamente malformado. Por baixo estava um segundo, que não era maior do que um punho de criança. Maelys, o Monstruoso, e o seu irmão sem nome. Os outros crânios tinham uma mesmice, apesar de vários terem sido rachados e estilhaçados pelos golpes que os tinham matado e de um ostentar dentes aguçados, pontiagudos.

— Qual deles é o Myles? — deu Griff por si a perguntar.

— Ali. Na ponta. — Flowers apontou. — Espera. Eu vou anunciar-te. — Enfiou-se dentro da tenda, deixando Griffa contemplar o crânio dourado do seu velho amigo. Em vida, Sor Myles Toyne tinha sido feio como o pecado. O seu famoso antepassado, o escuro e fogofo Terrence Toyne, sobre o qual os cantores cantavam, tivera uma cara tão bela que nem a amante do rei conseguira resistir-lhe, mas Myles fora possuído por orelhas de cântaro, um queixo torto, e o maior nariz que Jon Connington vira na vida. *Quando nos sorria, porém, nada disso importava.* Os seus homens tinham-lhe chamado "Coração Negro", devido ao símbolo no seu escudo. Myles adorara o nome e tudo aquilo que ele sugeria.

— Um capitão-general deve ser temido, tanto pelos amigos como pelos inimigos — confessara uma vez. — Se os homens me julgarem cruel, tanto melhor. — A verdade era outra.

Soldado até ao osso, Toyne era feroz mas sempre justo, um pai para os seus homens, e sempre generoso para com o senhor exilado Jon Connington.

A morte roubara-lhe as orelhas, o nariz e todo o calor. O sorriso permanecia, transformado num reluzente esgar de ouro. Todos os crânios sorriam, até o de Açamargo no alto pique central. *Que tem ele que o faça sorrir? Morreu derrotado e sozinho, um homem quebrado numa terra estranha.* Sor Aegor Rivers era famoso por ter ordenado aos seus homens, no leito de morte, para lhe limparem o crânio de carne, fervendo-o, para o mergulharem em ouro e para o levarem à sua frente quando atravessassem o mar para reconquistar Westeros. Os seus sucessores tinham-lhe seguido o exemplo.

Jon Connington podia ter sido um desses sucessores, se o seu exílio tivesse corrido de outra forma. Passara cinco anos com a companhia, subindo nas fileiras até um lugar de honra à direita de Toyne. Se tivesse ficado poderia perfeitamente ter sido para ele e não para Harry Strickland que os homens se teriam virado depois de Myles morrer. Mas Griff não se arrependia do caminho que escolhera. *Quando eu regressara Westeros não será como crânio no topo de um poste.*

Flowers saiu da tenda.

— Entra lá.

Os oficiais superiores da Companhia Dourada levantaram-se de bancos e cadeiras de acampar quando eles entraram. Velhos amigos cumprimentaram Griff com sorrisos e abraços, os novos homens com mais formalidade. *Nem todos estão tão contentes por nos ver como gostariam de me levar a crer.* Detetou facas por trás de alguns dos sorrisos. Até muito recentemente, a maioria julgara que o Lorde Jon Connington estava em segurança na sua tumba, e não havia dúvida de que muitos sentiam que esse era um belo sítio para ele, um homem que podia roubar aos seus irmãos de armas. Griff poderia ter sentido o mesmo se estivesse no lugar deles.

Sor Franklyn fez as apresentações. Alguns dos capitães mercenários ostentavam nomes bastardos, tal como Flowers; Rivers, Hill, Stone. Outros reivindicavam nomes que se tinham em tempos agigantado nas histórias dos Sete Reinos; Griff contou dois Strongs, três Peakes, um Mudd, um Mandrake, um Lothston, um par de Coles. Sabia que nem todos eram genuínos. Nas companhias livres um homem podia chamar a si próprio tudo o que quisesse. Quaisquer que fossem os nomes, os mercenários mostravam um rude esplendor. Tal como muitos no seu ofício, mantinham as riquezas materiais sobre as suas pessoas; espadas cravejadas de jóias, armaduras com embutidos, pesados torques e sedas finas estavam em grande evidência, e cada homem ali presente usava um resgate de lorde em braçadeiras de ouro. Cada braçadeira significava um ano de serviço com a Companhia Dourada. Marq Mandrake, cuja cara marcada pelas bexigas tinha um buraco numa bochecha onde uma marca de escravo fora queimada, usava também uma corrente de crânios de ouro.

Nem todos os capitães tinham sangue de Westeros. O Balaq Preto, um ilhéu do verão de cabelo branco com uma pele negra como fuligem, comandava os arqueiros da companhia, como nos dias do Coração Negro. Usava um manto de penas, verde e cor de laranja, magnífico de contemplar. O volantino cadavérico, Gorys Edoryen, substituíra Strickland como tesoureiro. Uma pele de leopardo envolvia-lhe um ombro, e cabelos tão vermelhos como sangue caíam-lhe até aos ombros em caracóis oleados, embora a barba pontiaguda fosse preta. O chefe de espionagem era novo para Griff; um liseno chamado Lysono Maar, com olhos lilases, cabelo louro esbranquiçado e lábios que teriam sido a inveja de uma rameira. À primeira vista, Griff quase o confundira com uma mulher. Tinha as unhas pintadas de púrpura, e dos lóbulos das orelhas pingavam pérolas e ametistas.

Fantasmas e mentirosos, pensou Griff, enquanto examinava as caras deles. Restos de guerras esquecidas e causas perdidas, rebeliões falhadas e uma irmandade dos falhados e dos caídos, dos desgraçados e dos deserdados. É este o meu exército. É esta a nossa melhor esperança

Virou-se para Harry Strickland.

O Harry Sem Abrigo pouco se parecia com um guerreiro. Robusto, com uma grande cabeça redonda, brandos olhos cinzentos e um cabelo a rarefazer-se que ele penteava para o lado a fim de esconder um ponto calvo, Strickland estava sentado numa cadeira de acampar a ensopar os pés numa bacia de água salgada.

— Perdoar-me-ás se não me levanto — disse, em jeito de saudação. — A nossa marcha foi cansativa, e os meus pés são propensos a ganhar bolhas. É uma maldição.

Ê um sinal de fraqueza. Soas como uma velha. Os Strickland faziam parte da Companhia Dourada desde a sua fundação, depois do bisavô de Harry ter perdido as terras quando se erguera em armas com o Dragão Negro durante a primeira Rebelião Blackfyre.

— Dourado há quatro gerações — gabava-se Harry, como se quatro gerações de exílio e derrota fossem algo de que se orgulhar.

— Posso fazer-te um unguento para isso — disse Haldon — e há certos sais minerais que te endurecerão a pele.

— É bondade da tua parte. — Strickland chamou o escudeiro com um gesto. — Watkyn, vinho para os nossos amigos.

— Obrigado, mas não — disse Griff. — Nós beberemos água.

— Como preferires. — O capitão-general ergueu um sorriso para o príncipe. — E este deve ser o teu filho.

Será que ele sabe?, perguntou Griff a si próprio. *Quanto lhe disse o Myles?* Varys fora bem claro quanto à necessidade de segredo. Os planos que ele e Illyrio tinham feito com o Coração Negro tinham sido conhecidos apenas deles. O resto da companhia fora deixada na ignorância. O que não sabiam não podiam deixar escapar.

Esse tempo terminara, porém.

— Nenhum homem poderia pedir um filho mais meritório — disse Griff — mas o rapaz não é do meu sangue e o seu nome não é Griff. Senhores, apresento-vos Aegon Targaryen, filho primogênito de Rhaegar, Príncipe de Pedra do Dragão, e da Princesa Elia de Dorne... em breve, com a vossa ajuda, Aegon, o Sexto do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens e Senhor dos Sete Reinos.

Silêncio recebeu o seu anúncio. Alguém pigarreou. Um dos Cole voltou a encher a taça com vinho tirado do jarro. Gorys Edoryen brincou com um dos seus caracóis espiralados, e murmurou qualquer coisa numa língua que Griff não conhecia. Laswell Peake tossiu, Mandrake e Lothston trocaram um olhar. *Eles sabem*, compreendeu então Griff. *Sempre souberam*. Virou-se para Harry Strickland.

— Quando foi que lhes disseste?

O capitão-general torceu os dedos dos pés cheios de bolhas dentro de água.

— Quando chegámos ao rio. A companhia estava desassossegada, e com bons motivos. Tínhamo-nos afastado de uma campanha fácil nas Terras Disputadas, e em troca de quê? Para podermos abafar neste calor horrível e ver as nossas moedas derreter e as nossas lâminas enferrujar, enquanto eu rejeito contratos lucrativos?

Aquela novidade pôs Griff em pele de galinha.

— Quem?

— Os yunkaítas. O emissário que enviaram para persuadir Volantis já despachou três companhias livres para a Baía dos Escravos. Quer que sejamos a quarta, e oferece o dobro do que Myr nos estava a pagar, mais um escravo por cada homem da companhia, dez por cada oficial e cem donzelas de primeira categoria, todas para mim.

Maldito inferno.

— Para isso seriam necessários milhares de escravos. Onde esperam os yunkaítas encontrar tantos?

— Em Meereen. — Strickland chamou o escudeiro com um gesto. — Watkyn, uma toalha. Esta água está a ficar fria e os meus dedos já se enrugaram como passas. Não, essa toalha não, a suave.

— Tu disseste-lhe que não — disse Griff.

— Disse-lhe que ia pensar na proposta. — Harry estremeceu quando o escudeiro lhe secou os pés com a toalha. — Cuidado com os dedos. Pensa neles como uvas de pele fina, rapaz. Queres secá-los sem os esmagares. *Afaga*, não esfregues. Isso, assim. — Voltou a virar-se para Griff. — Uma recusa sem cerimónia teria sido uma insensatez. Os homens teriam todo o direito de perguntar se eu tinha perdido o juízo.

— Tereis trabalho para as armas bem depressa.

— Teremos? — perguntou Lysono Maar. — Presumo que saibais que a rapariga Targaryen não partiu para oeste.

— Ouvimos essa história em Selhorys.

— Não é história. É a simples verdade. O motivo é mais difícil de abarcar. Saquear Meereen, sim, porque não? Eu teria feito o mesmo no lugar dela. As cidades dos escravos fedem a ouro, e a conquista precisa de dinheiro. Mas porquê ficar lá? Medo? Loucura? Preguiça?

— O porquê da coisa não interessa. — Harry Strickland desenrolou um par de meias de lã às riscas. — Ela está em Meereen e nós estamos aqui, onde os volantenos vão ficando todos os dias mais descontentes com a nossa presença. Viemos buscar um rei e uma rainha que nos levassem para casa, em Westeros, mas esta rapariga Targaryen parece mais interessada em plantar oliveiras do que em reclamar o trono do pai. Entretanto, os inimigos dela reúnem-se. Yunkai, Nova Ghis, Tolos. O Barba Sangrenta e o Príncipe Esfarrapado estarão ambos em campo contra ela... e muito em breve as frotas da Velha Volantis também cairão sobre ela. E ela o que tem? Escravos de cama com paus?

— Imaculados — disse Griff. — E dragões.

— Dragões, pois — disse o capitão-general — mas dragões jovens, pouco mais que recém-nascidos. — Strickland envolveu com cuidado as bolhas e o tornozelo com a meia. — Irão valer-lhe de quê quando todos aqueles exércitos se fecharem em volta dela como um punho?

Tristan Rivers tamborilou no joelho com os dedos.

— Mais um motivo para a alcançarmos rapidamente, digo eu. Se Daenerys não quer vir ter conosco, temos de ir ter com Daenerys.

— Podemos caminhar por sobre as ondas, sor? — perguntou Lysono Maar. — Volto a dizer-vos, não podemos chegar à rainha de prata por mar. Eu próprio me esgueirei até Volantis, disfarçado de mercador, para saber quantos navios podem estar disponíveis para nós. O porto está repleto de galés, cocas e carracas de todos os tipos e tamanhos, mas mesmo assim depressa dei por mim a associar-me a contrabandistas e piratas. Temos dez mil homens na companhia, como tenho a certeza que o Lorde Connington recorda dos seus tempos de serviço conosco. Quinhentos cavaleiros, cada um com três cavalos. Quinhentos escudeiros, com uma montada por cabeça. E elefantes, não nos podemos esquecer dos elefantes. Um navio pirata não seria suficiente. Precisariamos de uma frota pirata... e mesmo se encontrássemos alguma, chegou da Baía dos Piratas a notícia de que Meereen está sob bloqueio.

— Podíamos fingir aceitar a oferta yunkaita — instou Gorys Edoryen. — Deixar que os yunkaitas nos transportassem para leste, e depois devolver-lhes o ouro sob as muralhas de Meereen.

— Um contrato quebrado já é mácula suficiente na honra da companhia. — O Harry Sem Abrigo Strickland fez uma pausa com o pé coberto de bolhas na mão. — Deixai que vos lembre de que foi Myles Toyne, não eu, quem pôs o selo neste pacto secreto. Eu honraria este acordo se pudesse, mas como? Parece-me claro que a rapariga Targaryen nunca virá para oeste. Westeros era o reino do pai. Meereen é o dela. Se conseguir quebrar os yunkaitas será a rainha da Baía dos Piratas. Se não, morrerá muito antes de podermos esperar chegar junto dela.

As palavras dele não foram surpresa para Griff. Harry Strickland sempre fora um homem agradável, melhor a elaborar contratos do que a desbaratar inimigos. Tinha faro para o outro, mas se tinha ou não estômago para a batalha era outra questão.

— Há a rota por terra — sugeriu Franklyn Flowers.

— A estrada dos demónios significa a morte. Perderemos metade da companhia por deserção se tentarmos essa marcha, e enterraremos metade daqueles que restarem nas bermas da estrada. Dói-me dizê-lo, mas o Magíster Illyrio e os amigos foram insensatos em depositar tanta esperança nesta rainha criança.

Não, pensou Griff, mas foram muito insensatos em depositar esperança em ti.

E então o Príncipe Aegon falou.

— Então depositai as vossas esperanças em mim — disse. — Daenerys é irmã do Príncipe Rhaegar, mas eu sou filho de Rhaegar. Sou o único dragão de que precisais.

Griff pôs uma mão enluvada de preto no ombro do Príncipe Aegon.

— Dito com ousadia — disse — mas pensa no que estás a dizer.

— Já pensei — insistiu o rapaz. — Porque haverei de ir a correr ter com a minha tia como se fosse um pedinte? A minha pretensão é melhor do que a dela. Ela que venha ter comigo... a Westeros.

Franklyn Flowers riu-se.

— Gosto disto. Velejar para oeste, não para leste. Deixar a rainhazinha com as suas azeitonas e sentar o Príncipe Aegon no Trono de Ferro. O rapaz tem tomates, há que admitir.

A expressão que o capitão-general fez foi como se alguém o tivesse esbofeteado.

— O sol coagulou-te os miolos, Flowers? Precisamos da rapariga. Precisamos do casamento. Se Daenerys aceitar o nosso príncipezinho e o tomar como consorte, os Sete Reinos farão o mesmo. Sem ela, os senhores irão apenas troçar da sua pretensão e chamar-lhe fraude e pretendente. E como é que propões chegar a Westeros? Ouviste o Lysono. Não há navios para contratar.

Este homem tem medo de combater, compreendeu Griff. Como po-dem tê-lo escolhido para o lugar do Coração Negro?

Não há navios para a Baía dos Escravos. Westeros é outra coisa. É o leste que está fechado para nós, não o mar. Não duvido de que os triarcas se sentiriam satisfeitos por nos verem pelas costas. Até podiam ajudar-nos a arranjar passagem de regresso aos Sete Reinos. Nenhuma cidade quer ter um exército à porta.

— Ele não se engana — disse Lysono Maar.

— Por esta altura de certeza que o leão captou o rasto do dragão — disse um dos Cole — mas a atenção de Cersei deverá estar fixa em Meereen e naquela outra rainha. Nada sabe sobre o

nosso príncipe. Depois de desembarcarmos e erguermos os nossos estandartes serão mais do que muitos os que virão em bando juntar-se-nos.

— Alguns — concedeu o Harry Sem Abrigo — não *muitos*. A irmã de Rhaegar tem *dragões*. O filho de Rhaegar não tem. Não temos força suficiente para tomar o reino sem Daenerys e o seu exército. Os seus Imaculados.

— O primeiro Aegon tomou Westeros sem eunucos — disse Lysono Maar. — Porque não poderá o sexto Aegon fazer o mesmo?

— O plano...

— Qual plano? — disse Tristan Rivers. — O plano do gordo? Aquele que muda sempre que a Lua dá a volta? Primeiro era *Viserys* Targaryen que se nos vinha juntar com cinquenta mil guerreiros dothraki atrás de si. Depois o Rei Pedinte morre, e ia ser a irmã, uma manejável rainha criança que ia a caminho de Pentos com três dragões acabados de eclodir. Em vez disso, a rapariga aparece na Baía dos Escravos e deixa uma cadeia de cidades incendiadas atrás de si, e o gordo decide que nos devíamos encontrar com ela em Volantis. Agora esse plano também está em ruínas. Já me fartei dos planos de Illyrio. Robert Baratheon conquistou o Trono de Ferro sem dispor de dragões. Nós podemos fazer o mesmo. E se me engano e o reino não se erguer por nós, podemos sempre voltar a retirar para lá do mar estreito, como o Açamargo fez um dia e outros fizeram depois dele.

Strickland abanou obstinadamente a cabeça.

— O risco...

— ... não é o que era, agora que Tywin Lannister está morto. Os Sete Reinos nunca mais estarão tão maduros para a conquista. Outro rei rapaz ocupa o Trono de Ferro, este ainda mais novo do que o último, há tantos rebeldes em campo como folhas de outono.

— Mesmo assim — disse Strickland — sozinhos não podemos ter esperança de...

Griff já ouvira o suficiente da cobardia do capitão-general.

— Não estaremos sozinhos. Dorne juntar-se-á a nós, *tem* de se juntar a nós. O Príncipe Aegon é tão filho de Elia como de Rhaegar.

— É verdade — disse o rapaz — e quem resta em Westeros para se nos opor? Uma mulher.

— Uma mulher Lannister — insistiu o capitão-general. — A cadela terá o Regicida a seu lado, contai com isso, e eles terão toda a riqueza de Rochedo Casterly a apoiá-los. E Illyrio diz que aquele rei rapaz está prometido à rapariga Tyrell, o que quer dizer que também temos de enfrentar o poder de Jardim de Cima.

Laswell Peake bateu na mesa com os nós dos dedos.

— Mesmo depois de um século, alguns de nós ainda têm amigos na Campina. O poder de Jardim de Cima pode não ser o que o Mace Tyrell imagina.

— Príncipe Aegon — disse Tristan Rivers — somos vossos homens. É este o vosso desejo, que velejemos para oeste e não para leste?

— É — respondeu Aegon com ardor. — Se a minha tia quer Meereen, que fique com ela. Eu reclamarei o Trono de Ferro para mim, com as vossas espadas e a vossa lealdade. Mexendo-nos depressa e atacando com força, poderemos conquistar algumas vitórias fáceis antes mesmo de os Lannister saberem que desembarcámos. Isso atrairá outros para a nossa causa.

Rivers estava a sorrir de aprovação. Outros trocaram olhares pensativos. Depois Peake disse:

— Eu preferia morrer em Westeros do que na estrada dos demónios. — E Marq Mandrake soltou um risinho e respondeu:

— Quanto a mim, preferia viver, com terras e um grande castelo qualquer. — E Franklyn Flowers deu uma palmada no cabo da espada e disse:

— Desde que possa matar uns quantos Fossoway, estou de acordo.

Quando todos se puseram a falar ao mesmo tempo, Griff compreendeu que a maré mudara. *Este é um lado de Aegon que eu nunca tinha visto.*

Não era o rumo prudente, mas estava cansado de prudência, farto de segredos, fatigado de esperar. Vencendo ou perdendo, voltaria a ver o Poleiro do Grifo antes de morrer, e seria enterrado na tumba ao lado da do pai.

Um por um, os homens da Companhia Dourada levantaram-se, ajoelharam, e depuseram as espadas aos pés do seu jovem príncipe. O último a fazê-lo foi o Harry Sem Abrigo Strickland, com as bolhas nos pés e tudo.

O Sol estava a avermelhar o mar ocidental e a pintar sombras escarlates nos crânios dourados no topo das suas lanças quando se retiraram da tenda do capitão-general. Franklyn Flowers ofereceu-se para levar o príncipe numa volta ao acampamento e para o apresentar a alguns dos que ele chamava "os rapazes." Griff consentiu.

— Mas lembra-te, no que toca à companhia ele tem de continuar a ser o Jovem Griff até atravessarmos o mar estreito. Em Westeros lavar-lhe-emos o cabelo e deixá-lo-emos vestir a sua armadura.

— Sim, entendido. — Flowers deu uma palmada nas costas do Jovem Griff. — Comigo. Vamos começar pelos cozinheiros. São bons homens para se conhecer.

Depois de se irem embora, Griff virou-se para o Semimeistre.

— Volta à *Tímida Donzela* e regressa com a Senhora Lemos e com Sor Rolly. Também vamos precisar das arcas de Illyrio. Todo o dinheiro e as armaduras. Dá a Yandry e a Ysilla os nossos agradecimentos. O papel deles nisto chegou ao fim. Não serão esquecidos quando Sua Graça subir ao trono do seu reino.

— Às vossas ordens, senhor.

Griff deixou-o ali, e penetrou na tenda que o Harry Sem Abrigo lhe atribuíra.

A estrada que tinham em frente estava cheia de perigos, bem o sabia, mas e daí? Todos os homens tinham de morrer. Tudo o que pedia era tempo. Esperara durante tanto, que certamente os deuses lhe concederiam mais alguns anos, tempo suficiente para ver o rapaz a que chamara filho sentado no Trono de Ferro. Para reclamar as suas terras, o seu nome, a sua honra. Para silenciar os sinos que ressoavam tão ruidosamente nos seus sonhos sempre que fechava os olhos para dormir.

Sozinho na tenda, enquanto os raios dourados e escarlates do Sol poente brilhavam pela aba aberta, Jon Connington despiu o manto de pele de lobo, tirou o camisa de cota de malha pela cabeça, instalou-se num banco de campanha e descalçou a luva da mão direita. Viu que a unha do seu dedo médio tinha-se tornado negra como azeviche, e o cinzento subira quase até ao primeiro nó. A ponta do anelar também começara a escurecer, e quando lhe tocou com a ponta do punhal não sentiu nada.

Morte, bem o sabia, mas lenta. Ainda tenho tempo. Um ano. Dois anos.

Cinco. Alguns homens de pedra vivem durante dez anos. É tempo suficiente para atravessar o mar, para voltar a ver o Poleiro do Grifo. Para pôr fim à linhagem do Usurpador de uma vez por todas, e para pôr o filho de Rhaegar no Trono de Ferro.

Depois, o Lorde Jon Connington poderia morrer contente.

O AVENTADO

A notícia percorreu o acampamento como um vento quente. *Ela vem aí. A sua hoste está em marcha. Corre para sul para Yunkai, para passar a cidade pelo archote e o seu povo pela espada, e nós vamos para norte ao seu encontro.*

O Sapo ouviu-a de Dick Straw que a tinha ouvido ao Velho Bill Bone, o qual a ouvira a um pentoshi chamado Myrio Myrakis, o qual tinha um primo que servia como copeiro do Príncipe Esfarrapado.

— O primo ouviu-a na tenda de comando, dos lábios do próprio Caggo — insistiu Dick Straw.
— Marchamos antes do dia chegar ao fim, vais ver se não marchamos.

Isso revelou-se uma verdade. A ordem veio do Príncipe Esfarrapado através dos capitães e dos sargentos: desmontar as tendas, carregar as mulas, selar os cavalos, marchamos para Yunkai ao romper do dia.

— Não que aqueles bastardos yunkaitas nos queiram dentro da sua Cidade Amarela a farejar em volta das filhas — predisse Baqq, o besteiro mirano vesgo cujo nome queria dizer "feijões." — Arranjamos provisões em Yunkai, talvez cavalos repousados, e depois será avançar para Meereen para dançar com a rainha dos dragões. Portanto, pula depressa, Sapo, e põe um bom fio na espada do teu amo. Pode ser que ele precise dela em breve.

Em Dorne, Quentyn Martell fora um príncipe, em Volantis um ajudante de mercador, mas nas costas da Baía dos Escravos era apenas o Sapo, escudeiro do grande e careca cavaleiro dornês a que os mercenários chamavam Tripas Verdes. Os homens dos Aventados usavam os nomes que quisessem e mudavam-nos sempre que lhes apetecia. Tinham-lhe atribuído o nome de "Sapo" por causa da rapidez com que saltava quando o grandalhão gritava uma ordem.

Até o comandante dos Aventados guardava o seu nome verdadeiro para si. Algumas companhias livres tinham nascido durante o século de sangue e caos que se seguira à destruição de Valíria. Outras tinham sido formadas ontem e teriam desaparecido amanhã. Os Aventados possuíam uma história de trinta anos, e não haviam conhecido mais do que um comandante, o nobre pentoshi de falinhas mansas e olhos tristes chamado Príncipe Esfarrapado. O seu cabelo e cota de malha eram de um cinzento prateado, mas o manto esfarrapado era feito de bocados de pano de muitas cores, azul, cinzento e púrpura, vermelho, dourado e verde, magenta, vermelhão e cerúleo, tudo desbotado pelo sol. Quando o Príncipe Esfarrapado tinha vinte e três anos, segundo a história que Dick Straw contava, os magísteres de Pentos tinham-no escolhido para ser o seu

novo príncipe, horas depois de decapitarem o antigo. Em vez disso, ele afivelara uma espada à cintura, montara o seu cavalo preferido e fugira para as Terras Disputadas, para nunca regressar. Acompanhara os Segundos Filhos, os Escudos de Ferro, e os Homens da Donzela, ejuntara-se a cinco irmãos-de-armas para formar os Aventados. Desses seis fundadores só ele sobrevivia.

O Sapo não fazia a mínima ideia se algo daquilo seria verdade. Desde que se alistara nos Aventados em Volantis só vira o Príncipe Esfarrapado à distância. Os dorneses eram novos ajudantes, recrutas em bruto, carne para setas, três entre três mil. O comandante mantinha-se em companhias superiores.

— Não sou um escudeiro — protestara Quentyn quando Gerris Drinkwater (conhecido ali como o Gerrold Dornês para o distinguir de Gerrold Costarrubra e do Gerrold Preto, e às vezes como Drinque porque o grandalhão se distraía e lhe chamara isso) sugerira o ardil. — Conquistei as minhas esporas em Dorne. Sou tão cavaleiro como tu.

Mas Gerris tinha razão; ele e Arch estavam ali para proteger Quentyn, e isso queria dizer mantê-lo ao lado do grandalhão.

— Arch é o melhor combatente de nós três — fizera notar Drinkwater — mas só tu podes ter esperança de casar com a rainha do dragão.

Casando com ela ou combatendo-a, de alguma forma enfrentá-la-ei em breve. Quanto mais Quentyn ouvia falar de Daenerys Targaryen, mais temia esse encontro. Os yunkaitas afirmavam que ela alimentava os dragões com carne humana e se banhava no sangue de virgens para manter a pele lisa e flexível. O Feijões ria-se daquilo, mas apreciava as histórias sobre a promiscuidade da rainha prateada.

— Um dos seus capitães descende de uma linhagem na qual os homens têm pichas de trinta centímetros — disse-lhes — mas nem ele é suficientemente grande para ela. Ela acompanhou os dothraki e habituou-se a ser fodida por garanhões, e agora não há homem que consiga enchê-la. — E o Livros, o inteligente espadachim volanteno que parecia andar sempre com o nariz enfiado num qualquer pergaminho a desfazer-se, achava a rainha dos dragões tanto homicida como louca.

— O *khal* dela matou-lhe o irmão para fazer dela rainha. Depois ela matou o *khal* para se tornar *khaleesi*. Pratica sacrifícios de sangue, mente tão facilmente como respira, vira-se contra os seus por capricho. Quebrou tréguas, torturou emissários... o pai também era louco. A loucura corre no sangue.

Corre no sangue. O Rei Aerys II *fora* louco, todo Westeros o sabia. Exilara dois dos seus Mãos e queimara um terceiro. *Se Daenerys for tão homicida como o pai, continuarei a ter de casar com ela?* O Príncipe Doran nunca falara dessa possibilidade.

O Sapo ficaria contente por pôr Astapor para trás das costas. A Cidade Vermelha era a coisa mais semelhante ao inferno que esperava ver em toda a vida. Os yunkaitas tinham selado os portões quebrados para manter os mortos e moribundos dentro da cidade, mas as coisas que vira ao percorrer aquelas ruas de tijolo vermelho assombrariam Quentyn Martell para sempre. Um rio

afofado de cadáveres. A sacerdotisa com as vestes rasgadas, empalada numa estaca e rodeada por uma nuvem de reluzentes moscas varejeiras. Moribundos a cambalear pelas ruas, ensanguentados e emporcalhados. Crianças a lutar por cachorrinhos meio cozinhados. O último rei livre de Astapor a gritar nu na arena enquanto era atacado por uma vintena de cães esfaimados. E incêndios, incêndios por todo o lado. Quando fechava os olhos ainda conseguia vê-los; chamava a rodopiar em pirâmides de tijolo, maiores do que qualquer castelo que ele tivesse visto, colunas de fumo sebento a enrolar-se para cima como grandes serpentes negras.

Quando o vento soprava de sul, o ar cheirava a fumo mesmo ali, a três milhas da cidade. Por trás das suas muralhas de tijolo vermelho em ruínas, Astapor ainda estava em brasa, embora por aquela altura a maior parte dos grandes incêndios se tivesse apagado. Cinzas flutuavam preguiçosamente na brisa como gordos flocos de neve cinzenta. Seria bom ir embora.

O grandalhão concordava.

— Já é mais que tempo — disse, quando o Sapo o encontrou a jogar aos dados com o Feijões, o Livros e o Velho Bill Bone, e a perder uma vez mais. Os mercenários adoravam o Tripas Verdes, que apostava tão destemidamente como combatia, mas com muito menos sucesso. — Vou querer a minha armadura, Sapo. Esfregaste a cota de malha para tirar o sangue?

— Sim, sor. — A cota de malha do Tripas Verdes era velha e pesada, remendada e voltada a remendar, muito usada. O mesmo era verdade no que tocava ao seu elmo, ao gorjal, às grevas e às manoplas e ao resto da placa de aço desemparelhada que ele tinha. O conjunto do Sapo era só ligeiramente melhor, e o de Sor Gerris era notavelmente pior. O amieiro chamara-lhe *aço da companhia*. Quentyn não perguntara quantos outros homens o tinham usado antes dele, quantos homens tinham morrido ao envergá-lo. Tinha abandonado as suas armaduras de boa qualidade em Volantis, junto com o ouro e os nomes verdadeiros. Cavaleiros ricos de casas antigas em honra não atravessavam o mar estreito para vender as espadas, a menos que tivessem sido exilados por alguma infâmia.

— Prefiro fazer de pobre a fazer de mau — declarara Quentyn quando Gerris lhes explicara o estratagema.

Os Aventados precisaram de menos de uma hora para desmontar o acampamento.

— E agora cavalgamos — proclamou o Príncipe Esfarrapado de cima do seu enorme cavalo de batalha cinzento, num alto valiriano clássico que era a coisa mais próxima que tinham de uma língua da companhia. Os quartos traseiros malhados do garanhão estavam cobertos com bocados esfarrapados de tecido arrancados aos sobretudos de homens que o seu dono matara. O manto do príncipe fora feito com mais do mesmo. Era um velho, com mais de sessenta anos, mas ainda se mantinha direito e alto na sela elevada, e a voz era suficientemente forte para chegar a cada canto do campo de batalha. — Astapor não passou de um aperitivo — disse — Meereen será o banquete — e os mercenários soltaram uma ruidosa aclamação. Flâmulas de seda azul clara flutuavam nas

suas lanças, enquanto bandeiras bifurcadas azuis e brancas esvoaçavam mais acima, os estandartes dos Aventados.

Os três dorneses deram vivas com todos os outros. O silêncio teria chamado a atenção. Mas quando os Aventados avançaram para norte ao longo da estrada costeira, logo atrás do Barba Sangrenta e da Companhia do Gato, o Sapo pôs-se ao lado do Gerrold Dornês.

— Em breve — disse, no idioma comum de Westeros. Havia outros westerosianos na companhia, mas não eram muitos e não estavam por perto. — Precisamos de o fazer em breve.

— Aqui não — avisou Gerris, com um sorriso vazio de saltimbanco. — Conversamos sobre isso esta noite quando acamparmos.

Eram cem léguas de Astapor a Yunkai pela velha estrada costeira ghiscariota, e mais cinquenta de Yunkai a Meereen. As companhias livres, bem montadas, podiam chegar a Yunkai em seis dias de dura cavalgada, ou em oito a um ritmo mais brando. As legiões de Velha Ghis levariam vez e meia esse tempo, marchando a pé, e os yunkaitas e os seus soldados escravos...

— Com os generais que têm é um espanto que não marchem para o mar — disse o Feijões.

Aos yunkaitas não faltavam comandantes. Um velho herói chamado Yurkhaz zo Yunzak detinha o comando supremo, embora os homens dos Aventados só o vislumbassem à distância, a ir e vir num palanquim tão gigantesco que precisava de quarenta escravos para o transportar.

Mas não podiam evitar ver os seus subordinados. Os fidalgos yunkaitas andavam por todo o lado, como baratas. Metade deles parecia chamar-se Ghazdan, Grazdan, Mazdhan ou Ghaznak; distinguir um nome ghiscari de outro era uma arte que poucos dos Aventados tinham dominado, portanto, atribuíam-lhes nomes trocistas de sua própria invenção.

O primeiro entre eles era o Baleia Amarela, um homem obscenamente gordo que usava sempre *tokars* de seda amarela com debruns dourados. Pesado demais até para estar em pé sem ajuda, não conseguia reter águas, por isso cheirava sempre a mijó, um fedor tão penetrante que nem mesmo perfumes fortes logravam ocultá-lo. Mas dizia-se que ele era o homem mais rico de Yunkai, e tinha uma paixão por aberrações; os seus escravos incluíam um rapaz com as pernas e os cascos de uma cabra, uma mulher barbuda, um monstro de duas cabeças de Mantarys e um hermafrodita que lhe aquecia a cama à noite.

— Caralho e buceta ao mesmo tempo — disse-lhes Dick Straw. — O Baleia também era dono de um gigante, gostava de o ver foder as escravas. Depois morreu. Ouvi dizer que o Baleia dá um saco de ouro por um novo.

Depois havia a General Rapariga, que andava por aí montada num cavalo branco de crina vermelha e comandava uma centena de robustos soldados escravos que fora ela própria a criar e a treinar, todos eles jovens, esguios, repletos de músculos e nus, à parte as tangas, os mantos amarelos e longos escudos de bronze com embutidos eróticos. A dona não podia ter mais de dezasseis anos e julgava-se a Daenerys Targaryen de Yunkai.

O Pombinho não era propriamente um anão, mas podia passar por um com luz fraca. No entanto, pavoneava-se por todo o lado como se fosse um gigante, com as suas perninhas rechonchudas bem abertas e o peitinho rechonchudo inchado. Os seus soldados eram os mais altos que qualquer dos membros dos Aventados vira na vida; o mais baixo tinha dois metros e dez, o mais alto aproximava-se dos dois metros e quarenta. Todos tinham caras e pernas longas, e as andas acrescentadas às pernas das suas ornamentadas armaduras tornavam-nos ainda mais altos. Escamas esmaltadas de rosa cobriam-lhes os torsos; nas cabeças estavam empoleirados elmos alongados, com bicos pontiagudos de aço e uma crista de oscilantes penas cor-de-rosa. Cada homem usava uma longa espada curva à anca, e todos traziam na mão lanças tão altas como eles, com lâminas em forma de folha em ambas as extremidades.

— O Pombinho cria-os — informou-os o Dick Straw. — Compra escravos altos vindos de todo o mundo, acasala os homens com as mulheres, e fica com os descendentes mais altos para as Garças. Tem esperança de um dia poder dispensar as andas.

— Algumas sessões no potro podem acelerar o processo — sugeriu o grandalhão.

Gerris Drinkwater riu-se.

— Um grupo temível. Nada me assusta mais do que homens de andas com escamas e penas cor-de-rosa. Se um viesse atrás de mim, ria-me tanto que podia largar-me da bexiga.

— Há quem diga que as garças são majestosas — disse o Velho Bill Bone.

— Só se o vosso rei comer rãs em pé numa perna só.

— As garças são covardes — interveio o grandalhão. — Houve uma altura em que eu, o Drinque e o Cletus estávamos a caçar, e deparámos com umas garças a andar pelos baixios, a banquetear-se com girinos e peixes pequenos. Eram bonitas de se ver, sim, mas depois um falcão passou-lhes por cima, e levantaram todas voo como se tivessem visto um dragão. Levantaram tanto vento que me derrubaram do cavalo, mas o Cletus encaixou uma seta na corda e abateu uma. Sabia a pato, mas com menos gordura.

Até o Pombinho e as suas Garças empalideciam ao lado da loucura dos irmãos a que os mercenários chamavam os Senhores dos Tinidos. Da última vez que os soldados escravos de Yunkai tinham enfrentado os Imaculados da rainha dos dragões, tinham quebrado e fugido. Os Senhores dos Tinidos haviam concebido um estratagema para prevenir tal coisa; acorrentaram as suas tropas em grupos de dez, pulso com pulso e tornozelo com tornozelo.

— Nenhum dos pobres sacanas pode fugir a não ser que todos eles fujam — explicou Dick Straw, rindo. — E se fugirem todos, não correrão lá muito depressa.

— E também não marcham lá muito depressa, raios os partam — observou o Feijões. — Consegue-se ouvi-los a tinir a dez léguas de distância.

Havia mais, quase tão loucos ou mais ainda; o Lorde Bochechas de Baloízo, o Conquistador Bêbado, o Domador, o Cara de Pudim, o Coelho, o Quadrigueiro, o Herói Perfumado. Alguns

tinham vinte soldados, alguns duzentos ou dois mil, todos escravos que tinham treinado e equipado pessoalmente. Todos eles eram ricos, todos eram arrogantes, e todos eram capitães e comandantes e não respondiam perante ninguém além de Yurkhaz zo Yunzak, todos desdenhavam meros mercenários e eram dados a questiúnculas sobre precedências que eram tão infundáveis como incompreensíveis.

No tempo de que os Aventados precisaram de cavalgar três milhas, os yunkaitas ficaram duas milhas e meia para trás.

— Uma matilha de idiotas amarelos e malcheirosos — protestou o Feijões. — Ainda não conseguiram perceber porque foi que os Corvos Tormentosos e os Segundos Filhos se passaram para a rainha dos dragões.

— Por ouro, acham eles — disse o Livros. — Porque julgas tu que nos estão a pagar tão bem?

— O ouro é bom, mas a vida é melhor — disse o Feijões. — Em Astapor estivemos a dançar com aleijados. Queres enfrentar verdadeiros Imaculados com aquele bando a nosso lado?

— Combatemos-os Imaculados em Astapor — disse o grandalhão.

— Eu disse *verdadeiros* Imaculados. Cortar os tomates de um rapazinho qualquer com um cutelo de carnicheiro e entregar-lhe um chapéu pontiagudo não faz dele Imaculado. Aquela rainha dos dragões tem o artigo verdadeiro, do tipo que não quebra e foge quando tu largas um peido mais ou menos na direção deles.

— Imaculados e também dragões. — Dick Straw deitou uma olhadela ao céu, como se pensasse que a mera menção a dragões podia ser suficiente para os fazer cair sobre a companhia. — Mantende as espadas afiadas, rapazes, que vamos ter um combate a sério em breve.

Um combate a sério, pensou o Sapo. As palavras ficaram-lhe atravessadas no papo. O combate à sombra das muralhas de Astapor parecera-lhe bastante a sério, embora soubesse que os mercenários pensavam de outro modo.

— Aquilo foi um massacre, não uma batalha — ouvira-se o bardo guerreiro Denzo D'han declarar depois. Denzo era um capitão, e veterano de uma centena de batalhas. A experiência do Sapo limitava-se aos pátios de treinos e aos terrenos de torneios, portanto não lhe parecia que lhe coubesse contestar o veredicto de um guerreiro tão experiente.

Mas pareceu uma batalha logo quando começou. Lernbrou-se de como o estômago se lhe apertara quando fora acordado com um pontapé, à alvorada, com o grandalhão a erguer-se acima dele.

— Para dentro da armadura, dorminhoco — trovejara. — O Carniceiro vem dar-nos batalha. A pé, a menos que queiras ser a carne dele.

— O Rei Carniceiro está morto — protestara o Sapo com sonolência. Era essa a história que todos tinham ouvido ao saírem dos navios que os tinham trazido até ali de Velha Volantis. Um segundo Rei Cleon tomara a coroa e morrera também, supostamente, e agora os astapori eram

governados por uma rameira e por um barbeiro louco, cujos seguidores andavam a lutar uns com os outros pelo controlo da cidade.

— Talvez tenham mentido — replicara o grandalhão. — Ou então este é outro carniceiro qualquer. Pode ser o primeiro regressado aos gritos da tumba para matar uns quantos yunkaitas. Não interessa pra nada, Sapo. *Enfia-te na armadura*. — Na tenda dormiam dez homens e todos estavam já a pé por aquela altura, enfiando-se em calças e em botas pondo longos brigões de cota de malha sobre os ombros, afivelando placas de peito, apertando correias em manoplas ou braçais, agarrando em elmos, escudos e cinturões da espada. Gerris, rápido como sempre, foi o primeiro a ficar totalmente equipado, com o Arch logo atrás. Juntos ajudaram Quentyn a envergar a sua armadura.

A trezentos metros de distância, os novos Imaculados de Astapor tinham jorrado dos portões, formando em fileiras à sombra das arruinadas muralhas de tijolo vermelho da sua cidade, com a luz da aurora a reluzir nos seus capacetes de bronze com espigões e nas pontas das suas longas lanças.

Os três dorneses saíram juntos da tenda para se irem juntar aos combatentes que corriam para as linhas de cavalos. Batalha. Quentyn treinara com lança, espada e escudo desde que tivera idade suficiente para caminhar, mas isso agora não queria dizer nada. *Guerreiro, dai-rne coragem*, rezara o Sapo, enquanto tambores batiam à distância, *BUM bum BUM bum BUM bum*. O grandalhão indicou-lhe o Rei Carniceiro, sentado hirtos e alto em cima de um cavalo couraçado com uma armadura de escamas de cobre que relampejavam brilhantemente ao sol da manhã. Lembrava-se de Gerris a deslizar para perto logo antes de a luta começar.

— Fica junto do Arch, aconteça o que acontecer. Lembra-te, és o único de nós que pode ficar com a rapariga. — Por aquela altura, os astapori já avançavam.

Morto ou vivo, o Rei Carniceiro apanhou na mesma os Sábios Mestres de surpresa. Os yunkaitas ainda andavam a correr de um lado para o outro enfiados em *tokars* esvoaçantes, a tentar organizar os seus soldados escravos semitreinados em algo que se assemelhasse a ordem, quando as lanças dos Imaculados lhes trespassaram com estrondo as linhas de cerco. Se não fossem os aliados e os desprezados soldados contratados, podiam perfeitamente ter sido derrotados, mas os Aventados e a Companhia do Gato puseram-se a cavalo em minutos, e caíram a trovejar sobre os flancos dos astapori enquanto uma legião de Nova Ghis avançava através do acampamento yunkaita, vinda do outro lado, e enfrentava os Imaculados lança contra lança e escudo contra escudo.

O resto foi carnificina, mas daquela vez foi o Rei Carniceiro a estar do lado errado do cutelo. Foi Caggo quem finalmente o abateu, ultrapassando os protetores do rei no seu monstruoso cavalo de batalha e abrindo Cleon, o Grande, do ombro à anca com um golpe do seu curvo *arakh* valiriano. O Sapo não o viu, mas aqueles que viram afirmavam que a armadura de cobre de Cleon se rasgou como seda, e de dentro saiu um fedor horrível e uma centena de vermes a contorcer-se.

Cleon afinal estava morto. Os desesperados astapori tinham-no tirado da tumba, tinham-no enfiado numa armadura e tinham-no atado a um cavalo, na esperança de dar coragem aos seus Imaculados.

A queda do Cleon morto pusera fim a isso. Os novos Imaculados deitaram fora as lanças e os escudos e fugiram, apenas para irem encontrar os portões de Astapor fechados atrás deles. O Sapo fizera a sua parte no massacre que se seguira, atropelando os assustados eunucos com os outros Aventados. Cavalgara bem junto da anca do grandalhão, golpeando à esquerda e à direita enquanto a cunha penetrava nos Imaculados como a ponta de uma lança. Quando saíram pelo outro lado, o Príncipe Esfarrapado fizera-os dar meia volta e levava-os a mergulhar outra vez nas fileiras. Fora só no regresso que o Sapo olhara bem para as caras que estavam por baixo dos capacetes de bronze com espigão e se apercebera de que a maioria não era mais velha do que ele. *Rapazes verdes a gritar pelas mães*, pensara, mas matara-os na mesma. Quando abandonara o campo de batalha tinha a espada vermelha de sangue a escorrer e o braço tão cansado que quase não conseguia erguê-lo.

E, no entanto, aquilo não foi um verdadeiro combate, pensou. *O verdadeiro combate estará conosco em breve, e temos de partir antes de ele chegar; senão daremos por nós a combater do lado errado.*

Naquela noite, os Aventados montaram o acampamento junto à costa da Baía dos Escravos. O Sapo ficou com o primeiro turno de vigia e foi-lhe ordenado que guardasse as linhas de cavalos. Gerris foi lá ter com ele logo depois do pôr-do-sol, enquanto uma meia Lua brilhava nas águas.

— O grandalhão também devia aqui estar — disse Quentyn.

— Ele foi à procura do Velho Bill Bone para perder o resto da sua prata — disse Gerris. — Deixa-o fora disto. Ele fará o que nós dissermos, embora não vá gostar muito disso.

— Pois não. — Havia demasiado naquilo de que o próprio Quentyn não gostava. Viajar num navio sobrelotado, atirado de um lado para o outro pelo vento e pelo mar, comendo pão duro repleto de gorgulhos e bebendo negro rum de marinheiro até perder os sentidos, dormindo em pilhas de palha bafienta com o fedor de estranhos nas narinas... tudo isso já esperara quando apusera a sua marca naquele bocado de pergaminho em Volantis, prometendo ao Príncipe Esfarrapado a sua espada e serviço durante um ano. Havia que suportar dificuldades, aquilo de que são feitas todas as aventuras.

Mas o que tinha de acontecer em seguida era clara traição. Os yunkaitas tinham-nos trazido de Velha Volantis para combater pela Cidade Amarela, mas agora os dorneses pretendiam virar os mantos e passarem-se para o outro lado. Isso também significava abandonar os seus novos irmãos-de-armas. Os Aventados não eram o tipo de companheiros que Quentyn teria escolhido, mas atravessara o mar com eles, partilhara a sua comida e bebida, combatera a seu lado, trocara histórias com os poucos cuja fala entendia. E se todas as suas histórias eram mentiras, bem, esse era o preço da passagem para Meereen.

Não é aquilo a que chamaríeis honroso, avisara-os Gerris lá na Casa dos Mercadores.

— Daenerys pode já estar a meio caminho de Yunkai por esta altura, com um exército atrás — disse Quentyn enquanto caminhavam por entre os cavalos.

— Pode estar — disse Gerris — mas não está. Já antes ouvimos dessas conversas. Os astapori estavam convencidos de que Daenerys vinha para sul com os seus dragões para quebrar o cerco. Ela não veio nessa altura, e não virá agora.

— Não podemos saber isso, pelo menos não podemos ter certeza. Temos de nos escapulir antes de acabarmos a combater a mulher que eu fui enviado para cortejar.

— Espera até Yunkai. — Gerris indicou as colinas com um gesto. — Estas terras pertencem aos yunkaitas. Não é provável que alguém queira alimentar ou dar abrigo a três desertores. A norte de Yunkai é terra de ninguém.

Ele não se enganava. Mesmo assim, Quentyn sentiu-se inquieto.

— O grandalhão fez demasiados amigos. Sabe que o plano sempre foi escapulirmo-nos e alcançarmos Daenerys, mas não se irá sentir bem por abandonarmos os homens com quem combateu. Se esperarmos demasiado, vai parecer que estamos a abandoná-los na véspera da batalha. Ele nunca fará isso. Conhece-lo tão bem como eu.

— É deserção, façamo-lo quando o fizermos — argumentou Gerris — e o Príncipe Esfarrapado vê desertores com maus olhos. Vai mandar caçadores atrás de nós, e os Sete nos protejam se nos apanharem. Se tivermos sorte, cortam-nos só um pé para terem a certeza de que nunca mais fugimos. Se não tivermos sorte, dão-nos à Linda Meris.

Aquela última ideia fez Quentyn vacilar. A Linda Meris assustava-o. Uma mulher de Westeros, mas mais alta do que ele, só um pouco abaixo do metro e oitenta. Após vinte anos entre as companhias livres nada havia nela de lindo, por dentro ou por fora.

Gerris pegou-lhe no braço.

— Espera. Mais alguns dias, só isso. Atravessámos metade do mundo, sê paciente durante mais algumas léguas. Algures a norte de Yunkai, chegará a nossa oportunidade.

— Se assim o dizes — disse o Sapo em tom de dúvida...

... Mas por uma vez os deuses estavam à escuta, e a oportunidade deles chegou muito mais cedo do que isso.

Foi dois dias mais tarde. Hugh Hungerford refreou o cavalo junto da fogueira deles e disse:

— Dornês. Querem-te na tenda de comando.

— Qual de nós? — perguntou Gerris. — Somos todos dorneses.

— Então é todos. — Amargo e sombrio, com uma mão estropiada, Hungerford fora durante algum tempo o tesoureiro da companhia até que o Príncipe Esfarrapado o apanhara a roubar dos cofres e removera três dos seus dedos. Agora era só um sargento.

O que pode ser isto? Até àquele momento, o Sapo não fazia a mínima ideia de que o comandante soubesse que estava vivo. Hungerford já se fora embora, contudo, portanto não havia

tempo para perguntas. Tudo o que podiam fazer era ir buscar o grandalhão e apresentarem-se conforme ordenado.

— Não admitais nada e estai preparados para lutar — disse Quentyn aos amigos.

— Eu estou sempre preparado para lutar — disse o grandalhão.

O grande pavilhão de lona cinzenta a que o Príncipe Esfarrapado gostava de chamar o seu castelo de tela estava repleto de gente quando os dorneses chegaram. Quentyn precisou apenas de um momento para se aperceber de que a maior parte dos homens ali reunidos provinham dos Sete Reinos, ou se gabavam de possuir sangue de Westeros. *Exilados ou filhos de exilados.* Dick Straw afirmava que havia três vintenas de homens de Westeros na companhia; um bom terço deles encontrava-se ali, incluindo o próprio Dick, Hugh Hungerford, a Linda Meris e o louro Lewis Lanster, o melhor arqueiro da companhia.

Denzo D'han também se encontrava lá, com Caggo, enorme, a seu lado. Os homens andavam agora a chamar-lhe "Caggo Mata-Cadáveres," embora não na sua frente; era rápido a enfiar-se, e aquela sua espada curva e negra era tão perigosa como o seu dono. Havia centenas de espadas longas valirianas no mundo, mas só uma mão cheia de *arakhs* valirianos. Nem Caggo nem D'han eram de Westeros, mas ambos eram capitães, e ocupavam posições elevadas na estima do Príncipe Esfarrapado. *O braço direito dele e o esquerdo. Prepara-se alguma coisa em grande.*

Foi o próprio Príncipe Esfarrapado que falou.

— Chegaram ordens de Yurkhaz — disse. — Os astapori que ainda sobrevivem saíram a gatinhar das suas tocas, ao que parece. Nada resta em Astapor além de cadáveres, portanto, estão a jorrar para o campo, às centenas, talvez aos milhares, todos esfomeados e doentes. Os yunkaitas não os querem perto da sua Cidade Amarela. Foram-nos dadas ordens para os caçarmos e afastarmos, para os empurrarmos de volta para Astapor ou para norte, para Meereen. Se a rainha dos dragões quiser acolhê-los, que lhe façam bom proveito. Metade deles tem a fluxão sangrenta, e mesmo os saudáveis são bocas a alimentar.

— Yunkai fica mais perto do que Meereen — objetou Hugh Hungerford. — E se eles não quiserem ser afastados, senhor?

— É por isso que vós tendes espadas e lanças, Hugh. Embora arcos talvez vos servissem melhor. Ficai bem longe dos que mostram sinais da fluxão. Vou mandar metade das nossas forças para as colinas. Cinquenta patrulhas, de vinte cavaleiros cada. O Barba Sangrenta tem as mesmas ordens, e os Gatos também vão estar em campo.

Olhares cruzados percorreram os homens, e alguns resmungaram em surdina. Embora os Aventados e a Companhia do Gato estivessem ambos sob contrato com Yunkai, um ano antes, nas Terras Disputadas, tinham estado em lados opostos das linhas de batalha, e ainda continuava a existir inimizade. O Barba Sangrenta, o selvático comandante dos Gatos, era um trovejante gigante

com um feroz apetite para o massacre que não fazia segredo do seu desdém por "velhos grisalhos em farrapos."

Dick Straw pigarreou.

— Com a vossa licença, mas nós aqui nascemos todos nos Sete Reinos. O senhor nunca tinha dividido a companhia por sangue ou por língua. Porquê mandar o nosso grupo junto?

— Justa questão. Vós deveis cavalgar para leste, penetrando profundamente nas colinas, e depois dar uma volta larga em torno de Yunkai, dirigindo-vos para Meereen. Se encontrardes alguns astapori, empurrai-os para norte ou matai-os... mas ficai sabendo que não é esse o objetivo da vossa missão. Para lá da Cidade Amarela é provável que encontreis as patrulhas da rainha dos dragões. Segundos Filhos ou Corvos Tormentosos. Ambos servirão. Passai-vos para o lado deles.

— Passarmo-nos para o lado deles? — disse o cavaleiro bastardo, Sor Orson Stone. — Quereis que viremos os mantos?

— Quero — disse o Príncipe Esfarrapado.

Quentyn Martell quase soltou uma gargalhada. *Os deuses são loucos.*

Os westerosianos mexeram-se, constrangidos. Alguns fitaram as taças de vinho, como se esperassem encontrar aí alguma sabedoria. Hugh Hungerford franziu o sobrolho.

— Achais que a Rainha Daenerys nos acolherá...

— Acho.

— ... Mas se acolher o que fazemos? Somos espiões? Assassinos? *Emissários*? Estais a pensar em mudar de lado?

Caggo franziu o cenho.

— Essa decisão cabe ao príncipe, Hungerford. A tua parte é fazeres o que te é dito.

— Sempre. — Hungerford ergueu a mão de dois dedos.

— Sejamos francos — disse Denzo D'han, o bardo guerreiro. — Os yunkaitas não inspiram confiança. Seja qual for o resultado desta guerra, os Aventados devem obter parte dos despojos da vitória. O nosso príncipe é sensato em manter todas as estradas abertas.

— Meris irá comandar-vos — disse o Príncipe Esfarrapado. — Ela sabe o que eu penso sobre isto... e Daenerys Targaryen pode aceitar melhor outra mulher.

Quentyn deitou uma olhadela à Linda Meris. Quando os olhos mortos e frios dela se cruzaram com os seus, sentiu um arrepio. *Não gosto disto.*

Dick Straw também continuava com dúvidas.

— A rapariga seria uma tola em confiar em nós. Mesmo com Meris. *Especialmente* com Meris. Raio, *eu* não confio em Meris e já a fodi algumas vezes. — Sorriu, mas ninguém se riu. Especialmente a Linda Meris.

— Acho que te enganas, Dick — disse o Príncipe Esfarrapado. — Vós sois todos de Westeros. Amigos vindos da pátria. Falais a mesma língua que ela fala, adorais os mesmos deuses que ela adora. Quanto ao motivo, todos vós sofrestes desfeitas às minhas mãos. Dick, eu

chicoteei-te mais vezes do que a qualquer outro homem na companhia e tens as costas que o provam. A minha disciplina custou ao Hugh três dedos. Meris foi violada por meia companhia. Não por esta companhia, é verdade, mas não precisamos de fazer menção a isso. O Will dos Bosques, bem, tu és só escumalha. Sor Orson culpa-me por mandar o irmão para as Mágoas e Sor Lúçifer ainda continua a ferver por causa daquela rapariga escrava que o Caggo lhe roubou.

— Ele podia tê-la devolvido depois de a ter tido — queixou-se Lúçifer Long. — Não tinha razão nenhuma para a matar.

— Ela era feia — disse Caggo. — Isso é razão suficiente.

O Príncipe Esfarrapado prosseguiu como se ninguém tivesse falado.

— Webber, tu alimentas exigências quanto a terras perdidas em Westeros. Lannister, eu matei aquele rapaz de que tu tanto gostavas. Vós, os três de Dorne, pensais que vos menti. O saque de Astapor foi muito menor do que vos foi prometido em Volantis, e eu fiquei com a parte de leão dele.

— A última parte é verdadeira — disse Sor Orson.

— As melhores fraudes contêm sempre alguma semente de verdade — disse o Príncipe Esfarrapado. — Cada um de vós tem amplos motivos para querer abandonar-me. E Daenerys Targaryen sabe que os mercenários são uns tipos volúveis. Os seus próprios Segundos Filhos e Corvos Tormentosos receberam ouro yunkaita, mas não hesitaram em juntar-se-lhe quando a maré da batalha começou a fluir para o lado dela.

— Quando devemos partir? — perguntou Lewis Lanster.

— Imediatamente. Tende cautela com os Gatos e com quaisquer Longas Lanças que possais encontrar. Além de nós, nesta tenda, ninguém saberá que a vossa deserção é um estratagema. Se virardes as pedras cedo demais, sereis mutilados como desertores ou esventrados como vira casaca.

Os três dorneses permaneceram em silêncio ao sair da tenda de comando. *Vinte cavaleiros, todos a falar o idioma comum*, pensou Quentyn. *Murmurar acabou de se tornar bastante mais perigoso.*

O grandalhão deu-lhe uma forte palmada nas costas. — Então? Isto é bom,
Sapo. Uma caçada ao dragão.

A NOIVA DESOBEDIENTE

Asha Greyjoy estava sentada no salão de Galbart Glover, bebendo do vinho de Galbart Glover, quando o meistre de Galbart Glover lhe trouxe a carta.

— Senhora. — A voz do meistre soou ansiosa, como soava sempre que falava com ela. — Uma ave vinda de Vila Acidentada. — Pôs-lhe o pergaminho na frente como se não pudesse esperar para se ver livre dele. Estava bem enrolado e selado com um botão de dura cera cor-de-rosa.

Vila Acidentada. Asha tentou lembrar-se de quem governava em Vila Acidentada. *Um senhor nortenho qualquer, não um amigo meu.* E aquele selo... os Bolton do Forte do Pavor partiam para a batalha sob estandartes cor-de-rosa salpicados com gotinhas de sangue. Fazia sentido que também usassem cera cor-de-rosa para selos.

Isto que tenho na mão é veneno, pensou. *Devia queimá-lo.* Mas em vez disso, partiu o selo. Um pedaço de couro flutuou até pousar no seu regaço. Quando leu as palavras secas e castanhas, a sua má disposição tornou-se ainda pior. *Asas escuras, palavras escuras.* Os corvos nunca traziam notícias alegres. A última mensagem enviada para Bosque Profundo fora de Stannis Baratheon, a exigir obediência. Aquilo era pior.

— Os nortenhos tomaram Fosso Cailin.

— O Bastardo de Bolton? — perguntou Qarl, a seu lado.

— *Ramsay Bolton, Senhor de Winterfell,* é como assina. Mas também há outros nomes. — A Senhora Dustin, a Senhora Cerwyn, e quatro Ryswell tinham acrescentado as suas assinaturas por baixo da dele. Ao lado das assinaturas estava desenhado um gigante rudimentar, o sinal de um Umber qualquer.

As assinaturas tinham sido escritas com tinta de meistre, feita de fuligem e alcatrão de hulha, mas a mensagem que tinham por cima fora rabiscada a castanho, numa letra enorme e pontiaguda. Falava da queda de Fosso Cailin, do regresso triunfante do Protetor do Norte aos seus domínios, de um casamento a ser celebrado em breve. As primeiras palavras eram "*Escrevo esta carta com o sangue de homens de ferro*" as últimas "*Envio a cada um de vós um bocado de príncipe. Permanecei nas minhas terras, e partilhareis o seu destino.*"

Asha julgara o irmão mais novo morto. *Antes morto do que isto.* O bocado de pele caíra-lhe no regaço. Levou-o à vela e viu o fumo enrolar-se para cima, até a pele ter sido totalmente consumida e a chama lhe começar a lambar os dedos.

O mestre de Galbart Glover demorava-se, expectante, a seu lado.

— Não haverá resposta — informou-o.

— Posso partilhar essas notícias com a Senhora Sybelle?

— Se vos aprouver. — Asha não saberia dizer se Sybelle Glover encontraria alguma alegria na queda de Fosso Cailin. A Senhora Sybelle praticamente vivia no seu bosque sagrado, rezando pelo regresso em segurança dos filhos e do marido. *Outra prece que é provável que fique sem resposta. A árvore coração dela é tão surda e cega como o nosso Deus Afogado.* Robett Glover e o irmão Galbart tinham cavalgado para sul com o Jovem Lobo. Se metade das histórias que tinham ouvido sobre o Casamento Vermelho fossem verdadeiras, não era provável que regressassem para norte. *Ao menos os filhos dela estão vivos, e isso é graças a mim.* Asha deixara-os em Dez Torres ao cuidado das tias. A filha mais nova da Senhora Sybelle ainda mamava, e julgara a rapariga demasiado delicada para ser exposta aos rigores de outra travessia tempestuosa. Asha enfiou a carta nas mãos do mestre. — Tomai. Ela que encontre aqui algum consolo, se puder. Tendes a minha licença para vos irdes embora.

O mestre inclinou a cabeça e partiu. Depois de o homem se ter ido embora, Tris Botley virou-se para Asha.

— Se Fosso Cailin caiu, Praça de Torrhen seguir-se-á em breve. Depois será a nossa vez.

— Ainda vai demorar algum tempo. O Boca-Fendida irá fazê-los sangrar. — Praça de Torrhen não era uma ruína como Fosso Cailin, e Dagmar era ferro até ao osso. Morreria antes de se render.

Se o meu pai ainda fosse vivo, Fosso Cailin nunca teria caído. Balon Greyjoy soubera que o Fosso era a chave para dominar o Norte. Euron também o sabia; simplesmente não lhe interessava. Tal como não lhe interessava o que acontecia a Bosque Profundo ou à Praça de Torrhen.

— Euron não tem qualquer interesse nas conquistas de Balon. O meu tio partiu à caça de dragões. — O Olho de Corvo chamara todas as forças das Ilhas de Ferro a Velha Wyk e zarpara para as profundezas do mar do poente, com o irmão Victarion a segui-lo como um rafeiro chicoteado. Não restava em Pyke ninguém a quem apelar, exceto o senhor seu marido. — Estamos sozinhos.

— O Dagmar vai esmagá-los — insistiu Cromm, que nunca conhecera uma mulher por quem sentisse metade do amor que nutria pela batalha. — Eles são só lobos.

— Os lobos estão todos mortos. — Asha arranhou a cera cor-de-rosa com a unha. — Estes são os esfoladores, que os mataram.

— Devíamos ir até Praça de Torrhen juntarmo-nos à luta — instou Quenton Greyjoy, um primo afastado e capitão da *Rapariga Salgada*.

— Pois — disse Dagon Greyjoy, um primo ainda mais afastado. Os homens chamavam-lhe Dagon, o Bêbado, mas tanto bêbado como sóbrio adorava combater. — Porque haverá o Boca-Fendida de ficar com toda a glória para si?

Dois dos criados de Galbart Glover trouxeram o assado, mas aquele bocado de pele roubara o apetite a Asha. *Os meus homens desistiram de toda a esperança de vitória*, compreendeu sombriamente. *Tudo o que procuram agora é uma boa morte*. Não duvidava de que os lobos lhes dariam essa morte. *Mais cedo ou mais tarde, virão reconquistar este castelo*.

O Sol estava a afundar-se por trás dos grandes pinheiros da mata de lobos quando Asha subiu os degraus de madeira que levavam ao quarto que pertencera em tempos a Galbart Glover. Bebera demasiado vinho e sentia a cabeça a latejar. Asha Greyjoy gostava dos seus homens, tanto dos capitães como das tripulações, mas metade deles eram idiotas. *Idiotas corajosos, mas idiotas na mesma. Ir ter com o Boca-Fendida, pois sim, como se pudéssemos...*

Entre Bosque Profundo e Dagmar estendiam-se longas léguas de montes acidentados, densas florestas, rios caudalosos e mais nortenhos do que aqueles em que gostaria de pensar. Asha tinha quatro dracares e não chegava a dispor de duzentos homens... incluindo Tristifer Botley, que não era digno de confiança. Apesar de toda a sua conversa sobre amor, não conseguia imaginar Tris a correr para Praça de Torrhen a fim de morrer com Dagmar Boca-Fendida.

Qarl seguiu-a para dentro do quarto de Galbart Glover.

— Sai — disse-lhe. — Quero estar sozinha.

— O que tu queres sou eu. — E tentou beijá-la.

Asha afastou-o com um empurrão.

— Se me tocares outra vez, eu...

— O quê? — puxou pelo punhal. — Despe-te, rapariga.

— Vai-te foder, rapazinho imberbe.

— Preferia foder-te a ti. — Um golpe rápido desatou-lhe o justilho. Asha estendeu a mão para o machado, mas Qarl deixou cair a faca e pegou-lhe no pulso, torcendo-lhe o braço até a arma cair dos seus dedos. Empurrou-a para a cama de Glover, beijou-a com força, e arrancou-lhe a túnica para deixar que os seios se derramassem para fora. Quando Asha tentou dar-lhe uma joelhada nas virilhas, ele torceu-se, esquivando-se, e forçou-a a abrir as pernas com os joelhos. — Vou possuir-te agora.

— Faz isso — cuspiu ela — que te mato durante o sono.

Estava ensopada quando ele a penetrou.

— Raios te partam — disse. — Raios te partam raios te partam raiostepartam. — Ele chupou-lhe os mamilos até que ela gritou, meio de dor, meio de prazer. A sua rata transformou-se no mundo. Esqueceu-se de Fosso Cailin, de Ramsay Bolton e do seu bocadinho de pele, esqueceu a assembleia de homens livres, esqueceu o seu falhanço, esqueceu o exílio, os inimigos e o marido. Só as mãos dele importavam, só a sua boca, só os seus braços à sua volta, a sua picha

dentro dela. Ele fodeu-a até a pôr a gritar, e depois fodeu-a de novo até a pôr a chorar, antes de finalmente despejar a sua semente no ventre dela.

— Sou uma mulher casada — fez-lhe Asha lembrar, depois. — Pilhaste-me, meu rapazinho imberbe. O senhor meu marido vai cortar-te os tomates e enfiar-te num vestido.

Qarl rolou de cima dela.

— Se conseguir sair da cadeira dele.

O quarto estava frio. Asha levantou-se da cama de Galbart Glover e despiu a roupa rasgada. O justilho precisaria de ataduras novas, mas a túnica estava estragada. *De qualquer maneira nunca gostei dela.* Atirou-a às chamas. O resto deixou num montinho junto da cama. Tinha os seios doridos, e a semente de Qarl estava a escorrer-lhe pelas coxas abaixo. Precisaria de fazer um pouco de chá de lua, senão arriscar-se-ia a trazer ao mundo outra lula gigante. *O que importa? O meu pai está morto, a minha mãe está moribunda, o meu irmão está a ser esfolado e não há nada que eu possa fazer a respeito de nada disso. E estou casada. Casei e fiz amor, embora não com o mesmo homem.*

Quando voltou a enfiar-se sob as peles, Qarl estava a dormir.

— Agora a tua vida é minha. Onde pus o punhal? — Asha encostou-se às costas do homem e enfiou os braços em volta dele. Nas ilhas, era conhecido como Qarl, o Donzel, em parte para o distinguir do Qarl Pastor, do Estranho Qarl Kenning, do Qarl Machado-Ligeiro e do Qarl, o Servo, mas mais devido à cara lisa. Quando Asha o conhecera. Qarl estava a tentar arranjar uma barba. — Penugem de pêssogo — chamara-lhe, rindo. Qarl confessara que nunca vira um pêssogo, então ela dissera-lhe que tinha de se lhe juntar na vez seguinte que viajasse para sul.

Nessa altura ainda era verão; Robert ocupava o Trono de Ferro, Balon matutava na Cadeira de Pedra do Mar, e os Sete Reinos estavam em paz. Asha levava o *Vento Negro* pela costa abaixo, fazendo comércio. Aportaram na Ilha Bela e em Lanisporto e numa vintena de portos menores até chegarem à Árvore, onde os pêssogos eram sempre enormes e doces.

— Vês? — dissera ela, da primeira vez que encostara um à bochecha de Qarl. Quando o obrigara a experimentar dar-lhe uma dentada, o sumo escorrera-lhe pelo queixo abaixo e ela tivera de o limpar com beijos.

Tinham passado essa noite a devorar pêssogos e a devorar-se um ao outro, e quando a luz do dia regressara Asha estava saciada, peganhenta e mais feliz do que alguma vez estivera. *Isso foi há seis anos ou há sete? O verão era uma recordação que se desvanecia, e tinham-se passado três anos desde a última vez que Asha desfrutara de um pêssogo. Mas ainda desfrutava de Qarl. Os capitães e os reis podiam não a ter desejado, mas ele desejava.*

Asha conhecera outros amantes; alguns partilhavam a sua cama durante meio ano, outros durante meia noite. Qarl agradava-lhe mais do que todos os outros juntos. Podia não fazer a barba mais que uma vez por quinzena, mas uma barba hirsuta não faz um homem. Gostava de sentir a pele lisa e suave dele sob os seus dedos. Gostava do modo como o longo cabelo liso que ele tinha

lhe roçava nos ombros. Gostava do modo como ele beijava. Gostava de como sorria quando ela roçava os polegares pelos mamilos dele. Os pelos entre as suas pernas eram de um tom mais escuro de areia do que o cabelo que tinha na cabeça, mas eram finos como penugem quando comparados com o hirsuto matagal preto que rodeava o seu sexo. Asha também gostava disso. Ele tinha um corpo de nadador, longo e esguio, sem uma cicatriz.

Um sorriso tímido, braços fortes, dedos inteligentes e duas espadas seguras. O que mais poderá querer uma mulher? Teria casado com Qarl, e de bom grado, mas era filha do Lorde Balon e ele era de nascimento plebeu, neto de um servo. *Demasiado mal nascido para que me case com ele, mas não demasiado baixo para que lhe chupe a picha.* Bêbada, sorridente, gatinhou para dentro das peles e tomou-o na boca. Qarl mexeu-se no sono, e passado um momento começou a entesar. Quando o conseguiu pôr de novo teso, ele estava acordado e ela molhada. Asha enrolou as peles em volta dos seus ombros nus e montou-o, enfiando-o tão profundamente dentro de si que não conseguia distinguir quem tinha a picha e quem tinha a buceta. Daquela vez, chegaram os dois ao auge juntos.

— Minha querida senhora — murmurou ele depois, numa voz ainda empastelada pelo sono.
— Minha querida rainha.

Não, pensou Asha, eu não sou rainha nenhuma nem nunca o serei.

Volta a dormir. — Beijou-lhe a cara, atravessou descalça o quarto de Galbart Glover e abriu as portadas. A Lua estava quase cheia, a noite tão límpida que conseguia ver as montanhas, os seus picos coroados de neve. *Frias, ermas e inóspitas, mas belas ao luar.* Os cumes reluziam, pálidos e denteados como uma fileira de dentes aguçados. Os sopés e os picos mais baixos estavam perdidos na sombra.

O mar estava mais próximo, apenas a cinco léguas para norte, mas Asha não conseguia vê-lo. Havia demasiadas colinas no caminho. *E árvores, tantas árvores.* Os nortenhos chamavam à floresta mata de lobos.

Na maioria das noites conseguia ouvir os lobos, a chamarem-se uns aos outros na escuridão. *Um oceano de folhas. Bom seria se fosse um oceano de água.*

Bosque Profundo podia ficar mais perto do mar do que Winterfell, mas ainda ficava longe demais para o seu gosto. O ar cheirava a pinheiros em vez de sal. A nordeste daquelas sombrias montanhas cinzentas ficava a Muralha, onde Stannis Baratheon içara os seus estandartes. *O inimigo do meu inimigo é meu amigo*, diziam os homens, mas o outro lado dessa moeda era: *o inimigo do meu amigo é meu inimigo*. Os nascidos no ferro eram os inimigos dos senhores nortenhos de que aquele pretendente Baratheon necessitava desesperadamente. *Podia oferecer-lhe o meu belo e jovem corpo*, pensou, afastando uma madeixa dos olhos, mas Stannis era casado e ela também, e ele e os nascidos no ferro eram velhos inimigos. Durante a primeira rebelião do pai, Stannis esmagara a Frota de Ferro ao largo da Ilha Bela e subjugara Grande Wyk em nome do irmão.

As muralhas cobertas de musgo de Bosque Profundo cercavam uma colina larga e arredondada com um cume achatado, coroado por um cavernoso palácio com uma torre de vigia numa das pontas, erguendo-se quinze metros acima da colina. Por baixo da colina ficava o cercado exterior com os seus estábulos, cercado para cavalos, ferreiro, poço e curral, defendido por uma profunda vala, um dique inclinado de terra e uma paliçada de troncos de árvore. As defesas exteriores formavam uma oval, seguindo os contornos do terreno. Havia dois portões, cada um protegido por um par de torres quadradas de madeira, e com passadiços ao longo do perímetro. No lado sul do castelo, o musgo crescia denso em cima da paliçada e trepava até metade da altura das torres. Para leste e oeste havia campos vazios. Cevada e centeio cresciam aí quando Asha capturara o castelo, apenas para serem esmagados sob o seu ataque. Uma série de duras geadas tinha matado as colheitas que haviam plantado depois, deixando apenas lama e cinzas e caules murchos e apodrecidos.

Era um castelo antigo, mas não um castelo forte. Ela capturara-o aos Glover, e o Bastardo de Bolton capturá-lo-ia a ela. Mas não a esfolaria. Asha Greyjoy não tencionava ser capturada viva. Morreria como vivera, de machado na mão e com uma gargalhada nos lábios.

O senhor seu pai dera-lhe trinta dracares para capturar Bosque Profundo. Restavam quatro, contando com o seu *Vento Negro*, e um deles pertencia a Tris Botley, que se lhe juntara quando todos os seus outros homens estavam a fugir. *Não. Isto não é justo. Eles velejaram para casa para prestar fidelidade ao seu rei. Se alguém fugiu, fui eu.* A memória ainda a envergonhava.

— Vai — instara o Leitor, enquanto os capitães carregavam com o seu tio Euron pela colina cie Nagga abaixo a fim de lhe pôr na cabeça a coroa de madeira trazida pelo mar.

— Diz o corvo ao melro. Vinde comigo. Preciso de vós para recrutar os homens de Harlaw. — Nessa altura pretendia lutar.

— Os homens de Harlaw estão aqui. Aqueles que contam. Alguns estavam a gritar o nome de Euron. Não vou pôr Harlaw contra Harlaw.

— Euron é louco. E perigoso. Aquele corno do inferno...

— Eu ouvi-o. *Vai*, Asha. Depois de Euron ser coroado, irá à tua procura. Não te atrevas a deixar que o seu olho caia sobre ti.

— Se eu resistir com os meus outros tios...

— ... Morrereis proscritos, com todas as mãos contra vós. Quando puseste o teu nome à consideração dos capitães, submeteste-te ao seu julgamento. Não podes revoltar-te agora contra esse julgamento. Só por uma vez foi derrubada a escolha de uma assembleia de homens livres. Lê Haereg.

Só Rodrik, o Leitor, falaria de um livro antigo qualquer quando as suas vidas se equilibravam no gume de uma espada.

— Se vós ides ficar, eu também ficarei.

— Não sejas palerma. Esta noite Euron mostra ao mundo o seu olho sorridente, mas ao chegar a manhã... Asha, tu és filha de Balon, e a tua pretensão ao trono é mais forte do que a dele. Enquanto respirares, continuas a ser um perigo para ele. Se ficares serás morta, ou casada com o Remador Vermelho. Não sei o que seria pior. *Vai*. Nunca voltarás a ter uma oportunidade.

Asha dera o *Vento Negro* à costa do outro lado da ilha, precisamente para uma tal eventualidade. Velha Wyk não era grande. Podia estar a bordo do seu navio antes de o Sol nascer, a caminho de Harlaw antes de Euron se aperceber de que ela desaparecera. Mas hesitara, até que o tio dissesse:

— Fá-lo pelo amor que sentes por mim, filha. Não me obrigues a ver-te morrer.

Portanto ela partira. Primeiro para Dez Torres, para dizer adeus à mãe.

— Pode passar-se muito tempo até que eu regresse — prevenira Asha. A Senhora Alannys não compreendera.

— Onde está o Theon? — perguntara. — Onde está o meu bebezinho? — a Senhora Gwynesse só quisera saber quando regressaria o Lorde Rodrik.

— Sou sete anos mais velha do que ele. Dez Torres devia ser meu.

Asha ainda estava em Dez Torres a embarcar provisões quando lhe chegaram notícias do seu casamento.

— A minha sobrinha desobediente precisa de ser domada — constava que o Olho de Corvo dissera — e eu conheço o homem capaz de a domar. — Casara-a com Erik Ferreiro e nomeara o Quebra-Bigornas para governar as Ilhas de Ferro enquanto ele perseguia dragões. Erik fora um grande homem nos seus tempos, um destemido saqueador que se podia gabar de ter velejado com o avô do avô dela, o mesmo Dagon Greyjoy em honra do qual o Dagon, o Bêbado, fora batizado. As velhas da Ilha Bela ainda assustavam os netos com histórias sobre o Lorde Dagon e os seus homens. *Feri o orgulho de Erik na assembleia dos homens livres*, refletiu Asha. *Não é provável que ele o esqueça*.

Tinha de prestar ao tio a justa homenagem. De uma penada, Euron transformara um rival em apoiante e afastara Asha enquanto ameaça. *E desfrutou também de uma bela gargalhada*. Tris Botley dizia que o Olho de Corvo usara uma foca para a representar no casamento.

— Espero que Erik não tenha insistido numa consumação — dissera ela.

Não posso ir para casa, pensou, mas não me atrevo a ficar aqui muito mais tempo. A quietude da floresta enervava-a. Asha passara a vida em ilhas e em navios. O mar nunca estava em silêncio. O som das vagas a bater numa costa rochosa estava-lhe no sangue, mas não havia vagas em Bosque Profundo... só as árvores, as infindáveis árvores, pinheiros marciais e árvores sentinela, faias, freixos e antigos carvalhos, castanheiros e pau-ferro e abetos. O som que as árvores faziam era mais suave do que o mar, e ela só o ouvia quando o vento soprava; então, os suspiros

pareciam vir de todos os lados, como se as árvores estivessem a murmurar umas com as outras nalguma língua que Asha não conseguia compreender.

Naquela noite, os murmúrios pareciam mais sonoros do que antes. Uma torrente de folhas mortas e castanhas, disse Asha a si própria, ramos nus a ranger ao vento. Afastou-se da janela, afastando-se da floresta. Preciso de voltar a ter um convés debaixo dos pés. Ouy à falta disso, alguma comida na barriga.

O luar estava suficientemente brilhante para encontrar a roupa. Vestiu espessas calças pretas, uma túnica acolchoada e um justilho de couro verde coberto de placas sobrepostas de aço. Deixando Qarl com os seus sonhos, desceu a escada exterior da torre, fazendo ranger os degraus sob os pés descalços. Um dos homens que estava de sentinela nas muralhas viu-a a fazer a descida e ergueu a lança na sua direção. Asha respondeu-lhe com um assobio. Enquanto atravessava o pátio interior até às cozinhas, os cães de Galbart Glover puseram-se a ladrar. *Ótimo*, pensou. *Vão submergir o som das árvores.*

Estava a cortar uma cunha de queijo amarelo de uma rodela tão grande como uma roda de carroça quando Tris Botley entrou na cozinha, envolto num grosso manto de pele.

— Minha rainha.

— Não gozes comigo.

— Vós ireis sempre governar o meu coração. Nenhuma quantidade de palermas a gritar numa assembleia de homens livres pode alterar isso.

O que vou eu fazer com este rapaz? Asha não podia duvidar da devoção dele. Não só se apresentara como seu campeão na colina de Nagga e gritara o seu nome, como até atravessara o mar para se lhe ir juntar depois, abandonando rei, família e lar. *Não que se tenha atrevido a desafiar Euron na sua cara.* Quando o Olho de Corvo levava a frota para o mar, Tris deixara-se simplesmente ficar para trás, só mudando de rumo quando perdera de vista os outros navios. Mas mesmo isso requeria uma certa coragem; nunca mais poderia regressar às ilhas.

— Queijo? — perguntou-lhe. — Também há presunto e mostarda.

— Não é comida que eu quero, senhora. Sabeis disso. — Tris deixara crescer uma espessa barba castanha em Bosque Profundo. Afirmava que o ajudava a manter a cara quente. — Vi-vos da torre de vigia.

— Se estás de turno, o que estás tu a fazer aqui?

— O Cromm está lá em cima, com Hagen, o Corno. De quantos olhos precisamos para ver folhas restolhar ao luar? Temos de conversar.

— Outra vez? — suspirou. — Conheces a filha do Hagen, a do cabelo ruivo. Conduz um navio tão bem como qualquer homem, e tem uma cara bonita. Dezassete anos, e vi-a a olhar para ti.

— Não quero a filha do Hagen. — Quase a tocou, antes de pensar melhor. — Asha, é tempo de partir. Fosso Cailin era a única coisa a reter a maré. Se permanecermos aqui, os nortenhos matar-nos-ão a todos, sabeis disso.

— Queres que eu fuja?

— Quero que vivais. Amo-vos.

Não, pensou ela, amas uma donzela inocente que vive apenas na tua cabeça, uma criança assustada necessitada da tua proteção.

Eu não te amo a ti — disse, sem rodeios — e não fujo.

— O que há aqui para vos agarrardes com tanta força além de pinheiros, lama e inimigos? Temos os nossos navios. Parti comigo, e arranharemos novas vidas no mar.

— *Como piratas? — era quase tentador. Deixar os lobos recuperar as suas florestas sombrias e voltar a conquistar o mar aberto.*

— Como mercadores — insistiu ele. — Viajaremos para leste como o Olho de Corvo fez, mas regressaremos com sedas e especiarias em vez de um corno de dragão. Uma viagem ao Mar de Jade e ficaremos ricos como deuses. Podemos arranjar uma mansão em Vilavelha ou nalguma das Cidades Livres.

— Tu, eu e o Qarl? — Viu-o estremecer quando mencionou o nome de Qarl. — A miúda do Hagen talvez goste de percorrer o Mar de Jade contigo. Eu continuo a ser a filha da lula gigante. O meu lugar é...

— ... *Onde?* Não podemos voltar às ilhas. A menos que pretendais submeter-vos ao senhor vosso esposo.

Asha tentou imaginar-se na cama com Erik Ferreiro, esmagada sob o seu volume, sofrendo os seus abraços. *Antes ele do que o Remador Vermelho ou o Lucas Mão-Esquerda Codd. O Quebra-Bigornas tinha sido em tempos um gigante trovejante, de terrível força e feroz lealdade, e totalmente desprovido de medo. Pode não ser assim tão mau. É provável que ele morra da primeira vez que tente cumprir o seu dever de marido.* Isso transformá-la-ia na viúva de Erik em vez de mulher de Erik, o que podia ser melhor ou bastante pior, dependendo dos netos dele. *E do meu tio. No fim, todos os ventos me sopram outra vez para Euron.*

— Tenho reféns, em Harlaw — fez notar ao rapaz. — E ainda há a Ponta do Dragão Marinho... se não posso ficar com o reino do meu pai, porque não arranjar um meu? — a Ponta do Dragão Marinho nem sempre fora tão escassamente povoada como era agora. Ainda se encontravam velhas ruínas entre os seus montes e pauis, os restos de antigas fortalezas dos Primeiros Homens. Nos lugares elevados havia círculos de represeiros deixados pelos filhos da floresta.

— Estais a agarrar-vos à Ponta do Dragão Marinho como um homem a afogar-se se agarra a um destroço. O que tem o Dragão Marinho que alguém queira? Não há minas, não há ouro, não há prata, nem sequer há estanho ou ferro. A terra é demasiado húmida para trigo ou milho.

Não planeio plantar trigo ou milho.

O que há lá? Eu digo-te. Duas longas linhas de costa, uma centena de angras escondidas, lontras nos lagos, salmão nos rios, mexilhões ao longo da costa, colónias de focas ao largo, grandes pinheiros para construir navios.

— E quem construirá esses navios, minha rainha? Onde irá Vossa Graça encontrar súbditos para o vosso reino, se os nortenhos vos deixarem ficar com ele? Ou será que pretendeis governar um reino de focas e lontras?

Ela soltou uma gargalhada triste.

— Lontras talvez sejam mais fáceis de governar do que homens, admito. E as focas são mais espertas. Não, pode ser que tenhas razão. A minha melhor opção talvez ainda seja regressar a Pyke. Há em Harlaw quem acolheria bem o meu regresso. Em Pyke também. E Euron não conquistou amigos em Blacktyde quando matou o Lorde Baelor. Podia encontrar o meu tio Aeron, revoltar as ilhas. — Ninguém vira o Cabelo-Molhado desde a assembleia de homens livres, mas os seus Afogados afirmavam que estava escondido em Grande Wyk e que avançaria em breve para fazer cair a ira do Deus Afogado sobre o Olho de Corvo e os seus lacaios.

— O Quebra-Bigornas também anda à procura do Cabelo-Molhado. Anda a caçar os Afogados. O Beron Cego Blacktyde foi capturado e interrogado. Até à Velha Gaivota Cinzenta foram dadas grilhetas. Como ides vós encontrar o sacerdote se todos os homens de Euron não conseguem?

— Ele é do meu sangue. Irmão do meu pai. — Era uma resposta débil, e Asha sabia-o.

— Sabeis o que eu penso?

— Estou prestes a ficar a saber, suspeito.

— Penso que o Cabelo-Molhado está morto. Penso que o Olho de Corvo lhe rasgou a goela. A busca do Ferreiro é só para nos levar a crer que o sacerdote escapou. Euron tem medo de ser visto como assassino de parentes.

— Nunca deixes o meu tio ouvir-te a dizer isso. Se disseres ao Olho de Corvo que tem medo de matar parentes, ele assassinará um dos seus próprios filhos só para provar que não tens razão. — Asha estava a sentir-se quase sóbria por aquela altura. Tristifer Botley tinha aquele efeito sobre ela.

— Mesmo se encontrásseis o vosso tio Cabelo-Molhado, ambos falharíeis. Fizestes ambos *parte* da assembleia de homens livres, portanto, não podeis dizer que foi convocada ilegalmente, como Torgon fez. Estais vinculados à sua decisão por todas as leis dos deuses e dos homens. Vós...

Asha franziu o sobrolho.

— *Espera. Torgon? Que Torgon?*

— Torgon, o Atrasado.

— Ele foi um rei durante a Era dos Heróis. — Lembrava-se disso a respeito do homem, mas pouco mais. — O que tem ele?

— Torgon Greyiron era o filho mais velho do rei. Mas o rei era velho e Torgon irrequieto, então calhou que quando o pai morreu ele estava a piratear ao longo do Vago, a partir da sua base em Escudogris. Os irmãos não lhe enviaram nenhuma mensagem; em vez disso, convocaram à pressa uma assembleia de homens livres, pensando que um deles seria escolhido para usar a coroa de madeira trazida pelo mar. Mas os capitães e os reis escolheram Urragon Goodbrother para governar. A primeira coisa que o novo rei fez foi ordenar que todos os filhos do velho rei fossem executados, e foi o que aconteceu. Depois, os homens passaram a chamar-lhe Mau-Irmão, se bem que na verdade eles não fossem da sua família. Governou durante quase dois anos.

Asha já se lembrava.

— Torgon voltou para casa...

— ... E disse que a assembleia dos homens livres era ilegal, visto que ele não estivera lá para fazer a sua pretensão. O Mau-Irmão demonstrara ser tão mau como cruel e restavam-lhe poucos amigos nas ilhas. Os sacerdotes renegaram-no, os senhores revoltaram-se contra ele, e os seus próprios capitães cortaram-no aos pedaços. Torgon, o Atrasado, tornou-se rei e governou durante quarenta anos.

Asha agarrou em Tris pelas orelhas e deu-lhe um beijo em cheio nos lábios. Quando o largou, ele estava corado e sem fôlego.

— O que foi isso? — disse.

— Chama-se beijo. Afoga-me por ser parva, Tris, eu devia ter-me lembrado... — Interrompeu-se de súbito. Quando Tris tentou falar, ela fê-lo calar, à escuta. — Aquilo foi um corno de guerra. Hagen. — O seu primeiro pensamento foi sobre o marido. Poderia Erik Ferreiro ter percorrido toda esta distância para reclamar a sua esposa desobediente? — o Deus Afogado afinal ama-me. Aqui estava eu a perguntar a mim própria o que fazer, e ele enviou-me inimigos para combater. — Asha pôs-se em pé e voltou a enfiar a faca na bainha. — A batalha veio ter conosco.

Já trotava quando chegou ao cercado interno do castelo, com Tris a morder-lhe os calcanhares, mas mesmo assim chegou tarde demais. A luta terminara. Asha descobriu dois nortenhos a sangrar junto do portão oriental, não muito longe da poterna, com Lorren Longaxe, o Harl Seis-Dedos e o Linguatriste em pé por cima deles.

— O Cromm e o Hagen viram-nos a subir a muralha — explicou o Linguatriste.

— Só estes dois? — perguntou Asha.

— Cinco. Matámos dois antes de conseguirem saltar, e o Harl matou outro no passadiço. Estes dois conseguiram chegar ao pátio.

Um homem estava morto, com o sangue e os miolos a cobrir o machado de Lorren, mas o segundo ainda respirava irregularmente, embora a lança do Linguatriste o tivesse prendido ao chão no meio de uma poça de sangue que se expandia. Ambos estavam vestidos de couro fervido

e mantos de retalhos castanhos, verdes e pretos, com ramos, folhas e arbustos entretecidos por cima das cabeças e dos ombros.

— Quem és tu? — perguntou Asha ao ferido.

— Um Flint. Quem és tu?

— Asha da Casa Greyjoy. Isto é o meu castelo.

— Bosque Profundo é a sede de Galbart Glover. Não é casa de lulas.

— Há mais de vós? — perguntou-lhe Asha. Quando o homem não respondeu, pegou na lança do Linguatriste e torceu-a, e o nortenho gritou de dor enquanto mais sangue jorrava do seu ferimento. — Que querieis fazer aqui?

— A senhora — disse ele, estremeando. — Deuses, para. Viemos buscar a senhora. Salvá-la. Éramos só os cinco.

Asha fitou-o nos olhos. Quando viu aí a falsidade, encostou-se à lança, torcendo-a.

— *Quantos mais?* — disse. — Diz-me, senão faço-te durar a morte até à alvorada.

— Muitos — soluçou por fim o homem, entre gritos. — *Milhares*. Três mil, quatro... *aaaaaiii...* por favor...

Arrancou a lança do corpo do homem e espetou-lha com as duas mãos na garganta mentirosa. O mestre de Galbart Glover afirmara que os clãs da montanha eram demasiado quezilentos para algum dia se juntarem sem um Stark a liderá-los. *Podia não ter mentido. Podia simplesmente ter-se enganado*. Ficara a conhecer ao que *isso* sabia na assembleia de homens livres do tio.

— Estes cinco foram enviados para abrir os nossos portões antes do ataque principal — disse. — Lorren, Harl, ide-me buscar a Senhora Glover e o seu mestre.

— Inteiros ou ensanguentados? — perguntou Lorren Longaxe.

— Inteiros e incólumes. Linguatriste, sobe àquela três vezes maldita torre e diz ao Cromm e ao Hagen para manterem olhos atentos virados lá para fora. Se virem nem que seja uma lebre, eu quero saber.

O cercado de Bosque Profundo depressa se encheu de gente assustada. Os seus homens estavam a lutar para se enfiarem em armaduras, ou a trepar aos passadiços. A gente de Galbart Glover olhava-os com rostos medrosos, dirigindo murmúrios uns aos outros. O intendente de Glover teve de ser trazido da cave ao colo por ter perdido uma perna quando Asha tomara o castelo. O mestre protestou ruidosamente até que Lorren lhe deu um forte sopapo na cara com um punho revestido de cota de malha. A Senhora Glover saiu do bosque sagrado apoiada nos braços da sua aia.

— Avisei-vos de que este dia chegaria, senhora — disse, quando viu os cadáveres no chão. O mestre abriu caminho em frente, com sangue a pingar-lhe do nariz partido.

— Senhora Asha, suplico-vos, arriai as bandeiras e deixai que eu negoceie pela vossa vida. Usaste-nos com justiça e com honra. Dir-lhes-ei isso mesmo.

— Trocar-vos-emos pelas crianças. — Os olhos de Sybelle Glover estavam vermelhos, de lágrimas e de noites sem dormir. — Gawen tem agora quatro anos. Perdi o dia do seu nome. E a minha querida menina... devolvi os meus filhos, e não é preciso que nenhum mal vos aconteça. Nem aos vossos homens.

Asha sabia que a última parte era mentira. *Ela* podia ser trocada, talvez, enviada de volta para as Ilhas de Ferro, para os braços cheios de amor do seu marido. Os primos também seriam resgatados, bem como Tris Botley e mais alguns membros do seu grupo, aqueles cujas famílias tivessem dinheiro suficiente para os comprar de volta. Para os outros seria o machado, o laço ou a Muralha. *Ainda assim, eles têm direito a escolher.*

Asha subiu para um barril para que todos pudessem vê-la.

— Os lobos vão cair sobre nós com os dentes à mostra. Estarão junto dos nossos portões antes de o Sol se erguer. Deitamos fora as lanças e machados e suplicamos-lhes que nos poupem?

— Não. — Qarl, o Donzel, puxou pela espada.

— Não — ecoou Lorren Longaxe.

— Não — trovejou Rolfe, o Anão, um autêntico urso, que era uma cabeça mais alto do que qualquer outra pessoa na sua tripulação. — *Nunca.* — E o corno de Hagen voltou a soar lá de cima, ressoando pelo cercado fora.

AAuuuuuuuuuuuuUy soou o corno de guerra, longa e gravemente, um som capaz de coagular sangue. Asha começara a odiar o som dos cornos. Em Velha Wyk, o corno infernal do tio fizera soar um dobre afinados pelos seus sonhos, e agora Hagen estava a soprar aquela que podia perfeitamente vir a ser a sua última hora na terra. *Se tenho de morrer,; morrerei de machado na mão e com uma praga nos lábios.*

— Às muralhas — disse Asha Greyjoy aos seus homens. Virou os passos para a torre de vigia, com Tris Botley logo atrás.

A torre de vigia de madeira era a coisa mais elevada daquele lado das montanhas, erguendo-se seis metros acima das maiores sentinelas e pinheiros marciais na floresta circundante.

— Ali, capitã — disse Cromm, quando ela chegou à plataforma. Asha só viu árvores e sombras, as colinas iluminadas pelo luar e os picos cobertos de neve mais atrás. Depois apercebeu-se de que as árvores se estavam a aproximar.

— O-ho — riu-se — aquelas cabras montesas esconderam-se com ramos de pinheiro. — A floresta estava em movimento, aproximando-se do castelo como uma lenta maré verde. Recordou-se de uma história que ouvira em criança, sobre os filhos da floresta e as suas batalhas com os Primeiros Homens, quando os videntes verdes transformavam as árvores em guerreiros.

— Não podemos combater tantos — disse Tris Botley.

— Podemos combater tantos quantos vierem, cachorrinho — insistiu Cromm. — Quanto mais eles forem, maior será a glória. Os homens cantarão sobre nós.

Sim, mas cantarão sobre a tua coragem ou sobre a minha loucura? O mar ficava a cinco longas léguas de distância. Fariam melhor em resistir e lutar por trás das profundas valas e muralhas de madeira de Bosque Pro-fundo? As muralhas de madeira de Bosque Profundo pouco ajudaram os Glover quando eu tomei o seu castelo, recordou a si própria. Porque have-riam de me ser mais úteis a mim?

Ao chegar a manhã banquetear-nos-emos debaixo do mar. — Cromm afagou o machado como se não conseguisse esperar.

Hagen baixou o corno.

— Se morrermos com os pés secos, como é que encontramos o caminho até aos salões aquáticos do Deus Afogado?

— Estes bosques estão cheios de pequenos riachos — assegurou-lhe Cromm. — Todos eles levam a rios, e todos os rios ao mar.

Asha não estava pronta para morrer, não ali, ainda não.

— Um homem vivo pode encontrar o mar mais facilmente do que um morto. Os lobos que fiquem com a sua floresta sombria. Vamos dirigir-nos para os navios.

Perguntou a si própria quem estaria ao comando do inimigo. *Se fosse eu, tomaria a costa e passaria os nossos dracares pelo archote antes de atacar Bosque Profundo.* Mas os lobos não achariam isso fácil sem disporem de dracares seus. Asha nunca encalhava mais de metade dos seus navios. A outra metade estava em segurança no mar, com ordens para içar a vela e rumar à Ponta do Dragão Marinho se os nortenhos tomassem a costa.

— Hagen, sopra o corno e faz tremer a floresta. Tris, veste cota de malha, está na altura de pores à prova essa tua linda espada. — Como viu como ele estava pálido, deu-lhe um beliscão na bochecha. — Esparrinha comigo algum sangue sobre a Lua e prometo-te um beijo por cada morte.

— Minha rainha — disse Tristifer — aqui temos as muralhas, mas se alcançarmos o mar e descobrirmos que os lobos conquistaram os nossos navios ou os afastaram...

— ... Morreremos — concluiu ela em tom alegre — mas pelo menos morreremos com os pés molhados. Os nascidos no ferro combatem melhor com maresia nas narinas e o som das ondas atrás de si.

Hagen soltou três curtos sopros em rápida sucessão, o sinal que enviaria os nascidos no ferro de volta para os navios. De baixo vieram gritos, o tinir de lanças e espadas, o relinchar de cavalos. *Cavalos a menos e cavaleiros a menos.* Asha dirigiu-se para a escada. No cercado foi encontrar Qarl, o Donzel, à espera com a sua égua cor de avelã, com o seu elmo, e com os seus machados de arremesso. Homens de ferro estavam a tirar cavalos dos estábulos de Galbart Glover.

— Um *aríete* — gritou uma voz das muralhas. — *Eles têm um aríete!*

— Em que portão? — perguntou Asha enquanto montava.

— No norte! — vindo de trás das muralhas de madeira cobertas de musgo de Bosque Profundo soou o súbito som de trombetas.

Trombetas? Lobos com trombetas? Aquilo estava errado, mas Asha não tinha tempo para pensar no assunto.

— Abri o portão sul — ordenou, no instante em que o portão norte estremecia com o impacto do aríete. Puxou um machado de arremesso de cabo curto do cinturão que tinha ao ombro. — A hora da coruja fugiu, irmão. Agora chega a hora da lança, da espada, do machado. Formai. Vamos para casa.

De uma centena de gargantas saíram rugidos de "Casa/" e "Ashaf Tris Botley veio a galope até junto dela num grande garanhão ruão. No cercado, os seus homens juntaram-se, erguendo escudos e lanças. Qarl, o Donzel, que nada tinha de cavaleiro, ocupou o seu lugar entre o Linguatriste e Lorren Longaxe. Estava Hagen a descer a escada da torre de vigia quando uma seta dos lobos o apanhou na barriga e o fez mergulhar de cabeça até ao chão. A filha correu para ele, chorando.

— Trazei-a — ordenou Asha. Aquele não era momento para luto. Rolfe, o Anão, puxou a rapariga para cima do seu cavalo, fazendo esvoaçar o seu cabelo ruivo. Asha ouviu o portão norte a gemer quando o aríete voltou a colidir com ele. *Talvez venhamos a precisar de abrir caminho através deles*, pensou quando o portão sul se escancarou na sua frente. O caminho estava livre. *Por quanto tempo?*

— Para fora! — Asha encostou os calcanhares aos flancos do cavalo.

Homens e montadas trotavam quando chegaram às árvores do outro lado do campo ensopado onde caules mortos de trigo de inverno apodreciam sob a Lua. Asha reteve os cavaleiros no fim da coluna, como retaguarda, a fim de manter os retardatários em movimento e se assegurar de que ninguém era deixado para trás. Grandes pinheiros marciais e velhos carvalhos nodosos fecharam-se à volta deles. Bosque Profundo tinha um nome adequado. As árvores eram enormes e escuras, de certa forma ameaçadoras. Os seus ramos entreteciam-se uns aos outros e rangiam a cada aragem de vento, e os ramos mais elevados arranhavam a face da Lua. *Quanto mais depressa nos virmos livres disto, mais contente ficarei*, pensou Asha. *As árvores odeiam-nos a todos, nas profundezas dos seus corações de madeira.*

Continuaram a avançar para sul-sudoeste até deixarem de ver as torres de madeira de Bosque Profundo e os sons das trombetas serem engolidos pela floresta. *Os lobos têm o seu castelo de volta*, pensou, *talvez se contentem em deixar-nos ir.*

Tris Botley aproximou-se dela a trote.

— Vamos na direção errada — disse, indicando com um gesto a Lua que espreitava através da abóbada de ramos. — Precisamos de virar para norte, para chegarmos aos navios.

— Primeiro para oeste — insistiu Asha. — Para oeste até o Sol nascer. Depois para norte. — Virou-se para Rolfe, o Anão, e para Roggon Barbaferugenta, os seus melhores cavaleiros. — Batei o terreno em frente e assegurai-vos de que o nosso caminho está livre. Não quero surpresas quando chegarmos à costa. Se encontrardes lobos, voltai para junto de mim com essa informação.

— Se tiver de ser — prometeu Roggon através da sua enorme barba ruiva.

Depois dos batedores desapareceram entre as árvores, o resto dos nascidos no ferro reatou a marcha, mas o avanço era lento. As árvores escondiam deles a Lua e as estrelas, e o solo da floresta sob os seus pés era negro e traiçoeiro. Antes de avançarem meia milha, a égua do seu primo Quenton tropeçou numa cova e estilhaçou a pata da frente. Quenton teve de cortar a garganta ao animal para o impedir de gritar.

— Devíamos fazer archotes — sugeriu Tris.

— Fogo fará os nortenhos cair sobre nós. — Asha soltou uma praga em surdina, perguntando a si própria se abandonar o castelo teria sido um erro. *Não. Se tivéssemos ficado e lutado, podíamos estar todos mortos por esta altura.* Mas andar aos tropeções na escuridão também não sema. *Estas árvores matar-nos-ão, se puderem.* Tirou o elmo e puxou para trás o cabelo ensopado em suor. — O Sol nascerá dentro de algumas horas. Paramos aqui, e descansamos até ao romper do dia.

Parar mostrou ser fácil; o descanso chegou com dificuldade. Ninguém dormiu, nem mesmo o Dale Pendedelas, um remador que se tornara conhecido por adormecer entre remadas. Alguns dos homens partilharam um odre do vinho de maçã de Galbart Glover, passando-o de mão em mão. Aqueles que tinham trazido comida partilharam-na com os que não o haviam feito. Os cavaleiros alimentaram os cavalos e deram-lhes de beber. O seu primo Quenton Greyjoy mandou três homens subir às árvores, para procurar quaisquer sinais de archotes na floresta. Cromm afiou o machado e Qarl, o Donzel, a espada. Os cavalos mastigaram erva morta e castanha e ervas daninhas. A filha ruiva de Hagen pegou na mão de Tris Botley para o levar para as árvores. Quando ele a recusou, foi com o Harl Seis-Dedos.

Bem gostaria de poder fazer o mesmo. *Seria bom perder-se nos braços de Qarl uma última vez.*

Asha tinha uma sensação má na barriga. Alguma vez voltaria a sentir o convés do Vento Negro por baixo dos seus pés? E se sentisse, para onde rumaria com ele?

As ilhas estão-me fechadas, a menos que queira dobrar os joelhos e abrir as pernas e aguentar os abraços de Erik Ferreiro, e não é provável que algum porto em Westeros acolha a filha da lula gigante.

Podia tornar-se mercadora, como Tris parecia querer, ou então dirigir-se para os Degraus e juntar-se lá aos piratas. Ou...

— Envio a cada um de vós um bocado de príncipe — murmurou.

Qarl fez um sorriso.

— Preferia ter um bocado de ti — sussurrou — o doce bocado que está...

Algo voou dos arbustos para ir aterrar com um ruído surdo entre eles, saltando e ressaltando. A coisa era redonda, escura e húmida, com longos cabelos que lançavam chicotadas enquanto rolava. Quando parou entre as raízes de um carvalho, o Linguatriste disse:

— Rolfe, o Anão, já não é tão alto como foi um dia. — Metade dos homens de Asha já estava de pé por essa altura, a estender as mãos para escudos, lanças e machados. *Eles também não acenderam archotes*, teve Asha tempo para pensar, *e conhecem esta floresta melhor do que nós algum dia poderíamos conhecer*. Depois as árvores entraram em erupção a toda a volta, e os nortenhos jorraram delas aos uivos. *Lobos*, pensou, *eles uivam como o raio dos lobos*. *O grito de guerra do Norte*. Os seus nascidos no ferro gritaram-lhes de volta e o combate teve início.

Nunca nenhum cantor faria uma canção sobre aquela batalha. Nunca nenhum mestre escreveria um relato para um dos amados livros do Leitor. Nenhum estandarte voou, nenhum corno de guerra gemeu, nenhum grande senhor reuniu os homens à sua volta para ouvirem as suas últimas palavras ressonantes. Combateram na escuridão que antecedia a aurora, sombra contra sombra, tropeçando em raízes e pedras, com lama e folhas putrefactas debaixo dos pés. Os nascidos no ferro estavam vestidos de cota de malha e couro manchado pelo sal, os nortenhos de peles e ramos de pinheiro. A Lua e as estrelas desciam os olhos para o combate, filtrando a sua luz pálida no emaranhado de ramos nus que se retorciam por cima das cabeças dos homens.

O primeiro homem a vir ao encontro de Asha Greyjoy morreu a seus pés com o machado de arremesso dela espetado entre os olhos. Isso deu-lhe suficiente folga para enfiar o escudo no braço.

— *A mim!* — gritou, mas Asha não poderia ter dito com certeza se estava a gritá-lo aos seus homens ou aos inimigos. Um nortenho com um machado ergueu-se na sua frente, brandindo a arma com ambas as mãos enquanto uivava numa fúria inarticulada. Asha ergueu o escudo para bloquear o golpe, após o que se aproximou para o esventrar com o punhal. Os uivos do homem tomaram outro tom quando ele caiu. Asha girou sobre si própria, descobriu outro lobo atrás de si, e golpeou-o na testa por baixo do elmo. O golpe que ele dera apanhou-a abaixo do peito, mas a cota de malha defletiu-o, de modo que ela lhe enfiou a ponta do punhal na garganta e deixou-o a afogar-se no próprio sangue. Uma mão pegou-lhe no cabelo mas, curto como este era, o homem não conseguiu agarrar suficientemente bem para a obrigar a virar a cabeça. Asha atirou-lhe o calcanhar contra o peito do pé, e soltou-se quando ele gritou de dor. Quando se virou, o homem estava caído e a morrer, ainda agarrado a uma mão cheia do seu cabelo. Qarl estava em cima dele, com a espada a pingar e o luar a brilhar-lhe nos olhos.

O Linguatriste ia contando os nortenhos à medida que os matava, gritando "Quatro" quando um caiu e "Cinco" um segundo mais tarde. Os cavalos berravam e escoiceavam e rolavam os olhos de terror, enlouquecidos pela carnificina e pelo sangue... todos menos o grande garanhão ruão de Tris Botley. Tris subira para a sela e a sua montada estava a empinar-se e a girar enquanto ele

golpeava em volta com a espada. *Talvez lhe deva dois ou três beijos antes de a noite acabar*, pensou Asha.

— Sete — gritou o Linguatriste, mas a seu lado Lorren Longaxe estatelou-se com uma perna torcida debaixo de si e as sombras continuaram a vir, gritando e restolhando. *Estamos a combater arbustos*, pensou Asha enquanto matava um homem que tinha em si mais folhas do que a maior parte das árvores em redor. Isso fê-la rir. A gargalhada atraiu mais lobos para ela, e também os matou, perguntando a si própria se deveria dar início a uma contagem sua. *Sou uma mulher casada, e aqui está o meu bebê de peito*. Enterrou o punhal no peito de um nortenho, através de pele, lã e couro fervido. A cara dele estava tão próxima da dela que sentia o fedor amargo do seu hálito, e a mão do homem subira-lhe à garganta. Asha sentiu ferro a raspar em osso quando a ponta do punhal deslizou sobre uma costela. Depois, o homem estremeceu e morreu. Quando o largou estava tão fraca que quase caiu em cima dele.

Mais tarde, viu-se costas contra costas com Qarl, escutando os gemidos e pragas a toda a sua volta, ouvindo os homens corajosos que gatinhavam pelas sombras a chorar pelas mães. Um arbusto arremeteu contra ela com uma lança suficientemente longa para lhe trespassar a barriga e também as costas de Qarl, prendendo-os um ao outro enquanto morriam. *Antes disso do que morrer sozinha*, pensou, mas o primo Quenton matou o lanceiro antes de chegar a ela. Um segundo mais tarde, outro arbusto matou Quenton, enfiando-lhe um machado na base do crânio, por trás.

Atrás dela, o Linguatriste gritou:

— Nove e malditos sejais todos. — A filha de Hagen saltou nua de debaixo das árvores com dois lobos em sua perseguição. Asha soltou um machado de arremesso e fê-lo voar, rodopiando, para apanhar um deles nas costas. Quando o homem caiu, a filha de Hagen tropeçou e caiu de joelhos e agarrou na espada dele, trespassou o segundo homem e depois voltou a erguer-se, manchada de sangue e de lama, com o longo cabelo ruivo solto, e mergulhou na luta.

Algures, nos avanços e recuos da batalha, Asha perdeu Qarl, perdeu Tris, perdeu-os a todos. O seu punhal também se fora, bem como todos os machados de arremesso; em vez deles, tinha uma espada na mão, uma espada curta com uma lâmina larga e espessa, quase como o cutelo de um magarefe. Nem para salvar a vida saberia dizer onde a arranjava. Doía-lhe o braço, a boca sabia-lhe a sangue, tinha as pernas a tremer, e colunas da luz pálida da aurora estavam a cair por entre as árvores. *Pas\$ou-se assim tanto tempo? Há quanto tempo estamos a lutar?*

O seu último inimigo foi um nortenho com um machado, um homem grande, careca e barbudo, vestido com um camisa de cota de malha remendada e enferrujada que só podia querer dizer que era um chefe ou um capitão. Não ficou satisfeito por descobrir-se a combater uma mulher.

— *Putá!* — rugia de todas as vezes que a golpeava, humedecendo-lhe a cara com cuspo. — *Putá! Putá!*

Asha queria gritar-lhe de volta, mas tinha a garganta tão seca que não podia fazer mais do que grunhir. O machado dele estava-lhe a fazer tremer o escudo, fazendo estalar a madeira quando o brandia para baixo, arrancando longas lascas claras quando o puxava de volta. Em breve, Asha teria apenas um emaranhado de acendalhas no braço. Recuou e libertou-se do escudo arruinado e depois recuou um pouco mais e dançou para a esquerda e para a direita e de novo para a esquerda, a fim de evitar o machado que caía sobre ela.

E então, as suas costas colidiram com força com uma árvore, e deixou de conseguir dançar. O lobo ergueu o machado acima da cabeça para lhe abrir a cabeça em duas. Asha tentou deslizar para a esquerda, mas os pés estavam emaranhados numas raízes, encurralando-a. Torceu-se, perdeu o equilíbrio, e a cabeça do machado esmagou-se contra a sua têmpora com um grito de aço a bater em aço. O mundo ficou vermelho e negro e de novo vermelho. Dor estalou-lhe na pele como um relâmpago e muito ao longe ouviu o seu nortenho dizer:

— Sua puta de merda — enquanto erguia o machado para o golpe que acabaria com ela.

Soou uma trombeta.

Isto está errado, pensou. Não há trombetas nos salões aquáticos do Deus Afogado. Sob as vagas, os bacalhaus saúdam o seu senhor soprando em conchas.

Sonhou com corações vermelhos a arder e com um veado negro numa floresta dourada, com chamas a jorrar das suas hastes.

TYRION

Quando chegaram a Volantis, o céu estava purpúreo a oeste e negro a leste, e as estrelas começavam a surgir. *As mesmas estrelas de Westeros*, refletiu Tyrion Lannister.

Podia ter obtido disso algum conforto, se não estivesse amarrado como um ganso e atado firmemente a uma sela. Já desistira de se contorcer. Os nós que o prendiam estavam demasiado apertados. Em vez disso, pusera-se flácido como uma saca de farinha. *A poupar as forças*, dizia a si próprio, embora não pudesse explicar para quê.

Volantis fechava os portões ao escurecer, e os guardas no portão norte estavam a resmungar impacientemente com os retardatários. Juntaram-se à fila atrás de uma carroça carregada de limas e laranjas. Os guardas deixaram a carroça passar acenando-lhe com os archotes, mas examinaram melhor o grande ândalo no seu cavalo de guerra com a espada longa e a sua cota de malha. Foi chamado um capitão. Enquanto ele e o cavaleiro trocavam algumas palavras em volanteno, um dos guardas descalçou a manopla provida de garras para dar uma esfregadela à cabeça de Tyrion.

— Estou cheio de boa fortuna — disse-lhe o anão. — Corta-me as amarras, amigo, e tratarei de que sejas bem recompensado.

O seu captor ouviu-o.

— Poupa as tuas mentiras para aqueles que falam a tua língua, Duende — disse, quando os volantenos os mandaram passar.

De seguida, puseram-se de novo em movimento, atravessando o portão e passando por baixo das enormes muralhas da cidade.

— Vós falais a minha língua. Posso desencaminhar-vos com promessas, ou estais decidido a comprar uma senhoria com a minha cabeça?

— Eu *era* um senhor, por direito de nascença. Não quero títulos vazios.

— Isso é tudo o que é provável que obtenhais da minha querida irmã.

— E eu que tinha ouvido dizer que um Lannister paga sempre as suas dívidas.

— Oh, cada dinheiro... mas nunca um tostão a mais, senhor. Obtereis a refeição que negociastes, mas não trará molho de gratidão, e no fim de contas não vos nutrirá.

— Pode ser que eu só queira ver-te a pagar pelos teus crimes. O assassino de parentes é maldito aos olhos dos deuses e dos homens.

— Os deuses são cegos. E os homens só veem o que querem ver.

— Eu vejo-te com bastante clareza, Duende. — Algo negro esgueirara-se para o tom do cavaleiro. — Fiz coisas de que não me orgulho, coisas que trouxeram a vergonha à minha casa e ao nome do meu pai... mas matar o próprio pai? Como é possível que algum homem faça tal coisa?

— Dai-me uma besta e baixai as calças que eu vos mostro. — *De bom grado.*

— Julgas que isto é uma brincadeira?

— Julgo que a vida é uma brincadeira. A vossa, a minha, a de toda a gente.

No interior das muralhas da cidade passaram por sedes de guildas, mercados e banhos públicos. Fontanários esparrinhavam e cantavam no centro de vastas praças, onde os homens se sentavam em mesas de pedra, movendo peças de *cyvasse* e bebendo vinho de copos de vidro, altos e estreitos, enquanto escravos acendiam ornamentadas lanternas para manter a escuridão afastada. Palmeiras e cedros cresciam ao longo da estrada empedrada, e monumentos erguiam-se em todas as encruzilhadas. O anão reparou que a muitas das estátuas faltavam cabeças, mas mesmo sem cabeças ainda conseguiam parecer imponentes no ocaso purpúreo.

À medida que o cavalo de batalha foi caminhando para sul ao longo do rio, as lojas foram-se tornando mais pequenas e pobres, e as árvores ao longo da rua transformaram-se numa fileira de tocos. O empedrado cedeu lugar a relva sob os cascos do cavalo, e depois a lama mole e húmida da cor dos dejetos de um bebê. As pequenas pontes sobre os riachos que alimentavam o Roine rangiam de forma alarmante sob o peso deles. Onde um forte um dia dominara o rio encontrava-se agora um portão quebrado, escancarado como a boca desdentada de um velho. Vislumbravam-se cabras a espreitar por cima dos baluartes.

Velha Volantis, primeira filha de Valíria, matutou o anão. Orgulhosa Volantis, rainha do Roine e senhora do Mar do Verão, lar de nobres senhores e adoráveis senhoras do mais antigo dos sangues. E deixemos de lado as matilhas de crianças nuas que calcorreavam as vielas gritando em vozes estridentes, ou os espadachins à porta das tabernas a afagar os cabos das espadas, ou os escravos de costas dobradas e caras tatuadas que corriam por todo o lado como baratas. Poderosa Volantis, a mais grandiosa e populosa das Nove Cidades Livres. Antigas guerras tinham

despovoado boa parte da cidade, porém, e grandes áreas de Volantis tinham começado a afundar-se de novo na lama sobre a qual se erguiam. *Bela Volantis, cidade de fontanários e flores.* Mas metade dos fontanários estavam secos, metade das piscinas estavam estaladas e estagnadas. Trepadeiras em flor projetavam gavinhas de cada racha em paredes ou pavimentos, e jovens árvores tinham criado raízes nas paredes de lojas abandonadas ou de templos sem telhados.

E depois havia o cheiro. Pairava no ar quente e húmido, forte, fétido, penetrante. Há nele peixe e flores, e também alguma bosta de elefante. Algo doce e algo terroso e algo morto e pútrido.

Esta cidade cheira como uma velha rameira — anunciou Tyrion. — Como uma desmazelada de carnes descaídas que tivesse ensopado as partes pudendas em perfume para afogar o fedor entre as pernas. Não que me esteja a queixar. Com rameiras, as novas cheiram muito melhor, mas as velhas conhecem mais truques.

— Tu hás de saber mais disso do que eu.

— Ah, claro. Aquele bordel onde nos conhecemos, confundiste-lo com um septo? Era a vossa irmã virgem que se contorcia ao vosso colo?

Aquilo fê-lo franzir o cenho.

— Dá descanso a essa tua língua, a menos que prefiras que eu lhe dê um nó.

Tyrion engoliu a réplica. Ainda tinha o lábio inchado da última vez que fora longe demais com o grande cavaleiro. *Mãos duras e nenhum sentido de humor dão um mau casamento.* Pelo menos isso aprendera na viagem desde Selhorys. Os seus pensamentos dirigiram-se à bota, aos cogumelos que tinha no dedo. O seu captor não o revistara tão meticulosamente como poderia ter revistado. *Há sempre essa fuga. Pelo menos Cersei não me obterá vivo.*

Mais para sul, sinais de prosperidade começaram a reaparecer. Edifícios abandonados foram vistos com menos frequência, as crianças nuas desapareceram, os espadachins nas entradas pareceram estar vestidos de forma mais sumptuosa. Algumas das tabernas por que passaram chegaram mesmo a parecer lugares onde um homem poderia dormir sem medo de que lhe

cortassem a goela. Lanternas baloiçavam de espeques de ferro ao longo da estrada do rio, oscilando quando o vento soprava. As ruas tornaram-se mais largas, os edifícios mais imponentes. Alguns estavam encimados por grandes cúpulas de vidro colorido. No ocaso que se aprofundava, com fogueiras acesas por baixo, as cúpulas brilhavam azuis, vermelhas, verdes e purpúreas.

Mesmo assim, havia qualquer coisa no ar que deixava Tyrion inquieto. A oeste do Roine, bem o sabia, os molhes de Volantis estavam repletos de marinheiros, escravos e mercadores, e todas as tabernas, estalagens e bordéis os serviam. A leste do rio, forasteiros vindos do ultramar eram vistos com menos frequência. *Não nos querem aqui*, compreendeu o anão.

Da primeira vez que passaram por um elefante, Tyrion não conseguiu evitar ficar a olhar. Tinha havido um elefante na coleção de animais de Lanisporto quando ele era rapaz, mas morrera quando ele tinha sete anos... e aquele grande monstro cinzento parecia ter o dobro do seu tamanho.

Mais à frente, puseram-se atrás de um elefante mais pequeno, branco como osso antigo, que puxava uma carroça ornamentada.

— Será um carro de bois o carro de bois que não tenha bois? — perguntou Tyrion ao seu captor. Quando aquela saída ficou sem resposta, voltou a cair no silêncio, contemplando a ondulante garupa do alvo elefante anão na frente deles.

Volantis transbordava de elefantes anões brancos. Quando se aproximaram da Muralha Negra e dos bairros repletos de gente das imediações da Ponte Longa, viram uma dúzia deles. Grandes elefantes cinzentos também não eram incomuns; enormes animais com castelos às costas. E, à meia-luz do princípio da noite, as carroças da bosta tinham saído para a rua, servidas por escravos seminus cujo ofício era encher as carroças com pazadas de montinhos fumegantes

deixados pelos elefantes, tanto grandes como pequenos. Enxames de moscas seguiam as carroças, e por conseguinte os escravos da bosta tinham moscas tatuadas nas bochechas, para os identificar como aquilo que eram. *Ora aqui está um ofício bom para a minha querida irmã*, matutou Tyrion. *Ela ia parecer tão linda com uma pazinha na mão e moscas tatuadas naquelas adoráveis bochechinhas cor-de-rosa.*

Por essa altura tinham abrandado até quase parar. A estrada do rio estava repleta de tráfego, quase todo ele fluindo para sul. O cavaleiro seguiu com o tráfego, um tronco flutuante apanhado pela corrente. Tyrion olhou a multidão por que passava. Nove homens em cada dez tinham marcas de escravos nas bochechas.

— Tantos escravos... para onde se dirigem todos?

— Os sacerdotes vermelhos acendem as fogueiras noturnas ao pôr-do-sol. O Alto Sacerdote deve estar a falar. Eu evitá-lo-ia se pudesse, mas para chegarmos à Ponte Longa temos de passar pelo templo vermelho.

Três quarteirões mais à frente, a rua, à frente deles, abriu-se numa enorme praça iluminada por archotes, e ali estava o templo. *Que os Sete me salvem, aquilo tem de ser três vezes maior do que o Grande Septo de Baelor.* Uma enormidade de colunas, degraus, botaréus, pontes, cúpulas e torres, elementos arquitetónicos que fluíam uns para os outros como se tivessem sido esculpidos de um colossal rochedo, o Templo do Senhor da Luz erguia-se como a Colina de Aegon. Uma centena de tons de vermelho, amarelo, dourado e laranja encontrava-se e fundia-se nas paredes do templo, dissolvendo-se uns nos outros como nuvens ao pôr do sol. As suas torres esguias contorciam-se para cima, chamas congeladas a dançar enquanto tentavam alcançar o céu. *Fogo transformado em pedra.* Enormes fogueiras noturnas ardiam junto das escadas do templo, e entre elas o Alto Sacerdote começara a falar.

Benerro. O sacerdote estava em cima de uma coluna de pedra vermelha, ligada por uma estreita ponte de pedra a um majestoso terraço onde se encontravam os sacerdotes de menos

elevada categoria e os acólitos. Os acólitos estavam vestidos com vestes amarelas claras e de um laranja vivo, os sacerdotes e as sacerdotisas de vermelho.

A grande praça na frente deles estava cheia com uma multidão quase sólida. Eram mais que muitos os adoradores que usavam um farrapo de tecido vermelho pregado às mangas ou atado em volta da cabeça. Todos os olhos estavam postos no alto sacerdote menos os deles.

— Deixai passar — rosnou o cavaleiro enquanto o seu cavalo abria caminho por entre a multidão. — Abri um caminho. — Os volantenos davam passagem com relutância, com resmungos e olhares zangados.

A voz sonora de Benerro projetava-se bem. Alto e magro, tinha uma cara crispada e a pele era branca como leite. Chamas tinham-lhe sido tatuadas nas bochechas, no queixo e na cabeça rapada para criar uma máscara vermelha viva que crepitava em volta dos seus olhos e se lhe enrolava em redor da boca desprovida de lábios.

— Aquilo é uma tatuagem de escravo? — perguntou Tyrion.

O cavaleiro confirmou com a cabeça.

— O Templo Vermelho compra-os em crianças e faz deles sacerdotes, prostitutas do templo ou guerreiros. Olha para ali. — Apontou para os degraus, onde uma fileira de homens envergando armaduras ornamentadas e mantos cor de laranja se mantinha em frente das portas do templo, agarrando lanças com pontas que eram como chamas que se contorciam. — A Mão Fogosa. Os soldados sagrados do Senhor da Luz, defensores do templo.

Cavaleiros de fogo.

— E quantos dedos tem esta mão, dissei-me?

— Mil. Nunca mais, nunca menos. Uma nova chama é acendida por cada uma que se apaga.

Benerro brandiu um dedo à Lua, fez um punho, abriu muito as mãos. Quando a sua voz se ergueu num crescendo, chamas saltaram dos seus dedos com um súbito *uoosh* que fez a multidão prender a respiração. O sacerdote também era capaz de desenhar letras de fogo no céu. *Glifos valirianos*. Tyrion reconheceu talvez dois em dez. Um era *Perdição*, o outro *Escuridão*.

Gritos irromperam da multidão. Mulheres choravam e homens sacudiam os punhos. *Tenho um mau pressentimento sobre isto*. O anão recordou-se do dia em que Myrcella zarpara para Dorne, e do tumulto que rebentara em fervura quando se dirigiam para a Fortaleza Vermelha.

Tyrion recordou-se de que Haldon Semimeistre falara em usar o sacerdote vermelho para benefício do Jovem Griff. Agora que vira e ouvira pessoalmente o homem, essa pareceu-lhe ser uma ideia muito má. Esperava que Griff tivesse mais sensatez. *Há alguns aliados que são mais perigosos do que inimigos. Mas o Lorde Connington terá de entender isso sozinho. Eu é provável que me transforme numa cabeça num espigão*.

O sacerdote apontava para a Muralha Negra por trás do templo, gesticulando para as suas ameias, onde uma mão cheia de guardas couraçados estava a olhar para baixo.

— O que está ele a dizer? — perguntou Tyrion ao cavaleiro.

— Que Daenerys está em perigo. O olho escuro caiu sobre ela e os lacaios da noite estão a planejar a sua destruição, rezando aos seus falsos deuses em templos de enganos... conspirando traições com estrangeiros sem deus...

Os pelos da nuca de Tyrion começaram a pôr-se em pé. *O Príncipe Aegon não encontrará aqui nenhum amigo*. O sacerdote vermelho falava de uma antiga profecia, de uma profecia que previa a chegada de um herói para arrancar o mundo às trevas. *Um herói, não dois. Daenerys tem dragões, Aegon não os tem*. O anão não precisava de ser profeta para prever como Benerro e os

seus seguidores poderiam reagir a um segundo Targaryen. *Griff também compreenderá isso, certamente*, pensou, surpreendido por descobrir como aquilo lhe importava.

O cavaleiro conseguira abrir caminho através da maior parte da multidão ao fundo da praça, ignorando as pragas que lhes eram atiradas enquanto passavam. Um homem pôs-se na frente deles, mas o captor de Tyrion agarrou o cabo da espada e puxou-a só o suficiente para mostrar trinta centímetros de aço nu. O homem desvaneceu-se e, de repente, abriu-se uma viela na frente deles. O cavaleiro pôs a montada a trote e deixaram a multidão para trás. Durante algum tempo Tyrion continuou a ouvir a voz de Benerro a tornar-se mais fraca nas suas costas, e os rugidos que as palavras provocavam, súbitos como trovões.

Chegaram a um estábulo. O cavaleiro desmontou e depois bateu com força a uma porta até que um escravo fatigado com uma cabeça de cavalo na bochecha apareceu a correr. O anão foi tirado rudemente da sela e atado a um poste enquanto o seu captor acordava o dono do estábulo e regateava com ele um preço para o cavalo e a sela. *É mais barato vender um cavalo do que embarcá-lo mundo fora*. Tyrion detetou a presença de um navio no seu futuro imediato. Afinal talvez fosse mesmo um profeta.

Quando o regateio terminou, o cavaleiro pôs ao ombro as armas, o escudo e o alforje e pediu para lhe indicarem onde ficava o ferreiro mais próximo. Este também estava fechado, mas abriu-se com bastante rapidez com o grito do cavaleiro. O ferreiro deitou uma olhadela enviesada a Tyrion, após o que anuiu e aceitou um punhado de moedas.

— Vem cá — disse o cavaleiro ao prisioneiro. Puxou pelo punhal e cortou-lhe as amarras.

— Muito agradecido — disse Tyrion enquanto esfregava os pulsos mas o cavaleiro limitou-se a rir e disse:

— Guarda a gratidão para alguém que a mereça, Duende. Não vais gostar do próximo bocado.

Não se enganava.

As grilhetas eram de ferro negro, grossas e pesadas, pesando cada uma um bom quilo, se o anão sabia algo sobre avaliar pesos. As correntes acrescentavam ainda mais peso.

— Devo ser mais temível do que julgava — confessou Tyrion enquanto os últimos elos eram fechados à martelada. Cada golpe transmitia-lhe um choque pelo braço acima, quase até ao ombro. — Ou estarás com medo que eu largue numa correria em cima destas minhas perninhas atrofiadas?

O ferreiro nem sequer ergueu os olhos do seu trabalho, mas o cavaleiro soltou uma risada sombria.

— É a tua boca que me preocupa, não as tuas pernas. A ferros, és um escravo. Ninguém dará ouvidos a uma palavra que digas, nem mesmo aqueles que falam a língua de Westeros.

— Não há necessidade disto — protestou Tyrion. — Eu serei um bom prisioneirozinho, serei, serei.

— Então prova-o e fecha a boca.

De modo que ele baixou a cabeça e mordeu a língua enquanto as correntes eram fixadas; pulso com pulso, pulso com tornozelo, tornozelo com tornozelo. *Estas malditas coisas pesam mais do que eu.* Em todo o caso, pelo menos continuava a respirar. O seu captor podia ter-lhe cortado a cabeça com igual facilidade. Afinal de contas, a cabeça era tudo o que Cersei exigia. Não a cortar imediatamente fora o primeiro erro do seu captor. *Há meio mundo entre Volantis e Porto Real e podem acontecer muitíssimas coisas no caminho, sor.*

Percorreram a pé o resto do caminho, com Tyrion a ressoar e a retinir enquanto lutava por acompanhar os longos e impacientes passos do seu captor. Sempre que ameaçava ficar para trás,

o cavaleiro agarrava-lhe nas correntes e puxava-as com rudeza, pondo o anão aos tropeções e aos saltos a seu lado. *Podia ser pior. Ele podia estar a incentivar-me a avançar com um chicote.*

Volantis cobria a foz do Roine, onde o rio beijava o mar, com as suas duas metades unidas pela Ponte Longa. A parte mais antiga e mais rica da cidade ficava a leste do rio, mas mercenários, bárbaros e outros rudes estrangeiros não eram lá bem-vindos, portanto tinham de atravessar para oeste.

A entrada da Ponte Longa era um arco de pedra preta esculpido com esfinges, mantícoras, dragões e criaturas ainda mais estranhas. Atrás do arco estendia-se a grande ponte que os valirianos tinham construído no auge da sua glória, cuja estrada de pedra fundida era suportada por enormes pilares. A estrada tinha apenas largura suficiente para duas carroças lado a lado, e sempre que uma carroça que se dirigia para oeste passava por outra que vinha para leste, ambas tinham de abrandar até quase pararem.

Ainda bem que estavam a pé. A um terço do caminho, uma carroça carregada de melões ficara com as rodas presas noutra carregada com uma grande pilha de tapetes de seda, e tinham imobilizado todo o tráfego de carroças. Muito do tráfego apeado tinha também parado, para ver os condutores gritar e amaldiçoarem-se um ao outro, mas o cavaleiro agarrou na corrente de Tyrion e abriu caminho à força através da multidão. No meio do aglomerado, um rapaz tentou chegar-lhe à bolsa, mas um cotovelo duro pôs fim à tentativa, e espalhou o nariz ensanguentado do ladrão por metade da sua cara.

Edifícios erguiam-se de ambos os lados; lojas e templos, tabernas e estalagens, casas de cyvasse e bordéis. A maioria tinha três ou quatro andares de altura, com cada andar mais largo do que o inferior. Os andares superiores quase se beijavam. Atravessar a ponte era como passar por

um túnel iluminado por archotes. Ao longo da estrutura havia lojas e barracas de todos os tipos; tecelões e fabricantes de rendas exibiam os seus artigos ao lado de sopradores de vidro, fabricantes de velas e peixeiros que vendiam enguias e ostras. Cada ourives tinha um guarda à porta, e cada vendedor de especiarias tinha dois, pois os seus bens tinham o dobro do valor. Aqui e ali, por entre as lojas, um viajante podia ter um vislumbre do rio que estava a atravessar. A norte, o Roine era uma larga fita negra brilhante de estrelas, com cinco vezes a largura da Torrente da Água Negra, em Porto Real. A sul da ponte, o rio abria-se para abraçar o mar salgado.

No vão central da ponte, as mãos cortadas de ladrões e carteiristas pendiam como réstias de cebolas de postes de ferro ao longo da estrada. Três cabeças também estavam em exibição; dois homens e uma mulher, cujos crimes estavam escrevinhados em tabuletas penduradas por baixo. Um par de lanceiros fazia-lhes companhia, envergando elmos polidos e lorigões de cota de malha prateada. Nas bochechas tinham riscas de tigre tão verdes como jade. De tempos a tempos, os guardas brandiam as lanças para espantar os francelhos, gaivotas e gralhas pretas que cortejavam os falecidos. As aves regressavam às cabeças momentos depois.

— O que fizeram eles? — inquiriu Tyrion com inocência.

O cavaleiro deitou uma olhadela às inscrições.

— A mulher era uma escrava que levantou a mão contra a dona. O homem mais velho foi acusado de fomentar a rebelião e de espiar para a rainha dos dragões.

— E o novo?

— Matou o pai.

Tyrion dedicou à cabeça putrefacta um segundo olhar. Ora, *quase parece que aqueles lábios estão a sorrir.*

Mais à frente, o cavaleiro fez uma breve pausa para examinar uma tiara cravejada de jóias em exibição sobre uma base de veludo azul. Deixou essa, mas alguns passos mais à frente voltou a falar para regatear um par de luvas na barraca de um coureiro. Tyrion sentiu-se grato pelas pausas. O avanço precipitado deixara-o a arquejar, e os seus pulsos estavam em carne viva devido às grilhetas.

Desde o outro lado da Ponte Longa foi só uma curta caminhada pelos movimentados bairros da zona ribeirinha da margem ocidental, ao longo de ruas iluminadas por archotes repletas de marinheiros, escravos e foliões bêbados. A certa altura, um elefante passou pesadamente por eles com uma dúzia de jovens escravas a acenar do castelo que o animal levava às costas, provocando os transeuntes com vislumbres dos seus seios e gritando: "Malaquo, Malaquo." Eram uma visão tão arrebatadora que Tyrion quase pisou a pilha fumegante de bosta que o elefante deixara a assinalar a sua passagem. Foi salvo no último instante quando o cavaleiro o desviou para o lado, puxando-lhe a corrente com tanta força que o fez cambalear e tropeçar.

— Ainda falta muito? — perguntou o anão.

— É já ali. Praça do Peixeiro.

O destino que levavam revelou ser a Casa do Mercador, uma monstruosidade de quatro andares que se acachapava entre os armazéns, bordéis e tabernas da borda-dagua como se fosse um homem enormemente gordo rodeado de crianças. A sua sala comum era maior do que os grandes salões de metade dos castelos de Westeros, um labirinto mal iluminado com uma centena de nichos privativos e recantos escondidos em cujas vigas enegrecidas e tetos rachados ecoava o burburinho de marinheiros, mercadores, capitães, cambistas, armadores e escravagistas a mentir, praguejar e aldrabarem-se uns aos outros em meia centena de línguas diferentes.

Tyrion aprovou a seleção de hospedaria. Mais cedo ou mais tarde, a *Tímida Donzela* tinha de chegar a Volantis. Aquela era a maior estalagem da cidade, a primeira escolha para marinheiros, capitães e mercadores. Muitos negócios eram feitos naquela cavernosa sala comum que mais

parecia uma coelheira. Sabia o suficiente sobre Volantis para saber disso. Bastaria que Griff ali aparecesse com o Pato e Haldon, e ele bem depressa voltaria a estar livre.

Entretanto, seria paciente. A sua oportunidade chegaria.

Contudo, os quartos lá em cima mostraram ser bastante menos do que grandiosos, em particular os baratos do quarto andar. Encaixado num canto do edifício sob um telhado inclinado, o quarto que o seu captor alugara possuía um teto baixo, um colchão de penas descaído no meio e com um odor desagradável, e um chão de tábuas inclinado que fez lembrar a Tyrion a sua estadia no Ninho de Águia. *Pelo menos este quarto tem paredes.* Também tinha janelas; eram estas o seu principal luxo, bem como a argola de ferro presa à parede, tão útil para acorrentar os escravos de que se é dono. O seu captor só parou o tempo suficiente para acender uma vela de sebo antes de prender as correntes de Tyrion à argola.

— Tendes de fazer isto? — protestou o anão, fazendo chocalhar débilmente as correntes. — Para onde hei de ir, pela janela fora?

— Talvez.

— Estamos no quarto andar e eu não sei voar.

— Podes cair. Quero-te vivo.

Sim, mas porquê? Não é provável que Cersei se importe se estou vivo ou morto. Tyrion fez chocalhar as correntes.

Eu sei quem sois, sor. — Não fora difícil deduzi-lo. O urso no seu sobretudo, as armas no escudo, a senhoria perdida que mencionara. — Sei *o que* sois. E se sabeis quem eu sou, também sabeis que fui Mão do Rei e estive em conselho com a Aranha. Interessar-vos-ia saber que foi o eunuco que me enviou nesta viagem? — *Ele e Jaime, mas deixarei o meu irmão fora disto.* — Sou tanto criatura dele como vós. Não devíamos estar desavindos.

Aquilo não agradou ao cavaleiro.

— Eu aceitei o dinheiro da Aranha, não o negarei, mas nunca fui criatura sua. E as minhas lealdades residem agora noutro sítio.

— Em Cersei? Mais tolo sois. Tudo o que a minha irmã exige é a minha cabeça, e tendes uma bela espada afiada. Porque não pôr já fim a esta farsa e poupar-nos a ambos?

O cavaleiro riu-se.

— Isto é algum truque de anão? Suplicar pela morte na esperança de que te deixe viver? — dirigiu-se à porta. — Eu trago-te qualquer coisa das cozinhas.

— Que bondade a vossa. Esperarei aqui.

— Eu sei que sim. — Mas quando o cavaleiro saiu, trancou a porta atrás de si com uma pesada chave de ferro. A Casa dos Mercadores era famosa pelas suas fechaduras.

— Tão segura como um cárcere, pensou o anão com amargura, mas pelo menos há aquelas janelas..

Tyrion sabia que as possibilidades de escapar às suas correntes eram menos que poucas, mas mesmo assim sentiu-se na obrigação de tentar. Os seus esforços para fazer deslizar uma mão pela grilheta serviram apenas para esfolar mais pele e lhe deixar o pulso escorregadio de sangue, e nem todos os puxões e torções que fez conseguiram arrancar a argola de ferro da parede. *Merda para isto*, pensou, deixando-se cair para trás, até tão longe quanto as correntes deixaram. Começara a sentir câibras nas pernas. Aquela ia ser uma noite diabolicamente desconfortável. *A primeira de muitas, sem dúvida.*

O quarto era abafadiço, por isso o cavaleiro abrira as portadas para deixar entrar alguma brisa. Encaixado num canto do edifício sob os beirais, o aposento tinha a sorte de possuir duas janelas. Uma dava para a Ponte Longa e o coração de muralhas negras da Velha Volantis, do outro lado do rio. A outra abria-se para a praça, lá em baixo. Mormont chamara-lhe Praça dos Peixeiros. Apesar de ter as correntes tão apertadas, Tyrion descobriu que conseguia ver por esta última janela inclinando-se para o lado e deixando que a argola de ferro suportasse o seu peso. *Não é uma queda tão longa como a das celas do céu de Lysa Arryn, mas deixar-me-ia igualmente morto. Talvez se estivesse bêbado...*

Mesmo àquela hora a praça estava cheia de gente, com marinheiros a divertirem-se, rameiras a passear em busca de fregueses e mercadores a tratar dos seus assuntos. Uma sacerdotisa vermelha atravessou-a apressadamente, acompanhada por uma dúzia de acólitos com archotes cujas vestes lhes rodeavam os tornozelos numa agitação. Noutro ponto, um par de jogadores de cyvasse travava uma guerra à porta de uma taberna. Um escravo estava em pé ao lado da sua mesa, segurando uma lanterna por cima do tabuleiro. Tyrion ouviu uma mulher a cantar. As palavras eram estranhas, a melodia suave e triste. *Se eu entendesse o que ela está a cantar talvez chorasse.* Mais perto, uma multidão estava a reunir-se em volta de um par de malabaristas que atiravam archotes a arder um ao outro.

O seu captor regressou depressa, trazendo duas canecas e um pato assado. Fechou a porta com um pontapé, rasgou o pato em dois e atirou metade da ave a Tyrion. lê-la-ia apanhado no ar, mas as correntes prenderam-lhe os *movimentos* quando tentou erguer os braços. Em vez de ser apanhada, a ave atingiu-lhe a testa e escorregou-lhe, quente e gordurenta, pela cara abaixo, e ele teve de se agachar e de se esticar para a apanhar, fazendo tinir as grilhetas. Apanhou-a à terceira tentativa e mergulhou nela os dentes com alegria.

— Há cerveja para empurrar isto para baixo?

Mormont entregou-lhe uma caneca.

— A maior parte de Volantis está a embebedar-se, porque não tu?

A cerveja também era uma doçura. Sabia a fruta. Tyrion bebeu um saudável trago e soltou um arroto feliz.

Esvazio-a e atiro-lha à cabeça, pensou. Se tiver sorte talvez lhe rache o crânio. Se tiver muita sorte, falho a ponta-ria e ele espanca-me até à morte com os punhos. Bebeu outro gole.

— Hoje é algum dia santo?

— É o terceiro dia das eleições deles. Duram dez. Dez dias de loucura. Marchas à luz dos archotes, discursos, saltimbancos, menestréis e dançarinos, espadachins a travar duelos até à

morte pela honra dos seus candidatos, elefantes com os nomes de aspirantes a triarcas pintados nos flancos. Aqueles malabaristas estão a atuar por Methyso.

— Fazei-me lembrar para votar noutro qualquer. — Tyrion lambeu gordura dos dedos. Lá em baixo, a multidão atirava moedas aos malabaristas. — Todos estes aspirantes a triarcas oferecem espetáculos de saltimbancos?

— Fazem o que quer que julguem trazer-lhes votos — disse Mormont. — Comida, bebida, espetáculo... Alios mandou uma centena de escravas bonitas para as ruas para se deitarem com votantes.

— Estou por ele — decidiu Tyrion. — Trazei-me uma escrava.

— As escravas são para volantenos livres com propriedades suficientes para votar. Há pouquíssimos votantes a oeste do rio.

— E prolonga-se por dez dias? — Tyrion riu-se. — Eu talvez gostasse disto, se bem que três reis sejam dois a mais. Estou a tentar imaginar como seria governar os Sete Reinos com a minha querida irmã e o meu valente irmão a meu lado. Um de nós mataria os outros dois em menos de um ano. Surpreende-me que estes triarcas não façam o mesmo.

— Alguns tentaram. Talvez sejam eles os espertos e nós os parvos. Volantis conheceu o seu quinhão de loucuras, mas nunca teve de aguentar um rapaz triarca. Sempre que um louco é eleito, os colegas contêm-no até que o seu ano chega ao fim. Pensa nos mortos que ainda podiam estar vivos se ao menos o Louco Aerys tivesse dois colegas reis para partilhar o governo.

Em vez disso, tinha o meu pai, pensou Tyrion.

Nas Cidades Livres há quem pense que somos todos selvagens do nosso lado do mar estreito — prosseguiu o cavaleiro. — Aqueles que não pensam que somos crianças, a chorar pela mão forte de um pai.

— Ou de uma mãe? — Cersei adorará isso. Especialmente quando ele a presentear com a minha cabeça. — Pareceis conhecer bem esta cidade.

— Passei aqui a maior parte de um ano. — O cavaleiro sacudi as borras no fundo da caneca. — Quando o Stark me levou ao exílio, fugi para

Lys com a minha segunda esposa. Bravos teria sido mais conveniente para mim, mas Lynesse queria um sítio quente. Em vez de servir os bravosianos, combati-os no Roine, mas por cada moeda de prata que ganhava a minha esposa gastava dez. Quando regressei a Lys, tinha arranjado um amante, que me disse alegremente que seria escravizado por dívidas, a menos que abrisse mão dela e abandonasse a cidade. Foi assim que vim para Volantis... um passo à frente da escravidão, sem possuir nada além da minha espada e da roupa que tinha no corpo.

— E agora quereis fugir para casa.

O cavaleiro emborcou o resto da cerveja.

— Amanhã arranjarei um navio para nós. A cama é minha. Podes ficar com qualquer bocado de chão a que as correntes te deixem chegar. Dorme se puderes. Se não, conta os teus crimes. Isso deve dar-te até de manhã.

Tu tens os teus crimes pelos quais responder; Jorah Mormont, pensou o anão, mas parecia mais sensato guardar esse pensamento para si.

Sor Jorah pendurou o cinturão da espada numa coluna da cama, fez voar as botas, puxou a cota de malha pela cabeça e saiu de dentro da lã, do couro e da túnica interior manchada de suor para revelar um torso musculoso e cheio de cicatrizes coberto de pelos escuros. *Se conseguisse esfolá-lo podia vender aquela pelagem fazendo-a passar por um casaco de peles*, pensou Tyrion enquanto Mormont se deixava cair no conforto ligeiramente malcheiroso do seu colchão descaído.

Não demorou tempo algum até o cavaleiro estar a rressonar, deixando o prisioneiro sozinho com as suas correntes. Com ambas as janelas escancaradas, a luz da Lua minguante derramava-se pelo quarto. Sons subiam da praça lá em baixo; trechos de canções ébrias, os miados de uma gata no cio, o ressoar distante de aço em aço. *Alguém está prestes a morrer*, pensou Tyrion.

O pulso latejava onde ele rasgara a pele, e as grilhetas tornavam impossível sentar-se, quanto mais deitar-se. O melhor que conseguiu fazer foi torcer-se para o lado para se encostar à parede, e não demorou muito tempo a perder toda a sensibilidade nas mãos. Quando se mexeu para aliviar a tensão, a sensibilidade regressou num jorro de dor. Teve de ranger os dentes para não gritar. Perguntou a si próprio quanto doera ao pai quando o dardo lhe mergulhara nas virilhas, o que Shae sentira quando torcera a corrente em volta da sua garganta mentirosa, o que Tysha

sentira enquanto a violavam. O seu sofrimento nada era comparado com os deles, mas isso não fazia com que doesse menos. *Só quero que pare.*

Sor Jorah *rolara* para um lado, de modo que tudo o que Tyrion conseguia ver dele eram umas costas largas, peludas e musculosas. *Mesmo se conseguisse escapar-me a estas correntes, precisava de amarinhar por cima dele para chegar ao cinturão da espada. Talvez se conseguisse libertar o punhal...* Ou então podia tentar chegar à chave, destrancar a porta, esgueirar-se pela escada abaixo e através da sala comum...

e ir para onde? Não tenho amigos, não tenho dinheiro, nem sequer falo a língua local.

A exaustão finalmente derrotou as dores e Tyrion deixou-se cair num sono irregular. Mas de todas as vezes que mais uma câibra se enraizava na barriga de uma perna e a torcia, o anão gritava no sono, tremendo nas correntes. Acordou com dores em todos os músculos, e foi encontrar a manhã a jorrar pelas janelas, brilhante e dourada como o leão de Lannister. Vindos lá de baixo, conseguia ouvir os gritos de peixeiros e o trovejar de rodas orladas de ferro no empedrado.

Jorah Mormont estava em pé por cima dele.

— Se te tirar da argola, fazes o que te disser?

— Isso irá incluir dança? Posso achar difícil dançar. Não consigo sentir as pernas. Pode ser que tenham caído. Fora isso, sou vossa criatura. Pela minha honra de Lannister.

— Os Lannister não têm honra. — Sor Jorah soltou-lhe as correntes. Tyrion deu dois passos vacilantes e caiu. O sangue que lhe regressava às mãos levou-lhe lágrimas aos olhos. Mordeu o lábio e disse:

— Seja qual for o sítio para onde vamos, tereis de me rolar até lá.

Mas em vez disso, o grande cavaleiro carregou-o, içando-o pelas correntes que lhe prendiam os pulsos.

A sala comum da Casa dos Mercadores era um labirinto mal iluminado de nichos e recantos construído em volta de um pátio central onde uma latada de trepadeiras em flor gerava padrões intrincados no chão de lajes e musgos verdes e purpúreos cresciam entre as pedras. Raparigas escravas corriam entre a luz e a sombra, transportando jarros de cerveja e vinho e uma bebida verde gelada que cheirava a menta. Uma mesa em vinte estava ocupada àquela hora da manhã.

Uma dessas mesas estava ocupada por um anão. Escanhoado e de bochechas cor-de-rosa, com uma cabeleira castanha clara, uma testa pesada e um nariz metido para dentro, empoleirava-se num banco elevado com uma colher de madeira na mão, a contemplar uma tigela de papas de aveia arroxeadas com olhos debruados de vermelho. *Bastardinho feio*, pensou Tyrion.

O outro anão sentiu o seu olhar. Quando ergueu a cabeça e viu Tyrion, a colher escorregou-lhe da mão.

— Ele viu-me — disse Tyrion a Mormont, num aviso.

— E depois?

— Ele *conhece-me*. Sabe quem sou.

— Queres que te enfie num saco para que ninguém te veja? — o cavaleiro tocou o cabo da espada. — Se pretende tentar capturar-te, que tente à vontade.

— Que morra à vontade, queres tu dizer, pensou Tyrion. Que ameaça pode ele constituir para um grandalhão como tu? É só um anão.

Sor Jorah ocupou uma mesa num canto sossegado e pediu comida e bebida. Quebraram o jejum com pão folha mole e quente, ovas cor-de-rosa, salsichas com mel e gafanhotos fritos, empurrados para baixo com uma cerveja preta agri-doce. Tyrion comeu como um homem meio morto de fome.

— Tens um saudável apetite hoje de manhã — observou o cavaleiro.

— Ouvi dizer que a comida no inferno é uma desgraça. — Tyrion deitou um olhar à porta, por onde um homem acabara de entrar. Alto e corcovado, a sua barba pontiaguda estava pintada de um púrpura sujo. *Um mercador tyroshi qualquer*. Unia rajada de som chegou com ele do exterior; os gritos de gaivotas, um riso de mulher, as vozes dos peixeiros. Durante meio segundo, Tyrion pensou ter vislumbrado Illyrio Mopatis, mas era só um dos elefantes anões brancos a passar pela porta da frente.

Mormont espalhou um pouco de ovas de peixe numa fatia de pão folha e deu-lhe uma dentada.

— Estás à espera de alguém?

Tyrion encolheu os ombros.

— Nunca se sabe quem o vento pode trazer. O meu verdadeiro amor, o fantasma do meu pai, um pato. — Enfiou um gafanhoto na boca e esmagou-o. — Não é mau. Para bicho.

— Na noite passada só se conversava aqui sobre Westeros. Um senhor exilado qualquer contratou a Companhia Dourada para lhe reconquistar as terras. Metade dos capitães de Volantis estão a correr rio acima para Volon Therys para lhe oferecer os navios.

Tyrion acabara de engolir outro gafanhoto. Quase se engasgou com ele. *Estará a troçar de mim? Quanto poderá ele saber sobre Griff e Aegon?*

— Merda — disse. — Queria contratar a Companhia Dourada para me conquistar o Rochedo Casterly. — *Poderá isto ser algum estratagema de Griff, notícias falsas espalhadas deliberadamente? A menos que...* Poderia o principelho bonito ter engolido o isco? Poderia tê-los virado para oeste e não para leste, abandonando a esperança de casar com a Rainha Daenerys? *Abandonando os dragões... permitiria Griff tal coisa?* — De bom grado vos contrataria também, sor. O domínio do meu pai é legitimamente meu. Ajuramentai-me a vossa espada, e quando o reconquistar afogar-vos-ei em ouro.

— Eu uma vez vi um homem afogado em ouro. Não foi uma cena bonita. Se alguma vez tiveres a minha espada será espetada nas tripas.

— Uma cura segura para a prisão de ventre — disse Tyrion. — Perguntai ao meu pai. — Estendeu a mão para a caneca e bebeu lentamente, para ajudar a ocultar o que quer que pudesse estar a deixar transparecer na cara. Tinha de ser um estratagema, destinado a acalmar as suspeitas volantenhas. *Pôr os homens a bordo com este falso pretexto e capturar os navios quando a frota estiver no mar. Será esse o plano de Griff?* Poderia resultar. A Companhia Dourada tinha dez mil homens, experientes e disciplinados. *Mas nenhum deles é marinheiro. O Griff terá de manter uma espada em cada garganta, e se chegarem à Baía dos Escravos e tiverem de lutar...*

A criada regressou.

— A viúva recebe-vos em seguida, nobre sor. Trouxestes-lhe um presente?

— Sim. Obrigado. — Sor Jorah enfiou uma moeda na palma da mão da rapariga e mandou-a embora.

Tyrion franziu o sobrolho.

— Quem é esta viúva?

— A viúva da borda d'agua. A leste do Roine ainda lhe chamam a rameira de Vogarro, embora nunca o façam na frente dela.

O anão não se sentiu esclarecido.

— E Vogarro era...?

— Um elefante, sete vezes triarca, muito rico, um poder nas docas. Enquanto outros homens construíam os navios e os manobravam, ele construiu cais e armazéns, intermediou cargas, trocou dinheiro, segurou armadores contra os perigos do mar. Também negociava com escravos. Quando se perdeu de amores por uma delas, uma escrava de cama treinada em Yunkai no caminho dos sete suspiros, foi um grande escândalo... e um escândalo maior quando a libertou e a tomou como esposa. Depois de ele morrer, ela continuou os seus negócios. Nenhum liberto pode viver no interior da Muralha Negra, portanto, foi obrigada a vender a mansão de Vogarro. Estabeleceu residência na Casa dos Mercadores. Isso foi há trinta e dois anos, e permanece aqui até hoje. É ela que está atrás de ti, perto do pátio, a conceder audiências na sua mesa habitual. Não, não olhes. Está alguém com ela agora. Quando ele acabar, será a nossa vez.

— E esta velha pega vai ajudar-vos como?

Sor Jorah pôs-se em pé.

— Espera e verás. Ele está a ir-se embora.

Tyrion saltou de cima da cadeira com um retinir de ferro. *Isto deve ser esclarecedor.*

Havia algo de vulpino no modo como a mulher se sentava no seu canto junto ao pátio, algo de reptiliano nos seus olhos. O cabelo branco era tão fino que o rosado do couro cabeludo se via através dele. Sob um olho ainda ostentava ténues cicatrizes no local onde uma faca lhe cortara as lágrimas. Os restos da refeição matinal juncavam a mesa; cabeças de sardinha, caroços de azeitona, bocados de pão folha. Tyrion não deixou de reparar em como a sua "mesa do costume" era bem escolhida; pedra sólida nas costas, um nicho cheio de folhas a um lado para as entradas e saídas, uma perfeita vista da porta dianteira da estalagem, mas tão embebida em sombras que a própria viúva era praticamente invisível.

Vê-lo fez a velha sorrir.

— Um anão — ronronou, numa voz tão sinistra como suave. Falava o idioma comum com não mais que um vestígio de sotaque. — Volantis parece ter sido invadida por anões nos últimos tempos. Este faz truques?

Sim, quis Tyrion dizer. Dá-me uma besta, e eu mostro-te o meu truque favorito.

Não — respondeu Sor Jorah.

— É pena. Em tempos tive um macaco que conseguia fazer todos os tipos de truques inteligentes. O vosso anão faz-me lembrar dele. É um presente?

— Não. Trouxe-vos isto. — Sor Jorah apresentou o par de luvas e bateu com elas na mesa, ao lado dos outros presentes que a viúva recebera naquela manhã; uma taça de prata, um leque ornamentado, esculpido em folhas de jade tão finas que se tornavam translúcidas, e um antigo punhal de bronze marcado com runas. Ao lado de tais tesouros, as luvas pareciam baratas e de mau gosto.

— Luvas para as minhas pobres mãos velhas e enrugadas. Que bom. — A viúva não fez nenhum movimento para lhes tocar.

— Comprei-as na Ponte Longa.

— Um homem consegue comprar quase qualquer coisa na Ponta Longa. Luvas, escravos, macacos. — Os anos tinham-lhe dobrado a espinha e posto uma corcova de bruxa nas costas, mas os olhos da viúva eram brilhantes e negros. — Agora disse a esta velha viúva como é que ela vos pode ser útil.

— Precisamos de passagem rápida para leste, para Meereen.

Uma palavra. O mundo de Tyrion Lannister virou-se do avesso.

Uma palavra. *Meereen*. Ou teria ouvido mal?

Uma palavra. *Meereen*, ele disse *Meereen*, vai levar-me para *Meereen*. Meereen queria dizer vida. Ou esperança de vida, pelo menos.

— Porquê vir ter comigo? — disse a viúva. — Não possuo navios.

— Tendes muitos capitães como devedores.

Entregar-me à rainha, diz ele. Pois, mas qual rainha? Não me está a vender a Cersei. Está a oferecer-me a Daenerys Targaryen. Foi por isso que não me cortou a cabeça. Vamos para leste, e o Griffe o seu príncipe vão para oeste, os malditos idiotas.

Oh, aquilo tudo era demasiado. *Planos dentro de planos, mas todas as estradas descem pela goela do dragão*. Uma gargalhada jorrou dos seus lábios, e de súbito Tyrion deixou de conseguir parar de rir.

— O vosso anão está a ter um ataque — observou a rainha.

— O meu anão vai calar-se, senão tratarei de amordaçá-lo.

Tyrion tapou a boca com as mãos. *Meereen!*

A viúva da borda d'agua decidiu ignorá-lo.

— Bebemos um pouco? — perguntou. Grãozinhos de poeira flutuaram pelo ar quando uma criada encheu dois copos de vidro verde para Sor Jorah e para a viúva. A garganta de Tyrion estava seca, mas não lhe foi oferecido nenhum copo. A viúva bebeu um gole, fez rolar o vinho na boca, engoliu. — Todos os outros exilados partem para oeste, ou pelo menos foi o que estes velhos ouvidos ouviram dizer. E todos esses capitães devedores estão a cair uns sobre os outros para os levar para lá e sugar um pouco de ouro dos cofres da Companhia Dourada. Os nossos nobres triarcas prometeram à causa uma dúzia de navios de guerra, para levar a frota em segurança até aos Degraus. Até o velho Doniphos deu o seu assentimento. Que gloriosa aventura. E, no entanto, vós quereis ir para o outro lado, sor.

— Os meus negócios estão a leste.

— Pergunto a mim própria que negócios serão esses. Não são escravos, a rainha prateada pôs fim a isso. Também fechou as arenas de combate, por isso não pode ser gosto por sangue. O que mais poderia Meereen oferecer a um cavaleiro de Westeros? Tijolos? Azeitonas? *Dragões*? Ah, aí está. — O sorriso da velha tornou-se ferino. — Ouvi dizer que a rainha prateada os alimenta com a carne de bebês, enquanto ela se banha no sangue de virgens e escolhe um amante diferente todas as noites.

A boca de Sor Jorah endurecera.

— Os yunkaitas estão a despejar-vos veneno nos ouvidos. A senhora não devia acreditar em tais imundícies.

— Eu não sou nenhuma senhora, mas até a rameira de Vagarro conhece o sabor da falsidade. Mas isto é verdade: a rainha dos dragões tem inimigos... Yunkai, Nova Ghis, Tolos, Qarth... sim, e Volantis, muito em breve. Quereis viajar para Meereen? Esperai um pouco, sor. Bem depressa se irão pedir espadas, quando os navios de guerra dobrarem os remos para leste a fim de derrubar a rainha prateada. Os tigres adoram usar as suas garras, e mesmo os elefantes matarão se forem ameaçados. Malaquo anseia por provar a glória, e Nyessos deve muita da sua riqueza ao tráfico de escravos. Se Alios, Parquello ou Belicho conquistarem a triarquia, as frotas zarparão.

Sor Jorah franziu-o cenho.

— Se Doniphos for reeleito...

— Vagarro será reeleito primeiro, e o meu querido senhor está morto há trinta anos.

Atrás deles, um marinheiro qualquer estava a berrar ruidosamente.

— Chamam a isto cerveja? *Foda-se!* Um macaco era capaz de mijar uma cerveja melhor.

— E tu bebê-la-ias — replicou outra voz.

Tyrion virou-se para olhar, esperando contra a esperança que estivesse a ouvir o Pato ou Haldon. Em vez disso, viu dois estranhos... e o anão, que estava em pé a alguns metros de distância, fitando-o intensamente. Parecia de algum modo familiar.

A viúva beberricou delicadamente o vinho.

— Alguns dos primeiros elefantes foram mulheres — disse — aqueles que derrubaram os tigres e puseram fim às velhas guerras. Trianna foi reeleita quatro vezes. Infelizmente isso foi há trezentos anos. Volantis não tem triarcas do sexo feminino desde essa altura, embora algumas mulheres tenham direito de voto. Mulheres de bom nascimento que habitam em antigos palácios por trás das Muralhas Negras, não criaturas como eu. O Sangue Antigo terá os seus cães e as suas crianças a votar antes de algum liberto o fazer. Não, será Belicho ou talvez Alios, mas de qualquer maneira haverá guerra. Pelo menos é o que eles julgam.

— O que julgais vós? — perguntou Sor Jorah.

Muito bem, *pensou Tyrion*. É a pergunta certa.

— Oh, eu também julgo que haverá guerra, mas não da maneira que eles querem. — A velha debruçou-se para a frente, com os olhos negros a reluzir. — Julgo que aquele R'hllor vermelho tem mais adoradores nesta cidade do que todos os outros deuses juntos. Ouvistes Benerro pregar?

— Ontem à noite.

— Benerro consegue ver o amanhã nas chamas — disse a viúva. — O Triarca Malaquo tentou contratar a Companhia Dourada, sabíeis? Queria limpar o templo vermelho e passar Benerro pela espada. Não se atreve a usar os mantos de tigre. Metade deles também adoram o Senhor da Luz. Oh, estes são dias terríveis na Velha Volantis, mesmo para velhas viúvas encarquilhadas. Mas não são nem de perto tão terríveis como em Meereen, parece-me. Portanto, disse-me, sor... porque ides em busca da rainha prateada?

— Isso é problema meu. Posso pagar pela nossa passagem, e pagar bem. Tenho prata suficiente. *Parvo, pensou Tyrion. O que ela quer não é dinheiro, é respeito. Não ouviste uma palavra do que disse?*

Voltou a deitar uma olhadela por sobre o ombro. O anão aproximara-se da mesa deles. E parecia ter uma faca na mão. Os pelos na sua nuca começaram a eriçar-se.

— Ficai com a vossa prata. Eu tenho ouro. E poupai-me aos olhares sombrios, sor. Sou velha demais para me deixar assustar por uma carranca. Sois um homem duro, bem vejo, e sem dúvida que usais com perícia essa longa espada que tendes à anca, mas estes são os meus domínios. Basta-me dobrar um dedo, e talvez deis por vós a viajar para Meereen acorrentado a um remo no porão de uma galé. — Ergueu o leque de jade e abriu-o. Ouviu-se o restolhar de folhas, e um homem deslizou da arcada coberta de vegetação, pondo-se à esquerda dela. A sua cara era uma massa de cicatrizes, e tinha uma espada na mão, curta e pesada como um cutelo. — Alguém vos disse: *Procura a viúva da borda d água*, mas também vos deviam ter avisado: *Cuidado com os filhos da viúva*. Mas a manhã está tão boa que vou voltar a perguntar. Porque procurais Daenerys Targaryen, a qual meio mundo quer ver morta?

A cara de Jorah Mormont estava repleta de ira, mas respondeu.

— Para a servir. Para a defender. Para morrer por ela, se tiver de ser.

Aquilo fez a viúva rir.

— Quereis *salvá-la*, é isso? De mais inimigos do que consigo nomear, com espadas sem conta... é *nisso* que quereis levar a pobre viúva a crer? Que sois um fiel e cavaleiresco cavaleiro de

Westeros a atravessar meio mundo para ir em auxílio desta... bem, ela não é donzela alguma, embora ainda possa ser bela. — Voltou a rir-se. — Julgais que o vosso anão lhe irá agradar? Julgais que ela irá querer banhar-se no sangue dele, ou contentar-se-á em lhe cortar a cabeça?

Sor Jorah hesitou.

— O anão é...

— ... Eu sei quem é o anão, e o que ele é. — Os olhos negros da velha viraram-se para Tyrion, duros como pedra. — Assassino de parentes, regicida, homicida, vira casaca. *Lannister*. — Transformou a última palavra numa praga. — O que planeias *tu* oferecer à rainha dos dragões, homenzinho?

O *meu ódio*, quis Tyrion dizer. Mas em vez disso abriu tanto as mãos quanto as grilhetas consentiam.

— Qualquer coisa que ela queira obter de mim. Conselhos sábios, humor selvagem, um pouco de acrobacia. A meu pau, se a quiser. Se não quiser, a minha língua. Liderar-lhe-ei os exércitos ou esfregar-lhe-ei os pés, como desejar. E a única recompensa que peço é poder ser autorizado a violar e matar a minha irmã.

Aquilo devolveu o sorriso à cara da velha.

— Este, pelo menos, é honesto — anunciou — mas vós, sor... conheci uma dúzia de cavaleiros de Westeros e um milhar de aventureiros da mesma laia, mas nenhum tão puro como vos pintais. Os homens são animais, egoístas e brutais. Por suaves que sejam as palavras, há sempre motivos mais tenebrosos por baixo. Não confio em vós, sor. — Enxotou-os com o leque, como se não passassem de moscas a zumbir em volta da sua cabeça. — Se quereis chegar a Meereen, nadai. Não tenho ajuda para vos dar.

Nesse momento, os sete infernos rebentaram em simultâneo.

Sor Jorah começou a levantar-se, a viúva fechou o leque num movimento brusco, o seu homem coberto de cicatrizes deslizou para fora das sombras... e atrás deles uma rapariga gritou. Tyrion girou sobre si próprio mesmo a tempo de ver o anão a precipitar-se para ele. *É uma rapariga, apercebeu-se de repente, uma rapariga vestida com roupa de homem. E quer esventrar-me com aquela faca.*

Durante meio segundo, Sor Jorah, a viúva e o homem coberto de cicatrizes ficaram imóveis como pedras. Gente ociosa observava de mesas próximas, bebendo cerveja e vinho, mas ninguém fez um movimento para interferir. Tyrion teve de mover ambas as mãos ao mesmo tempo, mas as suas correntes tinham folga apenas suficiente para alcançar o jarro que estava na mesa. Fechou a mão em volta dele, olhou, atirou o conteúdo à cara da anã em arremetida, e depois atirou-se para o lado a fim de evitar a faca dela. O jarro estilhaçou-se por baixo dele quando o chão subiu para o atingir na cabeça. Depois, a rapariga caiu de novo sobre ele. Tyrion rolou para um lado quando ela enterrou a lâmina da faca nas tábuas do soalho, a soltou, voltou a erguê-la...

... E de repente perdeu contacto com o chão, com as pernas a sacudirem-se violentamente enquanto lutava contra as mãos de Sor Jorah, que a agarravam.

— Não! — gemeu, no idioma comum de Westeros. — Larga-me! — Tyrion ouviu a túnica da rapariga a rasgar-se enquanto ela lutava por se libertar.

Mormont pegou-lhe pelo colarinho com uma mão. Com a outra arrancou-lhe o punhal dos dedos.

— Basta.

O dono do estabelecimento fez então a sua aparição, com uma moça na mão. Quando viu o jarro partido, proferiu uma praga cáustica e exigiu saber o que tinha acontecido ali.

— Luta de anões — respondeu o tyroshi da barba púrpura, entre risinhos.

Tyrion olhou, pestanejando, a rapariga que pingava e se contorcia no

ar.

— Porquê? — perguntou. — Que te fiz eu?

— Eles mataram-no. — Quando disse aquilo, toda a luta se lhe escoou do corpo. Deixou-se pender sem forças das mãos de Mormont, enquanto os olhos se lhe enchiam de lágrimas. — O meu irmão. Apanharam-no e mataram-no.

— Quem foi que o matou? — perguntou Mormont.

— Marinheiros. Marinheiros vindos dos Sete Reinos. Eram cinco, bêbados. Viram-nos a justar na praça e seguiram-nos. Quando se aperceberam de que eu era uma rapariga, deixaram-me ir, mas levaram o meu irmão e mataram-no. *Cortaram-lhe a cabeça.*

Tyrion sentiu um súbito choque de reconhecimento. *Eles viram-nos a justar na praça.* Compreendeu então quem a rapariga era.

— Montavas o porco? — perguntou-lhe. — Ou o cão?

— O cão — soluçou a anã. — Era sempre o Oppo a montar o porco.

Os anões do casamento de Joffrey. Fora o espetáculo deles que dera iní-cio a todos os problemas naquela noite. Que estranho voltar a encontrá-los a meio mundo de distância. Embora talvez não fosse assim tão estranho. Se tivessem metade dos miolos do porco, teriam fugido de Porto Real na noite em que Joffrey morrera, antes de Cersei poder atribuir-lhes alguma parte da culpa pela morte do filho.

Ponde-a no chão, sor — disse a Sor Jorah Mormont. — Ela não nos fará nenhum mal.

Sor Jorah deixou cair a anã ao chão.

— Lamento pelo teu irmão... mas não participámos no seu assassinio.

— Ele participou. — A rapariga pôs-se de joelhos, apertando a túnica rasgada e ensopada em vinho aos seus pequenos seios pálidos. — Era a ele que queriam encontrar. Julgaram que Oppo era *ele*. — A rapariga estava agora a chorar, a suplicar ajuda a qualquer pessoa que lhe quisesse dar ouvidos. — Ele devia morrer, como o meu pobre irmão morreu. Por favor. Alguém que me ajude. Alguém que o mate. — O proprietário agarrou-a rudemente por um braço e pô-la em pé, gritando em volantino, exigindo saber quem ia pagar por aqueles danos.

A viúva da borda dagua deitou a Mormont um olhar frio.

— Dizem que os cavaleiros defendem os fracos e protegem os inocentes. E eu sou a mais bela donzela de toda a Volantis. — A gargalhada dela estava cheia de escárnio. — Que nome te dão, pequena?

— Centava.

A velha gritou ao proprietário na língua da Velha Volantis. Tyrion sabia o suficiente para compreender que lhe estava a dizer para levar a anã para os seus aposentos, lhe dar vinho e lhe arranjar alguma roupa para usar.

Quando se foram embora, a viúva estudou Tyrion com os olhos negros a brilhar.

— Os monstros deviam ser maiores, parece-me. Vós valeis uma senhoria em Westeros, homenzinho. Aqui, temo bem, o vosso valor é algo menor. Mas acho que afinal é melhor que vos ajude. Volantis não é lugar seguro para anões, segundo parece.

— Sois demasiado bondosa. — Tyrion dirigiu-lhe o seu sorriso mais simpático. — Talvez tenhais também a gentileza de me tirardes estas encantadoras pulseiras de ferro? Este monstro só tem meio nariz, e ele dá uma comichão abominável. As correntes são curtas demais para o coçar. Posso fazer delas um presente para vós, e de bom grado.

— Que bondade. Mas já usei ferro nos meus tempos, e descobri que agora prefiro ouro e prata. E, entristece-me dizê-lo, isto é Volantis, onde grilhetas e correntes são mais baratas do que pão do dia anterior e é proibido ajudar um escravo a fugir.

— Eu não sou escravo nenhum.

— Todos os homens capturados por escravagistas cantam precisamente essa triste canção. Não me atrevo a ajudar-vos... aqui. — Voltou a inclinar-se para a frente. — Daqui a dois dias, a coca *Selaesori Qhoran* zarpará para Qarth via Nova Ghis, transportando estanho e ferro, fardos de lã e de renda, cinquenta tapetes de Myr, um cadáver em salmoura, vinte jarras de pimentão e um sacerdote vermelho. Estai lá dentro quando ela zarpar.

— Estaremos — disse Tyrion — e obrigado.

Sor Jorah franziu o sobrolho.

— O nosso destino não é Qarth.

— A coca nunca chegará a Qarth. Benerro viu-o nas suas fogueiras. — A velha fez um sorriso vulpino.

— É como dizeis. — Tyrion sorriu. — Se eu fosse volantino, e livre, e tivesse o sangue, teríeis o meu voto para triarca, senhora.

— Não sou senhora nenhuma — respondeu a viúva — só a rameira de Vogarro. Quereis estar longe daqui quando os tigres vierem. Se alcançardes a vossa rainha, transmiti-lhe uma mensagem dos escravos da Velha Volantis. — Tocou a cicatriz desvanecida na sua bochecha enrugada, no local de onde as lágrimas tinham sido cortadas. — Dizei-lhe que estamos à espera. Dizei-lhe para vir em breve.

JON

Quando ouviu a ordem, a boca de Sor Alliser torceu-se em algo de semelhante a um sorriso, mas os olhos permaneceram tão frios e duros como pederneira.

— Então o rapaz bastardo envia-me para a morte.

— *Morte* — gritou o corvo de Mormont. — *Morte, morte, morte.*

Não estás a ajudar. Jon afastou a ave com uma mão.

— O rapaz bastardo envia-vos para uma patrulha. Para encontrar os nossos inimigos e matá-los se for necessário. Tendes perícia com uma lâmina. Fostes mestre-de-armas aqui e em Atalaialeste.

Thorne tocou o cabo da sua espada.

— Pois. Desperdicei um terço da minha vida a tentar ensinar os rudimentos do combate com espadas a rústicos, palermas e patifes. De pouca ajuda isso será para mim naquela floresta.

— Dywen estará convosco, bem como outro patrulheiro experiente.

— A gente ensina-vos o que precisardes de saber, sor — disse Dywen a Thorne, casquinando. — Ensina-vos a limpar o vosso cu bem nascido com folhas, como um patrulheiro como deve de ser.

Kedge Olhobranco riu-se daquilo, e o Jack Negro Bulwer cuspiu. Sor Alliser limitou-se a dizer:

— Gostáreis que eu recusasse. Depois podíeis cortar-me a cabeça, como fizestes com Slynt. Não vos darei esse prazer, bastardo. Mas é melhor que rezeis para que seja uma lâmina selvagem a matar-me. Aqueles que os Outros matam não ficam mortos... e *lembram-se*. Eu volto, Lorde Snow.

— Rezo para que volteis. — Jon nunca contaria Sor Alliser Thorne entre os seus amigos, mas não deixava de ser um irmão. *Nunca ninguém disse que se tinha de gostar dos irmãos.*

Não era coisa fácil enviar homens para território selvagem, sabendo que havia boas hipóteses de eles nunca regressarem. *São todos homens experientes*, disse Jon a si próprio... mas o seu tio Benjen e os seus patrulheiros também tinham sido homens experientes e a floresta assombrada engolira-os sem deixar rasto. Quando dois deles finalmente vaguearam de regresso à Muralha, fora como criaturas. Nem pela primeira vez, nem pela última, Jon deu por si a interrogar-se sobre o que tinha acontecido a Benjen Stark. *É possível que os patrulheiros deparem com algum sinal deles*, disse a si próprio, sem chegar a acreditar realmente nessa possibilidade.

Dywen lideraria uma patrulha, o Jack Preto Bulwer e Kedge Olhobranco as outras duas. Estes, pelo menos, estavam ansiosos por esse dever.

— É bom ter outra vez um cavalo por baixo — disse Dywen ao portão, chupando os seus dentes de madeira. — Com o vosso perdão, senhor, mas andávamos todos a ficar com os cus cheios de lascas de ficarmos sentados por aí. — Nenhum homem em Castelo Negro conhecia a floresta tão bem como ele, as árvores e os ribeiros, as plantas que podiam comer-se, os costumes dos predadores e das presas. *Thorne está em melhores mãos do que merece.*

Jon viu os cavaleiros partir do cimo da Muralha; três grupos, de três homens cada, levando cada um um par de corvos. De lá de cima, os garranos não pareciam maiores do que formigas, e Jon não conseguia distinguir os patrulheiros uns dos outros. Mas conhecia-os. Todos os nomes lhe estavam gravados no coração. *Oito bons homens* pensou, e *um... bem, veremos.*

Depois do último dos cavaleiros desaparecer entre as árvores, Jon Snow desceu na gaiola do guincho com Edd Doloroso. Alguns flocos de neve rarefeita estavam a cair enquanto eles faziam a sua lenta descida, dançando no vento que soprava com rajadas. Um seguiu a gaiola para baixo, pairando logo para lá das barras. Estava a cair mais depressa do que eles desciam, e de vez em quando desaparecia abaixo deles. Depois uma rajada de vento apanhava-o e voltava a empurrá-lo para cima. Jon podia ter estendido a mão através das barras para o apanhar, se o tivesse desejado.

— Tive um sonho assustador ontem à noite, senhor — confessou Edd Doloroso. — Vós éreis o meu intendente, íeis buscar a minha comida e limpáveis os meus restos. Eu era senhor comandante, sem um momento de paz.

Jon não sorriu.

— O teu pesadelo, a minha vida.

As galés de Cotter Pyke estavam a relatar números cada vez maiores de gente livre ao longo das costas arborizadas a norte e leste da Muralha. Tinham sido vistos acampamentos, jangadas meio construídas, até o casco de uma coca quebrada que alguém começara a reparar. Os selvagens desapareciam na floresta sempre que eram vistos, sem dúvida para voltar a sair logo que os navios de Pyke passassem. Entretanto, Sor Denys Mallister continuava a ver fogueiras à noite a norte da Garganta. Ambos os comandantes pediam mais homens.

E onde vou eu arranjar mais homens? Jon enviara dez dos selvagens de Vila Toupeira a cada um deles; rapazes verdes, velhos, alguns feridos e enfermos, mas todos capazes de executar trabalho de uma forma ou de outra. Longe de ficarem contentes, Pyke e Mallister tinham ambos respondido com queixas. "Quando pedi homens, tinha em mente homens da Patrulha da Noite, treinados e disciplinados, de cuja lealdade não devesse nunca ter motivos para duvidar," escrevia Sor Denys. Cotter Pyke tinha menos rodeios. "Podia enforcá-los na Muralha como aviso para os outros selvagens se manterem afastados, mas não vejo nenhum outro uso a dar-lhes," escrevera o Mestre Harmune por ele. "Não confiaria em gente desta para me limpar o penico e *dez não são suficientes.*"

A gaiola de ferro deslocou-se para baixo na ponta da sua longa corrente, gemendo e retinindo, até finalmente parar com um sacão trinta centímetros acima do chão na base da Muralha.

Edd Doloroso abriu a porta e saltou para baixo, quebrando com as botas a crosta da última neve. Jon seguiu-o.

À porta do armeiro, no pátio, o Emmett de Ferro continuava a incentivar os rapazes que tinha a cargo. A canção de aço a bater em aço despertou em Jon uma ânsia. Fez-lhe lembrar dias mais quentes e mais simples, quando fora rapaz em Winterfell e media forças com Robb sob o olhar vigilante de Sor Rodrik Cassei. Também Sor Rodrik caíra, morto por Theon Vira casaca e pelos seus homens de ferro quando tentara recuperar Winterfell. O grande forte da Casa Stark era uma desolação chamuscada. *Todas as minhas recordações estão envenenadas.*

Quando o Emmett de Ferro o viu, ergueu uma mão e o combate cessou.

— Senhor Comandante. Como podemos servir-vos?

— Com os teus três melhores.

Emmett sorriu.

— Arron. Emrick. Jace.

O Cavalo e o Robin Saltitão foram buscar chumaços para o Senhor Comandante, bem como um camisa de cota de malha para vestir por cima, e grevas, gorjal e meio-elmo. Um escudo negro debruado de ferro para o braço esquerdo, uma espada embotada para a mão direita. A espada reluzia num cinzento prateado à luz da alvorada, quase nova. *Uma das últimas a sair da forja de Donal Uma pena que ele não tivesse vivido o suficiente para lhe pôr um fio.* A lâmina era mais curta do que Garralonga, mas era feita de aço comum, o que a tornava mais pesada. Os seus golpes seriam um pouco mais lentos.

— Servirá. — Jon virou-se para enfrentar os adversários. — Vinde.

— Qual de nós quereis primeiro? — perguntou Arron.

— Todos. Ao mesmo tempo.

— Três conta um? — Jace estava incrédulo. — Não seria bonito. — Pertencia ao último grupo de Conwy, um filho de sapateiro vindo da Ilha Bela. Isso talvez explicasse aquela ideia.

— É verdade. Vem cá.

Quando o fez, a lâmina de Jon atingiu-o do lado da cabeça, desequilibrando-o. Num piscar de olhos, o rapaz tinha uma bota no peito e a ponta de uma espada na garganta.

— A guerra nunca é bonita ou justa — disse-lhe Jon. — Agora são dois contra um e tu estás morto.

Quando ouviu gravilha a ser esmagada, soube que os gêmeos estavam a arremeter. *Aqueles dois ainda vão dar patrulheiros.* Girou, parando o golpe de Arron com a borda do escudo e enfrentando o de Emrick com a espada.

— Isso não são lanças — gritou. — Aproximai-vos mais. — Passou ao ataque para lhes mostrar como se fazia. Primeiro Emrick. Golpeou-lhe a cabeça e os ombros, à direita, à esquerda e de novo à direita. O rapaz ergueu o escudo e tentou um contragolpe desajeitado. Jon atirou o seu próprio escudo contra o de Emrick e fê-lo cair com um golpe atirado à perna... e não foi cedo demais, porque Arron estava em cima dele, com um golpe esmagador atirado à parte de trás da sua coxa que o levou a apoiar-se num joelho. *Isto vai deixar uma nódoa negra.* Parou o golpe seguinte com o escudo, após o que se voltou a pôr em pé e empurrou Arron pelo pátio fora. *Ele é rápido,* pensou, enquanto as espadas se beijavam uma e duas e três vezes, *mas precisa de se tornar mais forte.* Quando viu alívio nos olhos de Arron, compreendeu que Emrick estava atrás de si. Deu uma volta e atirou-lhe uma espadeirada contra as omoplatas que o fez colidir com o irmão. Nessa altura já Jace se voltara a levantar, portanto Jon voltou a derrubá-lo. — Detesto quando os mortos se levantam. Vais sentir o mesmo no dia em que enfrentares uma criatura. — Recuando, baixou a espada.

— O corvo grande pode dar bicadas nos pequenos — rosnou uma voz atrás dele — mas terá estômago suficiente para combater com um homem?

O Camisa de Chocalho estava encostado a uma parede. Uma barba por fazer, irregular, cobria-lhe as bochechas chupadas, e finos cabelos castanhos eram-lhe soprados para a frente dos pequenos olhos amarelos.

— Lisonjeias-te — disse Jon.

— Sim, mas a ti limpava.

— O Stannis queimou o homem errado.

— Não. — O selvagem sorriu-lhe com uma boca cheia de dentes castanhos e quebrados. — Queimou o homem que tinha de queimar para o mundo inteiro ver. Todos fazemos o que temos de fazer, Snow. Até os reis.

— Emmett, arranja-lhe uma armadura. Quero-o vestido de aço, não de ossos velhos.

Depois de vestido de cota de malha e placas de aço, o Senhor dos Ossos pareceu endireitar-se um pouco mais. Também pareceu mais alto, com os ombros mais espessos e poderosos do que Jon teria imaginado. *É a armadura, não o homem*, disse a si próprio. *Até o Sam podia parecer quase formidável, vestido da cabeça aos pés com o aço de Donal Noye*. O selvagem recusou com um gesto o escudo que o Cavalo lhe ofereceu. Em vez disso pediu uma espada de duas mãos.

— Ora aqui está um belo som — disse, golpeando o ar. — Esvoaça para mais perto, Snow. Quero fazer-te voar as penas.

Jon investiu contra ele com dureza.

O Camisa de Chocalho deu um passo para trás e enfrentou a arremetida com um golpe a duas mãos. Se Jon não tivesse interposto o escudo, podia ter-lhe amolgado a placa de peito para dentro e partido metade das costelas. A força do golpe fê-lo cambalear por um momento, fez-lhe

percorrer o braço com uma violenta sacudidela. *Ele golpeia com mais força do que eu teria suposto.* A rapidez do adversário era outra surpresa desagradável. Moveram-se aos círculos em volta um do outro, trocando um golpe por outro. O Senhor dos Ossos deu tantos quantos recebeu. A grande espada de duas mãos devia ter sido bastante mais pesada do que a espada longa de Jon, mas o selvagem brandia-a com tanta velocidade que cegava.

Os novatos do Emmett de Ferro aclamaram o seu Senhor Comandante a princípio, mas a implacável velocidade dos ataques do Camisa de Chocalho depressa os reduziu ao silêncio. *Ele não pode continuar com isto por muito tempo,* disse Jon a si próprio quando parou mais um golpe. O impacto fê-lo soltar um grunhido. Mesmo embotada, a grande espada fez estalar o seu escudo de pinho e dobrou o rebordo de ferro. *Ele cansar-se-á em breve. Tem de se cansar.* Jon atirou uma estocada à cara do selvagem, e o Camisa de Chocalho puxou a cabeça para trás. Deitou uma cutelada à barriga da perna do Camisa de Chocalho, só para o ver saltar habilmente por cima da lâmina. A grande espada esmagou-se no ombro de Jon, com força suficiente para lhe amolgar a espaladeira e entorpecer o braço, por baixo. Jon recuou. O Senhor dos Ossos veio atrás dele, às gargalhadas. *Ele não tem escudo,* fez Jon lembrar a si próprio, *e aquela espada monstruosa é pesada demais para paradas. Eu devia estar a dar dois golpes por cada um dos dele.*

Mas, sem que percebesse como, não estava, e os golpes que dava não estavam a fazer efeito. O selvagem parecia estar sempre a afastar-se ou a deslizar para o lado, de modo que a espada de Jon ricocheteava num ombro ou num braço. Não demorou muito tempo a dar por si a ceder mais terreno, tentando evitar os golpes esmagadores do outro e passando metade do tempo a falhar. O seu escudo fora reduzido a acendalhas. Sacudiu-o para fora do braço. Tinha suor a escorrer-lhe pela cara e a picar-lhe os olhos por baixo do elmo. *Ele é forte demais e demasiado rápido,* apercebeu-se, *e com aquela grande espada tem vantagem de peso e alcance sobre mim.* Teria sido um combate diferente se estivesse armado com Garralonga, mas...

A sua oportunidade chegou no contragolpe seguinte do Camisa de Chocalho. Jon atirou-se em frente, investindo contra o outro homem, e caíram juntos, com as pernas emaranhadas. Aço

estrondeou em aço. Ambos os homens perderam as espadas enquanto rolavam no chão duro. O selvagem enfiou-lhe um joelho entre as pernas. Jon socou-o com um punho revestido de cota de malha. Sem que soubesse como, o Camisa de Chocalho acabou por cima, com a cabeça de Jon nas mãos. Bateu com ela no chão, depois abriu-lhe a viseira.

— Se eu tivesse um punhal, tinhas um olho a menos por esta altura — rosnou, antes do Cavalo e do Emmett de Ferro o puxarem de cima do peito do Senhor Comandante. — Largai-me, corvos dum raio — rugiu.

Jon lutou por se apoiar num joelho. Tinha a cabeça a ressoar e a boca estava cheia de sangue. Cuspiu-o e disse:

— Bem lutado.

— Lisonjeias-te, corvo. Nem sequer suei.

— Da próxima vez suarás — disse Jon. Edd Doloroso ajudou-o a pôr-se em pé e desprendeu-lhe o elmo. Adquirira várias profundas amolgadelas que não estavam lá quando o envergara. — Libertai-o. — Jon atirou o elmo ao Robin Saltitão, o qual o deixou cair.

— Senhor — disse o Emmett de Ferro — ele ameaçou a vossa vida, todos o ouvimos. Disse que se tivesse um punhal...

— *Ele tem um punhal. Ali mesmo no cinto. — Há sempre alguém mais rápido e mais forte, dissera um dia Sor Rodrik a Jon e a Robb. Esse é o homem que quereis enfrentar no pátio antes de precisardes de enfrentar outros semelhantes no campo de batalha.*

— Lorde Snow? — disse uma voz suave.

Virou-se para ir dar com Clydas debaixo da arcada quebrada, com um pergaminho na mão.

— De Stannis? — Jon estivera à espera de receber notícias do rei. A Patrulha da Noite não participava, bem o sabia, e não lhe devia importar qual dos reis sairia triunfante. Mas de algum modo importava. — É Bosque Profundo?

— Não, senhor. — Clydas apresentou-lhe o pergaminho. Estava muito bem enrolado e selado, com uma gota de dura cera cor-de-rosa. *Só o Forte do Pavor usa cera rosada para selos.* Jon descalçou a manopla, pegou na carta, quebrou o selo. Quando viu a assinatura, esqueceu o espancamento que sofrera do Camisa de Chocalho.

Ramsay Bolton, Senhor de Boscorno, lia-se nela, numa letra enorme e pontiaguda. A tinta castanha desfez-se em flocos quando Jon a esfregou com o polegar. Por baixo da assinatura de Bolton, o Lorde Dustin, a Senhora Cerwyn e quatro Ryswells tinham acrescentado as suas próprias marcas e selos. Uma mão mais tosca desenhara o gigante da Casa Umber.

— Podemos saber o que diz, senhor? — perguntou o Emmett de Ferro.

Jon não viu motivo para não lho dizer.

— Fosso Cailin está tomado. Os cadáveres esfolados dos homens de ferro foram pregados a postes ao longo da estrada de rei. Roose Bolton convoca todos os senhores leais a Vila Acidentada, para afirmar a sua lealdade ao Trono de Ferro e celebrar o casamento do filho com... — O coração pareceu parar-lhe por um momento. *Não, isto não é possível. Ela morreu em Porto Real, com o pai.*

— Lorde Snow? — Clydas olhou-o atentamente com os seus turvos olhos rosados. — Estais... estais-vos a sentir mal? Pareceis...

— Ele vai casar com Arya Stark. A minha irmã mais nova. — Jon quase a conseguiu ver naquele momento, de cara comprida e desajeitada, toda ela joelhos nodosos e cotovelos pontiagudos, com a sua cara suja e o cabelo emaranhado. Lavariam aquela e penteariam este, não duvidava, mas não conseguia imaginar Arya num vestido de noiva, nem na cama de Ramsay Bolton. *Por mais assustada que esteja, não o mostrará. Se ele tentar pôr-lhe uma mão em cima, ela lutar.*

— A vossa irmã — disse o Emmett de Ferro — que idade tem...

Por esta altura deve ter onze anos, pensou Jon. Ainda é uma criança.

Eu não tenho irmã alguma. Só irmãos. Só vos tenho a vós. — A Senhora Catelyn rejubilaria se ouvisse aquelas palavras, bem o sabia. Isso não as tornava mais fáceis de dizer. Os dedos fecharam-se-lhe em volta do pergaminho. *Era bom que pudessem esmagar a garganta de Ramsay Bolton com esta facilidade.*

Clydas pigarreou.

— Haverá resposta?

Jon abanou a cabeça e afastou-se.

Ao cair da noite, as nódoas negras que o Camisa de Chocalho lhe causara tinham-se tornado roxas.

— Tornar-se-ão amarelas antes de se desvanecerem — disse ao corvo de Mormont. — Parecerei tão macilento como o Senhor dos Ossos.

— Ossos — *concordou a ave.* — Ossos, ossos.

Conseguia ouvir o ténue murmúrio de vozes que vinha lá de fora, embora o som fosse fraco demais para distinguir palavras. *Parecem estar a mil léguas de distância.* Era a Senhora Melisandre e os respetivos seguidores junto da sua fogueira. Todos os dias, ao ocaso, a mulher vermelha liderava os seguidores nas suas preces do pôr-do-sol, pedindo ao seu deus vermelho para os acompanhar através da escuridão. *Porque a noite é escura e cheia de terrores.* Com Stannis e a maior parte dos homens da rainha por longe, o rebanho da mulher estava muito diminuído; meia centena dos membros do povo livre de Vila Toupeira, a mão cheia de guardas que o rei deixara com ela, talvez uma dúzia de irmãos negros que tinham adotado o deus vermelho como seu.

Jon sentia-se tão velho como um homem de sessenta anos. *Sonhos sombrios,* pensou, e culpa. Os seus pensamentos não paravam de voltar a Arya. *Não tenho maneira de a ajudar. Pus de parte toda a família quando proferi as minhas palavras. Se algum dos meus homens me dissesse que a sua irmã estava em perigo, eu dir-lhe-ia que isso não era problema seu.* Depois de um homem proferir as palavras, o seu sangue era negro. *Negro como o coração de um bastardo.* Mandara Mikken fazer uma espada para Arya em tempos, uma lâmina de espadachim, feita em ponto pequeno para lhe caber na mão. *Agulha.* Perguntou a si próprio se ela ainda a teria. *Espeta-lhes a ponta aguçada,* dissera-lhe, mas se ela tentasse espetá-la no Bastardo isso poderia custar-lhe a vida.

— Snow — resmungou o corvo do Lorde Mormont. — Snow, snow.

De súbito, deixou de conseguir aguentar nem mais um momento.

Foi encontrar o Fantasma à sua porta, a roer um osso de boi para chegar ao tutano.

— Quando foi que voltaste? — o lobo gigante pôs-se em pé, abandonando o osso e seguindo atrás de Jon.

Mully e o Barricas estavam em pé, dentro de portas, apoiados às lanças.

— Tá um frio cruel lá fora, senhor — avisou Mully por entre a sua emaranhada barba cor de laranja. — Ficareis muito tempo por fora?

— Não. Só preciso de respirar um pouco. — Jon saiu para a noite. O céu estava cheio de estrelas, e o vento soprava em rajadas ao longo da Muralha. Até a Lua parecia fria; todo o seu rosto estava em pele de galinha. Foi então que a primeira rajada o apanhou, cortando através das suas camadas de lã e couro para lhe pôr os dentes a castanholar. Atravessou o pátio a passos largos, penetrando nos dentes desse vento. O manto esvoaçava ruidosamente nos seus ombros. O Fantasma vinha atrás dele. *Para onde vou? O que estou eu a fazer?* Castelo Negro estava imóvel e silencioso, com os corredores e as torres escuros. *O meu domínio*, refletiu Jon Snow. *O meu palácio, o meu lar, o meu comando. Uma ruína.*

A sombra da Muralha, o lobo gigante roçou-lhe nos dedos. Durante meio segundo, a noite ganhou vida com um milhar de cheiros, e Jon Snow ouviu o estalar da crosta que se quebrava numa extensão de neve velha. Apercebeu-se, de súbito, de que alguém estava atrás de si. Alguém que cheirava a quente como um dia de verão.

Quando se virou, viu Ygritte.

Ela estava em pé sob as pedras chamuscadas da Torre do Senhor Comandante, envolta em escuridão e em memória. Tinha o luar no cabelo, no seu cabelo ruivo beijado pelo fogo. Quando o viu, o coração de Jon saltou-lhe para a boca.

— Ygritte — disse.

— Lorde Snow. — A voz era de Melisandre.

A surpresa fê-lo encolher-se.

— Senhora Melisandre. — Deu um passo para trás. — Confundi-vos com outra pessoa. — *À noite, todas as vestes são cinzentas.* Mas de súbito a dela era vermelha. Não compreendia como a podia ter confundido com Ygritte. Era mais alta, mais magra, mais velha, embora o luar lhe lavasse anos da cara. Névoa saía-lhe das narinas, e de mãos pálidas expostas à noite. — Ides ficar com os dedos congelados — avisou Jon.

— Se for essa a vontade de R'hllor. Os poderes da noite não podem tocar em alguém cujo coração está banhado no fogo sagrado do deus.

— O vosso coração não me preocupa. Só as vossas mãos.

— O coração é tudo o que importa. Não desesperéis, Lorde Snow. O desespero é uma arma do inimigo, cujo nome não pode ser proferido. A vossa irmã não está perdida para vós.

— *Não tenho nenhuma irmã.* — *O que sabes tu do meu coraçãoot sacerdotisa? O que sabes tu da minha irmã?*

Melisandre pareceu divertida.

— Como se chama, esta irmã mais nova que não tendes?

— Arya. — A voz de Jon soou rouca. — Minha meia-irmã, na verdade...

— ... Pois sois de nascimento bastardo. Não me tinha esquecido. Vi a vossa irmã nos meus fogos, a fugir deste casamento que lhe arranjaram. A vir para aqui, para junto de vós. Uma rapariga de cinzento montada num cavalo moribundo, vi-o tão claramente como se fosse dia. Ainda não aconteceu, mas acontecerá. — Olhou para o Fantasma. — Posso tocar no vosso lobo?

A ideia deixou Jon inquieto.

— É melhor não.

— Ele não me fará mal. Chamais-lhe Fantasma, sim?

— Sim, mas...

— *Fantasma.* — Melisandre fez da palavra uma canção.

O lobo gigante avançou para ela. Cauteloso, rodeou-a num círculo, farejando. Quando ela estendeu a mão também a cheirou, após o que lhe encostou o focinho aos dedos.

Jon soltou uma expiração branca.

— Ele não é sempre tão...

— ... Caloroso? O calor chama calor, Jon Snow. — Os olhos dela eram duas estrelas vermelhas, brilhando no escuro. À sua garganta o rubi cintilava, um terceiro olho que brilhava mais vivamente do que os outros. Jon vira os olhos de Fantasma a arder, vermelhos, como ardiam quando captavam a luz da forma certa.

— *Fantasma* — chamou. — A mim.

O lobo gigante olhou-o como se fosse um estranho.

Jon franziu o sobrolho, incrédulo.

— Isto é... estranho.

— Achais que sim? — ela ajoelhou e coçou o Fantasma atrás da orelha. — A vossa Muralha é um lugar estranho, mas há aqui poder, se quiserdes usá-lo. Poder em vós e neste animal. Vós resistis contra ele, e é esse o vosso erro. Aceitai-o. Usai-o.

Eu não sou um lobo, pensou.

E como faria eu tal coisa?

— Eu posso mostrar-vos. — Melisandre envolveu Fantasma num braço esguio, e o lobo gigante lambeu-lhe a cara. — O Senhor da Luz, na sua sabedoria, fez-nos macho e fêmea, duas partes de um todo maior. Na nossa junção existe poder. Poder para criar vida. Poder para criar luz. Poder para deitar sombras.

— Sombras. — O mundo pareceu mais escuro quando proferiu a palavra.

— Todos os homens que caminham pela terra deitam uma sombra sobre o mundo. Algumas são esguias e fracas, outras longas e escuras. Devíeis olhar para trás de vós, Lorde Snow. A Lua beijou-vos e lançou a vossa sombra sobre o gelo a uma altura de seis metros.

Jon olhou por sobre o ombro. A sombra estava lá, tal como ela dissera, delineada em luar sobre a Muralha. *Uma rapariga de cinzento num cavalo moribundo*, pensou. *Vindo para cá, para ti.* Arya. Voltou a virar-se para a sacerdotisa vermelha. Jon conseguia sentir o calor que ela emanava. *Ela tem poder.* O pensamento chegou sem ser chamado, capturando-o com dentes de ferro, mas aquela não era uma mulher à qual quisesse ficar devedor, nem mesmo pela irmã mais nova.

— Dalla disse-me um dia uma coisa. A irmã de Val, a mulher de Mance Rayder. Disse que a feitiçaria era uma espada sem cabo. Não há maneira segura de lhe pegar.

— Uma sábia mulher. — Melisandre levantou-se, com as vestes vermelhas a agitarem-se ao vento. — Mas uma espada sem cabo continua a ser uma espada, e uma espada é uma bela coisa para se ter quando se está rodeado de inimigos. Escutai-me, Jon Snow. Nove corvos voaram para a floresta branca para encontrar os vossos inimigos. Três deles estão mortos. Ainda não morreram, mas a morte está lá fora à sua espera, e eles cavalgam ao seu encontro. Vós enviaste-los para serem os vossos olhos nas trevas, mas estarão sem olhos quando regressarem para junto de vós. Vi as suas caras pálidas e mortas nas minhas chamas. Órbitas vazias, a chorar sangue. — Empurrou o cabelo vermelho para trás, e os seus olhos vermelhos brilharam. — Não acreditais em mim. Acreditareis. O custo dessa crença será três vidas. Um pequeno preço a pagar pela sabedoria, dirão alguns... mas não um preço que tivésseis de pagar. Lembrai-vos disso quando contemplardes as caras cegas e devastadas dos vossos mortos. E quando chegar esse dia, aceitai a minha mão. — A névoa erguia-se da sua pele alva, e por um momento pareceu que chamas pálidas e feiticeiras estavam a brincar entre os seus dedos. — Aceitai a minha mão — voltou ela a dizer — e deixai-me salvar a vossa irmã.

DAVOS

Mesmo na escuridão do Covil do Lobo, Davos Seaworth conseguia sentir que havia algo de errado naquela manhã.

Acordou com o som de vozes e rastejou até à porta da cela, mas a madeira era demasiado grossa e não conseguiu distinguir as palavras. A alvorada chegara, mas não as papas de aveia que Garth lhe trazia todas as manhãs para quebrar o jejum. Isso deixou-o ansioso. Todos os dias eram muito iguais dentro do Covil do Lobo, e as mudanças eram normalmente para pior. *Pode ser este o dia em que eu morro. O Garth pode estar agora mesmo sentado com uma pedra de amolar, para pôr um fio na Senhora Lu.*

O Cavaleiro da Cebola não esquecera as últimas palavras que Wyman Manderly lhe dissera. *Levai esta criatura para o Covil do Lobo e cortai-lhe a cabeça e as mãos, ordenara o gordo senhor. Não conseguirei comer nem uma dentada até ver a cabeça deste contrabandista num espigão, com uma cebola enfiada entre os seus dentes mentirosos.* Davos adormecia todas as noites com aquelas palavras na cabeça, e acordava todas as manhãs a ouvi-las. E se se esquecesse, Garth ficava sempre contente por lhas fazer lembrar. "Morto" era o nome que dava a Davos. Quando aparecia de manhã, era sempre: "Toma, papas para o morto" À noite era: "Apaga a vela, ó morto."

Uma vez, Garth trouxera as suas senhoras para as apresentar ao morto.

— A Rameira não tem grande ar — dissera, afagando um bastão de frio ferro negro — mas quando a aquecer até ficar ao rubro e deixar que ela te toque na picha, tu hás de gritar pela tua mãe. E aqui esta é a minha Senhora Lu. Vai ser ela que te vai cortar a cabeça e as mãos, quando o Lorde Wyman enviar a ordem. — Davos nunca vira um machado maior do que a Senhora Lu, nem um machado com um fio mais aguçado. Os outros guardas diziam que Garth passava os dias a afiá-lo. *Não suplicarei por misericórdia,* decidiu Davos. Iria para a morte como um cavaleiro, pedindo apenas que lhe cortassem a cabeça antes das mãos. Esperava que nem mesmo Garth fosse tão cruel que lhe negasse tal coisa.

Os sons que atravessavam a porta eram ténues e abafados. Davos levantou-se e percorreu a cela. Enquanto tal, era grande e estranhamente confortável. Davos suspeitava que podia ter sido em tempos o quarto de algum fidalgo. Era três vezes maior do que a sua cabina de capitão na *Betha Negra*, e até era maior do que a cabina de que Salladhor Saan desfrutara na sua *Valiriana*. Embora a única janela tivesse sido tapada com tijolos anos antes, uma parede ainda ostentava uma lareira suficientemente grande para conter uma panela, e havia uma verdadeira latrina embutida num recanto. O chão era feito de tábuas torcidas cheias de lascas, e a enxerga em que dormia cheirava a bolor, mas esses desconfortos eram brandos quando comparados com o que Davos esperara.

A comida também fora uma surpresa. Em lugar de papas de aveia diluídas, pão duro e carne podre, a habitual comida de masmorra, os seus guardas traziam-lhe peixe acabado de pescar, pão ainda quente do forno, carneiro temperado, nabos, cenouras, até caranguejos. Garth não ficava nada contente com isso.

— Os mortos não deviam comer melhor que os vivos — protestara, e por mais de uma vez. Davos tinha peles para o manter quente à noite, lenha para alimentar a lareira, roupa limpa, uma gordurosa vela de sebo. Quando pediu papel, penas e tinta, Therry trouxe-lhos no dia seguinte. Quando pediu um livro, para poder treinar a leitura, Therry apareceu com *A Estrela de Sete Pontas*.

Apesar de todo o seu conforto, porém, a cela não deixava de ser uma cela. As suas paredes eram de pedra sólida, tão grossa que nada conseguia ouvir do mundo exterior. A porta era de carvalho e ferro, e os guardas mantinham-na trancada. Quatro conjuntos de pesados grilhões de ferro pendiam do teto, à espera do dia em que o Lorde Manderly decidisse acorrentá-lo e entregá-lo à Rameira. *Hoje pode ser esse dia. Da próxima vez que Garth abrir a minha porta, pode não ser para me trazer papas.*

Tinha a barriga a trovejar, um sinal seguro de que a manhã estava a passar e continuava a não haver sinal de comida. *A pior parte não é morrer é não saber quando ou como.* Davos vira o interior de alguns cárceres e masmorras nos seus dias de contrabando, mas esses tinham sido partilhados com outros prisioneiros, portanto havia sempre alguém com quem falar, com quem partilhar medos e esperanças. Ali não. À parte os guardas, Davos Seaworth tinha o Covil do Lobo para si.

Sabia que havia masmorras verdadeiras nas caves do castelo; *oublittes* salas de tortura e poços úmidos onde enormes ratazanas negras esgravatavam nas trevas. Os carcereiros afirmavam que estavam todas desocupadas de momento.

— Só cá estamos nós, Cebolas — dissera-lhe Sor Bartimus. Este era o carcereiro-chefe, um cavaleiro cadavérico e pernetas com uma cara coberta de cicatrizes e um olho cego. Quando Sor Bartimus estava com os copos (e Sor Bartimus estava com os copos quase todos os dias), gostava de se gabar de como salvara a vida do Lorde Wyman na Batalha do Tridente. O Covil do Lobo era a sua recompensa.

O resto de "nós" consistia num cozinheiro que Davos nunca vira, seis guardas na caserna do piso térreo, um par de lavadeiras e os dois carcereiros que vigiavam o prisioneiro. Therry era o mais novo, filho de uma das lavadeiras, um rapaz de catorze anos. O mais velho era Garth, enorme, careca e taciturno, que usava todos os dias o mesmo gorduroso justilho de couro e parecia ter sempre uma carranca na cara.

Os seus anos de contrabandista tinham dado a Davos Seaworth um instinto para quando um homem não era certo, e Garth não era certo. O Cavaleiro das Cebolas tinha o cuidado de ter tento na língua na sua presença. Com Therry e Sor Bartimus era menos reticente. Agradecia-lhes pela comida, encorajava-os a falar das respetivas esperanças e histórias, respondia educadamente às

perguntas que lhe faziam, e nunca pressionava demasiado com perguntas suas. Quando fazia pedidos, eram pedidos pequenos; uma bacia de água e um pouco de sabão, um livro para ler, mais velas. A maioria de tais favores era concedida, e Davos sentia-se devidamente agradecido.

Nenhum dos dois homens queria falar sobre o Lorde Manderly, o Rei Stannis ou os Frey, mas falavam de outras coisas. Therry queria partir para a guerra quando tivesse idade para isso, para combater em batalhas e tornar-se cavaleiro. Gostava também de se queixar da mãe. Ela andava a dormir com dois dos guardas, confidenciara. Os homens estavam em turnos diferentes e nenhum sabia do outro, mas, um dia, um ou outro dos homens iria deduzir o que se passava, e nessa altura haveria sangue. Havia noites em que o rapaz até trazia um odre de vinho para a cela e fazia a Davos perguntas sobre a vida de contrabandista enquanto bebiam.

Sor Bartimus não tinha qualquer interesse no mundo exterior, ou, na verdade, sobre o que quer que tivesse acontecido desde que um cavalo sem cavaleiro e uma serra de mestre lhe tinham levado a perna. Contudo, acabara por se apaixonar pelo Covil do Lobo e não havia nada de que mais gostasse do que de falar sobre a sua longa e sangrenta história. O Covil era muito mais antigo do que Porto Branco, dissera o cavaleiro a Davos. Fora construído pelo Rei Jon Stark para defender a foz da Faca Branca contra atacantes vindos do mar. Muitos filhos mais novos do Rei no Norte tinham tido aí os seus domínios, muitos irmãos, muitos tios, muitos primos. Alguns tinham passado o castelo aos seus próprios filhos e netos, e assim haviam surgido ramos laterais da Casa Stark; os Greystark tinham sido os que haviam perdurado durante mais tempo, mantendo-se na posse do Covil do Lobo durante cinco séculos, até terem tido a ousadia de se juntar ao Forte do Pavor em rebelião contra os Stark de Winterfell.

Depois da queda dos Greystark, o castelo passara por muitas outras mãos. A Casa Flint defendera-o durante um século, a Casa Locke durante quase dois. Slates, Longs, Holts e Ashwoods tinham ali tido domínio, encarregados por Winterfell de manter o rio seguro. Piratas das Três Irmãs tinham tomado o castelo uma vez, transformando-o na sua testa de ponta no norte. Durante as guerras entre Winterfell e o Vale, fora cercado por Osgood Arryn, o Velho Falcão, e incendiado pelo filho deste, aquele que era lembrado como o Garra. Quando o velho Rei Edrick Stark se tornara demasiado fraco para defender o seu reino, o Covil do Lobo fora capturado por escravagistas oriundos dos Degraus. Marcavam os cativos com ferros quentes e quebravam-nos à chicotada antes de os enviarem para o outro lado do mar, e tinham sido aquelas mesmas paredes negras de pedra a testemunhá-lo.

— Depois caiu um longo e cruel inverno — dissera Sor Bartimus. — O Faca Branca congelou por completo, e até a baía estava a cobrir-se de gelo. Os ventos chegaram aos uivos do norte, e empurraram os escravagistas para dentro, aglomerando-os em volta dos seus fogos, e enquanto eles se aqueciam, o novo rei caiu sobre eles. Foi este o *Brandon* Stark, bisneto de Edrick Barba-de-Neve, aquele a quem os homens chamavam Olhos de Gelo. Ele recuperou o Covil do Lobo, despiu os escravagistas, e entregou-os aos escravos que encontrou acorrentados nas

masmorras. Diz-se que penduraram as entranhas deles nos ramos da árvore coração, como oferta aos deuses. Aos deuses *antigos*, não a estes novos vindos do sul. Os vossos Sete não conhecem o inverno, e o inverno não os conhece a eles.

Davos não podia contestar a verdade daquilo. E, pelo que vira em Atalaiaeste-do-Mar, não queria conhecer o inverno.

— A que deuses orais? — perguntara ao cavaleiro pernetá.

— Aos antigos. — Quando Sor Bartimus sorria era tal e qual um crânio. — Eu e os meus estávamos cá antes dos Manderly. O mais provável é que tenham sido os meus antepassados a enrolarem essas entranhas na árvore.

— Nunca tinha ouvido dizer que os nortenhos faziam sacrifícios de sangue às suas árvores coração.

— Há muitas coisas que vós, os do Sul, não sabeis sobre o Norte — respondera Sor Bartimus.

Não se enganava. Davos sentou-se ao lado da vela e olhou para as cartas que arranhara, palavra por palavra, durante os dias do seu confinamento. *Fui melhor contrabandista do que cavaleiro, escrevera à esposa, melhor cavaleiro do que Mão do Rei, melhor Mão do Rei do que marido. Tenho tanta pena. Marya, eu amei-te. Por favor, perdoa as desfeitas que te fiz. Se Stannis perder a sua guerra, as nossas terras também estarão perdidas. Leva os rapazes para Bravos, do outro lado do mar estreito; e ensina-lhes a pensar em mim com gentileza, se quiseres. Se Stannis conquistar o Trono de Ferro, a Casa Seaworth sobreviverá e Devan permanecerá na corte. Ele ajudar-te-á a colocar os outros rapazes junto de nobres senhores, onde possam servir como pajens e escudeiros e conquistar os seus graus de cavaleiros.* Era o melhor conselho que tinha para lhe dar, embora desejasse que ele soasse mais sábio.

Escrevera também a cada um dos seus três filhos sobreviventes, para os ajudar a lembrarem-se do pai que lhes comprara nomes com as pontas dos dedos. As notas para Steffon e para o jovem Stannis eram curtas, rígidas e desajeitadas; em boa verdade, não os conhecia nem de perto tão bem como conhecera os rapazes mais velhos, os que tinham ardido ou se tinham afogado na Água Negra. A Devan escrevera mais, dizendo-lhe como se sentia orgulhoso de ver o filho como escudeiro de um rei e fazendo-lhe lembrar que, na condição de filho mais velho, era seu dever proteger a senhora sua mãe e os irmãos mais novos. *Diz a Sua Graça que fiz o melhor que pude, terminava. Lamento por lhe ter falhado. Perdi a sorte quando perdi os ossos dos dedos, no dia em que o rio ardeu á sombra de Porto Real.*

Davos folheou lentamente as cartas, lendo cada uma até ao fim por várias vezes, perguntando a si próprio se devia alterar uma palavra aqui ou acrescentar uma ali. Pensou que um homem devia ter mais a dizer quando fitava o fim da sua vida, mas as palavras custavam a chegar. *Não me saí assim tão mal,* tentou dizer a si próprio. *Subi do Fundo das Pulgas a Mão de um Rei e aprendi a ler e a escrever.*

Ainda estava debruçado sobre as cartas quando ouviu o som de chaves de ferro a retinir num aro. Meio segundo mais tarde, a porta da sua cela abriu-se.

O homem que entrou não era um dos seus carcereiros. Era alto e macilento, com uma cara profundamente enrugada e uma juba castanha acinzentada. Uma espada longa pendia-lhe da anca, e o seu manto tingido de escarlata estava preso ao ombro com um pesado broche de prata com a forma de um punho revestido de cota de malha.

— Lorde Seaworth — disse — não temos muito tempo. Por favor, vinde comigo.

Davos olhou o desconhecido com prudência. O "por favor" confundia-o. Tais cortesias não eram concedidas com frequência a homens prestes a perder a cabeça e as mãos.

— Quem sois?

— Robett Glover, se aprouver ao senhor.

— Glover. O vosso domínio era Bosque Profundo.

— O domínio do meu irmão Galbart. Era e é, graças ao vosso Rei Stannis. Ele recuperou Bosque Profundo das mãos da cadela de ferro que o roubou, e oferece-se para devolver o castelo aos seus legítimos donos. Aconteceram muitíssimas coisas enquanto estivestes confinado no interior destas muralhas, Lorde Davos. Fosso Cailin caiu, e Roose Bolton regressou ao Norte com a filha mais nova de Ned Stark. Uma hoste de Freys veio com ele. Bolton enviou corvos, convocando todos os senhores do Norte a Vila Acidentada. Exige obediência e reféns... e testemunhas para o casamento de Arya Stark com o seu bastardo Ramsay Snow, através de cuja união os Bolton pretendem avançar com uma pretensão a Winterfell. E agora vindes comigo ou não?

— Que alternativa tenho, senhor? Ir convosco ou permanecer com Garth e a Senhora Lu?

— Quem é a Senhora Lu? Uma das lavadeiras? — Glover estava a ficar impaciente. — Tudo será explicado se vierdes.

Davos pôs-se em pé.

— Se eu morrer, rogo-vos que estas cartas sejam entregues.

— Tendes a minha palavra quanto a isso... se bem que se morreres não será às mãos dos Glover, nem às do Lorde Wyman. Agora depressa, comigo.

Glover levou-o ao longo de um corredor obscurecido e por um lanço de degraus gastos. Atravessaram o bosque sagrado do castelo, onde a árvore coração se tornara tão gigantesca e emaranhada que sufocara todos os carvalhos, ulmeiros e bétulas, e colidira com os ramos nas paredes e janelas que davam para ela. As suas raízes tinham o diâmetro da cintura de um homem, e o tronco era tão largo que a cara nele esculpida parecia gorda e zangada. Atrás do represeiro, Glover abriu um portão de ferro ferrugento e parou para acender um archote. Quando este começou a arder rubro e quente, levou Davos por mais escadas abaixo até uma cave abobadada onde as paredes repletas de humidade estavam brancas de sal, e a água do mar chapinhava em volta dos seus pés a cada passo. Passaram por várias caves e por fileiras de celas húmidas,

pequenas e malcheirosas, muito diferentes da sala onde Davos fora confinado. Depois apareceu uma parede lisa de pedra que se virou quando Glover a empurrou. Atrás dela ficava um longo túnel estreito e ainda mais degraus. Estes subiam.

— Onde estamos? — perguntou Davos enquanto subiam. As suas palavras ecoaram levemente nas trevas.

— Nos degraus por baixo dos degraus. Esta passagem fica por baixo da Escada do Castelo, que leva ao Castelo Novo. Um caminho secreto. Não seria bom que fôsseis visto, senhor. Supostamente estais morto.

Papas para o morto. Davos continuou a subir.

Saíram por outra parede, mas a parte de trás desta era de estuque e ripas. A sala do outro lado era aconchegada e estava quente e mobilada com conforto, com um tapete de Myr no chão e velas de cera de abelha a arder numa mesa. Davos ouviu flautas e rabecas a serem tocadas, não muito longe. Da parede pendia uma pele de ovelha com um mapa do Norte nela pintado em cores desbotadas. Sob o mapa estava sentado Wyman Manderly, o colossal Senhor de Porto Branco.

— Sentai-vos, por favor. — O Lorde Manderly estava ricamente trajado. O seu gibão de veludo era de um suave verde-azulado, bordado em fio de ouro na bainha, nas mangas e no colarinho. O manto era de arminho, preso ao ombro com um tridente dourado. — Tendes fome?

— Não, senhor. Os vossos carcereiros alimentaram-me bem.

— Há vinho se tiverdes sede.

— Eu negociarei convosco, senhor. O meu rei ordenou-mo. Não tenho de beber convosco.

O Lorde Wyman suspirou.

— Tratei-vos de forma muito vergonhosa, bem sei. Tive os meus motivos, mas... por favor, sentai-vos e bebei, suplico-vos. Bebei ao regresso do meu rapaz em segurança. Wyllis, o meu filho mais velho e herdeiro. Está em casa. Aquilo que ouvis é o banquete de boas-vindas. Na Corte do Tritão come-se tarte de lampreia e veado com castanhas assadas. Wynafryd está a dançar com o Frey com quem vai casar. Os outros Frey estão a erguer taças de vinho para brindar à nossa amizade.

Sob a música, Davos conseguia ouvir o murmúrio de muitas vozes, o retinir de copos e bandejas. Nada disse.

— Acabei de vir da mesa elevada — prosseguiu o Lorde Wyman. — Comi demasiado, como sempre, e todo o Porto Branco sabe que tenho más tripas. Os meus amigos Frey não estranharão uma demorada visita à latrina, esperamos. — Emborcou a taça. — Pronto, vós bebereis e eu não. Sentai-vos. O tempo é curto e há muito para dizer. Robett, vinho para a Mão, se tiverdes a bondade. Lorde Davos, vós não o sabeis, mas estais morto.

Robett Glover encheu uma taça de vinho e ofereceu-a a Davos. Este aceitou-a, cheirou-a, bebeu.

— Como foi que morri, se posso perguntar?

— Pelo machado. A vossa cabeça e as mãos foram montadas por cima do Portão das Focas, com a cara virada de maneira a que os olhos fitassem o porto. Por esta altura estais bem podre, embora vos tenhamos mergulhado a cabeça em alcatrão antes de a montar no espigão. Diz-se que gralhas pretas e aves aquáticas lutaram pelos vossos olhos.

Davos mexeu-se desconfortavelmente na cadeira. Estar morto dava-lhe uma sensação estranha.

— Se aprouver ao senhor, quem morreu no meu lugar?

— E isso importa? Tendes uma cara comum, Lorde Davos. Espero que dizer-vos isto não vos ofenda. O homem tinha as vossas cores, um nariz com a mesma forma, duas orelhas que não eram muito diferentes, uma longa barba que podia ser aparada e esculpida como a vossa. Podeis ter a certeza de que o enchemos bem de alcatrão, e a cebola enfiada entre os seus dentes serviu para retorcer as feições. Sor Bartimus assegurou-se de que os dedos da sua mão esquerda fossem encurtados, tal como os vossos. O homem era um criminoso, se isso vos serve de consolação. A sua morte pode causar mais bem do que qualquer coisa que ele tenha feito enquanto esteve vivo. Senhor, não vos tenho má vontade. O rancor que vos mostrei na Corte do Tritão foi uma representação para agradar aos nossos amigos Frey.

— O senhor devia lançar-se numa vida de saltimbanco — disse Davos. — Vós e os vossos fostes muito convincentes. A vossa nora parecia querer-me muito seriamente morto, e a rapariguinha...

— Wylla. — O Lorde Wyman sorriu. — Vistes como ela foi valente? Mesmo quando ameaçei cortar-lhe a língua, fez-me lembrar da dívida que Porto Branco tem para com os Stark de Winterfell, uma dívida que nunca poderá ser paga. Wylla falou com o coração, tal como a Senhora Leona. Perdoai-lhe se puderdes, senhor. É uma mulher tola e assustada, e Wylis é a sua vida. Nem todos os homens têm em si o que é preciso para serem o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, ou Symeon Olhos de Estrela, e nem todas as mulheres podem ser tão corajosas como a minha Wylla e a irmã Wynafryd... a qual *sabia*, mas desempenhou o seu papel destemidamente.

»Quando lida com mentirosos, até um homem honesto tem de mentir. Não me atrevi a desafiar Porto Real enquanto o meu único filho sobrevivente continuasse cativo. O Lorde Tywin Lannister escreveu-me pessoalmente para dizer que tinha Wylis em seu poder. Se eu quisesse que ele fosse libertado incólume, disse-me ele, tinha de me arrepender da minha traição, render a cidade, declarar lealdade ao rei rapaz no Trono de Ferro... e dobrar o joelho a Roose Bolton, o seu Protetor do Norte. Se recusasse, Wylis morreria uma morte de traidor, Porto Branco seria assaltado e saqueado, e a minha gente sofreria o mesmo destino dos Reyne de Castamere.

»Eu sou gordo, e muitos julgam que isso me torna fraco e tolo. Talvez Tywin Lannister fosse um desses homens. Enviei-lhe em resposta um corvo a dizer que dobraria o joelho e abriria os portões depois de o meu filho me ser devolvido, mas não antes. O assunto estava nesse pé quando Tywin morreu. Depois, os Frey apareceram com os ossos de Wendel... para fazer a paz e selá-la

com um pacto de casamento, segundo afirmaram, mas eu não lhes ia dar o que queriam até ter Wylis, em segurança e inteiro, e eles não me iam dar Wylis até que eu provasse a minha lealdade. A vossa chegada deu-me os meios para o fazer. Foi esse o motivo da descortesia que mostrei para convosco na Corte do Tritão, e da cabeça e mãos a apodrecer por cima do Portão das Focas.

— Correstes um grande risco, senhor — disse Davos. — Se os Frey tivessem compreendido o vosso logro...

— Não corri risco algum. Se algum dos Frey tivesse decidido escalar o meu portão para examinar de perto o homem com a cebola na boca, eu teria culpado os carcereiros pelo erro e apresentar-vos-ia para os apaziguar.

Davos sentiu um arrepio subir-lhe a espinha.

— Estou a ver.

— Espero que sim. Dissestes que tínheis filhos vossos.

Três, pensou Davos, embora tenha gerado sete.

— Em breve terei de regressar ao banquete para fazer um brinde aos meus amigos de Frey — prosseguiu Manderly. — Eles vigiam-me, sor. Têm os olhos postos em mim de dia e de noite, com os narizes a farejar alguma baforada de traição. Vós viste-los, o arrogante Sor Jared e o irmão Rhaegar, aquele verme afetado que usa um nome de dragão. Atrás de ambos está Symond, a fazer tinir moedas. Esse comprou e pagou vários dos meus criados e dois dos meus cavaleiros. Uma das aias da mulher conseguiu enfiar-se na cama do meu bobo. Se Stannis se interroga sobre o motivo por que as minhas cartas dizem tão pouco, é porque nem sequer me atrevo a confiar no meu mestre. Theomore é todo cabeça e nada de coração. Ouviste-lo no meu salão. Os mestres devem pôr de lado as antigas lealdades quando envergam as suas correntes, mas não me consigo esquecer de que Theomore nasceu entre os Lannister de Lanisporto, e tem um distante parentesco com os Lannister do Rochedo Casterly. lenho inimigos e falsos amigos a toda a volta, Lorde Davos. Infestam a minha cidade como baratas, e à noite sinto-os a rastejar por cima de mim. — Os dedos do gordo enrolaram-se num punho, e todos os seus queixos tremeram. — O meu filho Wendel entrou nas Gémeas como hóspede. Comeu do pão e do sal do Lorde Walder, e pendurou a espada na parede para festejar com amigos. E assassinaram-no. Assassinaram-no, digo eu, e que os Frey sufoquem nas suas fábulas. Eu bebo com Jared, gracejo com Symond, prometo a Rhaegar a mão da minha querida neta... mas nunca julgueis que isso quer dizer que me esqueci. O Norte lembra-se, Lorde Davos. O Norte lembra-se, e a farsa está quase no fim. O meu filho está em casa.

Algo no modo como o Lorde Wyman disse aquilo enregelou Davos até aos ossos.

— Se é justiça que quereis, senhor, virai os olhos para o Rei Stannis. Não há homem mais justo.

Robett Glover interveio para acrescentar:

— A vossa lealdade honra-vos, senhor, mas Stannis Baratheon continua a ser o vosso rei, não o nosso.

— O vosso rei está morto — fez-lhes lembrar Davos — assassinado no Casamento Vermelho ao lado do filho do Lorde Wyman.

— O Jovem Lobo está morto — concedeu Manderly — mas esse valente rapaz não era o único filho do Lorde Eddard. Robett, trazei o moço.

— Imediatamente, senhor. — Glover deslizou porta fora.

O moço? Seria possível que um dos irmãos de Robb Stark tivesse sobrevivido à ruína de Winterfell? Teria o Manderly um herdeiro Stark escondido no seu castelo? *Um moço encontrado ou um moço fingido?* Suspeitava que o Norte se levantaria por qualquer um... mas Stannis Baratheon nunca faria causa comum com um impostor.

O moço que entrou atrás de Robett Glover não era um Stark e nunca poderia ter esperança de passar por um Stark. Era mais velho do que os irmãos assassinados do Jovem Lobo, pelo aspeto teria uns catorze ou quinze anos, e os seus olhos eram ainda mais velhos. Sob um emaranhado de cabelo castanho escuro, a sua cara era quase ferina, com uma boca larga, um nariz aguçado e um queixo pontiagudo.

— Quem és tu? — perguntou Davos.

O rapaz olhou para Robett Glover.

— Ele é um mudo, mas temos andado a ensinar-lhe as letras. Aprende depressa. — Glover tirou um punhal do cinto e deu-o ao rapaz. — Escreve o teu nome para o Lorde Seaworth.

Não havia pergaminho no aposento. O rapaz entalhou as letras numa trave de madeira na parede. *W... £... X*. Empurrou a faca com força no *X*. Quando acabou atirou o punhal ao ar, apanhou-o, e pôs-se a admirar a sua obra.

— O Wex é nascido no ferro. Era escudeiro de Theon Greyjoy. O Wex esteve em Winterfell. — Glover sentou-se. — O que sabe o Lorde Stannis sobre o que sucedeu em Winterfell?

Davos tentou lembrar-se das histórias que tinham ouvido.

— Winterfell foi capturado por Theon Greyjoy, que tinha sido protegido do Lorde Stark. Ele mandou matar os dois filhos mais novos do Stark e montou as suas cabeças por cima das muralhas do castelo. Quando os nortenhos vieram escorraçá-lo, passou o castelo inteiro pela espada, até à última criança, antes de ser morto pelo bastardo do Lorde Bolton.

— Morto, não — disse o Glover. — Capturado e levado para o Forte do Pavor. O Bastardo tem andado a esfolá-lo.

O Lorde Wyman confirmou com a cabeça.

— A história que contaís é aquela que todos ouvimos, tão cheia de mentiras como um bolo está cheio de passas. Foi o Bastardo de Bolton quem passou Winterfell pela espada... Ramsay Snow, como se chamava nessa altura, antes de o rei rapaz fazer dele um Bolton. O Snow não os matou a todos. Poupou as mulheres, prendeu-as umas às outras com cordas, e fê-las marchar até ao Forte do Pavor por desporto.

— Por desporto?

— Ele é um grande caçador — disse Wyman Manderly — e as mulheres são as suas presas preferidas. Despe-as por completo e solta-as na floresta. Tem um avanço de meio dia antes de ele partir atrás delas com cães e cornos de caça. De vez em quando, uma rapariga qualquer escapa e sobrevive para contar a história. A maioria tem menos sorte. Quando Ramsay as apanha, viola-as, esfolas-as, dá os seus cadáveres a comer aos cães e traz as peles para o Forte do Pavor como troféus. Se lhe deram boa luta, corta-lhes as gargantas antes de as esfolar. Se não, é ao contrário.

Davos empalideceu.

— Pela bondade dos deuses. Como pode algum homem...

— A maldade está-lhe no sangue — disse Robett Glover. — É um bastardo nascido de uma violação. Um *Snow*, diga o rei rapaz o que disser.

— Nome de neve. Terá alguma vez havido neve tão negra? — perguntou o Lorde Wyman. — Ramsay capturou as terras do Lorde Hornwood casando-se à força com a viúva dele, e depois trancou-a numa torre e esqueceu-a. Diz-se que ela comeu os próprios dedos no seu desespero... e a noção de justiça régia dos Lannister é recompensarem o seu assassino com a filha de Ned Stark.

— Os Bolton sempre foram tão cruéis como astuciosos, mas este parece uma besta em pele humana — disse Glover.

O Senhor de Porto Branco inclinou-se para a frente.

— Os Frey não são melhores. Falam de *wargs* e troca-peles e asseguram que foi Robb Stark quem matou o meu Wendel. A arrogância! Não esperam que o Norte acredite mesmo nas suas mentiras, mas acham que temos de fingir acreditar, caso contrário morreremos. Roose Bolton mente sobre o papel que desempenhou no Casamento Vermelho, e o seu bastardo mente sobre a queda de Winterfell. E, no entanto, enquanto tiveram Wylis em sua posse não tive alternativa a comer todo este excremento e a elogiar o sabor.

— E agora, senhor? — perguntou Davos.

Tivera a esperança de ouvir o Lorde Wyman dizer: E agora declararei o meu apoio ao Rei Stannis, mas em vez disso o gordo fez um estranho sorriso bruxuleante e disse:

— E agora tenho de ir a um casamento. Sou gordo demais para montar a cavalo, como qualquer homem com olhos pode ver claramente. Em rapaz, adorava cavalgar, e em jovem dominava uma montada suficientemente bem para conquistar alguns elogios nas liças, mas esses dias chegaram ao fim. O meu corpo transformou-se numa prisão mais terrível do que o Covil do Lobo. Mesmo assim, tenho de ir a Winterfell. Roose Bolton quer-me de joelhos, e por baixo da cortesia de veludo mostra-me a malha de ferro. Irei de barça e de liteira, acompanhado por uma centena de cavaleiros e pelos meus bons amigos das Gémeas. Os Frey chegaram cá por mar. Não têm cavalos consigo, pelo que presentearé cada um deles com um palafrém como presente de hospedagem. Os anfitriões ainda dão presentes de hospedagem no Sul?

— Alguns dão senhor. No dia em que o seu hóspede parte.

— Então talvez compreendais. — Wyman Manderly pôs-se pesadamente em pé. — Tenho andado há mais de um ano a construir navios de guerra. Vós vistes alguns, mas há muitos mais escondidos a montante da Água Branca. Mesmo com as perdas que sofri, ainda comando mais cavalaria pesada do que qualquer outro senhor a norte do Gargalo. As minhas muralhas são fortes e os meus cofres estão cheios de prata. Castelovelho e Atalaia da Viúva farão o que eu fizer. Os meus vassalos incluem uma dúzia de pequenos senhores e uma centena de cavaleiros com terras. Posso entregar ao Rei Stannis a lealdade de todas as terras a leste da Faca Branca, de Atalaia da Viúva e Aríete ao Cabeço de Ovelha e às nascentes do Ramo Quebrado. Prometo fazer tudo isto se vós aceitardes o meu preço.

— Posso levar as vossas condições ao rei, mas...

O Lorde Wyman interrompeu-o.

— Se vós aceitardes o meu preço, disse eu. Não Stannis. Não é de um rei que preciso mas de um contrabandista.

Robett Glover prosseguiu o relato.

— Podemos nunca chegar a saber tudo o que aconteceu em Winterfell, quando Sor Rodrik Cassei tentou recuperar o castelo das mãos dos homens de ferro de Theon Greyjoy. O Bastardo de Bolton afirma que o Greyjoy assassinou Sor Rodrik durante uma negociação. Wex diz que não. Até que ele aprenda mais letras nunca saberemos metade da verdade... mas ele chegou junto de nós conhecendo o *sim* e o *não*, e com isso pode chegar-se muito longe se se encontrar as perguntas certas.

— Foi o Bastardo quem assassinou Sor Rodrik e os homens de Winterfell — disse o Lorde Wyman. — Também matou os homens de ferro de Greyjoy. Wex viu homens a ser abatidos quando tentavam render-se. Quando perguntámos como escapou, pegou num bocado de giz e desenhou uma árvore com uma cara.

Davos refletiu sobre aquilo.

— Os deuses antigos salvaram-no?

— De certo modo. Subiu à árvore coração, e escondeu-se entre as folhas. Os homens de Bolton fizeram duas buscas ao bosque sagrado e mataram os homens que lá encontraram, mas nenhum pensou em subir às árvores. Foi isso que aconteceu, Wex?

O rapaz atirou ao ar o punhal de Glover, apanhou-o, anuiu.

Glover disse:

— Ele ficou em cima da árvore durante muito tempo. Dormiu entre os ramos, sem se atrever a descer. Por fim, ouviu vozes por baixo de si.

— As vozes dos mortos — disse Wyman Manderly

Wex ergueu cinco dedos, bateu em cada um deles com o punhal, depois dobrou quatro e voltou a bater no último.

— Seis — disse Davos. — Eram seis.

— Dois dos quais, os filhos assassinados de Ned Stark.

— Como pôde um mudo dizer-vos isso?

— Com giz. Desenhou dois rapazes... e dois lobos.

— O rapaz é nascido no ferro, portanto achou melhor não se mostrar — disse Glover. — Escutou. Os seis não se demoraram muito tempo nas ruínas de Winterfell. Quatro foram para um lado, dois para outro. Wex esgueirou-se atrás dos dois, uma mulher e um rapaz. Deve ter ficado contra o vento, porque o lobo não sentiu o seu cheiro.

— Sabe para onde foram — disse o Lorde Wyman.

Davos compreendeu.

— Quereis o rapaz.

— Roose Bolton tem a filha do Lorde Eddard. Para o contrariar, Porto Branco tem de ter o filho de Ned... e o lobo gigante. O lobo provará que o rapaz é quem nós dizemos que é, para o caso do Forte do Pavor tentar negá-lo. Esse é o meu preço, Lorde Davos. Contrabandeai-me de volta o meu suserano, e eu aceitarei Stannis Baratheon como rei.

Um velho instinto fez Davos Seaworth levar a mão à garganta. Os ossos dos seus dedos tinham sido a sua sorte, e de algum modo sentia que teria necessidade de sorte para fazer aquilo que Wyman Manderly estava a pedir-lhe. Mas os ossos tinham desaparecido, então disse:

— Tendes ao vosso serviço homens melhores do que eu. Cavaleiros, senhores e mestres. Para que precisais de um contrabandista? Tendes navios.

— Tenho navios — concordou o Lorde Wyman — mas as minhas tripulações são compostas por homens do rio, ou por pescadores que nunca navegaram para lá da Dentada. Para isto tenho de ter um homem que tenha navegado em águas mais tenebrosas e saiba como passar por perigos sem ser visto e sem ser molestado.

— Onde está o rapaz? — sem que soubesse como, Davos sabia que não gostaria da resposta. — Para onde quereis que eu vá, senhor?

Robett Glover disse: — Wex. Mostra-lhe.

O mudo atirou o punhal ao ar, apanhou-o, depois atirou-o a rodopiar contra o mapa de pele de ovelha que adornava a parede do Lorde Wyman. O punhal espetou-se, tremendo. Depois, o rapaz sorriu.

Durante meio segundo, Davos pensou em pedir a Wyman Manderly para o mandar de volta para o Covil do Lobo, para Sor Bartimus com as suas histórias e para Garth com as suas letais senhoras. No Covil até os prisioneiros comiam papas de aveia de manhã. Mas havia outros lugares neste mundo onde os homens eram conhecidos por quebrar o jejum com carne humana.

D A E N E R Y S

Todas as manhãs, do seu terraço ocidental, a rainha contava as velas na Baía dos Escravos.

Naquela contou vinte e cinco, embora algumas estivessem distantes e em movimento, pelo que era difícil ter a certeza. Ocasionalmente falhava uma ou contava uma duas vezes. *Que importa? Um estrangulador só precisa de dez dedos.* Todo o comércio parara, e os seus pescadores não se atreviam a sair para a baía. Os mais ousados ainda lançavam algumas linhas no rio, embora mesmo isso fosse perigoso; mais eram os que permaneciam amarrados sob as muralhas de tijolos multicoloridos de Meereen.

Havia também navios de Meereen na baía, navios de guerra e galés comerciais cujos capitães os tinham levado para o mar quando a hoste de Dany pusera a cidade sob cerco, regressados agora para aumentar as frotas de Qarth, Tolos e Nova Ghis.

Os conselhos do seu almirante tinham-se demonstrado menos que inúteis.

— Deixai que vejam os vossos dragões — dissera Groleo. — Deixai que os yunkaitas provem um pouco de fogo, que o comércio voltará a fluir.

— Aqueles navios estão a estrangular-nos, e tudo o que o meu almirante consegue fazer é falar de dragões — dissera Dany. — Tu és o meu almirante, não és?

— Um almirante sem navios.

— *Constrói* navios.

— Navios de guerra não podem ser feitos de tijolo. Os escravagistas queimaram todas as explorações de madeira vinte léguas em redor.

— Então afasta-te vinte e duas léguas. Dou-te carroças, trabalhadores, mulas, tudo o que te fizer falta.

— Eu sou um marinheiro, não um construtor naval. Fui mandado trazer Vossa Graça para Pentos. Em vez disso, vós trouxeste-nos para aqui e fizestes o meu *Saduleon* em bocados para arranjar pregos e umas tábuas. Nunca mais verei navio como aquele. Posso nunca mais ver a minha casa nem a minha velha mulher. Não fui eu quem recusou os navios que Daxos ofereceu. Não posso combater os qartenos com barcos de pesca.

A amargura dele consternou-a, de tal forma que Dany deu por si a interrogar-se sobre se o grisalho pentoshi poderia ser um dos seus três traidores. *Não, ele é só um velho, longe de casa e cheio de saudades.*

— Tem de haver *alguma coisa* que possamos fazer.

— Sim, e já vos disse o quê. Aqueles navios são feitos de cordas, piche e tela, de pinho qohorik e teca de Sothoros, de velho carvalho da Grande Norvos, de teixo, freixo e abeto. Madeira, Vossa Graça. A madeira arde. Os dragões...

— Não quero ouvir falar mais sobre os meus dragões. Vai-te embora. Vai rezar aos teus deuses de Pentos por uma tempestade que afunde os nossos inimigos.

— Nenhum marinheiro reza por tempestades, Vossa Graça.

— Estou farta de ouvir dizer o que não farás. Vai-te embora.

Sor Barristan deixou-se ficar.

— As nossas provisões, por agora, são amplas — fez-lhe lembrar — e Vossa Graça plantou feijão, vinha e trigo. Os vossos dothraki correram com os escravagistas das colinas e abriram as grilhetas dos seus escravos. Eles também estão a plantar, e trarão as colheitas para o mercado em Meereen. E tereis a amizade de Lhazar.

Daario conseguiu-me isso, tenha o valor que tiver.

— Os Homens Ovelha. Bem gostaria que as ovelhas tivessem dentes.

— Isso tornaria os lobos mais cautelosos, sem dúvida.

Aquilo fê-la rir.

— Como passam os vossos órfãos, sor?

O velho cavaleiro sorriu.

— Bem, Vossa Graça. É bondade vossa perguntar. — Os rapazes eram o seu orgulho. — Quatro ou cinco têm as qualidades de cavaleiros. Talvez cheguem mesmo à dúzia.

— Um seria suficiente, se fosse tão fiel como vós. — Podia chegar em breve o dia em que teria necessidade de todos os cavaleiros. — Justarão por mim? Eu gostaria disso. — Viserys contara-lhe histórias sobre os torneios que testemunhara nos Sete Reinos, mas Dany nunca vira uma justa.

— Não estão prontos, Vossa Graça. Quando estiverem, ficarão felizes por demonstrar a sua perícia.

— Espero que esse dia chegue depressa. — Teria beijado o seu bom cavaleiro na cara, mas Missandei surgiu nesse preciso momento na soleira arqueada da porta. — Missandei?

— Vossa Graça. Skahaz espera para vos servir.

— Manda-o subir.

O Tolarrapada vinha acompanhado de duas das suas Feras de Bronze. Um trazia uma máscara de falcão, o outro o retrato de um chacal. Só se viam os olhos sob o bronze.

— Radiância, Hizdahr foi visto a entrar na pirâmide de Zhak ontem à tardinha. Só partiu bem depois de escurecer.

— Quantas pirâmides visitou? — perguntou Dany.

— Onze.

— E quanto tempo se passou desde o último assassinio?

— Vinte e seis dias. — Os olhos do Tolarrapada transbordavam de fúria. A ideia de pôr as Feras de Bronze a seguir o seu prometido e tomar nota de todos os seus aios fora dele.

— Até agora Hizdahr cumpriu as suas promessas.

— *Como?* Os Filhos da Harpia pousaram as facas, mas porquê? Porque o nobre Hizdahr pediu com jeitinho? Ele é um deles, digo-vos eu. É por isso que lhe obedecem. Pode muito bem ser ele a Harpia.

— Se é que existe uma Harpia. — Skahaz estava convencido de que algures em Meereen os Filhos da Harpia tinham um suserano de nascimento elevado, um general secreto ao comando de um exército de sombras. Dany não partilhava dessa crença. As Feras de Bronze tinham capturado dúzias dos Filhos da Harpia, e os que haviam sobrevivido à captura tinham fornecido nomes quando interrogados intensamente... demasiados nomes, parecia-lhe. Teria sido agradável pensar que todas as mortes eram a obra de um único inimigo que podia ser apanhado e morto, mas Dany suspeitava de que a verdade era outra. *Os meus inimigos são uma legião.* — Hizdahr zo Loraq é um homem persuasivo, com muitos amigos. E é rico. Talvez nos tenha comprado esta paz com ouro, ou convencido os outros nobres de que o nosso casamento é do interesse deles.

— Se não é ele a Harpia, conhece-a. Conseguirei descobrir a verdade sobre isso com bastante facilidade. Dai-me licença para sujeitar Hizdahr a interrogatório, e trar-vos-ei uma confissão.

— Não — disse ela. — Não confio nessas confissões. Trouxeste-me demasiadas, e todas inúteis.

— Radiância...

— Não, disse eu.

A carranca do Tolarrapada tornou ainda mais feia a sua feia cara.

— É um erro. O Grande Mestre Hizdahr está a fazer Vossa Reverência de idiota. Quereis uma serpente na vossa cama?

Quero Daario na minha cama, mas mandei-o embora, para teu bem e dos teus.

— Podes continuar a vigiar Hizdahr zo Loraq, mas não lhe deve acontecer nenhum mal. Entendido?

— Não sou surdo, Magnificência. Obedecerei. — Skahaz tirou um rolo de pergaminho da manga. — Vossa Reverência devia dar uma olhadela a isto. Uma lista de todos os navios meereeneses no bloqueio, com os seus capitães. Todos Grandes Mestres.

Dany estudou o pergaminho. Todas as famílias governantes de Meereen eram nomeadas: Hazkar, Merreq, Quazzar, Zhak, Rhazdar, Ghazeen, Pahl, até Reznak e Loraq.

— Que vou eu fazer com uma lista de nomes?

— Cada homem nessa lista tem familiares dentro da cidade. Filhos e irmãos, esposas e filhas, mães e pais. Deixai que as minhas Feras de Bronze os capturem. As vidas deles reconquistar-vos-ão aqueles navios.

— Se eu enviar as Feras de Bronze para as pirâmides, isso significará guerra aberta dentro da cidade. Tenho de confiar em Hizdahr. Tenho de ter esperança na paz. — Dany pôs o pergaminho em cima de uma vela e viu os nomes desaparecer em chamas, enquanto Skahaz a olhava, furioso.

Mais tarde, Sor Barristan disse-lhe que o seu irmão Rhaegar se teria sentido orgulhoso dela. Dany lembrou-se das palavras que Sor Jorah proferira em Astapor: *Rhaegar lutou com valentia, Rhaegar lutou com nobreza, Rhaegar lutou com honra. E Rhaegar morreu.*

Quando desceu para o salão de mármore púrpura, foi encontrá-lo quase vazio.

— Hoje não há peticionários? — perguntou Dany a Reznak mo Reznak. — Ninguém que anseie por justiça ou por prata por uma ovelha?

— Não, Reverência. A cidade está com medo.

— Não há nada a temer.

Mas havia mais que muito a temer, como ficou a saber nessa noite. Enquanto os jovens reféns Miklaz e Kezmya estavam a servir-lhe um jantar simples de verduras de outono e sopa de gengibre, Irri veio dizer-lhe que Galazza Galare regressara, com três Graças Azuis do templo.

— O Verme Cinzento também veio, *khaleesi*. Suplica para falar convosco, com grande urgência.

— Leva-o para o salão. E chama Reznak e Skahaz. A Graça Verde disse qual era o assunto?

— Astapor — disse Irri.

O Verme Cinzento deu início à história.

— Saiu das névoas da manhã, um cavaleiro numa égua branca, moribundo. A égua estava a cambalear quando se aproximou dos portões da cidade, com os flancos rosados de sangue e espuma, os olhos a rolar de terror. O cavaleiro gritou "*Ela está a arder; ela está a arder*" e caiu da sela. Este foi chamado e deu ordens para o cavaleiro ser levado às Graças Azuis. Quando os vossos criados o transportaram para dentro dos portões, ele voltou a gritar: "*Ela está a arder.*" Por baixo do *tokar* era um esqueleto, todo ele ossos e carne febril.

Uma das Graças Azuis continuou a história.

— Os Imaculados trouxeram este homem para o templo, onde o despimos e banhámos com água fria. Tinha a roupa emporcalhada, e as minhas irmãs encontraram metade de uma seta na coxa. Embora tivesse partido a haste, a cabeça continuava dentro dele, e o ferimento tinha gangrenado, enchendo-o de venenos. Morreu menos de uma hora mais tarde, ainda a gritar que ela estava a arder.

— Ela está a arder — repetiu Daenerys. — Quem é *ela*?

— Astapor, Radiância — disse outra das Graças Azuis. — Ele disse-o uma vez. Disse: "*Astapor está a arder.*"

— Podia ser a febre a falar.

— Vossa Radiância fala sabiamente — disse Galazza Galare — mas Ezzara viu mais uma coisa.

A Graça Azul chamada Ezzara fechou as mãos.

— Minha rainha — murmurou a febre dele não foi causada pela seta. Ele tinha-se emporcalhado, não uma mas muitas vezes. As manchas chegavam-lhe aos joelhos, e havia sangue seco no meio dos excrementos.

— A égua estava a sangrar, segundo o Verme Cinzento.

— Isso é verdade, Vossa Graça — confirmou o eunuco. — A égua branca estava ensanguentada por causa das esporas do cavaleiro.

— Pode ser verdade, Radiância — disse Ezzara — mas este sangue estava misturado com as fezes dele. Manchou-lhe a roupa de dentro.

— Ele estava a sangrar das tripas — disse Galazza Galare.

— Não podemos ter a certeza — disse Ezzara — mas pode ser que Meereen tenha mais a temer do que as lanças dos yunkaitas.

— Temos de rezar — disse a Graça Verde. — os deuses enviaram-nos este homem. Vem como mensageiro. Vem como um sinal.

— Um sinal de quê? — perguntou Dany.

— Um sinal de fúria e ruína.

A rainha não quis acreditar em tal coisa.

— Ele era um homem. Um homem doente com uma seta na perna. Foi um cavalo que o trouxe até aqui, não um deus. — *Uma égua branca.* Dany levantou-se de repente. — Agradeço-vos pelos vossos conselhos, e por tudo o que fizestes por este pobre homem.

A Graça Verde beijou os dedos de Dany antes de se retirar.

— Rezaremos por Astapor.

Epór mim. Oh, rezai por mim, senhora. Se Astapor caíra, nada restava a evitar que os yunkaitas rumassem a norte. Virou-se para Sor Barristan.

— Enviai cavaleiros para as colinas em busca dos meus companheiros de sangue. Chamai também o Ben Castanho e os Segundos Filhos.

— E os Corvos Tormentosos, Vossa Graça?

Daario.

— Sim. Sim. — Apenas três noites antes, sonhara com Daario a jazer morto na berma da estrada, a fitar o céu sem ver enquanto corvos querelavam por cima do seu cadáver. Noutras noites mexia-se na cama, imaginando que ele a traía como traía em tempos os outros capitães dos Corvos Tormentosos. *Trouxe-me as cabeças deles.* E se tivesse levado a sua companhia de volta para Yunkai, a fim de a vender por um pote de ouro? *Ele não faria tal coisa. Faria?* — Os Corvos Tormentosos também. Mandai imediatamente cavaleiros à procura deles.

Os Segundos Filhos foram os primeiros a regressar, oito dias depois de a rainha enviar as convocatórias. Quando Sor Barristan lhe disse que o capitão queria falar com ela, pensou por um momento que era Daario e o coração saltou-lhe no peito. Mas o capitão de que ele falava era o Ben Castanho Plumm.

O Ben Castanho tinha uma cara marcada e gasta pelo tempo, a pele da cor de teca velha, cabelo branco e rugas aos cantos dos olhos. Dany ficou tão contente por ver a sua coriácea cara castanha que o abraçou. Os olhos dele enrugaram-se de divertimento.

— Ouvi dizer que Vossa Graça ia arranjar um marido — disse — mas ninguém me disse que era eu. — Riram-se juntos enquanto Reznak lançava perdigotos, mas o riso cessou quando o Ben Castanho disse: — Apanhámos três astapori. É melhor que Vossa Reverência ouça o que eles dizem.

— Trazei-os.

Daenerys recebeu-os na imponência do seu salão, à luz de altas velas que ardiam entre os pilares de mármore. Quando viu que os astapori estavam meio mortos de fome, mandou imediatamente buscar comida. Aqueles três eram o que restava de uma dúzia que tinha partido em conjunto da Cidade Vermelha; um assentador de tijolos, uma tecelã e um sapateiro.

— O que aconteceu ao resto do vosso grupo? — perguntou a rainha.

— Foram mortos — disse o sapateiro. — Os mercenários de Yunkai patrulham as colinas a norte de Astapor, à caça daqueles que fogem das chamas.

— Então a cidade caiu? As suas muralhas eram grossas.

— É verdade — disse o assentador de tijolos, um corcunda com olhos ramelosos — mas também eram velhas e meio arruinadas.

A tecelã ergueu a cabeça.

— Todos os dias dizíamos uns aos outros que a rainha dos dragões ia voltar. — A mulher tinha lábios finos e olhos apagados e mortos, incrustados numa cara macilenta e estreita. — Cleon tinha-vos mandado buscar, dizia-se, e vós vínheis a caminho.

Ele nuindou-me buscar, pensou Dany. Pelo menos isso é verdade.

— Fora das nossas muralhas, os yunkaitas devoraram-nos as colheitas e massacraram-nos os rebanhos — prosseguiu o sapateiro. — Dentro, passámos fome. Comemos gatos, ratazanas e couro. Uma pele de cavalo era um banquete. O Rei Assassino e a Rainha Rameira acusaram-se um ao outro de se banquetear com a carne dos mortos. Homens e mulheres reuniram-se em segredo para tirar à sorte e se empanturrarem com a carne daquele a quem calhasse a pedra negra. A pirâmide de Nakloz foi despojada e incendiada por aqueles que afirmaram que Kraznys mo Nakloz tinha culpa de todos os nossos infortúnios.

— Outros culpavam Daenerys — disse a tecelã — mas éramos mais os que ainda vos amávamos. "Ela vem a caminho," dizíamos uns aos outros. "Ela vem à cabeça de uma grande hoste, com comida para todos."

Quase não consigo alimentar o meu próprio povo. Se tivesse marchado para Astapor teria perdido Meereen.

O sapateiro contou-lhes como o corpo do Rei Carniceiro fora desenterrado e vestido com uma armadura de cobre, depois da Graça Verde de Astapor ter tido uma visão na qual ele os libertaria dos yunkaitas. Couraçado e fétido, o cadáver de Cleon, o Grande, fora atado ao dorso de um cavalo morto de fome para liderar os restos dos seus novos Imaculados numa surtida, mas avançaram mesmo em direção aos dentes de ferro de uma legião de Nova Ghis, e foram abatidos até ao último homem.

— Depois, a Graça Verde foi empalada numa estaca na Praça da Punição e deixada lá até morrer. Na pirâmide de Ullhor, os sobreviventes tiveram um grande festim que durou metade da noite, e empurraram o resto da sua comida para baixo com vinho envenenado para nenhum deles precisar de acordar ao chegar a manhã. Pouco depois, chegou a doença, uma fluxão sangrenta que matou três homens em quatro, até que uma turba de moribundos enlouqueceu e matou os guardas do portão principal.

O velho fabricante de tijolos interrompeu para dizer:

— Não. Isso foi obra de homens saudáveis, a fugir para escapar à fluxão.

— Será que importa? — perguntou o sapateiro. — Os guardas foram feitos em bocados e os portões foram escancarados. As legiões de Nova Ghis entraram em torrente em Astapor, seguidas pelos yunkaitas e pelos mercenários montados nos seus cavalos. A Rainha Rameira morreu a combatê-los com uma praga nos lábios. O Rei Assassino rendeu-se e foi atirado para uma arena de combate, para ser dilacerado por uma matilha de cães famintos.

— Mesmo nessa altura alguns diziam que vós vínheis a caminho — disse a tecelã. — Juravam que vos tinham visto montada num dragão, a voar bem alto por cima dos acampamentos dos yunkaitas. Procurámo-vos todos os dias.

Não podia ir, pensou a rainha. Não me atrevi.

— E quando a cidade caiu? — perguntou Skahaz. — O que aconteceu?

— Começou o massacre. O Templo das Graças estava cheio com os doentes que tinham vindo pedir aos deuses para os curarem. As legiões trancaram as portas e incendiaram o templo com archotes. Antes de se passar uma hora, havia incêndios a arder em todos os cantos da cidade. À medida que se espalhavam iam-se juntando uns aos outros. As ruas estavam cheias de multidões, a fugir de um lado para o outro para escapar às chamas, mas não havia saída. Os yunkaitas controlavam os portões.

— E no entanto vós escapastes — disse o Tolarrapada. — Como aconteceu isso?

O velho respondeu.

— O meu ofício é fabricar tijolos, como era o do meu pai e do pai dele antes de mim. O meu avô construiu a nossa casa encostada às muralhas da cidade. Foi coisa fácil soltar alguns tijolos

todas as noites. Quando o disse aos meus amigos, eles ajudaram-me a escorar o túnel para evitar que ruísse. Todos concordámos que poderia ser bom termos a nossa maneira de sair.

Deixei-vos com um conselho para vos governar, pensou Dany, um curandeiro, um erudito e um sacerdote. Ainda se lembrava da Cidade Vermelha como a vira pela primeira vez, seca e poeirenta por trás das suas muralhas de tijolo vermelho, sonhando sonhos cruéis mas cheia de vida. *Havia ilhas no Verme onde amantes se beijavam, mas na Praça da Punição arrancavam a pele aos homens em faixas e deixavam-nos pendurados, nus, para as moscas.*

— É bom que tenhais vindo — disse aos astapori. — Estareis em segurança em Meereen.

O sapateiro respondeu-lhe com um agradecimento, e o velho fabricante de tijolos beijou-lhe o pé, mas a tecelã fitou-a com olhos duros como ardósia. *Ela sabe que eu minto, pensou a rainha. Sabe que não os posso manter em segurança. Astapor está a arder, e Meereen arderá em seguida.*

— Vêm mais a caminho — anunciou o Ben Castanho quando os astapori foram levados. — Estes três tinham cavalos. A maioria vem a pé.

— Quantos são? — perguntou Reznak.

O Ben Castanho encolheu os ombros.

— Centenas. Milhares. Alguns doentes, alguns queimados, alguns feridos. Os Gatos e os Aventados enxameiam as colinas com lanças e chicotes, empurrando-os para norte e abatendo os retardatários.

— Bocas com pernas. E *doentes*, dizeis? — Reznak torceu as mãos. — Vossa Reverência não pode permitir-lhes a entrada na cidade.

— Eu não permitiria — disse o Ben Castanho Plumm. — Não sou mestre nenhum, atenção, mas sei que é preciso separar as maçãs estragadas das boas.

— Estes pessoas não são maçãs, Ben — disse Dany. — São homens e mulheres, doentes, esfomeados e com medo. — *Os meus filhos.* — Eu devia ter ido a Astapor.

— Vossa Graça não os poderia ter salvo — disse Sor Barristan. — Avisastes o Rei Cleon contra esta guerra com Yunkai. O homem era um idiota, e tinha as mãos vermelhas de sangue.

Mas estarão as minhas mais limpas? Lembrou-se do que Daario dissera; que todos os reis têm de ser ou carneiros ou carne.

— Cleon era o inimigo do nosso inimigo. Se me tivesse juntado a ele nos Chifres de Hazzat, podíamos ter esmagado os yunkaitas entre nós.

O Tolarrapada discordou.

— Se tivésseis levado os Imaculados para sul, para Hazzat, os Filhos da Harpia...

— Eu sei. Eu sei. É outra vez Eroeh.

O Ben Castanho Plumm mostrou-se confuso.

— Quem é Eroeh?

— Uma rapariga que eu julgava ter salvo da violação e do tormento. Tudo o que fiz foi tornar-lhe as coisas piores no fim. E tudo o que fiz em Astapor foi criar dez mil Eroehs.

— Vossa Graça não podia saber...

— Eu sou a rainha. Cabia-me saber.

— O que está feito, feito está — disse Reznak mo Reznak. — Reverência, suplico-vos, tomai o nobre Hizdahr como rei imediatamente. Ele pode falar com os Sábios Mestres, fazer a paz por nós.

— Em que termos? — cuidado com o senescal perfumado, dissera Quaithe. A mulher mascarada previra a chegada da égua branca, teria também razão a respeito do nobre Reznak? — Eu posso ser uma rapariguinha inocente na guerra, mas não sou uma ovelha para entrar a balir no covil da harpia. Ainda tenho os meus Imaculados. Tenho os Corvos Tormentosos e os Segundos Filhos. Tenho três companhias de libertos.

— Isso e dragões — disse o Ben Castanho Plumm, com um sorriso.

— No fosso, a ferros — gemeu Reznak mo Reznak. — Para que servem dragões que não se conseguem controlar? Até os Imaculados ficam com medo quando têm de abrir as portas para os alimentar.

— Quê, dos bichinhos de estimação da rainha? — os olhos do Ben Castanho enrugaram-se de divertimento. O encanecido capitão dos Segundos Filhos era uma criatura das companhias livres, um mestiço com o sangue de uma dúzia de povos diferentes a correr-lhe nas veias, mas sempre gostara dos dragões, e os dragões dele.

— Bichinhos de estimação? — guinchou Reznak. — Monstros, isso sim. Monstros que se alimentam de crianças. Não podemos...

— *Silêncio* — disse Daenerys. — Não falaremos disso.

Reznak encolheu-se, estremecendo com a fúria no tom de voz da rainha.

— Perdoai-me Magnificência, eu não...

O Ben Castanho Plumm atropelou-o.

— Vossa Graça, os yunkaitas têm três companhias livres contra as nossas duas, e diz-se que mandaram emissários a Volantis para trazer a Companhia Dourada. Esses sacanas põem em campo dez mil homens. Yunkai tem também quatro legiões ghiscariotas, se calhar mais, e eu ouvi dizer que enviaram cavaleiros para o mar dothraki para tentar fazer com que algum grande *khalasar* caísse sobre nós. Segundo o modo como eu vejo as coisas, nós *precisamos* dos dragões.

Dany suspirou.

— Lamento, Ben. Não me atrevo a soltar os dragões. — Conseguia ver que não era aquela a resposta que ele queria.

Plumm coçou as suíças mosqueadas.

— Se não houver dragões na balança, bem... devíamos ir-nos embora antes daqueles sacanas de Yunkai fecharem a armadilha... mas primeiro fazei os escravagistas pagar para nos

verem pelas costas. Eles pagam aos *khals* para deixarem as suas cidades em paz, por que não a nós? Voltai a vender-lhes Meereen e parti para oeste com carroças cheias de ouro, pedras preciosas e coisas dessas.

— Queres que eu saqueie Meereen e fuja? Não, não farei tal coisa. Verme Cinzento, os meus libertos estão prontos para a batalha?

O eunuco cruzou os braços ao peito.

— Não são Imaculados, mas não vos irão envergonhar. Este podia jurá-lo pela lança ou pela espada, Reverência.

— Bom. Isso é bom. — Daenerys olhou para as caras dos homens que tinha na frente. O Tolarrapada, a franzir o sobrolho. Sor Barristan, com a sua cara enrugada e tristes olhos azuis. Reznak mo Reznak, pálido, a suar. O Ben Castanho, de cabelo branco, encanecido, duro como couro velho. O Verme Cinzento, de cara lisa, imperturbável, sem expressão. *Daario devia estar aqui, e os meus companheiros de sangue também*, pensou. *Se vai haver batalha, o sangue do meu sangue devia estar comigo*. Também sentia a falta de Sor Jorah Mormont. *Ele mentiu-me, forneceu informações sobre mim, mas também me amou, e sempre me deu bons conselhos*. — Eu já derrotei os yunkaitas uma vez. Voltarei a derrotá-los. Mas onde? Como?

— Quereis pôr-vos em campo? — a voz do Tolarrapada estava carregada de incredulidade. — Isso seria uma loucura. As nossas muralhas são mais altas e mais espessas do que as muralhas de Astapor, e os nossos defensores são mais valentes. Os yunkaitas não tomarão esta cidade facilmente.

Sor Barristan discordou.

— Não me parece que devamos deixá-los investir contra nós. A hoste deles é, no máximo, uma manta de retalhos. Aqueles escravagistas não são soldados. Se os apanharmos desprevenidos...

— Há poucas hipóteses disso acontecer — disse o Tolarrapada. — Os yunkaitas têm muitos amigos dentro da cidade. Eles saberão.

— Conseguimos reunir um exército de que tamanho? — perguntou Dany.

— Não será suficientemente grande, com o vosso régio perdão — disse o Ben Castanho Plumm. — Que tem Naharis a dizer? Se vamos fazer disto uma batalha, precisamos dos Corvos Tormentosos dele.

— Daario continua em campo. — *Oh, deuses, que fiz eu? Será que o enviei para a morte?*— Ben, vou precisar dos teus Segundos Filhos para recolher informações sobre os nossos inimigos. Onde estão a que velocidade avançam, quantos homens têm e qual a sua disposição.

— Vamos precisar de provisões. E também de cavalos repousados.

— Claro. Sor Barristan tratará disso.

O Ben Castanho coçou o queixo.

— Pode ser que consigamos fazer com que alguns deles se passem para o nosso lado. Se Vossa Graça puder dispensar uns sacos de ouro e pedras preciosas... só pra dar aos capitães deles um saborzinho, como se diz... bem, quem sabe?

— Comprá-los, porque não? — disse Dany. Sabia que aquele tipo de coisa andava sempre a acontecer entre as companhias livres das Terras Disputadas. — Sim, muito bem. Reznak, trata disso. Depois dos Segundos Filhos saírem, fecha os portões e duplica os vigias nas muralhas.

— Será feito, Magnificência — disse Reznak mo Reznak. — E os astapori?

Os meus filhos.

— Eles vêm para cá em busca de auxílio. Em busca de socorro e proteção. Não lhes podemos virar as costas.

Sor Barristan franziu o sobrolho.

— Vossa Graça, eu sei de casos em que a fluxão sangrenta destruiu exércitos inteiros quando foi deixada espalhar-se sem controlo. O senescal tem razão. Não podemos ter os astapori em Meereen.

Dany olhou-o, impotente. Era bom que os dragões não chorassem.

— Então será como dizeis. Mantê-los-emos do lado de fora das muralhas até que... que esta praga percorra o seu caminho. Montai um acampamento para eles junto do rio, a oeste da cidade. Mandar-lhes-emos a comida que pudermos mandar. Talvez consigamos separar os saudáveis dos doentes. — Estavam todos a olhá-la. — Quereis obrigar-me a dizê-lo por duas vezes? Ide fazer o que ordenei. — Dany levantou-se, passou intempestivamente pelo Ben Castanho e subiu os degraus que levavam à doce solidão do seu terraço.

Duzentas léguas separavam Meereen de Astapor, mas parecia-lhe que o céu estava mais escuro a sudoeste, manchado e enevoadado com o fumo do falecimento da Cidade Vermelha. *Tijolos e sangue construíram Astapor; e tijolos e sangue fizeram o seu povo.* A velha rima ressoou-lhe na cabeça. *Cinzas e ossos são Astapor e cinzas e ossos são o seu povo.* Tentou lembrar-se da cara de Eroeh, mas os traços da rapariga morta não paravam de se transformar em fumo.

Quando Daenerys finalmente virou costas à paisagem, Sor Barristan estava perto dela, envolto no seu manto para se proteger do frio do início da noite.

— Podemos transformar isto num combate? — perguntou-lhe.

— Os homens podem sempre combater, Vossa Graça. É melhor perguntardes se podemos vencer. Morrer é fácil, mas a vitória é difícil de alcançar. Os vossos libertos estão meio treinados e ainda não tiveram o batismo de sangue. Os vossos mercenários serviram em tempos os vossos inimigos, e depois de um homem virar o manto não terá escrúpulos em voltar a virá-lo. Tendes dois dragões que não podem ser controlados, e um terceiro que pode estar perdido para vós. Para lá daquelas muralhas, os vossos únicos amigos são os lhazarenos, que não têm gosto pela guerra.

— Mas as minhas muralhas são fortes.

— Não são mais fortes do que quando nós estávamos fora delas. E os Filhos da Harpia estão dentro das muralhas conosco. Os Grandes Mestres também, tanto aqueles que não matastes como os filhos dos que matastes.

— Eu sei. — A rainha suspirou. — O que aconselhais, sor?

— A batalha — disse Sor Barristan. — Meereen está sobrepovoada e cheia de bocas famintas, e vós tendes demasiados inimigos cá dentro. Temo que não possamos resistir a um cerco durante muito tempo. Defrontemos o inimigo quando ele vier para norte, em terreno da minha escolha.

— Defrontar o inimigo — ecoou ela — com os libertos que dissestes estarem meio treinados e sem batismo de sangue.

— Iodos estivemos por batizar um dia, Vossa Graça. Os Imaculados ajudarão a enrijecê-los. Se eu tivesse quinhentos cavaleiros...

— Ou cinco. E se eu vos der os Imaculados não terei ninguém além das Feras de Bronze para controlar Meereen. — Quando Sor Barristan não a contestou, Dany fechou os olhos. *Deuses, orou, levastes Khal Drogo, que era o meu sol-e-estrelas. Levastes o nosso valente filho antes de ele respirar pela primeira vez. Já obtivestes de mim o vosso sangue. Ajudai-me agora, suplico-vos. Dai-me a sabedoria para ver o caminho, que me aguarda, e a força para fazer o que tiver de fazer para manter os meus filhos em segurança.*

Os deuses não responderam.

Quando voltou a abrir os olhos, Daenerys disse:

— Não posso combater dois inimigos, um no interior e outro no exterior. Se quiser conservar Meereen, tenho de ter o apoio da cidade. De *toda* a cidade. Preciso... preciso... — Não conseguiu dizê-lo.

— Vossa Graça? — instou Sor Barristan com gentileza. *Uma rainha não pertence a si, mas ao seu povo.*

— Preciso de Hizdahr zo Loraq.

MELISANDRE

Nunca estava realmente escuro nos aposentos de Melisandre.

Três velas de sebo ardiam no parapeito da janela para manter à distância os terrores da noite. Outras quatro tremeluziam junto da cama, duas de cada lado. Na lareira, um fogo era mantido a arder de dia e de noite. A primeira lição que aqueles que a serviam tinham de aprender era que nunca, nunca se podia permitir que o fogo se apagasse.

A sacerdotisa vermelha fechou os olhos e proferiu uma prece, após o que voltou a abri-los para encarar a lareira. *Mais uma vez.* Tinha de ter a certeza. Muitos sacerdotes e sacerdotisas antes dela tinham sido derrubados por falsas visões, por verem o que desejavam ver em vez daquilo que o Senhor da Luz enviara. Stannis, o rei que transportava aos ombros o destino do mundo, Azor Ahai renascido, estava a marchar para sul, para o perigo. Decerto que R'hllor lhe concederia um vislumbre daquilo que o aguardava. *Mostrai-me Stannis, Senhor, rezou. Mostrai-me o vosso rei, o vosso instrumento.*

Visões dançaram na frente dela, douradas e escarlates, tremeluzentes, formando-se, derretendo e dissolvendo-se umas nas outras, formas estranhas, aterrorizadoras e sedutoras. Viu de novo as caras sem olhos, fitando-a com órbitas a chorar sangue. Depois as torres junto ao mar, ruindo quando a maré negra se ergueu para as varrer, subindo das profundezas. Sombras com a forma de crânios, crânios que se transformavam em névoa, corpos unidos em luxúria, contorcendo-se, rolando, esgatanhando-se. Através de cortinas de fogo, grandes sombras aladas rodopiavam num duro céu azul.

A rapariga. Tenho de voltar a encontrar a rapariga, a rapariga cinzenta no cavalo moribundo. Jon Snow esperaria isso dela, e em breve. Não seria suficiente dizer que a rapariga estava em fuga. Ele queria mais, queria o quando e o onde, e ela não tinha isso para lhe dar. Só vira a rapariga uma vez. *Uma rapariga cinzenta como cinza, e ainda eu observava já ela se desfazia e era soprada para longe.*

Um rosto tomou forma dentro da lareira. *Stannis?*, pensou, só por um momento... mas não, aquelas não eram as suas feições. *Um rosto de madeira, de um branco de cadáver.* Seria aquele o inimigo? Um milhar de olhos vermelhos flutuaram nas chamas que se erguiam. *Ele está a ver-me.* A seu lado, um rapaz com uma cara de lobo atirou a cabeça para trás e uivou.

A sacerdotisa vermelha estremeceu. Sangue escorreu-lhe pela coxa abaixo, negro e fumegante. O fogo estava dentro dela, uma agonia, um êxtase, preenchendo-a, crestando-a, transformando-a. Tremelucências de calor desenharam padrões na sua pele, insistentes como a mão de um amante. Estranhas vozes chamaram-na de dias há muito passados. Ouviu uma mulher

chorar: "Melony." Uma voz de homem chamou: "Lote Sete." Ela chorava, e as suas lágrimas eram chamas. Mas mesmo assim continuou a absorvê-lo.

Flocos de neve rodopiaram caindo de um céu escuro, e cinzas ergueram-se ao seu encontro, e o cinzento e o branco giraram em volta um do outro enquanto setas chamejantes arqueavam por cima de uma muralha de madeira e coisas mortas se arrastavam, silenciosas, pelo frio, sob um grande penhasco cinzento onde fogueiras ardiam dentro de uma centena de grutas. Depois, o vento começou a soprar e a névoa branca varreu a cena, impossivelmente fria e, uma por uma, as fogueiras apagaram-se. Depois disso só restaram os crânios.

Morte pensou Melisandre. Os crânios são morte.

As chamas crepitavam suavemente, e no seu crepitar ouviu o nome sussurrado de *Jon Snow*. A longa cara dele flutuou na sua frente, retratada com línguas de vermelho e laranja, aparecendo e voltando a desaparecer, uma sombra entrevista por trás de uma cortina esvoaçante. Ora era homem, ora lobo, ora de novo homem. Mas os crânios também ali estavam, os crânios rodeavam-no por completo. Melisandre já antes vira o perigo em que o rapaz se encontrava, tentara preveni-lo desse perigo. *Inimigos a toda a sua volta, punhais no escuro*. Ele não queria dar-lhe ouvidos.

Os incréus nunca davam ouvidos até ser tarde demais.

— Que vedes senhora? — perguntou o rapaz em voz baixa.

Crânios. Mil crânios e outra vez o bastardo. Jon Snow.

Sempre que lhe perguntavam o que via no interior dos seus fogos, Melisandre respondia: "Muito e mais ainda," mas ver nunca era tão simples como aquelas palavras sugeriam. Era uma arte e, como todas as artes, exigia mestria, disciplina, estudo. *Dor. Isso também*. R'hllor falava aos seus escolhidos através do fogo abençoado, numa língua de cinzas e brasas e chamas retorcidas que só um deus podia compreender verdadeiramente. Melisandre praticara a sua arte durante anos sem conta, e pagara o preço. Não havia ninguém, mesmo na sua ordem, que tivesse a sua perícia em ver os segredos semirrevelados e semiocultos no interior das chamas sagradas.

Mas agora nem sequer parecia ser capaz de encontrar o seu rei.

Rezo por um vislumbre de Azor Ahai e R'hllor envia-lhe apenas o Snow.

— Devan — chamou — uma bebida. — Tinha a garganta dorida e ressequida.

— Sim, senhora. — O rapaz serviu-lhe uma taça de água tirada da bilha de pedra junto à janela e trouxe-lha.

— Obrigada. — Melisandre encheu a boca com água, engoliu, e dirigiu ao rapaz um sorriso. Isso fê-lo corar. O rapaz estava meio apaixonado por ela, bem o sabia. *Ele teme-me, deseja-me e adora-me.*

Mesmo assim, Devan não estava contente por estar ali. O rapaz tivera grande orgulho em servir como escudeiro de um rei, e Stannis ferira-o quando lhe ordenara para permanecer em Castelo Negro. Como qualquer rapaz da sua idade, tinha a cabeça cheia de sonhos de glória; sem dúvida que andara a imaginar a perícia que exibiria em Bosque Profundo. Outros rapazes da sua idade tinham ido para sul, a fim de servirem como escudeiros dos cavaleiros do rei e irem para a batalha a seu lado. A exclusão de Devan devia ter parecido uma censura, uma punição por algum fracasso da sua parte, ou talvez por algum fracasso do seu pai.

Na verdade, estava ali porque Melisandre o pedira. Os quatro filhos mais velhos de Davos Seaworth tinham perecido na batalha da Água Negra, quando a frota do rei fora consumida por fogo verde. Devan era o quinto filho, e estava mais seguro ali com ela do que ao lado do rei. O Lorde Davos não lhe agradeceria pelo facto mais do que o próprio rapaz agradecia, mas parecia-lhe que o Seaworth já sofrera desgostos suficientes. Apesar de estar tão mal orientado, não se podia duvidar da sua lealdade para com Stannis. Ela vira-o nas chamas.

Além disso, Devan era rápido, esperto e capaz, o que era mais do que se podia dizer da maior parte dos seus ajudantes. Quando marchara para sul, Stannis deixara para trás uma dúzia dos seus homens para a servirem, mas a maioria era inútil. Sua Graça tivera necessidade de todas as espadas, portanto só pudera dispensar grisalhos e aleijados. Um homem fora cegado por um golpe na cabeça durante a batalha da Muralha, outro fora mutilado quando a queda do cavalo lhe esmagara as pernas. O sargento perdera um braço devido à moca de um gigante. Três dos seus guardas tinham sido castrados por Stannis por violarem mulheres selvagens. Também dispunha de dois bêbados e de um covarde. Este último deveria ter sido enforcado, como o próprio rei admitira, mas provinha de uma família nobre e o pai e os irmãos tinham-se mantido firmes desde o início.

A sacerdotisa vermelha sabia que ter guardas à sua volta iria sem dúvida ajudar os irmãos negros a manterem-se devidamente respeitosos, mas não era provável que nenhum dos homens que Stannis lhe dera fosse de grande ajuda se ela se achasse em perigo. Não importava. Melisandre de Asshai não temia por si. R'hllor protegê-la-ia.

Bebeu mais um gole de água, pôs a taça de lado, pestanejou e espreguiçou-se e levantou-se da cadeira com os músculos doridos e hirtos. Depois de olhar as chamas durante tanto tempo, precisou de alguns momentos para se ajustar à fraca luz. Tinha os olhos secos e cansados, mas se os esfregasse só ficariam pior.

Viu que o fogo enfraquecera.

— Devan, mais lenha. Que horas são?

— É quase alvorada, senhora.

Alvorada. É-nos concedido mais um dia., Khllor seja louvado. Os terrores da noite recuam. Melisandre passara a noite na cadeira junto ao fogo, como fazia tão frequentemente. Com Stannis por longe, a sua cama tinha pouco uso. Não tinha tempo para dormir, com o peso do mundo sobre os ombros. E temia sonhar. *O sono é uma pequena morte, os sonhos são sussurros do Outro, aquele que nos quer arrastar a todos para a sua noite eterna.* Preferia ficar sentada, banhada na luz rubra das abençoadas chamas do seu senhor vermelho, com o rosto corado pelo embate do calor como se fosse por beijos de um amante. Em algumas noites dormitava, mas nunca durante mais que uma hora. Um dia, rezava Melisandre, não dormiria de todo. Um dia ficaria livre de sonhos. *Melony*, pensou. *Lote Sete.*

Devan alimentou o fogo com mais lenha até as chamas voltarem a saltar, ferozes e furiosas, afastando as sombras para os cantos da sala, devorando todos os sonhos indesejados de Melisandre. *A escuridão volta a recuar... por um bocadinho. Mas atrás da Muralha, o inimigo for talece-se e, se ele vencer.; a alvorada nunca regressará.* Perguntou a si própria se teria sido a cara dele que vira, a fitá-la das chamas. *Não. Decerto que não. As suas feições deviam ser mais assustadoras do que aquilo, frias e negras e demasiado terríveis para alguém as ver e sobreviver.* O homem de madeira que vislumbrara, contudo, e o rapaz com a cara de lobo... eram seus servos, decerto... os seus campeões, como Stannis era o dela.

Melisandre dirigiu-se à janela, abriu as portadas. Lá fora, o leste tinha apenas começado a clarear, e as estrelas da manhã ainda pairavam num céu negro como breu. Castelo Negro já começava a despertar com homens de mantos negros que abriam caminho pelo pátio a fim de quebrarem o jejum com uma tigela de papas antes de substituírem os irmãos no topo da Muralha. Alguns flocos de neve entraram pela janela aberta, flutuando no vento.

— A senhora deseja quebrar o jejum? — perguntou Devan.

Comida. Sim, eu devia comer. Em certos dias esquecia-se. R'hllor fornecia-lhe toda a nutrição de que o corpo necessitava, mas era melhor esconder isso dos mortais.

Aquilo de que necessitava era de Jon Snow, não de pão (rito e bacon, mas não valia a pena mandar Devan buscar o Senhor Comandante. Ele não viria ao seu chamamento. O Snow ainda preferia viver nas traseiras do armeiro, num par de modestos quartos anteriormente ocupados pelo falecido ferreiro da Patrulha. Talvez não se achasse digno da Torre do Rei, ou talvez não se importasse com isso. Esse era o seu erro, a falsa humildade da juventude que é em si mesma uma espécie de orgulho. Nunca era sensato que um governante renunciasse ao aparato do poder, pois o próprio poder é, em boa medida, gerado por esse aparato.

O rapaz não era inteiramente ingênuo, porém. Sabia que não era boa ideia vir aos aposentos de Melisandre como um suplicante, insistindo que ela devia ir ter com ele se tivesse necessidade de falar com ele. E era frequente que, quando o fazia, ele a mantivesse à espera ou se recusasse a recebê-la. Isso, pelo menos, era astuto.

— Quero chá de urtiga, um ovo cozido e pão com manteiga. Pão fresco, por favor, não frito. Podes também ir à procura do selvagem. Diz-lhe que tenho de falar com ele.

— O Camisa de Chocalho, senhora?

— E depressa.

Enquanto o rapaz andava por fora, Melisandre lavou-se e mudou de roupa. Tinha as mangas cheias de bolsos escondidos, e verificou-os cuidadosamente como fazia todas as manhãs, a fim de se assegurar de que todos os seus pós estavam no lugar. Pós para tornar o fogo verde, azul ou prateado, pós para fazer uma chama rugir, silvar e saltar mais alto do que um homem, pós para fazer fumo. Um fumo para a verdade, um fumo para a luxúria, um fumo para o medo e o espesso fumo negro que podia matar um homem num instante. A sacerdotisa vermelha armava-se com uma pitada de cada um.

A arca entalhada que trouxera do outro lado do mar estreito estava já mais de três quartos vazia. E embora Melisandre tivesse os conhecimentos para fazer mais pós, faltavam-lhe muitos ingredientes raros. *Os meus feitiços devem bastar.* Era mais forte na Muralha, mais forte mesmo do que em Asshai. Todas as suas palavras e gestos eram mais potentes, e conseguia fazer coisas que nunca antes tinha feito. *As sombras que gerarei aqui serão terríveis, e nenhuma criatura das trevas lhes resistirá.* Com tais feitiçarias sob o seu domínio, poderia deixar em breve de ter necessidade dos débeis truques dos alquimistas e piromantes.

Fechou a arca, fez girar a fechadura e escondeu a chave dentro das saias, noutra bolso secreto. Depois ouviu-se uma batida na porta. O seu sargento maneta, ajuizando pelo som trémulo da batida.

— Senhora Melisandre, o Senhor dos Ossos chegou.

— Deixa-o entrar. — Melisandre voltou a instalar-se na cadeira junto da lareira.

O selvagem usava um justilho de couro fervido sem mangas, salpicado de tachões de bronze, por baixo de um manto quente mosqueado em tons de verde e castanho. *Nada de ossos.* Também estava envolto em sombras, em farrapos de uma irregular névoa cinzenta, entrevistos, que lhe deslizavam pela cara e silhueta a cada passo que dava. *Coisas feias. Tão feias como os ossos.* Cabelo recuado nas têmporas, olhos escuros e muito próximos, cara encovada, um bigode que se contorcia como uma minhoca por cima de uma boca cheia de dentes partidos e castanhos.

Melisandre sentiu o calor na base da garganta quando o rubi despertou com a proximidade do seu escravo.

— Puseste de lado a armadura de ossos — observou.

— A barulheira ia dando comigo em doido.

— Os ossos protegem-te — fez-lhe lembrar. — Os irmãos negros não gostam de ti. Devan diz-me que ontem mesmo discutiste com alguns durante o jantar.

— Uns quantos. Estava a comer sopa de feijão e bacon enquanto Bowen Marsh não parava de falar sobre superioridade moral. A Velha Granada julgou que eu estava a espiá-la e anunciou

que não toleraria assassinos à escuta das suas reuniões. Disse-lhe que nesse caso talvez não as devessem ter junto à lareira. Bowen pôs-se vermelho e fez uns ruídos sufocados, mas não passou disso. — O selvagem sentou-se no parapeito da janela, tirou o punhal da bainha. — Se algum corvo quiser enfiar-me uma faca entre as costelas enquanto eu estou a engolir o jantar, pois que tente. As papas aguadas do Hobb saberiam melhor com uma gota de sangue a temperá-las.

Melisandre não prestou atenção ao aço nu. Se o selvagem quisesse fazer-lhe mal, tê-lo-ia visto nas chamas. O perigo para a sua pessoa fora a primeira coisa que aprendera a ver, quando ainda era meio criança, uma rapariga escrava ligada para a vida ao grande templo vermelho. Ainda era a primeira coisa que procurava quando fitava um fogo.

— São os olhos deles que te deviam preocupar, não as facas — avisou.

— O encantamento, pois. — No grilhão de ferro negro que lhe rodeava o pulso, o rubi pareceu pulsar. Bateu-lhe com o gume da faca. O aço tiniu tenuemente contra a pedra. — Sinto-o quando durmo. Quente na pele, mesmo através do ferro. Suave como um beijo de mulher. O vosso beijo. Mas às vezes, nos meus sonhos, começa a arder e os vossos lábios transformam-se em dentes. Todos os dias penso em como seria fácil arrancá-lo, e todos os dias não arranco. Terei também de usar os malditos ossos?

— O feitiço é leito de sombra e sugestão. Os homens veem o que esperam ver. Os ossos fazem parte disso. — *Terei errado em poupar este tipo?* — Se o encantamento falhar, eles matar-te-ão.

O selvagem pôs-se a limpar a porcaria de debaixo das unhas com a ponta do punhal.

— Cantei as minhas canções, combati as minhas batalhas, bebi vinho de verão, saboreei a mulher do dornês. Um homem devia morrer como viveu. Para mim, isso quer dizer de aço na mão.

Será que ele sonha com a morte? Poderá ter sido tocado pelo inimigo? A morte é o seu domínio, os mortos os seus soldados.

Terás trabalho para o teu aço bem em breve. O inimigo está em movimento, o inimigo verdadeiro. E os patrulheiros do Lorde Snow regressarão antes do dia acabar, com os seus olhos cegos e ensanguentados.

Os olhos do selvagem estreitaram-se. Olhos cinzentos, olhos castanhos; Melisandre via a cor mudar a cada pulsação do rubi.

— Arrancar os olhos é obra do Chorão. O melhor dos corvos é o corvo cego, gosta ele de dizer. Às vezes, acho que gostava de arrancar os seus próprios olhos por andarem sempre a lacrimejar e a dar comichão. O Snow anda a partir do princípio de que o povo livre se vai virar para Tormund para o liderar porque era isso que ele faria. Ele gostava de Tormund, e o velho intrujão também gostava dele. Mas se for o Chorão... não será bom. Nem para ele, nem para nós.

Melisandre anuiu solenemente, como se tivesse acolhido as palavras dele com seriedade, mas esse tal Chorão não importava. Ninguém do seu povo livre importava. Eram um povo perdido,

um povo condenado, destinado a desaparecer da face da terra como os filhos da floresta tinham desaparecido. Mas estas não eram palavras que ele quisesse ouvir, e ela não podia arriscar-se a perdê-lo, não naquele momento.

— Quão bem conheces o Norte?

Ele guardou a faca.

— Tão bem como qualquer patrulheiro. Algumas partes melhor do que outras. Há montes de Norte. Porquê?

— A rapariga — disse ela. — Uma rapariga de cinzento num cavalo moribundo. Irmã do Jon Snow. — Quem mais poderia ser? Corria para junto dele em busca de proteção, pelo menos isso Melisandre vira com clareza. — Vi-a nas minhas chamas, mas só por uma vez. Temos de conquistar a confiança do Senhor Comandante, e a única maneira de fazer isso é salvando-a.

— Eu ir salvá-la, quereis dizer? O Senhor dos Ossos? — riu-se. — Nunca ninguém confiou no Camisa de Chocalho, a não ser os idiotas. O Snow não é tal coisa. Se a irmã precisa de ser salva, ele enviará os corvos dele. Era o que eu faria.

— Ele não é tu. Proferiu os seus votos e tenciona viver segundo eles. A Patrulha da Noite não participa. Mas tu não pertences à Patrulha da Noite. Podes fazer o que ele não pode.

— Se o vosso rígido senhor comandante autorizar. Os vossos fogos mostraram-vos onde encontrar essa rapariga?

— Vi água. Profunda, azul e parada, com uma fina camada de gelo a formar-se sobre ela. Parecia prolongar-se até ao infinito.

— O Lago Longo. Que mais viste em volta da rapariga?

— Colinas. Campos. Árvores. Um veado. Pedras. Está a manter-se bem longe das aldeias. Quando pode cavalga ao longo do leito de pequenos riachos, para despistar os perseguidores.

Ele franziu o sobrolho.

— Isso tornará a coisa difícil. Dissestes que estava a vir para norte. O lago estava a leste ou a oeste dela?

Melisandre fechou os olhos, recordando.

— A oeste.

— Então não vem pela estrada de rei. Rapariga esperta. Há menos vigias do outro lado, e mais cobertura. E alguns esconderijos que eu próprio usei de vez... — interrompeu-se ao ouvir o som de um corno de guerra, e pôs-se rapidamente em pé. Melisandre sabia que por todo o Castelo Negro o mesmo silêncio caíra, e todos os homens e rapazes se viraram para a Muralha, à escuta, à espera. Um sopro longo no corno queria dizer patrulheiros de regresso, mas dois...

Chegou o dia, *pensou a sacerdotisa vermelha. Agora, o Lorde Snow terá de me dar ouvidos.*

Depois do longo e fúnebre grito do corno se ter desvanecido, o silêncio pareceu estender-se por uma hora.

— Então é só um. Patrulheiros.

— Patrulheiros mortos. — Melisandre também se pôs em pé. — Vai vestir os teus ossos e espera. Eu regressarei.

— Eu devia ir convosco.

— Não sejas pateta. Depois de eles descobrirem o que descobrirão, ver um selvagem irá inflamá-los. Fica aqui até o sangue deles ter tempo para arrefecer.

Devan estava a subir os degraus da Torre do Rei quando Melisandre fez a sua descida, flanqueada por dois dos guardas que Stannis deixara com ela. O rapaz trazia numa bandeja o seu meio olvidado pequeno-almoço.

— Esperei até o Hobb tirar os pães do forno, senhora. O pão ainda está quente.

— Deixa-o nos meus aposentos. — O selvagem comê-lo-ia, provavelmente. — O Lorde Snow tem necessidade de mim, do outro lado da Muralha. — *Ele ainda não o sabe, mas em breve...*

Lá fora, uma neve ligeira começara a cair. Uma multidão de corvos já se reunira junto do portão quando Melisandre e a sua escolta chegaram, mas abriram alas para a sacerdotisa vermelha. O Senhor Comandante precedera-a a atravessar o gelo, acompanhado por Bowen Marsh e por vinte lanceiros. Snow também enviara uma dúzia de arqueiros para o topo da Muralha, para o caso de algum inimigo estar escondido na floresta próxima. Os guardas ao portão não eram homens da rainha, mas deixaram-na passar mesmo assim.

Estava frio e escuro debaixo do gelo, no estreito túnel que se curvava e serpenteava através da Muralha. Morgan foi à sua frente com um archote e Merrel seguiu atrás dela com um machado. Ambos os homens eram uns bêbados sem remédio, mas àquela hora da manhã estavam sóbrios. Homens da rainha, pelo menos em nome, ambos tinham um saudável medo dela, e Merrel podia ser terrível quando não estava bêbado. Não teria necessidade deles naquele dia, mas Melisandre fazia questão de manter um par de guardas à sua volta, fosse para onde fosse. Isso enviava uma certa mensagem. *O aparato do poder.*

Quando os três emergiram a norte da Muralha, a neve estava a cair continuamente. Uma irregular manta branca cobria a terra rasgada e torturada que se estendia da Muralha ao limite da floresta assombrada. Jon Snow e os seus irmãos negros estavam reunidos em volta de três lanças a uns vinte metros de distância.

As lanças tinham dois metros e meio de comprimento e eram feitas de freixo. A da esquerda tinha uma ligeira curvatura, mas as outras duas eram lisas e direitas. No topo de cada uma estava empalada uma cabeça cortada. As barbas estavam cheias de gelo, e a neve que caía dera-lhes capuzes brancos. Onde os olhos tinham estado, só restavam órbitas vazias, buracos negros e sangrentos que olhavam para baixo numa acusação silenciosa.

— Quem eram? — perguntou Melisandre aos corvos.

— O Jack Negro Bulwer, o Hal Peludo e o Garth Greyfeather — disse Bowen Marsh com solenidade. — O chão está meio congelado. Os selvagens devem ter levado metade da noite a cravar as lanças tão profundamente. Ainda podem estar por perto. A observar-nos. — O Senhor Intendente semicerrou os olhos para a fileira de árvores.

— Podia estar uma centena deles ali — disse o irmão negro com a cara severa. — Podia estar um milhar.

— Não — disse Jon Snow. — Deixaram as suas prendas no cerrado da noite, e depois fugiram. — O enorme lobo gigante branco caminhou em volta das hastes, a farejar, após o que levantou a pata e mijou na lança que sustentava a cabeça do Jack Negro Bulwer. — O Fantasma apanharia o cheiro deles se ainda andassem por aqui.

— Espero que o Chorão tenha queimado os corpos — disse o homem severo, aquele a quem chamavam Edd Doloroso. — Senão, podem vir à procura das cabeças.

Jon Snow agarrou na lança que sustinha a cabeça de Garth Greyfeather e arrancou-a violentamente do chão.

— Puxai as outras duas — ordenou, e quatro dos corvos apressaram-se a obedecer.

As bochechas de Bowen Marsh estavam vermelhas do frio.

— Nunca devíamos ter enviado patrulheiros para o exterior.

— Isto não é nem o local nem o momento para remexer nessa ferida. Aqui não, senhor. Agora não. — Aos homens que lutavam com as lanças, o Snow disse: — Levai as cabeças e queimai-as. Não deixeis nada a não ser osso limpo. — Só então pareceu reparar em Melisandre. — Senhora. Vinde comigo, por favor.

Finalmente.

— Se aprover ao senhor comandante.

Enquanto caminhavam sob a Muralha, ela deu-lhe o braço. Morgan e Merrel seguiam à frente deles, o Fantasma seguia-os. A sacerdotisa não falou, mas abrandou deliberadamente o passo, e onde passava o gelo começou a pingar. *Ele não deixará de reparar nisto.*

Sob a grade de ferro de um alçapão, Snow quebrou o silêncio, como ela soubera que quebraria.

— E os outros seis?

— Não os vi — disse Melisandre.

— Procurareis?

— Claro, senhor.

— Recebemos um corvo de Sor Denys Mallister na Torre Sombria — disse-lhe Jon Snow. — Os seus homens viram fogueiras nas montanhas do outro lado da garganta. Selvagens a reunirem-se, na opinião de Sor Denys. Pensa que vão outra vez tentar forçar passagem pela Ponte de Crânios.

— Alguns podem fazê-lo. — Poderiam os crânios na sua visão significar aquela ponte? Sem que soubesse porquê, Melisandre achava que não. — Se vier, esse ataque mais não será do que uma manobra de diversão. Vi torres junto ao mar, submersas sob uma maré negra e sangrenta. Será aí que cairá o golpe mais pesado.

— *Atalaialeste?*

Seria? Melisandre vira Atalaialeste-do-Mar com o Rei Stannis. Fora aí que Sua Graça deixara a Rainha Selyse e a filha de ambos, Shireeen, quando reunira os cavaleiros para a marcha para Castelo Negro. As torres no seu fogo tinham sido diferentes, mas era frequentemente assim que as coisas se passavam com as visões.

— Sim. Atalaialeste, senhor.

— Quando?

Ela abriu as mãos.

— Amanhã. Dentro de uma volta de Lua. Dentro de um ano. E pode ser que se agirdes possais evitar por completo aquilo que eu vi. — *De outra forma, para que serviriam as visões?*

— Ótimo — disse Snow.

A multidão de corvos do outro lado do portão inchara até duas vintenas quando saíram de debaixo da Muralha. Os homens aglomeraram-se muito juntos à volta deles. Melisandre conhecia alguns pelo nome; o cozinheiro, Hobb Três-Dedos, Mully com o seu oleoso cabelo cor-de-laranja, o rapaz estúpido chamado Owen Idiota, o bêbado Septão Celladar.

— É verdade, senhor? — disse o Hobb Três-Dedos.

— Quem é? — perguntou o Owen Idiota. — Não é o Dywen, é?

— Nem o Garth — disse o homem da rainha que Melisandre conhecia como Alf de Lamágua, um dos primeiros a trocar os seus sete falsos deuses pela verdade de Rhllor. — O Garth é esperto demais prós selvagens.

— Quantos? — perguntou Mully.

— Três — disse-lhes Jon. — O Jack Preto, o Hal Peludo e o Garth.

O Alf de Lamágua soltou um uivo suficientemente sonoro para despertar os dorminhocos na Torre Sombria.

— Põe-no na cama e enfia nele um pouco de vinho com especiarias — disse Jon ao Hobb Três-Dedos.

— Lorde Snow — disse Melisandre em voz baixa. — Quereis vir comigo à Torre do Rei? Tenho mais informações a partilhar convosco.

Ele fitou-a diretamente durante um longo momento com aqueles seus frios olhos cinzentos. A sua mão direita fechou-se, abriu-se, voltou a fechar-se.

— Como quisesdes. Edd, leva o Fantasma para os meus aposentos.

Melisandre encarou aquilo como um sinal, e mandou também embora a sua guarda. Atravessaram juntos o pátio, só os dois. A neve caía a toda a volta. Caminhou o mais perto de Jon Snow que se atreveu, suficientemente perto para sentir a desconfiança que dele jorrava como um nevoeiro negro. *Ele não gosta de mim, nunca gostará, mas usar-me-á. Muito bem.* Melisandre dançara a mesma dança com Stannis Baratheon, no início. Na verdade, o jovem senhor comandante e o seu rei tinham mais em comum do que qualquer um dos dois estaria algum dia disposto a admitir. Stannis fora um filho mais novo a viver à sombra do irmão mais velho, tal como Jon Snow, de nascimento bastardo, sempre fora eclipsado pelo irmão legítimo, o herói caído a que os homens chamavam Jovem Lobo. Ambos os homens eram por natureza descrentes, desconfiados, suspicazes. Os únicos deuses que realmente adoravam eram a honra e o dever.

— Não perguntastes sobre a vossa irmã — disse Melisandre enquanto subiam a escada em espiral da Torre do Rei.

— Já vos disse. Não tenho irmãs. Pomos de parte a família quando proferimos as palavras. Não posso ajudar Arya, por mais que...

Interrompeu-se quando entraram nos aposentos dela. O selvagem estava lá dentro, sentado à mesa, espalhando manteiga com o punhal num bocado irregular de pão morno e castanho. Melisandre ficou satisfeita por ver que o homem vestira a armadura de ossos. O crânio quebrado de gigante que era o seu elmo encontrava-se no banco de janela atrás de si.

Jon Snow ficou tenso.

— Tu.

— Lorde Snow. — O selvagem sorriu-lhes com uma boca de dentes castanhos e quebrados. O rubi no seu pulso reluziu à luz da manhã como uma pálida estrela vermelha.

— O que estás tu a fazer aqui?

— A quebrar o jejum. Podeis partilhá-lo, se quisesdes.

— Não quebrarei pão contigo.

— A perda é vossa. O pão ainda está quente. Isso, pelo menos, o Hobb consegue fazer. — O selvagem arrancou um bocado. — Podia visitar-vos com igual facilidade, senhor. Aqueles guardas à vossa porta são uma piada de mau gosto. Um homem que trepou a Muralha meia centena de vezes consegue subir a uma janela com bastante facilidade. Mas de que me serviria matar-vos? Os corvos só escolheriam alguém pior. — Mastigou, engoliu.

— Ouvi falar dos vossos patrulheiros. Devíeis ter-me enviado com eles.

— Para poderes denunciá-los ao Chorão?

— Estamos a falar de traições? Como se chamava aquela vossa selvagem, Snow? Ygritte, não era? — o selvagem virou-se para Melisandre.

— Precisarei de cavalos. Meia dúzia de bons animais. E isto não é algo que possa fazer sozinho. Algumas das esposas de lanças encurraladas em Vila Toupeira devem servir. Mulheres servirão melhor para isto. É mais provável que a rapariga confie nelas, e elas ajudar-me-ão a levar a cabo um certo truque que tenho em mente.

— De que está ele a falar? — perguntou Jon Snow.

— Da vossa irmã. — Melisandre pousou-lhe a mão no braço. — Não podeis ajudá-la, mas ele pode.

Snow afastou o braço bruscamente.

— Acho que não. Não conheceis esta criatura. O Camisa de Chocalho podia lavar as mãos cem vezes por dia e mesmo assim ficaria com sangue debaixo das unhas. Era mais provável violar e assassinar Arya do que salvá-la. Não. Se foi isto que viste nos vossos fogos, senhora, deves ter cinzas nos olhos. Se ele tentar abandonar Castelo Negro sem a minha autorização, eu próprio lhe cortarei a cabeça.

Ele não me deixa alternativa. Assim seja.

Devan, deixa-nos — disse, e o escudeiro escapuliu-se e fechou a porta atrás de si.

Melisandre tocou no rubi que tinha ao pescoço e proferiu uma palavra.

O som ecoou estranhamente nos cantos da sala, e torceu-se como um verme no interior dos ouvidos deles. O selvagem ouviu uma palavra, o corvo outra. Nenhuma era a palavra que lhe saiu dos lábios. O rubi no pulso do selvagem escureceu, e os farrapos de luz e sombra em volta dele contorceram-se e desvaneceram-se.

Os ossos ficaram; as costelas chocalhantes, as garras e dentes ao longo dos seus braços e ombros, a grande clavícula amarelecida que transportava aos ombros. O crânio quebrado de gigante continuou a ser um crânio quebrado de gigante, amarelecido e rachado, a sorrir o seu sorriso manchado e selvagem.

Mas o cabelo recuado nas têmporas dissolveu-se. O bigode castanho, o queixo nodoso, a pele macilenta e amarelada e os pequenos olhos escuros, tudo derreteu. Dedos cinzentos rastejaram através de longos cabelos castanhos. Rugas de riso apareceram-lhe aos cantos da boca. E de repente surgiu maior do que antes, mais largo de peito e ombros, de pernas longas e esguio, com a cara escanhada e queimada pelo vento.

Os olhos de Jon Snow abriram-se mais.

— Mance?

— Lorde Snow. — Mance Rayder não sorriu.

— Fia queimou-te.

— Ela queimou o Senhor dos Ossos.

Jon Snow virou-se para Melisandre.

— Que feitiçaria é esta?

— Chamai-lhe o que quiserdes. Encantamento, aparência, ilusão. R'hllor é Senhor da Luz, Jon Snow, e é concedida aos seus servos a capacidade de tecer com ela, como outros tecem com fio.

Mance Rayder soltou uma gargalhada.

— Eu também tinha as minhas dúvidas, Snow, mas porque não deixá-la tentar? Era isso ou deixar que Stannis me assasse.

— Os ossos ajudam — disse Melisandre. — Os ossos recordam. Os encantamentos mais fortes são feitos de coisas dessas. As botas de um morto, uma madeixa de cabelo, um saco de ossos de dedos. Com palavras murmuradas e orações, a sombra de um homem pode ser puxada de coisas dessas e enrolada em volta de outro homem como um manto. A essência de quem a usa não muda, só a sua aparência.

Fazia com que aquilo parecesse coisa simples e fácil. Eles nunca precisariam de saber quão difícil fora, ou quanto lhe custara. Essa era uma lição que Melisandre aprendera muito antes de Asshai; quanto mais fácil parecesse um feitiço, mais os homens temiam o feiticeiro. Quando as chamas tinham lambido o Camisa de Chocalho, o rubi na sua garganta ficara tão quente que temera que a sua pele pudesse começar a fumar e a enegrecer. Felizmente o Lorde Snow poupou-a a essa agonia com as suas setas. Enquanto Stannis se irritara com o desafio, ela estremeceu de alívio.

— O nosso falso rei tem um feitiço melindroso — disse Melisandre a Jon Snow — mas não vos trairá. Lembrai-vos de que nós temos o filho dele. E ele deve-vos mesmo a vida.

— A mim? — Snow pareceu surpreendido.

— A quem havia de ser, senhor? Só o sangue da sua vida podia pagar pelos seus crimes, segundo as vossas leis, e Stannis Baratheon não é homem para ir contra a lei... mas como dissestes tão sabiamente, as leis dos homens terminam na Muralha. Eu disse-vos que o Senhor da Luz ouviria as vossas preces. Queríeis uma maneira de salvar a vossa irmã e continuardes a manter-vos fiel à honra que tanto significa para vós, aos juramentos que proferistes perante o vosso deus de madeira. — Apontou com um dedo pálido. — Ali está ele, senhor. O salvamento de Arya. Um presente do Senhor da Luz... e meu.

CHEIRETE

Ouviu primeiro as raparigas, a ladrar enquanto corriam para casa. O tamborilar dos cascos dos cavalos a ecoar em lajes pô-lo em pé de um salto, com as correntes a retinir. Aquela que tinha entre os tornozelos não tinha mais de trinta centímetros de comprimento, encurtando-lhe o passo até o transformar num arrastar de pés. Assim era difícil mexer-se depressa, mas tentou o melhor possível, saltitando da enxerga num estridor de metal. Ramsay Bolton regressara e queria o seu Cheirete à mão para o servir.

Lá fora, sob um frio céu outonal, os caçadores estavam a jorrar pelos portões. Ben Ossos seguia à frente, com as raparigas a ladrar e a latir a toda a sua volta. Atrás vinha o Esfolador, o Alyn Azedo e o Damon Dança-Para-Mim com o seu longo chicote oleado, e depois os Walders a montar os potros cinzentos que a Senhora Dustin lhes dera. Sua senhoria montava o Sangue, um garanhão vermelho com uma personalidade que se adequava à do cavaleiro. Estava a rir. Cheirete sabia que isso podia ser muito bom ou muito mau.

Os cães caíram-lhe em cima antes de conseguir perceber qual das duas opções era a certa, atraídos pelo seu odor. Os cães gostavam do Cheirete; era mais frequente dormir com eles do que não, e por vezes o Ben Ossos deixava-o partilhar do jantar deles. A matilha correu pelas lajes a ladrar, rodeando-o, saltando para lhe lambe a cara imunda, mordiscando-lhe as pernas. Helicent tomou-lhe a mão esquerda entre os dentes e sacudiu-a com tal violência que Cheirete temeu perder mais dois dedos. A Jeyne Vermelha atirou-se-lhe contra o peito e derrubou-o. Era músculo duro e esguio, enquanto o Cheirete era pele cinzenta e solta e ossos quebradiços, um esfomeado de cabelo branco.

Os cavaleiros estavam a desmontar quando ele empurrou a Jeyne Vermelha de cima de si e se pôs de joelhos com dificuldade. Duas dúzias de cavaleiros tinham saído e duas dúzias haviam regressado, o que queria dizer que a busca fora um falhanço. Isso era mau. Ramsay não gostava do sabor do falhanço. *Ele vai querer magoar alguém.*

Nos últimos tempos o seu senhor forçara-se a conter-se, pois Vila Acidentada estava cheia de homens de que a Casa Bolton precisava e Ramsay sabia ter cuidado junto dos Dustin, dos Ryswell e dos outros fidalgos. Com eles era sempre cortês e sorridente. O que era por trás de portas fechadas era outra coisa.

Ramsay Bolton estava trajado como era próprio do senhor de Boscorno e do herdeiro do Forte do Pavor. O seu manto era feito de peles de lobo cosidas umas às outras, e aquilo que o

fechava contra o frio de outono eram os dentes amarelecidos da cabeça de lobo que usava ao ombro direito. A uma anca usava uma cimitarra, cuja lâmina era tão grossa e pesada como um cutelo; à outra anca trazia um longo punhal e uma pequena e curva faca de esfolar de ponta em gancho e um fio aguçado como uma navalha. Todas as três lâminas tinham cabos de osso amarelo a condizer.

— Cheirete — chamou sua senhoria de cima da grande sela de Sangue — tu fedes. Consigo cheirar-te do outro lado do pátio.

— Eu sei senhor — teve o Cheirete de dizer. — Peço-vos perdão.

— Trouxe-te um presente. — Ramsay torceu-se, estendeu a mão para trás de si, puxou qualquer coisa da sela e arremessou-a. — Agarra!

Entre a corrente, as grilhetas e os seus dedos em falta, Cheirete era mais desastrado do que fora antes de aprender o seu nome. A cabeça atingiu-lhe as mãos mutiladas, ressaltou nos tocos dos seus dedos e aterrou a seus pés, numa chuva de larvas. Estava tão coberta de sangue seco que se tornava irreconhecível.

— Eu disse-te para a agarrares — disse Ramsay. — Apanha-a.

Cheirete tentou erguer a cabeça pela orelha. Não resultou. A carne estava verde e pútrida e a orelha rasgou-se-lhe entre os dedos. O Walder Pequeno riu-se, e um momento mais tarde todos os outros homens estavam também a rir.

— Oh, deixa-o em paz — disse Ramsay. — Trata só do Sangue. Cavalguei duramente o sacana.

— Sim, senhor. Eu trato. — Cheirete dirigiu-se apressadamente para o cavalo, deixando a cabeça cortada para os cães.

— Hoje cheiras a merda de porco, Cheirete — disse Ramsay.

— Nele, isso é uma melhoria — disse o Damon Dança-Para-Mim, sorrindo enquanto enrolava o chicote.

O Walder Pequeno saltou da sela.

— Também podes tratar do meu cavalo, Cheirete. E do do meu primo.

— Eu cuido do meu próprio cavalo — disse o Walder Grande. O Walder Pequeno transformara-se num assistente do Lorde Ramsay, e tornava-se mais parecido com ele todos os dias, mas o Frey mais pequeno era feito de outro material e raramente participava dos jogos e crueldades do primo.

Cheirete não ligou aos escudeiros. Levou o Sangue para os estábulos, saltando para o lado quando o garanhão tentou escoiceá-lo. Os caçadores entraram no palácio a passos largos, todos menos Ben Ossos, que praguejava com os cães para tentar fazer com que parassem de lutar pela cabeça cortada.

O Walder Grande seguiu-o para os estábulos, levando a montada pela arreata. Cheirete deitou-lhe uma olhadela enquanto tirava o freio a Sangue.

— Quem era? — disse em voz baixa para que os outros moços de estrebaria não ouvissem.

— Ninguém. — O Walder Grande tirou a sela ao seu cavalo cinzento. — Um velho que encontrámos na estrada, nada mais. Conduzia uma velha cabra de criação e quatro cabritos.

— Sua senhoria matou-o pelas cabras?

— Sua senhoria matou-o por lhe ter chamado Lorde Snow. Mas as cabras eram boas. Mugimos a mãe e assámos os cabritos.

Lorde Snow. *Cheirete anuiu, fazendo tinir as correntes enquanto lutava com as correias da sela de Sangue. Seja qual for o nome que se lhe dê, Ramsay não é homem com quem se estar quando está furioso. Ou quando não está.*

— Encontrastes os vossos primos, senhor?

— Não. Nunca achei que encontrássemos. Estão mortos. O Lorde Wyman mandou matá-los. Era o que eu teria feito se fosse ele.

Cheirete nada disse. Havia coisas que não era seguro dizer, nem mesmo nos estábulos com sua senhoria no salão. Uma palavra errada podia custar-lhe outro dedo do pé, até um da mão. *Mas a língua não. Ele nunca me cortará a língua. Gosta de me ouvir a suplicar para me poupar à dor. Gosta de me obrigar a dizê-lo.*

Os cavaleiros tinham passado dezasseis dias na caçada, apenas com pão duro e carne salgada para comer, à parte o ocasional cabrito roubado, por isso o Lorde Ramsay ordenou que um banquete fosse organizado para celebrar o seu regresso a Vila Acidentada. O anfitrião, um pequeno senhor grisalho e maneta que dava pelo nome de Harwood Stout, sabia que não era boa ideia dizer-lhe que não, se bem que por aquela altura as suas despensas devessem estar praticamente vazias. Cheirete ouvira os criados de Stout a resmungar sobre o modo como o Bastardo e os seus homens andavam a devorar as provisões de inverno.

— Dizem que ele vai dormir com a miudinha do Lorde Eddard — protestara a cozinheira de Stout sem saber que Cheirete estava à escuta — mas quem vai ficar fodido quando as neves chegarem havemos de ser nós, tomai nota do que eu digo.

Contudo, o Lorde Ramsay decretara um banquete, portanto seria um banquete que teriam de ter. Mesas foram montadas no salão de Stout, um boi foi abatido, e nessa noite, enquanto o Sol se punha, os caçadores de mãos vazias comeram peças de lombo e costeletas, pão de cevada, um puré de cenoura e ervilha, empurrando tudo para baixo com quantidades prodigiosas de cerveja.

Recaiu sobre o Walder Pequeno a tarefa de manter cheia a taça do Lorde Ramsay, enquanto o Walder Grande servia os outros sentados na mesa elevada. Cheirete estava acorrentado junto das portas para que o seu odor não fizesse com que os convivas perdessem o apetite. Comería

mais tarde quaisquer restos que o Lorde Ramsay pensasse em enviar-lhe. Os cães, contudo, tinham o direito de percorrer o salão, e forneceram o melhor divertimento da noite quando Maude e a Jeyne Cinzenta se atiraram a um dos cães de caça do Lorde Stout por causa de um osso especialmente rico em carne que o Will Curto lhes atirara. Cheirete foi o único homem no salão que não viu os três cães lutar. Manteve os olhos fixos em Ramsay Bolton.

A luta não terminou até que o cão do anfitrião estivesse morto. O velho cão de caça de Stout nunca tivera a mais pequena hipótese. Fora um contra dois, e as cadelas de Ramsay eram jovens, fortes e selváticas. Ben Ossos, que gostava mais dos cães do que o dono, dissera ao Cheirete que todos tinham os nomes de camponesas que Ramsay caçara, violara e matara na época em que ainda era bastardo e andava com o primeiro Cheirete.

— Aquelas que lhe dão boa luta, pelo menos. As que choram e suplicam e não fogem não conseguem voltar como cadelas. — Cheirete não duvidava de que a ninhada seguinte a sair dos canis do Forte do Pavor iria incluir uma Kyra. — Ele treinou-as tamém pra matar lobos — confidenciara o Ben Ossos. Cheirete nada disse. Sabia que lobos as raparigas se destinavam a matar, mas não tinha qualquer desejo de as ver a lutar pelo seu dedo cortado.

Dois criados estavam a levar para fora do salão a carcaça do cão morto e uma velha fora buscar uma escova, um ancinho e um balde para lidar com a palha ensopada de sangue, quando as portas do salão se abriram num rompante de vento e uma dúzia de homens com cotas de malha cinzentas e meios-elmos de ferro a atravessou a passos largos, passando ao encontrão pelos jovens e macilentos guardas de Stout com as suas brigantinas de couro e mantos dourados e castanhos-avermelhados. Um súbito silêncio dominou os convivas... todos menos o Lorde Ramsay, que deitou fora o osso que estivera a roer, limpou a boca na manga, fez um sorriso gorduroso de lábios húmidos e disse:

— Pai.

O Senhor do Forte do Pavor deitou um relance ocioso aos restos do banquete, ao cão morto, às colgaduras nas paredes, ao Cheirete e às suas grilhetas.

— Fora — disse aos convivas, numa voz baixa como um murmúrio. — Já. Todos vós.

Os homens do Lorde Ramsay afastaram-se das mesas, abandonando taças e pratos. O Ben Ossos gritou às raparigas, e estas seguiram a trote atrás dele, algumas ainda com ossos nas maxilas. Harwood Stout fez uma vénia hirta e abandonou o salão sem uma palavra.

— Liberta o Cheirete e leva-o contigo — rosnou Ramsay ao Alyn Azedo, mas o pai acenou com uma mão pálida e disse:

— Não, deixa-o cá.

Até os guardas do Lorde Roose se retiraram, fechando as portas atrás deles. Quando o eco morreu, Cheirete deu por si sozinho no salão com os dois Bolton, pai e filho.

— Não encontrei os nossos Frey desaparecidos. — Da maneira que Roose Bolton o disse, era mais uma afirmação do que uma pergunta.

— Cavalgámos até ao sítio onde o Lorde Lampreia afirma que se separaram, mas as raparigas não conseguiram encontrar nenhum rasto.

— Perguntaste por eles em aldeias e em fortes.

— Um desperdício de palavras. Pelo que veem, os camponeses bem podiam ser cegos. — Ramsay encolheu os ombros. — Importa? O mundo não sentirá falta de uns quantos Frey. Há fartura deles lá em baixo nas Gémeas, se alguma vez precisarmos de um.

O Lorde Roose arrancou um pequeno bocado de uma côdea de pão e comeu-o.

— O Hosteen e o Aenys estão preocupados.

— Eles que vão à procura, se quiserem.

— O Lorde Wyman culpa-se. Segundo ele diz, tinha ganho particular amizade por Rhaegar.

O Lorde Ramsay estava a ficar irado. Cheirete via-o na sua boca, na posição daqueles lábios grossos, no modo como os tendões se lhe projetavam do pescoço.

— Os idiotas deviam ter ficado com Manderly.

Roose Bolton encolheu os ombros.

— A liteira do Lorde Wyman avança a passo de caracol... e claro que a saúde e tamanho de sua senhoria não lhe permitem viajar durante mais de algumas horas por dia, com paragens frequentes para refeições. Os Frey estavam ansiosos por chegar a Vila Acidentada e reunirem-se à família. Podes censurá-los por cavalgarem em frente?

— Se é que foi isso que fizeram. Acreditais em Manderly?

Os olhos claros do pai cintilaram.

— Dei-te essa impressão? Seja como for. Sua senhoria está muito perturbado.

— Não tão perturbado que não consiga comer. O Lorde Porco deve ter trazido consigo metade da comida de Porto Branco.

— Quarenta carroças cheias de provisões. Barris de vinho e hipocraz, barricas de lampreias pescadas de fresco, um rebanho de cabras, cem porcos, caixotes de camarões e ostras, um monstruoso bacalhau... o Lorde Wyman gosta de comer. Talvez tenhas reparado.

— Eu reparei foi em não ter trazido reféns.

— Também reparei nisso.

— Que tencionais fazer a respeito?

— É uma situação difícil. — O Lorde Roose descobriu uma taça vazia, limpou-a com a toalha de mesa e encheu-a a partir de um jarro. — O Manderly não é o único a organizar banquetes, segundo parece.

— Devíeis ter sido vós a organizar o banquete, para saudardes o meu regresso — queixou-se Ramsay — e devia ter sido no Solar Acidentado, não neste penico de castelo.

— O Solar Acidentado e as suas cozinhas não são meus para deles dispor — disse o pai com brandura, — Lá sou apenas um hóspede. O castelo e a vila pertencem à Senhora Dustin, e ela não te suporta.

A cara de Ramsay escureceu.

— Se eu lhe cortar as mamas e as der a comer às minhas raparigas, passará a suportar-me? Suportar-me-á se lhe arrancar a pele para fazer um par de botas para mim?

— É improvável. E essas botas sairiam caras. Custar-nos-iam Vila Acidentada, a Casa Dustin e os Ryswell. — Roose Bolton sentou-se à mesa na frente do filho. — Barbrey Dustin é a irmã mais nova da minha segunda esposa, filha de Rodrik Ryswell, irmã de Roger, Rickard e do meu homónimo Roose, prima dos outros Ryswell. Gostava do meu falecido filho, e suspeita de que desempenhaste algum papel no seu falecimento. A Senhora Barbrey é uma mulher que sabe como alimentar rancores. Fica grato por isso. Vila Acidentada é leal aos Bolton em boa parte porque ela ainda culpa o Ned Stark pela morte do marido.

— *Leal?* — Ramsay fervia. — Ela não faz nada além de cuspir em mim. Há de chegar o dia em que eu pego fogo à sua preciosa vila de madeira. Ela que cuspa nisso, a ver se apaga as chamas.

Roose fez uma careta, como se a cerveja que estava a beber se tivesse de súbito tornado amarga.

— Há alturas em que fazes com que eu duvide se és realmente da minha semente. Os meus antepassados foram muitas coisas, mas nunca idiotas. Não, agora cala-te, já ouvi o suficiente. De momento parecemos fortes, sim. Temos amigos poderosos nos Lannister e nos Frey, e o apoio pouco entusiástico da maior parte do Norte... mas que imaginas tu que vai acontecer quando um dos filhos do Ned Stark aparecer?

Os filhos do Ned Stark estão mortos, pensou Cheirete. O Robb foi assassinado nas Gémeas, e Bran e Rickon... mergulhámos as cabeças em alcatrão... Sentia a cabeça a latejar. Não queria pensar em nada que tivesse acontecido antes de saber o seu nome. Havia coisas que doíam demasiado para recordar, pensamentos quase tão dolorosos como a faca de esfolar de Ramsay...

— Os lobitos do Stark estão mortos — disse Ramsay, despejando mais cerveja na sua taça — e vão ficar mortos. Eles que mostrem as suas feias caras, que as minhas raparigas fazem em bocados aqueles seus lobos. Quanto mais depressa aparecerem, mais depressa volto a matá-los.

O Bolton mais velho suspirou.

— *Voltas a matá-los?* Certamente que te enganaste. Tu não mataste os filhos do Lorde Eddard, esses dois queridos rapazinhos de que tanto gostávamos. Isso foi obra do Theon Vira casaca, lembras-te? Quantos dos nossos pouco entusiásticos amigos imaginas que conservaríamos se a verdade se soubesse? Só a Senhora Barbrey, a qual gostarias de transformar num par de botas... de botas de *fraca qualidade*. A pele humana não é tão dura como a de vaca e não duraria tanto. Por decreto do rei, és agora um Bolton. Tenta agir como tal. Contam-se histórias sobre ti, Ramsay. Ouço-as por todo o lado. As pessoas têm medo de ti.

— Ótimo.

— Enganas-te. Não é ótimo. Nunca houve histórias sobre mim. Achas que estaria aqui sentado se assim não fosse? Os teus divertimentos são teus, não te vou ralhar por causa deles, mas tens de ser mais discreto. Uma terra pacífica, um povo calmo. Sempre foi esse o meu governo. Transforma-o em teu.

— Foi para isso que abandonastes a Senhora Dustin e a porca da vossa esposa gorda? Para poderdes vir até aqui e aconselhar-me a ficar *calmo*?

— De modo algum. Há notícias que precisas de ouvir. O Lorde Stannis finalmente abandonou a Muralha.

Aquilo quase pôs Ramsay em pé, com um sorriso a reluzir nos lábios grossos e húmidos.

— Marcha sobre o Forte do Pavor?

— Não, infelizmente. Arnolf não compreende. Jura que fez tudo o que pôde para armar a ratoeira.

— Tenho dúvidas. Coçai um Karstark, e encontrareis um Stark.

— Depois da coçadela que o Jovem Lobo deu ao Lorde Rickard, isso pode ser de certa forma menos verdadeiro do que anteriormente. Mas seja como for. O Lorde Stannis tirou Bosque Profundo das mãos dos homens de ferro e devolveu o castelo à Casa Glover. Pior, os clãs da montanha juntaram-se-lhe, os Wull, os Norrey, os Liddle e os outros. A força dele está a crescer.

— A nossa é maior.

— Agora é.

— Agora é o momento de o esmagar. Deixai-me marchar sobre Bosque Profundo.

— Depois de te casares.

Ramsay bateu com a taça na mesa e os restos da cerveja entraram em erupção para cima da toalha.

— Estou farto de esperar. Temos uma rapariga, temos uma árvore e temos lordes suficientes para servirem de testemunhas. Caso-me com ela amanhã, planto-lhe um filho entre as pernas, e ponho-me em marcha antes de o seu sangue de donzela ter secado.

Ela reizará para te pores em marcha, pensou Cheirete, e reizará para nunca voltares para a sua cama.

Plantarás nela um filho — disse Roose Bolton — mas não será aqui. Decidi que te vais casar com a rapariga em Winterfell.

A ideia não pareceu agradar ao Lorde Ramsay.

— Eu devastei Winterfell, será que vos esqueceste?

— Não, mas parece que tu te esqueceste... foram os *homens de ferro* a devastar Winterfell, e a massacrar toda a sua gente. Theon Vira casaca.

Ramsay deitou ao Cheirete uma olhadela desconfiada.

— Pois, é verdade, mas ainda assim... um casamento naquela ruína?

— Mesmo arruinado e quebrado, Winterfell continua a ser o lar da Senhora Arya. Que melhor lugar para casares com ela, dormires com ela e afirmares a tua pretensão? Mas isso é só metade da ideia. Seríamos uns tolos se marchássemos contra Stannis. Que Stannis marche contra nós. Ele é demasiado cauteloso para vir a Vila Acidentada... mas *tem* de ir a Winterfell. Os seus homens dos clãs não abandonarão a filha do seu precioso Ned nas mãos de alguém como tu. Stannis tem de marchar, caso contrário perdê-los-á. ... e sendo o comandante cauteloso que é, convocará todos os seus amigos e aliados quando se puser em marcha. Convocará Arnolf Karstark.

Ramsay lambeu os lábios gretados.

— E nós ficaremos com ele na mão.

— Se os deuses desejarem. — Roose pôs-se em pé. — Vais-te casar em Winterfell. Informarei os senhores de que nos poremos em marcha dentro de três dias e convidá-los-ei a acompanhar-nos.

— Sois o Protetor do Norte. Ordenai-lhes.

— Um convite terá o mesmo resultado. O poder sabe melhor quando é adoçado pela cortesia. É melhor que aprendas isso se queres ter esperança de governar. — O Senhor do Forte do Pavor deitou uma olhadela ao Cheirete. — Oh, e tira as correntes ao teu animal de estimação. Vou levá-lo.

— Levá-lo? Para onde? Ele é meu. Não podeis ficar com ele.

Roose pareceu divertido com aquilo.

— Tudo o que tens fui eu que te dei. Farias bem em lembrar-te disso, bastardo. E quanto a este... Cheirete... se não o arruinaste irrecuperavelmente, ainda pode vir a ter alguma utilidade para nós. Vai buscar as chaves e tira-lhe aquelas correntes antes de fazeres com que me arrependa do dia em que violei a tua mãe.

Cheirete viu o modo como a boca de Ramsay se torceu, a saliva a reluzir nos lábios. Temeu que ele pudesse pular a mesa de punhal na mão. Mas em vez disso ficou muito corado, afastou os olhos claros dos olhos ainda mais claros do pai, e foi buscar as chaves. Mas quando ajoelhou para desprender as grilhetas que rodeavam os pulsos e tornozelos do Cheirete, aproximou-se e murmurou:

— Não lhe digas nada e lembra-te de cada palavra que ele disser. Vou ter-te de volta, independentemente do que aquela cadela da Dustin te possa dizer. Quem és?

— Sou Cheirete, senhor. O vosso homem. Sou Cheirete, rima com pilrete.

— Pois rima. Quando o meu pai te trouxer de volta, vou tirar-te outro dedo. Deixo-te escolher qual.

Sem serem chamadas, lágrimas começaram a correr-lhe pela cara abaixo.

— *Porquê?* — chorou, com a voz a quebrar-se. — Eu não pedi para ele me levar. Eu faço tudo o que quiserdes, sirvo, obedeço, eu... por favor, não...

Ramsay esbofeteou-o.

— Levai-o — disse ao pai. — Nem sequer é um homem. O cheiro que deita dá-me a volta ao estômago.

A Lua estava a erguer-se por cima das muralhas de madeira de Vila Acidentada quando saíram para o exterior. Cheirete conseguia ouvir o vento a varrer as planícies onduladas para lá da vila. Era menos de uma milha a distância entre o Solar Acidentado e a modesta fortaleza de Harwood Stout ao lado dos portões orientais. O Lorde Bolton ofereceu-lhe um cavalo.

— Conseguis cavalgar?

— Eu... senhor, eu... acho que sim.

— Walton, ajuda-o a montar.

Mesmo sem grilhetas, Cheirete mexia-se como um velho. A pele pendia solta dos seus ossos, e o Alyn Azedo e o Ben Ossos diziam que ele tinha tiques. E o cheiro... até a égua que tinham trazido para ele se afastou quando tentou montar.

Mas era um cavalo simpático, e sabia o caminho até ao Solar Acidentado. O Lorde Bolton pôs-se a seu lado ao atravessarem o portão. Os guardas deixaram-se ficar para trás a uma distância discreta.

— Que quereis que vos chame? — perguntou o senhor enquanto trotavam pelas ruas largas e retas de Vila Acidentada.

Cheirete, eu sou o Cheirete, rima com verdete.

Cheirete — disse — se aprover ao senhor.

— *Shhor.* — Os lábios de Bolton separaram-se só o suficiente para mostrar meio centímetro de dentes. Podia ter sido um sorriso.

Cheirete não compreendeu.

— Senhor? Eu disse...

— ... Senhor, quando devíeis ter dito Senhor. A língua denuncia-vos o nascimento a cada palavra que dizeis. Se quereis soar como um camponês como deve ser, dizei a palavra como se tivésseis lama na boca ou como se fôsseis demasiado estúpido para vos aperceberdes de que existe ali uma vogal.

— Se aprover ao... senhor.

— Melhor. O fedor que deitais é bastante horrível.

— Sim, Senhor. Peço-vos perdão, Senhor.

— Porquê? O modo como cheirais é obra do meu filho, não vossa. Estou bem consciente disso. — Passaram por um estábulo e por uma estalagem de portadas fechadas, com um molho de trigo pintado na tabuleta. Cheirete ouviu música que vinha das janelas da estalagem. — Eu conheci o primeiro Cheirete. Ele fedia, mas não era por falta de se lavar. Em boa verdade, nunca conheci criatura mais limpa. Tomava banho três vezes por dia e usava flores no cabelo como se fosse uma donzela. Uma vez, quando a minha segunda esposa ainda estava viva, foi apanhado a roubar perfume do seu quarto. Mande-o chicotear por causa disso, uma dúzia de vergastadas. Até o

sangue tinha o cheiro errado. No ano seguinte, ele voltou a tentar. Desta vez bebeu o perfume e quase morreu por causa disso. De nada serviu. O cheiro era uma coisa com que tinha nascido. Unia maldição, segundo os plebeus. Os deuses tinham-no feito feder para que os homens soubessem que tinha a alma a apodrecer. O meu velho mestre insistia que era sinal de doença, mas, tirando o cheiro, o rapaz era forte como um touro jovem. Ninguém conseguia aguentar ficar ao pé dele, portanto dormia com os porcos... até ao dia em que a mãe de Ramsay apareceu aos meus portões a exigir que eu arranjasse um criado para o meu bastardo, que estava a crescer selvagem e indisciplinado. Dei-lhe o Cheirete. A ideia era divertir-me, mas ele e Ramsay tornaram-se inseparáveis. Às vezes pergunto-me... terá sido Ramsay a corromper o Cheirete ou o Cheirete a Ramsay? — Sua senhoria deitou ao novo Cheirete um relance com olhos tão claros e estranhos como duas luas brancas. — O que estava ele a sussurrar quando vos desacorrentou?

— Ele... ele disse... — *Disse para não te dizer nada.* As palavras ficaram-lhe presas na garganta e começou a tossir e a sufocar.

— Respirai fundo. Eu sei o que ele disse. Deveis espiar-me e guardar os segredos dele. — Bolton soltou um risinho. — Como se ele tivesse segredos. O Alyn Azedo, o Luton, o Esfolador e os outros, de onde julga que eles vêm? Poderá realmente acreditar que são homens *seus*?

— Homens seus — ecoou Cheirete. Pareceu-lhe que se esperava dele algum comentário mas não soube o que dizer.

— O meu bastardo alguma vez vos contou como o arranjei?

Isso ele *sabia*, para seu alívio.

— Sim, se... *senhor.* Encontrastes a mãe dele enquanto passeáveis a *cavalo* e *ficastes encantado pela sua beleza.*

— Encantado? — Bolton riu-se. — Ele usou essa palavra? Ora, o rapaz tem uma alma de cantor... se bem que se vós acreditais nessa canção podeis bem ser ainda mais obtuso do que o primeiro Cheirete. Até a parte do passeio está errada. Andava a caçar uma raposa ao longo das Águas Choras quando encontrei um moinho e vi uma jovem a lavar roupa no ribeiro. O velho moleiro tinha arranjado uma mulher nova, uma rapariga que não tinha nem metade da idade dele. Era uma criatura alta e esbelta, com um ar muito *saudável*. Pernas compridas e seios pequenos e firmes, como duas ameixas maduras. Bonita, de uma forma comum. No momento em que pus os olhos nela, desejei-a. Era o meu direito. Os mestres dir-te-ão que o Rei Jaehaerys aboliu o direito do senhor à primeira noite para aplacar a rabugenta da sua rainha, mas onde os deuses antigos dominam, os velhos costumes resistem. Os Umber também mantêm a primeira noite, por mais que o possam negar. Alguns dos clãs das montanhas também, e em Skagos... bem, só as árvores coração veem metade do que eles fazem em Skagos.

Este casamento do moleiro tinha sido levado a cabo sem a minha licença e conhecimento. O homem tinha-me aldrabado. Portanto, mandei enforcá-lo, e reclamei os meus direitos à sombra da árvore de onde ele baloiçava. Em boa verdade, a rapariga mal valia a corda. A raposa também es-

capou e, no caminho de regresso ao Forte do Pavor, o meu corcel preferido ficou coxo, portanto, tudo somado, o dia foi horrível.

Um ano mais tarde, a mesma rapariga teve o desprazer de aparecer no Forte do Pavor com um monstro de cara vermelha que não parava de guinchar e que ela afirmava ser de minha descendência. Devia ter mandado chicotear a mãe e atirado o filho a um poço... mas o bebê *tinha* os meus olhos. Ela disse-me que quando o irmão do marido morto viu esses olhos lhe bateu até fazer sangue e correu com ela do moinho. Isso aborreceu-me, então dei-lhe o moinho e mandei cortar a língua do irmão, para me assegurar de que não correria para Winterfell com histórias que pudessem perturbar o Lorde Rickard. Todos os anos enviei à mulher uns leitões, umas galinhas e um saco de estrelas, com a condição de ela nunca dizer ao rapaz quem era o seu pai. Uma terra pacífica, um povo pacífico, sempre foram essas as minhas regras.

— Boas regras, Senhor.

— Mas a mulher desobedeceu-me. Vedes o que o Ramsay é. Foi ela que o fez assim, ela e o Cheirete, sempre a murmurarem-lhe aos ouvidos sobre os seus direitos. Ele devia ter-se contentado em moer cereais. Será que pensa mesmo que alguma vez poderá governar o Norte?

— Ele luta por vós — disse apressadamente Cheirete. — É forte.

— Os touros são fortes. Os ursos. Eu vi o meu bastardo lutar. Não é inteiramente culpa dele. O seu tutor foi o Cheirete, o primeiro Cheirete, e o Cheirete nunca tinha sido treinado com as armas. O Ramsay é feroz, isso admito, mas brande aquela espada como um carnicheiro a cortar carne.

— Ele não tem medo de ninguém, Senhor.

— Devia ter. O medo é o que mantém um homem vivo neste mundo de traições e enganar. Até aqui em Vila Acidentada, os corvos voam em círculos, à espera de se banquetear com a nossa carne. Os Cerwyn e os Tallhart não são dignos de confiança, o meu amigo gordo, o Lorde Wyman, planeia traições, e o Terror das Rameiras... os Umber podem parecer simplórios, mas não lhes falta uma certa baixa astúcia. O Ramsay devia temê-los a todos, como eu temo. Da próxima vez que o virdes, digei-lhe isso.

— Dizer-lhe... dizer-lhe para ter medo? — Cheirete sentiu-se doente só de pensar em tal coisa. — Senhor, eu... se eu fizesse isso, ele...

— Eu sei. — O Lorde Bolton suspirou. — O sangue dele é mau. Precisa de ser sangrado. As sanguessugas sugam o sangue mau, toda a raiva e a dor. Nenhum homem consegue pensar assim tão cheio de raiva. Mas o Ramsay... temo que o seu sangue maculado até sanguessugas envenenaria.

— Ele é o vosso único filho.

— Agora é. Tive outro em tempos. Domic. Um rapaz calmo, mas muito talentoso. Serviu durante quatro anos como pajem da Senhora Dustin, e três no Vale como escudeiro do Lorde Redfort. Tocava harpa vertical, lia histórias e cavalgava como o vento. Cavalos... o rapaz era louco

por cavalos, a Senhora Dustin há de dizer-te. Nem mesmo a filha do Lorde Rickard conseguia ganhar-lhe em cavalgada, e essa era ela própria meio equina. O Redfort dizia que ele se mostrava muito promissor nas lições. Um grande justador tem de começar por ser um grande cavaleiro.

— Sim, Senhor. Domic. Eu... eu ouvi o nome dele...

— Ramsay matou-o. Uma doença das tripas, segundo diz o Mestre Uthor, mas eu digo que foi veneno. No Vale, Domic desfrutava da companhia dos filhos de Redfort. Queria um irmão a seu lado, portanto cavalgou até Águas Choras para procurar o meu bastardo. Eu proibi-o, mas Domic era um homem feito e achava-se mais sabedor do que o pai. Agora, os seus ossos jazem debaixo do Forte do Pavor com os ossos dos irmãos que morreram ainda no berço, e eu tenho de me contentar com Ramsay. Dizei-me, senhor... se o assassino de parentes é maldito, que deve fazer um pai quando um filho mata outro?

A pergunta assustou-o. Em tempos, ouvira o Esfolador dizer que o Bastardo tinha matado o irmão legítimo, mas nunca se atrevera a acreditar nisso. *Ele pode estar enganado. Os irmãos às vezes morrem, isso não quer dizer que tenham sido mortos. Os meus irmãos morreram, e eu não os matei.*

— O senhor tem uma nova esposa para lhe dar filhos.

— E o meu bastardo não vai adorar isso? A Senhora Walda é uma Frey, e tem um ar fértil. Ganhei uma estranha amizade pela minha mulherzinha gorda. As duas antes dela nunca faziam um som na cama, mas esta guincha e estremece. Acho isso muito encantador. Se puser filhos cá fora como enfia tartes lá dentro, o Forte do Pavor depressa ficará enxameado de Boltons. O Ramsay matá-los-á a todos, claro. Ainda bem. Não viverei o suficiente para acompanhar mais filhos até serem homens, e senhores rapazes são a perdição de qualquer Casa. Mas a Walda sofrerá por vê-los morrer.

Cheirete tinha a garganta seca. Conseguia ouvir o vento a sacudir os ramos nus dos ulmeiros que bordejavam a rua.

— Senhor, eu...

— *Senhor*, lembrais-vos?

— Senhor. Se puder perguntar... porque foi que me quisestes? Não presto para ninguém, nem sequer sou um homem, estou quebrado, e... o cheiro...

— Um banho e uma troca de roupa hão de melhorar-vos o cheiro.

— Um banho? — Cheirete sentiu as tripas apertadas. — Eu... eu preferia que não, Senhor. Por favor. Tenho... ferimentos, eu... e esta roupa, o Lorde Ramsay deu-ma, ele... ele disse que eu não podia nunca tirá-la exceto por suas ordens...

— Estais a usar farrapos — disse o Lorde Bolton, com grande paciência. — Coisas imundas, rasgadas, manchadas e a feder a sangue e urina. E pouco espessas. Deveis ter frio. Vamos pôr-vos dentro de lã de ovelha, suave e quente. Talvez um manto forrado de peles. Gostáreis disso?

— Não. — Não podia deixar que lhe tirassem a roupa que o Lorde Ramsay lhe dera. Não podia deixar que o vissem.

— Preferíeis vestir-vos de seda e veludo? Lembro-me de que houve unia altura em que gostáveis dessas coisas.

— Não — insistiu, esganiçado. — Não, só quero esta roupa. A roupa do Cheirete. Eu sou o Cheirete, rima com joanete. — Tinha o coração a bater como um tambor, e a voz ergueu-se num guincho assustado. — Não quero banho nenhum. Por favor, Senhor, não me tireis a roupa.

— DeLxais-nos lavá-las, pelo menos?

— Não. Não, Senhor. *Por favor.* — Apertou a túnica ao peito, com ambas as mãos, e corcovou-se sobre a sela, com medo de que Roose Bolton ordenasse aos guardas para lhe arrancarem a roupa de cima ali mesmo na rua.

— Como quisedes. — Os olhos claros de Bolton pareciam vazios ao luar, como se não existisse absolutamente ninguém por trás deles. — Não vos desejo mal, sabeis? Devo-vos mais do que muito.

— Deveis? — uma parte dele gritava: *isto é uma armadilha, ele está a brincar contigo, o filho é só a sombra do pai.* O Lorde Ramsay andava sempre a brincar com as suas esperanças. — O que... o que me deveis, Senhor?

— O Norte. Os Stark ficaram feitos e acabados na noite em que tomastes Winterfell. — Acenou com uma mão pálida, depreciativo. — Tudo isto não passa de questiúnculas por despojos.

A curta viagem chegou ao fim junto às muralhas de madeira do Solar Acidentado. Esvoaçavam estandartes nas suas torres quadradas, agitados pelo vento; o homem esfolado do Forte do Pavor, o machado de batalha de Cerwyn, os pinheiros de Tallhart, o tritão de Manderly, as chaves cruzadas do velho Lorde Locke, o gigante de Umber e a mão de pedra de Flint, o alce de Hornwood. Pelos Stout, asnado de castanho-avermelhado e dourado, pelos Slate um campo cinzento no interior de uma dupla bordadura de branco. Quatro cabeças de cavalo proclamavam os quatro Ryswell dos Regatos; uma cinzenta, uma preta, uma dourada, uma castanha. O gracejo dizia que os Ryswell nem sequer conseguiam concordar sobre a cor das suas armas. Por cima deles esvoaçava o veado e leão do rapaz que se sentava no Trono de Ferro a mil léguas de distância.

Cheirete ouviu as velas a girar no velho moinho ao passarem sob o *portão e penetrarem num pátio coberto de erva onde moços de estrebaria* saíram a correr para lhes segurar nos cavalos.

— Por aqui, por favor. — O Lorde Bolton levou-o para a torre, onde os estandartes eram os do falecido Lorde Dustin e da sua viúva. Os dele mostravam uma coroa cheia de pontas sobre machados cruzados; os dela esquartelavam essas mesmas armas com a cabeça de cavalo dourada de Rodrik Ryswell.

Enquanto subia um amplo lanço de escadas de madeira que levava ao palácio, as pernas de Cheirete começaram a tremer. Teve de parar para as firmar, fitando as encostas relvadas do

Grande Outeiro. Havia quem afirmasse que se tratava da sepultura do Primeiro Rei, que liderara os Primeiros Homens até Westeros. Outros argumentavam que devia ser algum rei dos Gigantes a estar aí enterrado, para justificar o tamanho. Sabia-se até de alguns que tinham dito que não era sepultura alguma, só uma colina, mas se assim era tratava-se de uma colina solitária, pois a maior parte das terras acidentadas era plana e varrida pelo vento.

Dentro do salão, uma mulher estava em pé junto à lareira, aquecendo as mãos por cima das brasas de um fogo quase apagado. Estava toda vestida de preto, dos pés à cabeça, e não usava nem ouro nem pedras preciosas, mas era bem nascida, isso via-se claramente. Embora houvesse rugas nos cantos da sua boca e mais em torno dos olhos, ainda se mantinha alta, direita e bem-parecida. O cabelo era castanho e cinzento em partes iguais, embora o usasse preso atrás da cabeça num carrapito de viúva.

— Quem é este? — disse. — Onde está o rapaz? O vosso bastardo recusou-se a entregá-lo? Este velho é o... oh, pela bondade dos deuses, que *cheiro* é este? Esta criatura borrou-se?

— Esteve com Ramsay. Senhora Barbrey, permiti-me que vos apresente o legítimo Senhor das Ilhas de Ferro, Theon da Casa Greyjoy.

Não, pensou o Cheirete, não, não digas esse nome, o Ramsay vai ouvir-te, ele saberá, ele saberá, ele magoar-me-á.

A boca dela projetou-se.

— Não é o que eu esperava.

— É aquilo que temos.

— O que foi que o vosso bastardo lhe fez?

— Tirou-lhe um pouco de pele, imagino. Alguns bocados pequenos. Nada demasiado essencial.

— Está louco?

— Talvez esteja. Isso importa?

Cheirete não conseguiu ouvir mais.

— Por favor, Senhor, Senhora, houve algum engano. — Caiu de joelhos, tremendo como uma folha numa tempestade de inverno, com lágrimas a escorrer-lhe pela cara devastada. — Eu não sou ele, não sou o vira casaca, ele morreu em Winterfell. O meu nome é Cheirete. — Tinha de se lembrar do seu *nome*. — Rima com pobrete.

TYRION

O *Selaesori Qhoran* estava a sete dias de Volantis quando Centava finalmente saiu da cabina, subindo ao convés como se fosse uma tímida criatura da floresta a emergir do longo sono de inverno.

Era ocaso e o sacerdote vermelho acendera o seu fogo noturno no grande braseiro de ferro a meia-nau, enquanto a tripulação se reunia em volta para rezar. A voz de Moqorro era um tambor grave que parecia ressoar desde algures no interior profundo do seu enorme torso.

— Agradecemos-vos pelo Sol que nos mantém quentes — orou. — Agradecemos-vos pelas estrelas que nos vigiam enquanto velejamos por este mar frio e negro. — Sendo um homem enorme, mais alto do que Sor Jorah e com largura suficiente para fazer dois dele, o sacerdote usava vestes escarlate bordadas na manga, na bainha e no colarinho com chamas de cetim laranja. A sua pele era negra como breu, o cabelo branco como a neve, as chamas tatuadas nas bochechas e testa amarelas e cor-de-laranja. O seu bastão de ferro era tão alto como ele próprio e coroado com uma cabeça de dragão. Quando o sacerdote batia com o cabo do bastão no convés, a goela do dragão cuspia crepitantes chamas verdes.

Os seus guardas, quatro guerreiros escravos da Mão Fogosa, lideravam as respostas. Entoavam cânticos na língua da Velha Volantis, mas Tyrion ouvira as preces as vezes suficientes para compreender a sua essência. Iluminai o nosso fogo e protegei-nos da escuridão, blá, blá, iluminai o nos-so caminho e mantende-nos quentes até torrarmos, a noite é escura e cheia de terrores, salvai-nos das coisas assustadoras e mais um bocado de blá, blá, blá.

Não era suficientemente tolo para verbalizar tais pensamentos. Tyrion Lannister dispensava todos os deuses, mas naquele navio era sensato mostrar algum respeito pelo rubro R'hllor. Jorah Mormont tirara-lhe as correntes e grilhetas depois de estarem solidamente a caminho, e o anão não desejava dar-lhe motivo para voltar a prendê-las.

O *Selaesori Qhoran* era uma banheira bamboleante de quinhentas toneladas, com um portão profundo, castelos elevados à proa e à popa, e um único mastro entre ambos. O castelo de proa tinha uma grotesca figura de proa, uma qualquer eminência carunchosa com ar de prisão de ventre

e um rolo enfiado debaixo de um braço. Tyrion nunca vira navio mais feio. A tripulação não era mais bonita. O capitão, um impiedoso homem de língua maligna e barriga de barril com uns olhos avarentos e muito próximos, era mau jogador de cyvasse e pior perdedor. Abaixo dele serviam quatro imediatos, todos libertos, e cinquenta escravos vinculados ao navio, todos com uma versão tosca da figura de proa da coca tatuada numa bochecha. Os marinheiros gostavam de chamar a Tyrion "Sem-Nariz" por mais que ele lhes dissesse que o seu nome era Hugor Hill.

Três dos imediatos e mais de três quartos da tripulação eram fervorosos adoradores do Senhor da Luz. Tyrion tinha menos certezas a respeito do capitão, o qual aparecia sempre para as preces da noite mas não desempenhava nelas mais nenhum papel. Mas Moqorro era o verdadeiro capitão do *Selaerosi Qhoran*, pelo menos naquela viagem.

Senhor da Luz, abençoei o vosso escravo Moqorro, e iluminai-lhe o caminho nos lugares escuros do mundo — trovejou o sacerdote verme-lho. — E defendei o vosso honrado escravo Benerro. Concedei-lhe coragem. Concedei-lhe sabedoria. Enchei-lhe o coração de fogo.

Foi então que Tyrion reparou em Centava a observar aquela farsa da íngreme escada de madeira que levava para baixo do castelo de popa. Estava num dos degraus mais baixos, de modo que só o topo da cabeça se encontrava visível. Sob o capuz, os olhos brilhavam grandes e brancos à luz da fogueira noturna. Tinha consigo o seu cão, o grande cão de caça cinzento que montava em justas fingidas.

— Senhora — chamou Tyrion em voz baixa. Na verdade, ela não era senhora alguma, mas Tyrion não conseguia levar-se a articular aquele seu nome pateta, e não ia chamar-lhe "rapariga" ou "anã."

Ela retraiu-se.

— Eu... eu não vos tinha visto.

— Bem, sou pequeno.

— Eu... eu não estava bem... — O cão ladrou.

— Estavas doente de desgosto, queres tu dizer.

Se puder ajudar...

— Não. — E foi com toda a rapidez que ela voltou a desaparecer, retirando-se para baixo, para a cabina que partilhava com o cão e com a porca. Tyrion não podia censurá-la. A tripulação do *Selaerosi Qhoran* ficara bastante satisfeita quando ele subira a bordo; afinal de contas, um anão dava boa sorte. A sua cabeça fora esfregada tão frequentemente e com tal vigor que era um espanto que não tivesse ficado careca. Mas Centava deparara com uma reação mais dúbia. Podia ser anã, mas também era mulher, e as mulheres davam má sorte a bordo dos navios. Por cada homem que tentava esfregar-lhe a cabeça, havia três que resmungavam maldições em surdina quando ela passava.

E ver-me só pode ser sal na sua ferida. Cortaram a cabeça ao irmão na esperança de ser a minha, mas aqui estou eu como a porcaria de uma gárgula, a oferecer consolos vazios. Se fosse a ela não

haveria nada que mais desejasse do que de me empurrar para o mar.

Nada sentia pela rapariga além de pena. Não merecia mais o horror que sobre ela caíra em Volantis do que o irmão merecera. Da última vez que a vira, logo antes de deixarem o porto para trás, os olhos dela estavam vermelhos de chorar, dois pavorosos buracos vermelhos numa cara abatida e pálida. Quando içaram a vela, trancara-se na cabina com o cão e o porco, mas à noite ouviam-na chorar. Ainda no dia anterior ouvira um dos imediatos dizer que deviam atirá-la borda fora antes que as lágrimas da rapariga inundassem o navio. Tyrion não tinha absoluta certeza de que o homem estivesse a gracejar.

Depois das preces da noite terminarem e a tripulação do navio se ter voltado a dispersar, alguns para os seus turnos e outros para comida, rum e redes de dormir, Moqorro permaneceu junto ao seu fogo, como fazia todas as noites. O sacerdote vermelho descansava de dia, mas mantinha uma vigília durante as horas escuras, a fim de cuidar das chamas sagradas para que o Sol regressasse à alvorada.

Tyrion acocorou-se na frente dele e aqueceu as mãos contra o frio da noite. Moqorro não reparou nele durante algum tempo. Estava a fitar as chamas trémulas, perdido nalguma visão. *Será que ele vê dias vindouros, como afirma?* Se assim fosse, esse seria um dom temível. Passado algum tempo, o sacerdote ergueu os olhos para cruzar olhares com o anão.

— Hugor Hill — disse, inclinando a cabeça num aceno solene. — Vieste rezar comigo?

— Alguém me disse que a noite é escura e cheia de terrores. O que vês nestas chamas?

— Dragões — disse Moqorro no idioma comum de Westeros. Falava a língua muito bem, quase sem sinal de sotaque. Sem dúvida que essa era uma razão por que o alto sacerdote Benerro o escolhera para levar a fé de R'hllor a Daenerys Targaryen. — Dragões antigos e jovens, verdadeiros e falsos, brilhantes e escuros. E a ti. Um homem pequeno com uma grande sombra, a rosnar no meio de tudo.

— A rosnar? Um tipo amigável como eu? — Tyrion sentia-se quase lisonjeado. *E sem dúvida é precisamente isso que ele pretende. Qualquer pateta adora ouvir dizer que é importante.* — Talvez tenha sido Centava que viste. Somos quase do mesmo tamanho.

— Não, meu amigo.

— Meu amigo? Quando foi que isso aconteceu?

Por acaso terás visto quanto tempo demoraremos a chegar a Meereen?

— Estás ansioso por contemplar a libertadora do mundo?

Sim e não. A libertadora do mundo pode cortar-me a cabeça ou dar-me aos dragões como acepipe.

— Eu não — disse Tyrion. — Para mim, tudo gira em volta das azeitonas. Se bem que tema que talvez envelheça e morra antes de saborear uma. Conseguia nadar à mão mais depressa do que estamos a navegar. Diz-me, Selaerosi Qhoran foi um triarca ou uma tartaruga?

O sacerdote vermelho soltou um risinho.

— Nem uma coisa nem outra. Qhoran é... não um governante, mas alguém que serve e aconselha tais pessoas e as ajuda a conduzirem os seus negócios. Vós, em Westeros, poderiam falar em intendente ou em magíster.

Mão do Rei? Aquilo divertiu-o.

— *E selaesori?*

Mogorro tocou o nariz.

— Imbuído de um aroma agradável. Aromático, diríeis vós? Florido?

— *Então Selaesori Qhoran quer dizer Intendente Fedorento, mais ou menos?*

— *Antes Intendente Aromático.*

Tyrion exibiu um sorriso torto.

— Acho que vou ficar com *Fedorento*. Mas agradeço-vos pela aula.

— Agradá-me ter-vos esclarecido. Algum dia talvez me deixeis ensinar-vos também a verdade de R'hllor.

— *Algum dia.* — *Quando eu for uma cabeça num espigão.*

Aos aposentos que partilhava com Sor Jorah chamavam cabina só por cortesia; aquele armário húmido, escuro e malcheiroso mal tinha espaço para pendurar um par de redes para dormir, uma por cima da outra. Foi dar com Mormont estendido na de baixo, balouçando lentamente com os movimentos do navio.

— A rapariga finalmente pôs o nariz no convés — disse-lhe Tyrion. — Deitou-me uma olhadela e correu de volta para baixo.

— Não és uma coisa bonita de se ver.

— Nem todos podemos ser tão bem-parecidos como tu. A rapariga está perdida. Não me surpreenderia se a pobre criatura estivesse a esgueirar-se até lá acima para saltar pela amurada e se afogar.

— O nome da pobre criatura é Centava.

— Eu sei o nome dela. — Odiava o nome dela. O irmão respondera pelo nome de Tostão, embora o seu verdadeiro nome fosse Oppo. *Tostão e Centava. As moedas mais pequenas, as que valiam menos e, o que era pior, eles próprios tinham escolhido os nomes.* Aquilo deixava um travo desagradável na boca de Tyrion. — Seja o nome qual for, ela precisa de um amigo.

Sor Jorah sentou-se na sua rede.

— Então faz-te amigo dela. Por mim até podes casar-te com ela.

Aquilo também lhe deixou um travo desagradável na boca.

— Semelhante com semelhante, é essa a tua ideia? Quereis encontrar uma urso para vós, sor?

— Foste tu que insististe para a trazermos.

— Eu disse que não a podíamos abandonar em Volantis. Isso não quer dizer que queira fodê-la. Ela quer-me morto, esqueceste-te? Sou a última pessoa que é provável que queira como amigo.

— Sois ambos anões.

— Sim, e o irmão dela também era. O irmão que foi morto porque uns idiotas bêbados o confundiram comigo.

— Estás-te a sentir culpado, é?

— Não. — Tyrion irritou-se. — Tenho suficientes pecados por que responder, não quero nenhum papel neste. Posso ter nutrido alguma má vontade para com ela e o irmão pelo papel que desempenharam na noite do casamento de Joffrey, mas nunca lhes quis mal.

— És uma criatura inofensiva, com certeza. Inocente como um cordeiro. — Sor Jorah pôs-se em pé. — A anã é fardo teu. Beija-a, mata-a ou evita-a, como queiras. A mim não interessa nada. — Passou por Tyrion com um encontrão e saiu da cabina.

Duas vezes exilado, e pouco admira, pensou Tyrion. Eu também o exilava, se pudesse. O homem é frio, melancólico, carrancudo, surdo ao humor. E essas são as suas qualidades. Sor Jorah passava a maior parte das horas de vigília a percorrer o castelo de proa ou encostado à amurada fitando o mar. À procura da sua rainha prateada. À procura de Daenerys, tentando fazer com que o navio navegue mais depressa pela força da vontade. Bem, eu talvez fizesse o mesmo se Tysha esperasse em Meereen.

Poderia ser para a Baía dos Escravos que iam as rameiras? Parecia improvável. Ajuizando por aquilo que lera, as cidades dos escravagistas eram o lugar onde as rameiras eram feitas. O *Mormont devia ter comprado uma para si*. Uma escrava bonita podia ter feito maravilhas para melhorar o feitio dele... especialmente uma de cabelo prateado como a rameira que estivera sentada na picha dele em Selhorys.

No rio, Tyrion tivera de suportar Griff, mas pelo menos houvera o mistério da verdadeira identidade do capitão para o distrair, e o companheirismo mais agradável do resto do pequeno grupo do barco de varejar. Na coca, infelizmente, todos eram precisamente o que pareciam ser, ninguém era agradável por aí além, e só o sacerdote vermelho era interessante. *Ele, e talvez Centava. Mas a rapariga odeia-me, e tem razão para isso.*

Tyrion descobrira que a vida a bordo do *Selaesori Qhoran* era simplesmente um tédio. A parte mais entusiasmante do seu dia era picar os dedos das mãos e dos pés com uma faca. No rio houvera maravilhas a contemplar; tartarugas gigantes, cidades arruinadas, homens de pedra, septãs nuas. Nunca se sabia o que podia estar à espera atrás da curva seguinte. Os dias e noites no mar eram todos iguais. Ao abandonar Volantis, a coca velejara a princípio à vista de terra, e Tyrion pudera ver os promontórios que iam passando, observar nuvens de aves marinhas que levantavam voo de falésias de pedra e torres de vigia arruinadas, contar ilhas nuas e castanhas ao passar por elas. Via também muitos outros navios; barcos de pesca, pesados navios mercantes,

orgulhosas galés com remos que chicoteavam as vagas transformando-as em espuma branca. Mas depois de avançarem para águas mais profundas passou a haver só mar e céu, ar e água. A água parecia água. O céu parecia céu. Às vezes havia uma nuvem. *Demasiado azul.*

E as noites eram piores. Tyrion dormia mal no melhor dos tempos, e aqueles estavam longe de o ser. Sono normalmente queria dizer sonhos, e nos seus sonhos aguardavam as Mágoas e um rei de pedra com a cara do pai. Isso deixava-lhe as miseráveis alternativas de subir para a cama de rede e ouvir Jorah Mormont rressonar por baixo de si, ou permanecer no convés a contemplar o mar. Em noites sem luar, a água era negra como tinta de mestre, de horizonte a horizonte. Escura, profunda e sinistra, bela à sua maneira gelada, mas quando a olhava durante demasiado tempo, Tyrion dava por si a matutar sobre como seria fácil deslizar por cima do talabardão e deixar-se cair nas trevas. Um chape muito pequeno, e a patética historiazinha que era a sua vida depressa terminaria. *Mas e se existir um inferno e o meu pai estiver à minha espera?*

A melhor parte de todas as noites era o jantar. A comida não era particularmente boa, mas era farta, portanto foi para aí que o anão foi em seguida. A cozinha onde tomava as refeições era um sítio apertado e desconfortável, com um teto tão baixo que os passageiros mais altos estavam sempre em perigo de rachar as cabeças, perigo a que os robustos soldados escravos da Mão Fogosa pareciam particularmente sujeitos. Por mais que Tyrion gostasse de se rir disso, acabara por preferir tomar as refeições sozinho. Estar sentado numa mesa sobrelotada com homens que não tinham uma língua em comum com ele, ouvindo-os conversar e gracejar sem compreender nada, depressa se tornara cansativo. Em especial porque dava sempre por si com curiosidade de saber se os gracejos e os risos o teriam como alvo.

A cozinha era também onde se guardavam os livros do navio. Visto que o seu capitão era um homem particularmente amigo dos livros, havia três; uma compilação de poesia náutica que ia de má a pior, um volume muito folheado sobre as aventuras eróticas de uma jovem escrava num bordel liseno, e o quarto e último volume de *A Vida do Triarca Belicho*, um famoso patriota volantino cuja sucessão ininterrupta de conquistas e triunfos terminara de forma bastante abrupta quando fora comido por gigantes. Tyrion terminara-os a todos no terceiro dia que o navio passara no mar. Depois, à falta de outros livros recomeçara a lê-los. A história da escrava era o mais mal escrito, mas o mais absorvente, e foi esse que levou para a mesa naquela noite como companhia para um jantar de beterrabas amanteigadas, estufado frio de peixe e biscoitos que podiam ter sido usados para espetar pregos.

Estava a ler o relato da rapariga sobre o dia em que ela e a irmã tinham sido capturadas por traficantes de escravos quando Centava entrou na cozinha.

— Oh — disse ela — pensei que... não queria incomodar o senhor, eu...

— Não estás a incomodar-me. Não vais voltar a tentar matar-me, espero.

— Não. — A rapariga afastou o olhar, com a cara a enrubescer.

— Nesse caso, acolho bem um pouco de companhia. Há bem pouca a bordo deste navio. — Tyrion fechou o livro. — Vem. Senta-te. Come. — A rapariga deixara a maior parte das refeições intactas à porta da sua cabina. Por aquela altura, já devia estar esfomeada. — O estufado está quase comestível. O peixe é fresco, pelo menos.

— Não, eu... uma vez engasguei-me com uma espinha de peixe, não posso comer peixe.

— Então bebe um pouco de vinho. — Encheu uma taça e fê-la deslizar para ela. — Cumprimentos do nosso capitão. Parece-se mais com mijo do que com dourado da Árvore, em boa verdade, mas até o mijo sabe melhor do que o rum preto como alcatrão que os marinheiros bebem. Pode ajudar-te a dormir.

A rapariga não fez qualquer movimento para tocar na taça.

— Obrigada, senhor, mas não. — Recuou. — Não devia estar a incomodar-vos.

— Tencionas passar a vida inteira a fugir? — perguntou Tyrion antes de ela ter tempo de se esgueirar pela porta fora.

Aquilo fê-la parar. Ficou com as bochechas de um rosa vivo, e Tyrion teve receio de que estivesse prestes a desatar outra vez a chorar. Mas a rapariga projetou o lábio num desafio e disse:

— Vós também estais a fugir.

— Pois estou — confessou o anão — mas eu estou a fugir *para* e tu estás a fugir *de*, e há aí um mundo de diferença.

— Nós nunca teríamos de fugir, se não fôsseis vós.

Foi precisa alguma coragem, para me dizer aquilo na cara.

Estás a falar de Porto Real ou de Volantis?

— Das duas coisas. — Lágrimas reluziram nos seus olhos. — De tudo. Porque não podíeis simplesmente ter vindo justar com a gente, como o rei queria? Não vos teríeis magoado. O que teria custado, senhor, subir para cima do nosso cão e fazer uma investida? Era só um bocadinho de divertimento. Eles teriam rido de vós, nada mais.

— *Eles teriam rido de mim* — disse Tyrion. *Em vez disso obriguemos a rir de Joff. E não foi um truque esperto?*

— O meu irmão diz que fazer as pessoas rir é coisa boa. Uma coisa *nobre*, e honrosa. O meu irmão diz... ele... — As lágrimas caíram nessa altura, rolando-lhe pela cara abaixo.

— Lamento pelo teu irmão. — Tyrion já lhe dissera as mesmas palavras, em Volantis, mas ela aí estivera demasiado submersa em desgosto e ele duvidava de que o tivesse ouvido.

Naquele momento ouviu.

— Lamentais. Vós lamentais. — Tinha o lábio a tremer, a cara húmida, os olhos eram covas bordejadas de vermelho. — Abandonámos Porto Real nessa mesma noite. O meu irmão disse que era melhor assim, antes de alguém querer saber se tínhamos desempenhado algum papel na morte do rei e decidir torturar-nos para descobrir. Fomos primeiro para Tyrosh. O meu irmão achou que seria suficientemente longe, mas não era. Conhecíamos um malabarista de lá. Levou anos e

anos a fazer malabarismo todos os dias perto da Fonte do Deus Bêbado. Era velho, de modo que as mãos já não eram tão hábeis como tinham sido, e às vezes deixava cair as bolas e corria atrás delas pela praça fora, mas os tyroshi riam-se e atiravam-lhe moedas na mesma. Mas uma manhã, ouvimos dizer que o corpo dele tinha sido encontrado no Templo de Trios. Trios tem tres cabeças, e há uma grande estátua dele ao lado das portas do templo. O velho tinha sido cortado em três partes e enfiado nas bocas triplas de Trios. Só que quando os bocados foram unidos, a cabeça tinha desaparecido.

— Um presente para a minha querida irmã. Era outro anão.

— Um homem pequeno, sim. Como vós, e Oppo. Tostão. Também lamentais pelo malabarista?

— Nunca soube que o teu malabarista existia até este momento... mas sim, lamento que esteja morto.

— Ele morreu por vós. O sangue dele está nas vossas mãos.

A acusação feriu-o, tendo aparecido tão pouco tempo depois das palavras de Jorah Mormont.

— O sangue dele está nas mãos da minha irmã e nas mãos das bestas que o mataram. As minhas mãos... — Tyrion virou-as, inspecionou-as, fechou-as em punhos. — ... As minhas mãos estão cobertas de sangue antigo, sim. Chama-me assassino de parentes, e não te enganarás. Regicida, também responderei por esse nome. Matei mães, pais, sobrinhos, amantes, homens e mulheres, reis e rameiras. Um sacana de um cantor um dia aborreceu-me, portanto mandei estufá-lo. Mas nunca matei um malabarista, nem um anão, e não é culpa minha o que aconteceu ao raio do teu irmão.

Centava pegou na taça de vinho que ele lhe servira e atirou-lha à cara. *Exatamente como a minha querida irmã.* Ouviu a porta da cozinha a bater, mas não a viu sair. Tinha os olhos a picar, e o mundo era uma mancha. *Quanto a tornar-me amigo dela, estamos conversados.*

Tyrion Lannister tinha escassa experiência com outros anões. O senhor seu pai não acolhera bem nada que lhe fizesse lembrar as deformidades do filho, e saltimbancos que incluíssem gente pequena nas suas trupes depressa aprenderam a manterem-se afastados de Lanisporto e de Rochedo Casterly, para não arriscarem desagradar-lhe. Enquanto crescia, Tyrion ouviu falar de um bobo anão no castelo do dornês Lorde Fowler, de um meistre anão ao serviço nos Dedos, e de uma anã entre as irmãs silenciosas, mas nunca sentiu a mínima necessidade de ir à procura deles. Também lhe chegaram aos ouvidos histórias menos dignas de confiança sobre uma bruxa anã que assombrava uma colina nas terras fluviais, e sobre uma rameira anã em Porto Real, afamada por acasalar com cães. Fora a sua querida irmã que lhe falara desta última, oferecendo-se mesmo para lhe arranjar uma cadela no cio para ele experimentar. Quando perguntara educadamente se se estaria a referir a si própria, Cersei atirara-lhe uma taça de vinho à cara. *Esse era tinto, se bem me lembro, e este é dourado.* Tyrion limpou a cara com uma manga. Ainda tinha os olhos a picar.

Não voltou a ver Centava até ao dia da tempestade.

O ar salgado estava imóvel e pesado nessa manhã, mas o céu ocidental mostrava um vermelho fogueiro, cortado de nuvens ameaçadoras que brilhavam tão vivamente como o carmesim dos Lannister. Marinheiros precipitavam-se de um lado para o outro a reforçar escotilhas, a prender cabos, a limpar os conveses, a amarrar tudo o que não estivesse já amarrado.

— Vento mau vem aí — avisou um. — Sem-Nariz devia descer.

Tyrion lembrou-se da tempestade que suportara na travessia do mar estreito, do modo como a cobertura saltara sob os seus pés, dos hediondos rangidos que o navio soltara, do sabor a vinho e a vômito.

— O Sem-Nariz vai ficar cá em cima. — Se os deuses o quisessem, preferia morrer afogado do que engasgado no próprio vômito. E por cima da sua cabeça, a vela de tela da coca ondulou lentamente, como a pelagem de um grande animal a despertar de um longo sono, e depois encheu-se com um súbito *crac* que fez virar todas as cabeças no navio.

Os ventos empurraram a coca à sua frente, bem para longe da rota. Atrás deles, nuvens negras encavalitaram-se umas nas outras num céu vermelho como sangue. Pelo meio da manhã já viam relâmpagos a tremeluzir a oeste, seguidos por distantes estrondos de trovões. O mar tornou-se mais encrespado, e ondas escuras ergueram-se para se irem esmagar contra o casco do *Intendente Fedorento*. Foi por volta das dez que a tripulação começou a arrear a tela. Tyrion estava a servir de empecilho a meia-nau, por isso subiu o castelo de proa e agachou-se, saboreando o vergastar da chuva fria no rosto. A coca subiu e desceu, corcoveando mais violentamente do que qualquer cavalo que já tivesse montado, erguendo-se com cada vaga antes de deslizar para dentro da depressão que a separava da próxima, abalando-o até aos ossos. Mesmo assim, estava melhor ali onde conseguia ver do que lá em baixo, trancado nalguma cabina sem ar.

Quando a tempestade rebentou, caiu tudo em cima deles e Tyrion Lannister ficou ensopado até à roupa interior, mas sentia-se eufórico sem saber porquê... e mais ainda mais tarde, quando foi descobrir Jorah Mormont bêbado numa poça de vômito na cabina que partilhavam.

O anão deixou-se ficar na cozinha depois do jantar, festejando a sua sobrevivência com a partilha de alguns golinhos de rum negro como alcatrão com o cozinheiro do navio, um grande, gorduroso e boçal volantino que só sabia uma palavra no idioma comum ("*Jòda*"), mas jogava furiosamente *cyvasse*, em especial quando estava bêbado. Jogaram três jogos nessa noite. Tyrion ganhou o primeiro, depois perdeu os outros dois. Depois disso, decidiu que já lhe chegava e subiu aos tropeções ao convés para limpar a cabeça tanto de rum como de elefantes.

Foi descobrir Centava no castelo de proa, onde tantas vezes encontrara Sor Jorah, em pé à amurada ao lado da hedionda e meio podre figura de proa da coca, e a fitar o mar escuro como tinta. Vista de trás, parecia tão pequena e vulnerável como uma criança.

Tyrion achou melhor deixá-la em paz, mas era tarde demais. Ela ouvira-o.

— Hugor Hill

— Se quiseres. — *Ambos sabemos que não.* — Lamento perturbar-te. Vou-me embora.

— Não. — A cara dela estava pálida e triste, mas não parecia ter estado a chorar. — Eu também lamento. Aquilo do vinho. Não fostes vós que matastes o meu irmão ou aquele pobre homem em Tyrosh.

— Desempenhei um papel, embora não por minha vontade.

— Tenho tantas saudades dele. Do meu irmão. Eu...

— *Eu compreendo.* — *Deu por si a pensar em Jaime.* — Podes achar-te sortuda. O teu irmão morreu antes de ter tempo de te trair.

— Achei que queria morrer — disse ela — mas agora, quando a tempestade chegou e julguei que o navio se ia afundar, eu... eu...

— *Apercebeste-te de que afinal querias viver.* — Também aí estive. Mais uma coisa que temos em comum.

Os dentes dela eram tortos, o que a tornava tímida com os sorrisos, mas agora sorria.

— Cozinhastes mesmo um cantor num estufado?

— Quem, eu? Não. Eu não cozinho.

Quando Centava soltou um risinho, soou como a doce rapariga que era... dezassete, dezoito, não mais de dezanove anos.

— O que foi que ele fez, esse cantor?

— *Escreveu uma canção sobre mim.* — — *Porque ela era o segredo te-souro, a sua vergonha e seu prazer. E corrente e forte nada são, comparados com beijos de mulher. Foi estranho como se lembrou depressa das palavras. Talvez nunca as tivesse esquecido. Mãos de ouro são sempre frias, mas há calor numas mãos de mulher.*

— Deve ter sido uma canção muito má.

— Nem por isso. Não era nenhuma *Chuvvas de Castamere*, atenção, mas algumas partes eram... bem...

— Como era?

Ele riu-se.

— Não. Tu *não* queres ouvir-me cantar.

— A minha mãe costumava cantar para nós quando éramos crianças. Para mim e para o meu irmão. Dizia sempre que não importava se a voz era boa ou má, desde que se amasse a canção.

— Ela era... ?

— ... uma pessoa pequena? Não, mas o nosso pai era. O pai dele vendeu-o a um traficante de escravos quando tinha três anos, mas cresceu para se tornar um saltimbanco tão famoso que comprou a liberdade. Viajou por todas as Cidades Livres, e também por Westeros. Em Vilavelha costumavam chamar-lhe Grão-Saltitão.

Claro que sim. Tyrion tentou não estremecer.

— Já morreu — prosseguiu Centava. — A minha mãe também. O Oppo... ele era o último membro da minha família, e agora também se foi. — Virou a cabeça para o lado e olhou para o mar.

— O que vou eu fazer? Para onde hei de ir? Não tenho nenhum ofício, só o espetáculo das justas, e para isso são precisos dois.

Nã o , pensou Tyrion. Esse não é lugar para onde queiras ir, rapariga. Não me peças isso. Nem sequer penses nisso.

— Arranja um órfão promissor — sugeriu.

Centava não pareceu ouvi-lo.

— Fazer os combates foi ideia do pai. Ele até treinou a primeira porca, mas nessa altura já estava demasiado doente para a montar, portanto o Oppo fê-lo no lugar dele. Eu montei sempre o cão. Atuámos uma vez para o Senhor do Mar de Bravos, e ele riu-se tanto que depois deu a cada um de nós um... um magnífico presente.

— Foi aí que a minha irmã vos encontrou? Em Bravos?

— A vossa irmã? — a rapariga pareceu perdida.

— A Rainha Cersei.

Centava abanou a cabeça.

— Ela não... foi um homem que veio ter conosco, a Pentos. Osmund. Não, Oswald. Qualquer coisa do género. Foi o Oppo que se encontrou com ele, não fui eu. Era o Oppo que fazia todos os nossos negócios. O meu irmão sabia sempre o que fazer, para onde devíamos ir de seguida.

— É para Meereen que vamos de seguida.

Ela deitou-ihe um olhar confundido.

— Qarth, quereis vós dizer. Estamos a ir para Qarth, com escala em Nova Ghis.

— Meereen. Vais montar o teu cão para a rainha dos dragões e sair de lá com o teu peso em ouro. É melhor começares a comer mais para estares bem rechonchudinha quando justares perante Sua Graça.

Centava não respondeu ao sorriso.

— Sozinha, a única coisa que posso fazer é cavalgar aos círculos. E mesmo se a rainha se risse, para onde ia a seguir? Nunca ficamos muito tempo no mesmo sítio. Da primeira vez que nos veem riem-se e riem-se, mas à quarta ou quinta vez sabem o que vamos fazer antes de o fazermos. Nessa altura param de rir, portanto temos de ir para um sítio novo. Onde ganhamos mais dinheiro é nas cidades grandes, mas eu sempre gostei mais das vilazinhas. Em lugares como esses as pessoas não têm prata, mas dão-nos de comer às suas mesas, e as crianças seguem-nos para todo o lado.

Isso é porque nunca viram um anão nos miseráveis penicos das suas vilórias Sy pensou Tyrion. Os sacanas dos fedelhos eram capazes de andar atrás de uma cabra de duas cabeças se alguma aparecesse. Até se fartarem dos seus balidos e a abaterem para o jantar

. Mas não tinha vontade de a fazer voltar a chorar. Em vez daquilo, disse:

— Daenerys tem um coração bondoso e uma natureza generosa. — Era o que ela precisava de ouvir. — Há de arranjar lugar para ti na corte, sem dúvida. Um lugar seguro, fora do alcance da minha irmã.

Centava virou-lhe as costas.

— E vós também lá estareis.

A menos que Daenerys decida que precisa de algum sangue Lannister, para pagar pelo sangue Targaryen que o meu irmão derramou.

Estarei.

Depois daquilo, a anã foi vista com mais frequência no convés. No dia seguinte, Tyrion encontrou-a e à sua porca malhada a meia-nau a meio da tarde, quando o ar estava quente e o mar calmo.

— O nome dela é Bonita — disse-lhe a rapariga com timidez.

Bonita, a porca, e Centava, a rapariga, pensou. Alguém tem bastante *porque responder*. Centava deu a Tyrion umas quantas bolotas, e ele deixou que a Bonita as comesse da sua mão. *Não julgues que eu não percebo o que estás a fazer; rapariga*, pensou, enquanto a grande porca foçava e grunhia.

Depressa começaram a tomar juntos as refeições. Em algumas noites eram só os dois; a outras refeições juntavam-se aos guardas de Moqorro. Tyrion chamou-lhes "os dedos;" eram homens da Mão Fogosa, afinal de contas, e eram cinco. Centava riu-se disso, um som doce, embora não um som que ele ouvisse com frequência. A ferida dela era demasiado recente, o seu desgosto demasiado profundo.

Tyrion depressa a pôs a chamar ao navio *Intendente Fedorento*, embora ficasse algo irada sempre que ele chamava "Bacon" à Bonita. Para expiar essa falta, Tyrion fez uma tentativa de lhe ensinar cyvasse, mas depressa se apercebeu de que essa era uma causa perdida.

— Não — disse, uma dúzia de vezes — é o dragão que voa, não os elefantes.

Nessa mesma noite, ela pôs as cartas na mesa e perguntou-lhe se ele gostaria de investir com ela.

— Não — respondeu. Só mais tarde lhe ocorreu que talvez *investir* não quisesse dizer investir. A resposta seria na mesma não, mas podia não ter sido tão brusco.

De volta à cabina que partilhava com Jorah Mormont, Tyrion levou horas a virar-se na cama de rede, adormecendo e acordando. Tinha os sonhos cheios de mãos cinzentas e pétreas que tentavam agarrá-lo do meio do nevoeiro, e de uma escada que levava ao seu pai.

Por fim, desistiu e subiu a fim de respirar um pouco do ar noturno. O *Selaesori Qhoran* enrolara a sua grande vela listada para a noite, e os conveses estavam praticamente desertos. Via-se um dos imediatos no castelo de popa, e a meia-nau encontrava-se Moqorro sentado junto ao seu braseiro, onde um punhado de pequenas chamas ainda dançava por entre as brasas.

Só as estrelas mais brilhantes estavam visíveis, todas a oeste. Um brilho mortiço e vermelho iluminava o céu a nordeste, a cor de uma mancha de sangue. Tyrion nunca vira uma Lua maior. Monstruosa, inchada, parecia ter engolido o Sol e despertado com febre. A sua gémea, flutuando no mar fora do barco, cintilava vermelha a cada onda.

— Que horas são? — perguntou a Moqorro. — Aquilo não pode ser o Sol nascente, a menos que o leste tenha mudado de lugar. Porque está o céu vermelho?

— O céu é sempre vermelho por cima de Valíria, Hugor Hill.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

— Estamos perto?

— Mais perto do que a tripulação gostaria de estar — disse Moqorro com a sua voz profunda. — Conheceis as histórias, nos vossos reinos do poente?

— Sei que há marinheiros que dizem que qualquer homem que ponha os olhos naquela costa está condenado. — Ele próprio não acreditava mais em tais histórias do que o tio acreditara. Gerion Lannister zarpara para Valíria quando Tyrion tinha dezoito anos, decidido a recuperar a espada ancestral perdida da Casa Lannister e todos os outros tesouros que pudessem ter sobrevivido à Destruição. Tyrion desejara desesperadamente ir com eles, mas o senhor seu pai chamara à viagem a "demanda de um palerma," e proibira-o de participar.

E talvez não estivesse assim tão enganado. Passara-se quase uma década desde que o Leão Ridente saíra de Lanisporto, e Gerion nunca regressara. Os homens que Tywin enviara em busca dele tinham-lhe seguido o rasto até Volantis, onde metade da tripulação o abandonara e ele comprara escravos para a substituir. Nenhum homem livre se engajaria voluntariamente num navio cujo capitão falava abertamente da sua intenção de navegar para o Mar Fumegante.

— Então o que estamos a ver são os fogos das Catorze Chamas a refletirem-se nas nuvens?

— Catorze ou catorze mil. Que homem se atreve a contá-las? Não é sensato para os mortais olharem com demasiada atenção para esses fogos, meu amigo. Aqueles são os fogos da fúria do próprio deus, e nenhuma chama humana se lhes pode comparar. Somos criaturas pequenas, os homens.

— Algumas mais pequenas do que outras. — *Valíria*. Estava escrito que no dia da Destruição todos os montes ao longo de quinhentas milhas se tinham despedaçado para encher o ar com cinzas, fumo e fogo, incêndios tão quentes e famintos que mesmo os dragões no céu foram

envolvidos e consumidos. Grandes rasgões tinham-se aberto na terra, engolindo palácios, templos, cidades inteiras. Lagos ferveram e transformaram-se em ácido, montanhas rebentaram, fontes de fogo cuspiram rocha fundida até uma altura de trezentos metros, de nuvens vermelhas choveu vidro de dragão e o sangue negro dos demónios, e a norte o terreno fraturou-se, ruiu e caiu para dentro de si próprio, e um mar furioso jorrou para onde ele estivera. A mais orgulhosa cidade do mundo inteiro desapareceu num instante, o seu fabuloso império sumiu-se num dia, as Terras do Longo Verão foram queimadas, afogadas e arrasadas.

— O nosso capitão tenciona testar a maldição?

Um império construído de sangue e fogo. Os valirianos colheram a se-mente que tinham semeado.

O nosso capitão preferia estar cinquenta léguas mais para o largo, bem longe daquela costa maldita, mas eu ordenei-lhe para rumar pela rota mais curta. Há outros que também procuram Daenerys.

O Grijf com o seu jovem príncipe. Poderia todo aquele falatório sobre a Companhia Dourada zarpar para oeste ter sido uma simulação? Tyrion pensou em dizer alguma coisa, mas depois pensou melhor. Parecia-lhe que a profecia que guiava os sacerdotes vermelhos só tinha lugar para um herói. Um segundo Targaryen só serviria para os confundir.

— Viste esses outros nas tuas chamas? — perguntou, com cautela.

— Só as suas sombras — disse Moqorro. — Uma em especial. Uma coisa alta e retorcida com um olho negro e dez longos braços, navegando num mar de sangue.

BRAN

A Lua era um crescente, fina e aguçada como a lâmina de uma faca. Um Sol pálido nasceu, pôs-se e voltou a nascer. Folhas vermelhas sussurraram ao vento. Nuvens escuras encheram os céus e transformaram-se em tempestades. Relâmpagos caíram e trovões travejaram e mortos com mãos pretas e brilhantes olhos azuis arrastaram os pés em volta de uma fenda na vertente da colina, mas não conseguiram entrar. Debaixo da colina, o rapaz quebrado estava sentado num trono de represeiro, escutando murmúrios nas trevas enquanto corvos lhe percorriam os braços.

— Não voltarás a andar — prometera o corvo de três olhos — mas voarás. — Às vezes, o som de canções chegava-lhe vindo de algures, muito abaixo. *Filhos da floresta*, teria a Velha Nan chamado aos cantores, mas *aqueles que cantam a canção da terra* era o nome que davam a si próprios, no idioma verdadeiro que nenhum ser humano conseguia falar. Mas os corvos conseguiam. Os seus pequenos olhos pretos estavam cheios de segredos, e eles dirigiam-lhe crocitas e bicavam-lhe a pele quando ouviam as canções.

A Lua estava gorda e cheia. Estrelas rodopiavam num céu negro. Chuva caiu e gelou, e ramos de árvores partiram-se com o peso do gelo. Bran e Meera inventaram nomes para aqueles que cantavam a canção da terra: Cinza e Folha e Escamas, Faca Preta e Madeixas de Neve e Carvões. Os seus nomes verdadeiros eram longos demais para línguas humanas, segundo afirmava a Folha. Só ela sabia falar o idioma comum, portanto Bran nunca soube o que os outros pensavam dos seus novos nomes.

Após o frio de triturar ossos das terras atrás da Muralha, as grutas eram abençoadamente quentes, e quando o frio exsudava da rocha os cantores acendiam fogueiras para voltar a expulsá-lo. Lá em baixo não havia vento, não havia neve, não havia gelo, não havia coisas mortas e tentar agarrar-nos, só sonhos e velas de junco e os beijos dos corvos. E aquele que murmurava na escuridão.

O último vidente verde, chamavam-lhe os cantores, mas nos sonhos de Bran continuava a ser um corvo de três olhos. Quando Meera Reed quisera saber qual era o seu verdadeiro nome, ele fizera um som pavoroso que podia ter sido um risinho.

— Usei muitos nomes quando era rápido, mas até eu tive em tempos uma mãe, e o nome que ela me deu ao seu colo foi Brynden.

— Tenho um tio Brynden — disse Bran. — É tio da minha mãe, na verdade. Chamam-lhe Brynden Peixe-Negro.

— O teu tio pode ter sido batizado em minha honra. Alguns ainda o são. Não tantos como dantes. Os homens esquecem. Só as árvores recordam. — A voz dele era tão baixa que Bran tinha de se esforçar para ouvir.

— A maior parte dele transferiu-se para a árvore — explicou a cantora a que Meera chamava Folha. — Viveu para lá da duração da sua vida mortal, e ainda perdura. Por nós, por ti, pelos territórios do homem. Só resta um pouco de força na sua carne. Tem mil e um olhos, mas há muito a observar. Um dia saberás.

— Saberei o quê? — perguntou Bran mais tarde aos Reed, quando eles chegaram com archotes a arder, brilhantes, nas mãos, a fim de o levarem para uma pequena câmara fora da grande caverna onde os cantores tinham feito camas para eles dormirem. — De que se lembram as árvores?

— Dos segredos dos deuses antigos — disse Jojen Reed. Comida, fogo e descanso tinham-no ajudado a recuperar depois das provações da viagem, mas ele agora parecia mais triste, com uma expressão carrancuda, fatigada e perturbada no olhar. — Verdades que os Primeiros Homens conheciam, agora esquecidas em Winterfell mas não nas regiões selvagens e húmidas. Nós vivemos mais perto da verdura nos nossos pântanos e pauis, e recordamos. Terra e água, solo e pedra, carvalhos, ulmeiros e salgueiros, tudo estava cá antes de todos nós, e permanecerá depois de partirmos.

— E tu também — disse Meera. Aquilo entristeceu Bran. *Ese eu não quiser permanecer depois de partires?*, quase perguntou, mas engoliu as palavras sem as proferir. Era quase um homem feito, e não queria que Meera o julgasse algum bebê chorão. Em vez disso, disse:

— Talvez vós também sejais videntes verdes.

— Não, Bran. — Agora Meera soava triste.

— É concedido a poucos o dom de beber dessa fonte verde enquanto ainda residem em carne mortal, ouvir os sussurros das folhas e ver como as árvores veem, como os deuses veem — disse Jojen. — A maioria não é assim abençoada. Os deuses só me deram sonhos verdes. A minha tarefa era trazer-te até aqui. O meu papel nisto chegou ao fim.

A Lua era um buraco negro no céu. Lobos uivavam na floresta, farejando coisas mortas entre os montes de neve acumulados pelo vento. Um bando de corvos irrompeu da vertente da colina, soltando os seus gritos penetrantes, asas negras a bater por cima de um mundo branco. Um Sol vermelho nasceu e pôs-se e voltou a nascer, pintando as neves em tons de rosa e lilás. Sob a colina, Jojen matutava, Meera preocupava-se e Hodor vagueava por túneis escuros com uma espada na mão direita e um archote na esquerda. Ou seria Bran que vagueava?

Nunca ninguém pode saber.

A grande caverna que se abria para o abismo era negra como breu, negra como alcatrão, mais negra do que as penas de um corvo. A luz entrava como um intruso, indesejada e inoportuna,

e depressa voltava a ir-se embora; fogueiras para cozinhar, velas e juncos ardiam por algum tempo, mas depois apagavam-se, com as suas breves vidas no fim.

Os cantores fizeram para Bran um trono seu, semelhante àquele em que o Lorde Brynden se sentava, repeseiro branco salpicado de vermelho, ramos mortos tecidos a raízes vivas. Colocaram-no na grande caverna perto do abismo, onde o ar negro ecoava com o som de água corrente muito abaixo. De suave musgo cinzento fizeram o assento. Depois de ser descido para o lugar, cobriram-no com peles quentes.

E aí ficou, escutando os sussurros roucos do seu professor.

— Nunca temas a escuridão, Bran. — As palavras do lorde eram acompanhadas por uma ténue restolhada de madeira e folhas, por uma ligeira torção na cabeça. — As árvores mais fortes estão enraizadas nos lugares escuros da terra. A escuridão será o teu manto, o teu escudo, o teu leite materno. A escuridão tornar-te-á forte.

A Lua era um crescente, fina e aguçada como a lâmina de uma faca. Flocos de neve caíram sem um som para amortilharem de branco os pinheiros marciais e as árvores-sentinela. Os montes de neve tornaram-se tão profundos que taparam a entrada para as grutas, deixando uma parede branca que Verão tinha de escavar sempre que saía para se ir juntar à sua alcateia e caçar. Por aqueles dias não era frequente que Bran patrulhasse com ele, mas em certas noites observava-os de cima.

Voar era ainda melhor do que escalar.

Enfiar-se na pele de Verão tornara-se tão simples para ele como fora em tempos enfiar-se num par de calças, antes de ficar com as costas partidas. Trocar a sua pele pelas penas negras como a noite de um corvo fora mais difícil, mas não tão difícil como ele temera, com *aqueles* corvos não o fora.

— Um garanhão selvagem empina-se e escoiceia quando um homem tenta montá-lo, e tenta morder a mão que lhe enfia o freio entre os dentes — dissera o Lorde Brynden — mas o cavalo que tenha conhecido um cavaleiro irá aceitar outro. Jovens ou velhas, estas aves foram todas montadas. Agora escolhe uma, e voa.

Bran escolhera uma ave, e depois outra, sem sucesso, mas o terceiro corvo fitara-o com astutos olhos negros, inclinara a cabeça, soltara um *quorc* e fora assim de repente que deixara de ser um rapaz a olhar para um corvo para passar a ser um corvo a olhar para um rapaz. A canção do rio tornara-se de súbito mais sonora, os archotes arderam um pouco mais brilhantemente do que antes e o ar enchera-se de estranhos cheiros. Quando tentara falar, a voz saíra num grito e o seu primeiro voo terminara quando colidira com uma parede e acabara dentro do seu corpo quebrado. O corvo não se magoara. Voara para ele e aterrara-lhe no braço. Não muito tempo depois, já voava pela caverna, serpenteando por entre os longos dentes de pedra que pendiam do teto, batendo mesmo as asas por cima do abismo e descendo para as suas frias e negras profundezas.

Então apercebera-se de que não estava sozinho.

— Estava mais alguém no corvo — dissera ao Lorde Brynden, depois de voltar à sua pele. — Uma rapariga qualquer. Eu senti-a.

— Uma mulher, daqueles que cantam a canção da terra — dissera o professor. — Há muito morta, mas permanece uma parte dela, tal como uma parte de ti permaneceria no Verão se a tua carne de rapaz morresse amanhã. Uma sombra na alma. Ela não te fará mal.

— Todas as aves têm nelas cantores?

— Todas — dissera o Lorde Brynden. — Foram os cantores que ensinaram os primeiros homens a enviar mensagens por corvo... mas nesses tempos as aves diziam as palavras. As árvores recordam, mas os homens esquecem, e por isso escrevem as mensagens em pergaminho e atam-nas em volta de patas de aves que nunca partilharam a sua pele.

Bran lembrara-se de que a Velha Nan lhe contara uma vez a mesma história, mas quando ele perguntara a Robb se seria verdade, o irmão rira-se e perguntara-lhe se também acreditava em gramequins. Desejava que Robb estivesse agora com eles. *Eu dir-lhe-ia que conseguia voar.; mas ele não acreditaria, portanto eu teria de lhe mostrar. Aposto que ele também conseguia aprender a voar, ele e Arya e Sansa, até o bebê Rickon e Jon Snow. Podíamos ser todos corvos e viver na colónia do Mestre Luwin.*

Mas esse era só mais um sonho pateta. Em certos dias Bran perguntava a si próprio se tudo aquilo não seria apenas um sonho. Talvez tivesse adormecido no meio da neve e sonhado para si um lugar seguro e quente. *Tens de acordar*, dizia a si próprio, *tens de acordar agora mesmo senão sonhas até morrer*. Uma ou duas vezes beliscou o braço com os dedos, mesmo com força, mas a única coisa que isso fez foi magoar-lhe o braço. A princípio, tentara contar os dias tomando nota de quando despertava e adormecia, mas lá em baixo dormir e acordar tinham tendência a fundir-se. Os sonhos tornavam-se aulas, as aulas tornavam-se sonhos, as coisas aconteciam todas ao mesmo tempo ou não aconteciam de todo. Teria ele feito algo, ou teria apenas sonhado?

— Só um homem em mil nasce troca-peles — disse o Lorde Brynden um dia, depois de Bran aprender a voar — e só um troca-peles em mil pode ser um vidente verde.

— Julgava que os videntes verdes eram os feiticeiros dos filhos da floresta — disse Bran. — Dos cantores, digo.

— Em certo sentido. Aqueles a que chamas filhos da floresta têm olhos dourados como o sol mas, muito de vez em quando, nasce um entre eles com olhos vermelhos como sangue, ou verdes como o musgo numa árvore no coração da floresta. É através desses sinais que os deuses assina-lam aqueles que escolheram para receber a dádiva. Os escolhidos não são robustos, e os seus rápidos anos sobre a terra são curtos, pois todas as canções têm de ter o seu equilíbrio. Mas uma vez dentro da madeira, perduram realmente por muito tempo. Mil olhos, cem peles, uma sabedoria profunda como as raízes de árvores antigas. *Videntes verdes*.

Bran não compreendeu, portanto perguntou aos Reed.

— Gostas de ler livros, Bran? — perguntou-lhe Jojen.

— Alguns. Gosto das histórias de luta. A minha irmã Sansa gosta das histórias de beijos, mas essas são estúpidas.

— Um leitor vive mil vidas antes de morrer — disse Jojen. — O homem que nunca lê só vive uma. Os cantores da floresta não tinham livros. Não tinham tinta, nem pergaminho, nem língua escrita. Em vez disso tinham as árvores, e acima de tudo os represeiros. Quando morriam, transferiam-se para a madeira, para folhas e ramos e raízes, e as árvores recordavam. Todas as suas canções e feitiços, as suas histórias e preces, tudo o que sabiam sobre este mundo. Os mestres dir-te-ão que os represeiros são sagrados para os deuses antigos. Os cantores acreditam que eles são os deuses antigos. Quando os cantores morrem, passam a fazer parte dessa divindade.

Os olhos de Bran esbugalharam-se.

— Eles vão *matar-me*?

— Não — disse Meera. — Jojen, estás a assustá-lo.

— Não é ele quem tem de ter medo.

A Lua estava gorda e cheia. Verão percorria a floresta silenciosa, uma longa sombra cinzenta que se tornava mais magra a cada caçada, pois não era possível encontrar caça viva. A proteção da entrada da caverna ainda aguentava; os mortos não conseguiam entrar. A neve voltara a enterrar a maior parte deles, mas ainda lá estavam, escondidos, congelados, à espera. Outras coisas mortas vinham juntar-se-lhes, coisas que tinham sido em tempos homens e mulheres, até crianças. Corvos mortos pousavam em ramos nus e castanhos, com as asas incrustadas de gelo. Um urso das neves abriu caminho à força por entre a vegetação rasteira, enorme e esquelético, com a pele arrancada de metade da cabeça para revelar o crânio por baixo. Verão e a sua alcateia caíram-lhe em cima e fizeram-no em bocados. Depois, empanturraram-se, embora a carne estivesse podre e meio congelada, e se continuasse a mexer enquanto a comiam.

Sob a colina ainda tinham alimentos. Uma centena de espécies de cogumelos crescia lá em baixo. Peixes cegos e brancos nadavam no rio negro, mas depois de serem cozinhados sabiam tão bem como o peixe com olhos. Tinham queijo e leite das cabras que partilhavam as grutas com os cantores, até um pouco de aveia e cevada e fruta seca que tinha sido posta de parte durante o longo verão. E quase todos os dias comiam estufado de sangue, engrossado com cevada e cebolas e bocados de carne. Jojen pensava que talvez fosse carne de esquilo, e Meera dizia que era ratazana. Bran não se importava. Era carne e sabia bem. Estufá-la tornava-a tenra.

As grutas eram intemporais, vastas, silenciosas. Eram lar de mais de três vintenas de cantores vivos e dos ossos de milhares de mortos, e estendiam-se até muito abaixo da colina oca.

— Os homens não devem andar a vaguear por este sítio — avisou-os a Folha. — O rio que ouvis é rápido e negro, e corre cada vez mais para baixo até um mar sem sol. E há passagens que descem ainda mais fundo, poços sem fundo e súbitas chaminés, caminhos esquecidos que levam

mesmo ao centro da terra. Nem o meu povo os explorou a todos, e nós vivemos aqui há mil milhares dos vossos anos de homem.

Apesar dos homens dos Sete Reinos lhes chamarem "filhos da floresta", Folha e o seu povo não se assemelhavam nada a crianças. "Pequenos sábios da floresta" podia ter-se aproximado mais. Eram pequenos quando comparados com o homem, tal como um lobo é mais pequeno que um lobo gigante. Isso não quer dizer que seja um lobito. Tinham uma pele cor de avelã, pintalgada com manchas mais claras como a de um veado, e grandes orelhas que conseguiam ouvir coisas que nenhum homem conseguia ouvir. Os olhos também eram grandes, grandes olhos de gato dourados que eram capazes de ver em passagens onde os olhos de um rapaz só viam negrume. As suas mãos possuíam apenas três dedos e um polegar, com aguçadas garras negras em vez de unhas.

E eles cantavam *mesmo*. Cantavam no idioma verdadeiro, por isso Bran não entendia as palavras, mas as suas vozes eram tão puras como o ar de inverno.

— Onde está o resto de vós? — perguntou uma vez a Folha.

— Foram para dentro da terra — respondeu ela. — Para dentro das pedras, para dentro das árvores. Antes de os Primeiros Homens chegarem, toda esta terra a que vós chamais Westeros era para nós um lar, mas mesmo nesses tempos éramos poucos. Os deuses deram-nos vidas longas mas não um grande número, para não sobrepovoarmos o mundo como os veados sobrepovoarão uma floresta em que não existirem lobos para os caçar. Isso foi na aurora dos dias, quando o nosso Sol ia nascendo. Agora está a pôr-se, e esta é a nossa longa queda. Os gigantes também já quase desapareceram, esses que foram a nossa desgraça e os nossos irmãos. Os grandes leões dos montes ocidentais foram mortos, os unicórnios estão praticamente extintos, os mamutes reduziram-se a algumas centenas. Os lobos gigantes perdurarão mais do que todos nós, mas a sua hora também chegará. No mundo que os homens criaram não há lugar para eles, nem para nós.

Ela parecia triste enquanto dizia aquilo, e isso entristeceu também Bran. Foi só mais tarde que pensou: *Os homens não ficariam tristes. Os homens ficariam furiosos. Os homens odiariam e jurariam vingança sangrenta. Os cantores cantam canções tristes, ao passo que os homens lutariam e matariam.*

Um dia, Meera e Jojen decidiram ir ver o rio, apesar das advertências de Folha.

— Eu também quero ir — disse Bran.

Meera dirigiu-lhe um olhar fúnebre. Explicou que o rio ficava duzentos metros mais abaixo e para se chegar lá descia-se ladeiras íngremes e passagens retorcidas, e a última parte exigia descer por uma corda.

— O Hodor nunca conseguiria trepá-la contigo às costas. Lamento, Bran.

Bran lembrou-se de uma altura em que ninguém conseguia trepar tão bem como ele, nem mesmo Robb ou Jon. Parte de si desejou gritar com eles por o deixarem sozinho, e outra parte quis chorar. Mas era quase um homem feito, portanto nada disse. Depois de eles partirem, porém, esgueirou-se para dentro da pele de Hodor e seguiu-os.

O grande moço de estrebaria já não o combatia como combatera da primeira vez, na torre do lago durante a tempestade. Como um cão com cuja rebeldia tivessem acabado à chicotada, Hodor enrolava-se e escondia-se sempre que Bran tentava alcançá-lo. O seu esconderijo ficava algures no interior profundo de si, um poço onde nem Bran conseguia tocá-lo. *Ninguém te quer fazer mal Hodor*, disse em silêncio ao homem-criança cuja carne roubara. *Só quero voltar a ser forte por um bocado. Eu devolvo-ta, como devolvo sempre.*

Nunca ninguém sabia quando estava a usar a pele de Hodor. Bran só tinha de sorrir, fazer o que lhe diziam, e resmungar "Hodor" de vez em quando, e podia seguir Meera e Jojen, com um sorriso feliz, sem que ninguém suspeitasse de que na verdade era ele. Era frequente acompanhá-los, quer o quisessem consigo, quer não quisessem. No fim de contas, os Reed ficaram satisfeitos por ele ir. Jojen desceu com bastante facilidade a corda, mas depois de Meera apanhar um peixe cego e branco com a sua lança para rã e ser altura de voltar a subir, os seus braços começaram a tremer e ele não conseguiu chegar ao topo, portanto tiveram de atar a corda à sua volta e deixar que Hodor o içasse.

— Hodor — grunhia sempre que dava um puxão. — Hodor, hodor, hodor.

A Lua era um crescente, fina e aguçada como a lâmina de uma faca. Verão desenterrou um braço cortado e coberto de geada, com os dedos a abrirem-se e a fecharem-se enquanto o puxava ao longo da neve gelada. Ainda havia nele carne suficiente para lhe encher a barriga vazia, e depois de ela acabar partiu os ossos para chegar ao tutano. Foi só nessa altura que o braço se lembrou de que estava morto.

Bran comia com Verão e a alcateia, como lobo. Como corvo voava com o bando, aos círculos sobre a colina ao pôr-do-sol, em busca de inimigos, sentindo o toque gelado do ar. Como Hodor explorava as grutas. Descobriu câmaras cheias de ossos, chaminés que mergulhavam profundamente na terra, um lugar onde os esqueletos de gigantescos morcegos pendiam do teto de pernas para o ar. Até atravessou a estreita ponte de pedra que ultrapassava em arco o abismo, e descobriu mais passagens e câmaras do lado oposto. Uma estava cheia de cantores, entronizados, como Brynden, em ninhos de raízes de represeiro que se entreteciam por baixo, através e em torno dos seus corpos. A maior parte deles pareceram-lhe mortos, mas quando passava à frente deles os seus olhos abriam-se e seguiam a luz do seu archote, e um abriu e fechou uma boca enrugada como se estivesse a tentar falar.

— Hodor — disse-lhe Bran, e sentiu o Hodor verdadeiro a agitar-se no seu poço.

Sentado no trono de raízes na grande caverna, meio cadáver e meio árvore, o Lorde Brynden parecia-se menos com um homem do que com uma monstruosa estátua feita de madeira retorcida,

osso velho e lã podre. A única coisa que parecia viva na pálida ruína que era a sua cara era o único olho vermelho, que ardia como a última brasa de uma fogueira morta, rodeado por raízes retorcidas e farrapos de coriácea pele branca que pendiam de um crânio amarelecido.

Vê-lo ainda assustava Bran; as raízes de represeiro que serpenteavam para dentro e para fora da sua carne mirrada, os cogumelos que brotavam das bochechas, o verme branco de madeira que crescia da órbita onde um dos olhos tinha estado. Gostava mais quando os archotes eram apagados. Na escuridão podia fingir que era o corvo de três olhos que lhe murmurava palavras, e não um medonho cadáver falante.

Um dia serei como ele. A ideia encheu Bran de terror. Já era suficientemente mau estar quebrado, com as suas pernas inúteis. Estaria também condenado a perder o resto, a passar o resto dos seus anos com um represeiro a crescer nele e através dele? Folha disse-lhes que o Lorde Brynden retirava da árvore a vida que o animava. Não comia, não bebia. Dormia, sonhava, vigiava. *Eu ia ser um cavaleiro*, recordou Bran. *Costumava correr; trepar e lutar.* Parecia ter sido mil anos antes.

O que era ele agora? Só Bran, o rapaz quebrado, Brandon da Casa Stark, príncipe de um reino perdido, senhor de um castelo incendiado, herdeiro de ruínas. Julgara que o corvo de três olhos fosse um bruxo, um velho e sábio feiticeiro que poderia consertar-lhe as pernas, mas apercebia-se agora de que isso era um estúpido sonho de criança. *Sou velho demais para essas fantasias*, disse a si próprio. *Mil olhos, cem peles, uma sabedoria profunda como as raízes de árvores antigas.* Isso era tão bom como ser um cavaleiro. *Quase tão bom, pelo menos.*

A Lua era um buraco negro no céu. Fora da gruta, o mundo prosseguia. Fora da gruta, o Sol nascia e punha-se, a Lua dava voltas, os ventos frios uivavam. Debaixo da colina, Jojen Reed tornava-se cada vez mais carrancudo e solitário, para aflição da irmã. Ela sentava-se frequentemente com Bran ao lado da sua pequena fogueira, a conversar sobre tudo e sobre nada, afagando Verão que dormia entre os dois, enquanto o irmão vagueava sozinho pelas cavernas. Jojen até ganhara o hábito de subir até à entrada da caverna quando o dia estava brilhante. Ficava lá durante horas a olhar a floresta, envolto em peles mas tremendo na mesma.

— Ele quer ir para casa — disse Meera a Bran. — Nem sequer quer tentar combater o seu destino. Diz que os sonhos verdes não mentem.

— Está a ser corajoso — disse Bran. *A única altura em que um homem pode ser corajoso é quando tem medo*, dissera-lhe o pai em tempos, muito antes, no dia em que encontraram as crias de lobo gigante nas neves do verão. Ainda se lembrava.

— Está a ser estúpido — disse Meera. — Eu tinha a esperança de que quando encontrássemos o teu corvo de três olhos... agora pergunto a mim própria por que foi que viemos.

Por mim, pensou Bran.

— Pelos sonhos verdes dele — disse.

— Os sonhos verdes dele. — A voz de Meera soava amarga.

— Hodor — disse Hodor.

Meera começou a chorar.

Naquele momento, Bran odiou ser aleijado.

— Não chores — disse. Quis pôr-lhe os braços em volta, apertá-la bem a si como a mãe costumava abraçá-lo em Winterfell quando ele se magoava. Ela estava mesmo ali, só a alguns centímetros dele, mas tão fora de alcance que podia ter estado a cem léguas de distância. Para a tocar, ele teria de se puxar pelo chão fora com as mãos, arrastando as pernas atrás de si. O chão era áspero e irregular, e o avanço seria lento, cheio de arranhões e pancadas. *Podia vestir a pele de Hodor*, pensou. *O Hodor podia abraçá-la e dar-lhe palmadinhas nas costas*. A ideia fez Bran sentir-se estranho mas ainda estava a pensar nisso quando Meera se afastou da fogueira com um salto, penetrando na escuridão dos túneis. Ouviu os passos dela que se afastavam até nada haver para ouvir além das vozes dos cantores.

A Lua era um crescente, fina e aguçada como a lâmina de uma faca. Os dias passaram por eles, um atrás do outro, cada um mais curto do que o anterior. As noites tornaram-se mais longas. Nunca nenhuma luz do sol chegava às grutas por baixo da colina. Nunca nenhum luar tocava aqueles salões de pedra. Até as estrelas eram ali estranhas. Essas coisas pertenciam ao mundo lá em cima, onde o tempo corria nos seus círculos de ferro, de dia para noite para dia para noite para dia.

— Está na hora — disse o Lorde Brynden.

Algo na voz dele pôs dedos de gelo a correr pelas costas de Bran.

— Na hora de quê?

— Do passo seguinte. Para tu ires além da troca de peles e aprenderes o que significa ser-se um vidente verde.

— As árvores ensinar-lhe-ão — disse Folha. Chamou com um gesto e outra das cantoras avançou, a do cabelo branco a que Meera chamava Madeixas de Neve. Tinha uma tigela de represeiro nas mãos, esculpida com uma dúzia de caras como aquelas que as árvores-coração ostentavam. Lá dentro trazia uma pasta branca, espessa e pesada, com veios vermelhos escuros a atravessá-la. — Tens de beber disto — disse Folha. Entregou a Bran uma colher de pau.

O rapaz olhou para a tigela com incerteza.

— O que é?

— Uma pasta de sementes de represeiro.

Algo no aspeto da coisa deixou Bran maldisposto. Supunha que os veios vermelhos fossem só seiva de represeiro, mas à luz dos archotes pareciam-se notavelmente com sangue. Mergulhou a colher na pasta e hesitou.

— Isto fará de mim um vidente verde?

— O teu sangue faz de ti um vidente verde — disse o Lorde Brynden. — Isto vai ajudar a despertar os teus dons, e vai casar-te com as árvores.

Bran não queria ficar casado com uma árvore... mas quem mais se casaria com um rapaz quebrado como ele? *Mil olhos, cem peles, sabedoria profunda como as raízes de árvores antigas. Um vidente verde.*

Comeu.

Tinha um sabor amargo, embora não fosse tão amargo como pasta de bolotas. A primeira colherada foi a mais difícil de empurrar para baixo. Quase a vomitou de imediato. A segunda soube melhor. A terceira pareceu-lhe quase doce. As outras devorou avidamente. Porque teria achado a pasta amarga? Sabia a mel, e neve acabada de cair, a pimenta e gengibre e ao último beijo que a mãe lhe dera. A tigela vazia escorregou-lhe dos dedos e retiniu no chão da caverna.

— Não me sinto diferente. O que acontece em seguida?

Folha tocou-lhe na mão.

— As árvores ensinar-te-ão. As árvores recordam. — Ergueu uma mão e os outros cantores começaram a deslocar-se pela caverna, apagando os archotes um por um. A escuridão aprofundou-se e aproximou-se deles.

— Fecha os olhos — disse o corvo de três olhos. — Sai da tua pele, como fazes quando te unes ao Verão. Mas desta vez penetra nas raízes. Segue-as através da terra, até às árvores no alto da colina e diz-me o que vês.

Bran fechou os olhos e libertou-se da pele. *Para dentro das raízes, pensou. Para dentro do represeiro. Transforma-te na árvore.* Por um instante conseguiu ver a caverna no seu manto negro, conseguiu ouvir o rio a correr em baixo.

Depois, de repente, estava de novo em casa.

O Lorde Eddard Stark estava sentado numa pedra ao lado da profunda lagoa negra no bosque sagrado, com as pálidas raízes da árvore-coração a retorcerem-se à volta dele como os braços nodosos de um velho. A espada Gelo estava ao colo do Lorde Eddard, e ele limpava a lâmina com um oleado.

— *Winterfell* — murmurou Bran.

O pai ergueu o olhar.

— Quem está aí? — perguntou, virando-se...

... E Bran, assustado, afastou-se. O pai e a lagoa negra e o bosque sagrado desvaneceram-se e desapareceram e ele viu-se de volta à caverna, com as pálidas e grossas raízes do seu trono de represeiro a embalar os seus membros como uma mãe embala um filho. Um archote ganhou vida na sua frente.

— Diz-nos o que viste. — De longe, Folha parecia quase uma rapariga, com a idade de Bran ou de uma das irmãs, mas de perto parecia muito mais velha. Afirmava ter visto duzentos anos.

Bran tinha a garganta muito seca. Tentou engolir.

— Winterfell. Estava de volta a Winterfell. Vi o meu pai. Ele não está morto, não está, eu vi-o, está de regresso a Winterfell, ainda está vivo.

— Não — disse Folha. — Ele desapareceu, rapaz. Não tentes trazê-lo de regresso dos mortos.

— Eu *vi-o*. — Bran sentia madeira áspera encostada a uma bochecha. — Ele estava a limpar a Gelo.

— Viste o que desejavas ver. O teu coração anseia pelo teu pai e pelo teu lar, portanto foi isso que viste.

— Um homem tem de saber como olhar antes de poder ter esperança de ver — disse o Lorde Brynden. — Isso que viste foram sombras de dias passados, Bran. Estavas a olhar através dos olhos da árvore-coração no vosso bosque sagrado. O tempo para uma árvore é diferente do tempo para um homem. Sol, solo e água, são essas as coisas que um represeiro entende, não dias, anos e séculos. Para os homens, o tempo é um rio. Estamos encurralados no seu fluxo, correndo do passado para o presente, sempre na mesma direção. As vidas das árvores são diferentes. Enraízam-se, crescem e morrem no mesmo sítio, e esse rio não as desloca. O carvalho é a bolota, a bolota é o carvalho. E o represeiro... mil anos humanos são um momento para um represeiro, e através desses portões tu e eu podemos olhar o passado.

— Mas — disse Bran — ele *ouviu-me*.

— Ele ouviu um sussurro no vento, um restolhar entre as folhas. Não podes falar com ele, por mais que tentes. Eu sei. Eu tenho os meus próprios fantasmas, Bran. Um irmão que amei, um irmão que odiei, uma mulher que desejei. Através das árvores ainda os vejo, mas nunca nenhuma palavra minha lhes chegou aos ouvidos. O passado continua a ser o passado. Podemos aprender com ele, mas não podemos alterá-lo.

— Vou voltar a ver o meu pai?

— Depois de teres dominado os teus dons, podes olhar para onde quiseres e ver o que as árvores viram, seja ontem ou no ano passado ou há mil eras. Os homens vivem as suas vidas encurralados num eterno presente, entre as névoas da memória e o mar de sombras que é tudo o que conhecemos dos dias do porvir. Certas mariposas vivem as vidas inteiras num só dia, mas para elas esse pequeno intervalo de tempo deve parecer tão longo como a nós parecem anos e décadas. Um carvalho pode viver trezentos anos, uma árvore de pau-brasil três mil. Um represeiro viverá para sempre se não for perturbado. Para eles, as estações passam no bater de uma asa de mariposa, e passado, presente e futuro são um só. Além disso, a tua visão não ficará limitada ao teu bosque sagrado. Os cantores esculpiram olhos nas árvores-coração dos bosques sagrados para as despertar, e esses são os primeiros olhos que um novo vidente verde aprende a usar... mas a seu tempo verás bem para lá das árvores propriamente ditas.

— Quando? — quis Bran saber.

— Dentro de um ano, ou de três, ou de dez. Isso eu ainda não vi. Chegará a seu tempo, garanto-te. Mas agora estou cansado, e as árvores chamam-me. Continuamos amanhã.

Hodor levou Bran de volta à sua câmara, resmungando "Hodor" em voz baixa enquanto Folha seguia à frente deles com um archote. Esperara que Meera e Jojen lá estivessem para lhes poder contar o que vira, mas o seu confortável nicho na rocha estava frio e vazio. Hodor depositou Bran na sua cama, cobriu-o de peles, e fez uma fogueira para ambos. *Mil olhos, cem peles, sabedoria profunda como as raízes de árvores antigas.*

A observar as chamas, Bran decidiu que ficaria acordado até Meera regressar. Jojen estaria infeliz, bem o sabia, mas Meera ficaria feliz por ele. Não deu por fechar os olhos.

... Mas então, sem saber como, viu-se de novo em Winterfell, no bosque sagrado a olhar o pai. O Lorde Eddard parecia muito mais novo desta vez. O cabelo era castanho sem qualquer vestígio de cinzento nele, a cabeça estava baixa.

— ... Permitti que cresçam unidos como irmãos, só com amor entre ambos — rezava — e permiti que a senhora minha esposa encontre no coração capacidade para perdoar...

— Pai. — A voz de Bran era um sussurro no vento, um restolhar de folhas. — Pai, sou eu. É o Bran. Brandon.

Eddard Stark ergueu a cabeça e olhou longamente para o represeiro, franzindo o sobrolho, mas não falou. *Ele não me consegue ver*, compreendeu Bran, desesperando. Queria estender a mão e tocá-lo, mas tudo o que podia fazer era observar e escutar. *Estou na árvore. Estou dentro da árvore coração, a olhar através dos seus olhos vermelhos, mas o represeiro não pode falai; portanto eu também não.*

Eddard Stark reatou a prece. Bran sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Mas seriam as suas lágrimas ou as do represeiro? *Se eu chorar; a árvore começará a lacrimejar?*

O resto das palavras do pai foram afogadas por um súbito estridor de madeira a bater em madeira. Eddard Stark dissolveu-se, como nevoeiro sob um Sol matutino. Agora duas crianças dançavam pelo bosque sagrado, gritando uma à outra enquanto duelavam com ramos quebrados. A rapariga era a mais velha e mais alta dos dois. Arya pensou Bran com entusiasmo quando a viu saltar para cima de uma pedra e atirar um golpe contra o rapaz. Mas isso não podia estar certo. Se a rapariga fosse Arya, o rapaz seria o próprio Bran e ele nunca usara o cabelo tão longo. *E Arya nunca me ganhou a brincar à espada, como aquela rapariga está a ganhar-lhe a ele.* Golpeou o rapaz na coxa, com tanta força que ele perdeu o apoio da perna e caiu na lagoa, pondo-se a esparrinhar e a gritar.

— Está calado, estúpido — disse a rapariga, deitando o ramo fora. — É só água. Queres que a Velha Nan ouça e vá a correr contar ao pai? — ajoelhou e puxou o irmão de dentro da lagoa, mas antes de o pôr cá fora, ambos desapareceram.

Depois disso, os vislumbres chegaram cada vez mais depressa até Bran se sentir perdido e tonto. Não voltou a ver o pai, nem a rapariga que se parecia com Arya, mas uma mulher muito grávida saiu nua e a pingar da lagoa negra, ajoelhou em frente da árvore e suplicou aos deuses antigos um filho que a vingasse. Depois apareceu uma rapariga de cabelo castanho, esguia como

uma lança, que se pôs em bicos de pés para beijar os lábios de um jovem cavaleiro tão alto como Hodor. Um jovem de olhos escuros, pálido e feroz, cortou três ramos do represeiro e transformou-os em setas. A própria árvore minguava, tornando-se mais pequena a cada visão, enquanto as árvores mais pequenas se reduziam a rebentos e desapareciam, só para serem substituídas por outras árvores que minguavam e desapareciam por sua vez. E agora os senhores que Bran vislumbrava eram altos e duros, homens severos vestidos de peles e cotas de malha. Alguns tinham caras de que ele se lembrava das estátuas nas criptas, mas desapareciam antes de conseguir ligar um nome a essas caras.

Depois, enquanto ele observava, um homem barbudo forçou um cativo a cair de joelhos perante a árvore-coração. Uma mulher de cabelo branco aproximou-se deles através de um monte de folhas caídas, vermelhas escuras, com uma foice de bronze na mão.

— Não — disse Bran — *não, não faça isso* — mas eles não conseguiam ouvi-lo, tal como o pai não o ouvira. A mulher agarrou o cativo pelo cabelo, encaixou a foice em volta da sua garganta e cortou-a. E através da névoa dos séculos, o rapaz quebrado só conseguiu observar enquanto os pés do homem tamborilavam na terra... mas quando a vida fluiu para fora do seu corpo numa maré vermelha, Brandon Stark conseguiu saborear o sangue.

APÊNDICE

WESTEROS



O REI RAPAZ

TOMMEN BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos, um rapaz de oito anos,

— a sua esposa, RAINHA MARGAERY da Casa Tyrell, três vezes casada, duas vezes viúva, acusada de alta traição, mantida cativa no Grande Septo de Baelor,

— as senhoras suas companheiras e primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL, acusadas de fornicação,

— o prometido de Elinor, ALYN AMBROSE, escudeiro,

— a sua mãe, CERSEI da Casa Lannister, Rainha Viúva, Senhora de Rochedo Casterly, acusada de alta traição, cativa no Grande Septo de Baelor,

— os seus irmãos:

— o seu irmão mais velho, {REI JOFFREY BARATHEON}, envenenado durante o banquete do seu casamento,

— a sua irmã mais velha, PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, uma rapariga de nove anos, protegida do Príncipe Doran Martell em Lançassolar, prometida a seu filho Trystane,

— os seus gatinhos, SOR SALTO, SENHORA BIGODES, BOTAS,

— os seus tios:

— SOR JAIME LANNISTER, dito REGICIDA, gémeo da Rainha Cersei, Senhor Comandante da Guarda Real,

— TYRION LANNISTER, dito DUENDE, um anão, acusado e condenado por regicídio e assassínio de parentes,

— os seus outros familiares:

— o seu avô, {TYWIN LANNISTER}, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste, e Mão do Rei, assassinado na latrina pelo filho Tyrion,

— o seu tio-avô, SOR KEVAN LANNISTER, Senhor Regente e Protetor do Território, c. Dorna Swyft,

— os filhos destes:

— SOR LANCEL LANNISTER, um cavaleiro da Sagrada Ordem dos Filhos do Guerreiro,

— {WILLEM}, gémeo de Martyn, assassinado em Correrrio,

— MARTYN, gémeo de Willem, um escudeiro,

— JANEL, uma rapariga de três anos,

— a sua tia-avó, GENNA LANNISTER, c. Sor Emmon Frey,

— os filhos destes:

— (SOR CLEOS FREY}, morto por fora-da-lei,

— o seu filho, SOR TYWIN FREY, dito TY,

— o seu filho WILLEM FREY, um escudeiro,

— SOR LYONEL FREY, segundo filho da Senhora Genna,

— {TION FREY}, um escudeiro, assassinado em Correrrio,

— WALDER FREY, dito WALDER VERMELHO, um pajem em Rochedo Casterly,

— o seu tio-avô, {SOR TYGETT LANNISTER}, c. Darlessa Marbrand,

— os filhos destes:

— TYREK LANNISTER, um escudeiro, desaparecido durante os tumultos por comida em Porto Real,

— SENHORA ERMESANDE HAYFORD, a esposa criança de Tyrek,

—o seu tio-avô, GERION LANNISTER, perdido no mar,
—JOY HILL, a sua filha bastarda,

o pequeno conselho do Rei Tommen:

—SOR KEVAN LANNISTER, Senhor Regente,
—LORDE MACE TYRELL, Mão do Rei,
—GRANDE MEISTRE PYCELLE, conselheiro e curandeiro,
—SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante da Guarda Real,
—LORDE PAXTER REDWYNE, grande almirante e mestre dos navios,
—QYBURN, um meistre caído em desgraça e reputado necromante, mestre dos segredos,

anterior pequeno conselho da Rainha Cersei,

—{LORDE GYLES ROSBY}, senhor tesoureiro e mestre da moeda, morto de uma tosse,
—LORDE ORTON MERRYWEATHER, administrador de justiça e mestre das leis, em fuga para Mesalonga após a prisão da Rainha Cersei,

— AURANE WATERS, o Bastardo de Derivamarca, grande almirante e mestre dos navios, em fuga para o mar com a frota real após a prisão da Rainha Cersei,

a Guarda Real do Rei Tommen:

—SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante, -SORMERYN TRANT,
—SOR BOROS BLOUNT, renomado e três vezes reintegrado,
—SOR BALON SWANN, em Dorne com a Princesa Myrcella,
—SOR OSMUND KETTLEBLACK,
—SOR LORAS TYRELL, o Cavaleiro das Flores,
—{SOR ARYS OAKHEART}, morto em Dorne,

a corte de Tommen em Porto Real:

—RAPAZ LUA, o bobo real,
—PATE, um rapaz de oito anos, o vergastado do Rei Tommen,
—ORMOND DE VILAVELHA, o real harpista e bardo,
—SOR OSFRYD KETTLEBLACK, irmão de Sor Osmund e de Sor Osney, um capitão da Patrulha da Cidade,
—NOHO DIMITTIS, emissário do Banco de Ferro de Bravos,
—{SOR GREGOR CLEGANEJ, dito A MONTANHA QUE CAVALGA, morto de um ferimento envenenado,
—RENIFFER LONG WATERS, subcarcereiro de primeira das masmorras da Fortaleza Vermelha,

os alegados amantes da Rainha Margaery:

- WAT, um cantor que chama a si próprio O BARDO AZUL, cativo enlouquecido pela tortura,
- {HAMISH, O HARPISTA), um cantor idoso, morto em cativo,
- SOR MARCO MULLENDORE, o qual perdeu um macaco e meio braço na Batalha da Água Negra,
- SOR TALLAD, dito O ALTO, SOR LAMBERT TURNBERRY, SOR BAYARD NORCROSS, SOR HUGH CLIFTON,
- JALABHAR XHO, Príncipe do Vale da Flor Vermelha, um exilado das Ilhas do Verão,
- SOR HORAS REDWYNE, inocentado e libertado,
- SOR HOBBER REDWYNE, inocentado e libertado,

principal acusador da Rainha Cersei,

- SOR OSNEY KETTLEBLACK, irmão de Sor Osmund e de Sor Osfryd, mantido cativo pela Fé,

—a gente da Fé:

- O ALTO SEPTÃO, Pai dos Fiéis, Voz dos Sete na Terra, um velho e débil,
 - SEPTÃ UNELLA; SEPTÃ MOELLE, SEPTÃ SCOLERA>as carcereiras da rainha,
 - SEPTÃO TORBERT, SEPIÃO RAYNARD, SEPTÃO LUCEON, SEPTÃO OLLIDOR, dos Mais Devotos,
 - SEPTÃ AGLANTINE, SEPTÃ HELICENT, ao serviço dos Sete no Grande Septo de Baelor,
 - SOR THEODAN WELLS, dito THEODAN, O FIEL, piedoso comandante dos Filhos do Guerreiro,
 - os "pardais," os mais humildes dos homens, ferozes na sua piedade,

—gente de Porto Real:

- CHATAYA, proprietária de um bordel caro,
 - ALAYAYA, sua filha,
 - DANCY, MAREI, duas das raparigas de Chataya,
- TOBHO MOTT, um mestre armeiro,

—senhores das terras da coroa, juramentados ao Trono de Ferro:

- RENFRED RYKKER, Senhor de Valdocaso,
 - SOR RUFUS LEEK, um cavaleiro maneta ao seu serviço, castelão do Forte Pardo, em Valdocaso,
- {TANDA STOKEWORTH}, Senhora de Stokeworth, morta de uma anca quebrada,
 - a sua filha mais velha, {FALYSE}, morta aos gritos nas celas negras,
 - {SOR BALMAN BYRCH}, esposo da Senhora Falyse, morto numa justa,
 - a sua filha mais nova, LOLLYS, fraca de espírito, Senhora de Stokeworth,
 - o seu filho recém-nascido, TYRION TANNER, o dos cem pais,
 - o seu esposo, SOR BRONN DA ÁGUA NEGRA, mercenário armado cavaleiro,
 - MEISTRE FRENKEN, ao serviço em Stokeworth,

O estandarte do Rei Tommen exibe o veado coroado de Baratheon, negro sobre ouro, e o leão de Lannister, ouro sobre carmesim, combate



O REI NA MURALHA

STANNIS BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome, segundo filho do Lorde Steffon Baratheon e da Senhora Cassana da Casa Estermont, Senhor de Pedra do Dragão, chamando a si próprio Rei de Westeros.

— com o Rei Stannis em Castelo Negro:

— SENHORA MELISANDRE DE ASSHAI, dita MULHER VERMELHA, uma sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz,

— os cavaleiros e espadas ajuramentadas:

— SOR RICHARD HORPE, o seu segundo comandante,

— SOR GODRY FARRING, dito MATA-GIG ANTES,

— SOR JUSTIN MASSEY,

— LORDE ROBIN PEASEBURY,

— LORDE HARWOOD FELL,

— SOR CLAYTON SUGGS, SOR CORLISS CENTAVA, homens da rainha e ferventes seguidores do Senhor da Luz,

— SOR YVILLAM RAPOLUVA, SOR II UM FREY CLIFTON, SOR ORMUND WYLDE, SOR HARYS COBB, cavaleiros

— os seus escudeiros, DEVAN SEAWORTH e BRYEN FARRING

— o seu cativo, MANCE RAYDER, Rei-Para-lá-da-Muralha,

— o filho bebê de Rayder,⁴ o príncipe selvagem,"

— a ama de leite do rapaz, GOIVA, uma rapariga selvagem,

— o filho bebê de Goiva, "a abominação," gerado pelo pai dela, {CRASTER},

em Atalaia leste-do-Mar:

—RAINHA SELYSE, da Casa Florent, sua esposa,

—PRINCESA SHIREEN, filha de ambos, uma rapariga de onze anos,

— CARA-MALHADA, o bobo tatuado de Shireen,

—o seu tio, SOR AXELL FLORENT, o primeiro dos Homens da Rainha, intitulado-se Mão da Rainha,

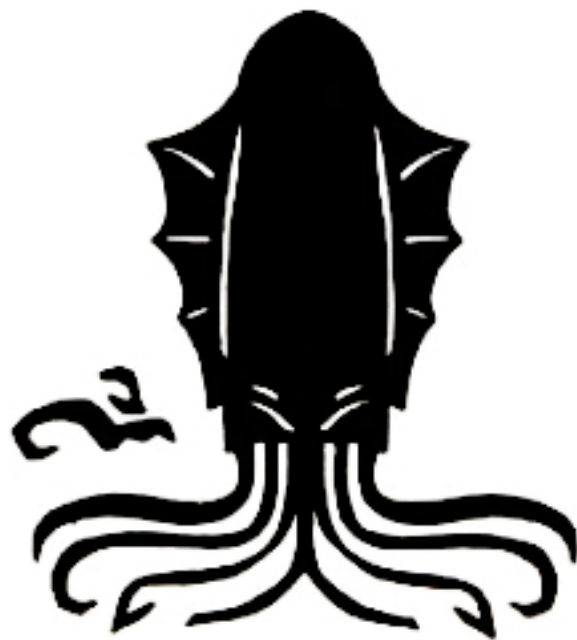
—os seus cavaleiros e espadas ajuramentadas, SOR NARBERT GRANDISON, SOR BENETHON SCALES, SOR PATREK DA MONTANHA REAL, SOR DORDAN, O SEVERO, SOR MALEGORN DE PEGORRUBRO, SOR LAMBERT WHITEWATER, SOR PERKIN FOLLARD, SOR BRUS BUCKLER

—SOR DAVOS SEAWORTH, Senhor da Mata de Chuva, Almirante do Mar Estreito e Mão do Rei, dito CAVALEIRO DA CEBOLA,

—SALLADHOR SA AN, de Lys, um pirata e mercenário, capitão da *Valiriana* e de uma frota de galés,

—TYCHO NESTORIS, emissário do Banco de Ferro de Bravos.

Stannis escolheu para seu símbolo o coração flamejante do Senhor da Luz — um coração vermelho rodeado por chamas laranja em fundo amarelo. Dentro do coração encontra-se o veado coroadado da Casa Baratheon, em negro.



REI DAS ILHAS E DO NORTE

Os Greyjoy de Pyke afirmam descender do Rei Cinzento da Era dos Heróis. A lenda diz que o Rei Cinzento governou o próprio mar e tomou uma sereia como esposa. Aegon, o Dragão, pôs fim à linhagem do último Rei das Ilhas de Ferro, mas permitiu que os nascidos no ferro reavivassem o seu antigo costume e escolhessem quem devia deter primazia entre eles. Escolheram o Lorde Vickon Greyjoy de Pyke. O símbolo Greyjoy é uma lula gigante dourada em fundo de negro. O seu lema é *Nós Não Semeamos*.

EURON GREYJOY, o Terceiro do Seu Nome Desde o Rei Cinzento, Rei das Ilhas de Ferro e do Norte, Rei do Sal e da Rocha, Filho do Vento Marinho e Senhor Ceifeiro de Pyke, capitão do *Silêncio*, dito OLHO DE CORVO,

—o seu irmão mais velho, {BALON}, Rei das Ilhas de Ferro e do Norte, o Nono do Seu Nome Desde o Rei Cinzento, morto numa queda,

—SENHORA ALANNYS, da Casa Harlaw, viúva de Balon,

—os filhos de ambos:

—{RODRIKJ, morto durante a primeira rebelião de Balon,

—{MARON}, morto durante a primeira rebelião de Balon,

—ASMA, capitã do *Vento Negro* e conquistadora de Bosque Profundo, c. Erik Ferreiro,

—THEON, chamado THEON VIRA CASACA pelos nortenhos, cativo no Forte do Pavor,

—o seu irmão mais novo, VICTARION, Senhor Capitão da Frota de Ferro, capitão da *Vitória de Ferro*,

—o seu irmão mais novo, AERON, dito CABELO-MOLHADO, um sacerdote do Deus Afogado,

—os seus capitães e espadas ajuramentadas:

—TORWOLD BROWNTTOOTH, JON CARA-SUMIDA MYRE, RODRIK FREEBORN, O REMADOR VERMELHO, LUCAS MÃO-ESQUERDA CODD, QUELLON HUMBLE, HARREN MEIO-HOARE, KEMMETT PYKE, O BAS TARDO, QARL, O SERVO, MÃO DE PEDRA, RALE, O PASTOR, RALF DE PIDALPORTO

—os seus tripulantes:

—{CRAGORN}, que soprou o corno do inferno e morreu,

—os senhores seus vassalos:

—ERIK FERREIRO, dito ERIK QUEBRA-BIGORNAS e ERIK, O JUSTO, Senhor Intendente das Ilhas de Ferro, castelão de Pyke, um velho em tempos renomado, c. Asha Greyjoy,

—senhores de Pyke:

—GERMUND BOTLEY, Senhor de Fidalporto,

—WALDON WYNCH, Senhor de Bosque de Ferro,

—senhores de Velha Wyk:

—DUNSTAN DRUMM, O Drumm, Senhor de Velha Wyk,

—NORNE GOODBROTHER, de Pedrasmagada,

—O STONEHOUSE,

—senhores de Grande Wyk:

—GOROLD GOODBROTHER, Senhor de Cornartelo,

—TRISTON FARWYND, Senhor de Ponta de Pelefoca,

—O SPARR,

—MELDRED MERLYN, Senhor de Seixeira,

—senhores de Montrasgo:

—ALYN ORKWOOD, dito ORKWOOD DE MONTRASGO,

—LORDE BALON TAWNEY,

—senhores de Salésia:

—LORDE DONNOR SALTCLIFFE,

—LORDE SUNDERLY,

—senhores de Harlaw:

—RODEIK HARLAW, dito O LEITOR, Senhor de Harlaw, Senhor das Dez Torres, Harlaw de Harlaw,

—SIGFRYD HARLAW, dito SÍGFRYD CA BELO-DE-PRATA, o seu tio-avô, dono de Solar de Harlaw,

—HOTHOR HARLAW, dito HOTHOR CORCUNDA, da Torre Bruxuleante, um primo,

—BOREMUND HARLAW, dito BOREMUND, O AZUL, dono de Monte da Bruxa, um primo,

—senhores das ilhas e rochedos menores:

—GYLBERT FARWYND, Senhor da Luz Solitária, os conquistadores nascidos no ferro:

—nas Ilhas Escudo

—ANDRIK, O SÉRIO, Senhor de Escudossul,

—NUTE, O BARBEIRO, Senhor de Escudorroble,

—MARON VOLMARK, Senhor de Escudoverde,

—SOR MARRAS HARLAW, Senhor de Escudogris, o Cavaleiro de Jardim Cinzento,

—em Fosso Cailin

—RALF KENNING, castelão e comandante,

—ADRACK HUMBLE, com falta de meio braço,

—DAGON CODD, o qual não se rende a homem algum,

—em Praça de Torrhen

DAGMER, dito BOCA-FENDIDA, capitão do *Bebedor cie Espuma*,

—em Bosque Profundo

—ASHA GREYJOY, a filha da lula gigante, capitã do *Vento Negro*>
—o seu amante, QARL, O DONZEL, um espadachim,
—o seu antigo amante, TRISTIFER BOTLEY, herdeiro de Fidalporto, despojado das suas terras,
—os seus tripulantes, ROGGON BARBAFERRUGENTA, LINGUATRISTE, ROLFE, O ANÃO, LORREN LONGAXE, TRAPAÇAS, DEDOS, HARL SEIS-DEDOS, DALE PENDEDELAS, EARL HARLAW, CROMM, HAGEN, O CORNO e sua bela filha ruiva,
—o seu primo, QUENTON GREYJOY,
—o seu primo, DAGON GREYJOY, dito DAGON, O BÊBADO

OUTRAS CASAS GRANDES E PEQUENAS



CASA ARRYN

Os Arryn são descendentes dos Reis da Montanha e Vale. O seu símbolo é a lua e o falcão, de branco, em campo azul celeste. A Casa Arryn não participou na Guerra dos Cinco Reis.

ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho de Águia, Defensor do Vale, um rapaz enfermiço de oito anos, por vezes chamado PISCO-DOCE,
—a sua mãe, (SENHORA LYSA, da Casa Tully}, viúva do Lorde Jon Arryn, empurrada pela Porta da Lua para a sua morte,
- o seu guardião, PETYR Baelish, dito MINDINHO, Senhor de Harrenhal, Senhor Supremo do Tridente, e Senhor Protetor do Vale,
—ALAYNE STONE, filha ilegítima do Lorde Petyr, uma donzela de treze anos, na realidade Sansa Stark,

- SOR LOTHOR BRUNE, um mercenário ao serviço do Lorde Petyr, capitão dos guardas do Ninho de Águia,
- OSWELL, um homem de armas encanecido ao serviço do Lorde Petyr, por vezes chamado KETTLEBLACK,
- SOR SHADRICK DO VALE SOMBRIO, dito RATO LOUCO, um cavaleiro andante ao serviço do Lorde Petyr,
- SOR BYRON, O BELO, SOR MORGARTH, O ALEGRE, cavaleiros andantes ao serviço do Lorde Petyr,

— o seu pessoal e servidores:

- MEISTRE COLEMON, conselheiro, curandeiro e tutor,
- MORD, um carcereiro brutal com dentes de ouro,
- GRETCHEL, MADDY e MELA, criadas,

os senhores seus vassalos, os Senhores da Montanha e do Vale:

- YOHN ROYCE, dito BRONZE YOHN, Senhor de Pedrarruna,
 - o seu filho, SOR ANDAR, herdeiro de Pedrarruna,
- LORDE NESTOR ROYCE, Supremo Intendente do Vale e castelão dos Portões da Lua,
 - o seu filho e herdeiro, SOR ALBAR,
 - a sua filha MYRANDA, dita RAN DA, uma viúva, mas pouco usada,
 - MYA STONE, filha bastarda do Rei Robert,
- LYONEL CORBRAY, Senhor de Lar do Coração,
 - SOR LYN CORBRAY, seu irmão, que brande a afamada espada Senhora Desespero,
 - SOR LUCAS CORBRAY, seu irmão mais novo,
 - TRISTON SUNDERLAND, Senhor das Três Irmãs,
 - GODRIC BORRELL, Senhor de Irmã Doce,
 - ROLLAND LONGTHORPE, Senhor de Irmã Longa,
 - ALESANDOR TORRENT, Senhor de Irmã Pequena,
- ANYA WAYNWOOD, Senhora de Castelo de Ferrobles
 - SOR MORTON, seu filho mais velho e herdeiro,
 - SOR DONNEL, o Cavaleiro do Portão Sangrento,
 - WALLACE, o seu filho mais novo,
 - HARROLD HARDYNG, seu protegido, um escudeiro frequentemente chamado HARRY, O HERDEIRO,
- SOR SYMOND TEMPLETON, o Cavaleiro de Novestrelas,
- JON LYNDERLY, Senhor da Mata de Cobras,
- EDMUND WAXLEY, o Cavaleiro de Tocalar,
- GEROLD GRAETON, o Senhor de Vila Gaivota,
- {EON HUNTER}, Senhor de Solar de Longarco, recentemente falecido,
 - SOR GILWOOD, filho mais velho e herdeiro de Lorde Eon, agora chamado JOVEM LORDE HUNTER,
 - SOR EUSTACE, segundo filho do Lorde Eon,
 - SOR HARLAN, filho mais novo do Lorde Eon,
 - pessoal do Jovem Lorde Hunter:

- MEISTRE WILLAMEN, conselheiro, curandeiro, tutor,
- HORTON REDEORT, Senhor de Fortencamado, três vezes casado,
 - SOR JASPER, SOR CREIGHTON, SOR JON, seus filhos,

— SOR MYCHEL, seu filho mais novo, cavaleiro acabado de armar, c. Ysilla Royce de Pedrarruna,
— BENEDAR BELMORE, Senhor de Cantoforte,

- chefes de clã das Montanhas da Lua,
- SHAGGA, FILHO DE DOLF, DOS CORVOS' DE PEDRA, presentemente na liderança de um bando na mata de rei,
- TIMETT, FILHO DE TIMETT, DOS HOMENS QUEFJADOS,
- CHELLA, FILHA DE CHEYK, DOS ORELHAS NEGRAS,
- CRAWN, FILHO DE CALOR, DOS IRMÃOS DA LUA.

O lema dos Arryn é *Alto Como a Honra*.



CASA BARATHEON

A mais nova entre as Grandes Casas, a Casa Baratheon nasceu durante as Guerras da Conquista, quando Orys Baratheon, que consta ter sido irmão bastardo de Aegon, o Conquistador, derrotou e matou Argilac, o Arrogante, o último Rei da Tempestade. Aegon recompensou-o com o castelo, terras e filha de Argilac. Orys tomou a rapariga como noiva e adotou o estandarte, títulos e lema da sua linhagem.

No 283°. Ano após a Conquista de Aegon, Robert da Casa Baratheon, Senhor de Ponta Tempestade, derrubou o Rei Louco, Aerys II Targaryen, a fim de conquistar o Trono de Ferro. A sua pretensão à coroa derivava da avó, uma filha do Rei Aegon V Targaryen, embora Robert preferisse dizer que a sua pretensão era o martelo de batalha.

{ROBERT BARATHEON}, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Território, morto por um javali,

—a sua esposa, RAINHA CERSEI da Casa Lannister,

—os filhos de ambos:

—{REI JOFFREY BARATHEON}, o Primeiro do Seu Nome, assassinado no seu banquete de casamento,

— PRINCESA MYRCELLA, protegida em Lançassolar, prometida ao Príncipe Trystane Martell,

—REI TOMMEN BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome, —os seus irmãos:

—STANNIS BARATHEON, Senhor rebelde de Pedra do Dragão e pretendente ao Trono de Ferro,

— a sua filha, SHIREEN, uma rapariga de onze anos,

— {RENIXBA RATH EON}, Senhor rebelde de Ponta Tempestade e pretendente ao Trono de Ferro, assassinado em Ponta Tempestade, no seio do seu exército,

—os seus filhos bastardos:

—MYA STONE, uma donzela de dezanove anos, ao serviço do Lorde Nestor Royce, dos Portões da Lua,

—GENDRY, um fora-da-lei nas terras fluviais, ignorante da sua ascendência,

—EDRIC STORM, o filho bastardo reconhecido de Robert e da Senhora Delena da Casa Florent, escondido em Lys,

—SOR ANDREW ESTERMONT, seu primo e guardião,

—os seus guardas e protetores:

—SOR GERALD GOWER, LEWIS, dito O PEIXEIRA, SOR TRISTON DE MONTE DA TALHA, OMER BLACKBERRY,

—{BARRA}, filha bastarda de Robert e duma rameira de Porto Real, morto por ordem da sua viúva,

—os seus outros familiares:

—o seu bisavó, SOR ELDON ESTERMONT, Senhor de Pedraverde,

—o seu primo, SOR AEMON ESTERMONT, filho de Eldon,

—o seu primo, SOR ALYN ESTERMONT, filho de Aemon,

—o seu primo, SOR LOMAS ESTERMONT, filho de Eldon,

—o seu primo, SOR ANDREW ESTERMONT, filho de Lomas,

vassalos juramentados a Ponta Tempestade, os senhores da tempestade:

- DAVOS SEAWORTH, Senhor da Mata de Chuva, Almirante do Mar Estreito e Mão do Rei,
 - a sua esposa, M ARYA, filha de um carpinteiro,
 - os seus filhos, {DALE, ALLARD, MATTHOS, MARiC}, mortos na Batalha da Água Negra,
 - o seu filho DEVAN, escudeiro do Rei Stannis,
 - os seus filhos, STANNIS e STEFFON,
- SOR GILBERT FARRING, castelão de Ponta Tempestade,
 - o seu filho BRYEN, escudeiro do Rei Stannis,
 - o seu primo, SOR GODRY FARRING, dito MATA-GIGANTES,
- ELWOOD MEADOWS, Senhor de Fortaleza do Relvado, senescal em Ponta Tempestade,
- SELWYN TARTH, dito ESTRELA DA TARDE, Senhor de Tarth,
 - a sua filha, BRIENNE, A DONZELA DE TARTH, também dita BRIENNE, A BELEZA,
 - o seu escudeiro, PODRiCK PAYNE, um rapaz de dez anos,

- SOR RONNET CONNINGTON, dito RONNET VERMELHO, o Cavaleiro de Poleiro do Grifo,
 - os seus irmãos mais novos, RAYMUND e ALYNNE,
 - o seu filho bastardo, RONALD STORM,
 - o seu primo, JON CONNINGTON, em tempos Senhor de Ponta Tempestade e Mão do Rei, exilado por Aerys II Targaryen, julgado morto de bebida,
- LESTER MORRIGEN, Senhor do Ninho de Corvo,
 - o seu irmão e herdeiro, SOR RICHARD MORRIGEN,
 - o seu irmão, {SOR GUYARD MORRIGEN, dito GUYARD, O VERDE}, morto na Batalha da Água Negra,
- ARSTAN SELM Y, Senhor de Solar de Colheitas,
 - o seu tio-avô, SOR BARRISTAN SELMY,
- CÁSPER WYLDE, Senhor de Casais de Chuva,
 - o seu tio, SOR ORMUND WYLDE, um idoso cavaleiro,
- HARWOOD FELL, Senhor de Bosque Cortado,
- HUGH GRANDISON, dito BARBAGRIS, Senhor de Belavista,
- SEBASTION ERROL, Senhor de Solar de Montefeno,
- CLIFFORD SWANN, Senhor de Pedrelmo,
- BERiC DONDARRION, Senhor da Água Negra, dito O SENHOR DO RELÂMPAGO, um fora-da-lei nas terras fluviais, frequentemente morto e agora julgado morto,
- {BRYCE CARON}, Senhor de Nocticantiga, morto por Sor Philip Foote na Água Negra,
 - aquele que o matou, SOR PHILIP FOOTE, um cavaleiro zanolho, Senhor de Nocticantiga,
 - o seu meio-irmão ilegítimo, SOR ROLLAND STORM, dito O BASTARDO DE NOCTICANTIGA, Senhor pretendente de Nocticantiga,
- ROBIN PEASEBURY, Senhor de Campovagem,
- MARY MERTYNS, Senhora de Matabruma,
- RALPH BUCKLER, Senhor de Portabrônzea,
 - o seu primo, SOR BRUS BUCKLER

— O símbolo Baratheon é um veado corado, negro em campo de ouro. O seu lema é *Nossa é a Fúria*.



CASA FREY

Os Frey são vassalos da Casa Tully, mas nem sempre foram diligentes em desempenhar o seu dever. Ao rebentar a Guerra dos Cinco Reis, Robb Stark conquistou a aliança do Lorde Walder com a promessa de desposar uma das suas filhas ou netas. Quando em vez disso casou com a Senhora Jeyne Westerling, os Frey conspiraram com Roose Bolton e assassinaram o Jovem Lobo e os seus seguidores naquilo que ficou conhecido como o Casamento Vermelho.

WALDER FREY, Senhor da Travessia,

—da sua primeira esposa, {SENHORA PERRA, da Casa Royce}:

—{SOR STEVRON FREY}, morto após a Batalha de Cruzaboi,

—SOR EMMON FREY, o seu segundo filho,

—SOR AENYS FREY, à frente das forças Frey no Norte,

—o filho de Aenys, AEGON NASCIDO-EM-SANGUE, um fora-da-lei,

—o filho de Aenys, RHAEGAR, emissário em Porto Branco,

—PERRIANE, a sua filha mais velha, c. Sor Leslyn Haigh,

—da sua segunda esposa, {SENHORA CYRENNIA, da Casa Swann}:

—SOR JARED FREY, emissário em Porto Branco,

—SEPTÃO LUCEON, o seu quinto filho,

—da sua terceira esposa, {SENHORA AMAREI, da Casa Crakehall}:

—SOR HOSTEEN FREY, um cavaleiro de grande reputação,

—LYENTHE, a sua segunda filha, c. Lorde Lucias Vypren,

—SYMOND FREY, o seu sétimo filho, contador de moedas, emissário em Porto Branco,

—SOR DANWELL FREY, o seu oitavo filho,

—{MERRETT FREY}, o seu nono filho, enforcado em Pedravelhas,

- a filha de Merrett, WALDA, dita WALDA GORDA, c. Roose Bolton, Senhor do Forte do Pavor,

- o filho de Merrett, WALDER, dito PEQUENO WALDER, oito anos, um escudeiro ao serviço de Ramsay Bolton,
- {SOR GEREMY FREY}, o seu décimo filho, afogado,
- SOR RAYMUND, o seu décimo primeiro filho,
- da sua quarta esposa, {SENHORA ALYSSA, da Casa Blackwood}:
 - LOTHAR FREY, o seu décimo segundo filho, dito LOTHAR COXO,
 - SOR JAMMOS FREY, o seu décimo terceiro filho,
 - o filho de Jammos, WALDER, dito GRANDE WALDER, oito anos, um escudeiro ao serviço de Ramsey Bolton,
 - SOR WH ALEN FREY, o seu décimo quarto filho,
 - MORYA, a sua terceira filha, c. Sor Flement Brax,
 - TYTA, a sua quarta filha, dita TYTA, A DONZELA,
- da sua quinta esposa, {SENHORA SARYA da Casa Whent}:
 - nenhuma prole,
- da sua sexta esposa, {SENHORA BETHANY, da Casa Rosby}:
 - SOR PERWYN FREY, o seu décimo quinto filho,
 - {SOR BENFREY FREY}, o seu décimo sexto filho, morto de um ferimento sofrido no Casamento Vermelho,
 - MEISTRE WILLAMEN, o seu décimo sétimo filho, ao serviço em Solar de Longarco,
 - OLYVAR FREY, o seu décimo oitavo filho, em tempos escudeiro de Robb Stark,
 - ROSLIN, a sua quinta filha, c. Lorde Edmure Tully no Casamento Vermelho, grávida do seu filho,
- da sua sétima esposa, {SENHORA ANNARA, da Casa Farring}:
 - ARWYN, a sua sexta filha, uma donzela de catorze anos,
 - WENDEL, o seu décimo nono filho, pajem em Guardamar,
 - COLMAR, o seu vigésimo filho, onze anos e prometido à Fé,
 - WALTYR, dito TYR, o seu vigésimo primeiro filho, dez anos,
 - ELMAR, o seu vigésimo segundo e último filho, um rapaz de nove anos por um breve período prometido a Arya Stark,
 - SHIREI, a sua sétima filha, uma rapariga de sete anos,
- a sua oitava esposa, SENHORA JOYEUSE, da Casa Erenford,
 - actualmente grávida,
- filhos ilegítimos de Lorde Walder, de mães diversas,
 - WALDER RIVERS, dito WALDER BASTARDO,
 - MEISTRE MELWYS, ao serviço em Rosby,

— JEYNE RIVERS, MARTYN RIVERS, RYGER RIVERS, RONEL RIVERS, MELLARA RIVERS, e outros.



CASA LANNISTER

Os Lannister de Rochedo Casterly permanecem como o principal apoio da pretensão do Rei Tommen ao Trono de Ferro. Vangloriam-se de descender de Lann, o Esperto, o legendário intrujão da Era dos Heróis. O ouro de Rochedo Casterly e de Dente Dourado fez dela a mais rica entre as Grandes Casas. O símbolo Lannister é um leão dourado num campo de carmim. O seu lema é *Ouvi-me rugir!*

{TYWIN LANNISTER), Senhor de Rochedo Casterly, Escudo de Lanisporto, Protector do Oeste e Mão do Rei, assassinado pelo filho anão na sua latrina, — os filhos do Lorde Tywin:

- CERSEI, gémea de Jaime, viúva do Rei Robert I Baratheon, prisioneira no Grande Septo de Baelor,
- SOR JAIME, gémeo de Cersei, dito REGICIDA, Senhor Comandante da Guarda Real,
 - os seus escudeiros, JOSMYN PECKLEDON, GARRETT PAEGE, LEW PIPER,
- SOR ILYN PAYNE, um cavaleiro sem língua, anteriormente Magistrado do Rei e carrasco,
- SOR RONNET CONNINGTON, dito RONNET VERMELHO, o Cavaleiro de Poleiro do Grifo, enviado para Lagoa da Donzela com um prisioneiro,

-v SOR ADDAM MARBRAND, SOR FLEMENT BRAX, SOR ALYN STACKSPEAR, SOR STEFFON SWYFT, SOR HUMFREY SWYFT, SOR LYLE CRAKEHALL, dito VARRÃO-FORTE, SOR

JON BETTLEY, dito JON IMBERBE, cavaleiros ao serviço com a hoste de Sor Jaime em Correrrio,
—TYRION, dito DUENDE, anão e assassino de parentes, fugitivo no exílio do outro lado do mar estreito,

o pessoal da sua casa em Rochedo Casterly:

- MEISTRE CREYLEN, curandeiro, tutor e conselheiro,
- VI LA RR, capitão dos guardas,
- SOR BENEDICT BROOM, mestre de armas,
- WAT RISO-BRANCO, um cantor,

os irmãos do Lorde Tywin e respectivos descendentes:

- SOR KEVAN LANNISTER, c. Dorna, da Casa Swyft,
- SENHORA GENNA, c. Sor Emmon Frey, agora Senhor de Correrrio,
 - o filho mais velho de Genna, {SOR CLEOS FREY}, c. Jeyne, da Casa Darry, morto por fora-da-lei,
 - o filho mais velho de Cleos, SOR TYWIN FREY, dito TY, agora herdeiro de Correrrio,
 - o segundo filho de Cleos, WILLEM FREY, um escudeiro,
 - os filhos mais novos de Genna, SOR LYONEL FREY, {TION FREY}, WALDER FREY, dito WALDER VERMELHO,
- {SOR TYGETT LANNISTER), morto de varíola,
 - TYREK, filho de Tygett, desaparecido e julgado morto,
 - SENHORA ERMESANDE HAYFORD, esposa infantil de Tyrek,
- {GERION LANNISTER}, perdido no mar,
 - JOY HILL, filha bastarda de Gerion, onze anos,

demaís família próxima do Lorde Tywin:

- {SOR STAFFORD LANNISTER}, primo e irmão da esposa do Lorde Tywin, morto em batalha em Cruzaboi,
 - CERENNA e MYRIELLE, filhas de Stafford,
 - SOR DAVEN LANNISTER, filho de Stafford,
- SOR DAMION LANNISTER, um primo, c. Senhora Shiera Crakehall,
 - o seu filho, SOR LUCION,
 - a sua filha, LANNA, c. Lorde Antario Jast,
- SENHORA MARGOT, uma prima, c. Lorde Titus Peake,

vassalos e espadas ajuramentadas, os Senhores do Oeste:

- DAMON M ARBRAND, Senhor de Cinzamarca,
- ROLAND CRAKEHALL, Senhor de Paço de Codorniz

SEBASTION FARM AN, Senhor de Ilha Bela,

TYTOS BRAX, Senhor de Valcornó,

QUENTEN BANEFORT, Senhor de Forte Ruína,

SOR HARYS SWYFT, sogro de Sor Kevan Lannister,

REGENARD ESTREN, Senhor de Vieira,

GAWEN WESTERLING, Senhor do Despenhadeiro,

LORDE SELMOND STACKSPEAR,

TERRENCE KENNING, Senhor de Kayce,

LORDE ANTARIO JAST,

LORDE ROBIN MORELAND,

SENHORA ALYSANNE LEFFORD,

LEWIS LYDDEN, Senhor de Toca Funda,

LORDE PHILIP PLUMM,

LORDE GARRISON PRESTER,

SOR LORENT LORCH, um cavaleiro com terras,

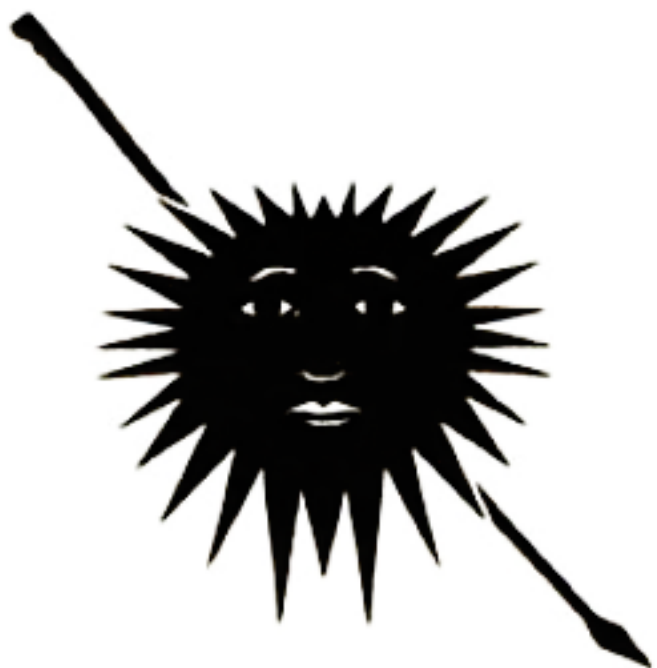
SOR GARTH GREENFIELD, um cavaleiro com terras,

SOR LYMOND VIKARY, um cavaleiro com terras,

SOR RAYNARD RUTTTGER, um cavaleiro com terras,

SOR MANFRED YEW, um cavaleiro com terras,

SOR TYBOLT HETHERSPOON, um cavaleiro com terra



CASA MARTELL

Dorne foi o último dos Sete Reinos a jurar lealdade ao Trono de Ferro. O sangue, os costumes, a geografia e a história ajudaram a distinguir os dorneses dos outros reinos. Quando rebentou a Guerra dos Cinco Reis, Dorne não participou, mas quando Myrcella Baratheon foi prometida ao Príncipe Trystane, Lançassolar declarou o seu apoio ao Príncipe Joffrey. O estandarte Martell é um sol vermelho trespassado por uma lança dourada. O seu lema é *Insubmissos, não curvados, não quebrados*.

- DORAN NYMEROS MARTELL, Senhor de Lançassolar, Príncipe de Dorne,
- a sua esposa, MELLA RIO, da Cidade Livre de Norvos,
 - os seus filhos;
 - PRINCESA ARIANNE, herdeira de Lançassolar,
 - PRÍNCIPE QUENTYN, acabado de armar cavaleiro, educado em Paloferro,
 - PRÍNCIPE TRYSTANE, prometido a Myrcella Baratheon,
 - SOR GASCOYNE DO SANGUEVERDE, o seu escudo ajuramentado,
 - os seus irmãos:
 - {PRINCESA ELIA}, violada e assassinada durante o Saque de Porto Real,
 - a sua filha {RHAENYS TARGARYEN}, assassinada durante o Saque de Porto Real,
 - o seu filho, {AEGON TARGARYEN}, um bebê de peito, assassinado durante o Saque de Porto Real,

— {PRÍNCIPE OBERYN, dito VÍBORA VERMELHA}, morto por Sor Gregor Clegane durante um julgamento por combate,
— a sua amante, ELLARLA SAND, filha ilegítima do Lorde Harmen Uller,
— as suas bastardas, AS SERPENTES DA AREIA:
— OBARA, a mais velha, filha de Oberyne e de uma prostituta de Vilavelha,
— NYMERIA, dita SENHORA NYM, filha de Oberyne e de uma nobre de Velha Volantis,
— TYENE, filha de Oberyne e de uma septã,
— SARELLA, filha de Oberyne e de uma capitã mercante oriunda das Ilhas do Verão,
— ELIA, filha de Oberyne e de Ellaria Sand,
— OBELLA, filha de Oberyne e de Ellaria Sand,
— DOREA, filha de Oberyne e de Ellaria Sand,
— LOREZA, filha de Oberyne e de Ellaria Sand,

— a corte do Príncipe Doran:
— nos Jardins de Água:
— AREO HOTAH, de Norvos, capitão dos guardas,
— MEISTRE CALEOTTE, conselheiro, curandeiro e tutor,
— em Lançassolar:
— MEISTRE MYLES, conselheiro, curandeiro e tutor,
— RICASSO, senescal, velho e cego,
— SOR MANFREY MARTELL, castelão em Lançassolar,
— SENHORA ALYSE LADYBRIGHT, senhora tesoureira,

— a sua protegida, PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, prometida ao Príncipe Trystane,
— o seu protetor ajuramentado, {SOR ARYS OAKHEART}, morto por Areo Hotah,
— a sua aia e companheira, ROSAMUND LANNISTER, uma prima afastada,

— os seus vassallos, os Senhores de Dorne:
— ANDERS YRONWOOD, Senhor de Paloferro, Protetor do Caminho de Pedra, o Sangue-Real,
— YNYS, a sua filha mais velha, c. Ryon Allyrion,
— SOR CLETUS, seu filho e herdeiro,
— GWYNETH, a sua filha mais nova, uma rapariga de doze anos,
— HARMEN ULLER, Senhor da Toca do Inferno,
— DELONNE ALLYRION, Senhora de Graçadivina,

— RYON ALLYRION, seu filho e herdeiro,
— DAGOS MANWOODY, Senhor de Tumbarreal,
— LARRA BLACKMONT, Senhora de Monpreto,
— NYMELLA TOLAND, Senhora de Monte Espírito,
— QUENTYN QORGYLE, Senhor de Arenito,
— SOR DEZIEL DALT, o Cavaleiro de Limoeiros,
— FRANKLYN FOWLER, Senhor de Alcanceleste, dito O VELHO FALCÃO, Protetor do Passo do Príncipe,
— SOR SYMON SANTAGAR, o Cavaleiro de Matamalhada,
— EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela, um escudeiro,
— TREBOR JORDAYNE, Senhor da Penha,
— TREMOND GARGALEN, Senhor da Costa do Sal,
— DAERON VAITH, Senhor das Dunas Rubras.



CASA STARK

A ascendência dos Stark remonta a Brandon, o Construtor, e aos antigos Reis do Inverno. Ao longo de milhares de anos governaram a partir de Winterfell como Reis do Norte, até que Torrhen Stark, o Rei Que Ajoelhou, escolheu jurar fidelidade a Aegon, o Dragão, em vez de lhe dar batalha. Quando o Lorde Eddard Stark de Winterfell foi executado pelo Rei Joffrey, os nortenhos abjuraram a sua lealdade ao Trono de Perro e proclamaram o filho do Lorde Eddard, Robb, como Rei no Norte. Durante a Guerra dos Cinco Reis, ele ganhou todas as batalhas, mas foi traído e assassinado pelos Frey e pelos Bolton nas Gémeas durante o casamento do tio.

{ROBB STARK}, Rei no Norte, Rei do Tridente, Senhor de Winterfell, dito O JOVEM LOBO, assassinado no Casamento Vermelho,

— {VENTO CINZENTO}, o seu lobo gigante, morto no Casamento Vermelho,

— os seus irmãos legítimos:

— SANSA, sua irmã, c. Tyrion, da Casa Lannister,

— {LADY}, o seu lobo gigante, morto no Castelo de Darry,

- ARYA, uma menina de onze anos, desaparecida e julgada morta,
 - NYMERLA, o seu lobo gigante, a vaguear pelas terras fluviais,
- BRANDON, dito BRAN, um rapaz aleijado de nove anos, herdeiro de Winterfell, julgado morto,
 - VERÃO, o seu lobo gigante,
 - os companheiros e protectores de Bran:
- RICKON, seu irmão, um rapaz de quatro anos, julgado morto,
 - CÃO-FELPUDO, o seu lobo gigante, negro e selvagem,
- OSHA, uma selvagem, outrora cativa em Winterfell,
- o seu meio-irmão bastardo, JON SNOW, da patrulha da Noite,
 - FANTASMA, o lobo gigante de Jon, branco e silencioso,
- os seus outros familiares:
 - o seu tio, BENJEN STARK, Primeiro Patrulheiro da Patrulha da Noite, perdido para lá da Muralha, julgado morto,
 - a sua tia, {LYSA ARRYN}, Senhora do Ninho de Águia,
 - o seu filho, ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho de Águia, e Defensor do Vale, um rapaz enfermiço,
 - o seu tio, EDMURE TULLY, Senhor de Correrrio, aprisionado no Casamento Vermelho,
 - SENHORA ROSLIN, da Casa Frey, noiva de Edmure, à espera de bebê,
 - o seu tio-avô, SOR BRYNDEN TULLY, dito PEIXE NEGRO, nos últimos tempos castelão de Correrrio, agora um homem em fuga,
- os vassalos de Winterfell, os Senhores do Norte:
 - JON UMBER, dito GRANDE-JON, Senhor da Última Lareira, cativo nas Gémeas,
 - {JON, dito PEQUENO-JON}, o filho mais velho e herdeiro do Grande-Jon, morto no Casamento Vermelho,
 - MORS, dito PAPA-CORVOS, tio do Grande-Jon, castelão na Última Lareira,
 - HOTHER, dito TERROR-DAS-RAMEIRAS, tio do Grande-Jon, também castelão na Última Lareira,
 - {CLEY CERWYN}, Senhor de Cerwyn, morto em Winterfell,
 - JONELLE, sua irmã, uma donzela de trinta e dois anos,
 - ROOSE BOLTON, Senhor do Forte do Pavor,
 - {DOMERIC}, seu herdeiro, morto de problemas de barriga,
 - WALTON, dito PERNAS DAÇO, seu capitão,
 - RAMSAY BOLTON, seu filho ilegítimo, dito O BASTARDO DE BOLTON, Senhor de Boscorno,
 - WALDER FREY e WALDER FREY, ditos GRANDE WALDER e PEQUENO WALDER, escudeiros de Ramsay,
 - BEN OSSOS, mestre dos canis no Forte do Pavor,
 - (CHEIRETE), um homem de armas tristemente famoso pelo fedor que deita, morto enquanto passava por Ramsay,
 - os Rapazes do Bastardo, homens de armas de Ramsay:
 - PICHAMARELA, DAMON DANÇA-PARA-MIM, LUTON, ALYN AZEDO, ESFOLADOR, GRUNHIDO,- {RICKARD KARSTARK}, Senhor de Karhold, decapitado pelo Jovem Lobo por assassinar prisioneiros,
 - (EDDARD), seu filho, morto no Bosque dos Murmúrios,
 - (TORRHEN), seu filho, morto no Bosque dos Murmúrios,
 - HARRION, seu filho, cativo em Lagoa da Donzela,
 - ALYS, sua filha, uma donzela de quinze anos,
 - o seu tio ARNOLF, castelão de Karhold,
 - CREGAN, o filho mais velho de Arnolf,
 - ARTHOR, o filho mais novo de Arnolf,- WYMAN MANDERLY, Senhor de Porto Branco, muitíssimo gordo,
 - SOR WYLIS MANDERLY, seu filho mais velho e herdeiro, muito gordo, cativo em Harrenhal,
 - a esposa de Wylis, LEONA, da Casa Woolfield,
 - WINAFRYD, a sua filha mais velha,
 - WYLLA, a sua filha mais nova,

—(SOR WENDEL MANDERLY}, seu segundo filho, morto no Casamento Vermelho,
—SOR MARLON MANDERLY, seu primo, comandante da guarnição do Porto Branco,
—MEISTRE THEOMORE, conselheiro, tutor, curandeiro,
—WEX, um rapaz de doze anos, em tempos escudeiro de Theon Greyjoy, mudo,
—SOR BARTIMUS, um velho cavaleiro, pernetas, zabolho e frequentemente bêbado, castelhão do Covil do Lobo,
 —GARTH, um carcereiro e carrasco,
 —o seu machado, SENHORA LU,
 —TERRY, um carcereiro mais novo,
—MAEGE MORMONT, Senhora da Ilha dos Ursos, a Ursa,
 —{DACEY}, sua filha mais velha, morta no Casamento Vermelho,
 —ALYSANE, sua filha, a Jovem Ursa,
 —LYRA, JORELLE, LYANNA, as suas filhas mais novas,
 —(JEOR MORMONT), seu irmão, Senhor Comandante da Patrulha da Noite, morto pelos seus próprios homens,
 —SOR JORAH MORMONT, seu filho, um exilado,
—HOWLAND REED, Senhor da Atalaia da Água Cinzenta, um cranogmano,
 —a sua esposa, JYANA, dos cranogmanos, —os seus filhos:
 —MEERA, uma jovem caçadora,
 —JONJEN, um rapaz abençoado com a visão verde,
—GALBART GLOVER, Senhor de Bosque Profundo, solteiro,
 —ROBETT GLOVER, seu irmão e herdeiro,
 —a esposa de Robett, SY BELLE, da Casa Locke,
 —BENJICOT BRANCH, NED SEM-NARIZ WOODS, homens da mata de lobos juramentados a Bosque Profundo,
—(SOR HELMAN TALLHART}, Senhor da Praça de Torrhen, morto em Valdocaso,
 —{BENFRED}, seu filho e herdeiro, morto por homens de ferro na Costa Pedregosa,
 —EDDARA, sua filha, cativa na Praça de Torrhen,
 —{LEOBALD}, seu irmão, morto em Winterfell,
 —a esposa de Leobald, BERENA, da Casa Hornwood, cativa em Praça de Torrhen,
 — os seus filhos, BRANDON e BEREN, igualmente cativos na Praça de Torrhen,
—RODRIK RYSWELL, Senhor dos Regatos,
 —BARBREY DUSTIN, sua filha, Senhora de Vila Acidentada, viúva do Lorde Willam Dustin,
 —HARWOOD STOUT, seu vassalo, um pequeno senhor em Vila Acidentada,
 —(BETHANY BOLTON}, sua filha, segunda esposa do Lorde Roose Bolton, morta de uma febre,
 —ROGER RYSWELL, RICKARD RYSWELL, ROOSE RYSWELL, os seus conflituosos primos e vassalos,
—LYNESSA FLINT, Senhora de Atalaia da Viúva,
—ONDERW LOCKE, Senhor de Castelvelho, um velho,

chefes dos clãs de montanha:

—HUGO WULL, dito GRANDE BALDE ou O WULL,
—BRANDON NORREY, dito O NORREY,
 —BRANDON NORREY, o Mais-Novo, seu filho
— TORREN LIDDLE, dito O LIDDLE,
 —DUNCAN LIDDLE, seu filho mais velho, dito GRANDE LIDDLE, um homem da Patrulha da Noite,
 —MORGAN LIDDLE, o seu segundo filho, dito LIDDLE DO MEIO,
 —RICKARD LIDDLE, o seu terceiro filho, dito PEQUENO LIDDLE,
—TORGHEN FLINT, dos Primeiros Flints, dito O FLINT, ou VELHO FLINT,
 —DONNEL PRETO FLINT, seu filho e herdeiro,

— ARTOS FLINT, seu segundo filho, meio irmão do Donnel Preto,

As armas Stark ostentam um lobo gigante cinzento correndo por um campo branco de gelo. O lema Stark é *O Inverno Está a Chegar*.



CASA TULLY

O Lorde Edmyn Tully de Correrrio foi um dos primeiros dos senhores do rio a jurar lealdade a Aegon, o Conquistador. O Rei Aegon recompensou-o atribuindo à Casa Tully o domínio sobre todas as terras do Tridente. O símbolo dos Tully é uma truta saltante, de prata, em campo ondulado de azul e vermelho. O mote dos Tully é: *Família, Dever, Honra*.

EDMURE TULLY, Senhor de Correrrio, aprisionado no seu casamento e mantido cativo pelos Frey,

- a sua noiva, SENHORA ROSLIN, da Casa Frey, agora grávida,
- a sua irmã, {SENHORA CATELYN STARK}, viúva do Lorde Eddard Stark de Winterfell, morta no Casamento Vermelho,
- a sua irmã, {SENHORA LYSA ARRYN}, viúva do Lorde Jon Arryn do Vale, empurrada para a morte no Ninho de Águia,
- o seu tio, SOR BRYNDEN TULLY, dito PEIXE NEGRO, nos últimos tempos castelão de Correrrio, agora um fora-da-lei,
- o seu pessoal em Correrrio:
 - MEISTRE VYMAN, conselheiro, curandeiro e tutor,
 - SOR DESMOND GRELL, mestre-de-armas,
 - SOR ROBIN RYGER, capitão da guarda,

LEW COMPRIDO, ELWOOD, DELP, guardas,

- UTHERYDES WAYN, intendente de Correrrio,

os seus vassalos, os Senhores do Tridente:

- TYTOS BLACKWOOD, Senhor de Solar de Corvarbor,
- BRYNDEN, seu filho mais velho e herdeiro,
- {LUCAS}, seu segundo filho, morto no Casamento Vermelho,
- HOSTER, seu terceiro filho, um rapaz dado aos livros,
- EDMUND e ALYN, os seus filhos mais novos,

- BETHANY, sua filha, uma rapariga de oito anos,
- {ROBERT}, seu filho mais novo, morto de uma soltura de tripas, JONOS BRACKEN, Senhor de Barreira de Pedra,
- BARBARA, JAYNE, CATELYN, BESS, ALYSANNE, as suas cinco filhas,
- HILDY, uma seguidora de acampamentos, JASON MALLISTER, Senhor de Guardamar, prisioneiro no seu próprio castelo,
- PATREK, seu filho, aprisionado com o pai,
- SOR DENYS MALLISTER, tio do Lorde Jason, um homem da Patrulha da Noite,

CLEMENT PIPER, Senhor do Castelo de Donzellarrosa,
—o seu filho e herdeiro, SOR MARQ PIPER, aprisionado no Casamento Vermelho,

KARYL VANCE, Senhor do Pouso do Viajante, NORBERT VANCE, o cego Senhor de Atranta, THEOMAR SMALLWOOD, Senhor de Solar de Bolotas, WILLIAM MOOTON, Senhor de Lagoa da Donzela,
—ELEANOR, sua filha e herdeira, treze anos, c. Dickon Tarly, de Monte Chifre,

SHELLA WHENT, a despojada Senhora de Harrenhal, SOR HALMON PAEGE, LORDE LYMOND GOODBROOK,



CASA TYRELL

Os Tyrell ascenderam ao poder como intendentess dos Reis da Campina, embora digam descender de Garth Greenhand, o rei jardineiro dos Primeiros Homens. Quando o último rei da Casa Gardener foi morto no Campo de Fogo, o seu intendente Harlen 'lyrell rendeu Jardim de Cima a Aegon, o Conquistador. Aegon outorgou-lhe o castelo e o domínio sobre a Campina. Mace Tyrell declarou o seu apoio a Reilly Baratheon no início da Guerra dos Cinco Reis, e deu-lhe a mão da sua filha Margaery. Após a morte de Renly, Jardim de Cima fez aliança com a Casa Lannister, e Margaery foi prometida ao Rei Joffrey.

MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, Protector do Sul, Defensor das Marcas, Supremo Marechal da Campina,

— a sua esposa, SENHORA ALERIE, da Casa Hightower de Vilavelha,

— os filhos de ambos:

— WILLAS, o filho mais velho, herdeiro de Jardim de Cima,

— SOR GARLAN, dito O GALANTE, o segundo filho, recentemente nomeado Senhor de Águas Claras,

— a esposa de Garlan, SENHORA LEONETTE da Casa Fossoway,

— SOR LORAS, o Cavaleiro das Flores, o filho mais novo, Irmão Ajuramentado da Guarda Real, ferido em Pedra do Dragão,

— MARGAERY, a sua filha, duas vezes casada e duas vezes viúva,

— as companheiras e servidoras de Margaery:

as suas primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL, — o prometido de Elinor, ALYN AMBROSE, escudeiro,

SENHORA ALYSANNE BULWER, SENHORA ALYCE GRACEFORD, SENHORA TA ENA MERRYWEATHER,

MEREDYTH CRANE, dita MERRY, SEPTÀ NYSTERICA, suas companheiras,

—a sua mãe viúva, SENHORA OLENN, da Casa Redwyne, dita RAINHA DOS ESPINHOS,

—as suas irmãs:

—SENHORA MINA, c. Paxter Redwyne, Senhor da Árvore,

—o seu filho, SOR HORAS REDWYNE, dito HORROR,

—o seu filho, SOR HOBBER REDWYNE, dito BA BEI RO,

—a sua filha, DESMERA REDWYNE, dezasseis anos,

—SENHORA JANNA, casada com Sor Jon Fossoway,

—os seus tios:

- o seu tio, GARTH TYRELL, dito o GROSSO, Senhor Senescal de Jardim de Cima,
 - os filhos bastardos de Garth, GARSE e GARRETT FLOWERS,
- o seu tio, SOR MORYN TYRELL, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha,
- o tio de Mace, MEISTRE GORMON, ao serviço na Cidadela,

—o pessoal de Mace em Jardim de Cima:

- MEISTRE LOMYS, conselheiro, curandeiro e tutor,
- IGON VYRWELL, capitão da guarda,
- SOR VORTIMER CRANE, mestre-de-armas,
- BOSSAS-DE-MANTEIGA, bobo, enormemente gordo,

—os seus vassalos, os Senhores da Campina:

- RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre, ao comando do exército do Rei Tommen no Tridente,
- PAXTER REDWYNE, Senhor da Árvore,
 - SOR HORAS e SOR HOBBER, os seus filhos gémeos,
 - o curandeiro do Lorde Paxter, MEISTRE BALLABAR,
- ARWYN OAKHEART, Senhora de Carvalho Velho,
- M ATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,
- LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto,
- HUMFREY HEWETT, Senhor de Escudorroble,
 - FALIA FLOWERS, a sua filha bastarda,
- OSBERT SERRY, Senhor de Escudossul,
- GUTHOR GRIMM, Senhor de Escudogris,
- MORI BA LD CHESTER, Senhor de Escudoverde,
- ORTON MERRYWEATHER, Senhor de Mesalonga,

- SENHORA TAENA, sua esposa, uma mulher de Myr, — RUSSEL, o seu filho, um rapaz de seis anos,
- LORDE ARTHUR AMBROSE,
- LORENT CASWELL, Senhor de Pontamarga,

— os seus cavaleiros e espadas a ele ajuramentadas:

- SOR JON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã verde.
- SOR TANTON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã vermelha.

O símbolo dos Tyrell é uma rosa dourada em campo verde-relva. O seu lema é: *Crescendo Fortes*.

OS IRMÃOS JURAMENTADOS DA PATRULHA DA NOITE

JON SNOW, o Bastardo de Winterfell, nongentésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite,
—FANTASMA, o seu lobo gigante branco,
—o seu intendente, EDDISON TOLETT, dito EDD DOLOROSO,

—em Castelo Negro
— MEISTRE AEMON (TARGARYEN), curandeiro e conselheiro, um cego, com cento e dois anos de idade,
—o intendente de Aemon, CLYDAS,
—o intendente de Aemon, SAMWELL TARLY, gordo, e dado aos livros,
—BOWEN MARSH, Senhor Intendente,
—HOBB TRÊS-DEDOS, intendente e chefe cozinheiro,
—{DONAL NOYE}, armeiro e ferreiro, maneta, morto ao portão por Mag, o Poderoso,
—OWEN, dito IDIOTA, TIM LÍNGUA-ENREDADA, MULLY, CUGEN, DONNEL HILL, dito DOCE DONNEL, LEW MÃO
ESQUERDA, JEREN,TY, DANNEL, WICK PALITO, intendentess,
—OTHELL YARWYCK, Primeiro Construtor,
—BOTA EXTRA, HALDER, ALBETT, BARRICAS, ALF DE LAMÃGUA, construtores,
—SEP TÃO CELLADOR, um devoto ébrio, — JACK PRETO BULWER, Primeiro Patrulheiro,

—DYWEN, KEDGE WHITEYE, BEDWYCK dito GIGANTE, MATTHAR, GARTH PENA-CINZA, ULMER DA MATA DE REI, ELRON, GARRETT GREENSPEAR, FULK, O PULGA, PYPAR, dito PYP, GRENN, dito AUROQUE, BERNARR, dito BERNARR PRETO, TIM STONE, RORY, BEN BARBUDO, TOM BARLEYCORN, GOADY LIDDLE GRANDE, LUKE DE VILALONGA, patrulheiros,

—COUROS, um selvagem transformado em corvo,

—SOR ALLISER THORNE, antigo mestre-de-armas,

—LORDE JANOS SLYNT, antigo comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real, durante um breve período Senhor de Harrenhal,

—EMMETT DE FERRO, anteriormente de Atalaia-leste, mestre-de-armas,

—HARETH, dito CAVALO, os gémeos ARRON e EMRICK, CETIM, PISCO-SALTITÃO, recrutas em treino,

na Torre Sombria

—SOR DENYS MALLISTER, comandante,

—o seu intendente e escudeiro, WALLACE MASSEY,

—MEISTRE MULLIN, curandeiro e conselheiro.

—{QHORIN MEIA-MÃO, ESCUDEIRO DALBRIDGE, EGGEN}, patrulheiros, mortos para lá da Muralha,

—COBRA DAS PEDRAS, um patrulheiro, perdido no Passo dos Guinchos enquanto se deslocava apeado,

em Atalaia-leste-do-Mar

—COTTER PYKE, um bastardo das Ilhas de Ferro, comandante,

—MEISTRE HARMUNE, curandeiro e conselheiro,

—VELHO FARRAPO SALGADO, capitão do *Melro*,

—SOR GLENDON HEWETT, mestre-de-armas,

—SOR MAYNARD HOLT, capitão do *Garra*,

—RUS BARLEYCORN, capitão do *Corvo de Tempestade*

OS SELVAGENS, OU O POVO LIVRE

MANCE RAYDER, Rei-para-lá-da-Muralha, uni cativo em Castelo Negro,

—a sua esposa, (DALLA), morta de parto,

—o filho recém-nascido de ambos, nascido em batalha, por enquanto sem nome,

—VAL, a irmã mais nova de Dalla, "a princesa selvagem", uma cativa em Castelo Negro,

—(JARL), o amante de Val, morto numa queda,

—os seus capitães, chefes e assaltantes:

—O SENHOR DOS OSSOS, escarnecido como CAMISA DE CHOCALHO, um assaltante e chefe de um bando de guerra, cativo em Castelo Negro,

—(YGRITTE), uma jovem esposa de lanças, amante de Jon Snow, morta durante o ataque a Castelo Negro,

—RYK, dito LANÇA-LONGA, membro do seu bando,

—RAGWYLE, LENYL, membros do seu bando,

—TORMUND, Rei-Hidromel de Solar Ruivo, dito TERROR DOS GIGANTES, ALTO-FALANTE, SOPRADOR DE CHIFRES e QUEBRADOR DE GELO, e ainda PUNHO DE TROVÃO, ESPOSO DE URSAS, FALADOR COM OS DEUSES e PAI DE HOSTES,

—os filhos de Tormund, TOREGG, O ALTO, TORWYRD, O MANSO, DORMUND e DRYN, a sua filha MUNDA,

—O CHORÃO, dito O HOMEM QUE CHORA, um notório assaltante e líder de um bando de guerra,

—(HARMA, dita CABEÇA DE CÃO), morta junto da Muralha,

—HALLECK, seu irmão,

—{STYR}, Magnar de Thenn, morto durante o ataque a Castelo Negro,

—SIGORN, filho de Styr, o novo Magnar de Thenn,

—VARAMYR, dito SEIS-PELES, um troca-peles e *warg*, chamado GRUMO em rapaz,

—UM-OLHO, MATREIRA, FURTIVO, os seus lobos,

—o seu irmão, (BOSSA), morto por um cão,

—o seu pai adotivo, (HAGGON), um *warge* caçador,

—THISTLE, uma esposa de lanças, dura e rústica,

—(BRIAR, GRISELLA), troca-peles, há muito mortos,

—BORROQ, dito O JAVALI, um troca-peles, muito temido,

—GERRICK SANGUEDERREI, do sangue de Raymun Barbavermelha,

—as suas três filhas,

—SOREN QUEBRASCUDOS, um afamado guerreiro,

—MORNA MÁSCARA BRANCA, a bruxa guerreira, uma assaltante,

—YGON PAI VELHO, um chefe de clã com dezoito esposas,
—A GRANDE MORSA, líder na Costa Gelada,
—MÃE TOUPEIRA, uma bruxa da floresta, dada às profecias,
—BROGG, GAVIN, O MERCADOR, HARLE, O CAÇADOR, HARLE, O BELO, HO WD VADIO, DOSS CEGO, KYLEG DA ORELHA DE MADEIRA, DEVYN ESFOLAFOCAS, chefes e líderes entre o povo livre,
—(ORELL, dito ORELL, A ÁGUIA), um troca-peles morto por Jon Snow no Passo dos Guinchos,
—(M AG MAR TUN DOH WEG, dito MAG, O PODEROSO), um gigante, morto por Donal Noye ao portão de Castelo Negro,
—WUN WEG WUN DAR WUN, dito WUN WUN, um gigante,
— ROWAN, HOLLY, ESQUILA, WILLOW OLHO-DE-BRUXA, FRENYA, MYRTLE, esposas de lanças, cativas na Muralha.

PARA LÁ DA MURALHA

na Floresta Assombrada

- BRANDON STARK, dito BRAN, Príncipe de Winterfell e herdeiro do Norte, um rapaz aleijado com nove anos,
 - os seus companheiros e protetores:
 - MEERA REED, uma donzela de dezasseis anos, filha do Lorde Howland Reed da Atalaia da Água Cinzenta,
 - JOJEN REED, seu irmão, treze anos, amaldiçoado com a visão verde,
 - HODOS, um rapaz simplório, com dois metros e dez de altura,
 - o seu guia, MÃOS-FRIAS, vestido de negro, talvez em tempos um homem da Patrulha da Noite, agora um mistério,

na Fortaleza de Craster

- os traidores, em tempos homens da Patrulha da Noite:
 - ADAGA, que assassinou Craster,
 - OLLO MÃO-CORTADA, que matou o Velho Urso, Jeor Mormont,
 - GARTH DE VIAVERDE, MAWNEY, GRUBBS, ALAN DE ROSBY, antigos patrulheiros,
 - KARL PÉ-TORTO, ÓRFÃO OSS, BILL RESMUNGÃO, antigos intendentess,

nas cavernas sob um monte oco

— O CORVO DE TRÊS OLHOS, também chamado O ÚLTIMO VIDENTE

VERDE, feiticeiro e caminhante de sonho, em tempos um homem da Patrulha da Noite chamado BRYNDEN, agora mais árvore do que homem, — os filhos da floresta, aqueles que cantam a canção da terra, os últimos da sua raça moribunda:

FOLHA, CINZA, ESCAMAS, FACA PRETA, MADEIXAS DE NEVE, CARVÕES.

ESSOS

PARA LÁ DO MAR ESTREITO

EM BRAVOS

FERREGO ANTARYON, Senhor do Mar de Bravos, enfermiço e débil,

— QARRO VOLENTIN, Primeira Espada de Bravos, seu protector,

— BELLEGERE OTHERYS, dita PÉROLA NEGRA, uma cortesã descendente da rainha pirata homónima,

— A SENHORA VELADA, A RAINHA BACALHAU, A SOMBRA DE LUA, A FILHA DA PENUMBRA, O ROUXINOL, A POETISA, cortesãs famosas,

— O HOMEM AMÁVEL e A CRIANÇA ABANDONADA, servos do Deus de Muitas Caras na Casa do Branco e Negro,

— UM MA, a cozinheira do templo,

— O HOMEM BONITO, O GORDO, O FIDALGO, O DA CARA SEVERA, O VESGO e O ESFOMEADO, servos secretos do Deus das Muitas Caras,

— ARYA da Casa Stark, uma noviça ao serviço na Casa do Preto e Branco, também conhecida como ARRY, NAN, DONINHA, POMBINHA, SALGADA e GATA DOS CANAIS,

— BRUSCO, um peixeiro,

— as suas filhas, TALEA e BREA,

— MERALYN, dita DIVERTIDA, proprietária do Porto Feliz, um bordel próximo do Porto do Trapeiro,

— A ESPOSA DO MARINHEIRO, uma prostituta no Porto Feliz,

— LANNA, sua filha, uma jovem prostituta,
— ROGGO VERMELHO, GYLORO DOTHARE, GYLENO DOTHARE,

RE, um escriba chamado PENA, COSSOMO, O PRESTIDIGITADOR, fregueses do Porto Feliz, TAGGANARO, um carteirista e ladrão das docas,

— CASSO, O REI DAS FOCAS, a sua foca treinada, S'VRONE, uma prostituta das docas com inclinações assassinas, A FILHA BÊBADA, uma prostituta de temperamento instável,

NA VELHA VOLANTIS

os triarcas reinantes:

- MALAQUO MAEGYR, Triarca de Volantis, um tigre,
- DONIPHOS PAENYMION, Triarca de Volantis, um elefante,
- NYESSOS VI IASSAR, Triarca de Volantis, um elefante,

peessoas de Volantis:

- BENERRO, Alto Sacerdote de R'hllor, o Senhor da Luz,
 - o seu braço direito, MOQORRO, um sacerdote de R'hllor,
- A VIÚVA DA BORDA DÃGUA, uma liberta rica da cidade, também chamada RAMEIRA DE VOGARRO,
 - os seus ferozes protetores, OS FILHOS DA VIÚVA,
- CENTAVA, uma rapariga escrava e saltimbanca,
 - a sua porca, PORCA BONITA,
 - o seu cão, TRINCÃO,
- (TOSTÃO), irmão de Centava, um saltimbanco anão, assassinado e decapitado,
- ALIOS QHAEDAR, um candidato a triarca,
- PARQUELLO VAELAROS, um candidato a triarca,
- BELiCHO STAEGONE, um candidato a triarca,
- GRAZDAN MO ERAZ, um emissário de Yunkai.



NA BAÍA DOS ESCRAVOS

em Yunkai, a Cidade Amarela:

— YURKHAZ ZO YUNZAK, Supremo Comandante dos Exércitos e Aliados de Yunkai, um escravagista e nobre idoso de impecável nascimento,

- YEZZAN ZO QAGGAZ, escarnecido como BALEIA AMARELA, monstruosamente obeso, enfermijo, imensamente rico,
 - ENFERMEIRO, o seu capataz escravo,
 - DOCES, um escravo hermafrodita, o seu tesouro,
 - CICATRIZ, um sargento e soldado escravo,
 - MORGO, um soldado escravo,
- MORGHAZ ZO ZHERZYN, um nobre frequentemente com os copos, escarnecido como O CONQUISTADOR BÊBADO,
- GORZFIK ZO ERAZ, um nobre e escravagista, escarnecido como CARA DE PUDIM,
- FAEZHAR ZO FAEZ, um nobre e escravagista, conhecido como O COELHO,
- GHAZDOR ZO AHLAQ, um nobre e escravagista, escarnecido como SENHOR BOCHECHAS DE BALOIÇO,
- PAEZHAR ZO MYRAQ, um nobre de baixa estatura, escarnecido como O POMBINHO,
- CHEZDHAR ZO RHAEZN, MAEZON ZO RHAEZN, GRAZDHAN ZO RHAEZN, nobres e irmãos, escarnecidos como OS SENHORES DOS TINIDOS,
- O QUADRIGUEIRO, O DOMADOR, O HERÓI PERFUMADO, nobres e escravagistas,

em Astapor, a Cidade Vermelha:

- CLEON, O GRANDE, dito O REI CARNICEIRO,
- CLEON II, seu sucessor, rei durante oito dias,
- REI ASSASSINO, um barbeiro, cortou a goela a Cleon II para lhe roubar a coroa,
- RAINHA RAMEIRA, concubina do Rei Cleon II, reivindicou o trono após o seu assassinio.



I

A RAINHA DO OUTRO LADO DO MAR

DAENERYS TARGARYEN, a Primeira do Seu Nome, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhora dos Sete Reinos, Protetora do Território, *Khaleesi* do Grande Mar de Erva, dita DAENERYS, FILHA DA TORMENTA, a NÃO-QUEIMADA, MÃE DOS DRAGÕES,

— os seus dragões, DROGON, VISERION, RHAEGAL,

— o seu irmão, {RHAEGAR}, Príncipe de Pedra do Dragão, morto por Robert Baratheon no Tridente,

— a filha de Rhaegar, {RHAENYS}, assassinada durante o Saque de Porto Real,

— o filho de Rhaegar, {AEGON}, um bebê de peito, assassinado durante o Saque de Porto Real,

— o seu irmão, {VISERYS}, o Terceiro do Seu Nome, dito o REI PEDINTE, coroado com ouro derretido,

— o senhor seu esposo, {DROGO}, um *khal* dos dothraki, morto de um ferimento gangrenado,

— filho nado-morto de Daenerys e Khal Drogo, {RHAEGO}, morto no ventre pela *maegi* Mirri Maz Duur,

— os seus protetores:

— SOR BARRISTAN SELMY, dito BARRISTAN, O OUSADO, em tempos Senhor Comandante da Guarda Real do Rei Robert,

— os rapazes deste, escudeiros em treino para serem armados cavaleiros:

— TUMCO LHO, das Ilhas Basilisco,

— LARRAQ, dito CHICOTADA, de Meereen,

— O OVELHA VERMELHA, um liberto lhazareno,

— os RAPAZES, três irmãos ghiscariotas,

— BELWAS, O FORTE, eunuco e antigo escravo de combate,

— os companheiros de sangue dothraki:

— JHOGO, o chicote, sangue do seu sangue,

— AGGO, o arco, sangue do seu sangue,

— RAKHARO, o *arakh*, sangue do seu sangue,

os seus capitães e comandantes:

— DAARIO NAHARIS, um excêntrico mercenário tyroshi, ao comando dos Corvos Tormentosos, uma companhia livre,

— BEN PLUMM, dito BEN CASTANHO, um mercenário mestiço, ao comando dos Segundos Filhos, uma companhia livre,

- VERME CINZENTO, um eunuco, ao comando dos Imaculados, uma companhia de infantaria eunuca,
 - HERÓI, um capitão Imaculado, segundo comandante,
 - ESCUDO VIGOROSO, um lanceiro Imaculado,
- MOLLONO YOS DOB, comandante dos Escudos Vigorosos, uma companhia de libertos,
- SYMON DORSOLISTADO, comandante dos Irmãos Livres, uma companhia de libertos,
- MARSELEN, comandante dos Homens da Mãe, uma companhia de libertos, um eunuco, irmão de Missandei,
- GROLEO de Pentos, anteriormente capitão da grande coca *Saduleon*, agora um almirante sem frota,
- ROM MO, um *jaqqa rhan* dos dothraki,

a sua corte meerenesa:

- REZNAK MO REZNAK, seu senescal, careca e untuoso,
- SKAHAZ MO KANDAQ, dito O TOLARRAPADA, de cabeça rapada, comandante das Feras de Bronze, a sua patrulha da cidade,

as suas aias e criados:

- IRRI e JHIQUI, jovens dos dothraki,
 - MISSANDEI, uma escriba e tradutora de Naath,
- GRAZDAR, QEZZA, MEZZARA, KEZMYA, AZZAK, BHAKAZ, MIKLAZ, DHAZZAR, DRAQAZ, JHEZANE, crianças das pirâmides de Meereen, seus copeiros e pajens,

gente de Meereen, bem-nascida e plebeia:

- GALAZZA GALARE, a Graça Verde, alta sacerdotisa no Templo das Graças,
 - GRAZDAM ZO GALARE, seu primo, um nobre,
- HIZDAHR ZO LORAQ, um rico nobre meereenês, de antiga linhagem,
 - MARGHAZ ZO LORAQ, seu primo,
- RYLONA RHEE, liberta e harpista,
- {HAZZEA}, filha de um agricultor, com quatro anos de idade,
- GOGHOR, O GIGANTE, KHRAZZ, BELAQUO QUEBRA-OSSOS, CAMARRON DA CONTAGEM, DESTEMIDO ITHOKE, GATO MALHADO, BARSENA CABELOPRETO, PELEDAÇO, combatentes nas arenas e escravos libertos,

— os seus aliados incertos, falsos amigos e conhecidos inimigos:

- SOR JORAH MORMONT, antigo Senhor da Ilha dos Ursos,
- {MIRRI MAZ DUUR}, esposa de deus e *tnaegi*, criada do Grande Pastor de Lhazar,
 - XARO XHOAN DAXOS, um príncipe mercador de Qarth,
 - QUAITHE, uma umbromante mascarada de Asshai,
 - ILLYRIO MOPATIS, um magíster da Cidade Livre de Pentos, que arranjou o casamento de Daenerys com Khal Drogo,
 - CLEON, O GRANDE, rei carnicheiro de Astapor,

pretendentes da rainha

— na Baía dos Escravos:

- DAARIO NAHARIS, oriundo de Tyrosh, um mercenário e capitão dos Corvos Tormentosos,
- HIZDAHR ZO LORAQ, um rico nobre meereenês,
- SKAHAZ MO KANDAQ, dito O TOLARRAPADA, um nobre de Meereen, de inferior estatuto,
- CLEON, O GRANDE, Rei Carniceiro de Astapor,

— em Volantis:

- PRÍNCIPE QUENTYN MARTELL, filho mais velho de Doran Martell, Senhor de Lançassolar e Príncipe de Dorne,

— os seus protetores juramentados e companheiros:

- {SOR CLETUS YRONWOOD}, herdeiro de Paloferro, morto por corsários,
- SOR ARCHIBALD YRONWOOD, primo de Cletus, dito O GRANDALHÃO,
- SOR GERRIS DRINKWATER,
- {SOR WILLAM WELLS}, morto por corsários,
- {MEISTRE KEDRY}, morto por corsários,

— no Roine:

- JOVEM GRIFF, um rapaz de cabelo azul com dezoito anos,
- o seu pai adotivo, GRIFF, um mercenário nos últimos tempos da Companhia Dourada,
- os seus companheiros, professores e protetores:
 - SOR ROLLY CAMPOPATO, dito PATO, um cavaleiro,
 - SEPTÃ LEMORE, uma mulher da Fé,
 - HALDON, dito SEMIMEISTRE, seu tutor,
 - YANDRY, dono e capitão da *Tímida Donzela*,

— YSILLA, sua esposa,

— no mar:

— VICTARION GREYJOY, Senhor Capitão da Frota de Ferro, dito O CAPITÃO DE FERRO,

- a sua aquecedora de cama, uma mulher morena sem língua, presente de Euron Olho de Corvo,
- o seu curandeiro, MEISTRE KERWIN, proveniente de Escudoverde, presente de Euron Olho de Corvo,
- a sua tripulação no *Vitória de Ferro*:

— WULFE UMA-ORELHA, RAGNOR PYKE, AGUALONGA PYKE, TOM TIDEWOOD, BURTON HUMBLE, QUELLON HUMBLE, STEFFAR GAGO

— os seus capitães:

- RODRIK SPARR, dito O ARGANAZ, capitão da *Desgosto*,
- RALF VERMELHO STONEHOUSE, capitão do *Bobo Vermelho*,
- MANFRYD MERLYN, capitão do *Milhafre*,
- RALF, O COXO, capitão do *Lorde Quellon*,
- TOM CO D D, dito TOM EXANGUE, capitão do *Lamentação*
- DAEGON SHEPHERD, dito PASTOR NEGRO, capitão do *Adaga*,

Os Targaryen são do sangue do dragão, e descendem dos grandes senhores da antiga Cidade Livre de Valíria, identificando-se o seu legado por olhos lilazes, índigo ou violeta e cabelo de um louro prateado. A fim de preservar o seu sangue e mantê-lo puro, a Casa Targaryen casou frequentemente irmão com irmã, primo com prima, tio com sobrinha. O fundador da dinastia, Aegon, o Conquistador, tomou ambas as irmãs como esposas e foi pai de filhos varões com ambas. A bandeira Targaryen é um dragão de três cabeças, vermelho sobre fundo negro, representando as três cabeças Aegon e as irmãs. O lema Targaryen é *Fogo e Sangue*.

OS MERCENÁRIOS

HOMENS E MULHERES DAS COMPANHIAS LIVRES

A COMPANHIA DOURADA, dez mil homens, de incerta lealdade:

- HARRY SEM-ABRIGO STRICKLAND, capitão-general,
- WATKYN, seu escudeiro e copeiro,
- {SOR MYLES TOYNE, dito CORAÇÃO NEGRO}, morto há quatro anos, o anterior capitão-general,
- BALAQ PRETO, um ilhéu do verão de cabelo branco, comandante dos arqueiros da companhia,
- LYSONO MAAR, um mercenário oriundo da Cidade Livre de Lys, mestre dos espiões da companhia,
- GORYS EDORYEN, um mercenário oriundo da Cidade Livre de Volantis, tesoureiro da companhia,
- SOR FRANKLYN FLOWERS, o Bastardo de Solar de Cidra, um mercenário oriundo da Campina,
- SOR MARQ MANDRAKE, um exilado fugido da escravatura, marcado pelas bexigas,
- SOR LASWELL PEAKE, um senhor exilado,

os seus irmãos, TORMAN e PYKEWOOD,

- SOR TRISTAN RIVERS, bastardo, fora-da-lei, exilado,
- CASPOR HILL, HUMFREY STONE, MALO JAYN, DICK COLE, WILL COLE, LORIMAS MUDD, JON LOTHSTON, LYMOND PEASE, SOR BRENDAL BYRNE, DUNCAN STRONG, DENYS STRONG, CORRENTES, JOVEM JON MUDD, sargentos da companhia,

- (SOR AEGOR RIVERS, dito AÇAMARGO}, um filho bastardo do Rei Aegon IV Targaryen, fundador da companhia,
- {MAELYS I BLACKFYRE, dito MAELYS, O MONSTRUOSO}, capitão-general da companhia, pretendente ao Trono de Ferro de Westeros, membro do Bando de Nove, morto durante a Guerra dos Reis dos Nove Dinheiros,

OS AVENTADOS, duzentos homens de cavalaria e infantaria, juramentados a Yunkai,

- O PRÍNCIPE ESFARRAPADO, um antigo nobre da Cidade Livre de Pentos, capitão e fundador,
 - CAGGO, dito MATA-CADÁVERES, seu braço direito,
 - DENZO DTIAN, o bardo guerreiro, seu braço esquerdo,
 - HUGH HUNGERFORD, sargento, antigo tesoureiro da companhia, multado em três dedos por roubar,
 - SOR ORSON STONE, SOR LÚCIFER LONG, WILL DOS BOSQUES, DICK STRAW, JACK CENOURA, mercenários oriundos de Westeros,
 - LINDA MERIS, a torturadora da companhia,
 - LIVROS, um mercenário volante e notório leitor,
 - FEIJÕES, um besteiro, oriundo de Myr,
 - VELHO BILL BONE, um idoso ilhéu do verão,
 - MYRIO MYRAKIS, um mercenário oriundo de Pentos,

A COMPANHIA DO GATO, três mil homens, juramentados a Yunkai,

- BARBA SANGRENTA, capitão e comandante,

AS LONGAS LANÇAS, oitocentos cavaleiros, juramentados a Yunkai,

- GYLO RH EGAN, capitão e comandante,

OS SEGUNDOS FILHOS, quinhentos cavaleiros, juramentados à Rainha Daenerys,

- BEN CAS TANHÓ PLUMM, capitão e comandante,
- KASPORIO, dito KASPORIO, O ASTUCIOSO, um espadachim, segundo comandante,
- TYBERO ISTARION, dito TINTEIROS, tesoureiro da companhia,
- MARTELO, um ferreiro e armeiro bêbado,
 - o seu aprendiz, chamado PREGO,
- ARREBATO, um sargento maneta,
- KEM, um jovem mercenário oriundo do Fundo das Pulgas,
- BOKKOKO, um machadeiro de formidável reputação,
- UHLAN, um sargento da companhia,

OS CORVOS TORMENTOSOS, quinhentos cavaleiros, juramentados à Rainha Daenerys,

- DA A RIO NAHARIS, capitão e comandante,
- O ENVIUVADOR, o seu segundo comandante,
- JOKIN, comandante dos arqueiros da companhia.







BARATHEON



STARK



LANNISTER



TULLY



TARGARYEN

ARRYN



FREY

TYRELL



GREYJOY